



**MINISTÉRIO DA DEFESA NACIONAL**  
**EXÉRCITO PORTUGUÊS**

**PDE 3-52-16**

# **MANUAL PANDUR**

**Pelotão e Secção de Atiradores**

**Julho de 2012**





**MINISTÉRIO DA DEFESA NACIONAL**  
**EXÉRCITO PORTUGUÊS**

PDE 3-52-16

**MANUAL PANDUR**  
**PELOTÃO E SECÇÃO DE ATIRADORES**

Julho de 2012

Página intencionalmente em branco



## DESPACHO

1. Aprovo, para utilização no Exército, a PDE 3-52-16 MANUAL PANDUR PELOTÃO E SECÇÃO DE ATIRADORES.
2. A PDE 3-52-16 MANUAL PANDUR PELOTÃO E SECÇÃO DE ATIRADORES é uma publicação não classificada e não registada.
3. Podem ser feitos extratos desta publicação sem autorização da entidade promulgadora.
4. A PDE 3-52-16 MANUAL PANDUR PELOTÃO E SECÇÃO DE ATIRADORES entra imediatamente em vigor.

Lisboa, 09 de Julho de 2012

O CHEFE DO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

ARTUR NEVES PINA MONTEIRO  
GENERAL

Página intencionalmente em branco

**REGISTO DE ALTERAÇÕES**

IDENTIFICAÇÃO DA ALTERAÇÃO (Nº e DATA)	DATA DA INTRODUÇÃO	ENTRADA EM VIGOR (DATA)	IDENTIFICAÇÃO DE QUEM INTRODUZIU (Ass, Posto, Unidade)

Página intencionalmente em branco

## ÍNDICE

<b>CAPÍTULO 1 – GENERALIDADES DA SECÇÃO E DO PELOTÃO DE ATIRADORES DE INFANTARIA DA BRIGADA DE INTERVENÇÃO .....</b>	<b>1-1</b>
<b>SECÇÃO I - CAPACIDADES, LIMITAÇÕES, ORGANIZAÇÕES E RESPONSABILIDADES</b>	
0101. Capacidades .....	1-2
0102. Limitações.....	1-8
0103. Organização.....	1-9
0104. Responsabilidades .....	1-12
<b>SECÇÃO II - POTENCIAL DE COMBATE E CONSIDERAÇÕES ACERCA DO SEU EMPREGO</b>	
0105. Potencial de combate.....	1-17
0106. Considerações no emprego .....	1-19
<b>CAPÍTULO 2 – O ESPETRO DAS OPERAÇÕES MILITARES .....</b>	<b>2-1</b>
<b>SECÇÃO I - COMANDO E CONTROLO</b>	
0201. Liderança .....	2-1
0202. Comando e controlo da missão.....	2-2
<b>SECÇÃO II - PLANOS E ORDENS</b>	
0203. Missão .....	2-4
0204. Tipos de ordens .....	2-6
<b>SECÇÃO III - PROCEDIMENTOS DE COMANDO</b>	
0205. Receber a missão .....	2-8
0206. Ordem preparatória.....	2-8
0207. Planos iniciais .....	2-9
0208. Iniciar movimentos .....	2-22
0209. Condução de reconhecimento.....	2-22
0210. Completar o plano.....	2-23
0211. Elaborar a ordem de operações.....	2-23
0212. Supervisão da ordem de operações.....	2-24
<b>CAPÍTULO 3 – DESLOCAMENTO TÁTICO .....</b>	<b>3-1</b>
0301. Formações .....	3-1
0302. Formações com pelotão apeado .....	3-3
0303. Formações montadas .....	3-13
0304. Técnicas de deslocamento.....	3-19
0305. Ações em áreas perigosas.....	3-24
0306. Segurança durante os deslocamentos .....	3-30
0307. Manobra.....	3-31
<b>CAPÍTULO 4 – OPERAÇÕES OFENSIVAS.....</b>	<b>4-1</b>
<b>SECÇÃO I - PRINCÍPIOS DAS OPERAÇÕES OFENSIVAS</b>	
0401. Características das operações ofensivas .....	4-1
0402. Tarefas ofensivas primárias .....	4-3
0403. Formas de manobra.....	4-4
<b>SECÇÃO II - SEQUÊNCIA NAS OPERAÇÕES OFENSIVAS</b>	
0404. Zona de reunião.....	4-9
0405. Reconhecimentos .....	4-9
0406. Deslocamento para linha de partida.....	4-9
0407. Manobra.....	4-10
0408. Desenvolvimento (entrada em posição) .....	4-10
0409. Assalto .....	4-10
0410. Consolidação e reorganização .....	4-10

<b>SECÇÃO III - CONSIDERAÇÕES NO PLANEAMENTO DAS OPERAÇÕES</b>	
0411. Manobra.....	4-11
0412. Apoio de fogos.....	4-11
0413. Mobilidade, contra mobilidade e sobrevivência.....	4-11
0414. Defesa aérea.....	4-11
<b>SECÇÃO IV - PROCEDIMENTOS NO CONTACTO</b>	
0415. Estabelecer o contacto.....	4-12
0416. Avaliar a situação.....	4-13
0417. Escolha da modalidade de ação.....	4-14
0418. Propor e executar uma modalidade de ação.....	4-15
<b>SECÇÃO V - ATAQUE</b>	
0419. Ataque deliberado.....	4-16
0420. Ataque imediato.....	4-21
<b>SECÇÃO VI - OUTRAS OPERAÇÕES OFENSIVAS</b>	
0421. Marcha para o contacto.....	4-23
0422. Aspetos a ter em conta no planeamento.....	4-23
0423. Técnicas de aproximação.....	4-27
0424. Técnicas de busca e ataque.....	4-28
0425. Exploração.....	4-30
0426. Perseguição.....	4-30
0427. Ações com visibilidade reduzida.....	4-30
<b>SECÇÃO VII - ATAQUES A OBJETIVOS ESPECIAIS</b>	
0428. Emboscada.....	4-32
0429. Golpe de mão.....	4-42
0430. Contra ataque.....	4-43
0431. Finta.....	4-44
0432. Demonstração.....	4-44
0433. Ataque desorganizante.....	4-45
<b>SECÇÃO VIII - TAREFAS TÁTICAS OFENSIVAS</b>	
0434. Fixar.....	4-45
0435. Limpar.....	4-47
0436. Suprir.....	4-51
0437. Apoio pelo fogo.....	4-52
0438. Ataque pelo fogo.....	4-53
<b>CAPÍTULO 5 – OPERAÇÕES DEFENSIVAS.....</b>	<b>5-1</b>
<b>SECÇÃO I - CARACTERÍSTICAS DA DEFESA</b>	
0501. Preparação.....	5-1
0502. Segurança.....	5-1
0503. Rotura.....	5-2
0504. Concentração em massa.....	5-2
0505. Flexibilidade.....	5-2
<b>SECÇÃO II - SEQUÊNCIA DA DEFESA</b>	
0506. Reconhecimento, operações de segurança e fogos de preparação do IN.....	5-2
0507. Ocupação.....	5-3
0508. Aproximação do ataque principal inimigo.....	5-4
0509. Assalto inimigo.....	5-5
0510. Contra ataque.....	5-6
0511. Consolidação e reorganização.....	5-6
<b>SECÇÃO III - SISTEMAS OPERATIVOS DO CAMPO DE BATALHA</b>	
0512. Manobra.....	5-7
0513. Apoio de fogos.....	5-10
0514. Mobilidade, contra mobilidade e sobrevivência.....	5-11
0515. Defesa aérea.....	5-15

0516. Trens de combate .....	5-15
<b>SECÇÃO IV - ÁREA DE EMPENHAMENTO</b>	
0517. Identificar prováveis eixos de aproximação inimigos .....	5-16
0518. Identificar o esquema de manobra inimigo .....	5-16
0519. Determinar onde abater o inimigo .....	5-16
0520. Colocar sistemas de armas .....	5-17
0521. Planeamento e integração de obstáculos .....	5-18
0522. Planear e integrar fogos indiretos .....	5-18
0523. Conduzir revisão da ação na AE .....	5-18
<b>SECÇÃO V - OCUPAÇÃO E PREPARAÇÃO DE POSIÇÕES DEFENSIVAS</b>	
0524. Ocupação da defesa .....	5-20
0525. Prioridades de trabalho .....	5-23
0526. Segurança na defesa .....	5-23
0527. Estabelecer posições defensivas .....	5-25
0528. Colocação das armas .....	5-26
0529. Coordenação .....	5-28
<b>SECÇÃO VI - TÉCNICAS DE DEFESA</b>	
0530. Defender em setor .....	5-29
0531. Defender uma posição .....	5-30
0532. Defender um ponto forte .....	5-33
0533. Defender em perímetro .....	5-36
0534. Defender na encosta .....	5-37
<b>SECÇÃO VII - OPOSIÇÃO E SOBREVIVÊNCIA DAS POSIÇÕES</b>	
0535. Princípios .....	5-40
0536. Modelo-tipo .....	5-44
0537. Tipos de posições de combate .....	5-45
0538. Posições das VBR .....	5-51
0539. Trincheiras .....	5-52
<b>CAPÍTULO 6 – OPERAÇÕES EM ÁREAS EDIFICADAS .....</b>	<b>6-1</b>
<b>SECÇÃO I - CONSIDERAÇÕES DO PLANEAMENTO</b>	
0601. Considerações no emprego do pelotão Pandur .....	6-1
0602. Emprego da infantaria e VBR canhão .....	6-2
0603. Fatores MITM-TC .....	6-9
<b>SECÇÃO II - OFENSIVA</b>	
0604. Considerações no planeamento .....	6-16
0605. Organização do pelotão no ataque a um edifício .....	6-16
0606. Movimento tático .....	6-19
0607. Isolar o objetivo ou edifício .....	6-21
0608. Assaltar o edifício .....	6-21
0609. Entrar e limpar um edifício .....	6-30
0610. Consolidação e reorganização .....	6-33
0611. Continuação do assalto .....	6-34
<b>SECÇÃO III - DEFESA</b>	
0612. Planeamento da defesa .....	6-34
0613. Defesa imediata .....	6-36
0614. Prioridades de trabalhos .....	6-38
0615. Conduta da defesa .....	6-47
0616. Consolidação e reorganização .....	6-47
0617. Contra ataque .....	6-47
<b>SECÇÃO IV - MULTIPLICADOR DE COMBATE</b>	
0618. Veículos blindados .....	6-48
0619. Engenharia .....	6-50
0620. Morteiros .....	6-50
0621. Artilharia de campanha .....	6-54

0622. Helicópteros de ataque .....	6-54
0623. Armas anticarro.....	6-55
0624. Considerações no emprego <i>sniper</i> .....	6-55

## **CAPÍTULO 7 – OUTRO TIPOS DE OPERAÇÕES.....7-1**

0701. Reconhecimento .....	7-1
0702. Operações de junção .....	7-2
0703. Passagem de linha.....	7-5
0704. Rendição na posição.....	7-8
0705. Rotura de contacto.....	7-11
0706. Retardar .....	7-16
0707. Operações na área da retaguarda .....	7-17
0708. Operações de assalto aéreo .....	7-18
0709. Operações de segurança na área da retaguarda .....	7-20
0710. Segurança a colunas e itinerários .....	7-21
0711. <i>Checkpoints</i> (postos de controlo), barricadas e postos de observação .....	7-32

## **CAPÍTULO 8 – APOIO DE COMBATE .....8-1**

### **SECÇÃO I - APOIO DE FOGOS**

0801. Planeamento de fogos .....	8-1
0802. Coordenar o apoio de fogos com a manobra .....	8-2

### **SECÇÃO II - APOIO DE FOGOS INDIRETOS**

0803. Processo de planeamento de fogos .....	8-3
0804. Pedidos de tiro .....	8-4
0805. Correções de tiro.....	8-8
0806. Apoio de morteiros .....	8-15
0807. Apoio de artilharia de campanha.....	8-16
0808. Diretrizes sobre o apoio de fogos.....	8-17
0809. Obrigações e deveres do observador avançado .....	8-18
0810. Rede de tiro .....	8-18
0811. Apoio aéreo próximo .....	8-19

### **SECÇÃO III - APOIO DE ENGENHARIA**

0812. Companhia de engenharia .....	8-22
0813. Missões de engenharia .....	8-24
0814. Mobilidade.....	8-25
0815. Contra mobilidade .....	8-25
0816. Sobrevivência .....	8-26

### **SECÇÃO IV - DEFESA AÉREA**

0817. Sistemas, organização e capacidades .....	8-26
0818. Emprego da defesa aérea.....	8-29
0819. Grau de controlo das armas.....	8-29
0820. Procedimentos de aviso e estados de alerta .....	8-30
0821. Procedimentos de reação .....	8-31

### **SECÇÃO V - APOIO NUCLEAR, BIOLÓGICO E QUÍMICO**

0822. Apoio ao reconhecimento.....	8-33
0823. Apoio à descontaminação .....	8-33

## **CAPÍTULO 9 – APOIO DE SERVIÇOS .....9-1**

0901. Responsabilidades individuais .....	9-1
0902. Considerações de planeamento.....	9-1
0903. Tarefas de reabastecimento.....	9-4
0904. Material a transportar pelo combatente .....	9-9
0905. Reabastecimento de combate básico.....	9-9
0906. Manutenção .....	9-9
0907. Procedimentos de evacuação .....	9-9



0908. Mortos em combate .....	9-10
0909. Prisioneiros de guerra .....	9-10
0910. Reabastecimento aéreo .....	9-10
0911. Evacuação de baixas .....	9-10

## **CAPÍTULO 10 – PATRULHAS..... 10-1**

### **SECÇÃO I - GENERALIDADES**

1001. Organização.....	10-1
1002. Planeamento inicial .....	10-2
1003. Completar o plano.....	10-3
1004. Passagem de linhas amigas .....	10-5
1005. Base de patrulhas .....	10-6
1006. Pontos de reunião.....	10-7
1007. Reconhecimento de comandantes .....	10-9
1008. Entrada nas linhas amigas .....	10-10
1009. <i>Debriefing</i> .....	10-11

### **SECÇÃO II - TIPOS DE PATRULHAS**

1010. Patrulhas de reconhecimento.....	10-11
1011. Patrulhas de combate .....	10-16
1012. Patrulha de presença .....	10-23

## **ANEXO A – ORGANIZAÇÃO DA COMPANHIA E DO PELOTÃO DA BRIGINT..... A-1**

A-1. Organização.....	A-1
A-2. Desembarque da viatura .....	A-1

## **ANEXO B – METRALHADORA HK-21 E SEU EMPREGO ..... B-1**

B-1. Metralhadora ligeira HK-21 .....	B-1
B-2. Técnicas fundamentais de tiro automático .....	B-2

## **ANEXO C – GESTÃO DO RISCO ..... C-1**

### **SECÇÃO I - PROCEDIMENTOS DE GESTÃO DO RISCO**

C-1. 1º Passo. Identificação dos perigos.....	C-1
C-2. 2º Passo. Avaliação dos perigos, para determinar os riscos .....	C-2
C-3. 3º Passo. Desenvolvimento do controlo e tomada de decisão do risco .....	C-5
C-4. 4º Passo. Implementação dos controlos.....	C-5
C-5. 5º Passo. Supervisão e avaliação dos controlos .....	C-6

### **SECÇÃO II - APLICAÇÃO DE RESPONSABILIDADES**

C-6. Falha do processo de gestão de riscos .....	C-7
C-7. Gestão de risco de confiança no comando.....	C-7

## **ANEXO D – EVITAR FRATRICÍDIO..... D-1**

D-1. Efeitos.....	D-1
D-2. Causas.....	D-1
D-3. Prevenção.....	D-3

## **ANEXO E – TAREFAS CRÍTICAS NO CAMPO DE BATALHA ..... E-1**

### **SECÇÃO I - TAREFAS CRÍTICAS NO CAMPO DE BATALHA**

E-1. A – Reação ao contacto .....	E-1
E-1. B – Reação ao contacto (pelotão e secção montado) .....	E-3
E-2. A – Rotura de contacto.....	E-5
E-2. B – Rotura de contacto (pelotão e secção montado) .....	E-6
E-3. Reagir a uma emboscada .....	E-7
E-4. Assalto a casamatas .....	E-9
E-5. Entrar num edifício/ limpeza de compartimento .....	E-13

E-6.	Entrar e limpar trincheiras .....	E-17
E-7.	Conduzir uma brecha num obstáculo artificial (pelotão) .....	E-21

## **SECÇÃO II - TAREFAS CRÍTICAS DE GUARNIÇÃO**

E-8.	Tarefas críticas de guarnição 1. Retirada (guarnição/secção) .....	E-24
E-9.	Tarefas críticas de guarnição 2. Evacuar pessoal ferido da VBR .....	E-26
E-10.	Tarefas críticas de guarnição 3. Extinguir um fogo (tripulação) .....	E-29
E-11.	Tarefas críticas de guarnição 4. Desembarcar da VBR (pelotão/secção) .....	E-31
E-12.	Tarefas críticas de guarnição 5. Embarcar da VBR (pelotão/secção) .....	E-33
E-13.	Tarefas críticas de guarnição 6. Mudar formação (montado) (pelotão) .....	E-36
E-14.	Tarefas críticas de guarnição 7. Segurança num alto (pelotão) .....	E-53
E-15.	Tarefas críticas de guarnição 8. Executar uma ação para a direita ou esquerda (pelotão) .....	E-58
E-16.	Tarefas críticas de guarnição 9. Destruir ou abandonar uma VBR .....	E-67
E-17.	Tarefas críticas de guarnição 10. Verificações das operações antes, durante e após o combate .....	E-67

## **ANEXO F – TÉCNICAS DE CONTROLO DE DISTRIBUIÇÃO DE FOGOS..... F-1**

### **SECÇÃO I - PRINCÍPIOS DO CONTROLO DE FOGO DIRETO**

F-1.	Massificar os efeitos conjuntos do fogo .....	F-1
F-2.	Destruir a maior ameaça primeiro .....	F-2
F-3.	Evitar bater o mesmo alvo por várias armas .....	F-2
F-4.	Utilizar a melhor arma para cada alvo .....	F-2
F-5.	Minimizar a exposição de forças amigas .....	F-3
F-6.	Prevenir fratricídio .....	F-3
F-7.	Plano para limitações extremas de visibilidade .....	F-3
F-8.	Desenvolver um plano de contingências para capacidades diminuídas .....	F-4

### **SECÇÃO II - CONTROLO DE FOGOS DIRETOS**

F-9.	Processo de controlo de fogo .....	F-4
F-10.	Medidas de controlo de fogo .....	F-5
F-11.	Medidas de controlo de fogo baseadas na ameaça .....	F-8

## **ANEXO G – CARTAS DE TIRO ..... G-1**

### **SECÇÃO I - CARTAS DE TIRO**

G-1.	Setores de tiro .....	G-1
G-2.	Pontos de referência e pontos de referência no objetivo .....	G-2
G-3.	Zonas mortas .....	G-2
G-4.	Linha de proteção final .....	G-2
G-5.	Pontos de referência das armas (PRA) .....	G-3
G-6.	Sinal tático da arma, limite esquerdo e direito e indicação do norte geográfico .....	G-3
G-7.	Procedimentos de preparação .....	G-3

### **SECÇÃO II - ESBOÇOS DE SETORES**

G-8.	Esboços de esquadras e secções .....	G-13
G-9.	Esboços de pelotão .....	G-14
G-10.	Cordenação com unidades adjacentes .....	G-15

## **ANEXO H – PLANO DE CARREGAMENTO..... H-1**

H-1.	Munições .....	H-1
H-2.	Palamenta da viatura .....	H-2
H-3.	Equipamento coletivo da secção .....	H-2
H-4.	Equipamento individual da secção .....	H-3

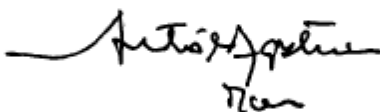
## **ANEXO I – ABREVIATURAS ..... I-1**

## Nota Prévia

1. A modernização do Exército consubstanciada com a aquisição das Viaturas Blindadas de Rodas PANDUR II e a sua inserção na componente operacional, veio proporcionar um conjunto de capacidades e uma maior flexibilidade de emprego das unidades equipadas com este meio, permitindo o cumprimento das várias missões de acordo com o espectro das operações militares.
2. A introdução de um novo sistema de armas no exército originou a necessidade de elaborar uma publicação doutrinária, que estabelecesse com elevado grau de pormenor um conjunto de normas, ao nível das táticas técnicas e procedimentos, com o objetivo de rentabilizar os meios à disposição da componente operacional.
3. A PDE 3-52-16 Manual de PANDUR II Pelotão e Secção de Atiradores, pretende colmatar esta lacuna, constituindo-se como referência sólida para o treino operacional das unidades de infantaria, aos mais baixos escalões, equipados com a viatura PANDUR II.

Évora, 09 de julho de 2012

O DIRETOR DE DOCTRINA



ANTÓNIO NOÉ PEREIRA AGOSTINHO  
MGEN

Página intencionalmente em branco

# **CAPÍTULO 1**

## **GENERALIDADES DA SECÇÃO E DO PELOTÃO**

### **DE ATIRADORES DE INFANTARIA DA BRIGADA DE INTERVENÇÃO**

*O exército nos dias de hoje vê-se na obrigação de distribuir frequentemente as suas forças por contingências de pequenas escalas e operações de apoio à paz, enquanto mantém a capacidade de operar num teatro de guerra. Em alguns casos, as forças de infantaria ligeira não têm a mobilidade, letalidade ou sustentabilidade para uma intervenção armada em oposição a um inimigo mais robusto. As forças de infantaria pesada não possuem um grau de prontidão imediato para uma resposta rápida em caso de crise, especialmente num teatro subdesenvolvido em que a versatilidade e rapidez de prontidão são necessárias. Nesta perspetiva, o Exército Português organizou uma força de combate pertencente à Brigada de Intervenção (BrigInt), como resposta à necessidade de uma força se poder implantar rapidamente numa área de crise, em qualquer zona no mundo. A BrigInt encontra-se equipada com veículos blindados transporte pessoal de rodas (VBR), denominadas Pandur II, essenciais para cumprir as exigências estratégicas definidas pelo exército para o cumprimento de missões de resposta à crise e domínio bélico. A BrigInt, mais propriamente as suas secções e os seus pelotões, estão preparadas para conduzir operações em todo espectro das operações. As capacidades essenciais de um pelotão equipado com VBR, deve ser a sua mobilidade elevada e capacidade para estabelecer o contacto e destruir o inimigo, através de uma atitude agressiva empregue no assalto apeado.*

*Ao nível da secção e pelotão, a força é constituída para otimizar as capacidades mais eficientes de uma força de infantaria ligeira e mecanizada. Ao nível do pelotão, este encontra-se constituído por três secções de atiradores. Ao nível da companhia a capacidade de apoio por fogos indiretos, provenientes do pelotão de morteiros pesados e de uma secção canhão com capacidade anticarro. O pelotão VBR deve possuir mobilidade, letalidade, proteção e resposta para uma tomada de decisão. Estes aspetos constituem em vantagens ao nível do comando, controle e comunicações (C3).*

#### **SECÇÃO I - CAPACIDADES, LIMITAÇÕES, ORGANIZAÇÃO E RESPONSABILIDADES**

A missão da infantaria é estreitar o contacto com inimigo, através do fogo e movimento para derrotá-lo, capturá-lo ou repelir o seu assalto pelo fogo, combate próximo, ou contra-ataque. Para cumprir as missões atribuídas, o pelotão emprega o apoio de combate e o apoio de serviços, dentro das suas potencialidades. O pelotão é uma organização cuja eficácia depende

da sinergia dos seus elementos subordinados, incluindo VBR, secções de atiradores e elementos de apoio.

### **0101.Capacidades**

O pelotão de infantaria médio equipado com VBR tem a capacidade de:

- Resolver a situação eficazmente através do poder de fogo (3 secções de infantaria) e equipamento;
- Uso da mobilidade das VBR, para transporte das secções, para uma posição que confira vantagem, sob a proteção do veículo;
- Operar montado ou apeado;
- Destruir veículos de blindagem ligeira e pessoal através de fogo direto;
- Empregar fogos a partir da VBR para destruir, suprimir e fixar pessoal ou veículos de blindagem ligeira;
- Controlar, fixar ou reter terreno importante;
- Bloquear itinerários para negar ou dificultar a passagem de forças;
- Proteger obstáculos e impedir a execução de brechas no dispositivo;
- Estabelecer pontos fortes para negar ao inimigo terreno chave ou posições de flanco;
- Conduzir assaltos e abrir brechas em obstáculos;
- Limpar áreas perigosas e preparar posições para elementos montados;
- Assaltar posições inimigas;
- Luta anticarro e antiaérea;
- Se mover sobre terreno não transitável por outros veículos de rodas, com as secções de atiradores,
- Se Infiltrar nas posições inimigas.
- Efetuar patrulhas montadas, apeadas e operações em apoio de operações de segurança.

#### **a. Letalidade.**

O pelotão combina os efeitos das secções de atiradores com os fogos diretos das VBR. Isto inclui fogos anticarro proporcionados pelas secções. Adicionalmente, o CmdtPel pode fazer pedido de fogos indiretos ao pelotão de morteiros pesados (PelMortPes) da companhia de apoio de combate (CAC). Se necessário, o poder de fogo do canhão 30mm pode apoiar o pelotão. O atirador especial fornece uma potencialidade adicional a cada secção. A letalidade do pelotão é realçada pelo conceito de um sistema de armas disponíveis e transportadas na VBR. O pelotão pode empenhar as armas

consoante a sua necessidade, dependendo dos fatores da missão, inimigo, terreno, meios, tempo disponível e das considerações civis (MITM-TC).

**b. Sobrevivência.**

Inclui a proteção oferecida pelo veículo e capacidade do veículo em proteger os atiradores do fogo de armas ligeiras e de projéteis de fragmentação. As VBR não possuem proteção contra projéteis anticarro.

**c. Comando, controle e comunicações (C3).**

A VBR para o CmdtPel de atiradores é equipada com sistemas de informação inter-veicular (SIIV), fazendo com que esteja ligado com o Cmdt Companhia, Batalhão, e Brigada. Os meios que suportam o C3 são o software do comando e controlo, software de navegação e comunicações digitais.

**d. Força de informação do campo de batalha (FICB).**

É uma rede de computadores e sistemas de comunicação, posicionadas estrategicamente, em que os sistemas de comunicação fornecem informação de controlo em tempo real para as armas de combate. O FICB é projetado para as unidades que executam missões no nível tático (Brigada a atuar de modo independente). Fornece uma base de dados com o posicionamento conhecido, das forças amigas, geometria do campo de batalha e forças inimigas ou suspeitas. Coletivamente, os sistemas FICB geram o retrato digital operacional a todas as unidades (*Common Operational Picture - COP*). Fornece informação relevante, mostrando ao utilizador a sua posição, a posição de outras forças amigas, posições inimigas observadas, e obstáculos existentes no campo de batalha. O sistema fornece também relatórios normalizados, permitindo que os comandantes disseminem rapidamente as provas gráficas e ordens escritas parcelares (FRAGOs). O combatente recebe dados “enviados” de todos os sistemas no campo de batalha para manter a informação em tempo real. Este deve organizar e interpretar a informação recebida para determinar o seu valor em relação à situação atual.

(1) Composição da FICB (figura 1-1). Cada veículo no pelotão é equipado com os três componentes básicos do sistema.

- (a) O sistema de posicionamento global (GPS), que fornece a posição e a data/hora precisa de posições amigas em tempo real, gerando pontos no mapa, com o objetivo de relatar finalidades.
- (b) Um sistema rádio que fornece meios seguros para transmitir (voz e digital) entre veículos do pelotão. Os veículos do pelotão são equipados também com um sistema digital para envio de relatórios. O sistema fornece uma ligação digital segura servindo como um router, emitindo eficientemente a mensagem internamente no pelotão e para as redes de sustentação da companhia e apoio

de fogos. Esta potencialidade garante que a informação é passada mesmo em situações em que a cadeia de comando se encontra quebrada pela separação física no campo de batalha, por casualidades ou falhas mecânicas.

- (c) O monitor, teclado e rato com funções computacionais permitem à tripulação o acesso ao sistema de *Internet* tática aos baixos escalões.
- (d) O FICB a nível do escalão superior, consiste numa variedade de sistemas táticos computadorizados e de equipamento de comunicações situados primeiramente no nível do batalhão e ao mais alto escalão. O mais importante, são os sistemas de controlo da manobra (*Maneuver Control System - MCS*), todo o sistema da análise de fonte (*Source Analysis System - SAS*), o sistema de dados tático avançado da artilharia de campanha do exército (*Advanced Field Artillery Data System - AFATDS*), e o sistema de controlo da sustentação de apoio de serviços (*Combat Service Support Control System - CSSCS*).
- (e) Estes sistemas fornecem relatórios e dados posicionais do mais baixo escalão para os níveis de comando mais elevado. Estes sistemas de escalões mais elevados por sua vez, podem transmitir informação, tal como a posição de unidades adjacentes, posições inimigas conhecidas, e ordens de operações, para os baixos escalões.

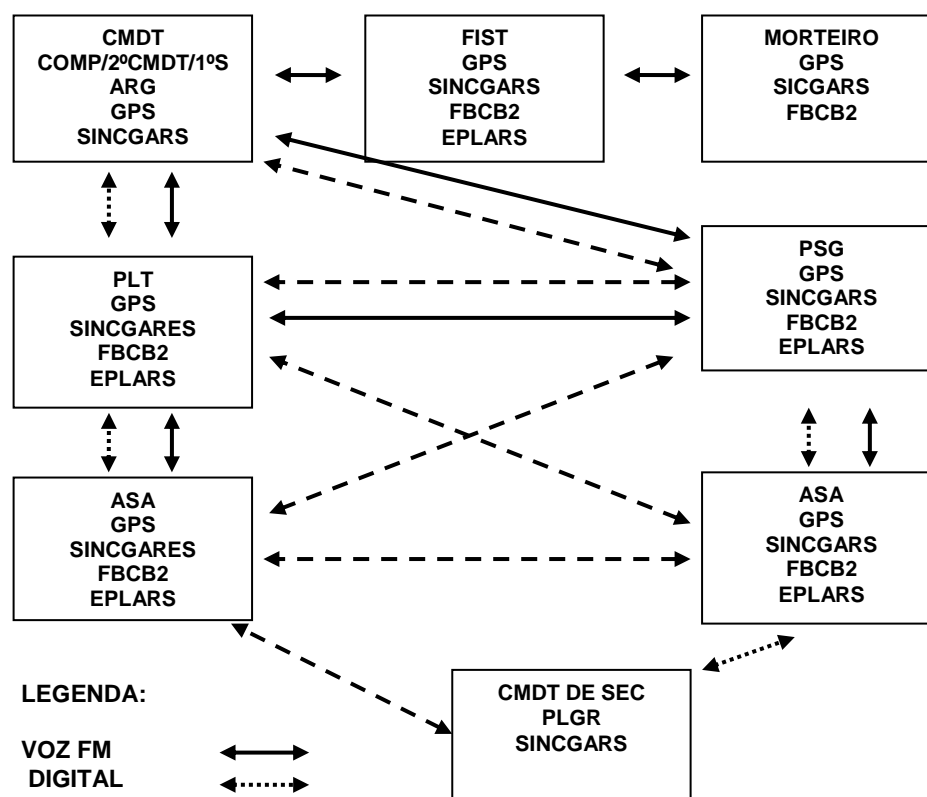


Figura 1-1 - Capacidades da FICB



(2) Capacidades do FICB (*Force XXI Battle Command Brigade and Below – FBCB2*).

(a) *Informação amigável.*

O ecrã do FICB, apresenta um ícone para cada veículo individual amigável na companhia. Isto fornece ao chefe de viatura, uma imagem precisa onde se situa, relativamente ao pelotão. Fornece ao CmdtPel uma imagem do local onde está a operar, em relação à companhia. Apesar de o sistema funcionar automaticamente para todos os veículos, este não fornece as posições de todos os elementos amigos no campo de batalha. Por exemplo, o sistema não segue automaticamente as secções apeadas que operem a grandes distâncias da VBR. Além disso, o sistema não cobre as unidades não digitalizadas, aliadas ou forças de coligação, que possam vir a operar junto do pelotão. Os ícones que representam estes elementos podem ser injetados no FICB, baseando-se nos relatórios via rádio, mas não são atualizados em tempo real. Como consequência, estas limitações não substituem a apreciação de um comandante na prevenção do fratricídio.

(b) *Informação inimiga.*

O S2 do batalhão introduz os ícones inimigos no sistema, baseando-se nos relatórios elaborados pelo reconhecimento, vigilância, célula ISTAR e outros recursos de aquisição exteriores ao batalhão. Baseando-se no seu estudo do campo de batalha (*Intelligence preparation of the battlefield - IPB*), o S2 prevê as posições reais das formações inimigas, enviando relatórios (*Situational template – SITEMP*) de possíveis localizações em tempo oportuno.

(c) *Atividades inimiga e obstáculos.*

A partir do momento em que o pelotão inicia as suas operações, são emitidos relatórios do ponto de situação da atividade e dos obstáculos inimigos ao COP, através do FICB. Quando uma VBR emite um relatório de situação, cria automaticamente um ícone que representa o inimigo nos outros sistemas FICB do pelotão. De seguida o CmdtPel avalia o relatório. O CmdtPel ou SargPel envia-o ao CmdtComp ou oficial de operações. Ao nível de companhia, o relatório é avaliado para assegurar a sua autenticidade, enviando de seguida aos outros pelotões da companhia e ao batalhão.

(d) *Localização inimiga.*

Para manter o COP atualizado, as unidades devem atualizar os relatórios situacionais a respeito das posições inimigas, representadas por ícones no FICB. Estes *update* devem ser emitidos sempre que a situação inimiga mude (em caso de movimento ou destruição). Um ícone “desvanece-se” e

desaparece eventualmente do ecrã, com os constantes desenvolvimentos da sua situação.

(e) *Inimigo não identificado.*

Os elementos do pelotão devem ter presente que o COP constitui-se como uma grande vantagem, somente quando os relatórios que o sistema recebe são reportados ou atualizados. A situação do inimigo nunca será a 100%, tanto posicional como numérica. O CmdtPel e os CmdtSec devem assegurar-se que os planos são adequados para detetar as forças inimigas ainda não relatadas por meios digitais.

**e. Relatório normalizado**

O sistema dinamiza o processo de relatório, fornecendo ao pelotão a possibilidade para emitir e receber relatórios estandardizados (figura 1-2).

(1) Os relatórios estandardizados oferecem as seguintes vantagens táticas:

- Asseguram que toda a informação necessária, esta incluída num relatório ou num pedido particular.
- Reduzem os erros na transmissão.
- Permitem o armazenamento das mensagens bem como a sua recuperação e referência.

MENSAGEM DE TEXTO LIVRE	ALERTAS
Verificação de fogos	Relatório de situação (SITREP)
Pedido de fogos	Ordens no terreno
Atualização da missão do observador	Ordem de operações
Pedido de apoio de fogos	Fragmentar order (FRAGO)
Mensagem para observador	Alerta de PPOM
Medidas de coordenação	Colocação de campo de minas
Fim de missão/vigilância	Envolvimento
Relatório de prontidão do observador	MEDEVAC
Missão de fogo aéreo	Relatório da Logística
Relatório NBQ	Relatório de Pessoal
Relatório de combate	Status do ponto de abastecimento
Relatório de contacto	Manutenção de tarefas
Relatório de itinerários	Ordem de tarefas da Logística
Relatório de obstáculos	Pedido de apoio da Logística
Relatório de pontes	Status de tarefas da Logística
Relatório da posição	Sincronização de tarefas da Logística

Figura 1-2 - Relatórios estandardizados

- (2) Estes relatórios são também necessários para transmissões via rádio. Por exemplo, os CmdtPel devem transmitir relatórios de contacto para iniciar o “jogo da guerra” mantendo a informação atualizada. Adicionalmente, os chefes de viatura podem necessitar de enviar descrições por rádio das localizações inimigas, caminhos ou obstáculos para clarificar a situação. Isto normalmente ocorre nas áreas edificadas, onde a FICB não mostra o terreno com o detalhe suficiente, para ajudar os comandantes a decidir eficientemente.
- f. Ordens de combate e transparentes.**
- O FICB explora com sucesso a velocidade e precisão, as ordens a nível de pelotão e companhia. O sistema permite aos comandantes ter ou modificar transparentes de operações durante o planeamento ou execução. Isto assegura que todos os elementos têm a informação atualizada para controlar todos os fogos e movimentos. Assim, os CmdtPel podem usar mensagens de texto para transmitir OPORD, FRAGO, e atualizações a longas distâncias, sem perder tempo e informação, existentes no caso das transmissões. Com os relatórios standardizados, as ordens e transparentes podem ser guardadas, para posterior consulta.
- g. Sustentabilidade.**
- O pelotão de infantaria deve ter a capacidade de operar por um período superior a 72 horas, dentro ou fora da VBR. Isto consegue-se através de um pré-stock existente na VBR de artigos de classe I e V, bem como água. A VBR pode operar para cima de 16 horas diárias e pode-se deslocar aproximadamente 400 km sem reabastecimento de classe III. A Companhia de Comando e Serviços (CCS) do batalhão reabastece a VBR quando necessário.
- h. Mobilidade.**
- O sistema de navegação da VBR, consiste num GPS disponível para o chefe de viatura, permitindo um controlo adequado dos movimentos da viatura. Em caso de necessidade de deslocamento tático, em que as escotilhas permanecem fechadas, o condutor e chefe de viatura possuem o periscópio M27. O aparelho de visão noturna *Theon NX-199* melhora a visão do condutor, permitindo a condução em período noturno e visibilidade reduzida.
- i. Equipamento de visão noturna.**
- O aparelho de visão noturna *Theon NX-199*, permite efetuar vigilância e adquirir alvos, facilitando o comando e controlo em período noturno. A viatura está equipada com um sistema de aviso de ameaça laser (TDS – *Threat Detecting System*). O sistema permite a deteção de todas as ameaças laser conhecidas, em quase toda a totalidade do meio envolvente da viatura, incluindo:

- Telémetros (RF) – Impulso único;

- Apontadores laser (LD);
- Raios laser guias de mísseis (BR);
- Laser do tipo Coherent;
- Iluminadores de Infravermelhos.

As VBR possuem um rolo de fita deflectora, que permite a identificação da unidade através de aparelhos de visão noturna. (Figura 1-3).

EQUIPAMENTO	CAPACIDADES
AN/PVS-14 AN/PVS-5A/B AN/PVS-4	Fornece a observação a 300 metros para o homem - alvo do tamanho e 500 metros para veículos de tamanho metas.
Ampliação 3X	Fornece observação a 600 metros para um alvo do tamanho de um homem e 1.000 metros para veículos de tamanho metas
AN/PAQ-4B/C	600 Metros no máximo.
Aim-1	Distância máxima de 3.000 metros
<i>Infrared Trip Flare</i>	Raio de 20 metros; emite luz visível mínima.

Figura 1-3 - Capacidades dos aparelhos de visão noturna

Cada soldado poderá ser equipado com um aparelho de visão noturna AN/PVS-5A/B (*Googles*), ou o AN/PVS-4 acoplado à arma orgânica do combatente

## 0102. Limitações

O pelotão VBR tem as seguintes limitações:

- É vulnerável a fogos anticarro inimigos.
- As secções de infantaria são vulneráveis ao fogo das armas ligeiras e fogos indiretos quando apeadas.
- O ritmo em operações ofensivas apeadas é limitado à velocidade empregue pelo soldado.
- As VBR têm dificuldades em executar operações anfíbias, podendo passar em zonas com uma profundidade de 1,5 metros, sendo também exigido certos locais de passagem adequados ou uma ponte com a classificação adequada do peso;
- A carga de um soldado aumenta em consequência do tempo de operação em que o pelotão é empregue;
- Inerente a uma situação de “resposta imediata”, a dificuldade em obter apoio logístico para as operações, especialmente numa situação de haver longas linhas de comunicação (*Long Lines of Communication - LOC*) e do reabastecimento numa área subdesenvolvida no teatro de operações.

### 0103. Organização

O pelotão de infantaria VBR, é constituído por um oficial e 35 homens distribuídos pelo comando do pelotão e três secções de atiradores (SecAt) (Consultar Apêndice A para mais informação relativamente à organização e apear da VBR.)

#### a. Comando do pelotão.

O comando do pelotão (figura 1-4) consiste no CmdtPel, SargPel, operador de telecomunicações (Rádio Telefonista - RTL) e condutor da VBR. Dependendo das situações táticas em que o pelotão possa ser empregue, pode ser atribuído pela CAC um OAv e um socorrista pela CCS. O CmdtPel é responsável pelo controlo do pelotão e pelo seu emprego. O SargPel segue na cadeia de comando, sendo o Cmdt das esquadras de viaturas quando o CmdtPel apeia com as secções. Coadjuva o CmdtPel, comandando o pelotão na ausência do CmdtPel.



Figura 1-4. Organização do comando do pelotão.

#### b. Secção montada.

O pelotão de infantaria está equipado com quatro VBR que fornecem mobilidade tática e operacional, protegendo as secções de infantaria no campo de batalha. As VBR são um sistema móvel capaz de operar conjuntamente com infantaria apeada e forças combinadas. Cada VBR tem na sua constituição um grupo de dois homens, o apontador de metralhadora pesada (Ap MP) e o condutor, denominada de esquadra de viatura, que opera o veículo quando a secção se encontra apeada. Estas esquadras de viatura, em que na viatura de comando permanece o SargPel, são empregues corretamente no campo de batalha por este (figura 1-5). A sua função é a de assegurar a proteção das secções de infantaria desde o ponto de desembarque. Os quatro veículos podem empregar o seu armamento (MP 12,7mm), para abater viaturas ligeiras ou veículos com armamento ligeiro e fraca blindagem ou infantaria apeada.

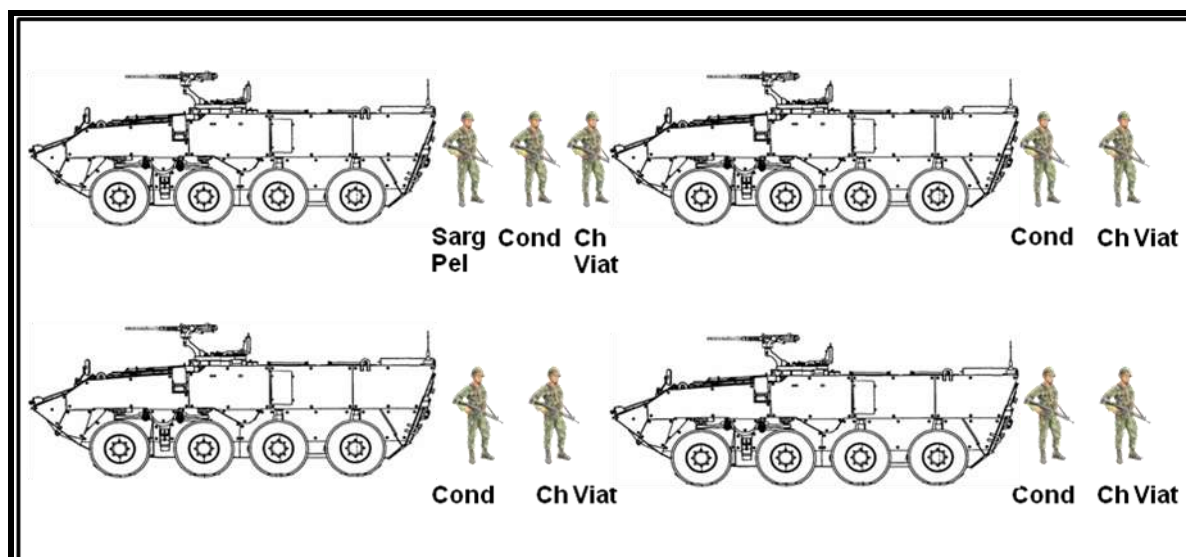


Figura 1-5 - Organização das secções montadas

- (1) O chefe de viatura na situação da secção apeada (Cmdt da esquadra de viatura) é responsável pelo emprego da VBR, operando o armamento defensivo desta. O condutor opera o veículo em todo o tipo de condições meteorológicas, de dia ou noite, conduzindo-o em qualquer tipo de terreno, de modo a garantir a segurança da secção de atiradores no campo de batalha.
- (2) A secção apeada pode empregar o seu armamento orgânico, para constituir uma posição de apoio pelo fogo. Estes fogos directos podem assegurar a liberdade de Ação do pelotão, constituindo-se em secções de apoio e de manobra a fim de destruir o inimigo. Estes fogos têm a função de destruir ou suprimir a infantaria inimiga à luz do dia, da noite ou durante condições de visibilidade reduzida (fumo e névoa).
- (3) As esquadras de viaturas e as SecAt, providenciam proteção mútua para executar as missões atribuídas ao PelAt. Os atiradores fornecem segurança aos veículos quando parados, e as VBR fornecem a manobrabilidade e proteção aos atiradores apeados, constituindo-se como uma posição de apoio pelo fogo para a execução do assalto à posição inimiga.
- (4) Na situação em que o pelotão permanecer montado, o CmdtPel controla o movimento deste. Quando o CmdtPel apeiar para conduzir o assalto ou outras operações de infantaria apeada com as SecAt, o SargPel (que se desloca na mesma viatura) assume o comando das esquadras de viatura do pelotão. Manobra-as fornecendo apoio às SecAt comandadas pelo CmdtPel. Por exemplo, se os fogos directos das VBR forem precisos, para facilitar a manobra das secções, o CmdtPel pode decidir ter o SargPel a dirigir as esquadras de viaturas, para facilitar

a manobra e comando do pelotão. O SargPel pode apeiar com o restante pelotão se necessário.

- (5) O pelotão deve combater como uma equipa. Deve estar preparado para manobrar em terreno restritivo, constituir as VBR como posição de apoio pelo fogo das secções apeadas. Quando o pelotão conduz operações apeadas, tem 3 SecAt a 8 homens cada. A partir deste efetivo são constituídas 2 secções de apoio e uma de manobra, não necessitando em algumas situações de um volume de fogos tão elevado. Neste caso, as viaturas não executam o apoio de fogos diretos, podendo-lhes ser atribuídas as missões de observar, obstruir uma via de aproximação, isolar o objetivo, ou conduzir outras missões.
- c. Pelotão apeado. O pelotão apeado (figura 1-6) é constituído pelo comando de pelotão e 3 SecAt. A SecAt é a base das forças de infantaria, que devem ser empregues para derrotar as forças inimigas, controlar / tomar posse do terreno, privar o inimigo de recursos, adquirir informação, iludir e desviar o inimigo, fixar o inimigo na posição, ou interromper um ataque inimigo.



Figura 1-6 - Organização do pelotão apeado

**d. Secção de atiradores**

Cada uma das 3 SecAt (Figura 1-7) é constituída por um CmdtSec e 7 militares. O CmdtSec tem a função de controlar o fogo e movimento da secção. Conduz o seu treino, e mantém a capacidade desta, para conduzir as missões táticas com sucesso.



Figura 1-7 - Organização da secção de atiradores

- (1) Dos militares constituintes da SecAt, dois tem o posto de cabo. Ambos equipados com a EspAutG3 (Tabela 1-2), têm a função de comandar uma esquadra. Uma esquadra composta pelo At com capacidade ACar, AtGran, At Esp.
- (2) O apontador ML equipado com a HK-21, com o posto de cabo, constitui-se como o segundo comandante de esquadra em acumulação de funções. Tem à sua ordem o municionador da ML.
- (3) O equipamento dos restantes militares, consiste no LG40/HK-79 para os atiradores granadeiros, uma EspAutG3 com bipé e alça para o atirador especial, o LAW e EspAutG3 para o atirador com capacidade ACar e uma EspAutG3 e tripé para o municionador da ML.
- (4) Consoante a missão que é atribuída à secção esta pode ser reforçada com outro tipo de material, como por exemplo aparelhos de visão noturna, maior número de armas ACar, etc.

#### **0104. Responsabilidades**

A complexidade das VBR, resulta da necessidade de soldados e comandantes bem treinados. A existência de equipamento diverso exige um elevado nível de treino, de modo a garantir o seu emprego adequado. Aumentando ao facto de ser equipamento complexo e de elevada transferência de informações a todos os níveis, os membros constituintes do pelotão, necessitam mais do que nunca trabalhar em conjunto.



**a. Comandante de Pelotão.**

O CmdtPel é o responsável pelo emprego tático, treino coletivo, administração e gestão do pessoal. Tem a responsabilidade de posicionar e empregar todos os homens bem como as armas do pelotão.

O CmdtPel tem as funções de:

- Liderar o pelotão contribuindo para o cumprimento da missão da companhia e do batalhão. As suas tarefas decorrem da missão atribuída pelo CmdtComp, segundo os conceitos de operação do CmdtComp e do CmdtBat;
- Informar o Cmdt Comp das suas ações quando operar sem ordens deste;
- Planear as operações com a ajuda do SargPel, CmdtSec, ou militares técnicos na missão;
- Encontrar-se ao corrente da situação do pelotão, executar supervisão para cumprir a missão;
- Atribuir tarefas ao SargPel relativas a planeamento e coordenação do apoio logístico do pelotão;
- Durante o planeamento receber relatórios de situação elaborados pelo SargPel e CmdtSec;
- Rever as tarefas do pelotão, baseando-se no plano tático;
- Durante a execução das tarefas, supervisionar o SargPel e os CmdtSec;
- Estabelecer o plano de apoio de fogos diretos e indiretos com o SargPel e os CmdtSec;
- Coordenar o plano de obstáculos;
- Analisar a situação tática, difundir informação e empregar todo o potencial do pelotão para cumprir a missão;
- Assegurar que os relatórios (Situation Report – Sitrep), são transmitidos corretamente, e necessários para o CmdtComp;
- Analisar e de seguida difundir informações importantes ou alterações do inimigo aos seus subordinados;
- Em situações de visibilidade reduzida, empregar todos os equipamentos de visão noturna disponíveis, para adquirir alvos a ser batidos por fogos diretos ou indiretos ou atualizações de situação;
- Como chefe da viatura VBR de comando, manter informada toda a sua guarnição da situação tática.

**b. Sargento de pelotão.**

O CmdtPel deve considerar o SargPel como o seu braço direito, usando-o no seu plano como um elemento apeado ou como comandante das esquadras de viatura, no apoio

de fogos conferido por estas. O SargPel sendo o segundo na cadeia de comando, auxilia e aconselha o CmdtPel nas suas decisões. Ele supervisiona a parte administrativa, logística e de manutenção do pelotão. Aconselha o comandante em diversos assuntos, recompensas e punições, reorganizar os homens do pelotão. O SargPel tem a responsabilidade de:

- Controlar as esquadras de viatura, no caso de o CmdtPel apeiar. Apeia com o pelotão, quando este conduz operações de modo isolado sem uso de viaturas;
- Receber dos CmdtSec, relatórios administrativos, logísticos e manutenção e executa pedidos de Classe I, III, V;
- Coordenar o apoio sanitário do pelotão;
- Avaliar a moral, disciplina e condição física dos membros do pelotão;
- Assegurar que os mantimentos e munições são distribuídos de forma equitativa e uniforme durante a consolidação e reorganização do objetivo;
- Tratar dos relatórios digitais do pelotão quando em contacto, permitindo ao CmdtPel manobrar as secções;
- Manter o CmdtPel atualizado acerca dos progressos na missão, e informar o escalão superior das alterações verificadas;
- Recolher, preparar, e atualizar os relatórios logísticos, bem como efetuar os pedidos ao comando de companhia;
- Garantir a manutenção de todo o equipamento do pelotão;
- Assegurar que as inspeções pré-combate são efetuadas;

**c. Comandante de secção.**

O CmdtSec é responsável por tudo o que a secção faz. Ele é o líder tático e comanda pelo exemplo. O CmdtSec tem as funções de:

- Controlar a manobra da sua secção quando apeada, bem como o seu posicionamento e distribuição de fogos. Controlar as duas esquadras de atiradores na ofensiva, escolher as posições que devem ocupar na defensiva, e dar as ordens para iniciar, cessar e transportar fogo;
- Informar a secção das ordens a cumprir;
- Treinar a sua secção em tarefas individuais e coletivas, para se tornarem efetivas em combate;
- Tratar do apoio logístico e administrativo da secção. Verificar e executar pedidos de munições, água, comida e equipamento especial;
- Enviar relatórios de situação, repletamentos e informação fornecidos pelos elementos da secção;
- Providenciar a manutenção das armas e equipamento da sua secção;

- Inspeccionar as condições em que se encontram as armas, roupas e equipamento dos soldados;
- Assegurar que o material e reabastecimento são distribuídos aos soldados da secção;
- Manter o CmdtPel e SargPel informado das necessidades e reabastecimentos da secção;
- Assegurar que os reabastecimentos são distribuídos de modo adequado dentro da secção;
- É o chefe de viatura quando a secção se encontra montada na VBR, sendo o responsável pela sua deslocação, segurança e apoio de fogos;
- Manter contacto com a VBR à sua responsabilidade, quando apeado, procurando manter a ligação com o comandante da esquadra de viatura, de acordo com a tática;
- É o responsável pela manutenção e preservação da sua viatura, executando todos os pedidos necessários ao seu bom funcionamento. Estes pedidos são enviados ao SargPel.

**d. Comandante de esquadra.**

Na secção encontram-se dois comandantes de esquadra, um responsável pela esquadra de manobra e outro pela esquadra de apoio, acumulando com a função de apontador ML. Lideram pelo exemplo e controlam o fogo e movimento da sua esquadra. Ajudam o CmdtSec no controlo tático desta, sendo os responsáveis pelo treino da esquadra em tarefas coletivas e individuais no “calor da batalha”. São responsáveis pela segurança local da esquadra e da sua VBR. Envia relatórios como o RELIM, TUTELA e SITREP a pedido do CmdtSec ou quando a sua esquadra entra em contacto. Usando equipamento de visão noturna, ele controla o fogo designando sectores de tiro e alvos prioritários à sua esquadra. O comandante de esquadra/Gr equipado com EspAutG3 com HK-79, permite bater pelo fogo zonas mortas através de tiro curvo, ou efetuar tiro direto de dispersão a curtas distâncias dependendo do tipo de munição que venha a utilizar. As munições explosivas garantem uma proteção aos 350m, e as de tiro direto a 50m. Tem a função de suprimir e destruir inimigo apeado e viaturas de reduzida blindagem, bem como a capacidade de empregar fumos.

**e. Comandante da esquadra de viatura.**

Responsável pelo comando da viatura quando a secção se encontra apeada, assumindo a função de chefe de viatura. Adquire os alvos, manobra a MP, controla o fogo da viatura em consonância com o seu movimento. Tem como prioridade a manutenção da MP, potes de fumos e manutenção da viatura. No caso da secção apeada é o responsável por enviar os SITREP via digital ou rádio para o SargPel. Nesta

situação faz uso do sistema de navegação GPS cumprindo as ordens do SargPel ou CmdtPel.

**f. Conductor da VBR.**

Conduz a viatura sob o controlo do chefe de viatura. Respeita todos os procedimentos de condução nos diversos tipos de terreno, tentando escolher as melhores posições de passagem com a viatura. Encontra-se atento, detetando os alvos a abater e observando o fogo da MP da sua viatura, tentando facilitar a sua tarefa, tomando em atenção a integridade da viatura. Monitoriza as baterias, temperatura do líquido de refrigeração, óleo de transmissão, combustível, ADM (*automatic drive train management*) e controla o sistema central de enchimento dos pneus entre outras.

**g. Atirador especial.**

Atua como membro da esquadra de manobra sendo comandado pelo seu comandante de esquadra. Possui capacidade para bater alvos a grande distâncias e com precisão. Treinado para bater alvos específicos, respeita a prioridade definida pelo CmdtSec ou CmdtPel, sendo normalmente os comandantes da força inimiga, apontadores de armas coletivas, armas anticarro ou atiradores especiais.

**h. Atirador Anticarro.**

Equipado com uma EspAut-G3 e uma arma anticarro LAW, pertence à esquadra de manobra. Tem a capacidade de bater viaturas de reduzida blindagem em qualquer tipo de ambiente tático. Esta arma confere ao pelotão alguma letalidade e proteção anticarro, até aos 250m, possuindo alguma capacidade para ser empregue em ambiente noturno ou visibilidade reduzida. Em alguns casos tem a possibilidade de ser empregue contra metralhadoras, grupos de militares ou posições defensivas inimigas.

**i. Atirador granadeiro.**

Equipado com HK-79 na EspAutG3, permite bater pelo fogo zonas mortas através de tiro curvo, ou efetuar tiro direto de dispersão a curtas distâncias dependendo do tipo de munição que venha a utilizar. As munições explosivas garantem uma proteção aos 350m e as de tiro direto a 50m. Tem a função de suprimir e destruir inimigo apeado e viaturas de reduzida blindagem, bem como a capacidade de empregar fumos.

**j. Apontador ML.**

Equipado com uma metralhadora ligeira HK-21, garante à secção um contínuo e elevado volume de fogos a uma distância maior que a EspAutG3. Acumula com a função de comandante de esquadra, normalmente a que confere apoio à secção.

**k. Municiador ML.**

Equipado com a EspAutG3, é o responsável por garantir o apoio necessário ao apontador ML. Encarregue de municiar da metralhadora, transporta as munições desta,

bem como o tripé quando necessário. Vigia continuamente o espaço aéreo, dando o alerta quando avistada uma aeronave.

**I. Socorrista.**

Durante as operações táticas, trata de eventuais ferimentos dos homens no pelotão, bem como assiste na evacuação destes para as linhas da retaguarda. Aconselha o CmdtPel acerca de assuntos de higiene, verificando pessoalmente as condições físicas e psicológicas dos membros do pelotão. Faz pedidos de classe VIII (artigos sanitários) ao SargPel.

**m. Observador Avançado.**

Pode ser atribuído ao pelotão por parte do batalhão, provenientes do pelotão de morteiros da CAC. Responsável por efetuar o pedido de apoio de fogos, bem como a sua regulação. Aconselha o CmdtPel acerca do empenhamento de fogos indiretos.

## SECÇÃO II - POTENCIAL DE COMBATE E CONSIDERAÇÕES ACERCA DO SEU EMPREGO

Esta secção trata dos princípios do poder de combate e efetua considerações acerca do emprego do pelotão de infantaria e das suas secções.

### **0105. Potencial de Combate**

A doutrina que se constitui como base das forças de infantaria é baseada nos princípios de potencial de combate: manobra, poder de fogo, proteção, liderança, e informações.

**a. Manobra.**

A manobra é o emprego das forças no campo de batalha através do movimento combinado com fogo, ou seu potencial, para conseguir uma posição de vantagem em relação ao inimigo, de maneira a cumprir a missão. As forças de infantaria movem-se com o intuito de ganhar uma posição de vantagem sobre o inimigo, procurando manter essa vantagem. Manobram para atacar o para contra-atacar o flanco do ataque inimigo. Manobrar corretamente, apoiado pelo fogo, permite à infantaria aproximar-se e destruir o inimigo através do poder de fogo apropriado e em massa, num ponto decisivo.

**b. Poder de fogo.**

Corresponde a todo o potencial de fogo a partir de uma posição, que uma unidade ou sistema de armas consegue empregar. Poder de fogo destrói ou suprime o inimigo na sua posição, engana-o ou apoia a manobra. Sem um eficiente apoio de fogo, a infantaria não consegue manobrar. Antes de as unidades tentarem manobrar, devem estabelecer uma posição de apoio pelo fogo.

(1) Uma posição de apoio pelo fogo deve ser posicionada de forma a reduzir ou eliminar a capacidade inimiga de interferir na manobra das nossas unidades. Uma

arma ou um sistema de armas, podem constituir uma posição de apoio pelo fogo, mas normalmente a esquadra de apoio ou a esquadra de viaturas deve ser encarregue desta função fornecendo um apoio intenso e contínuo, tornando-se mais eficiente.

- (2) Os comandantes devem saber como controlar, concentrar, ou combinar fogo e manobra. Eles devem identificar rapidamente os alvos mais críticos, direcionar os fogos a esses alvos e assegurar que esse volume de fogos é o suficiente para que o inimigo não consiga responder pelo fogo eficientemente. Permite-se assim, que o pelotão não faça uso de munições em excesso.

**c. Proteção.**

Corresponde à preservação do potencial de combate da força, de maneira a que possa ser utilizado o máximo de potencial no momento e local decisivo. Os pelotões nunca devem permitir que o inimigo adquira uma vantagem inesperada. Os pelotões e secções tomam medidas ativas e passivas para se precaverem da surpresa, observação, detecção, interferência, espionagem ou sabotagem por parte do inimigo. Proteção inclui dois princípios básicos: cuidar do soldado e do seu equipamento e ações contra o poder de fogo inimigo.

- (1) O primeiro envolve técnicas para manter o pelotão e as secções prontas para combate. Inclui manter os soldados saudáveis e moralizados, através da higiene pessoal, condição física e planos de descanso. Também inclui manter o equipamento em boas condições de trabalho, e providenciar mantimentos e manutenção.
- (2) O segundo envolve segurança, dispersão, cobertura, camuflagem, decepção e supressão de fogo inimigo. A força ganha proteção, escavando posições de combate, quando estáticas por longos períodos de tempo; escolher o terreno apropriado e coberto quando em movimento no caso de infantaria montada; desembarcar a força para aumentar a proteção; e através de sobre apoio, fogo de supressão e ocultação. A infantaria tenta ditar sempre o tempo e local para iniciar o combate. Deve-se proteger a si mesmo; através do uso de máximo poder de fogo e do elemento surpresa.

**d. Liderança.**

É o elemento mais importante do poder de combate. A liderança militar é um processo, em que um militar influencia outro a cumprir a missão. Os líderes coordenam os elementos do poder de fogo, em que a liderança competente e confiante resulta numa Ação, por parte da unidade, efetiva. Uma liderança eficaz, transmite um propósito, direção e motivação para o combate. Um líder deve conhecer a sua atividade, os seus soldados e as ferramentas da guerra. Apenas os líderes que conseguem interiorizar a

personagem do guerreiro, conseguem inspirar e direccionar os soldados para cumprir tarefas difíceis, sob condições perigosas e de *stress*.

**e. Informações.**

Potencia a liderança e aumenta os efeitos da manobra, poder de fogo e proteção de pontos decisivos. Os comandantes têm acesso e uma compreensão do quadro global da situação tática. O que permite desenvolver os seus planos de maneira a empregar da melhor forma, os elementos de combate, durante a Ação decisiva. Permite-lhes também, tomar decisões cruciais, no decorrer da missão, aumentando a probabilidade de sucesso.

**0106.Considerações no Emprego**

Um comandante deve considerar o seguinte, no emprego de táticas da infantaria.

- a.** Os pelotões e as secções, quando em contacto com o inimigo, combatem ao nível mais baixo possível. Quando em contacto com o inimigo, todos os soldados e os seus comandantes, devem tomar ações imediatas, assim como seguir ordens e procedimentos estabelecidos. As NEP da unidade, são procedimentos normalizados que ajudam o pelotão a proceder a ações imediatas.
- b.** Os pelotões e as secções em contacto devem efetuar fogo de supressão eficaz, para se movimentarem até ao flanco inimigo. Se o pelotão ou a secção, não se conseguir movimentar, utilizando o seu próprio poder de fogo, o comandante deve solicitar apoio ao escalão superior. O pelotão tem de ganhar superioridade em volume de fogos, para de seguida se movimentar até ao flanco do inimigo. Para isso, as viaturas devem executar o fogo de supressão, movimentarem-se para um local para desembarcar as secções, no caso de se encontrarem em espaço aberto, e depois constituir uma posição de apoio pelo fogo com as esquadras de viaturas e de apoio. O CmdtPel determina se o pelotão deve assaltar, fixar, fixar e contornar ou efetuar uma rotura.
- c.** Os pelotões e as secções combatem de modo organizados devidamente treinados. O pelotão combate por elementos, quer apeados quer montados. Os elementos apeados combatem com esquadra de apoio e esquadra de manobra. Os elementos montados combatem por esquadras de viatura. O CmdtPel e a 1ªSecção são o grupo A, a 2ªSecção e a 3ªSecção são a grupo B. Quer as esquadras, quer as secções devem manter sempre a sua integridade.

Página intencionalmente em branco



## **CAPÍTULO 2**

### **COMANDO, CONTROLO E PROCEDIMENTOS DE COMANDO**

*O objetivo do comando e controlo é de implementar a vontade do comandante para o cumprimento da missão da unidade. Comando e controlo é ao mesmo tempo um sistema e um processo; a componente essencial para ambos é a liderança. Este capítulo indica técnicas e procedimentos usados pelos pelotões de infantaria, secções e esquadras de Infantaria no comando, controlo e comunicações, também são descritos os procedimentos no comando de tropas, comunicações no combate e ordens de operações Os desenvolvimentos técnicos num pelotão equipados com viaturas de transporte de pessoal fornecem aos líderes vários melhoramentos significativos de comando e controlo. Mesmo com os desenvolvimentos técnicos, os comandantes de pelotão e as secções devem usar técnicas comprovadas nas tácticas para a missões e liderança, pois as viaturas não estarão sempre na proximidade ou numa posição que permita apoiar as comunicações.*

#### **SECÇÃO I - COMANDO E CONTROLO**

Comando e controlo (C2) auxilia o comandante para orientar, coordenar e controlar a força no cumprimento da missão.

##### **0201.Liderança**

A liderança é o ato de influenciar os homens para o cumprimento da missão sendo uma componente vital no comando e controlo.

**a. Finalidade.**

A finalidade transmite um motivo para o cumprimento da missão.

**b. Direções.**

Transmitem ao soldado recursos para o cumprimento da missão.

**c. Motivação.**

A motivação transmite a vontade de cumprir a missão.

**d. Comunicações.**

Para o comando e controlo, os comandantes devem comunicar com os seus subordinados através dos meios rádios digitais que representam um salto tecnológico em comparação aos meios rádios anteriores. Assim os seus utilizadores deverão conhecer os procedimentos rádio e como trabalhar com estes. O treino deve ser constante a fim de não haver uma perda de conhecimentos e de procedimentos.

## **0202. Comando e controlo da missão**

O comando e controlo na missão apresentam um método de dirigir operações militares, em que ambos encorajam e ajudam no cumprimento das tarefas dos comandantes de Batalhão e Companhia. O C2 na missão requer que os elementos subordinados entendam o propósito e a intenção do comandante (dois escalões acima). Conferindo assim liberdade de ação perante a mudança do combate.

### **a. Incerteza no Combate.**

O comandante de pelotão tem que estar preparado para a incerteza do combate, uma vez que as condições de combate são dinâmicas podendo, muitas vezes, confundir, desorientar o comandante da força para o cumprimento da missão. Através das informações deverá entender e descobrir o desfecho da batalha, o que obriga o comandante a usar tudo o que estiver ao seu alcance, nomeadamente pessoal, material e manobras para recolher informações evitando assim a surpresa. O planeamento por vezes pode ser alterado devido à mudança do combate, exigindo assim uma flexibilidade e liderança dinâmica durante o desenvolvimento das operações.

### **b. Reduzir a intervenção do Comandante.**

Deve-se controlar a intervenção do comandante a fim de evitar que os subordinados percam a iniciativa. Para contrariar esta tendência devem ser atribuídas missões com um mínimo da intervenção por parte do comandante. O comandante de pelotão deve treinar todas as tarefas com os subordinados para o cumprimento da missão.

### **c. Organização do tempo disponível para o Planeamento.**

O comandante de pelotão, mediante o tempo que tem para realizar o planeamento da missão, deve assegurar tempo suficiente para os seus subordinados. Regra do 1/3 para o comandante e 2/3 para a força (no mínimo).

### **d. Liberdade de Ação para os subordinados.**

Os comandantes devem evitar limitações desnecessárias aos seus subordinados, e devem estar preparados para lhes dar oportunidade para a sua tomada de decisão.

### **e. Circulação da informação.**

Os comandantes de secção e de esquadra em determinadas ocasiões, não necessitam de receber indicações do comandante de pelotão para reagir a situações inopinadas, que possam ocorrer durante uma missão. Por vezes, devido à sua localização no terreno, um ou dois subordinados podem esclarecer melhor o comandante de pelotão acerca da situação. Assim torna-se uma situação crítica para o comandante de pelotão enquanto este desenvolve uma solução tática. Perante esta situação os comandantes subordinados resolvem o problema, ficando

responsáveis por coordenar o comando e controlo, tornando-se uma Ação crítica para o comandante de pelotão.

**f. Comando.**

O comandante de pelotão posiciona-se onde conseguir controlar melhor a força e onde consiga decidir perante situações críticas que possam ocorrer no desenrolar do combate. Conseguindo assim controlar a sua própria força e resolver quaisquer situações que possam ocorrer durante o combate. Este, para continuar a receber informação, tem ao seu dispor meios avançados de aquisição de informação tais como meios rádios e meios de aquisição de informação inteligente. O sargento de pelotão tem um papel importante uma vez que comandará o pelotão sempre que for necessário.

**g. Atualizar o retrato digital operacional.**

O comandante estrutura o campo de batalha baseado na sua intenção e no MITM-TC. A área do campo de batalha pode ser muito variada, em que podemos ter um Campo de Batalha com uma frente e uma retaguarda e unidades adjacentes ou um Campo de Batalha não estruturado com algumas áreas seguras em que não existe frente batalha ou retaguarda. Assim manter, o COP (*Common operating Picture*), retrato digital operacional de todas as unidades atualizado torna-se mais difícil num campo de batalha não tradicional. As operações de elevada mobilidade envolvem forças de pequeno efetivo em detrimento das antigas estruturas rígidas. Para perceber o Campo de Batalha, o Comandante de Pelotão deve conhecer a situação das forças amigas um escalão acima. Assim que possível deverá partilhar a informação com os seus comandantes de secção e esquadra. O comandante de pelotão deverá conhecer a morfologia do terreno, as condições meteorológicas assim com a situação do inimigo. Este deve visualizar como o inimigo vai atuar, as forças amigas e como o terreno pode afetar a ação das nossas forças.

O estudo da situação:

- Inclui uma análise aprofundada do terreno e das relações entre as forças amigas e inimigas e como estas vão evoluir ao longo do combate;
- Ajuda aos comandantes a tirar conclusões, tomar decisões que antecipem acontecimentos futuros, caso o tempo seja curto deve seguir os procedimentos de comando de tropas;
- Serve também de base para os comandantes de pelotão, sargentos de pelotão, comandante de secção e comandante de esquadra, fornecendo igualmente respostas a problemas táticos;
- Reduz o fratricídio.

**NOTA:** O comandante de pelotão deve entender a situação e intenção do comandante, dois escalões acima. Contudo, devemos saber, em tempo real, o que se passa no campo de batalha com o máximo detalhe.

## SECÇÃO II - PLANOS E ORDENS

Os planos são bases para qualquer missão. No desenvolvimento do plano, o comandante de pelotão recolhe informações para o melhor cumprimento da missão deve saber qual intenção do comandante, dois escalões acima. O comandante de pelotão poderá usar os procedimentos de comando para realizar um plano e para preparar uma ordem de operações. São adicionadas tarefas para os subordinados, avaliam-se os recursos disponíveis e estabelece-se as prioridades para a realização da missão. Os seguintes temas cobrem uma grande parte de assuntos que são desenvolvidos nas ordens de operações, assim como fazem parte da introdução da discussão nos procedimentos de comando de tropas. Assim concentra-se no estudo da missão e na intenção de comandante, que fornece fundamentos doutrinários para a Ordem de Operações. O Comandante de Pelotão pode incluir informações nas Ordens Preparatórias, Ordens de Operações e Ordens Parcelares.

### 0203.Missão

O comandante de pelotão deve usar a missão para resumir o que vai decorrer. É apenas um breve paragrafo que descreve o tipo de operação, tarefas táticas ou finalidades, ações a serem tomadas e as razões destas ações. É escrita tendo em base Quem (unidade), o Que (tarefa), Quando (grupo data - hora), Onde (localização coordenadas ou nome do objetivo) e para Quê. O comandante de pelotão tem que assegurar que a missão é compreendida por todos, desde os comandantes subordinados até aos soldados. Outras considerações que a ser aplicadas durante a produção da missão restabelecida são:

#### a. Operações.

As operações são organizadas mediante quatro tipos: Ofensiva, Defensiva, Apoio e Estabilização (Ofensivas, Defensivas, Retardamento, Transição, aeromóveis, transportadas, anfíbias, ambientes específicos, CRO e outras).

#### b. Tarefas.

As tarefas táticas são realizadas pelas unidades durante uma operação ou durante uma manobra, (cada tarefa pode ser utilizada como título numa missão para descrever uma determinada Ação a ser realizada). Deverão ser claras, precisas e concisas (Figura 2-2). As tarefas táticas requerem táticas e técnicas específicas e procedimentos para o pelotão.

<b>Destruir</b>	<b>Cercar</b>
<b>Desarticular</b>	<b>Segurar</b>
<b>Fixar</b>	<b>Limpar</b>
<b>Suprimir</b>	<b>Isolar</b>
<b>Deter</b>	<b>Abrir brecha</b>
<b>Apoiar pelo fogo</b>	<b>Segue e apoia</b>
<b>Atacar pelo fogo</b>	<b>Segue e assume</b>
<b>Interditar</b>	<b>Reter</b>
<b>Canalizar</b>	<b>Reduzir</b>

Figura 2-2 - Exemplos de tarefas táticas.

**c. Finalidade.**

Uma Finalidade deverá ser clara e simples. Os subordinados deverão tomar conhecimento uma vez que o pelotão poderá conduzir uma missão e prestar apoio a outras unidades.

**d. Onde situar a Ordem de operações.**

O comandante de pelotão tem várias opções. Uma delas é situar a ordem de operações onde dará os contornos das tarefas e das finalidades aos seus subordinados. A sua maior preocupação é a colocação da ordem de operações para que apoie ao máximo os seus comandantes subordinados, para um melhor entendimento da finalidade e da tarefa, tendo como base as 5 questões (Figura 2-3).

**EXEMPLO:**

O 3º pelotão (quem executa a tarefa) ataca para cercar (qual a tarefa) a ponte (NX330159) (onde executar a tarefa?) em 040600ZFEV01 (quando executar a tarefa?) para que o 1º pelotão passe (esforço da companhia) no OBJ AGUIA (finalidade da tarefa)

**Ou, dividindo nas cinco perguntas:**

Quem, 3º pelotão.

O quê, cerca.

Onde, ponte (NX330159).

Quando, 040600ZFEV01.

Porquê, para permitir a passagem do 1º pelotão (esforço da companhia) no OBJ AGUIA.

Figura 2-3 - Exemplos de missões.

**0204. Tipos de ordens**

Os vários tipos de ordens são recursos através dos quais o comandante de pelotão recebe e dá as ordens mediante as informações que recebe. Os tipos de ordens que existem são ordem preparatória, ordem de operação e ordem parcelar que são absolutamente críticas para o sucesso da missão. Numa situação tática os comandantes de pelotão e os comandantes subordinados trabalham nas várias ordens constantemente para uma atualização contínua. Contudo é necessário saber os formatos corretos e os vários tipos de ordens. Ao mesmo tempo os soldados devem saber como receber as ordens e como responder sendo o treino das ordens no pelotão contínuo.

**a. Ordem preparatória.**

Os comandantes de pelotões alertam os pelotões através da ordem preparatória durante o planeamento de uma operação. A ordem preparatória é uma ferramenta de trabalho para o comandante de pelotão durante o planeamento da missão. O comandante de pelotão deve realizar várias ordens para que os seus subordinados se preparem para a missão. As diretrizes contidas nas ordens preparatórias permitem uma preparação atempada da força.

- (1) O conteúdo das Ordens preparatórias é baseado em duas variáveis: informação disponível acerca da operação a realizar e instruções especiais. Estas informações são transmitidas pelo comandante de companhia aos comandantes de pelotão, para que estes coordenem treinos mais corretos para as operações futuras.
- (2) A ordem preparatória é fornecida com vista a alertar a unidade da operação a realizar assim como informação tática e até abreviar a ordem de operações.

AÇÃO COMANDANTE DE PELOTÃO	POSSÍVEL CONTEUDO DA ORDEM PREPARATÓRIA	OBJECTIVO DO COMANDANTE DE PELOTÃO
Receber a ordem preparatória da companhia	Ordem preparatória nº1 contém: Plano de segurança. Plano de movimentos. Fita do tempo. Treinos a ser efetuados.	Preparar secções e viaturas para movimentação para a zona de reunião tática. Obter cartas de situação.
Conduzir a análise MITM-TC	Ordem preparatória nº2 contém: Missão de forças amigas. Situação do Inimigo. Análise do terreno. Missão do pelotão.	Início da análise da missão ao nível de secção. Início treinos genéricos (simulações de tarefas relacionadas). Preparar para o combate.

Elaborar o plano	Ordem preparatória nº3 contém: Conceito de operação; Conceito de fogos; Tarefas e finalidade das subunidades; Atualização da situação.	Identificar os requisitos de informação ao nível de pelotão. Reconhecimento de comandantes Preparação para o combate
------------------	--	--

Tabela 2-1 - Exemplos de múltiplas ordens de aviso.

**b. Ordem de Operações.**

A ordem de operações tem cinco parágrafos dada ao comandante de pelotão com a finalidade de coordenar a execução da missão. Quando existe tempo disponível e informação, o comandante de pelotão realiza normalmente a ordem de operações como parte dos seus procedimentos de comando, contudo, depois de ter emitido várias ordens preparatórias, este não deve repetir informação já transmitida. O comandante de pelotão deve sim reforçar a sua visualização da ação aos seus subordinados. É de realçar que o comandante de pelotão deve esquematizar a sua ordem preparatória como suplemento da ordem de operações ou usará como ferramenta na execução da missão. Contudo a matriz da ordem de preparatória não substitui os cinco parágrafos da ordem de operações.

**c. Ordem parcelar.**

A Ordem parcelar é dada oralmente ou escrita. A ordem parcelar escrita pode seguir os cinco parágrafos da ordem de operações devidamente estruturados, contudo inclui apenas informação necessária para os subordinados para cumprirem a missão. Para melhor compreensão da ordem parcelar podem ser acompanhadas por dispositivos digitais de imagem. O comandante de pelotão utiliza a ordem parcelar para:

- Comunicar alteração da situação do inimigo ou das nossas forças;
- Tarefas dos subordinados que tiveram que ser alteradas devido a situação;
- Ações temporárias;
- Fornecer extratos importantes de ordens;
- Fornecer instruções intercalares até fornecer uma ordem detalhada;
- Instruções específicas, para os subordinados que não necessitem de uma ordem completa.

### SECÇÃO III - PROCEDIMENTOS DE COMANDO

Os procedimentos de comando iniciam quando o comandante de pelotão recebe as primeiras indicações acerca do cumprimento de uma missão. Os procedimentos de comando (Figura 2-4) compreendem uma sequência de ações que auxiliam o comandante de pelotão a rentabilizar o tempo disponível de um modo eficiente para cada ordem, assim como para por em prática as operações táticas. Os procedimentos não são difíceis e são um conjunto rápido de regras. Estes são um guia que devem ser aplicados mediante as situações e a experiência do comandante de pelotão assim como os comandantes subordinados. As tarefas como iniciar movimentos ou conduzir reconhecimentos podem ocorrer várias vezes para melhorar o processo. A última ação que está associada à supervisão e ao melhoramento do plano ocorre continuamente ao longo do procedimento de comando.

RECEPÇÃO DA MISSÃO
TRANSMITIR ORDEM PREPARATÓRIA
ELABORAR UM PLANO PREVISÓRIO
INICIAR MOVIMENTOS
EFFECTUAR RECONHECIMENTOS
COMPLETAR O PLANO
TRANSMITIR A ORDEM DE OPERAÇÕES
SUPERVISAR E REFINAR

Figura 2-4 - Procedimentos de comando de tropas.

#### **0205. Receber a missão**

Este passo inicia-se com a recepção de uma ordem preparatória da companhia. Pode começar também quando o comandante de pelotão recebe a ordem de operações do comandante de companhia. Este deve ser o mais rápido possível para o comandante de pelotão começar a organizar a sua força para o combate através da ordem preparatória. Para o comandante de pelotão na análise da missão o essencial é analisar os fatores MITM – TC, mas sem muitos detalhes. Isto ocorre depois da ordem preparatória.

#### **0206. Ordem preparatória**

Depois do comandante de pelotão determinar a missão do pelotão e os limites ao nível do tempo para planejar, preparar e executar, este imediatamente emite uma ordem preparatória oral aos seus comandantes subordinados. Apesar do comandante de pelotão fornecer a missão ao pelotão a ordem preparatória também fornece um horário para planejar. O comandante de pelotão também transmitirá informação que ache necessário no decorrer da ação. O mais importante é que a ordem preparatória deve ser emitida em tempo oportuno para



que os comandantes subordinados comecem a organizar as suas forças, efetuando o planeamento paralelo.

## **0207. Planos iniciais**

Depois de receber a ordem de operações ou a ordem preparatória do escalão superior, o comandante de pelotão começa a realizar um plano inicial. O processo de desenvolvimento deste plano divide-se em quatro ações: análise da missão, desenvolvimento da modalidade da ação, análise da modalidade de ação e seleção da modalidade de ação. O comandante de pelotão apoia-se na análise do MITM-TC do escalão superior para realizar os seus estudos, que lhe poupar tempo e focar a sua análise em áreas que podem afetar os seus planos. Normalmente, o comandante de pelotão desenvolve uma modalidade de ação mas, se houver mais tempo disponível, deve elaborar mais que uma modalidade de ação para poder efetuar uma comparação e posteriormente selecionar a melhor.

### **a. Análise da missão.**

É um processo contínuo durante o desenvolvimento das operações em que requer que o comandante de pelotão analise todos os fatores do MITMC-TC em grande profundidade consoante o tempo disponível. Os fatores do MITMC-TC são sempre analisados de uma forma sequenciada. Esta análise é feita dependendo da disponibilidade da informação. A técnica para análise é baseada à medida que o comandante de companhia recebe os estudos da missão, terreno, meteorologia, nossas forças, tempo disponível, e considerações civis. O comandante de pelotão pode racionalizar o esforço através do acesso de dispositivos digitais que contêm informação do Batalhão ou da Brigada com o objetivo de colmatar algumas falhas de informação. Assim este pode produzir conclusões e aperceber-se dos elementos cruciais para o cumprimento da missão.

#### **(1) Análise da missão.**

Os comandantes de todos os escalões devem ter um conhecimento da missão, intenção e conceito de operação, um ou dois escalões acima. Assim, os comandantes têm que ter um entendimento comum da missão para obter movimentos e iniciativas disciplinadas. Uma técnica para uma melhor compreensão será o desenho de um pequeno esboço com conceito de operação do batalhão e da companhia, caso não seja fornecido pelo comandante. O comandante de pelotão, saberá assim onde é que o seu pelotão se situa no terreno e poderá restabelecer a missão. Esta será escrita depois de uma análise à: missão do batalhão, intenção, conceito, missão da companhia, intenção e conceito, identificação de tarefas explícitas, implícitas e essenciais, identificação dos riscos e algumas restrições.

(a) Missão do batalhão, intenção e conceito.

O Comandante de pelotão deve entender o conceito de operação do comandante de batalhão. Este identifica as tarefas do Batalhão, as finalidades e como as suas companhias atuam no combate. O comandante de pelotão deverá entender a intenção do comandante de batalhão que se encontra no parágrafo 1.a. Forças Amigas na ordem de operações da companhia.

(b) Missão da companhia, intenção e conceitos.

O comandante de pelotão tem que entender o conceito do comandante de companhia na operação. Este identifica a tarefa e a finalidade assim como a contribuição do pelotão no combate integrado na companhia. O comandante de pelotão deve ter um entendimento claro da intenção do comandante que se encontra no segundo e no terceiro parágrafo. Adicionalmente o comandante de pelotão identifica as tarefas, finalidades e a disposição para manobra que estão à responsabilidade da companhia.

(c) Missão do pelotão.

O comandante de pelotão encontra a missão do pelotão no conceito do comandante de companhia no parágrafo da operação. A finalidade do pelotão normalmente coincide com a da companhia. O comandante de pelotão deverá entender que a finalidade do seu pelotão coincidirá com a finalidade de outro pelotão, este determinará uma tarefa tática através da finalidade atribuída. Finalmente o comandante de pelotão saberá porque foi lhe dada uma determinada tarefa e como esta vai se articular no conceito de operação.

(d) Restrições.

As restrições são impostas ao comandante de pelotão pelo comandante de companhia para ditar a ação ou as restrições na liberdade de movimentos. O comandante de pelotão tem que identificar na sua zona de ação todas as restrições definidas pelo comandante de companhia. As restrições podem ser ao nível do empenhamento de forças assim como restrições de movimentos.

(e) Identificação de tarefas.

O comandante de pelotão deverá identificar e compreender as tarefas necessárias para o cumprimento da missão. Existem três tipos de tarefas: explícitas, implícitas e essenciais:

- Tarefas explícitas: Estas tarefas são atribuídas ao pelotão pelo comandante e encontram-se no parágrafo dois e três da ordem de

operações da companhia. As especificações também podem estar nos anexos ou nos apêndices.

- Tarefas implícitas: Estas tarefas têm que ser realizadas para cumprir a missão mas não estão expressas na Ordem de Operações. Este tipo de tarefas deduzem-se à medida que analisa se detalhadamente a ordem de operações, situação do inimigo, o decorrer da ação e do terreno, análise da atual localização do pelotão assim como requisitos doutrinários para cada tarefa específica.
- Tarefas essenciais: Uma tarefa essencial é uma tarefa que tem que ser realizada para o cumprimento da missão.

(f) Identificação dos riscos.

É a possibilidade de ocorrer um ferimento ou morte de militares, danos materiais ou perda da viatura ou equipamento. O risco está sempre presente nos combates ou nos treinos dos pelotões. A gestão do risco deve ocorrer ao longo da cadeia de comando durante todas as operações. A gestão do risco deverá ser feita por todos assim como evitar o fratricídio para garantir que as operações ocorram em segurança durante as operações com restrições.

(g) Missão restabelecida do pelotão.

O comandante de devera reforçar a missão do pelotão com as cinco questões (Quem? O Que? Onde? Quando? Porquê?).

(2) Análise do Terreno e condições meteorológicas.

O comandante de pelotão deve realizar um estudo detalhado do terreno para determinar como é que o inimigo pode atacar a sua posição e quais os eixos de aproximação que pode utilizar. Caso o tempo de planeamento seja reduzido o comandante de pelotão deve ter como prioridade a análise do terreno. Por exemplo, na condução do assalto, a prioridade para o comandante de pelotão ao nível de análise é o terreno envolvente do objetivo e os eixos de aproximação para o objetivo.

(a) O terreno pode ser classificado da seguinte forma, relativamente à mobilidade:

- Terreno adequado. A progressão neste tipo de terreno é livre e a progressão não é difícil. Para as forças mecanizadas o terreno é plano ou ligeiramente inclinado com obstáculos dispersos que não causam dificuldade na progressão. Este tipo de terreno normalmente permite grandes manobras permitindo uma grande liberdade de movimentos, obrigando um avanço rápido das forças;

- Terreno restritivo. Este tipo de terreno dificulta de alguma forma a progressão tendo por vezes a necessidade de se desviar de algum obstáculo natural. Este tipo de terreno poderá causar alguns problemas para manter a velocidade constante principalmente nas formações de combate ou na mudança destas formações. O terreno poderá ter vários obstáculos, desde arbustos, paus, pedras e edifícios. Contudo, se a prioridade for a segurança, este terreno pode ser vantajoso tanto para forças inimigas como forças amigas devido a zonas com uma boa cobertura;
  - Severamente restritivo ou impeditivo. Este tipo de terreno dificulta severamente ou reduz muito a progressão das formações de combate ou caso contrário terá que se empregar alguns meios para que isto não aconteça. Neste caso será necessário emprego da engenharia para melhorar a mobilidade; caso não seja utilizada, será necessário a força desviar-se dos obstáculos e adotar formações de combate como coluna e espinha. Este terreno requer equipamento não orgânico para que as unidades continuem a progredir.
- (b) Os aspetos militares do terreno (OCOPE), são usados para analisar o solo, normalmente a sequência de análise dos aspetos militares do terreno são: os obstáculos, eixos de aproximação, pontos importantes, observação e campos de tiro, os cobertos e abrigados (Figura 2-5). Para cada aspeto do terreno tem se ter em conta as forças amigas e inimigas. Estes estudos têm implicações diretas nas forças amigas e inimigas.

<b>OCOPE</b>
<b>OBSERVAÇÃO E CAMPOS DE TIRO</b> <b>COBERTOS E ABRIGOS</b> <b>OBSTÁCULOS</b> <b>PONTOS IMPORTANTES</b> <b>EIXOS DE APROXIMAÇÃO</b>

Figura 2-5 - Aspetos militares do terreno.

- Obstáculos. O comandante de pelotão primeiro identifica os obstáculos existentes na sua área de operações. Estes podem ser ravinas, falhas, trincheiras com 3 metros de largura, abatis e rochas de grandes dimensões, obstáculos realizados pelo homem como áreas edificadas.

Também podem incluir campos de minas, trincheiras anti carro, crateras nos itinerários, obstáculos de arame (Figura 2-6).

#### **CONSIDERAÇÕES OFENSIVAS**

- Como é que o inimigo está a usar os obstáculos e as características do terreno?
- Posso usar as viaturas para apoiar o movimento apeado?
- Qual é a composição dos obstáculos de reforço do inimigo?
- Afetam o meu movimento e/ou minha manobra?
- Onde irei desembarcar e perder a minha conectividade digital?
- Onde é que terei de desembarcar para evitar os fogos diretos ou indiretos do inimigo?
- Se, necessário, como poderá a companhia evitar esses acontecimentos?
- Como é que detetamos e se desejado, contornamos os obstáculos?
- Onde é que o inimigo tem as armas para bater os obstáculos posicionadas e que tipo de armas estão usar?
- Se tenho de apoiar ou executar uma brecha, onde é o local esperado para a brecha?

#### **CONSIDERAÇÕES DEFENSIVAS**

- Onde pretendo bater inimigo? Para onde pretendo que vá?
- Como é que os obstáculos existentes e as restrições do terreno afetam o inimigo?
- Como é que posso usar estes recursos para forçar o inimigo a entrar nas minhas áreas de empenhamento, negar-lhe eixos ou desarticular o seu movimento?

Figura 2-6 - Considerações de obstáculos e análise do terreno.

- Eixos de aproximação. Os eixos de aproximação de uma força que realizem um ataque ao objetivo podem ser aéreos e terrestres. Para cada eixo de aproximação o comandante define quais os que são montados e apeados, tamanho, formação e velocidade de progressão. As forças montadas podem progredir em eixos com terreno restritivo e adequado. Os eixos de aproximação para as tropas apeadas ou das unidades de reconhecimento normalmente progridem em terreno restrito ou impeditivo. A análise do terreno deve ser feita tanto para as nossas tropas como para o inimigo (Figura 2-7);

### **CONSIDERAÇÕES OFENSIVAS**

- Como poderei usar cada eixo de aproximação para apoiar o meu movimento e ou manobra?
- Como poderá cada eixo garantir técnicas de movimento, formações e (assim que se estabeleça contacto com o inimigo) manobra?
- Irão variações na traficabilidade forçar alterações nas formações ou técnicas de movimento ou se requerem treinos específicos?
- Quais são as vantagens e/ou desvantagem de cada eixo?
- Quais são os prováveis eixos de contra – ataque de inimigo?
- Existirão rotas laterais que nós possamos usar para mudar para outros eixos ou que o inimigo possa usar para nos ameaçar os flancos?

### **CONSIDERAÇÕES DEFENSIVAS**

- Quais são os prováveis eixos inimigos para o meu sector?
- Como poderá o inimigo usar cada eixo de aproximação?
- Existirão rotas laterais que o inimigo possa usar para nos ameaçar os flancos?
- Que eixos suportariam um contra – ataque das nossas tropas?

Figura 2-7 - Considerações na análise dos eixos de aproximação.

- Ponto importante. Devem ser marcados da retaguarda da atual posição para a frente até ao último objetivo. O comandante pelotão terá que saber qual são os pontos importantes para o cumprimento da missão que podem ser utilizados para executar fogo direto e Ponto de Observação/Ponto de escuta (PO/PE):
  - ✓ Um exemplo de ponto importante para um pelotão pode ser a crista militar que concede uma boa visualização e campo de tiro para um eixo de aproximação terrestre. Contudo os pontos mais altos no terreno nem sempre são pontos importantes;
  - ✓ A escolha de um ponto importante (Figura 2.8), para o comandante de pelotão assenta em vários pormenores que são: observação, campos de tiro, cobertos e abrigos.

### **CONSIDERAÇÕES OPERACIONAIS**

- Que terreno é chave para a companhia e para o batalhão e porquê?
- Está o inimigo a controlar terreno importante?
- Que terreno é chave para o inimigo e porquê?
- Que terreno é chave para observação amiga, quer para comando e controlo quer para regular fogos?

Figura 2-8 - Considerações da análise de pontos importantes.

- Observação e campos de tiro. O comandante de pelotão analisa além das áreas adjacentes, pontos importantes, eixo de aproximação e obstáculos, analisa também a observação e campos de tiro tanto da nossa força como do inimigo. O comandante de pelotão identifica e determina quando é que o contacto visual acontece entre as suas forças e as forças inimigas. Este deverá igualmente preocupar-se com o alcance das armas do inimigo e os seus alcances assim como das suas armas (Figura 2-9). Os observadores devem estar inseridos nas suas preocupações para que não sofra fogo de armas de tiro indireto.

### **CONSIDERAÇÕES OFENSIVAS**

- Está garantido a observação e os campos de tiro junto ou perto do objetivo para observadores inimigos e sistema de armas?
- Onde poderá o inimigo concentrar os fogos?
- Em que posição está vulnerável?
- Qual a localização de possíveis posições de apoio pelo fogo ou ataque pelo fogo para forças amigas?
- Onde estão os Pontos de Referência no Objetivo (PRO) naturais?
- Onde é que eu posiciono os observadores dos fogos indiretos?

### **CONSIDERAÇÕES DEFENSIVAS**

- Que localizações garantem boa observação e campos de tiro ao longo dos eixos de aproximação inimigos?
- Onde é que o inimigo definirá linhas de gatilho e ou armas anticarro?
- Onde é que eu serei incapaz de concentrar fogos em massa?
- Onde são as zonas mortas no meu sector? Onde sou eu vulnerável?
- Onde são os PRO naturais?
- Onde é que eu posiciono os observadores de fogos indiretos?

Figura 2-9 - Considerações de análise na observação e campos de tiro.

- Cobertos e abrigos. Os abrigos protegem o pelotão dos fogos das armas e dos seus efeitos enquanto os cobertos protegem a força da observação do inimigo (Figura 2-10).

#### **CONSIDERAÇÕES OFENSIVAS**

- Que eixos garantem tanto campos de tiro limpos como cobertos e abrigos eficazes?
- Que terreno fornece cobertos e abrigos enquanto facilita e aumenta a letalidade?

#### **CONSIDERAÇÕES DEFENSIVAS**

- Que localizações garantem cobertos e abrigos eficazes assim como campos de tiro limpos?
- De que modo poderá o inimigo usar os cobertos e abrigos existentes?

Figura 2-10 - Considerações de análise dos cobertos e abrigos.

(c) Existem cinco aspetos militares a ter em conta relativamente à meteorologia que são a:

- Luminosidade;
- Visibilidade;
- Temperatura;
- Precipitação;
- Vento.

O comandante de pelotão relativamente à meteorologia deve produzir conclusões acerca como estes fatores que vão afetar o seu pelotão e o inimigo. Também receberá indicações do comandante de companhia no entanto terá que descobrir as próprias tarefas críticas acerca destes cinco elementos da meteorologia.

- Luminosidade. O Comandante de pelotão identifica conclusões críticas acerca do início do crepúsculo náutico matutino, nascer do sol, pôr-do-sol, crepúsculo náutico vespertino, nascer da lua cheia, pôr da lua cheia e a percentagem de iluminação. Assim algumas considerações sobre a luz são:

- ✓ Será que o nascer do sol começa com o meu ataque?
- ✓ Como é que eu posso tirar vantagem da pouca luminosidade?
- ✓ Como é que a pouca luminosidade pode afetar a aquisição de alvos para as nossas forças?



- Visibilidade. O comandante de pelotão identifica conclusões críticas acerca dos fatores de visibilidade (como o nevoeiro, nevoeiro derivado à poluição e humidade) assim como nebulosidade provocada pelo inimigo como fumo ou pó. Algumas considerações serão:
  - ✓ Será que as atuais condições são ideais para o uso de fumos para cobrir o avanço das nossas forças?
  - ✓ Será que o nevoeiro afetará as nossas forças ou o inimigo na aquisição dos alvos?
- Temperatura. O comandante de pelotão identifica as condições críticas acerca da temperatura, tais como altas ou baixas temperaturas ou fatores devido ao combate como fumo e uso de produtos químicos. Poderão levantar-se as seguintes questões:
  - ✓ Como a temperatura (quente ou fria) poderá afetar o pelotão durante o deslocamento?
  - ✓ Como é que as temperaturas afetam o equipamento?
  - ✓ Será que as temperaturas são ideais para o uso de químicos não persistentes?
- Precipitação. O comandante de pelotão avaliará quantidade, tipo e a duração da precipitação que irá ocorrer, a quantidade e a duração. Poderão levantar as seguintes questões:
  - ✓ Será que a precipitação irá afetar a mobilidade?
  - ✓ Será que a precipitação poderá causar surpresa?
- Vento. O comandante de pelotão identifica conclusões acerca deste fator, tais como a direção e a velocidade. As questões que se poderão levantar são:
  - ✓ Será que o vento irá dissipar rapidamente os fumos?
  - ✓ Será que o vento está a favor do inimigo?

(3) Análise do inimigo.

A análise do inimigo é extremamente importante para o comandante de pelotão uma vez este irá identificar as capacidades, o potencial, vulnerabilidades a fim de conhecer o inimigo o mais possível. O Comandante de Pelotão deve assumir os estudos que o comandante companhia realizou acerca do inimigo para fazer o seu próprio estudo que está compreendido nos planos de companhia. Assim o comandante de pelotão saberá como o inimigo vai atuar no combate contudo esta informação terá que ser sempre atualizada. Durante o estudo da doutrina não se deve apenas saber o tipo de viaturas, quantidade de soldados e de armas, mas também quais as armas mais importantes para o inimigo. Igualmente este terá

que ter atenção à doutrina do inimigo porque esta dirá como o inimigo se comportará em todas as situações táticas. Estas informações terão que vir do escalão superior até ao comandante de pelotão.

- (a) Composição da Ordem de Batalha. O comandante de pelotão deverá analisar e determinar o número e tipo de combatentes inimigos assim como viaturas e equipamento que poderá ser empenhado contra o pelotão. Esta informação está contida no primeiro parágrafo da ordem de operações da companhia. A sua análise deverá ver também como o inimigo se organiza para o combate e a possibilidade deste empenhar a reserva.
  - (b) Força. O comandante de pelotão identifica a força inimiga, ou seja, terá de saber com quantos homens e viaturas é que irá combater. O Comandante de Pelotão irá receber essa informação nos detalhes da Ordem de Operações.
  - (c) Capacidades. Consiste na avaliação nos meios do inimigo contra o pelotão mais concretamente nos alcances das armas e sistemas de armas inimigas que podem atacar o pelotão.
  - (d) Antecipar a modalidade de ação do inimigo. Com vista a antecipar o potencial do inimigo, o comandante aguarda pela primeira análise do terreno, meteorologia, capacidades e doutrina do inimigo, que virá do escalão superior. Além de tudo isto deverão ser considerados os reabastecimentos e o apoio de fogos previstos no dispositivo do inimigo, se existem motivações culturais e religiosas, quais as objetivos do inimigo, se o terreno e a meteorologia influenciam o inimigo.
- (4) Análise do efetivo.
- Este aspeto mais crítico da análise da missão é determinar o potencial da nossa própria força. O comandante tem de ser realista e deixar as emoções de lado para poder determinar as tarefas que podem ser cumpridas pela força. Esta análise também é feita quando uma força está a ser reforçada. O comandante de pelotão terá que avaliar igualmente o material, a experiência, o nível de treino, a força, a fraqueza dos seus homens e dos seus comandantes subordinados assim como força de apoio como armas anti-carro, equipas snipers, engenharia e apoio de fogos.
- (5) Análise da missão no tempo disponível.
- Quando os destinatários recebem a missão é extremamente importante determinar o tempo resta para realizar o planeamento, preparação e execução. O comandante de pelotão além desta análise deve-se também preocupar com o tempo que é gasto durante a preparação, movimentos, combate e apoio.

- (a) O comandante deverá ter em conta quanto tempo durará as tarefas como preparação, *back-brief* e tempo para os subordinados.
  - (b) Este deverá ter em conta quanto tempo demorará o emprego do apoio de fogos, armas pesadas de tiro direto montadas, assim como a quantidade de munições necessárias para o combate.
  - (c) Quanto tempo demorará a colocação do torpedo bengalório num obstáculo de arame?
  - (d) Sendo o mais importante a organização perante o tempo disponível para analisar a missão e cumprir a missão.
  - (e) Finalmente, o comandante de pelotão deverá atualizar constante mente os horários para que os seus subordinados estejam informados do tempo que lhes resta durante a preparação para a missão.
- (6) Análise das Considerações Civas. O comandante de companhia adverte os comandantes subordinados para as considerações civis da área de operações, no qual podem incluir movimento de refugiados, ajuda humanitária pedida, regras de empenhamento (ROE).
- (7) Conclusões da análise da missão. No final da análise da missão deverão tirar-se conclusões para formular uma modalidade de ação.

**b. Formulação da modalidade de ação.**

A finalidade da modalidade de ação é determinar uma ou mais modalidades de ação para atingir o objetivo aplicando todos os meios disponíveis decisivamente num local ou espaço de tempo com o menor número de baixas possível. Se houver tempo disponível devem sempre fazer mais que uma modalidade de ação em que deverão ser explicadas em detalhe e como se devem executar de uma forma clara. As modalidades de ação devem ser completas, distintas, adequadas e exequíveis. (Ver tabela 2-2)

**NOTA:** O comandante de pelotão deve ter em conta (dependendo de MITM-TC) a incorporação dos seus comandantes de secção no desenvolvimento da modalidade de ação. Incorporar os comandantes de secção no processo poderá adicionar tempo ao processo, mas irá ao mesmo tempo poupar tempo aumentando a compreensão do plano de comandante de pelotão.

<b>Adequada</b>	Se a m/a for corretamente executada, irá a unidade cumprir consistentemente com o conceito e intenção do comandante de batalhão?
<b>Exequível</b>	O pelotão deverá ter capacidade tática e técnica e os recursos para cumprir com sucesso a m/a. Em resumo, dada a situação do inimigo e o terreno, a unidade deverá ter o treino, equipamento, liderança e tempo disponível necessário para executar a missão com sucesso.
<b>Distinta</b>	Se mais que uma m/a forem criadas, então cada uma das m/a deverá ser suficientemente diferente de outras para justificar o seu desenvolvimento e consideração. Ao nível do pelotão, isto é muito difícil de alcançar, particularmente se o pelotão tiver liberdade de ação limitada
<b>Completa</b>	A m/a deve incluir Quem, o Quê, Quando, Onde, Como. A m/a deve referir os aspetos doutrinários de operação. Por exemplo, no ataque a um inimigo em posição, a m/a deve conter os movimentos até, posicionamento para, assalto de, e consolidação após.

Tabela 2-2 - M/a.

## (1) Passo 1 - Análise do potencial de combate.

Este passo compara as potencialidades/capacidades e os pontos fracos do potencial do combate tanto das nossas forças como das forças inimigas. Ao nível do pelotão este processo não deve ser complexo. Contudo, se o pelotão estiver atacar ou a defender contra uma força que não for ordenada como é o caso de forças de guerrilha ou terroristas este processo torna-se difícil. O comandante de pelotão dirá nas suas conclusões a sua análise sobre: o escalão superior, análise da missão, a força, fraqueza e vulnerabilidades. Em pequena escala o comandante de pelotão visualiza a manobra, poder de fogo, proteção, ação de comando e informações do seu pelotão se está acima das capacidades do inimigo.

## (2) Passo 2 - Criação de várias opções.

O comandante de pelotão deverá identificar os objetivos ou estabelecer fogos para atingir o objetivo.

- (a) Determinar os requisitos da doutrina. Apesar do comandante de companhia definir uma modalidade ação para a Companhia, o comandante de pelotão deve desenvolver uma modalidade de ação.
- (b) Determinar Pontos de decisão. Este ponto é importante uma vez que define pontos de decisão na modalidade de ação. Poderá ser dado pelo comandante de companhia ou pelo comandante de pelotão através sua análise do poder de combate ao seu nível.
- (c) Determinar a finalidade de cada elemento. Determinar a finalidade de cada elemento começando pelo esforço principal. Estas finalidades encontram-se dentro da finalidade do esforço principal.
- (d) Determinar a tarefa dos elementos subordinados. Começando pelo esforço principal, o comandante de pelotão deverá especificar as tarefas táticas,

sendo estas essenciais que iram permitir ao esforço principal e no apoio para atingir a finalidade.

(3) Passo 3 - Estabelecer a organização inicial das forças.

O comandante de pelotão deverá saber qual o número de secções e de armas necessárias para o cumprimento da missão, garantindo um desenvolvimento básico através de um esquema de manobra. Considerando a missão, intenção do comandante, e modalidade mais provável do inimigo, colocando no esforço principal. Este deve colocar os seus recursos no esforço principal e no ponto de decisão. Por exemplo, no ataque de ponto importante o esforço principal requer uma secção de infantaria e uma secção de engenharia para apoiar o avanço, enquanto as forças montadas apoiam pelo fogo, fazendo uso de todas as armas.

(4) Passo 4 - Desenvolvimento do esquema de manobra.

O esquema de manobra é a descrição de como o pelotão deve atuar dando uma visão clara aos seus comandantes subordinados desde o início até ao final da operação. O comandante realiza esta ação para ter noção do terreno disponível e para explorar a fraquezas do inimigo. Isto implica o uso de fogo indireto para apoiar a manobra. Devem ser implementadas igualmente medidas de controlo para ajudar a compreensão das tarefas, para evitar o fratricídio e para clarificar as tarefas e a finalidade.

(5) Passo 5 - Atribuir meios de comando.

O pelotão designa especificamente os elementos para o esforço principal, como por exemplo secções que foram nomeadas, segurando-se que cada secção tem comando e controlo.

(6) Passo 6 - Preparação de esboços para a modalidade de ação.

O comandante de pelotão ao seu nível prepara esboços dependendo do tempo disponível e das suas próprias capacidades. A modalidade de ação apoia-se nos esboços do esquema de manobra, realizado anteriormente na análise de situação. Estes são sempre realizados desde o início até ao final da missão. O comandante de pelotão deverá apoiar-se nos comandantes de secção para recolher informação para uma melhor condução da ação.

**c. Análise da modalidade de ação.**

Depois do desenvolvimento da modalidade de ação, o comandante de pelotão analisa a fim de determinar vantagens e desvantagens, para visualizar os desenvolvimentos da batalha e para eventual sincronização das forças.

**d. Comparação e seleção das modalidades de ação.**

Se o pelotão de comandante realizar mais do que uma modalidade de ação, terá que existir uma comparação especificando as vantagens, desvantagens, potencialidades

e as suas fraquezas. Devem ser contemplados igualmente o uso do terreno, a destruição do inimigo e outro aspeto que o comandante de pelotão achar importante para o cumprimento da missão. No final desta análise terá que ser feita uma escolha da modalidade de ação baseada na sua própria análise.

#### **0208. Iniciar movimentos**

O comandante de pelotão só ordena o iniciar de movimentos caso já não exista necessidade de preparação da força. Estes movimentos podem incluir movimentos na zona de reunião, posições de combate, perímetro de defesa, posições de ataque e movimentos de elementos de reconhecimento. Contudo todas as ações que forem feitas terão que ser avaliadas perante vários fatores tais como tempo disponível, risco, informação, e informadas ao escalão superior.

#### **0209. Condução de reconhecimentos**

Apesar do comandante de pelotão fazer parte do reconhecimento de comandantes, deverá continuar a realizar reconhecimentos antes de desenvolver os seus planos. O objetivo do reconhecimento é confirmar os *PIR (Priority Intelligence Requirement)*.

- a. Estes PIR são suposições ou ações críticas acerca da localização do inimigo ou do potencial inimigo. Também assumem-se como suposições acerca do terreno, por exemplo uma posição de apoio de fogos pode suprimir o inimigo ou fazer fogo para o eixo de aproximação.
- b. O Comandante de pelotão poderá realizar reconhecimentos com os seus comandantes de secções ou poderá mandar executar patrulhamentos com objetivos específicos ou para avaliar os pontos fortes ou pontos fracos do terreno, que podem ser aproveitados pelo inimigo, permitindo ao líder visualizar melhor o plano.
- c. Ao nível do pelotão podem ser realizados reconhecimentos à frente da Linha de Partida (LP), atrás da Orla Anterior da Zona de Resistência (OAZR) ou zonas em que se prevê que o inimigo irá se empenhar. O comandante de pelotão poderá definir pontos no terreno com boa visibilidade para os pontos decisivos.
- d. Em adição á informação disponível nos equipamentos digitais disponíveis no pelotão, deverá existir reconhecimento de comandantes ao escalão pelotão. Exemplos destes tipos de reconhecimentos poderão ser vigilância do campo de batalha, patrulhas para informar onde é que o inimigo se encontra ou não, estabelecer PO's com o objetivo de obter mais informação. Caso esteja disponível no pelotão, o comandante poderá usar veículos não tripulados de reconhecimento aéreo ou até aeronave de asa móvel para recolher informação em forma de fotos ou de vídeos. A natureza do reconhecimento, inclui saber quando uma força está coberta e quando passa a estar a descoberto, dependendo da situação tática e do tempo disponível. O comandante de

pelotão deverá usar os resultados do desenvolvimento da modalidade de ação para identificar informação e aspetos relativos à segurança nas operações de reconhecimento.

#### **0210.Completar o plano**

A conclusão do plano inclui várias ações que poderão alterar a intenção e o conceito do comandante de companhia assim como emprego do pelotão no desenvolvimento da ordem de operações. Podemos incluir tarefas, refinar o plano de fogos, completar trens de combate, comando e controlo. Também permite ao comandante de pelotão preparar o local do briefing, briefing intermédio, briefing de material, uma vez que vai ter que realizar uma ordem de operações aos seus subordinados. A conclusão do plano permite ao comandante de pelotão realizar coordenações com outras unidades ou com outros comandantes antes dar a ordem de operações.

#### **0211.Elaborar a ordem de operações**

Uma Ordem de Operações deve ser precisa, concisa, explícita e conter a intenção do comandante de pelotão, conceito. A Ordem de Operações não deve conter informação desnecessária, mas apenas informação que é verdadeiramente importante. O comandante de pelotão deve assegurar que as secções e esquadras sabem o que fazer para cumprir missão, de acordo com a intenção de comandante.

- a. Sempre que possível, o comandante de pelotão redige a ordem de operações em privado, olhando nos olhos dos seus soldados assegurando que os seus comandantes subordinados e os seus soldados sabem qual é a missão e como cada elemento contribui para atingir os seus objetivos. Para este efeito deverá utilizar ajudas didáticas tal como caixas de areia, esboços, descrição no objetivo e movimentos.
- b. Em unidades equipadas com meios digitais, o comandante de pelotão poderá usar estes meios na redação da Ordem de Operações. Apesar este método permite uma rápida disseminação da informação e de gráficos, contudo o contacto humano entre o comandante e os seus subordinados faz sentir confortável e a mensagem é sempre passada com clareza. Sendo a combinação destes dois métodos a melhor opção.
- c. O formato do quinto parágrafo da ordem de operações ajuda o comandante de pelotão a ilustrar melhor o cenário com os seguintes fatores: terreno, inimigo, unidades que estão na nossa área de operações, missão do pelotão, execução, apoio e comando. Finalmente fornece aos seus subordinados informação antecipada, com bastante abundância desde o início até ao fim.

## **0212. Supervisão da ordem de operações**

O Comandante de pelotão supervisa a preparação para o combate conduzindo briefings de confirmação, inspeções e ensaios.

- a. O comandante de pelotão deve conduzir briefings de confirmação, antes de redigir a ordem de operações, assegurando que os subordinados sabem a missão, intenção do comandante, conceito de operação e tarefa atribuída. O briefing de confirmação pode ser conduzido cara a cara, por rádio ou por meios digitais de informação dependendo da situação. Cara à Cara é o método mais desejado porque as secções estão unidas para resolver os problemas, ficando a saber quais as secções ou viaturas estão ao seu lado a combater.
- b. Se o tempo permitir, o pelotão deve conduzir treinos em que os comandantes devem produzir relatórios doutrinários que estejam aprovados em doutrina ou pelo escalão superior. Estes devem ser feitos antes, durante e depois do contacto com o inimigo e no objetivo com o máximo detalhe possível, contudo não servem para analisar a modalidade de ação.

(1) O Comandante de pelotão mandar executar treinos bem planeados e eficientes:

- Reforçar os treinos e aumentar a proficiência em tarefas críticas;
- Revelar pontos fracos nos planos;
- Integrar na ação elementos que estão em reforço;
- Confirmar coordenações entre o pelotão e unidades adjacentes;
- Melhorar o entendimento dos soldados acerca do conceito de operação, plano de fogos diretos, possíveis ações, reações às várias ações que poderão ocorrer durante ação principal.

(2) Técnicas de treinos incluem:

- (a) Plano de treinos. O plano de treinos normalmente deve ser conduzido como confirmação do briefing envolvendo os comandantes ou alguns elementos. Os comandantes das secções podem dirigir os treinos e podem realizar um esboço no objetivo para elucidar os seus homens.
- (b) Caixa de areia ou plastron. Esta técnica utiliza uma força reduzida ou a força inteira em pequena escala, mostra o terreno em escala reduzida, dando uma noção clara do terreno assim como a sua orientação. Os participantes podem mover e até representar o empenhamento de veículos blindados.
- (c) Rádio e treinos táticos na rede informática. Este tipo de treino reduz a força e permite ao pelotão treinar quando não pode treinar devido à situação do terreno ou tática.
- (d) Treino de força reduzida. É um treino onde os comandantes discutem a missão.



- (e) Treino com a força completa montada e apeada. Esta técnica é usada durante os treinos de força completa. O treino começa com uma boa visibilidade em terreno aberto e as condições devem-se aproximar o máximo do real.

Estes treinos devem ser feitos não só às tropas como às viaturas, meios rádios, tecnológicos e emissão de relatórios.

Página intencionalmente em branco

## **CAPÍTULO 3**

### **DESLOCAMENTO TÁTICO**

*O deslocamento tático no campo de batalha serve para mover as unidades, de forma a estabelecer o contacto com o inimigo ou quando pretende ocupar uma posição em contacto provável. Temos de ter em atenção que um deslocamento não é nenhuma manobra. Falamos de manobra quando uma unidade estabelece o contacto com o inimigo. Este capítulo centra-se nas técnicas de deslocamento e nas formações, que combinadas, permitem ao comandante de pelotão, opções para movimentar a sua unidade. As várias técnicas e formações têm vantagens e desvantagens. Algumas são mais seguras mas têm uma menor velocidade, enquanto outras são mais rápidas mas menos seguras. Algumas das formações adaptam-se melhor a determinados terrenos ou situações táticas mas são menos eficazes que outras. O comando e controlo, a navegação e o equipamento de visão noturna disponível num pelotão de infantaria motorizado possibilitam ao pelotão deslocar-se melhor de dia e de noite. Antes de iniciar o deslocamento, o pelotão tem de planejar, treinar e experimentar não só o seu deslocamento apeado mas também a combinação na utilização de viaturas de rodas para o seu transporte ou combate. O pelotão trabalha com e sem apoio de viaturas. Só o comandante de pelotão e comandantes de secção sabem como manobrar o pelotão conforme a situação tática. O deslocamento para uma operação sem a utilização de viaturas é semelhante ao deslocamento em operações com viaturas mas requer maior comando e controlo devido à natureza descentralizada da tarefa. Comparando com as operações em que se utilizam viaturas, as operações sem viaturas requerem muitos mais detalhes na parte do planeamento.*

#### **0301. Formações**

O comandante utiliza as várias formações para atingir diferentes finalidades: manter a ligação entre viaturas e secções no terreno, tirar rendimento de uma posição de apoio pelo fogo, atribuir responsabilidades por sector de segurança entre veículos ou secções ou auxiliar na execução do treino de tarefas críticas que poderão acontecer no decurso de uma ação. Da mesma forma que se faz para as técnicas de deslocamento, os comandantes de pelotão nos seus planos escolhem a melhor técnica de formação onde esperam estabelecer contacto com o inimigo e o melhor plano para reagir ao contacto. O comandante avalia a situação e decide a melhor formação conforme a missão e a situação.

##### **a. Escolhas**

Não é necessário o pelotão adotar a mesma formação que a companhia adota a não ser que o comandante de companhia dê ordem que assim seja. No entanto, o comandante de pelotão deve coordenar a sua formação com outros elementos que se deslocam dentro da força.

**b. Fatores**

Às vezes o pelotão e a companhia diferem nas formações devido ao MITM-TC. Por exemplo, os pelotões podem deslocar-se numa formação em cunha dentro de uma companhia com formação em “V”.

- (1) No planeamento e execução do movimento, os comandantes devem considerar a fluidez das formações. Requisitos de espaço, MITM-TC, exigem que o pelotão adapte as formações básicas. Os Cmdt de pelotão devem estar prontos para ajustar a distância entre viaturas baseada no terreno, na visibilidade, na missão e nos requisitos.
- (2) Normalmente o pelotão utiliza as formações de progressão contínua e progressão sobre apoiada. Quando utiliza lanços com sobre apoio, o elemento de apoio escolhe uma melhor posição no terreno. A Figura 3-1 mostra os símbolos dos elementos do pelotão.

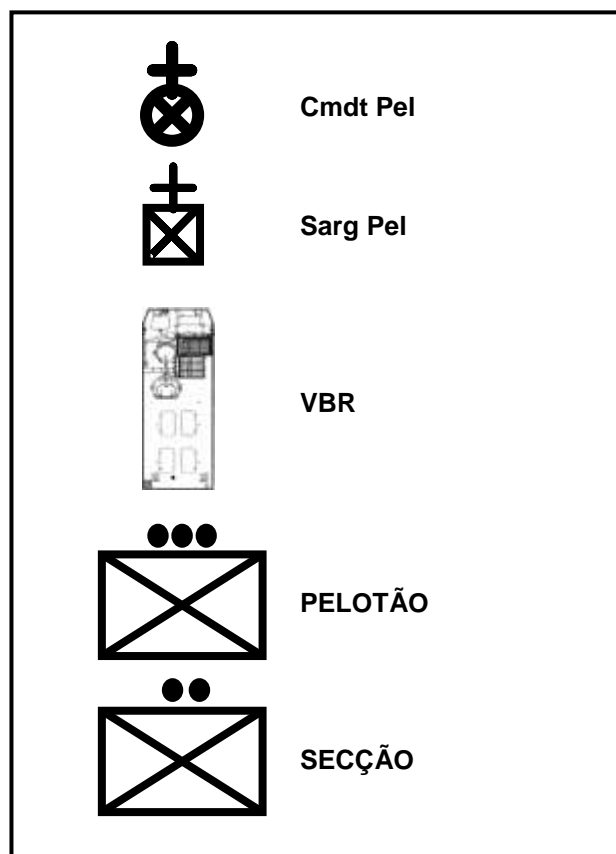


Figura 3-1 - Legenda dos símbolos do pelotão

**Nota:** As formações mostradas nas ilustrações deste capítulo são apenas exemplos. Elas são geralmente representadas sem ter em consideração os fatores de decisão (MITM-TC), que são sempre um elemento crucial na seleção e execução de uma formação. Os comandantes têm de estar preparados para adaptar as escolhas feitas para a situação específica.

## 0302. Formações com pelotão apeado

### a. Formações do pelotão

As formações do pelotão incluem o seguinte: pelotão em coluna, pelotão em linha (secções em linha ou na coluna), pelotão em V, pelotão em cunha e pelotão em coluna por um. Os Cmdt devem escolher cuidadosamente as suas formações com base na sua missão e com análise dos fatores de decisão (MITM-TC).

#### (1) Pelotão em coluna.

Esta é a formação primária do pelotão (Figura 3-2). Ela fornece uma boa dispersão tanto lateralmente como em profundidade e simplifica o controlo. A secção que vai na frente é a secção testa. A formação em coluna tem as seguintes características, vantagens e limitações:

- Oferece excelente controlo e fogo para os flancos;
- Permite fogo limitado para a frente e para a retaguarda;
- É fácil de controlar;
- Segurança limitada;
- Normalmente é utilizado para deslocamentos administrativos.

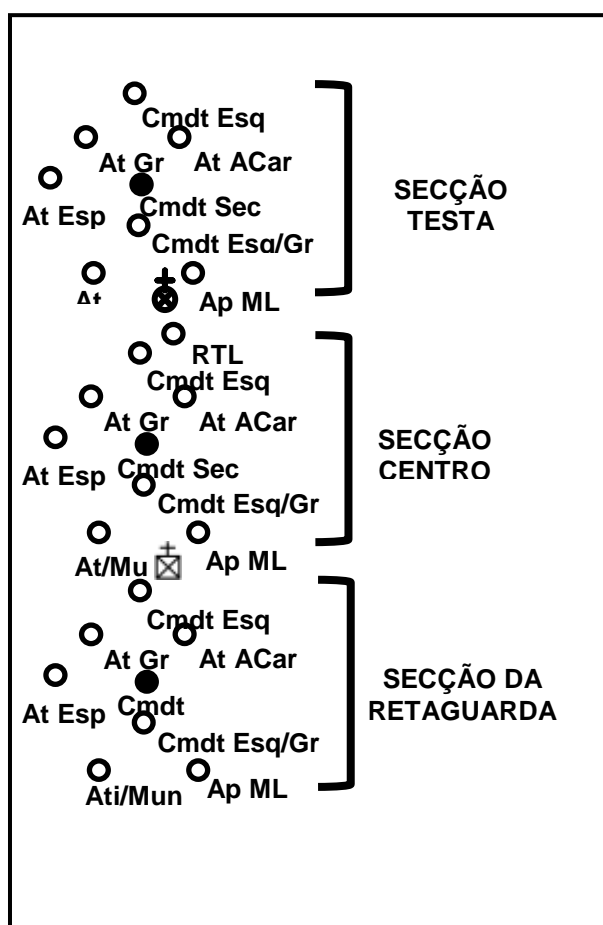


Figura 3-2 - Pelotão em coluna

## (2) Pelotão em linha, secção em linha

Esta formação permite o máximo de fogo para a frente, mas pouco fogo para os flancos (Figura 3-3). Esta formação é difícil de controlar, não servindo para a execução de um movimento. Quando dois ou mais pelotões estão a atacar, o comandante de companhia escolhe um deles como pelotão base. O centro do pelotão base é sua secção base. Quando o pelotão não está a atuar como pelotão base, a secção base é a secção do flanco mais próximo da base do pelotão. Esta é a formação básica de assalto do pelotão. O pelotão em linha com as secções em linha tem as seguintes características, vantagens e limitações:

- Permite máximo poder de fogo para a frente ou retaguarda, mas com pouco poder para os flancos;
- É difícil de controlar;
- É menos segura do que outras formações devido à falta de profundidade.
- É a formação mais difícil para a transição para outras formações;
- Pode ser utilizado no assalto para maximizar o poder de fogo e o efeito do choque do pelotão. Normalmente é feito quando não há mais terreno intermédio entre a unidade e o inimigo, quando as armas anticarro foram suprimidas, ou quando a unidade é exposta a fogos da artilharia e deve mover-se rapidamente;
- Oferece excelente segurança para a formação superior na direção do escalão.

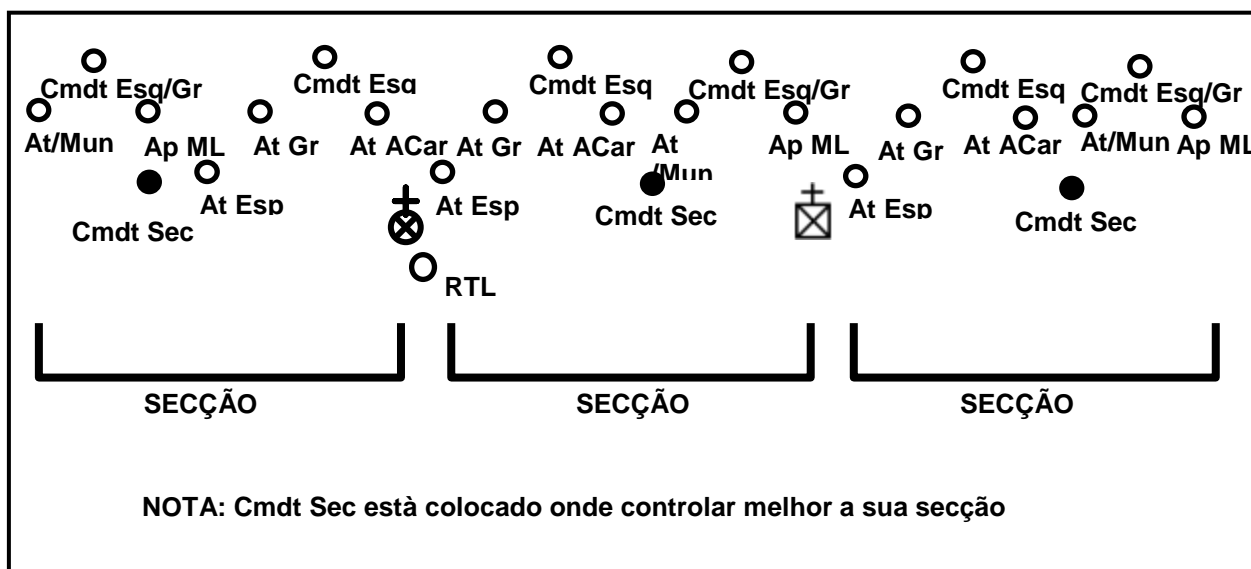


Figura 3-3 - Pelotão em linha, secções em linha

## (3) Pelotão em linha, secções em coluna

O comandante de pelotão pode usar esta formação quando não deseje empenhar todo o pessoal e quando quer que as secções possam reagir a um contacto inimigo inopinado (Figura 3-4). Esta formação é fácil de controlar e também mais fácil de se movimentar do que as formações com o pelotão em linha ou secções em linha. No entanto, é mais difícil de controlar do que o pelotão em coluna e não facilita a rápida movimentação, assim como o pelotão em coluna. Quando dois ou mais pelotões se movem, o comandante de companhia escolhe um deles como pelotão base. A secção do centro do pelotão é sua secção base. Quando o pelotão não está a ser empregue como pelotão base, a secção base é a secção do flanco mais próximo da base do pelotão. As formações do pelotão em linha com as secções em coluna têm as seguintes características, vantagens e limitações:

- Permite máximo poder de fogo para a frente ou retaguarda, mas com pouco poder para os flancos;
- É mais fácil de controlar do que um pelotão em linha com as secções em linha;
- Facilita um movimento mais rápido do que o pelotão em linha com as secções em linha;
- É difícil a transição para outras formações.

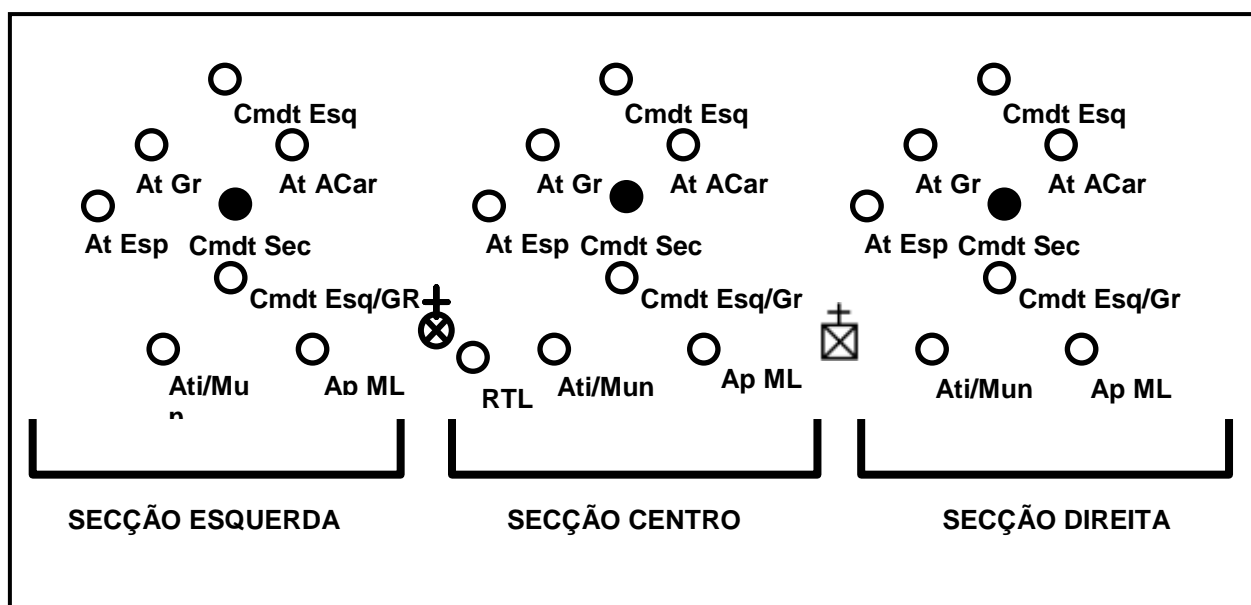


Figura 3-4 - Pelotão em linha, secções em coluna

## (4) Pelotão em V

Esta formação tem duas secções na frente para providenciar um grande volume de fogos no contacto (Figura 3-5). Tem também uma secção à retaguarda que pode sobre apoiar e seguir as outras secções. O comandante de pelotão

designa uma das secções da frente para ser uma das secções base. A formação do pelotão em V possui as seguintes características, vantagens e limitações:

- Permite grande volume de fogos para frente ou flancos, mas pouco volume de fogos para a retaguarda;
- É de difícil controlo;
- O movimento é lento;
- Possui excelente flexibilidade que proporciona um rápido fogo e movimento ao contacto inimigo proveniente de flanco.

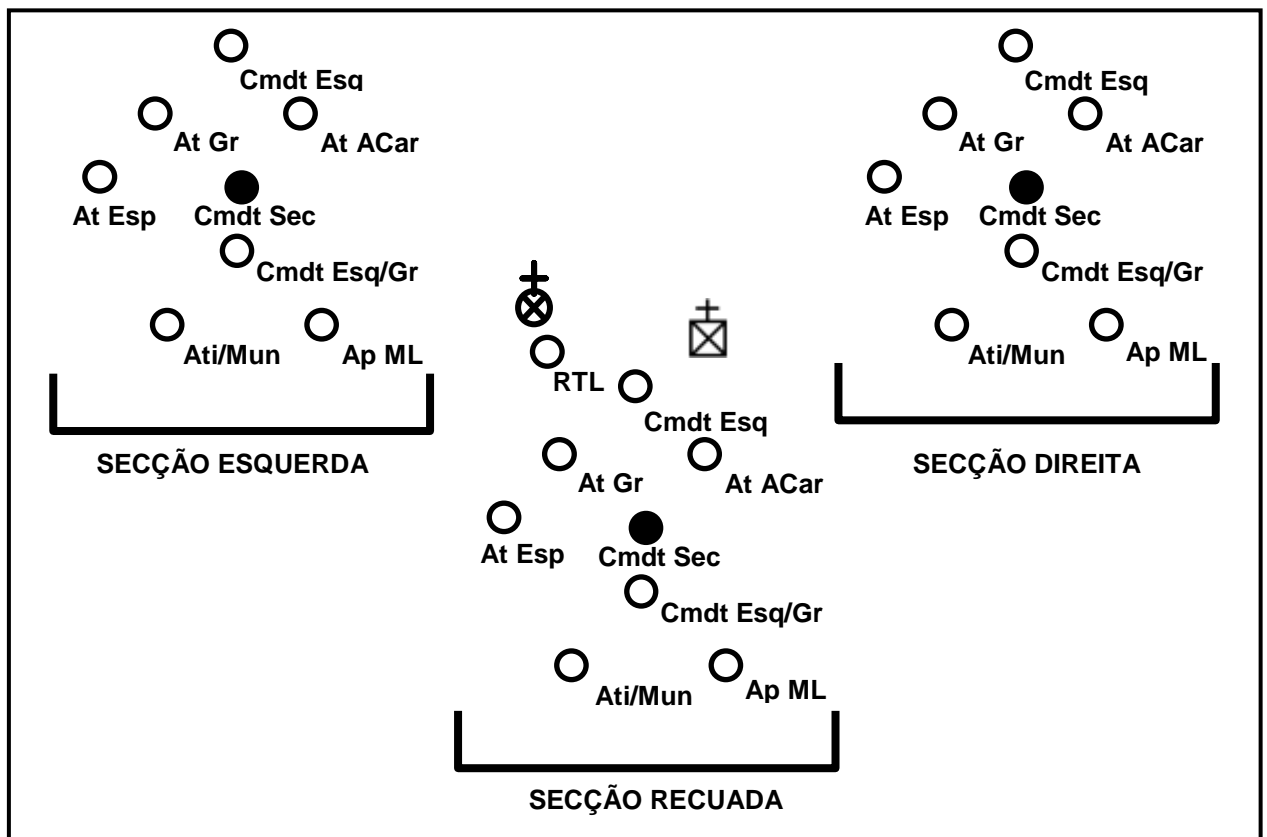


Figura 3-5 - Pelotão em V

#### (5) Pelotão em cunha

Esta formação tem duas secções à retaguarda que podem observar ou seguir a secção da frente. (figura 3-6). Proporciona um grande volume de fogos para a frente ou flancos. Permite ao comandante de pelotão manter contacto com a secção e ainda ter uma ou duas secções para manobrar. A secção testa é a secção base. A formação em cunha tem as seguintes características, vantagens e limitações:

- Permite muito boa capacidade de fogos para a frente e flancos.
- É de fácil controlo;



- Permite boa segurança para os flancos;
- Pode ser usada com as técnicas de progressão contínua e com a progressão sobre apoiada;
- Permite rápida transição para lanços com sobre apoio.

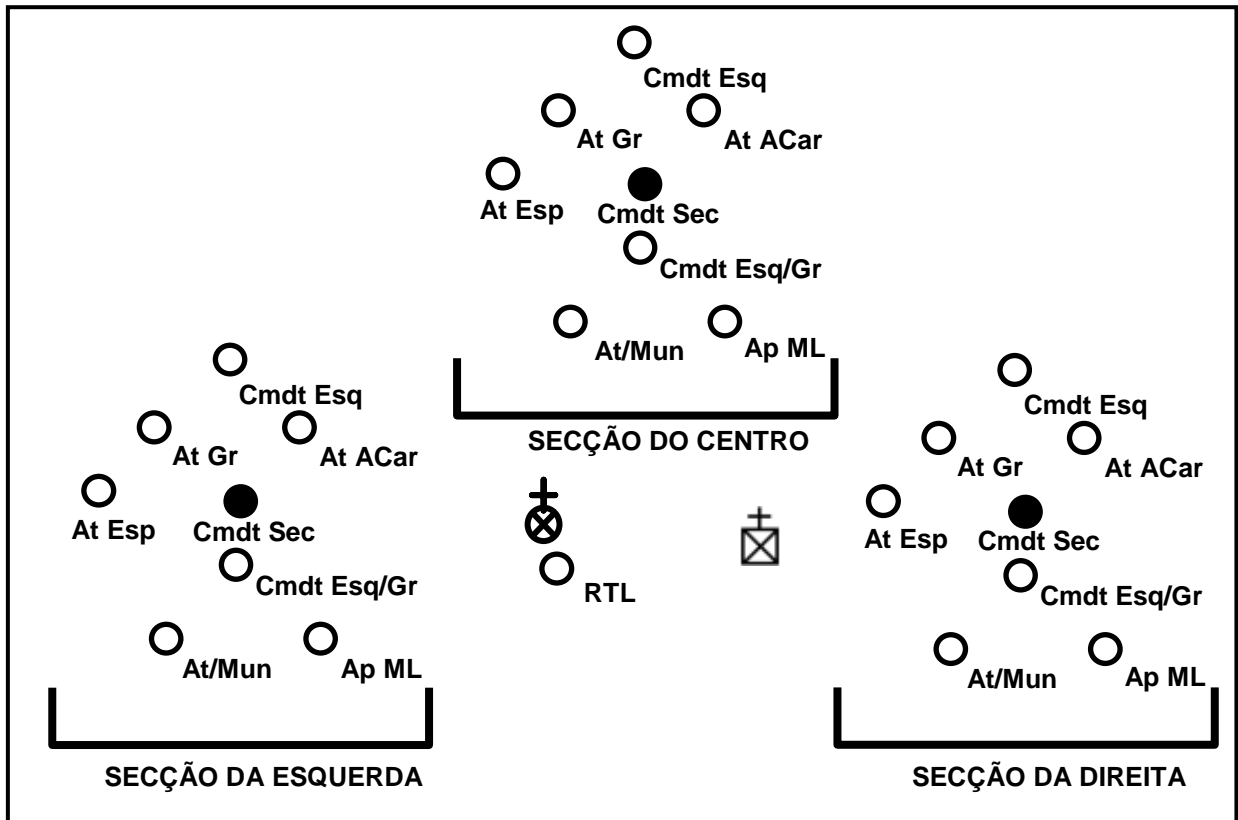


Figura 3-6 - Pelotão em cunha

(6) Pelotão em coluna por um

Esta formação pode ser feita de várias formas. Um método é ter as três secções em coluna, encadeadas umas atrás da outra usando uma das técnicas de progressão. Outro método é ter uma coluna simples de pelotão com um elemento de segurança na frente e nos flancos. Esta formação é empregue quando a visibilidade é reduzida devido ao terreno, vegetação ou luminosidade. (Figura 3-7). A distância entre os homens é menor do que o normal para permitir o contacto e a passagem de mensagens para a frente e para trás da coluna. A formação em coluna tem as mesmas características que as colunas das esquadras e secções de atiradores. A formação do pelotão em coluna tem as seguintes características, vantagens e limitações:

- Proporciona excelente controlo e fogos para os flancos;
- Possibilita fogo limitado para a frente e para a retaguarda;
- É de fácil controlo;

- Fornece extrema segurança limitada em todo o perímetro;
- Normalmente é usada com a progressão contínua;
- É a formação mais rápida para deslocamento apeado.

As secções de infantaria normalmente andam montadas e apenas apeiam caso a situação o determine, ao chegarem ao ponto onde apeiam ou à posição de assalto. Depois as secções usam uma variedade de formações para cumprirem a sua missão.

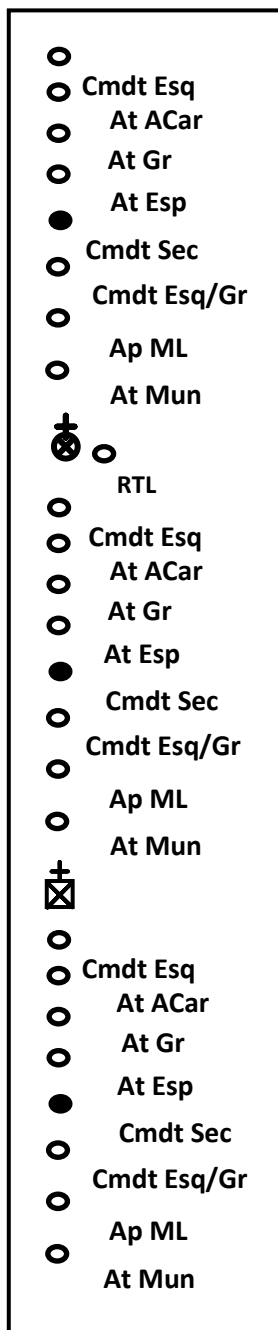


Figura 3-7 - Pelotão em coluna (coluna por um)

**b. Formações das esquadras de atiradores**

O termo “formações das esquadras de atiradores” refere-se às posições relativas dos soldados fora da sua esquadra (tabela 3-1). Cada tipo de formação tem vantagens e desvantagens. O comandante pondera com a análise dos fatores de decisão MITM-TC.

Formações	Quando são mais usuais	Características			
		Controlo	Flexibilidade	Capacidades e Restrições de Fogo	Segurança
Esq de AT em Cunha	Formação básica de atiradores	Fácil	Boa	Permite fogo imediato em todas as direções	Todas as direções
Esq de AT em Coluna	Terreno impeditivo, vegetação densa, limitadas condições de visibilidade	Muito Fácil	Menos flexível que a cunha	Permite fogo imediato para os flancos e proteção contra fogo da retaguarda	Mínima

Tabela 3-1 - Comparação das formações das esquadras de atiradores

**(1) Formação em cunha**

A cunha (Figura 3-8) é a formação básica para a esquadra de atiradores. Na formação em cunha, o intervalo entre soldados é normalmente 10m. A cunha expande e contrai-se consoante o terreno. A esquadra de atiradores modifica a cunha em terreno difícil, com visibilidade reduzida ou devido a outros fatores que dificultem o controlo da cunha. O intervalo entre eles é reduzido para que todos os elementos possam ver o seu comandante de esquadra e estes possam ver o comandante de secção. Os flancos da cunha podem contrair até ao ponto em que se tornam numa coluna por um. Os soldados regressam à sua posição inicial quando se deslocam em terreno mais aberto, onde o controlo é mais fácil.

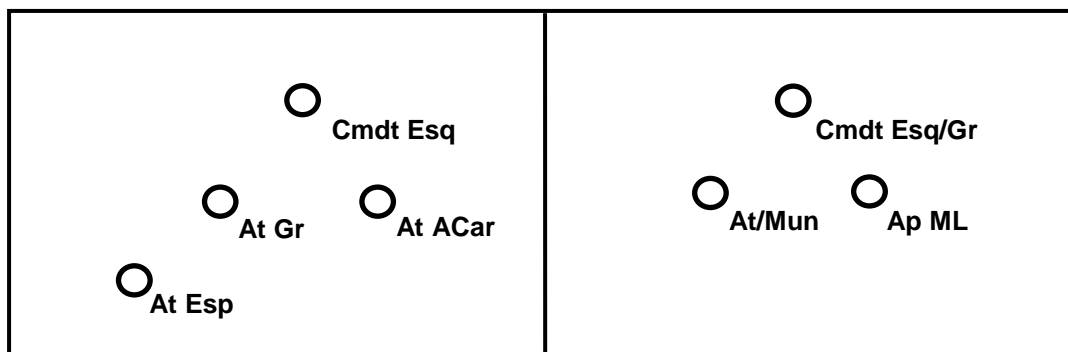


Figura 3-8 - Esquadras em cunha

## (2) Formação em coluna

Quando o terreno não permite o uso da cunha, as esquadras de atiradores usam a formação em coluna (Figura 3-9).

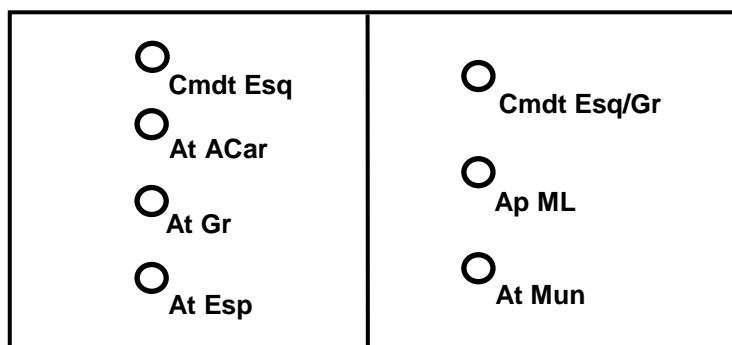


Figura 3-9 - Esquadra em coluna

## c. Formações da secção

O termo “formações da secção de atiradores” refere-se às posições relativas das esquadras. Formações da secção de atiradores incluem secção em coluna com esquadras em cunhas, secção em linha e secção em coluna por um.

Formação	Quando são mais usadas	Características			
		Controlo	Flexibilidade	Capacidades e restrições de fogos	Segurança
<b>Sec em coluna</b>	Principal formação da secção	Bom	Ajuda a manobra e boa dispersão lateral e em profundidade	Permite grande volume de fogos para os flancos, mas limitados para a frente	Todas as direções
<b>Sec em linha</b>	Máximo poder de fogo para a frente	Não tão bom como a secção em coluna	Capacidade de manobra limitada, Ambas as esquadras comprometidas	Permite máximo fogo imediato para a frente	Boa para a frente, pouca para os flancos e retaguarda
<b>Sec em coluna por um</b>	Terreno impeditivo, vegetação densa, visibilidade reduzida	Fácil	A formação mais difícil de manobrar	Permite o fogo imediato para os flancos e garante proteção contra fogo da retaguarda	Mínima

Tabela 3-2 - Comparação das formações de secção

## (1) Secção em coluna

A formação de secção em coluna é a formação principal da secção (figura 3-10). Garante boa dispersão quer lateral quer em profundidade sem sacrificar o controlo e facilita a manobra. A esquadra da frente é o elemento base da secção. As secções podem movimentar-se quer em coluna com as esquadras em Cunha ou em coluna dobrada. Terreno difícil, visibilidade reduzida ou outros fatores podem obrigar a secção a modificar de cunha para coluna por um, por motivos de controlo. À medida que o terreno fica menos difícil e o controlo mais fácil, os soldados assumem as suas posições iniciais (Figura 3-10).

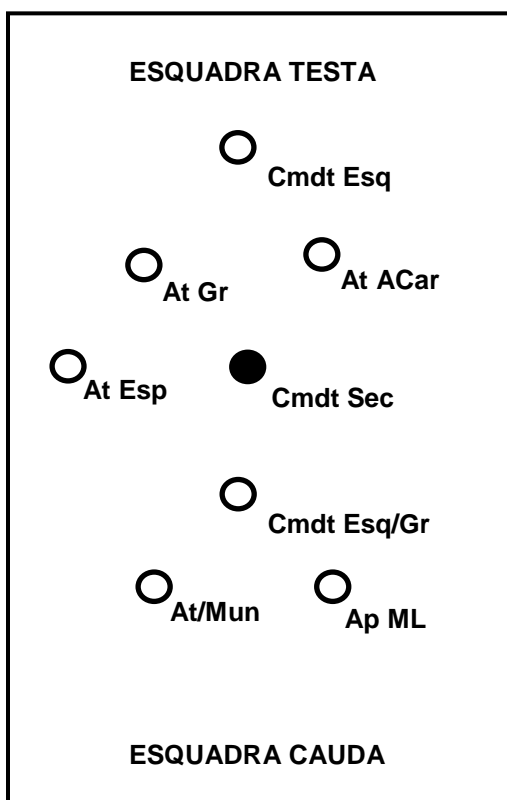


Figura 3-10 - Secção em coluna, esquadras em cunha

## (2) Secção em linha

A secção em linha (Figura 3-11) garante o máximo poder de fogo para a frente. Quando a secção se constitui a uma secção base, a esquadra da direita é o elemento base da secção.

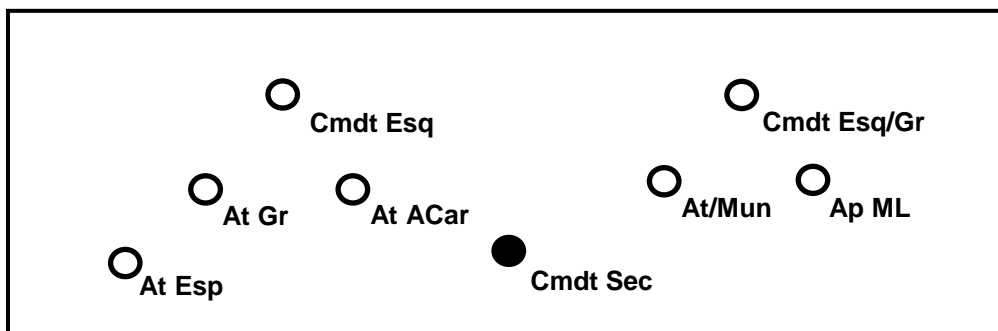


Figura 3-11 - Secção em linha

(3) Secção em coluna por um.

Quando não se deslocam nem em coluna nem em linha, as secções deslocam-se em coluna por um (Figura 3-12). A secção em coluna por um tem as mesmas características que a esquadra em coluna por um. Se o comandante de secção pretende aumentar o controlo sobre a formação, fomentando a moral do grupo e permitindo tomada mais rápida na decisão pode posicionar à frente na primeira ou segunda posição, deslocando um comandante de esquadra na última posição, pode aumentar o controlo sobre a retaguarda da formação.

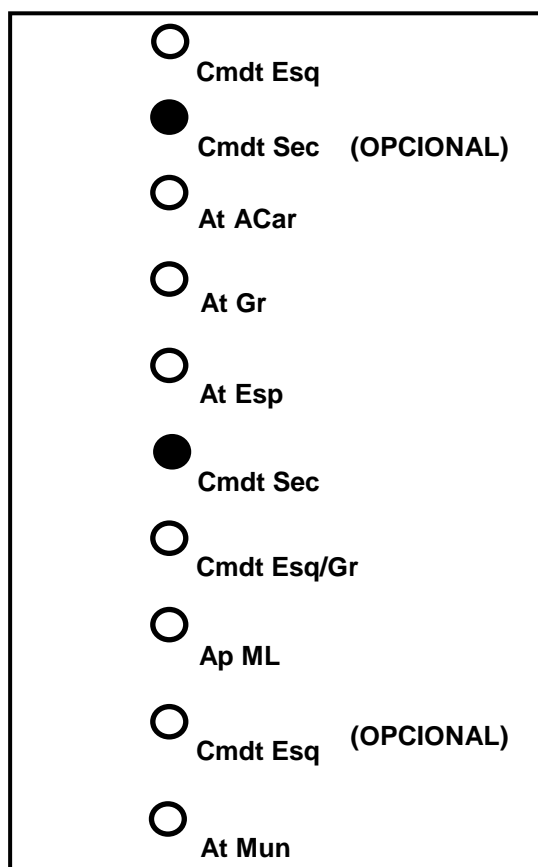


Figura 3-12 - Secção em coluna por um

**d. Sistema digital de apoio**

Quando disponível a posição do sistema de navegação, sistemas de visão noturna e o *display* tático do comandante (CTD) apoia o comandante de pelotão, chefes de viatura e os comandantes de secção no seguimento da sua posição em relação a outras secções e pelotões. Estes não são os únicos meios para controlar as formações do pelotão. A atualização das posições não dá a localização exata de cada elemento a cada instante; ao invés, as posições são dadas em intervalos regulares. Quando se movimentam em intervalos de dispersão normais, o comandante utiliza comunicações digitais por voz e contacto visual para controlar o movimento.

**0303. Formações montadas**

O Pelotão utiliza as formações em coluna, cunha, linha, escalão, e coluna por um (baseando-se nos fatores de decisão MITM-TC).

**a. Formação em coluna**

A coluna é utilizada quando a velocidade é fator crítico, quando o pelotão se desloca em terreno restritivo numa direção específica, ou quando o contacto com o inimigo é improvável. Cada viatura segue normalmente diretamente atrás da viatura da frente. Mas, se a situação assim o exigir, as viaturas podem dispersar lateralmente para aumentar a segurança (Figura 3-13). A formação em coluna tem as seguintes características, vantagens, e limitações:

- Garante um excelente controlo de força e permite a execução de fogos para os flancos;
- Garante limitado poder de fogo para a frente e retaguarda;
- É fácil de controlar;
- Garante a segurança da força de um modo muito limitado;
- É usada apenas para progressão contínua.

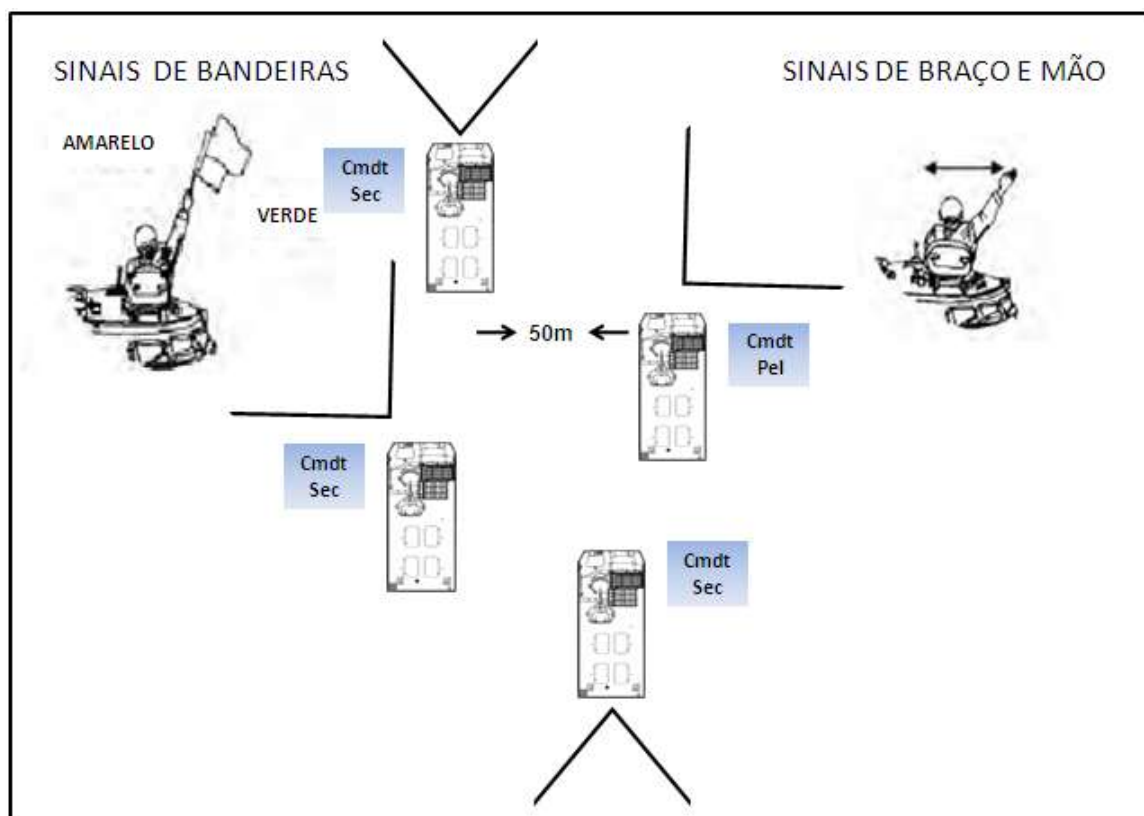


Figura 3-13 - Formação em coluna com dispersão para segurança adicional

**b. Formação em cunha**

A formação em cunha (Figura 3-14) é normalmente empregue quando o contacto é provável e a situação do inimigo é pouco clara. No pelotão em cunha, o comandante de pelotão e o sargento de pelotão estão no centro da formação, com os “seus asas” localizados à retaguarda e/ou do lado de fora da formação. A formação em cunha tem as seguintes características, vantagens e limitações:

- Garante excelente poder de fogo para a frente e bom poder de fogo para os flancos;
- É fácil de controlar;
- Garante segurança para os flancos;
- Pode ser usada com as técnicas de progressão contínua e progressão sobre apoiada;
- Garante uma rápida transição para a técnica de lanços com sobre apoio.



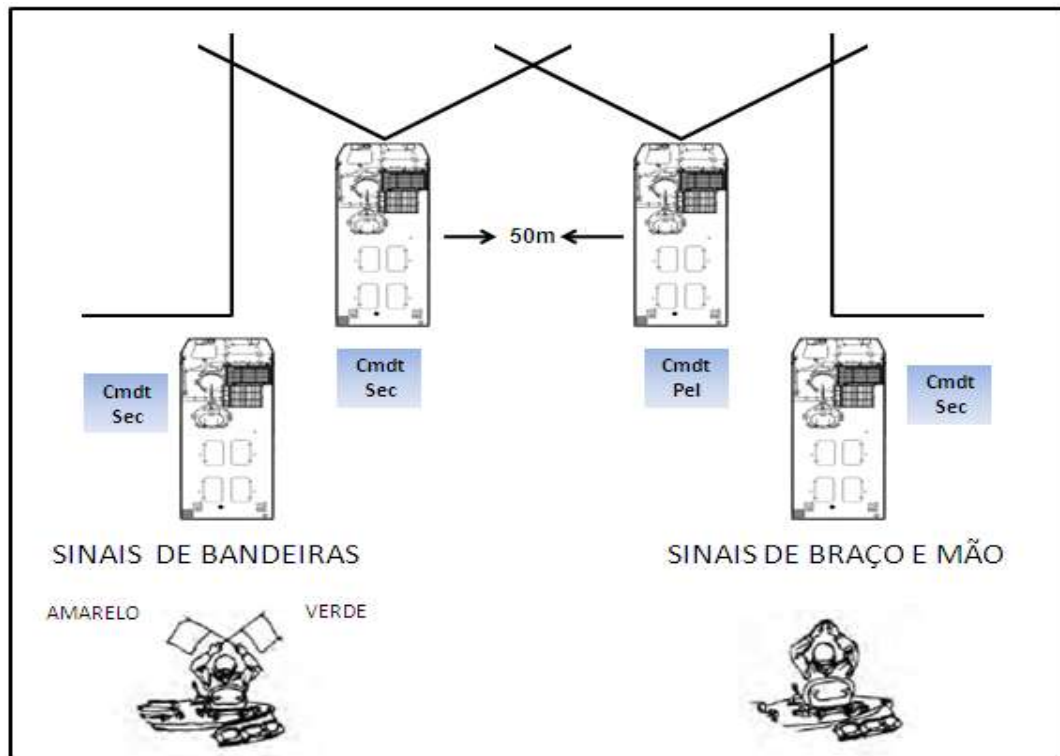


Figura 3-14 - Formação em Cunha

#### c. Formação em linha

A formação em linha (Figura 3-15) é usada principalmente no assalto a um objetivo pouco defendido, para atravessar áreas abertas ou numa posição de apoio pelo fogo. A formação em cunha tem as seguintes características, vantagens e limitações:

- Garante máximo poder de fogo para a frente e retaguarda, mas mínimo poder de fogo para os flancos;
- É de difícil controlo;
- É menos segura que as outras formações, devido à sua falta de profundidade;
- É a formação a partir da qual é mais difícil fazer a transição para as outras formações;
- Pode ser empregue no assalto para maximizar o poder de fogo e poder de choque do pelotão. Isto é normalmente feito quando não há mais terreno entre a unidade e o inimigo, quando os sistemas anticarro estão suprimidos ou quando a unidade está exposta ao fogo de artilharia e tem que se movimentar rapidamente.

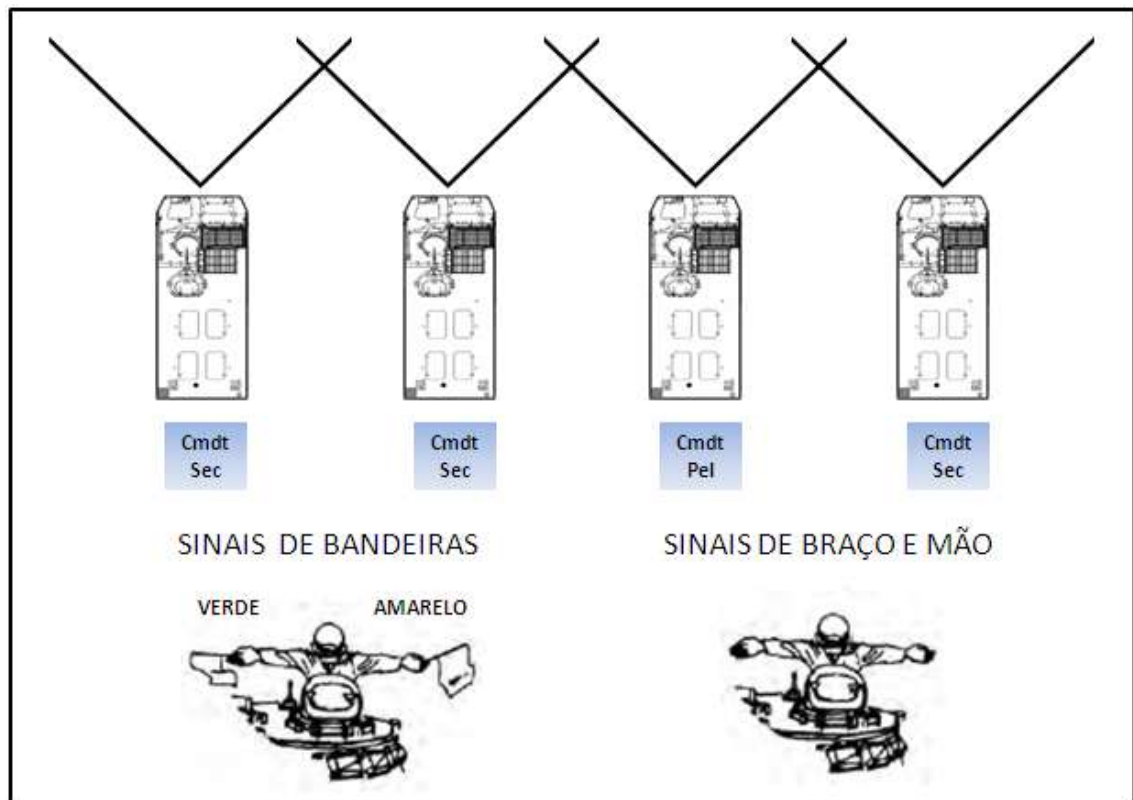


Figura 3-15 - Formação em linha

**d. Formação em escalão**

A formação em escalão (Figura 3-16) é empregue quando a companhia pretende manter a segurança e a observação num dos flancos e quando o contacto com o inimigo não é efetivo. É normalmente empregue quando o pelotão pretende dar cobertura ao flanco mais exposto da força. A formação em escalão tem as seguintes características, vantagens e limitações:

- É de difícil controlo;
- Permite boa segurança para o lado maior da formação na direção do escalão;
- Facilita o desenvolvimento do escalão para o flanco.

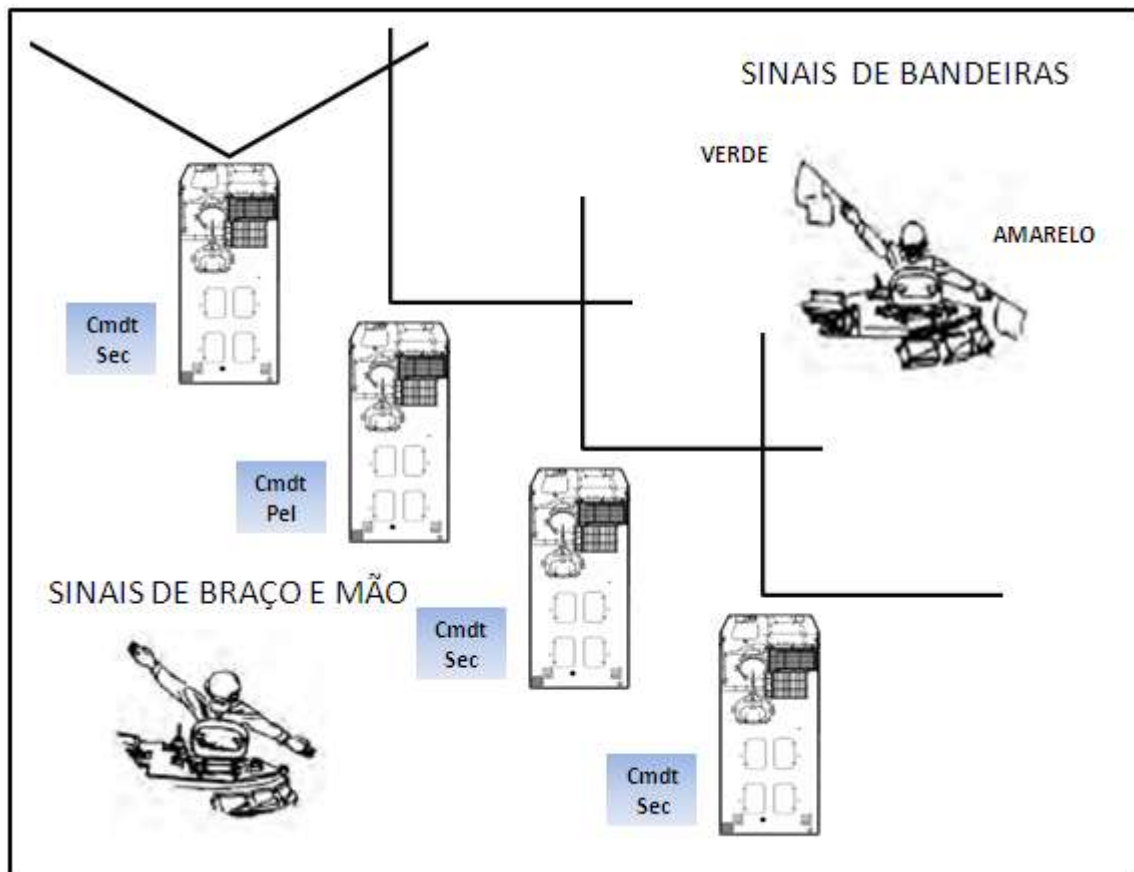


Figura 3-16 - Formação em escalo

**e. Formação em círculo e em espinha**

As formações em círculo e em espinha são utilizadas ao nível do pelotão e empregues quando elementos de uma companhia estão parados, para manter a segurança em 360°.

**(1) Em círculo**

O círculo (Figura 3-17) é empregue para garantir a segurança em todas as direções e a observação quando o pelotão está parado. É também usado para rever os procedimentos táticos, reabastecer e para dar ordens ao pelotão. Garantir segurança aérea com vigias do ar e para desembarcarem as secções ou as esquadras.

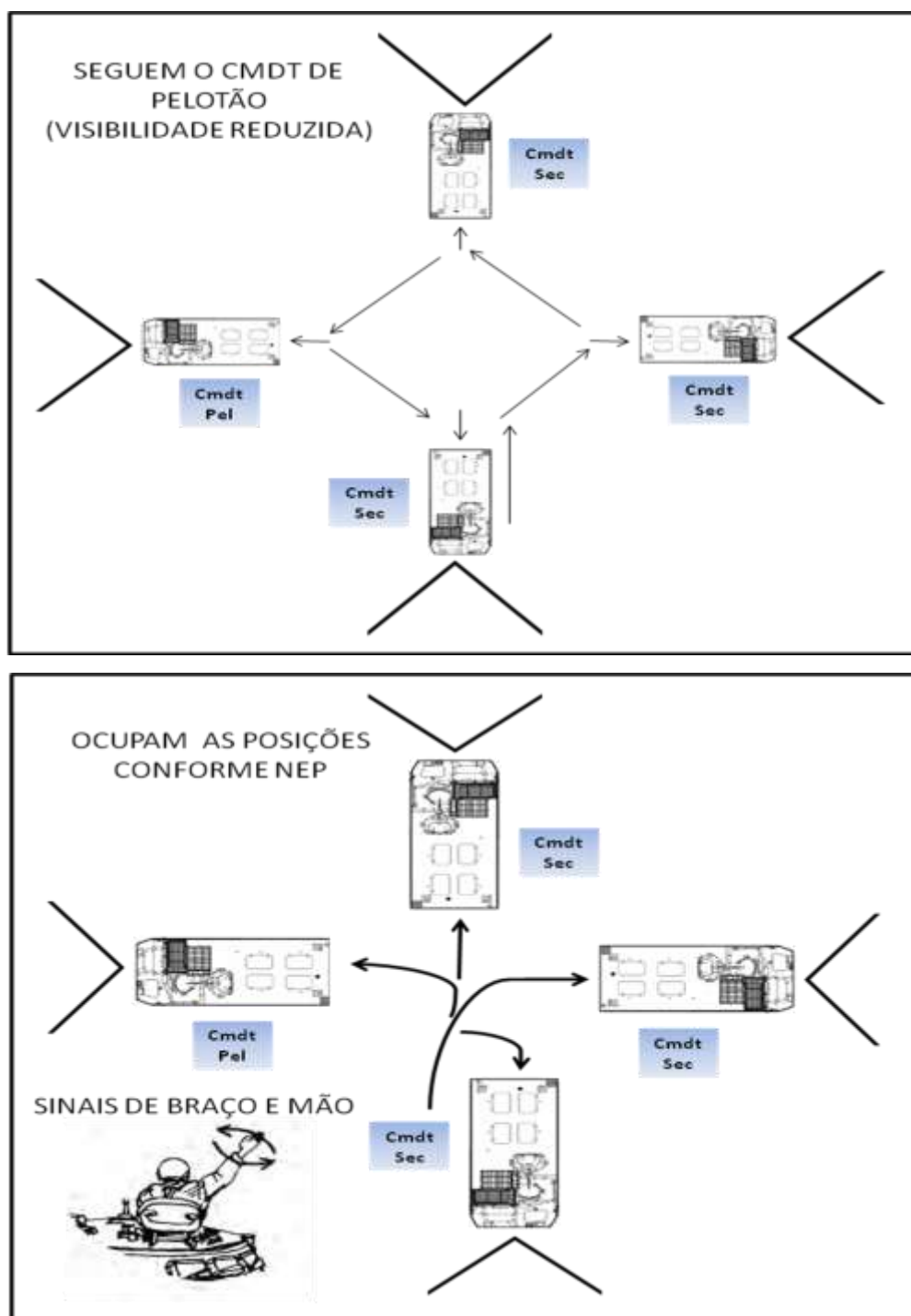


Figura 3-17 - Formação em círculo

## (2) Formação em espinha

A formação em espinha (Figura 3-18) é utilizada para dispersar o pelotão em coluna quando adota uma formação em progressão contínua. É também adaptado durante um ataque aéreo ou quando o pelotão pretende efetuar um pequeno alto durante o deslocamento. Ela permite que o pelotão se desloque para fora de uma estrada ou de uma área aberta para uma posição coberta e abrigada, estabelecer segurança em todas as direções, sem que sejam dadas

instruções muito detalhadas nesse sentido. As viaturas são reposicionadas na medida do necessário para tirar vantagem e melhor cobertura, ocultação e campos de tiro. Elementos das esquadras de segurança desmontam e estabelecem a segurança.

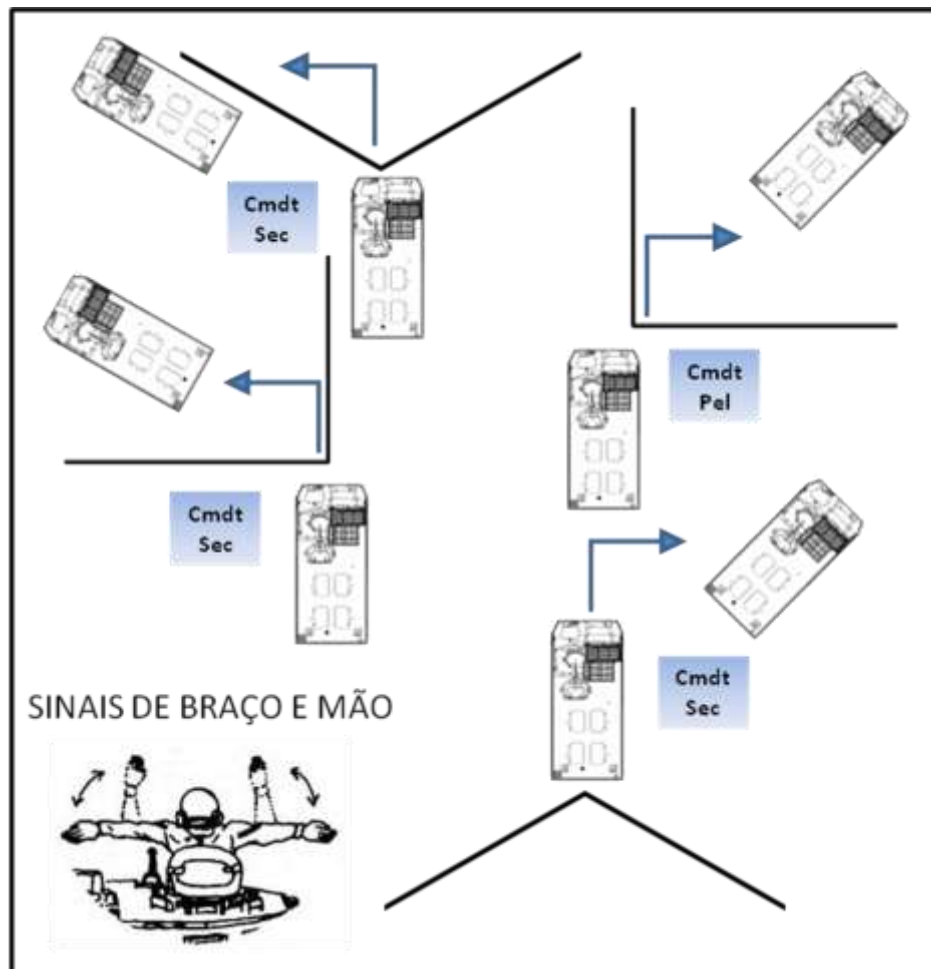


Figure 3-18 - Formação em espinha

#### 0304. Técnicas de deslocamento

As técnicas de deslocamento não têm formações fixas. Fazem referência à distância entre homens, esquadras e secções, que varia consoante a missão, terreno, visibilidade e os outros fatores de decisão. Com a probabilidade de aumentar o contacto com o inimigo, o comandante de pelotão ajusta as técnicas de movimento para garantir máxima segurança. Equipamentos digitais utilizados em períodos de visibilidade reduzida fornecem ao comandante uma visão mais clara, uma mais atualizada situação em tempo real. Baseada na atualização mais recente, o comandante executa tanto as técnicas de progressão contínua, progressão sobre apoiada, ou lanços com sobre apoio. Por exemplo, se o comandante de pelotão recebe uma atualização da situação do inimigo do escalão superior mostrando o inimigo muito mais perto do pelotão do que inicialmente previsto, ele imediatamente muda de progressão contínua para lanços com sobre apoio.

**a. Progressão contínua montada**

A progressão contínua montada é empregue quando o contacto com o inimigo não é provável e a velocidade é necessária (Figura 3-19). O comandante analisa os últimos relatórios do inimigo no seu monitor e determina se o contacto com o inimigo é provável. Porque as unidades se deslocam mais rapidamente em progressão contínua, os comandantes devem ter presente a sua capacidade para romper o contacto com o inimigo.

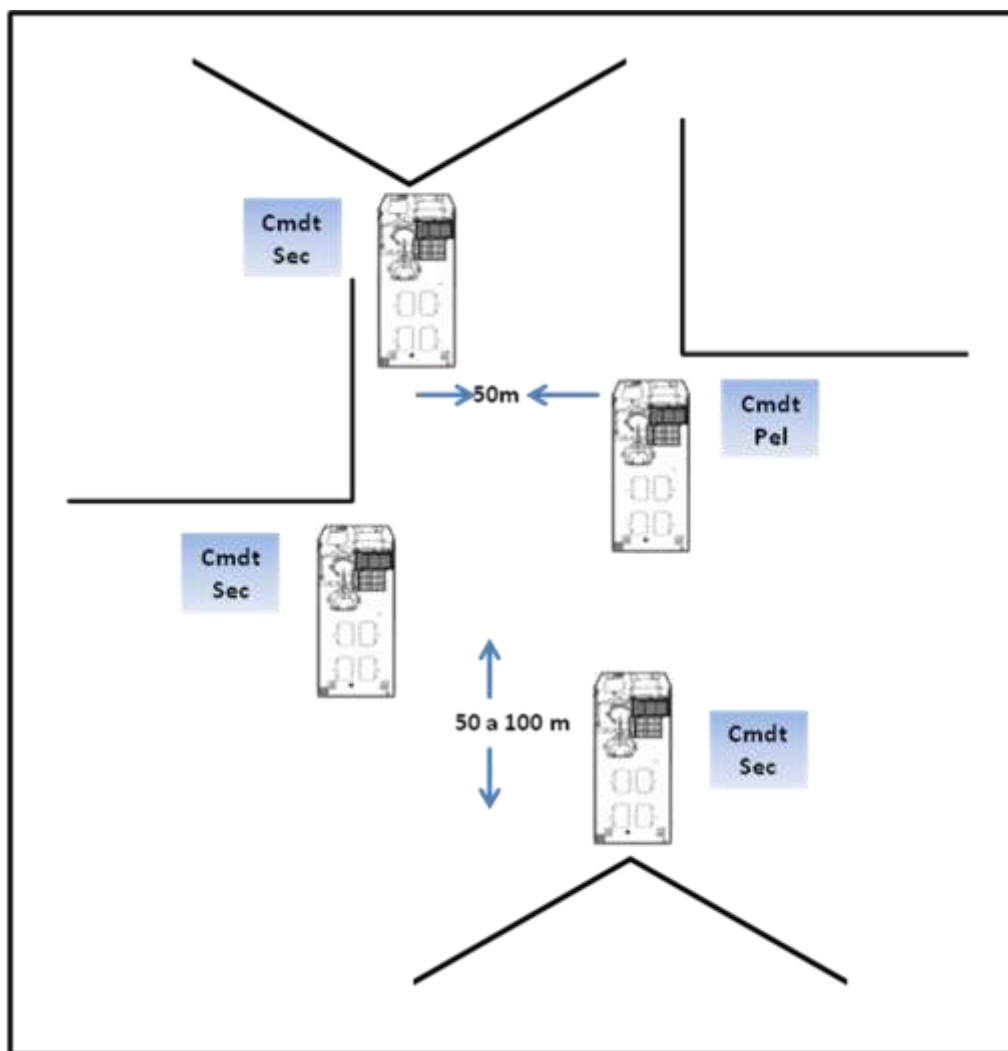


Figura 3-19 - Progressão contínua com o pelotão montado

**b. Progressão sobre apoiada montada**

A progressão sobre apoiada montada é (Figura 3-20) empregue quando o contacto é provável. O comandante dá ordem a uma das suas secções para se deslocar mais à frente entre os 400 a 600 metros e garantir segurança ao resto da força. Em alguns casos o elemento de segurança pode aumentar a sua distância do resto da força quando conhecer localização do inimigo ou diminuir a distância do grosso da força, devido ao terreno ou à visibilidade reduzida. Os comandantes seguem o movimento

dos seus elementos de segurança da frente e utilizam as posições atuais para garantir que os elementos de segurança estão na direção certa e não ultrapassam o alcance do fogo das armas de tiro direto dos elementos que estão à retaguarda. Da mesma forma, o comandante do elemento de segurança confirma a sua localização e orientação no seu monitor:

- (1) O comandante ou elemento independente utiliza o GPS para ajudar a restabelecer o contacto com o grosso da força;
- (2) O grosso da força do pelotão pode usar uma fonte de infravermelhos ou térmica para recuperar o contato visual com esses elementos de modo que estes se possam juntar ao grosso da força.

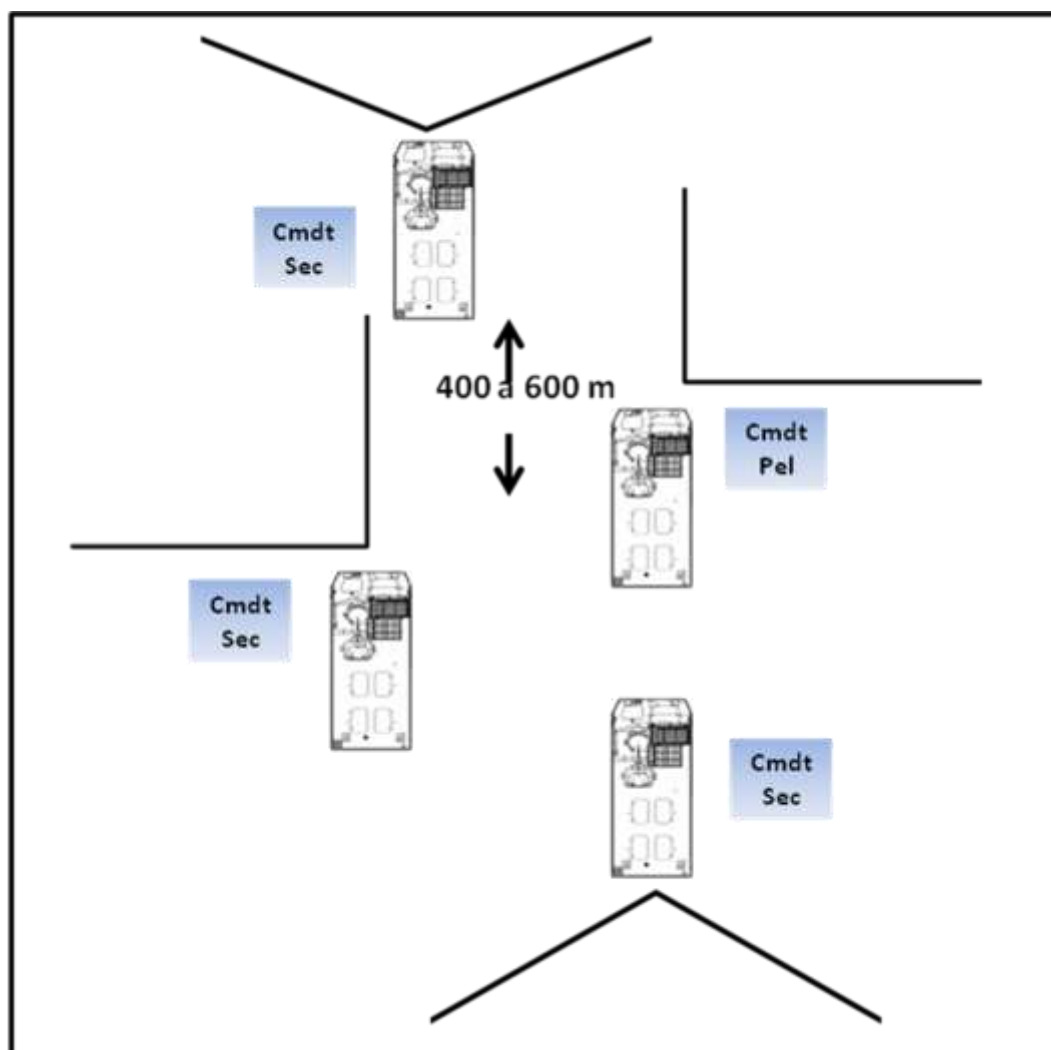


Figura 3-20 - Progressão sobre apoiada do pelotão montado

**c. Lanços com sobre apoio montado**

A técnica de lanços com sobre apoio montado (figura 3-21) é usada quando o contacto com o inimigo é iminente. O comandante inicia lanços com sobre apoio com

base no planeamento e informações recebidas antes da situação do inimigo e dos relatórios *Situation Report* (SITREP) recebidos durante o movimento. O comandante designa às suas secções o limite dos lanços sucessivos ou alternados. Nesta técnica de progressão podem ser adotados lanços sucessivos ou lanços alternados.

- (1) Antes de iniciar o lanço, o Comandante de Pelotão diz ao elemento que vai efetuar o lanço a posição que este deve ocupar. O ideal é que o elemento em sobre apoio mantenha o contacto visual com o elemento que vai manobrar. O elemento em sobre apoio pode usar o seu monitor para localizar e permitir seguir o deslocamento do elemento que vai manobrar sem ser necessário manter o contato visual,
- (2) Uma vez que o elemento de manobra alcance a sua posição de sobre apoio, informa que está pronto usando as comunicações de voz ou um sinal visual. O elemento que faz o lanço utiliza um sinal visual infravermelho (quando disponível). O comandante de pelotão não deve permitir que os elementos que fazem o lanço excedam o alcance de fogo das armas de tiro direto dos elementos que estão à retaguarda, embora a tecnologia de infravermelho e digital permita que o comandante possa controlar o movimento além do alcance do fogo direto das suas armas orgânicas.

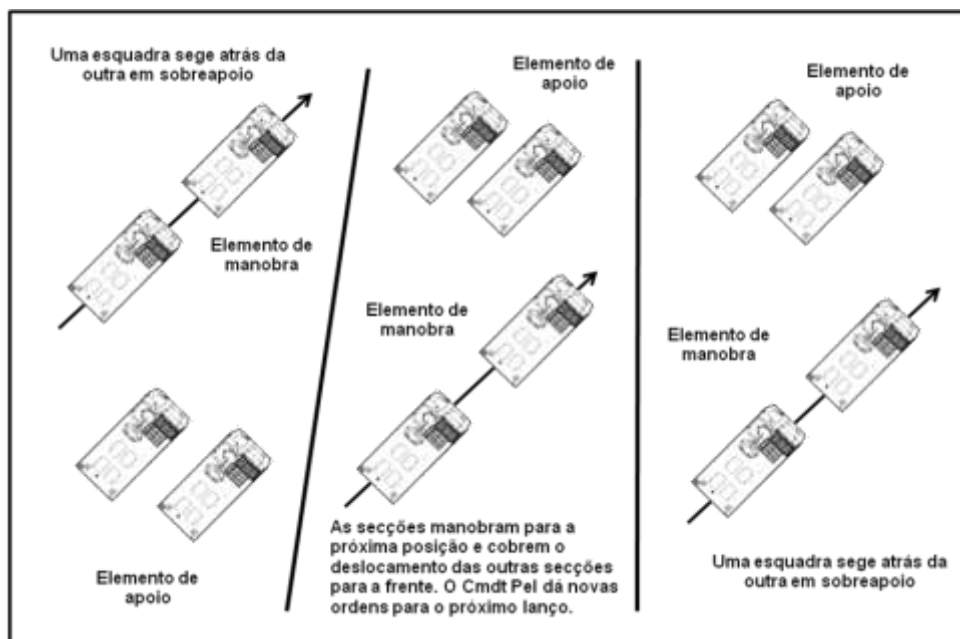


Figura 3-21 - Lanços com sobre apoio

**d. Progressão contínua (unidade apeada)**

A progressão contínua com a unidade apeada (Figura 3-22), não é normalmente utilizada quando a probabilidade de contacto com o Inimigo (IN) é improvável. O pelotão, por norma, desloca-se dentro das viaturas, exceto quando recebe uma



informação nova acerca da situação vinda do escalão superior. O pelotão poderá receber missões que condicionem as secções a operar independentes das suas viaturas. Esta formação utilizada pelos elementos é ajustada à situação tática. O apontador da ML deve ser colocado tendo em consideração a ameaça.

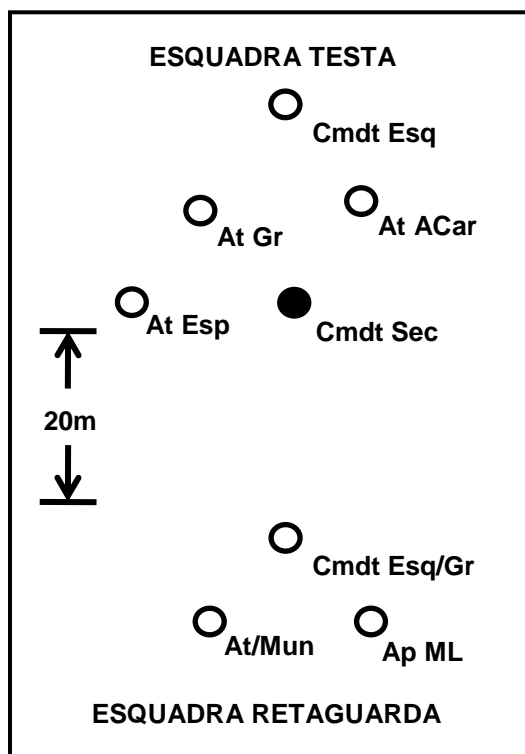


Figura 3-22 - Progressão Contínua (unidade apeada)

**e. Progressão sobre apoiada (unidade apeada)**

As Secções movem-se normalmente em coluna com as Esquadras em cunha (Figura 3-23). Idealmente, a esquadra testa desloca-se 50 metros à frente da esquadra da retaguarda.

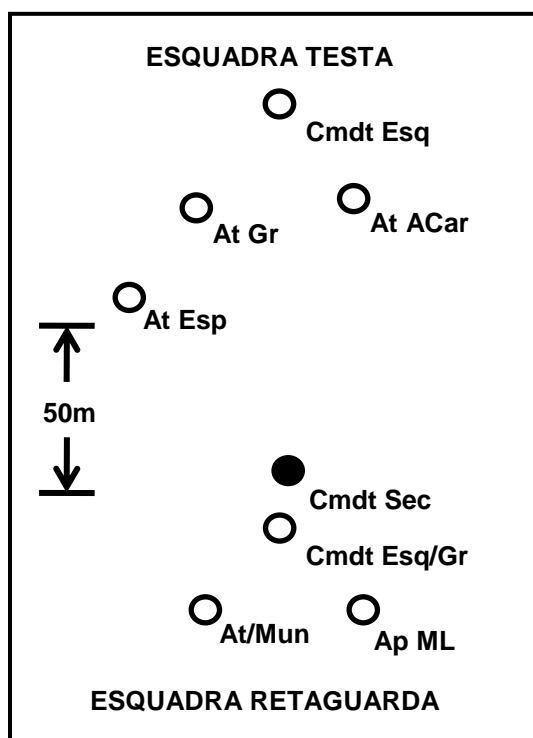


Figura 3-23 - Progressão sobre apoiada (unidade apeada)

f. Lanços com sobre apoio (unidade apeada)

Quando o comandante de pelotão espera o contacto e o terreno proíbem o movimento montado, ou quando as Secções se deslocam separadas das suas viaturas, o pelotão (-) progride com as secções apeadas.

### 0305. Ações em áreas perigosas

Quando analisa o terreno durante o estudo dos fatores de decisão (MITM-TC), o comandante de pelotão deve identificar de imediato as áreas perigosas. Ao planejar o Itinerário, o comandante de pelotão faz o levantamento das áreas perigosas no seu monitor digital e no seu transparente. O nome “área perigosa” refere-se a algum terreno que, durante o deslocamento, expõe o pelotão à observação e fogo do IN, estando a nossa força em nítida desvantagem em caso de se estabelecer contacto. Exemplos de grandes áreas abertas, estradas, caminhos e pontes ou pontos de passagem por obstáculos em água. Se possível o comandante de pelotão deve efetuar o seu planeamento de forma a evitar áreas perigosas. Durante o deslocamento, o pelotão e as secções deverão saber sempre onde se encontram independentemente de disporem ou não de GPS. Quando uma unidade tem de atravessar uma área perigosa, deverá fazê-lo da forma mais rápida e segura possível. Durante o planeamento, o comandante de pelotão designa um PRn do lado próximo e outro do lado afastado. Se o pelotão encontrar uma área perigosa inesperada, utiliza um PRnlt mais perto da área perigosa.

**a. Travessia de áreas abertas grandes (unidade montada)**

Se o tempo e o terreno permitirem, o pelotão deve apear e reconhecer o itinerário do movimento e montar segurança do lado afastado da área perigosa. No entanto, as distâncias entre posições cobertas e abrigadas podem fazer com que o reconhecimento apeado não seja prático. Se, por constrangimentos de tempo, não for viável ao pelotão contornar a área aberta, então o pelotão usa uma combinação com progressão sobre apoiada e de lanços com sobre apoio para passar a área aberta. Quando o pelotão tem que se mover através das áreas abertas grandes com cobertos e abrigos limitados, o comandante de pelotão deve considerar os fatores de decisão (MITM-TC) antes de ordenar fogos indiretos ou diretos quando o pelotão se desloca. Também, as armas de fogo indireto podem fornecer alguma proteção das vistas através do lançamento de granadas de fumos por si só, ou misturado fumos com os fogos supressivos.

**(1) Progressão sobre apoiada.**

O elemento testa movimenta-se ao longo de itinerários cobertos e abrigados que lhe confirmam a melhor proteção disponível contra a observação e fogo IN (Figura 3-24). O elemento da cauda move-se em velocidades variáveis, fornecendo o sobre apoio contínuo, mantendo o contacto com o elemento testa e parando periodicamente para observar. O elemento da cauda desloca-se a uma distância que lhe permita efetuar fogo supressivo imediato e manobrar para apoiar. No entanto, deve deslocar-se o suficiente à retaguarda para garantir a liberdade de manobra no caso da força IN fixar o elemento testa.

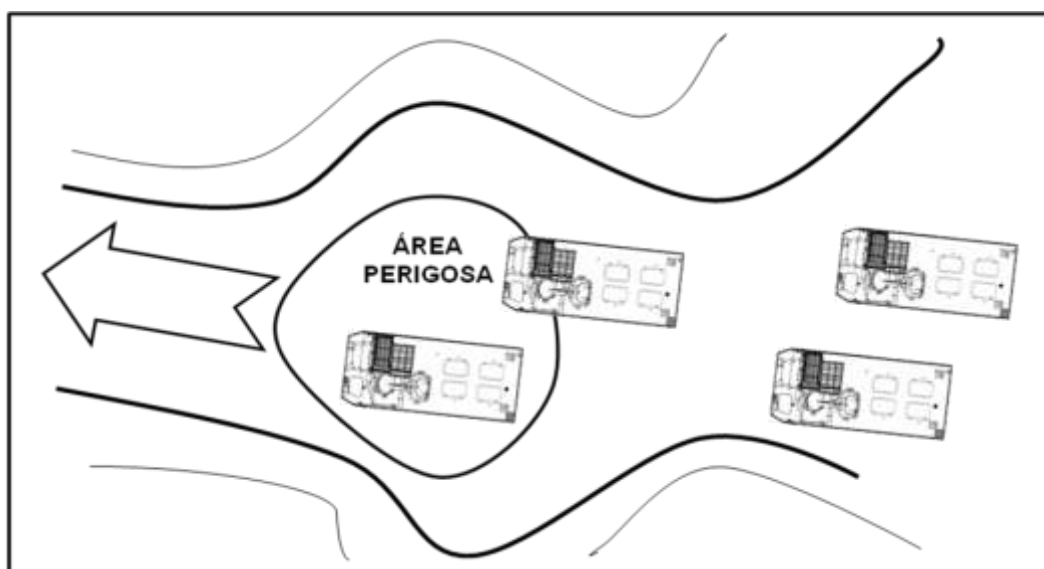


Figura 3-24 - Travessia de áreas abertas grandes (progressão sobre apoiada)

(2) Lanços com sobre apoio

Quando se espera o contacto, o pelotão deve usar a mais lenta e mais segura técnica de deslocamento (Figura 3-25). Se alguma força IN fixar o elemento testa com fogo direto, o Pel pode suprimi-lo com o seu próprio fogo direto. Com os lanços com sobre apoio, um elemento está sempre parado para fornecer fogos de apoio. Numa primeira fase, o elemento da cauda ocupa uma posição coberta e abrigada onde possa sobre apoiar o elemento testa. Assim que o elemento testa terminar seu movimento, este ocupa uma posição similar e transforma-se em elemento de sobre apoio. Permanecendo, nessa posição, enquanto o elemento da cauda que se desloca (anteriormente elemento de sobre apoio), e ocupa a próxima posição e torna-se em elemento de apoio. O pelotão usa as dobras do terreno para ocultar o seu movimento. O pelotão pode executar os lanços com sobre apoio usando qualquer um dos métodos vistos anteriormente neste capítulo (Sucessivos ou Alternados).

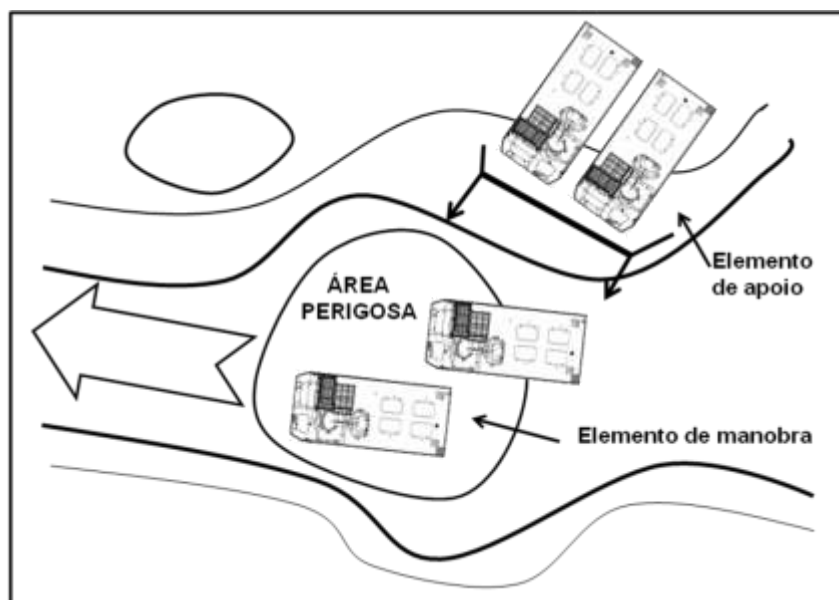


Figura 3-25. Travessia de áreas perigosas abertas

**b. Travessia de área perigosa aberta grande (apeado)**

Quando o pelotão não dispõe de tempo para contornar a área perigosa aberta, ele usa uma combinação utilizando a técnica de progressão sobre apoiada e lanços com sobre apoio (Figura 3-26). Utiliza a técnica de progressão sobre apoiada quando ele precisa de economizar tempo. Sempre que o pelotão espera por um contacto provável, ou após a secção ou o pelotão se deslocar dentro do alcance das armas ligeiras do lado afastado (dentro de aproximadamente 250 metros dele), o pelotão adota a técnica de lanços com sobre apoio, Após passar a área aberta as secções reorganizam e continuam a missão.

- (1) PRn do lado afastado. A secção progride com as esquadras até à orla da mata e reconhece uma área suficientemente grande para toda a secção. A secção progride em lanços com sobre apoio a partir do momento em que atinge o alcance das armas ligeiras (cerca de 250 metros).
- (2) PRn do lado próximo. O pelotão deve usar a técnica de progressão sobre apoiada. O pelotão não deve abandonar o PRn como uma área perigosa linear. Aumentam as distâncias entre homens e esquadras.

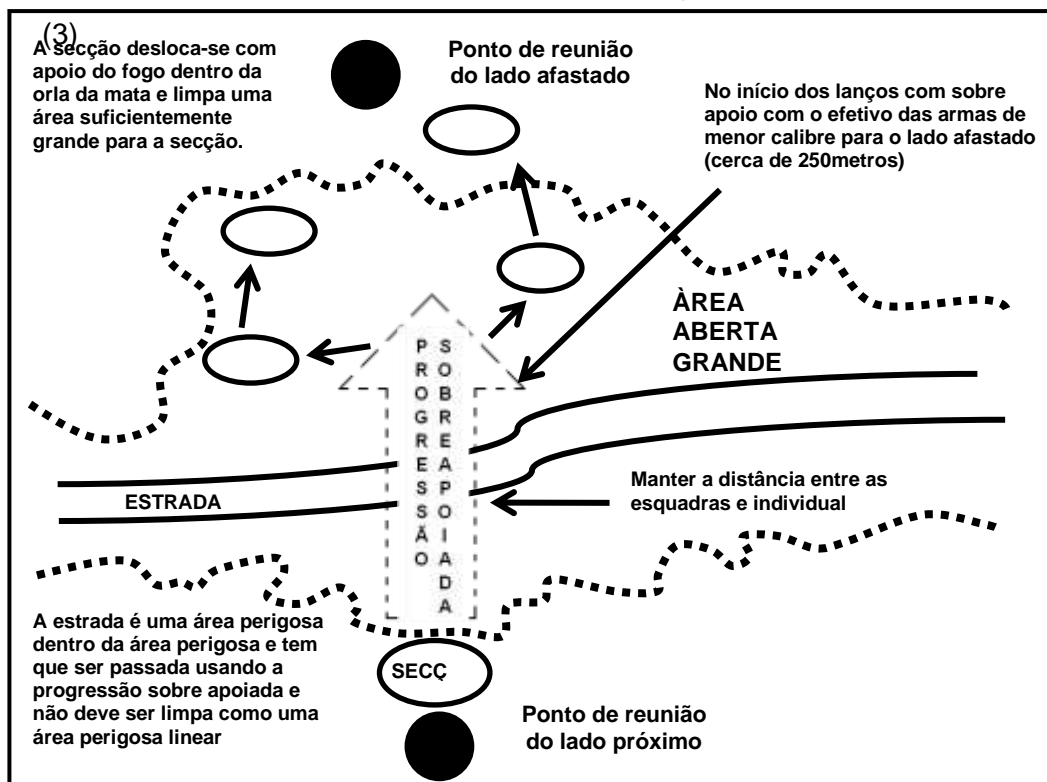


Figura 3-26 - Travessia de área perigosa aberta grande

c. Travessia de área perigosa aberta pequena (apeado)

Para atravessar uma área perigosa aberta pequena que permita ser contornada no tempo atribuído para a missão, o pelotão pode usar uma de duas técnicas (Figura 3-27).

(1) Método 90°.

A secção ou pelotão ao atingir a área aberta roda 90° para a esquerda ou direita e continua o movimento utilizando ângulos retos até atingir o lado afastado. A distância das pernas para contornar a área perigosa não se inclui no itinerário planeado para a missão.

(2) Método do contorno.

O Cmdt Pel define um ponto de referência por azimuth no lado afastado na direção do movimento, decide por que lado vai contornar a área aberta (tendo em consideração a distância, terreno, cobertos e abrigos) e inicia o movimento

em volta da área aberta. Usa a orla da mata e a vegetação como proteção e camuflagem. Quando a secção ou o pelotão atinge o PRn do lado afastado, o Cmdt retoma o deslocamento seguindo o azimuth inicial e continua a missão.

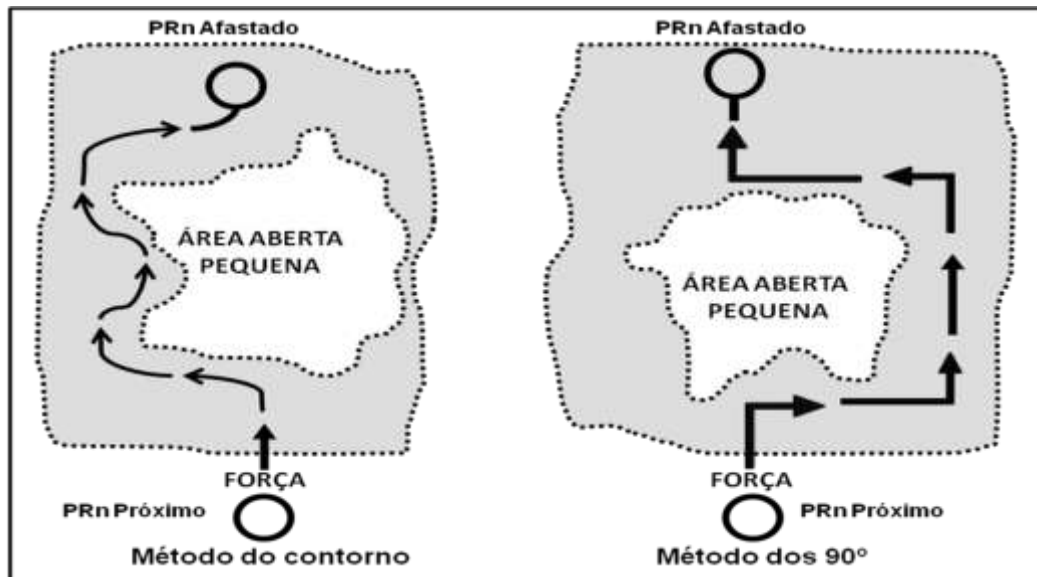


Figura 3-27 - Travessia de área perigosa aberta pequena

**d. Travessia de Área Perigosa Linear (apeado)**

O pelotão atravessa a área perigosa linear com a formação e na direção definida pelo Cmdt de pelotão (Figura 3-28). Quando o comandante de esquadra sinaliza a “área perigosa” (transmitindo a todo o pelotão), o pelotão faz alto. O comandante de pelotão desloca-se à frente para confirmar a área perigosa e definir qual a técnica a utilizar na travessia. O sargento de pelotão também se desloca à frente junto ao comandante de pelotão.

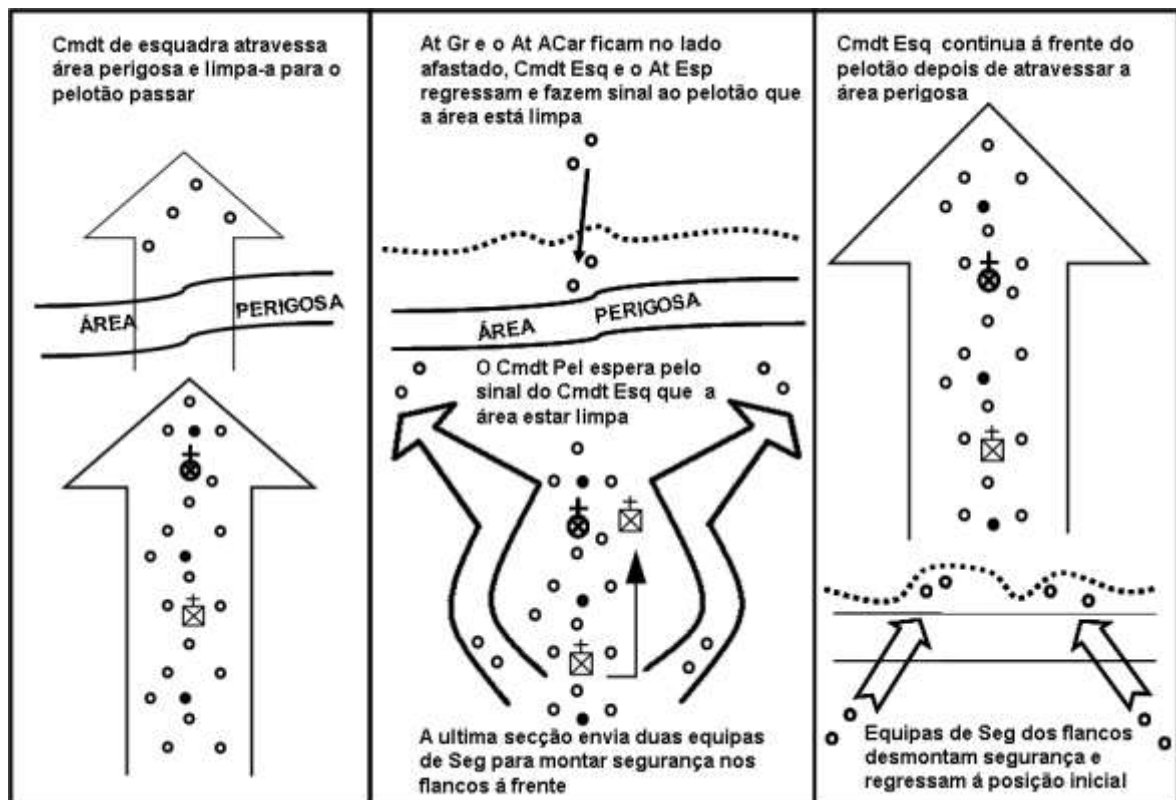


Figura 3-28. Travessia de área perigosa linear

- (1) O comandante de pelotão informa todos os comandantes de secção da situação e identifica o PRn próximo e afastado. Ele reconhece a área perigosa e escolhe o ponto de passagem que confira maior proteção e camuflagem.
- (2) O sargento de pelotão define o posicionamento da segurança do lado próximo. Os elementos das equipas de segurança do lado próximo observam os flancos de modo a garantir alerta de aproximação IN e para sobre apoiar a travessia do resto do Pelotão. Quando os elementos das equipas de segurança próxima estiverem em posição, o comandante pelotão dá indicações à equipa de segurança do lado afastado (elementos da 1ªEsq) para atravessar a área perigosa.
- (3) A equipa de segurança do lado afastado efetua o reconhecimento. O comandante da equipa de segurança estabelece um PO à frente da área reconhecida. A área reconhecida deve ser suficientemente grande para permitir o desenvolvimento de todo o pelotão. O Cmdt da equipa de segurança transmite ao seu comandante de secção que o lado afastado foi reconhecido, que por sua vez transmite ao comandante de pelotão.
- (4) O comandante de pelotão escolhe qual o método de travessia da área perigosa linear. Assim que pelotão atravessa a área perigosa linear, a 1ª secção continua lentamente o deslocamento no azimuth planeado. A equipa de segurança do lado próximo, comandada pelo sargento de pelotão atravessa a área perigosa

onde o pelotão atravessou. O sargento de pelotão conta os homens e assegura-se que todos os elementos efetuaram a travessia e transmite ao comandante de pelotão.

- (5) O comandante de pelotão confirma a contagem e continua o movimento a velocidade normal.

**e. Reação ao contacto em áreas perigosas**

Um maior conhecimento da situação ajuda o comandante de pelotão caso entrem em contacto com o inimigo. Se o pelotão entrar em contacto com o IN dentro ou perto da área perigosa, desloca-se para um PRn predefinido. Baseado na direção do inimigo, o comandante define qual é o PRn (afastado ou próximo). Com visibilidade reduzida poderá utilizar um aparelho de visão noturna (AN/PVS) para sinalizar os PRn à distância. Se o pelotão tiver dificuldades em reunir, o primeiro homem a chegar ao PRn deverá marcar o ponto com uma fonte de luz infravermelha. Isto irá ajudar o resto do pelotão a localizar o PRn e a chegar ao local. Durante o deslocamento para o ponto de reunião, a atualização das suas posições permite a elementos separados identificar a outra posição. Estas atualizações permitem-lhes estabelecer o contacto com PRn e identificar se é amigo ou inimigo.

**0306. Segurança durante os deslocamentos**

A segurança durante os deslocamentos inclui, todas as ações que os pelotões, secções e guarnições das viaturas executam para proteger a sua unidade ou o escalão superior. A informação sobre a sua localização, a situação tática e acerca do inimigo está disponível ao comandante através dos modernos sistemas, tecnologicamente evoluídos, (GPS). Contudo, estes não deverão substituir, em nenhum momento, a tarefa de observar (através das escotilhas da viatura, observando constantemente o terreno e manter observação sob o inimigo).

**a. Terreno**

Ao planear os movimentos, o comandante deve considerar como é que o terreno afeta a segurança. O comandante de companhia deve receber uma cópia do transparente de obstáculos combinados modificados (TOC-M) da área de operações (AO) do Batalhão. O comandante de pelotão pode pedir ao comandante de companhia uma cópia do (TOC-M) da sua AO. Uma vez com os resultados da análise do terreno do comandante de companhia, o comandante de pelotão analisa o terreno para encontrar o melhor itinerário coberto e abrigado a fim de cumprir a sua missão. Ao mesmo tempo, ele considera os outros fatores de decisão MITM-TC.



**b. Formações e técnicas de deslocamento**

Quando escolhe a formação ou técnica de deslocamento, o comandante de pelotão considera a mais recente atualização da situação e o nível de C2 necessário para a missão. Ele escolhe a opção que fornecerá maior segurança, e aquela que, provavelmente, resultará no cumprimento da missão. Durante o deslocamento isolado do pelotão, o comandante de pelotão destaca alguns elementos para a frente a fim de permitir que o contacto seja estabelecido com o menor efetivo possível. Isto permite liberdade ao pelotão para manobrar.

**c. Disciplina de luzes**

Se os soldados necessitarem de mais iluminação durante o deslocamento apeado, do que aquela que um intensificador de imagem pode fornecer operando no modo infravermelho, eles devem também usar outras fontes de infravermelhos. Esta combinação deve fornecer a luz necessária com o menor risco de detenção inimiga. Quando usam a luz infravermelha, os comandantes de pelotão devem considerar as capacidades de visão noturna e de uso de infravermelhos por parte do inimigo. Por instantes, um inimigo com os meios de visão noturna pode enviar sinais de infravermelho, e pode concentrar os fogos diretos e indiretos num pelotão que esteja a utilizar luz infravermelha.

**0307. Manobra**

A manobra fornece a base para o emprego da unidade no campo de batalha. Ao nível de pelotão, a manobra é a combinação entre o fogo e movimento (ou potencial de fogo) empregue para obter uma posição de vantagem em relação ao inimigo e facilitar o cumprimento da missão. A manobra é o centro para a execução de cada tarefa ou operação tática. O comandante do pelotão manobra os elementos montados e as suas secções para estreitar o contacto, ganhar uma posição de vantagem e destruir o inimigo. Uma das capacidades chave do pelotão equipado com viaturas VBR é a de se deslocar fora do contacto direto com o inimigo, para uma posição de vantagem relativamente ao inimigo. Desta forma o comandante de pelotão pode escolher o momento em que vai estabelecer o contacto com o inimigo.

**a. Elemento em apoio**

A combinação de fogo e movimento necessita de uma base do fogo. Alguns elementos do pelotão permanecem estacionários para fornecer a proteção do elemento de movimento, suprimindo ou destruindo os elementos inimigos.

- (1) Quando possível, o elemento de apoio ocupa posições que permitem bons cobertos e abrigos, boa capacidade de observar, e bons campos do tiro. Uma vez na posição, o elemento de apoio suprime posições inimigas conhecidas, prováveis ou suspeitas e ao mesmo tempo que de forma agressiva observa o

seu sector. Identifica também posições e locais anteriormente desconhecidos e suprime-os com fogos diretos e indiretos. O elemento de apoio permite ao elemento de movimento que continue a manobrar, desta forma este pode manter a iniciativa, mesmo quando o inimigo consegue observar e disparar para a sua posição.

- (2) Porque a manobra é normalmente descentralizada, o comandante de pelotão determina de acordo com a sua análise do terreno onde e quando estabelecer uma base de fogos. Nas ações durante o contacto, ele ajusta o plano da manobra conforme for necessário. A responsabilidade de tomar decisões no âmbito da manobra numa parte específica do campo de batalha, recai normalmente sob um dos comandantes no local pois é aquele que conhece quantos elementos de manobra poder empenhar com as força inimiga e que forças amigas podem fornecer o apoio de fogos. Dentro de um pelotão, uma secção pode fornecer apoio de fogos, enquanto dentro de uma secção, uma viatura ou uma esquadra também o pode fazer.

**b. Elemento de movimento**

A manobra é inerentemente um fator de risco. As armas do inimigo, terreno desconhecido e outros fatores operacionais aumentam esse risco. Na execução da manobra, o comandante de pelotão considera o seguinte:

- (1) O elemento de movimento deve procurar tirar o máximo partido dos cobertos e abrigos que o terreno lhe proporciona. Reforçando e aplicando os princípios dos deslocamentos, os comandantes de pelotão e os condutores, respetivamente, podem aumentar a segurança. Por exemplo, os deslocamentos devem ser feitos ao longo da crista militar e evitar a “linha do horizonte”, onde se recorta a silhueta;
- (2) Elemento de movimento deve manter segurança permanente. A tripulação do elemento de manobra deve manter continuamente sob observação os sectores de tiro que lhe estão atribuídos;
- (3) Os fatores de decisão MITM-TC ditam a extensão dos lanços. Contudo, o elemento de movimento nunca deve movimentar-se para além do alcance a partir do qual o elemento de apoio deixa de poder suprimir posições inimigas conhecidas, suspeitas ou previsíveis (dois terços do alcance prático do sistema de armas). A adoção destas medidas permite diminuir a exposição aos fogos inimigos a que o elemento de movimento está sujeito;
- (4) Em terreno restritivo, o elemento de movimento efetua lanços mais curtos do que em áreas mais abertas;

- (5) Para que as zonas mortas possam ser observadas e batidas, o elemento de movimento poderá ter que apear as suas secções ou esquadras de atiradores. Apesar de fazê-lo, normalmente obriga o elemento a fazer uma pausa tática, que irá atrasar a operação mas que será melhor que perder um veículo e a tripulação para um elemento inimigo;
- (6) O elemento de movimento deve concentrar-se no seu último objetivo e obter uma posição de vantagem. Uma vez conseguido esse objetivo, o elemento usa esta vantagem para procurar destruir o inimigo através dos fogos diretos e lançar um assalto por parte da infantaria apeada.

**c. Relação entre deslocamento tático e ações em contacto**

O objetivo do deslocamento tático é movimentar unidades no campo de batalha procurando ao mesmo tempo prepará-las para o estabelecimento de contacto com o inimigo. O processo usado e que envolve desde o deslocamento tático até à manobra é denominado por "ações no contacto".

Página intencionalmente em branco

## **CAPÍTULO 4**

### **OPERAÇÕES OFENSIVAS**

*Neste capítulo explica-se como o pelotão de Atiradores VBR Pandur conduz procedimentos e técnicas ofensivas. O pelotão de infantaria VBR tem grande flexibilidade devido à sua mobilidade orgânica e organização robusta. O sucesso do pelotão depende da capacidade de maximizar a flexibilidade orgânica para a concentração de forças em momentos e lugares-chave. O aumento da mobilidade da infantaria ligeira permite ao pelotão de infantaria VBR mover-se mais rápido e mais longe, podendo reagir rapidamente a mudanças na situação tática, deixando assim de estar limitada pelo problema do espaço-tempo que historicamente a prejudica.*

#### **SECÇÃO I - PRINCÍPIOS DAS OPERAÇÕES OFENSIVAS**

O resultado favorável do combate decisivo deriva das operações ofensivas. Somente através das operações ofensivas se pode controlar o inimigo por meio do fogo e da manobra para o destruir, capturar ou para repelir o seu assalto. Embora as considerações táticas possam obrigar o pelotão a executar operações de defesa num determinado período de tempo, a derrota do inimigo exige a execução de operações ofensivas. Para garantir o sucesso do ataque, o comandante de pelotão deve compreender o fundamento das operações ofensivas e aplicar esses procedimentos nas operações. Uma sólida base ofensiva durante o planeamento auxilia o comandante de pelotão dando flexibilidade tática ao seu pelotão.

#### **0401. Características das operações ofensivas**

Os comandantes de pelotão devem aplicar os seguintes princípios:

##### **a. Iniciativa**

As operações ofensivas têm como objetivo derrotar a vontade do inimigo resistir, o que implica manobra, velocidade e agressividade. Ao retirar a iniciativa do inimigo obtém-se liberdade de ação e vantagem psicológica. Explorar o sucesso e aproveitar a fraqueza do inimigo deve estar no pensamento dos comandantes. Esta necessidade pode ser aplicada às atividades de informação e influência, os comandantes devem tomar a iniciativa nas operações psicológicas e assuntos civis, a fim de influenciar a compreensão e a percepção do público alvo e elementos chave da população.

**b. Surpresa**

O pelotão atinge a surpresa atacando o inimigo no tempo e local em que este não está psíquica e fisicamente preparado. Esta vantagem deve ser explorada para desequilibrar o inimigo e impedir que se possa reorganizar.

**c. Concentração**

Isto é, a concentração e massificação dos efeitos do potencial de combate. A escolha do momento certo, manobras precisas e velocidade, facilidades pela partilha de informação, permitem ao comandante de pelotão uma massificação dos efeitos das suas forças quando e onde for mais apropriado. As forças devem ser concentradas onde o inimigo for mais fraco ou onde o terreno oferecer melhores condições, para aproveitar ao máximo a mobilidade e o poder de fogo.

**d. Ímpeto**

Ímpeto é o índice de rapidez da ação militar. Controlar ou alterar este índice é essencial para manter a iniciativa. Embora um ritmo rápido seja o preferível, o comandante de pelotão tem que se lembrar que a sincronização define as fases para o cumprimento da missão do pelotão. Para apoiar a intenção do comandante de companhia, o comandante de pelotão deve garantir que o movimento do seu pelotão é sincronizado com o movimento da sua companhia e dos restantes pelotões. Se o pelotão é forçado a abrandar o ritmo devido ao terreno ou à resistência do inimigo, o comandante de companhia pode alterar o ritmo, e o movimento, para manter a sincronização. O ímpeto pode variar muitas vezes durante uma operação ofensiva. O comandante de pelotão deve-se lembrar que é mais importante deslocar-se por itinerários cobertos e abrigados para posições onde o pelotão passa a exercer um efeito massa através de fogos diretos sobre o inimigo em vez de manter as formações precisas e a velocidade predefinida.

**e. Audácia**

A audácia é um simples plano da ação, executado corajosamente. É a vontade ousada de obter resultados positivos. O conhecimento da intenção do comandante permite que o comandante de pelotão obtenha vantagem no campo de batalha, sempre que as oportunidades surjam, aumentando a eficácia do apoio do pelotão em toda a operação ofensiva. A audácia é definida pela iniciativa disciplinada e inspira nos soldados vontade de superar a adversidade e o perigo.

**f. Segurança**

A segurança é essencial para se manter a liberdade de ação, evitar a surpresa por parte do inimigo e assegurar a integridade da força. A ofensiva deve ser iniciada a partir de um local seguro, passando a linha de partida de forma segura, devendo ser tida em atenção a segurança dos flancos.

**g. Flexibilidade**

As operações ofensivas exigem um alto grau de flexibilidade a fim de permitir adaptar os planos para fazer face a alterações da situação, acontecimentos inesperados e para explorar oportunidades. Os seus elementos são a flexibilidade mental e rapidez na tomada de decisão pelo comandante e pelos seus subordinados, para garantir que não se perde tempo nem oportunidades. É alcançada através da simplicidade dos planos e da unidade de esforço.

**h. Informações**

O comandante necessita de toda a informação disponível, sobre o terreno e o inimigo, incluindo detalhes sobre os eixos de aproximação, o objetivo e a área para além deste.

**i. Simplicidade**

Os planos devem ser simples. Manobras e modalidades complexas podem levar à confusão e a enganos. Um conceito de operação claro apoiado por um plano simples proporciona aos comandantes subordinados a oportunidade de aplicar seu próprio julgamento e iniciativa para fazer face a alterações da situação. Aumenta a agilidade e permite um melhor controlo do ímpeto.

**j. Profundidade**

O isolamento do campo de batalha e a destruição ou perturbação das ações de apoio e reforço do inimigo, através do combate em profundidade, reduzem a sua capacidade de reação e os riscos para as nossas forças, aumentando a sua segurança, contribuindo para alcançar e manter a iniciativa.

## **0402. Tarefas ofensivas primárias**

As quatro tarefas ofensivas primárias são: a marcha para o contacto, o ataque, a exploração do sucesso e, a perseguição. As companhias podem executar o movimento para o contacto e o ataque. Por sua vez, os pelotões executam estes tipos de manobras como parte da companhia. A natureza destas operações depende essencialmente do tempo e informações disponíveis sobre o IN. Na e exploração do sucesso e perseguição as companhias e os pelotões participam integrando os Batalhões.

**a. Marcha para o contacto**

A marcha para o contacto é o tipo de operação ofensiva destinada a desenvolver a situação e a estabelecer ou restabelecer o contacto com o IN. O pelotão só executa

este tipo de ação como parte de uma companhia quando a situação do inimigo é muito vaga ou não é suficiente para conduzir um ataque.

**b. Ataque**

O ataque é uma tarefa ofensiva que visa destruir ou derrotar as forças inimigas, fixar o IN ou assegurar a posse de terreno. O fogo e movimento caracterizam o ataque e o pelotão participa num ataque sincronizado ao nível da companhia. No entanto um pelotão pode executar um ataque específico, integrando uma operação ofensiva ou defensiva de companhia ou isoladamente. Um ataque de finalidade específica pode ser uma emboscada, golpe de mão, contra-ataque, ataque desorganizante, finta ou demonstração.

**c. Exploração do sucesso**

A exploração é efetuada ao nível de batalhão ou superior. O objetivo da exploração é completar a destruição do inimigo após um ataque com sucesso. As companhias e os pelotões poderão executar movimentos para o contacto e ataques com parte de uma exploração ao nível do escalão superior.

**d. Perseguição**

A perseguição é executada ao nível de companhias ou superior, após uma exploração com sucesso. A perseguição tem o objetivo de destruir o inimigo em fuga evitando perder o contacto com o IN pois ele poderá reorganizar-se e ganhar a iniciativa. As companhias e os pelotões executam ataques como parte de uma exploração ao nível do escalão superior.

### **0403. Formas de manobra**

A manobra é a aplicação do fogo e do movimento para colocar o inimigo numa posição desvantajosa. As cinco formas de manobra são as seguintes:

- Envolvimento;
- Movimento torneante;
- Infiltração;
- Penetração;
- Ataque frontal;

**a. Envolvimento**

O envolvimento é uma forma de manobra na qual o atacante evita a frente de combate do inimigo, atacando os objetivos na retaguarda através dos flancos do inimigo, a fim de o destruir nas suas posições que ocupa (Figura 4-1). Os “ataques de flanco” são uma variante do envolvimento. O ataque ao flanco do inimigo deve ser executado quando houver dificuldade em o inimigo se mover dentro da sua posição. Um envolvimento de sucesso requer informações para descobrir ou criar um flanco



vulnerável. O envolvimento deve ser a forma de manobra preferida, porque a força de ataque terá menos perdas ao evitar o forte do IN e simultaneamente terá mais oportunidades para destruir o inimigo abordando-o por flancos mais vulneráveis. Um pelotão pode conduzir um envolvimento isoladamente ou integrado num ataque da companhia. O envolvimento deve:

- Aproveitar o terreno, desenhado e coberto;
- Destruir forças específicas do inimigo;
- Barrar os itinerários de retirada do inimigo.

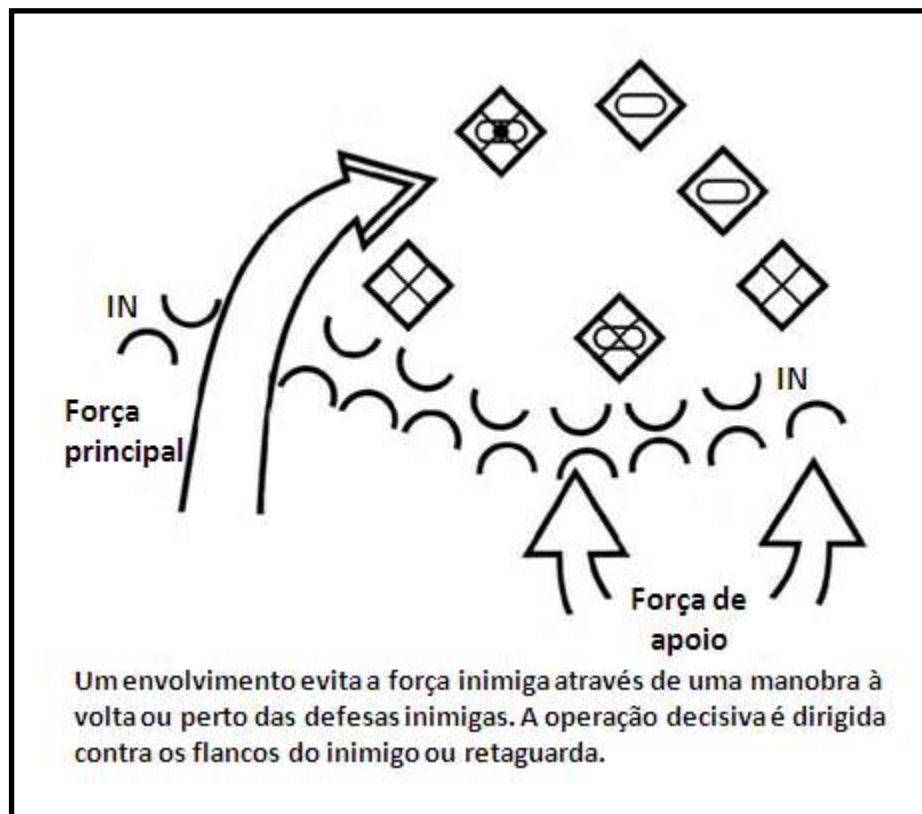


Figura 4-1 - Envolvimento

**b. Movimento torneante**

É uma forma de manobra em que a força de ataque tem como objetivo evitar as posições defensivas principais do inimigo, atacando os objetivos na retaguarda, do inimigo e fazendo-o mover-se para fora das suas atuais posições (Figura 4-2). Um pelotão executa um movimento torneante, integrado numa companhia, apoiando o ataque do batalhão. A força que executa o movimento torneante, deverá atacar um objetivo importante e com uma força credível para obrigar o IN a deixar as suas posições defensivas, combatendo em terreno não preparado.

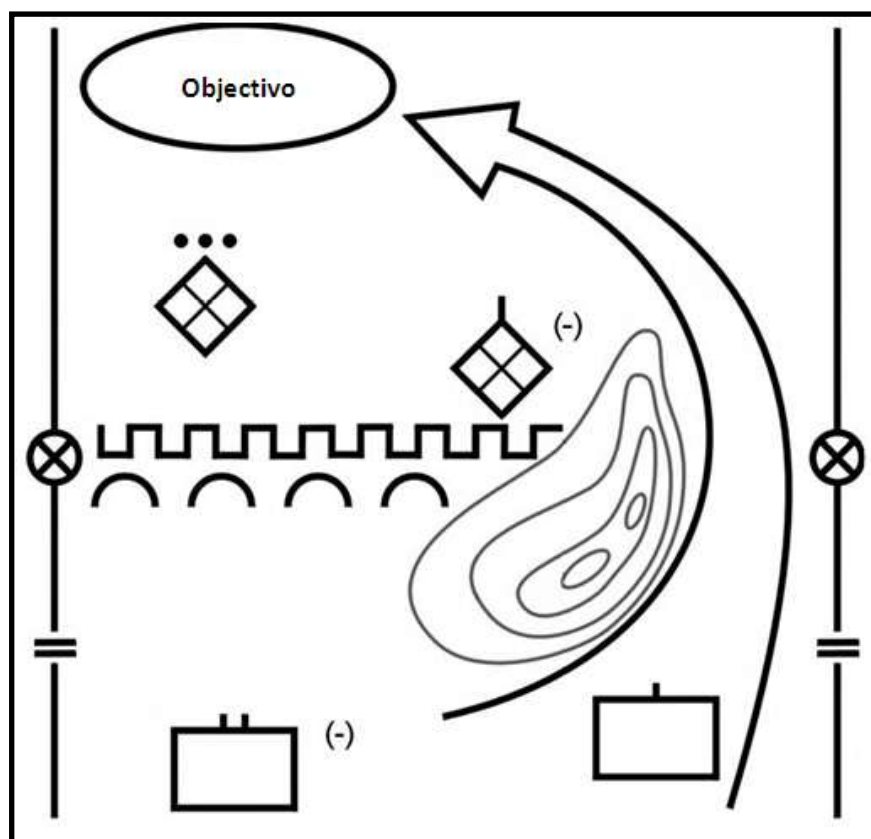


Figura 4-2 - Movimento torneante.

### c. Infiltração

Infiltração é uma forma de manobra na qual uma força de ataque realiza movimentos simulados através de uma área ocupada por forças inimigas para ocupar uma posição vantajosa na retaguarda do inimigo, expondo apenas pequenos elementos ao fogo das posições defensivas do inimigo (Figura 4-3). Mover e reunir forças através das posições inimigas requer uma considerável quantidade de tempo. Uma infiltração de sucesso atinge a retaguarda do inimigo sem a existência de combates através de posições preparadas. Uma infiltração é normalmente usada em conjunto e em suporte de uma outra forma de manobra. O comandante de pelotão pode utilizar a infiltração para manobrar as suas secções para um local onde possam apoiar o ataque da força montada. O objetivo da infiltração é:

- Atacar posições do inimigo através de direções inesperadas;
- Ocupar uma base de fogos para apoiar um ataque;
- Manter um terreno-chave;
- Executar emboscadas;
- Executar uma abertura de brecha coberta pelo fogo.

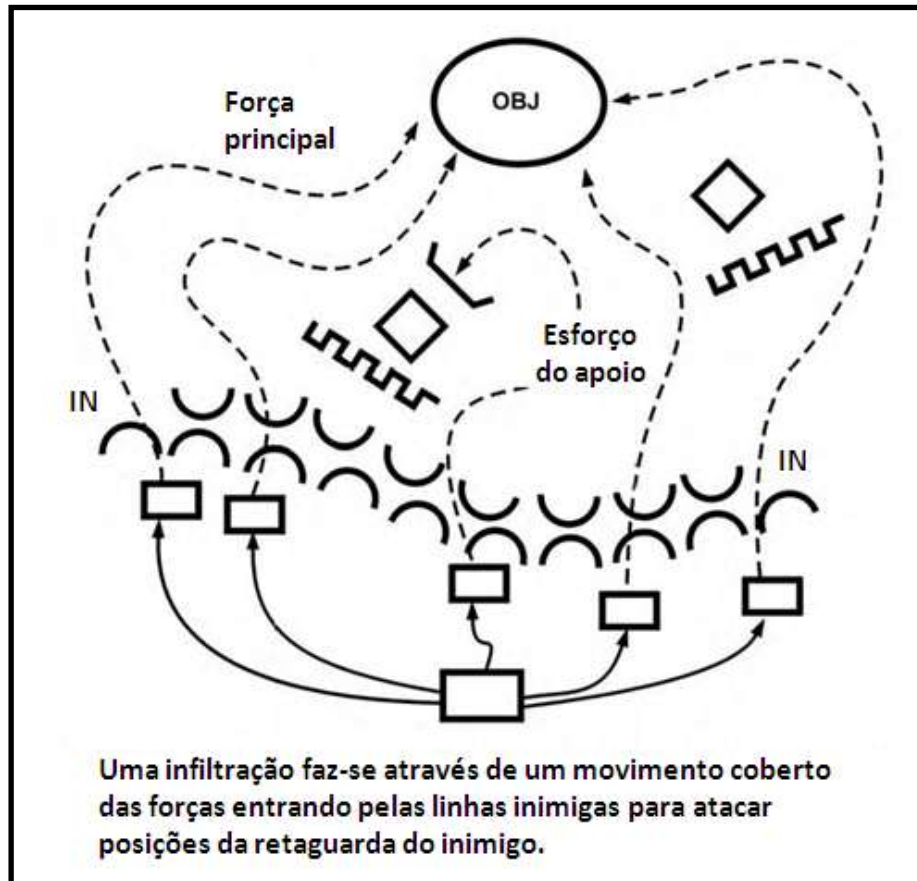


Figura 4-3 - Infiltração.

#### d. Penetração

A penetração é uma forma de manobra na qual uma força de ataque procura romper as defesas do inimigo numa frente estreita para criar acesso à retaguarda do inimigo (Figura 4-4). A penetração é usada quando os flancos do inimigo não são vulneráveis, quando a defesa das linhas inimigas está além do limite, quando os pontos fracos de defesa do inimigo estão identificados e quando o tempo não permite outra forma de manobra. Normalmente a penetração consiste em três etapas:

- Romper as posições de defesa principal do inimigo;
- Alargar o espaço criado para segurar os flancos através do envolvimento de um ou de ambos dos novos flancos expostos;
- Conquistar o objetivo na profundidade.

Como parte de uma força de penetração maior, o pelotão irá normalmente isolar, suprimir, fixar, ou destruir as forças inimigas, quebrar obstáculos táticos e de proteção imediata na defesa principal do inimigo, garantir a segurança dos flancos da penetração, ou conquistar terreno-chave. Uma companhia pode também usar a penetração para assegurar um ponto importante numa área designada.

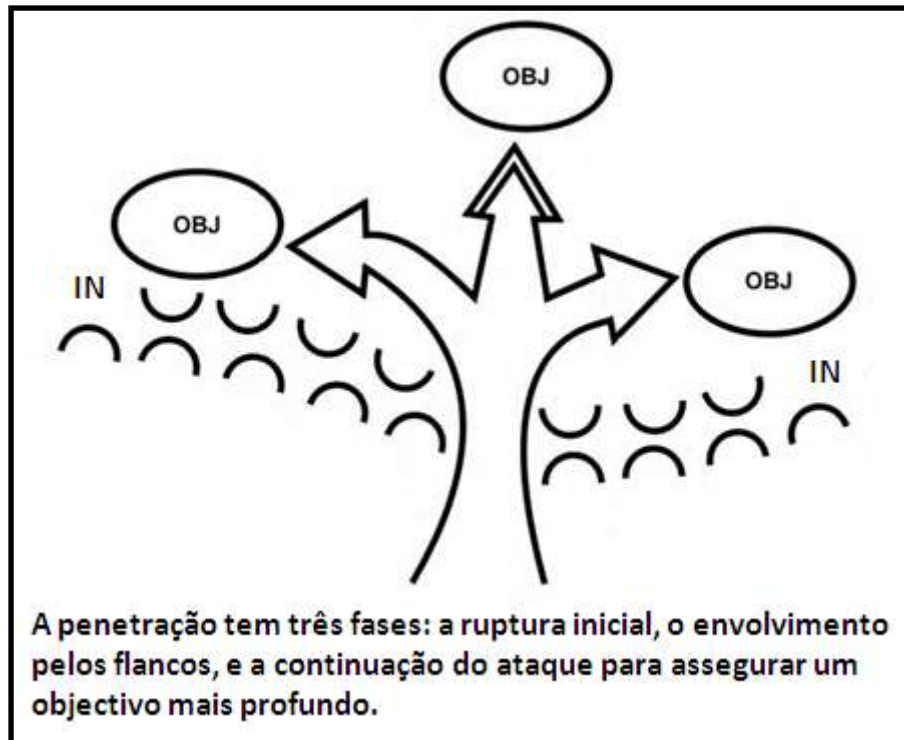


Figura 4-4 - Penetração.

**e. Ataque frontal**

O ataque frontal é uma forma de manobra na qual uma força de ataque destrói uma posição inimiga fraca ou fixa uma força inimiga maior, ao longo de uma frente ampla. É a forma menos desejável de manobra porque expõe a força atacante para o fogo concentrado do IN e limita a eficácia dos fogos do atacante. No entanto, o ataque frontal é frequentemente a melhor forma de manobra para um ataque em que a velocidade e a simplicidade são fundamentais, sendo útil para esmagar defesas fracas, postos de segurança, ou desorganizar forças inimigas.

## SECÇÃO II - SEQUÊNCIA NAS OPERAÇÕES OFENSIVAS

O comandante de pelotão executa o planeamento para uma missão ofensiva, geralmente de acordo com a seguinte sequência de atividades:

- Ocupação de zona de reunião;
- Reconhecimentos;
- Deslocamento para a linha de partida;
- Manobra;
- Desenvolvimento;

- Assalto;
- Consolidação e reorganização.

#### **0404. Zona de reunião**

O comandante de pelotão planeia a próxima missão, dirige e supervisa os preparativos da missão, na zona de reunião. O tempo de preparação na zona de reunião permite ao pelotão fazer inspeções e verificações antes do combate, treinos e atividades de combate. Normalmente, o pelotão faz estes preparativos dentro de uma zona de reunião de companhia. Raramente o pelotão ocupa a sua própria zona de reunião.

#### **0405. Reconhecimentos**

Todos os comandantes devem obter informação sobre o terreno e sobre o inimigo. A situação do inimigo e o tempo de planeamento disponível podem limitar o reconhecimento da força. Nesta circunstância, o pelotão irá conduzir um reconhecimento para responder ao PIR do comandante de companhia, por exemplo, reconhecer o tempo que demora entre a zona de reunião e a linha de partida.

#### **0406. Deslocamento para linha de partida**

O pelotão desloca-se normalmente da zona de reunião para a linha de partida como parte integrante da companhia. Este plano de movimentos pode direccionar o pelotão para uma base de ataque, para aguardar ordens para atravessar a linha de partida. Se assim for, o comandante de pelotão tem que prever, o tempo, e treinar o itinerário para a base de ataque e fazer o reconhecimento da posição atual. Os comandantes de secção têm que saber onde têm que colocar as respetivas secções na base de ataque atribuída. A base de ataque é a última posição que uma força de ataque ocupa antes de atravessar a linha de partida. O comandante de companhia pode querer que todos os pelotões se movimentem dentro da formação da companhia, desde a zona de reunião até ao ponto de partida, na linha de partida. O ponto de partida é o ponto em que a força atravessa a linha de partida, começando depois a movimentar-se ao longo de uma direção de ataque ou eixo de aproximação. O pelotão flecha e os pelotões da retaguarda devem treinar os itinerários para o ponto de partida, coordenando os tempos de deslocamento para que o comandante de companhia possa manter a sincronização. O comandante de companhia pode também designar um ponto de partida para cada pelotão ao longo da linha de partida.

#### **0407. Manobra**

O comandante de companhia irá planejar a aproximação de todos os pelotões ao objetivo para assegurar a sincronização, segurança, velocidade e flexibilidade. Ele vai selecionar os itinerários, as técnicas de deslocamento, formações e métodos de deslocamento (montado ou apeado) dos pelotões que melhor assegurem as suas intenções, para as ações a realizar dentro do objetivo. O comandante de pelotão tem que conhecer a sua parte da batalha, preparando-se para estabelecer contacto com o inimigo, mantendo a sincronização, segurança, velocidade e flexibilidade. Durante a execução o comandante de pelotão pode demonstrar uma iniciativa disciplinada e alterar a formação, a técnica e a velocidade do seu pelotão para manter a sincronização com os outros pelotões.

#### **0408. Desenvolvimento (entrada em posição)**

A partir do momento que o pelotão entra em posição e se movimenta em direção à posição de assalto, começa o posicionamento final das secções ou as VBR, tal como definido pelo comandante de companhia. Uma base de assalto é uma posição coberta e abrigada, para assaltar o objetivo. Este posicionamento tático permite que o pelotão se mova com a postura tática ideal a partir da base de assalto para o ataque. O deslocamento deve ser tão rápido quanto o terreno, a mobilidade da força, e a situação do inimigo o permita. A linha de entrada em posição é usualmente a medida de controlo que precede a base de assalto, embora também se possa localizar dentro da base de assalto. A linha de entrada em posição é uma linha de fase designada pelo comandante de companhia onde toda a sua força assume a formação de assalto (antes de começar o assalto propriamente dito).

#### **0409. Assalto**

Numa operação ofensiva, o objetivo do pelotão pode ser orientado para conquistar terreno ou para destruir uma força inimiga. Nos objetivos orientados para conquistar o terreno o pelotão deve garantir uma área designada e muitas vezes obriga a combates através das forças inimigas. Se o objetivo é orientado para destruir forças, pode ser dada uma área de operações como referência, mas os esforços do pelotão têm que ser orientados para a localização do inimigo. As ações no objetivo começam quando a companhia ou o pelotão iniciam os fogos diretos e indiretos sobre o objetivo, e pode ocorrer enquanto o pelotão ainda se está a deslocar em direção ao objetivo, desde a base de assalto até a linha de entrada em posição.

#### **0410. Consolidação e reorganização**

O pelotão consolidada e reorganiza como determinado pela situação e missão. A consolidação é um processo de organização e fortalecimento da posição capturada ao IN, com o objetivo de a poder defender (caso o IN contra-ataque). A reorganização permite fazer uma redistribuição

de material e armamento dentro da força para poder continuar o combate. O pelotão executa as missões subsequentes segundo as indicações do comandante de companhia, podendo continuar o ataque dentro da sua área de operações. Independentemente da situação, o pelotão tem que se preparar para operações ofensivas contínuas.

### SECÇÃO III - CONSIDERAÇÕES NO PLANEAMENTO DAS OPERAÇÕES

Os sistemas operacionais do campo de batalha são uma lista de tarefas críticas que fornece um meio de revisão pós-ação. A sincronização e coordenação entre os sistemas do campo de batalha são críticas para o sucesso.

#### **0411. Manobra**

O objetivo da manobra é estreitar o contacto e destruir o inimigo. A manobra requer uma base de fogos diretos e indiretos para repelir e destruir forças inimigas e obter uma posição vantajosa sobre o inimigo. Quando executada com eficácia, a manobra deixa o inimigo vulnerável forçando-o a combater em duas direções, negando-lhe a iniciativa e limitando as suas opções táticas.

#### **0412. Apoio de fogos**

O pelotão poderá utilizar fogos indiretos através da artilharia de campanha ou através dos morteiros da companhia ou do batalhão. O comandante de pelotão deve ter sempre presente o perigo potencial para as nossas forças que resulta da utilização de fogos indiretos no apoio ao assalto. A posição e direção de deslocamento da força de assalto, deverá estar sempre coordenada com o apoio de fogos indiretos.

#### **0413. Mobilidade, contra-mobilidade e sobrevivência**

O pelotão deverá focar-se na “mobilidade”, que é fundamental nas operações ofensivas. O pelotão terá que ultrapassar obstáculos durante a operação ofensiva, sem apoio adicional, ou outros casos, em que o pelotão precisará do apoio da engenharia para os ultrapassar (apoio à mobilidade).

#### **0414. Defesa aérea**

Poderão ainda atuar na área de operações do pelotão, aeronaves de asa fixa ou helicópteros. Apesar destes apoios aéreos não trabalharem necessariamente com o pelotão, o comandante de pelotão deverá ter isso em consideração durante o planeamento e na ação. As NEPs da força terão que incluir medidas de defesa aérea para reagir ao apoio aéreo inimigo, se não existir apoio externo de defesa aérea.

## SECÇÃO IV - PROCEDIMENTOS NO CONTACTO

As primeiras ações a executar no contacto com o inimigo são as de instalar e procurar cobertura, e responder ao fogo. Nesse momento o comandante deve fazer-se ouvir e agir com prontidão para completar a operação. O pelotão deve reagir instintivamente e de imediato, ao contacto. Para que o pelotão funcione devidamente e reaja corretamente, quase instintivamente, o comandante de pelotão deve treinar os procedimentos de combate e estabelecer NEPs, e executar muitos treinos. Os quatro passos que se descrevem, dão ao comandante de pelotão uma sequência lógica, para tomar decisões na reação ao contacto:

- Estabelecer o contacto;
- Avaliar e desenvolver a situação;
- Escolher a modalidade de ação;
- Informar o comandante de companhia e executar a modalidade de ação.

### **0415. Estabelecer contacto**

O comandante de pelotão destaca o seu pelotão quando reconhece uma das categorias de contacto inicial ou recebe um relato de contacto com o inimigo.

#### **a. Situações de contacto incluem o seguinte:**

- Contacto visual (unidades amigas podem ou não ser observados pelo inimigo);
- Contacto físico com o inimigo superior, inferior ou desconhecido;
- Fogos indiretos;
- Contacto com obstáculos do inimigo ou de origem desconhecida;
- Contacto com meios aéreos do inimigo ou desconhecidos;
- Situações e condições em Nuclear, Biológico e Químico (NBQ);
- Situações de guerra eletrónica tais como empastelamento e interferências.

#### **b. Quando o pelotão estabelece contacto com o inimigo, o comandante de pelotão age de acordo com as circunstâncias da situação. A secção ou a viatura que estabelece contacto inicial deve reagir apropriadamente. O comandante de pelotão tem várias opções para comandar o pelotão, sendo frequentemente ele a dar início aos procedimentos de combate. O comandante de pelotão pode dar ordem às secções para procurarem imediatamente uma posição coberta e abrigada (se montados, o comandante de pelotão decide se as sessões apeiam ou não). A posição deve permitir o campo de observação desobstruído e bons campos de tiro e também permitir ao pelotão manter a segurança dos flancos. Após as secções estarem em**



posição o comandante de pelotão ou sargento de pelotão, enviam um relatório de contacto ao comandante de companhia o mais rápido possível o RELIM.

#### **0416.Avaliar a situação**

Enquanto o pelotão executa as suas tarefas ou ocupa uma posição coberta e abrigada, o comandante de pelotão deve avaliar a situação e esclarecê-la. A sua primeira preocupação é a de determinar o efetivo do inimigo (superior e inferior), a sua composição (avaliar sistemas de armas), atividade e orientação da força inimiga. Ele analisa como os obstáculos e o terreno poderão afetar as capacidades das nossas tropas ou do inimigo e possíveis modalidades de ação. O comandante de pelotão utiliza os relatórios dos comandantes de secção, de outros comandantes de pelotão e do comandante de companhia para fazer a sua avaliação.

- a. Devido ao pelotão operar normalmente como parte de uma companhia, os elementos de reconhecimento do batalhão poderão estar disponíveis para apoiar o comandante de batalhão e o comandante de pelotão a avaliar a situação.
- b. Não estão estabelecidas regras para determinar o nível de superioridade do inimigo em relação ao pelotão; o resultado depende da situação. O critério a utilizar será o seguinte:
  - (1) Força inferior: uma força inferior é definida como um elemento inimigo que o pelotão pode destruir mantendo-se pronto para executar ações futuras.
  - (2) Força superior: uma força superior que pode ser destruída somente através de um esforço combinado de nível companhia ou batalhão e meios de apoio.
- c. O comandante de pelotão avalia as capacidades do inimigo, especialmente os sistemas de armas letais de que o inimigo dispõe, devido às atividades recentes do inimigo.
- d. As opções letais do inimigo variam. O inimigo pode usar armas ligeiras anticarro, sistemas filo-guiados, ou pessoal apeado com armas automáticas. Ele pode entrincheirar as suas forças em posições de combate preparadas ou pode executar uma operação de reabastecimento com pouca segurança.
- e. Após estabelecido o contacto e avaliada a situação, o comandante de pelotão pode vir a descobrir que não tem informação suficiente para determinar a superioridade ou inferioridade da força inimiga. Para obter essa informação, ele pode posteriormente esclarecer a situação usando uma combinação de técnicas, incluindo o fogo e

movimento, fogos indiretos, reconhecimento pelo fogo e vigilância. No entanto, o comandante de pelotão deve ter muito cuidado, assegurando-se que as suas ações estão de acordo com a intenção do comandante.

- f. As considerações mais cruciais do comandante de pelotão incluem o cumprimento da missão e sobrevivência do pelotão. Assim que o comandante determinar com exatidão qual a força opositora, ele ou o sargento de pelotão enviam a TUTELA atualizada, ao comandante de companhia. Assim que o comandante de pelotão desenvolve a situação e que tem informação suficiente para tomar uma decisão, seleciona uma modalidade de ação que cumpra a missão, indo de encontro às diretivas do comandante, desde que esteja dentro das capacidades do pelotão. Ele tem várias opções para determinar a modalidade de ação:
- Dirige o pelotão para executar o plano original. O comandante de pelotão seleciona a modalidade de ação especificada pelo comandante na ordem de operações;
  - Baseado na situação, cada ordem parcelar, pode ser usada para melhorar o plano apoiando a intenção do comandante de companhia;
  - Comunica a situação e sugere ao comandante de companhia uma modalidade de ação alternativa, baseada em informação conhecida no caso de um ataque imprevisto do inimigo ou de alteração da situação do campo de batalha;
  - Direciona o pelotão e executa movimentos táticos (utilizando vigilância e o apoio pelo fogo dentro do pelotão) e reconhecimento pelo fogo para posterior desenvolvimento da situação, colhendo assim informação que ele precisa para clarificar a sua imagem do campo de batalha.

#### **0417. Escolha da modalidade de ação**

O comandante de pelotão tem pouco tempo para analisar este ponto, mas ele já deve ter desenvolvido propostas de modalidades de ação. Ele deve ter em consideração a intenção e diretivas do comandante, para ajudar na escolha da modalidade de ação.

- a. Na maioria dos casos o comandante já identificou o critério por ações anteriores de contacto no caso das capacidades do inimigo (no caso do inimigo possuir uma força superior ou inferior). Ele já tem um critério específico para destruir, fixar e tornear o inimigo, assim como para romper o contacto. Ele avalia várias reações possíveis do inimigo, durante o planeamento, no treino de companhia, durante a sua guerra

informal e durante os treinos de pelotão. Ele também deve planejar o emprego de fogos indireto para apoiar a modalidade de ação.

- b. A alteração ao plano original ou desenvolvimento de uma nova modalidade de ação pode mudar a manobra. Em muitas situações, a intenção da manobra é de ganhar posições de vantagem sobre o inimigo, forçando-o a lutar numa direção não pretendida. Enquanto um elemento se posiciona numa posição de vantagem, um outro elemento observa e apoia o controlo de fogos indiretos feito pelo observador que tem melhor campo de observação para pedir fogo ajustado sobre o inimigo. Se necessário o comandante de pelotão elabora um gráfico com as medidas de controlo.

#### **0418. Propor e executar uma modalidade de ação**

Uma vez escolhida a modalidade de ação, o comandante de pelotão continua a sua avaliação da situação, determinando se a sua escolha se ajusta ou não, às diretivas e intenção do comandante, durante a ordem de operações. Se sim, ordena ao pelotão que execute a modalidade de ação e comunica as suas intenções ao comandante de companhia.

- a. Se no entanto a situação ditar uma mudança ao plano inicial, o comandante de pelotão deve recomendar a nova modalidade de ação ao comandante. Nesse caso ele comanda o pelotão conforme as indicações do comandante. O comandante de pelotão, se necessário, comunica com outros comandantes de pelotão para obter apoio de acordo com a intenção do comandante.
- b. Mais informações serão disponibilizadas à medida que o pelotão execute a modalidade de ação. O comandante de pelotão ou sargento de pelotão mantém o comandante de companhia a par da situação, através da TUTELA e SITREPs. A precisão desses relatórios é muito importante porque o comandante de batalhão e oficial de informações, podem usá-los para confirmar ou negar a situação do inimigo.
- c. As informações-chave que o comandante precisa são, tamanho, atividade, localização, unidade, hora a que foi observado, equipamento do inimigo que o pelotão tenha observado empenhado destruído ou torneado. O comandante de pelotão também informa o comandante sobre a localização atual do pelotão e sobre alterações do poder de combate ou situação logística do pelotão.

- d. Baseado em detalhes da situação inimiga, o comandante de pelotão pode ter que alterar o seu plano durante a execução. Por exemplo, a medida que o pelotão manobra para destruir o que aparenta ser uma viatura inimiga sozinha, ele poderá descobrir mais seis em posição de combate já preparadas (uma força superior) neste caso, o comandante de pelotão informa o comandante e propõe uma modalidade de ação alternativa (por exemplo, o seu pelotão ocupar uma posição de apoio pelo fogo enquanto o remanescente da companhia destrói as viaturas inimigas). O pelotão continua a executar a modalidade de ação original ou melhorada, até cumprir a missão principal, receber uma mensagem do comandante de companhia a alterar a missão ou recebe ordens para consolidar e reorganizar no objetivo.

## SECÇÃO V - ATAQUE

Os pelotões e secções conduzem o ataque como parte de uma companhia de atiradores. Um ataque para ser sucedido requer um planeamento detalhado, sincronização e treinos. O comandante de companhia designa os objetivos do pelotão com uma tarefa e um estado final, para o seu elemento de assalto, elemento de apoio e elemento de brecha. Para assegurar a sincronização, todos os comandantes têm que saber a localização dos seus subordinados e unidades adjacentes durante o ataque. Para além de poderem ter diferentes formas dependendo dos seus objetivos, os ataques são caracterizados como deliberados ou imediatos. A principal diferença entre estes é o grau de planeamento e preparação utilizado pela força atacante, mas não há uma distinção clara entre ataques imediatos e deliberados. Os ataques podem ter as seguintes formas:

- Ataques orientados contra uma força inimiga estacionária;
- Ataques orientados contra uma força inimiga em movimento;
- Ataques orientados pelo terreno.

### **0419. Ataque deliberado**

Na maioria das vezes, o pelotão executa um ataque imediato ou um ataque deliberado, sendo a única diferença, o nível do planeamento e preparação. Os pelotões e secções conduzem ataques deliberados, como parte de uma força maior. O comandante pode designar objetivos distintos no ataque, apoio e elementos de brecha, resultando na execução descentralizada a todos os níveis. As forças da BrigInt podem conduzir ataques deliberados apeados durante a operação, ou podem usar as VBR para conduzir o movimento para a posição de assalto. Esta decisão depende da situação. As fases do ataque deliberado são o reconhecimento, a marcha para o contacto, isolar o objetivo, assegurar um ponto importante e explorar.

**a. Reconhecimento**

Antes de um ataque deliberado, o pelotão e a companhia devem obter informações sobre as forças inimigas através do reconhecimento feito pelo pelotão de reconhecimento do batalhão. Contudo, isto nem sempre poderá acontecer. O pelotão e a companhia têm que estar preparados para efetuar um reconhecimento do objetivo que confirme, modifique, ou altere o seu primeiro planeamento.

- (1) Os pelotões não devem efetuar um reconhecimento, a não ser que lhes tenha sido atribuída uma tarefa específica dentro de um planeamento de reconhecimento consolidado. Se possível, a companhia deve determinar o efetivo da força inimiga, localização, dispositivo, ponto mais vulnerável, e o mais provável desenrolar da ação. Neste ponto, e com a permissão do batalhão, a companhia deve direcionar o pelotão para executar uma patrulha de reconhecimento. Este elemento conduz o reconhecimento do terreno ao longo do eixo de aproximação e no objetivo. Isto irá determinar onde o inimigo é mais vulnerável ao ataque e onde o elemento de apoio poderá com uma maior eficácia colocar os seus fogos sobre o objetivo.
- (2) O plano pode mudar como resultado do reconhecimento, se o pelotão ou a secção descobrirem que o terreno ou a disposição do inimigo são diferentes do que tinha sido previamente avaliado. O comandante de pelotão ou secção pode modificar as medidas de controlo baseando-se no resultado do reconhecimento e tem que enviar esses ajustamentos o mais cedo possível. Por exemplo, o pelotão pode descobrir que as VBR e as armas da secção não conseguem suprimir o inimigo pelo lado norte do objetivo, tal como originalmente planeado, devido às limitações impostas pelo terreno. Portanto, o comandante de pelotão muda as posições de apoio pelo fogo para o lado sul do objetivo, faz um ajuste no esboço de pelotão, e envia esse esboço de pelotão modificado ao seu comandante de companhia para que este seja aprovado. O esboço é subsequentemente disseminado pela companhia e pelas unidades adjacentes.

**b. Deslocamento para o objetivo**

A força atacante avança até à distância de assalto da posição inimiga sobe fogos de apoio usando uma combinação de lanços alternados ou sucessivos. Os pelotões avançam através de posições sucessivas usando os cobertos e abrigos disponíveis. O comandante de companhia pode designar as posições do apoio de fogos, para proteger as nossas forças através de fogos diretos de supressão. À medida que a companhia manobra na zona, emprega fogos de supressão, neutraliza, e diminui o volume de fogos do inimigo. O pelotão dirige o movimento motorizado para posições cobertas e abrigadas seguindo-se posteriormente o desembarque. Se o pelotão

estiver desembarcado e se movimentar separadamente das VBR, concentra fogos diretos e indiretos, estabelece uma base de fogos e manobra com o objetivo de ganhar e conquistar a iniciativa.

(1) Da zona de reunião até à linha de partida

A linha de partida é normalmente uma linha de fase (ou *checkpoint*) onde os elementos da força de ataque fazem uma transição para assegurar as técnicas de deslocamento em preparação para o contacto com o inimigo. Os pelotões podem manobrar desde a linha de partida até às posições de apoio de fogos designadas, posições de assalto ou locais de abertura de brecha e passagem. Antes de abandonar a zona de reunião o comandante de pelotão deve receber uma atualização do transparente da companhia mostrando a localização das forças amigas que estão à frente e dos lados. Ele tem também que receber uma atualização da localização do inimigo. O comandante de pelotão dissemina estes relatórios para cada comandante de secção e chefe de viatura. O pelotão avança desde a zona de reunião até à linha de partida, usualmente como parte da formação da companhia, através do itinerário planeado. O comandante de pelotão deve ter efetuado um reconhecimento prévio do itinerário para a linha de partida e especificamente do ponto de passagem. Durante a fase de planeamento, seleciona um local na linha de partida onde pretende fazer a travessia. O pelotão navega até esse local durante o deslocamento. O percurso desde a zona de reunião é cronometrado, durante o reconhecimento, para que a secção flecha atravesse a linha de partida na altura do ataque sem ter que parar na posição de ataque. Se o pelotão tiver que ficar parado na posição de ataque usa uma formação em espinha, desembarca e faz coordenações de última hora.

(2) Desde a linha de partida até à posição de assalto

O elemento de assalto do pelotão desloca-se desde a linha de partida até à posição de assalto. O comandante de pelotão coloca pontos de referência que coincidam com *checkpoints* do itinerário. Durante o deslocamento o comandante de pelotão assegura que o pelotão navega de *checkpoint* para *checkpoint* ou linha de fase, usando a navegação pelo terreno em conjunto com a navegação de precisão. O CmdtPel verifica que as suas viaturas estão na formação correta para o deslocamento.

- (a) De noite, guiando-se pelo seu monitor tático, o comandante de pelotão não deve dispersar tanto as suas secções, o que vai aumentar a segurança do pelotão de uma forma geral. Durante o deslocamento, o pelotão comunica principalmente através do rádio e através de sinais porque desta maneira

torna-se mais fácil para o recetor perceber a mensagem e para o emissor preparar a mesma.

- (b) O pelotão desembarca as suas secções no ponto de desembarque. As viaturas dirigem-se para uma posição de apoio. O pelotão desembarca numa área coberta e abrigada da observação e fogo direto do inimigo, à medida que se reúne e se orienta.

(3) Da posição de assalto até ao objetivo

A posição de assalto é o último local coberto e abrigado antes de se atingir o objetivo. Preferencialmente, o elemento de assalto do pelotão ocupa a posição de assalto sem ser detetado pelo inimigo. Os preparativos na posição de assalto incluem preparar os torpedos bengalórios, outros equipamentos de brecha ou demolições, fixar baionetas e preparar potes de fumo. O pelotão deve fazer um alto na posição de assalto para assegurar a sincronização com as forças amigas. Assim que o elemento de assalto avança, o assalto tem que continuar. Se for parado ou retroceder, o elemento de assalto pode sofrer baixas excessivas.

- (a) O apoio de fogos através das armas da secção tem que continuar até suprimir o inimigo, e tem que ser bem controlado pelo comandante de secção a fim de prevenir o fratricídio. O elemento de assalto e o elemento de apoio têm que manter um elevado volume de fogos a fim de suprimir o inimigo.
- (b) Quando o elemento de assalto se desloca para o ponto de brecha que está a comandar, a base de fogos tem que verificar que o elemento de assalto está no local correto. Ele é responsável por seguir a movimentação do elemento de assalto à medida que este assalta o objetivo. O comandante de companhia tem que ter atenção ao transporte de fogos indiretos quando estes estão a pôr em perigo o elemento de assalto e tem que coordenar bem o transporte de fogos indiretos com as movimentações dos diferentes pelotões. À medida que os fogos de apoio do pelotão são mascarados, o comandante faz um transporte de fogos ou reposiciona o elemento de apoio ou as VBR para uma posição onde possam manter um fogo continuado.

**c. Isolar o objetivo**

Os objetivos do isolamento são impedir que o inimigo reforce, e impedir que o mesmo retire da zona do objetivo. Os pelotões de atiradores são normalmente utilizados como uma força isolada dentro da companhia. O comandante de pelotão pode utilizar a força motorizada para obter o isolamento, se o pelotão tiver que isolar o seu próprio objetivo. O elemento motorizado é ágil por natureza, tem um poder de fogo significativo, tem proteção contra armas de calibre 7,62mm e é comandado pelo

chefe de viatura. Usando o elemento motorizado a fim de isolar o objetivo, permite ao elemento apeado (três secções de atiradores) efetuar ações no objetivo.

**d. Fixar um ponto importante e explorar a penetração (ações no objetivo)**

O comandante de pelotão designa a equipa de assalto, de apoio e os elementos de brecha dentro do seu pelotão a fim de conduzir um ataque deliberado. Uma das técnicas é designar uma VBR como elemento de apoio, uma das secções com outro elemento de apoio, outra secção como elemento de brecha e o remanescente do pelotão como equipa de assalto.

- (1) A equipa de apoio auxilia os elementos de brecha na fase inicial da sua ação, através de fogos de supressão às posições inimigas mais próximas. O pelotão usa os sinais combinados para fazer transporte de fogos e para marcar o limite esquerdo e direito da equipa de assalto através do seu equipamento para ganhar vantagem noturna. À medida que a brecha está a ser efetuada, a secção que faz o apoio (ou o elemento motorizado) tem que fazer transporte fogos a fim de permitir que o elemento de brecha penetre no objetivo sem cometer fratricídio. A observação visual e também a informação fornecida pelo COP, é vital para manter os fogos de supressão fora do alcance dos nossos elementos de brecha e assalto.
- (2) A equipa de apoio monitoriza o avanço da equipa de assalto e vai transpondo os fogos de supressão de modo a que estes estejam a uma distância segura da equipa de assalto. O elemento motorizado, muito provavelmente, terá a que terminar ou transportar os fogos diretos.
- (3) Quando o elemento de brecha tiver fixado o ponto importante no objetivo, a equipa de assalto pode então começar a movimentar-se através da brecha criada para assaltar o objetivo. À medida que isto acontece, o sargento de pelotão observa atentamente o progresso das equipas de assalto e de brecha para se assegurar que não se perde o ímpeto e para também se assegurar que a equipa de assalto e de brecha não se atravessam à frente dos fogos da equipa de apoio.
- (4) Toda a comunicação entre o elemento motorizado, a equipa de brecha, de assalto e de apoio é feita através de rádio ou por sinais. Se o sargento de pelotão ou a equipa de apoio observar que há problemas tem que avisar via rádio o comandante de pelotão. O comandante de pelotão usa a informação, proveniente do *Command Operational Picture* (COP), e o que pessoalmente consegue observar no objetivo para controlar o assalto.



**e. Consolidação e reorganização**

Assim que a resistência do inimigo no objetivo tenha parado, o pelotão rapidamente consolida para se defender de um possível contra-ataque e prepara-se para as missões subsequentes.

(1) A consolidação consiste nas ações levadas a cabo para assegurar o objetivo e defender-se de contra-ataques do inimigo. O comandante de pelotão tem que usar os procedimentos de comando para planejar e preparar. Assegura-se que o pelotão está preparado a:

- Eliminar a resistência do inimigo no objetivo;
- Estabelecer uma segurança para lá do objetivo, assegurando áreas que poderão ser utilizadas pelo inimigo para executar fogos diretos ou para utilizar como postos de observação da artilharia;
- Estabelecer medidas de segurança adicionais, tais como postos de observação e patrulhas;
- Se preparar para apoiar a passagem de forças amigas;
- Melhorar continuamente a segurança através de outras ações defensivas (planeamento de fogos diretos, preparação da posição etc.);
- Ajustar a linha de proteção final;
- Tratar dos prisioneiros de guerra.

(2) A reorganização ocorre normalmente em conjunto com a consolidação e consiste em ações levadas a cabo para preparar as operações seguintes. Ainda durante a consolidação o comandante de pelotão tem que preparar e planejar a reorganização. Ele assegura-se que o pelotão está preparado para:

- Providenciar tratamento médico essencial e evacuar baixas, se necessário;
- Apoiar na travessia de pessoal credenciado e ajustar as tarefas de credenciação;
- Conduzir as operações de reabastecimento, incluindo distribuição de munições, atestar viaturas, distribuição de víveres, etc.;
- Fazer manutenção necessária;
- Restabelecer a cadeia de comando.

**0420. Ataque imediato**

O pelotão participa no ataque imediato como parte de uma força superior, durante o movimento para o contacto, durante uma defesa ou quando o comandante determinar que o inimigo está numa posição vulnerável e pode ser rapidamente derrotado por uma ação ofensiva imediata. O ataque imediato é usado para:

- Explorar uma oportunidade tática;
- Manter o ímpeto;
- Impedir que o inimigo se reorganize;
- Ganhar uma posição favorável que pode ter sido perdida com o tempo.

Devido ao principal objetivo ser manter o ímpeto ou tirar vantagem de uma situação inimiga, o ataque imediato normalmente é executado somente com os recursos disponíveis naquele momento. Mantendo o inimigo sobre pressão constante através de ataques imediatos, faz com que ele fique descoordenado e assim seja difícil reagir com eficácia. Os ataques rápidos antes do inimigo agir, resulta muitas vezes em sucesso. Com a ênfase na agilidade e surpresa, estes ataques podem no entanto causar alguma perda de sincronização à força atacante. Para minimizar este risco o comandante deve utilizar, o mais possível, as formações já padronizadas, bem treinadas e executadas com os procedimentos de combate e NEPs; utiliza também ferramentas digitais que permitem um rápido planeamento e preparação. Mantendo o estado de alerta sobre as nossas forças e atribuindo ordens de preparação e respetivas missões às companhias, à medida que o tempo passa, o pelotão estará mais bem preparado para a transição para ataques imediatos. O ataque imediato é muitas vezes a opção preferida durante as operações contínuas. Permite ao comandante manter ímpeto nas nossas forças enquanto nega ao inimigo o tempo de preparar as suas defesas e recuperar das perdas sofridas durante ataques anteriores. O ataque imediato resulta normalmente da marcha para o contacto, de uma defesa sucedida ou da continuação de um ataque anterior.

**a. Organização de tarefas**

O ataque imediato é conduzido tendo em conta princípios de fogo e movimento. O escalão superior normalmente designa uma base de fogos e uma força de manobra.

**b. Conduta do ataque imediato**

O pelotão deve realizar ações no primeiro contacto permitindo que o comandante reúna as informações que precisa para tomar uma decisão informada. O termo “imediato” refere-se aos limites de tempo de planeamento e preparação e não é qualquer aceleração na condução das ações em contacto.

(1) A execução começa com o estabelecimento de uma base de fogos, que suprime as forças inimigas. A força de manobra usa a combinação de técnicas para manter a segurança à medida que avança, em contacto, para uma posição vantajosa. Estas técnicas incluem, entre outros pontos o seguinte:

- Utilização de uma base de fogos interna e elementos de sobre apoio;
- Uso de itinerários cobertos e abrigados;
- Uso de fogos indiretos para suprimir ou cegar as forças inimigas ou ocultar o movimento das forças amigas;

- A execução de uma manobra ousada que inicialmente leva a força de manobra a ficar fora do alcance dos fogos diretos do inimigo.

## SECÇÃO VI - OUTRAS OPERAÇÕES OFENSIVAS

Esta secção centra-se nas operações ofensivas que o pelotão normalmente realiza como parte de uma companhia de atiradores VBR, ou superior elemento, marcha para o contacto, exploração do sucesso e perseguição.

### **0421. Marcha para o contacto**

Os pelotões e secções que participam na marcha para o contacto, como parte de uma companhia, utilizam as formações de marcha e técnicas explicadas no capítulo 3. Uma companhia geralmente conduz uma marcha para o contacto quando tem como objetivo estabelecer ou manter o contacto com o inimigo, ou quando não tem tempo suficiente para obter informações ou fazer grande planeamento para destruir o inimigo. As unidades de infantaria preferem não realizar a marcha para o contacto. Na BrigInt, o esquadrão de reconhecimento (reconhecimento, vigilância e aquisição de alvos) deve ser capaz de detetar as forças inimigas através do reconhecimento e vigilância, não sendo sempre possível. Os batalhões podem ter como tarefa autorizar as companhias a recolher informações através do reconhecimento e vigilância, se o comandante de companhia precisar de desenvolver mais o quadro de informações. Neste caso, a companhia pode dar a tarefa a um pelotão ou secção, para realizar reconhecimentos, vigilância ou ambos. Se a companhia ou o pelotão operar de forma independente, deverá conduzir os reconhecimentos necessários.

### **0422. Aspetos a ter em conta no planeamento**

O comandante de companhia não terá uma visualização completa da situação. O papel do comandante é obter o máximo de informação possível, sobre o inimigo e o terreno, necessária para responder ao inimigo. No entanto, se a situação do inimigo for vaga, o pelotão deve estar preparado para agir em qualquer situação. Isto é conseguido através de um planeamento adequado com as formações e técnicas apropriadas, medidas de controlo de fogo, procedimentos das operações (NEPs) do pelotão, critérios de empenhamentos e estudar o terreno antes e durante o movimento, para antecipar as prováveis posições inimigas. Durante o movimento todos os comandantes devem estudar o terreno antecipando o contacto com o inimigo. O comandante de pelotão pode não saber quando ou onde irá estabelecer contacto com o inimigo se montado, deve evitar manobrar em terreno restritivo. Se o terreno restritivo é inevitável, o comandante de pelotão manda apeiar as esquadras de atiradores para reforçar a segurança nas zonas restritas.

**a. Técnicas**

Os pelotões de atiradores executam duas técnicas para conduzir a marcha para o contacto: a marcha de aproximação ou a procura e ataque. A marcha para o contacto é utilizada quando se espera que o inimigo esteja próximo, usando formações ofensivas ou defensivas fixas, mas ainda sem a certeza de que vamos encontrar o inimigo. A técnica de busca e ataque é utilizada quando o inimigo está disperso, quando é esperado que ele evite o contacto ou que rapidamente retire ou quando o comando superior quer negar ao inimigo o movimento na área de operações.

**b. Comando e controlo**

O comandante de companhia irá ordenar um número de técnicas de comando e controlo que serão empregues pela sua força. O comandante de pelotão, seguindo as intenções e orientações do comandante de companhia e usando o MITM-TC, poderá alterar estas técnicas a fim de controlar melhor as suas secções. Alguns exemplos de técnicas de comando e controlo são seguidamente apresentadas:

(1) Linhas de partida, linhas de fase e *checkpoints*

O comandante de companhia normalmente define linha de partida, linhas de fase e *checkpoints* para controlar o avanço dos seus pelotões. O pelotão não pára numa linha de fase a não ser que tenha indicações para o fazer. Se necessário, o comandante de pelotão designa linhas de fase ou *checkpoints* adicionais apenas para uso interno do pelotão, com o objetivo de reduzir o número e a duração das transmissões rádio usadas, para controlar o deslocamento.

(2) Distribuição e controlo de fogos

O pelotão usa limites, planos de fogos diretos, pirotecnia, sinais e ordens parcelares para a distribuição e controlo de fogos diretos. A variedade de armamento num pelotão de atiradores obriga as secções a perceber bem o plano de observação e os sectores de tiro atribuídos durante a marcha para o contacto. Isto assume uma importância fulcral devido a escassez de informação sobre o inimigo.

(3) Plano de fogos indiretos

O comandante de pelotão tem que ter um bom planeamento de fogos indiretos para o seu itinerário a fim de antecipar possíveis locais de contacto. Estes alvos são um produto da análise que o comandante de pelotão faz aos fatores MITM-TC, e terão que ser incorporados no plano de fogos indiretos da companhia.

**c. Desenvolvimento da situação**

Uma vez estabelecendo o contacto com o inimigo, o pelotão mantém o contacto até que o comandante dê ordens em contrário. O comandante de pelotão desenvolve a

situação com base na eficácia do fogo inimigo, fratricídio, o tamanho da força inimiga e a liberdade de manobra. Ele reúne informações e relatórios críticos sobre o inimigo e recomenda a melhor modalidade de ação. O pelotão pode ultrapassar o inimigo com a autorização do comandante, a continuar o ataque, fixar o inimigo para outro pelotão atacar, conduzir uma defesa, realizar emboscadas ou romper o contacto. As diretrizes a seguir aplicam-se para o desenvolver a situação depois de estabelecer o contacto.

(1) Pequenas resistências

É a resistência de elementos inimigos, do tamanho de secção ou mais pequenas, que não possam fazer baixas nas forças amigas; não está equipada com viaturas blindadas, metralhadoras, armas anticarro e ocupa posições de combate expeditas sem obstáculos táticos.

(a) As pequenas resistências podem ser contornadas em conformidade com a ordem do comandante de companhia. Uma vez que o pelotão reage ao contacto e o comandante toma a decisão de ultrapassar o inimigo, ocorrem as seguintes ações:

- As VBR suprimem o inimigo e continuam o movimento;
- A secção de atiradores continua montada;
- O comandante de pelotão pede o ajuste de fogos indiretos e a cortina de fumos para mascarar o seu movimento para uma posição inimiga;
- O comandante de pelotão informa o tamanho, atividade e localização do inimigo ao comandante de companhia, e o pelotão continua a missão.

(b) Quando o pelotão reage ao contacto e decide atacar essa pequena resistência, as ações são:

- As secções desmontam em locais cobertos e abrigados;
- As armas da secção e ou as VBR fornece o apoio de fogos de longo alcance para uma posição coberta;
- O comandante de pelotão pede o ajuste de fogos indiretos para suprimir o inimigo;
- A secção de atiradores manobra, apoiados pelo fogo das armas da secção ou pelas VBR, destroem o inimigo.

(2) Resistência média é a resistência do inimigo, do escalão secção até pelotão que podem fazer baixas nas forças inimigas. A defesa inimiga é organizada em torno do melhor terreno defensável com a combinação de armas ativas. O pelotão reage à resistência média utilizando as seguintes ações:

- Mover as VBR para uma posição coberta e abrigada para apear as secções;

- O comandante de pelotão pede o ajuste de fogos indiretos para suprimir o inimigo e mascarar o movimento com fumos;
- As armas da secção, a esquadra de atiradores, as VBR, ou a combinação destes, suprimem o inimigo de uma posição coberta e continuam a suprimir enquanto o elemento de assalto se move para o objetivo. O elemento de apoio mantém os fogos em frente do elemento de ataque que realiza o assalto;
- O deslocamento das secções de atiradores faz-se utilizando o fogo e movimento, no assalto. Uma secção apoia pelo fogo enquanto as outras duas se movimentam. O comandante de pelotão move-se com as secções que conduzem o assalto para controlar o movimento e ajusta ou controla todos os apoios pelo fogo;
- Uma vez que o elemento de assalto atinja o objetivo (ou destrói o inimigo), e começa a consolidação. O comandante de pelotão manda avançar as VBR;
- O pelotão realiza a consolidação e reorganização.

(3) Resistência pesada

É uma resistência de um inimigo com o efetivo de pelotão ou superior, que causa baixas nas forças amigas. O inimigo defende um ponto forte com a combinação de armas. Se não for possível atacar ou ultrapassar, o comandante de companhia deve dar instruções ao pelotão para fixar o inimigo. Fixar o inimigo consiste em estabelecer uma base de fogos para impedir o inimigo de se reorganizar ou que parte da sua força se mova para outro lugar. Quando a resistência inimiga é demasiado forte para o pelotão assaltar, ou o ataque falhou, as ações do pelotão devem ser as seguintes:

- O pelotão suprime através do apoio pelo fogo para apoiar a manobra da companhia;
- O comandante de pelotão solicita e ajusta os fogos indiretos para suprimir o inimigo;
- O pelotão prepara-se para levantar ou fazer transporte de fogos enquanto os outros pelotões conduzem o assalto;
- Dependendo da formação da companhia e da ordem de movimentos, os pelotões devem estar preparados para fornecer apoio pelo fogo, enquanto outro pelotão conduz o assalto, ou para este realizar o assalto, enquanto os outros pelotões apoiam pelo fogo;
- Se estiverem envolvidos mais do que um pelotão, o comandante delega instruções para o controlo de fogo direto num comandante de pelotão.

**d. Considerações defensivas**

Em algumas situações, um pelotão realiza a marcha para o contacto para estabelecer o contacto com uma força inimiga muito maior e mais poderosa. Se o pelotão encontra uma força inimiga maior, onde o terreno dá vantagem ao pelotão, este deve tentar fixar a força inimiga. Isso permite que o resto da companhia manobre contra a força. Se o pelotão não poder fixar o inimigo, este tem que adotar uma postura defensiva ou rotura de contacto. As secções de atiradores expostas são vulneráveis aos fogos indiretos do inimigo. Se o pelotão é atingido por fogos indiretos durante o deslocamento, ele deve usar a proteção das VBR e tentar sair da zona ou encontrar uma posição coberta para as secções de atiradores desembarcarem. Uma vez que os fogos indiretos cessem o pelotão deve preparar-se para um ataque inimigo. Na defesa o comandante de pelotão:

- Manter o comandante de companhia informado sobre a força inimiga, disposições e atividades;
- Desembarcar as secções para cobrir eixos de aproximação apeados para receber o ataque ao inimigo;
- Colocar as VBR em posições descendentes (se disponíveis) ou posições que concedam a melhor cobertura e abrigo;
- Orienta as armas anticarro montadas ao longo dos eixos de aproximação;
- Estabelece fogos diretos de controlo e distribuição de medidas;
- Pede e ajusta fogos indiretos.

**0423. Técnicas de aproximação**

A marcha de aproximação é um dos métodos de movimento de tropas (marcha administrativa, deslocamento tático em estrada e marcha de aproximação). A marcha de aproximação é o avanço de uma unidade de combate quando o contacto direto com o inimigo é planeado. O conceito da marcha de aproximação é estabelecer o contacto com o menor elemento, permitindo ao comandante a flexibilidade de manobra contornando a força inimiga. Durante a marcha de aproximação, o comandante de companhia irá organizar a sua força em dois elementos (guarda avançada e corpo principal). Como parte de uma companhia usando a técnica da marcha de aproximação, os pelotões podem agir como uma guarda avançada, guarda de flanco ou guarda da retaguarda, ou podem receber a missão como parte do corpo principal.

**a. Guarda avançada**

A guarda avançada atua à frente do corpo principal para garantir o seu avanço ininterrupto. Ela protege o corpo principal dos ataques surpresa e fixa o inimigo para

proteger o desenvolvimento do corpo principal. Como guarda avançada o pelotão encontra o inimigo e localiza brechas, flancos, e os pontos fracos na sua defesa. A guarda avançada estabelece o contacto no local à sua escolha, para ganhar vantagem da surpresa, e para esclarecer a situação. A guarda avançada opera dentro do alcance de apoio de fogos indiretos. O pelotão utiliza formações adequadas e técnicas de deslocamentos baseado nos fatores do MITM-TC.

**b. Guarda de flanco ou retaguarda**

O pelotão terá a responsabilidade da guarda de flanco ou retaguarda quando se deslocam dentro do corpo principal de uma companhia; no entanto, o pelotão pode agir como guarda de flanco ou da retaguarda de um batalhão, conduzindo o deslocamento para o contacto usando a técnica de marcha de aproximação. Em qualquer situação, o pelotão:

- Desloca-se usando a formação apropriada e a técnica de deslocamento (é necessário manter o mesmo ritmo que o corpo principal);
- Fornece o aviso oportuno;
- Destrói forças de reconhecimento inimigas;
- Previne fogos diretos ou observação do corpo principal.

**c. Corpo principal**

Ao mover-se como parte do corpo principal, os pelotões podem ter a tarefa de assaltar, contornar, ou fixar uma força inimiga ou limpar e garantir uma área designada. O pelotão pode destacar esquadras para a guarda da retaguarda e flanco, antecipando emboscadas, ou segurança adicional para a frente. Os pelotões, secções e esquadras usam o deslocamento e formação adequada para o assalto e emboscadas.

#### **0424. Técnicas de busca e ataque**

A técnica de busca e ataque é realizado quando o inimigo atua com pequenos elementos dispersos, ou se a tarefa é negar ao inimigo a capacidade de se movimentar dentro da área de operações. O pelotão participa como parte da companhia ou do batalhão na busca e ataque. A unidade realiza uma busca e ataque pelas seguintes razões:

- Fazer com que o inimigo fique fora de combate na Área de Operações (AO);
- Impedir o inimigo de operar numa determinada Área de Operações;
- Impedir o inimigo de se concentrar ou destruir unidades amigas ou operações civis, equipamento ou infraestruturas;
- Obter informação sobre o inimigo no terreno.

**a. Organização das forças**



(1) Força de reconhecimento

O tamanho e composição de uma força de reconhecimento sustenta-se na informação disponível sobre o tamanho e atividade operacional do inimigo na área de operações. A principal força de reconhecimento do batalhão é o pelotão de reconhecimento. No entanto, um pelotão de atiradores também pode ser a totalidade ou parte da força de reconhecimento. O pelotão irá reconhecer as áreas designadas de interesse e o comandante de pelotão, pode designar os elementos de fixação e da exploração do sucesso no pelotão.

(2) Força de fixação

A força de fixação deve ter poder de combate suficiente para isolar o inimigo e desenvolver a situação, uma vez que a força de reconhecimento tem a missão de o encontrar. No desenvolvimento da situação, a força de fixação continua a manter o contacto visual com o inimigo até a força da retaguarda chegar ou conduzir um ataque para o fixar fisicamente o inimigo até que a força de exploração do sucesso chegue. O comandante de pelotão também pode identificar um elemento da retaguarda dentro do pelotão.

(a) O pelotão mantém o contacto visual para permitir que a força de reconhecimento chegue a outras áreas designadas de interesse. A força de fixação estabelece o contacto físico apenas se o inimigo quiser retirar da área ou outros elementos inimigos tentem reforçar.

(b) O pelotão ataca o inimigo se a ação estiver de acordo com a intenção do comandante e se ele tiver poder de combate suficiente para destruir o inimigo.

(3) Força de exploração do sucesso. A força de exploração do sucesso deve ter poder de combate suficiente para destruir forças inimigas situadas dentro da área de operações. A força de exploração do sucesso deve ser móvel, e ter força, o suficiente para enfrentar o inimigo antes que ele possa romper o contacto com o reconhecimento ou com a força de fixação. Um pelotão, como força de exploração do sucesso, pode ser encarregado de:

- Destruir o inimigo com um ataque;
- Bloquear o itinerário de fuga do inimigo, enquanto outra companhia executa o ataque;
- Destruir o inimigo numa emboscada enquanto as forças de reconhecimento ou as forças de fixação conduzem o inimigo para o local da emboscada.

**b. Medidas de controlo**

As medidas de controlo para o ataque e busca são:

- Áreas de operações;

- Pontos de referência;
- Objetivos;
- *Checkpoints*;
- Pontos de contacto.

Uma área de operações define o local em que as unidades subordinadas irão realizar as suas buscas. Um ponto de referência facilita a capacidade de resposta das forças de fixação e forças de exploração do sucesso, uma vez que a força de reconhecimento detete o inimigo. O ponto de referência também ajuda a evitar o fratricídio. Os objetivos e *checkpoints* guiam o deslocamento dos seus subordinados e ajudam os comandantes no controlo da sua organização. Os pontos de contacto ajudam a coordenação entre as unidades operacionais no interior da mesma área de operações.

#### **0425.Exploração**

Um pelotão normalmente pode realizar uma exploração dentro de uma força maior, no entanto, o pelotão deverá explorar o sucesso tático a nível local, dentro do conceito de operações do comandante.

#### **0426.Perseguição**

O objetivo da perseguição numa operação é a destruição total de uma força inimiga. O pelotão de infantaria pode realizar a perseguição de uma grande força devido à mobilidade das viaturas orgânicas integrando a companhia organizada para destruir o remanescente da força inimiga.

#### **0427.Ações com visibilidade reduzida**

O uso eficaz dos equipamentos de visão noturna durante os ataques em períodos de visibilidade reduzida aumenta a capacidade da secção e do pelotão contra um inimigo menos equipado. Os aparelhos de visão noturna permitem que o soldado de infantaria veja mais longe e com maior clareza, as informações sobre forças inimigas.

- a. Os comandantes têm uma maior capacidade para controlar os fogos em visibilidade reduzida. O pelotão tem alguns tipos de intensificadores de imagem para o uso do controlo de fogos: AN/PVS-4; AN/PVS-5; AN/PVS-5A e AN/PVS-5B. Estes sistemas ativos ajudam muito na aquisição de alvos e no controlo de fogos.
- b. Os soldados com equipamentos de visão noturna têm uma maior precisão de fogos durante visibilidade reduzida.
- c. Os comandantes de pelotão, de secção e os veículos de comando devem desenvolver as NEPs e as modalidades de ação para sincronizar o emprego dos

dispositivos de iluminação infravermelha, designador de alvos e indicadores luminosos, durante o assalto no objetivo.

- (1) Os comandantes usam fita luminosa ou *chemlights* (luzes químicas) para marcar o pessoal de assalto e evitar o fratricídio. O inimigo não deve ser capaz de ver a marcação. As duas técnicas utilizadas são colocar fita na parte traseira do capacete ou utilizar pequenas *chemlights* (se o inimigo não tiver aparelhos de visão noturna). Os elementos de apoio devem saber onde é o elemento principal de assalto.
  - (2) Para reduzir os riscos no elemento assalto, o comandante de pelotão pode decidir as restrições de controlo de armas. Por exemplo, a secção na direita do ataque pode ter sector de tiro livre para o flanco direito porque os soldados da força não estão lá. No entanto o tiro restritivo significa que uma outra força está localizada nesse local.
  - (3) O comandante de pelotão pode usar as seguintes técnicas para aumentar o controlo durante o assalto:
    - Não usar sinais luminosos, granadas ou fumos no objetivo;
    - Só o pessoal com alguns aparelhos de visão noturna pode atingir os alvos no objetivo;
    - Um azimute magnético para manter a direção;
    - Fogo indireto de artilharia e morteiro para orientar as unidades atacantes;
    - Uma esquadra para indicar ou guiar outras forças;
    - Reduzir a distância entre soldados e secções.
- d. Os fogos de morteiro, artilharia e anticarro são planeados para o ataque durante o dia. No entanto, eles não são disparados a menos que o pelotão seja detetado ou esteja pronto para o assalto. Algumas armas podem fazer fogo antes do ataque e manter um padrão enganando o inimigo e para cobrir o barulho feito pelo deslocamento dos pelotões.
- (1) Os fogos indiretos são difíceis de ajustar quando a visibilidade é fraca. Se a localização exata das forças amigas não é claramente conhecida, os fogos indiretos são dirigidos primeiro contra posições inimigas para além do objetivo e seguida desloca-se para o objetivo.
  - (2) As munições tracejantes podem ser utilizadas para marcar objetivos. Isto ajuda o pelotão a orientar-se no objetivo mas pode também afetar os aparelhos de visão noturna.
- e. O fumo é planeado para reduzir a visibilidade do inimigo, principalmente se ele tiver aparelhos de visão noturna. O fumo é lançado perto ou sobre as posições inimigas

de modo a não restringir o deslocamento das forças amigas. O emprego de fumos no objetivo durante o assalto pode dificultar a deteção das posições do inimigo. Se as miras térmicas estiverem disponíveis, o fumo sobre o objetivo pode proporcionar uma vantagem decisiva para um pelotão bem treinado.

- f. A iluminação é sempre planeada para ataques de visibilidade reduzida, sendo o pedido do comandante uma opção. Os comandantes de batalhão normalmente controlam o uso da iluminação convencional, mas podem também autorizar os comandantes de companhia para o fazer. Se o comandante decide usar a iluminação convencional, ele não a deve utilizar até que o assalto se inicie ou que o ataque seja detetado. Deve ser colocado em diversos locais numa área ampla para confundir o inimigo do local exato do ataque. Além disso, ele deve ser colocado para além do objetivo para ajudar os soldados no assalto a ver e a fazer fogo na retirada ou contra-ataques por partes das forças inimigas.

**Nota:** Se o inimigo está equipado com aparelhos de visão noturna, os comandantes devem avaliar o risco no uso de cada técnica e assegurar que a missão não é comprometida, porque o inimigo pode detetar as fontes de luz infravermelha.

## SECÇÃO VII - ATAQUES DE FINALIDADE ESPECÍFICA

O pelotão executa um ataque especial com a orientação do comandante de companhia. O comandante irá basear a sua decisão nos fatores do MITM-TC. O ataque a objetivos especiais são formas de ataque que incluem:

- Emboscada;
- Golpe de mão (*Raid*);
- Contra-ataque;
- Finta;
- Demonstração;
- Ataque desorganizante.

Como formas de ataque, eles partilham os mesmos planos, preparação e considerações de execução na ofensiva. As fintas e demonstrações estão associadas a operações militares de decepção.

### **0428. Emboscada**

Uma emboscada é uma forma de ataque pelo fogo a partir de uma posição preparada a um inimigo em movimento ou temporariamente parado. Pode assumir a forma de um assalto para destruir o inimigo ou pode materializar-se em ataques pelo fogo, executado a partir de posição

preparada. As emboscadas são geralmente executadas para reduzir a eficácia total da força de combate inimiga. A destruição é a principal razão para a realização de uma emboscada. Existem outras razões para executar emboscadas, nomeadamente para perseguir e capturar o inimigo ou capturar equipamento e obter informações sobre o inimigo. As emboscadas são classificadas por: categoria (deliberada ou imediata); formação (linear ou em forma de L); e tipo (zona, área e anticarro).

**a. Considerações operacionais**

A execução de uma emboscada é ofensiva por natureza, no entanto, o pelotão pode ser direccionado para realizar uma emboscada durante operações defensivas ou ofensivas. O comandante de pelotão decide se a força está montada ou apeada, durante a realização da emboscada. O pelotão deve ter em atenção todas as preocupações necessárias para garantir que não seja detetada durante o deslocamento ou a preparação do local da emboscada, e deve ter um itinerário de retirada seguro após a realização da ação. Uma emboscada normalmente consiste nas seguintes ações:

- O deslocamento tático para um ponto de referência no objetivo montado (ou apeado);
- Reconhecimento no local da emboscada;
- Montar segurança no local da emboscada;
- Preparar o local da emboscada;
- Execução da emboscada;
- Retirada.

**b. Organizações de tarefas**

Na execução de uma emboscada o pelotão é normalmente organizado de acordo com as tarefas, em assalto, apoio e forças de segurança.

**(1) Força de assalto**

A força de assalto executa a emboscada e pode executar o ataque pelo fogo, o assalto, ou uma combinação dessas técnicas para destruir a força inimiga na emboscada (zona de morte). A força de assalto é geralmente constituída por uma secção de atiradores e é onde o comandante de pelotão normalmente se encontra.

**(2) Força de apoio**

A força de apoio fixa o inimigo para o impedir de sair da zona de morte, permitindo que a força de assalto execute a emboscada. A força de apoio geralmente usa os fogos diretos, mas pode fazer os pedidos de fogos indiretos, para melhor fixar e destruir a força inimiga. A força de apoio geralmente é

composta pela secção de armas. O sargento de pelotão normalmente fica junto da força de apoio.

(3) Força de segurança

A força de segurança fornece a proteção e o alerta oportuno ao assalto e à força de apoio. A força de segurança isola o local da emboscada para impedir o IN de sair do local da emboscada e impedir que o inimigo reforce a força que foi emboscada. A força de segurança também pode ser responsável por garantir a segurança durante a retirada do pelotão. A força de segurança geralmente é constituída por uma secção de atiradores apeados ou secções montadas na VBR. No entanto os fatores do MITM-TC é que vão determinar se as VBR são empregues no assalto ou nas forças de apoio.

c. Planeamento

No planeamento de uma emboscada o comandante de pelotão deve:

- Cobrir a zona de morte (área de empenhamento) pelo fogo;
- Usar os recursos existentes no terreno (rochas ou arvores caídas, por exemplo) ou reforçando os obstáculos (*Claymores* ou outras minas) orientadas para dentro da zona de morte;
- Implementar o reforço dos obstáculos na parte mais distante da zona de morte;
- Proteger as forças de assalto e as de apoio com minas *Claymores* ou explosivos;
- Usar a força de segurança para isolar a zona de morte;
- Montar segurança na retaguarda atrás da força de assalto;
- Executar o assalto à zona de morte para procurar mortos e feridos, reunir prisioneiros e equipamento (a força de assalto deve ser capaz de se mover rapidamente através dos obstáculos de proteção);
- Prever o tempo de ação para todos os elementos do pelotão mantendo o fator surpresa;
- Decidir qual a atuação das VBR de acordo com fatores do MITM-TC.

**Nota:** Numa emboscada montada durante um longo período de tempo, o comandante de pelotão pode usar uma secção para conduzir a emboscada, rodando as secções ao longo do tempo. O comandante de pelotão deve ter em conta os fatores MITM-TC, especialmente a intenção e orientação do comandante de companhia e a probabilidade de deteção da força durante as rotações ao local de emboscada.

**d. Categoria**

O comandante determina qual a categoria da emboscada através da análise dos fatores MITM-TC. Normalmente, os dois fatores mais importantes são o tempo e o inimigo.

**(1) Deliberada**

A emboscada deliberada é conduzida contra um alvo específico e com finalidade específica numa localização predeterminada. O comandante deve ter informações detalhadas sobre os seguintes:

- Tamanho e composição do inimigo;
- Equipamento e armamento do inimigo;
- Itinerário de deslocamento do inimigo;
- O tempo que inimigo demorará a passar em pontos específicos ao longo do itinerário.

**(2) Imediata**

O pelotão (ou secção) conduz uma emboscada imediata quando estabelece contacto visual com o inimigo e dispõe de tempo para montar uma emboscada sem ser detetado. A execução de uma emboscada imediata depende da iniciativa disciplinada, de cada escalão de comando dentro da intenção do comandante. As ações numa emboscada imediata devem ser estabelecidas pelas NEPs da força e treinando-as de modo que os soldados saibam executar ao sinal do comandante.

**e. Formações**

O comandante de pelotão considera todos os fatores do MITM-TC para determinar a formação necessária.

**(1) Linha**

Numa emboscada em linha, a força de apoio e de assalto colocam-nas paralelamente em relação ao itinerário inimigo (Figura 4-5). As posições das forças estão dispostas ao longo do eixo da zona de morte e executam fogos de flanco sobre esta. Esta formação pode ser usada em terreno fechado, que restringe a capacidade de manobra contra o pelotão ou em terreno aberto, garantindo um meio de fixar o inimigo na zona de morte.



Figura 4-5 - Emboscada em Linha

(2) Em L

Numa emboscada em L, a força de assalto forma a perna longa do L, paralela à direção do deslocamento inimigo ao longo da zona de morte (Figura 4-6). A força de apoio forma a perna curta do L perpendicular à força de assalto. Isto proporciona fogos de flanco (perna longa) e fogos seguidos (perna curta) contra o inimigo. A emboscada em L pode ser usada numa curva, estrada ou caminho ferroviário. Não deve ser utilizada quando a perna curta tenha que se dividir e atravessar uma estrada ou caminho-de-ferro. O comandante de pelotão deve considerar todos fatores do MITM-TC antes de optar pela formação em L.

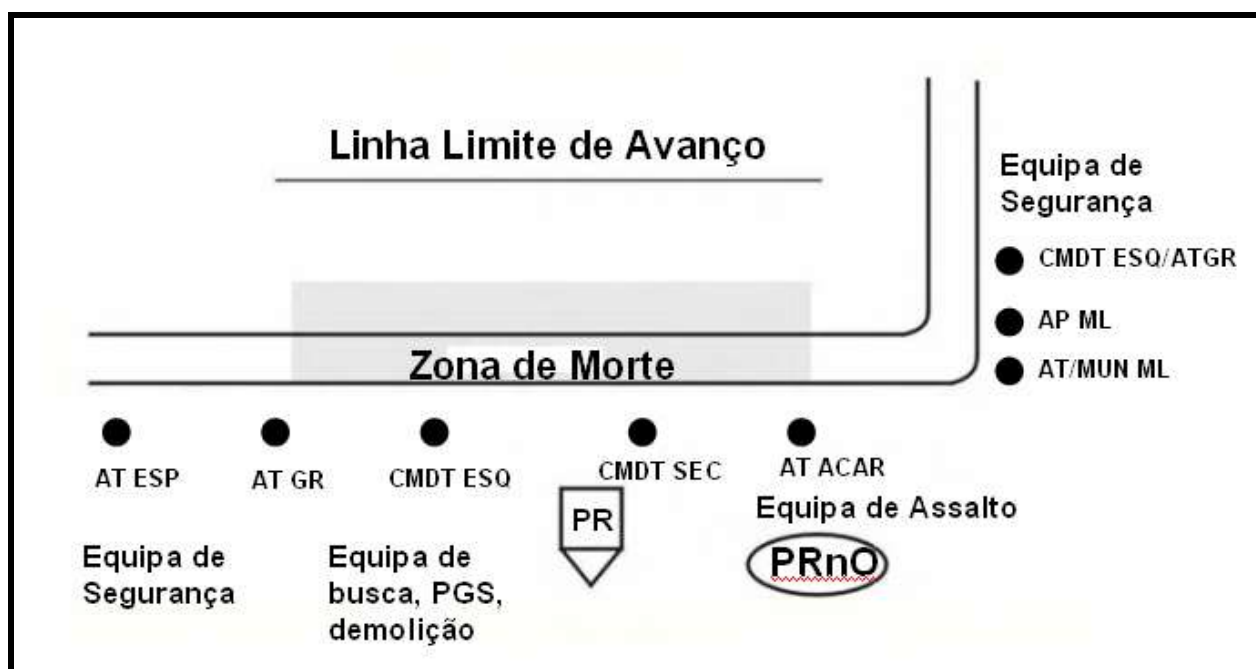


Figura 4-6 - Emboscada em L



## f. Tipo

O comandante de pelotão, depois de analisar os fatores MITM-TC, determina o tipo de emboscada que o pelotão vai usar.

## (1) UMA

Numa emboscada de uma zona, o inimigo é atacado numa única zona de morte.

O comandante de pelotão deve considerar as seguintes ações quando se planeia a emboscada de zona.

- (a) A equipa de segurança ou vigilância deve ser posicionada primeiro. A força de apoio deve estar posicionada seguidamente e antes da força de assalto avançar. A força de apoio deve sobre apoiar o deslocamento da força de assalto até à posição.
- (b) O comandante de pelotão comanda a força de assalto. Ele deve verificar a posição de cada homem e depois faz sinal para equipa de vigilância se juntar à força de assalto, se esta estiver posicionada fora do local de assalto. Se o comandante de pelotão não empregar as VBR como parte da força de segurança, o sargento de pelotão estará junto delas. As ações das forças de assalto, apoio e segurança estão referidas na seguinte tabela:

Força de assalto	Força de apoio	Força de segurança
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Atribuir setores de tiro dados pelo comandante de pelotão; colocar estacas de pontaria.</li> <li>• Colocar <i>claymores</i> e outros obstáculos de proteção.</li> <li>• Colocar <i>claymores</i>, minas ou outros explosivos na zona de morte.</li> <li>• Camuflar as posições.</li> <li>• Tirar as armas de segurança e coloca-las em fogo, quando comandando pelo comandante de pelotão.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Atribuir setores de tiro a todas as armas, especialmente às metralhadoras.</li> <li>• Colocar estacas de pontarias para limitar os fogos de modo a evitar o fraticídio.</li> <li>• Colocar <i>claymores</i> e outros obstáculos de proteção.</li> <li>• Camuflar as posições.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Atribuir setores de tiro para todas as armas; colocar estacas de pontaria.</li> <li>• Colocar <i>claymores</i> e outros obstáculos de proteção.</li> <li>• Camuflar as posições.</li> <li>• Assegurar o ponto de reunião no objetivo</li> <li>• Assegurar o itinerário para o ponto de reunião no objetivo.</li> </ul>

Tabela 4-1 - Ações da força de emboscada

- (c) O comandante de pelotão instrui a força de segurança para o avisar da aproximação inimiga na zona de morte usando o relatório RELIM. A força de segurança deve manter também o comandante de pelotão informado sobre a força inimiga. O comandante de pelotão deve estar preparado para deixar passar a forças inimigas que sejam muito grandes ou que não estejam nos critérios de ataque. Ele deve fazer um relatório ao comandante de

companhia de todas as forças inimigas que passaram na zona de emboscada sem serem atacadas.

- (d) O comandante inicia a emboscada de maneira a criar um maior volume de baixas detonando a *Claymore*. Ele tem um plano de recurso para iniciar a emboscada caso o principal falhe, normalmente fazendo uso da metralhadora ligeira HK-21. Todos os soldados devem saber o método principal e o de recurso. O pelotão deve treinar ambos os métodos para evitar a confusão e a surpresa durante a execução da emboscada.
- (e) O comandante de pelotão deve incluir um plano para atacar o inimigo durante os períodos de visibilidade reduzida. Com base na orientação do comandante de companhia, o comandante de pelotão deve considerar o uso de dispositivos de iluminação do campo de batalha (sistemas manuais ou de fogos indiretos através de infravermelhos).
- (f) O comandante de pelotão também pode incluir o emprego de fogos indiretos no seu plano, para cobrir os flancos na zona de morte e isolar o inimigo ou apoiar a rotura do pelotão quando a emboscada está comprometida ou se o pelotão tiver que romper do local da emboscada sob pressão.
- (g) O comandante de pelotão deve ter um bom plano (dia e noite) para sinalizar o avanço da força de assalto na zona de morte. Ele deve ter em consideração os fatores ambientais existentes, pois o fumo, nevoeiro ou mesmo o declive do terreno, dificultam a visibilidade e tem que se praticar a retransmissão do sinal durante os treinos.
- (h) A força de ataque deve estar preparada para atravessar a zona de morte utilizando as técnicas de deslocamento individual ou através de lanços.
- (i) A força de assalto recolhe e protege todos os prisioneiros de guerra e desloca-os para fora da zona de morte, para um local definido anteriormente. O ponto de recolha dos prisioneiros de guerra deve proporcionar boas coberturas, mas não deve ser facilmente referenciado pelas forças inimigas na sequência da emboscada. A força de assalto procura do lado mais afastado para o mais próximo, faz a marcação dos corpos que foram encontrados para garantir a rapidez.
- (j) As equipas de busca (equipas de dois homens) aproximam-se do soldado inimigo morto e enquanto um elemento monta segurança, o outro faz a revista. Primeiro, o militar pontapeia para longe a arma do inimigo. Em segundo lugar, ele roda o corpo deitando-se em cima dele e ao sinal do elemento de segurança, o homem de busca roda o corpo por cima dele. Isto é feito para prevenir, caso o soldado inimigo tenha uma granada sem cavilha

ou outro aparelho de demolição debaixo dele. Em terceiro lugar, a revista do soldado morto é feita da cabeça aos pés, retirando todos os papéis e qualquer informação de valor (diferentes tipos de postos, nos ombros, insígnias de unidades diferentes, pistola, armas ou outro equipamento especial) e são anotadas todas as informações. Uma vez que o corpo foi totalmente revistado, a equipa de busca continua até que todo o pessoal inimigo na zona de morte seja revistado. Os corpos inimigos devem ser marcados (por exemplo, braços cruzados sobre o peito e as pernas cruzadas) para evitar a duplicação dos esforços.

- (k) O pelotão identifica e recolhe equipamento a ser transportado de volta e prepara-o para o transporte. As armas são colocadas em segurança. O pelotão também identifica e recolhe, no ponto central, o equipamento inimigo a ser destruído. A equipa de demolição prepara a ligação do explosivo e aguardam o sinal para iniciar. Esta última ação é normalmente realizada antes da saída do local da emboscada. A força de segurança dos flancos volta para o ponto de reunião no objetivo depois da equipa de demolição ter concluído a sua tarefa. O pelotão irá tratar primeiro os nossos feridos e só depois os elementos inimigos (se o tempo permitir).
- (l) As equipas de segurança de flanco também podem colocar minas depois de a emboscada ter sido iniciada, caso se saiba que o inimigo possa reforçar com veículos blindados. Se uma equipa de segurança entrou em contacto, combate o máximo de tempo possível sem se empenhar decisivamente, e utiliza sinais pré-estabelecidos para informar o comandante de pelotão. O comandante de pelotão pode direccionar uma parte da força de apoio para auxiliar a força de segurança na rotura de contacto.
- (m) O comandante de pelotão deve planear a retirada do pelotão a partir do local da emboscada:
  - Os elementos devem retirar pela ordem inversa àquela com que ocuparam as posições;
  - Os elementos podem voltar ao ponto de irradiação para o ponto de reunião no objetivo dependendo da distância entre os elementos;
  - A força de segurança no ponto de reunião no objetivo deve estar pronta apoiar o regresso do pelotão e mantém a segurança no ponto de reunião no objetivo até o pelotão está preparado para partir.
- (n) No ponto de reunião no objetivo faz-se a contagem do pessoal e equipamentos, a classificação do material capturado, primeiros socorros (se necessário), e depois embarcar nas VBR.

- (2) Numa emboscada de área, são montadas duas ou mais zonas de emboscada (Figura 4-7). O pelotão pode executar uma emboscada como parte de um plano ofensivo ou defensivo da companhia, ou uma emboscada de uma zona como parte de uma emboscada de área da companhia. O comandante de pelotão deve considerar a seguinte sequência das ações quando planeia uma emboscada de área:
- (a) O pelotão é o mais baixo escalão para realizar uma emboscada de área. Os pelotões realizam emboscadas de área quando o deslocamento inimigo é muito restringido pelo terreno.

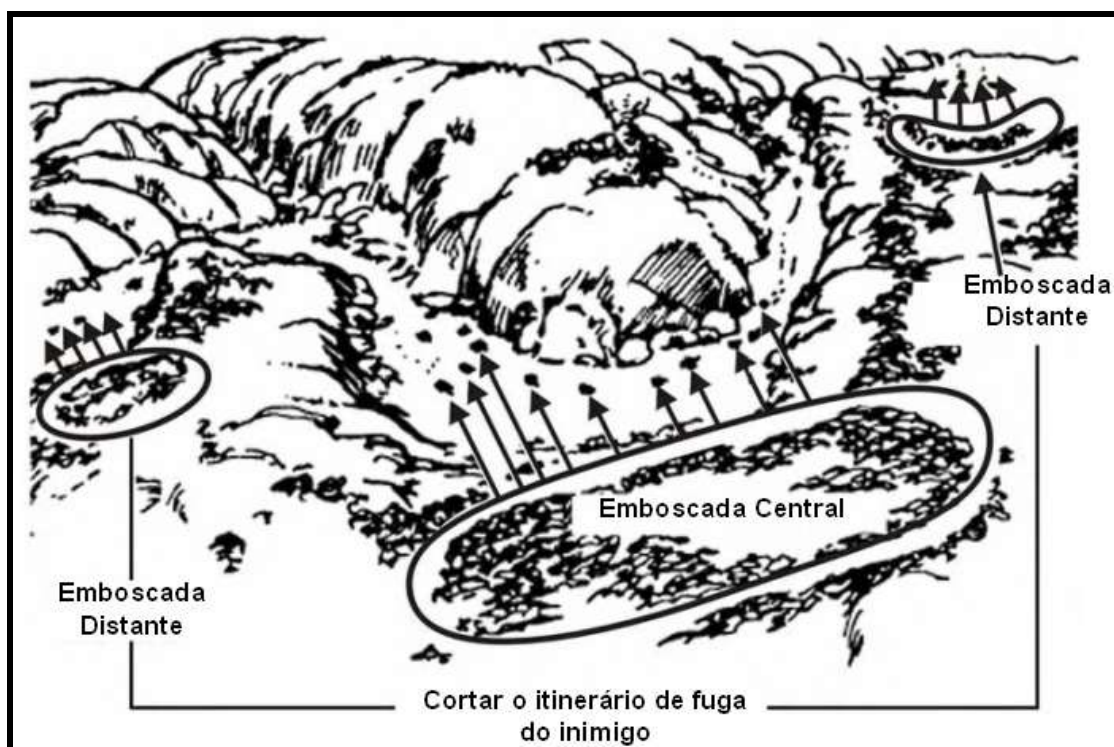


Figura 4-7 - Emboscada

- (b) O comandante de pelotão (ou da companhia) seleciona o local principal da emboscada à volta da qual eles organizam emboscadas periféricas. Estes lugares secundários estão localizados ao longo do eixo mais provável que o inimigo possa utilizar para retirar do local da emboscada.
- (c) O comandante de pelotão tem em consideração os fatores do MITM-TC para determinar qual o melhor emprego das armas da secção, VBR e das armas anticarro. Ele irá normalmente posicionar as HK-21 como a força de apoio no principal local da emboscada.
- (d) Secções (ou esquadras) são responsáveis por efetuar emboscadas periféricas, mas não iniciam a emboscada antes que a emboscada principal

seja iniciada. Eles fixam a força inimiga para impedir que retire da emboscada principal ou que vá reforçar a força na emboscada.

(3) Anticarro

Os pelotões e secções conduzem emboscadas anticarro para destruir uma ou duas viaturas blindadas (Figura 4-8). A emboscada pode fazer parte de uma emboscada de área. A emboscada anticarro consiste numa força de assalto e numa força de apoio e segurança. O comandante considera o seguinte quando planeia uma emboscada anticarro:

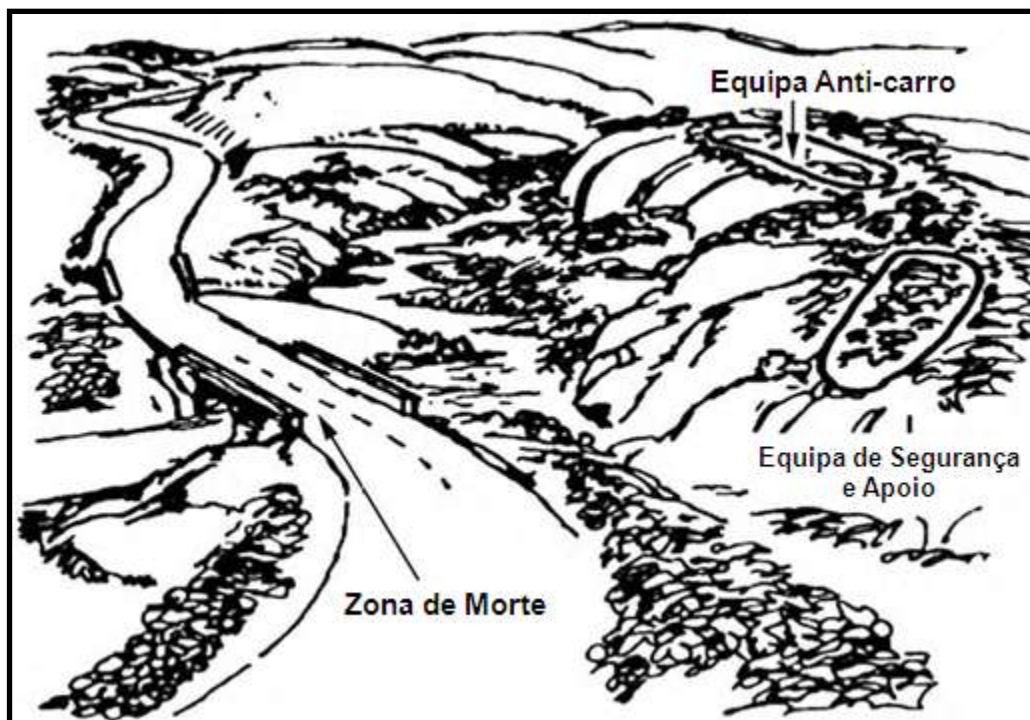


Figura 4-8 - Emboscada Anticarro

- (a) A emboscada anticarro é construída com armas anticarro. O comandante deve considerar as armas disponíveis para complementar os fogos, e deve ter em conta os fatores do MITM-TC para posicionar todas as armas anticarro para garantir o seu melhor rendimento (retaguarda, flanco ou superior). O restante pelotão deve funcionar como força de apoio e segurança como nos outros tipos de emboscadas.
- (b) Numa emboscada anticarro o comandante de companhia seleciona o local para a emboscada. O comandante de pelotão deve encontrar um local para restringir o movimento das viaturas blindadas para fora da zona de morte e só deve empenhar as suas armas quando existir um obstáculo entre elas e a zona de morte. Numa emboscada anticarro, o comandante de pelotão seleciona a localização geral para a emboscada. O comandante de secção

deve então encontrar um local que restrinja o deslocamento das viaturas blindadas para fora da zona de morte.

- (c) As forças de apoio e segurança são colocadas para cobrir eixos de aproximação apeados até ao local da emboscada.
- (d) O comandante deve considerar o método para iniciar a emboscada anticarro, que deve ser o uso da mina anticarro detonada com comando à distância no local da zona de morte. As armas anticarro podem ser usadas para iniciar a emboscada mas mesmo com a sua assinatura limitada, pode ser menos desejável que uma mina anticarro.
- (e) A equipa anticarro destrói o primeiro e o último veículo da formação inimiga, se possível. Todas as outras armas iniciam os fogos uma vez que a emboscada foi iniciada.
- (f) A presença de inimigo apeado com veículos blindados pode afetar o sucesso da emboscada. Assim o comandante pode:
  - Dar início à emboscada como planeado;
  - Retirar sem iniciar a emboscada;
  - Iniciar a emboscada com metralhadoras sem disparar as armas anticarro.
- (g) Devido à velocidade com que as forças blindadas inimigas reforçam a emboscada inimiga, o comandante deve planejar um empenhamento curto e ter planeada uma retirada rápida. O pelotão com base nos fatores MITM-TC, não pode limpar a zona de morte como nos outros tipos de emboscadas.

#### **0429. Golpe de mão**

O golpe de mão é uma forma de ataque que implica uma rápida penetração no território inimigo para recolher informações, desgastar e iludir o inimigo ou destruir instalações (Figura 4-9). O golpe de mão termina sempre numa retirada planeada para um local controlado pelas nossas forças após a conclusão da missão. O pelotão pode realizar um golpe de mão independente (montado ou apeado), em apoio a operações do batalhão ou escalão superior ou pode participar como parte de uma companhia numa sequência de golpes de mãos. A secção de atiradores não pode realizar um golpe de mão, mas, participa no golpe de mão do pelotão.

##### **a. Considerações operacionais**

O pelotão pode realizar o golpe de mão para:

- Capturar pessoal, de preferência elemento da cadeia de comando IN;
- Destruir áreas logísticas;
- Obter informações sobre posições inimigas, disposições, forças, intenções, ou os métodos de operação;



- Confundir o inimigo ou iludir os seus planos.

**b. Organização das tarefas**

A organização de tarefas para a força do golpe de mão é determinada pela finalidade da operação. No entanto, a força do golpe de mão normalmente consiste nos seguintes elementos:

- Força de apoio (com a tarefa de apoiar pelo fogo);
- Força de assalto (com a tarefa de destruir);
- Força de brecha (se necessário) e de segurança.

**c. Condução do golpe de mão**

A sequência das ações do pelotão para o golpe de mão são muito semelhantes aos de uma emboscada. Além disso, o elemento de assalto do pelotão pode ter que realizar uma brecha num obstáculo de proteção (se a força de brecha não for designada). Os golpes de mão podem ser realizados de dia ou de noite, dentro ou fora das distâncias de apoio das forças amigas. Quando o golpe de mão é fora do alcance de apoio das linhas amigas, o golpe de mão funciona como uma força independente. Durante a retirada, a força atacante deve usar um itinerário diferente daquele que utilizou para realizar o golpe de mão.

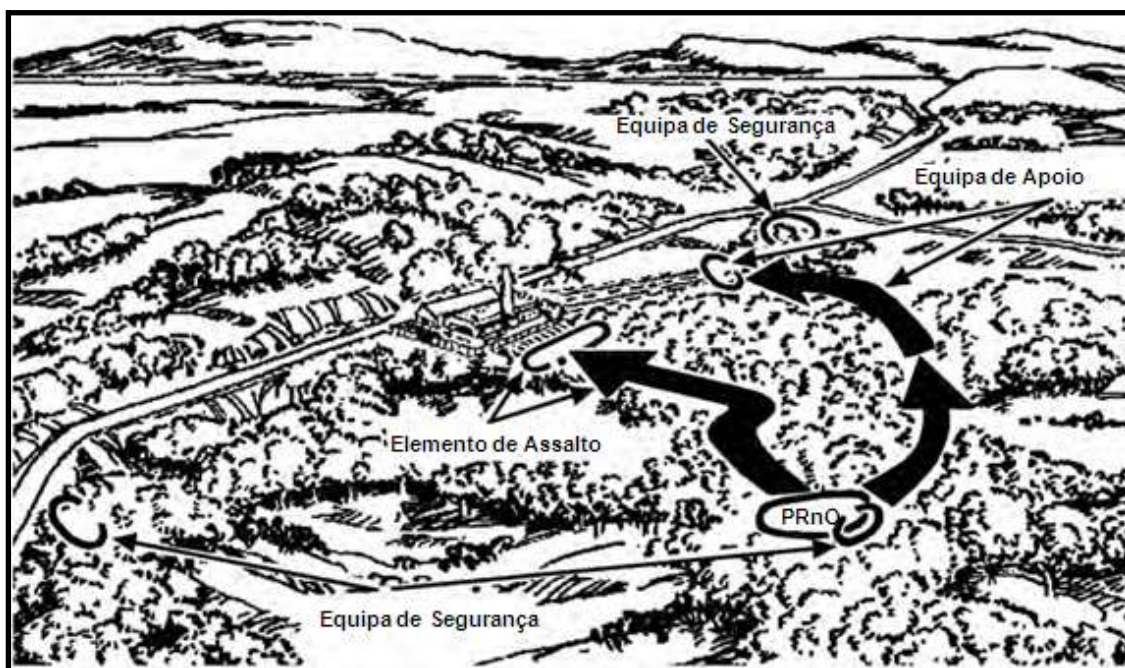


Figura 4-9 - Golpe de mão

**0430. Contra-ataque**

O Contra-ataque é uma forma de ataque realizada por toda ou parte de uma força que ocupa uma operação defensiva, contra a força atacante Inimiga, com a finalidade de negar ao Inimigo o seu objetivo de ataque.

Este ataque realizado pela força defensiva recupera a iniciativa das nossas forças ou nega o sucesso da ação do Inimigo. O pelotão deverá conduzir o contra-ataque integrado na companhia ou como reserva do batalhão. O contra-ataque realizado após o Inimigo ter dado início ao seu ataque, revela o seu esforço principal ou demonstra qual o flanco mais vulnerável do Inimigo.

O pelotão integrado na ação do escalão superior executa o contra-ataque, como uma ação normal de ataque, contudo o Comandante de Pelotão deve sincronizar a execução do contra-ataque enquadrado no esforço da Defesa. O contra-ataque permite ao defensor a oportunidade de criar as condições favoráveis, aumentando o seu poder de combate. O Pelotão deve treinar esta operação de contra-ataque e preparar o terreno onde vai decorrer a ação. O contra-ataque é mais favorável ao escalão superior quando o Pelotão antecipa a ação com as unidades de Defesa, de executar um retardamento ou um ataque em conjugação com o plano do escalão superior.

#### **0431.Finta**

A finta é uma forma de ataque usada para iludir o inimigo, da localização e do momento da ação principal. A finta pretende enganar o Inimigo e induzi-lo a mover as suas reservas e deslocar as suas unidades de apoio de fogos para um local de onde seja mais difícil bater com fogos na zona do nosso ataque principal. Quando é atribuída ao Pelotão a tarefa de executar uma finta, deverá procurar o contacto com o Inimigo pelo fogo, evitando empenhar-se decisivamente. O Comandante de Companhia ou de Batalhão deverá designar ao Pelotão um objetivo limitado em tamanho e extensão. As considerações de planeamento, preparação e condução são idênticas a todas as outras formas de ataque. O Inimigo deve estar convencido que a Finta é o ataque principal.

#### **0432.Demonstração**

A Demonstração é uma forma de ataque usada para iludir o Inimigo, da localização e do momento da ação principal, pela exibição de uma força numa área onde não se procura a decisão. A demonstração tenta enganar o Inimigo e induzi-lo a mover as suas reservas e deslocar as suas unidades de apoio de fogos para um local de onde seja mais difícil bater o nosso ataque principal. Quando é atribuída ao Pelotão a tarefa de executar a uma ação de demonstração, não se deverá entrar em combate devida ser entendida pelo inimigo como um ataque iminente. As considerações de planeamento, preparação e condução são idênticas para todas as outras formas de ataque. Esta operação deverá ser entendida pelo inimigo como um ataque iminente.



**0433. Ataque desorganizante**

Um Ataque Desorganizante visa dificultar ou eliminar as tentativas de um ataque In. É normalmente conduzido para negar a correta preparação do In para ataque. Este ataque deve concentrar-se nos Sistemas e Forças críticas do In. Estas Forças incluem, Sistemas de C2, meios IVR, Forças de AF e outras ameaças não convencionais.

**SECÇÃO VIII - TAREFAS TÁTICAS OFENSIVAS**

Tarefas táticas são atividades específicas realizadas por unidades que conduzem operações de manobras ou táticas. Ao nível do Pelotão essas tarefas são ações de combate do pelotão, que este usa na realidade. Esta secção apresenta e exemplos de ações e tarefas que o Pelotão poderá vir a exercer durante um movimento para o contacto, ataque imediato ou deliberado.

**Nota:** As situações citadas nesta secção para descrever o papel do comandante de pelotão na condução das tarefas táticas são apenas exemplos. Não são aplicáveis em todas as operações táticas nem se destina a estabelecer qualquer método ou técnica específica do pelotão e que este deva usar sempre para objetivo da operação.

Em última análise, cabe ao comandante no terreno para aplicar os princípios aqui discutidos, juntamente com o seu conhecimento da situação (incluindo a capacidade de sua unidade, o inimigo que se lhe opõem, e o terreno em que a operação ocorrerá), no desenvolvimento de uma solução tática com sucesso.

**0434. Fixar**

Fixar um objetivo é uma tarefa complexa e implica a execução dos fogos contínuos e ajustados sobre o IN, de modo a impedir que ele se mova da posição que ocupa e que possa influenciar o combate noutra região.

- a. Um pelotão pode fixar posições preparadas ou não preparadas do inimigo a partir duma situação ofensiva ou defensiva:
  - O pelotão fixa o lado mais afastado de um obstáculo como parte da brecha da companhia;
  - O pelotão fixa uma porção da defesa inimiga como parte de um ataque deliberado da companhia;
  - O pelotão fixa terreno importante para impedir a sua utilização pelo inimigo.
- b. O comandante de pelotão deve seguir as seguintes considerações:
  - (1) Desenvolver uma imagem clara e atualizada da situação do inimigo é muito importante. O pelotão pode fixar um objetivo em situações variadas, e o

comandante de pelotão deverá recolher e disseminar informações sobre a situação. Por exemplo, se o pelotão é a força de fixação durante o ataque deliberado da companhia, o comandante de pelotão deve ser capaz de desenvolver uma imagem mais precisa sobre a situação do inimigo durante o planeamento e preparação de uma operação.

- (2) Por outro lado, o comandante de pelotão pode ter que esclarecer a situação do inimigo durante a execução, devendo conhecer os relatórios das unidades em contacto e atender ao seu próprio conhecimento da situação. Neste tipo de situação, ou quando o pelotão está a fixar uma força de segurança inimiga avançada durante a marcha para o contacto, o comandante de pelotão deve disseminar a informação disponível quando se desloca. Deve usar ordens parcelares claras e concisas para explicar a situação do inimigo e dar orientações aos subordinados.
  - (3) Em qualquer outro tipo de situação, o comandante de pelotão e os seus comandantes subordinados devem adaptar-se e fazer os ajustes necessários no esquema de manobra baseado na informação disponível.
  - (4) Fixar o objetivo implica uma aproximação ao inimigo para ganhar uma posição devasta-se sobre ele, controlando terreno, e a remoção de todas as forças inimigas ou a eliminação de uma resistência organizada. O pelotão pode ter de usar manobras montadas e apeadas para ganhar vantagem e fixar o objetivo. Os fatores que influenciam a decisão do comandante de pelotão em combinar os elementos montados e apeados para fixar um objetivo incluem o seguinte:
    - (a) Análise da missão - A intenção e o conceito do comandante de companhia provavelmente irão ditar a forma como o pelotão manobra no objetivo;
    - (b) Capacidade anticarro do inimigo. A presença ativa de armas anticarro ou através do objetivo irá pôr em risco as VBR. A principal modalidade de ação é destruir ou suprimir armas anticarro inimigas e permitir que as VBR apoiem o assalto.
- c.** O comandante de pelotão deve planejar e implementar o apoio indireto de fogos no seu plano.
- (1) A companhia ou o pelotão utiliza fumos para isolar o inimigo e impedir que o inimigo reposicione ou reforce as suas forças.
  - (2) A companhia ou o pelotão usam fogos indiretos de supressão para prevenir unidades adjacentes ou de reserva, detenham a força de assalto.
  - (3) Para proteger a aproximação da força de assalto, a companhia ou o pelotão usa fogos indiretos para suprimir ou destruir o inimigo na área do objetivo.

- d. O pelotão, integrado numa força de assalto de companhia pode ter que conduzir um assalto pelas brechas dos obstáculos de proteção do inimigo, para penetrar na área do objetivo. Os obstáculos de proteção são normalmente integrados com os obstáculos existentes e terreno restritivo.
- e. Na maioria dos casos, a companhia define as condições para o pelotão fixar o objetivo. Se o pelotão fixar um objetivo como parte de uma companhia no ataque, os outros pelotões da companhia serão responsáveis por suprimir o inimigo na área do objetivo apoiando pelo fogo. Estes pelotões podem ser da força de apoio que protege a força de rotura. O fator terreno pode exigir o reposicionamento das forças de apoio á força de assalto. Se o pelotão fixar um objetivo sem fazer parte de uma companhia no ataque deliberado, pode ter que estabelecer a sua própria posição de apoio pelo fogo, para suprimir o inimigo e proteger a força de assalto. Independentemente de quem fornece o apoio pelo fogo, o pelotão deve sempre integrar os princípios de fogo e movimento quando executa o assalto (manobra).
- f. A última posição coberta e abrigada aquém do objetivo é a posição de assalto do pelotão, quando este é a força de assalto num ataque deliberado de uma companhia. As ações na posição de assalto devem incluir:
  - Verificação da atual situação das nossas forças e do inimigo (usando relatórios táticos das forças apoio de apoio pelo fogo do pelotão ou companhia);
  - Emissão das ordens parcelares e disseminação das informações.
  - Confirmação de pontos de referência no objetivo e modo de emprego dos fogos diretos;
  - Posicionamento dos observadores avançados da artilharia;
  - Confirmação final da preparação dos fogos;
  - Reorganizar para completar perdas em combate.

#### **0435.Limpar**

O pelotão pode executar a limpeza de um objetivo durante um ataque, para facilitar o deslocamento do remanescente da companhia ou o pelotão pode ser atribuído para a limpeza de uma parte específica de uma área do objetivo. Os pelotões de infantaria são normalmente os mais adequados para conduzir operações de limpeza, pois em muitos casos, envolve um trabalho em terreno restritivo. Exemplos de situações táticas de limpeza:

- Limpar um desfiladeiro, incluindo os pontos de concentração e os pontos elevados que o rodeiam;
- Limpar uma área densamente arborizada;

- Limpar uma área edificada, limpar um caminho, linha de caminho-de-ferro ou outro corredor estreito, que pode incluir obstáculos ou obstruções na via, ou nos arredores de uma floresta ou área de construção.

**a. Considerações gerais do terreno**

O comandante de pelotão deve considerar vários fatores importantes do terreno no planeamento e na execução de uma tarefa de limpeza.

- (1) Observação dos campos de tiro que podem favorecer o inimigo. Para garantir o sucesso, a força de ataque deve neutralizar essa vantagem através da identificação de zonas mortas.
- (2) Cobertos e abrigos, normalmente abundantes para os elementos de infantaria, mas escassos nos trilhos das viaturas. A falta de cobertos deixa as viaturas vulneráveis a fogos mísseis anticarro.
- (3) Os obstáculos influenciam a manobra de qualquer viatura na zona do objetivo. Os corredores estreitos, trilhos, ou estradas associadas a terreno restritivo, podem facilmente ser obstruídas com arame, minas e ouriços.
- (4) O terreno chave deve incluir áreas dominantes na zona do objetivo, aproximações ou saídas, bem como qualquer terreno dominante dentro da área, desfiladeiro, área arborizada, ou áreas de construção.
- (5) Eixos de aproximação. O pelotão deve considerar o impacto da canalização de eixos e estimar o tempo necessário para limar a zona do objetivo.

**b. Considerações do terreno restritivo**

Executar a limpeza em terreno restritivo consome muitos recursos. Durante o processo de planeamento, o comandante de pelotão avalia os requisitos táticos e técnicos, os recursos e outras considerações para cada operação.

- (1) Durante a aproximação, o comandante de pelotão estuda a manobra do poder de combate no terreno restritivo e começa a limpeza do terreno terminando quando as secções de atiradores completam os preparativos para realizar o ataque.
  - (a) O comandante de pelotão estabelece as posições de apoio pelo fogo.
  - (b) Destrói ou suprime qualquer posição conhecida do inimigo para permitir que as forças se aproximem do terreno restritivo.
  - (c) Garante mais segurança incorporando fogos indiretos supressivos e obscurecendo ou mascarando a manobra por fumos.
  - (d) Fornece o apoio pelo fogo às secções de atiradores e prepara-se para apoiar as secções de atiradores a partir do ponto onde desembarcam e onde eles entram em terreno restritivo usando:
    - Solo alto de ambos os lados do desfiladeiro;

- Áreas arborizadas de ambos os lados de um trilho ou caminho;
- Edifícios de cada lado de uma estrada numa área urbana;
- O deslocamento das secções de atiradores ao longo de eixos para dar cobertura e dissimulação.

(2) Durante a limpeza:

- (a) As secções fornecem a base de fogos para permitir à esquadra de apoio o lanço para uma nova posição de apoio pelo fogo. Este processo continua até que toda a área seja limpa.
- (b) Os planos de fogos diretos devem cobrir pela observação e fogos o seu setor de responsabilidade (tanto vertical como horizontal).
- (c) As secções devem limpar o desfiladeiro de cima para baixo e devem-se orientar sobre os objetivos do lado mais distante do desfiladeiro.
- (d) Os elementos de engenharia com capacidades de abertura de brechas devem deslocar-se com as secções de atiradores e com o elemento de sobre apoio para reduzir os obstáculos.

(3) O pelotão deve assegurar o lado mais afastado do desfiladeiro, área urbana, área arborizada até que a companhia se mova para a frente, para iniciar o combate para além do terreno restrito. Se a área restritiva é grande, o pelotão pode ser direcionado para auxiliar a passagem de outro elemento que avance para continuar a operação de limpeza. O pelotão deve estar preparado para:

- Destruir as forças inimigas;
- Assegurar o lado mais afastado do terreno restrito;
- Manobrar, montado, para estabelecer uma posição de apoio pelo fogo do lado mais afastado do terreno restrito;
- Apoiar pelo fogo para proteger o deslocamento da força de seguimento, assumindo o combate;
- Suprimir os elementos inimigos que ameacem a companhia quando ela sair do terreno restrito;
- Deter contra-ataques inimigos;
- Proteger o esforço na redução dos obstáculos;
- Manter a observação para além do terreno restritivo;
- Integrar os fogos indiretos, se necessário.

**c. Análise do inimigo**

A análise cuidadosa da situação do inimigo é necessária para garantir o sucesso da limpeza. A avaliação do inimigo deve incluir o seguinte:

- Localização de viaturas inimigas, armas principais, e os elementos de infantaria na área de operações;
- Tipo e localização das forças de reserva inimigas;
- Tipo e localização de postos de observação inimigos;
- O impacto NBQ inimigo e/ou capacidades de artilharia.

**d. Operações subterrâneas**

Operações subterrâneas implicam a limpeza de trincheiras inimigas, túneis, caves e “*bunkers*”. O elemento da base de fogos do pelotão e as secções de manobra devem manter uma estreita coordenação. A esquadra de apoio, foca-se na proteção das secções que limpam a linha de trincheiras, ou então manobra para destruir posições individuais ou viaturas. O elemento de base de fogos, apoia na destruição de estruturas chave à superfície (especialmente postos de comando e os elementos que operam as armas dos “*bunkers*”) e a supressão e destruição de viaturas inimigas. O plano de fogos diretos deve ser desenvolvido e treinado para garantir o apoio mútuo, evitando o fratricídio.

- (1) O pelotão deve estabelecer uma base de fogos para permitir que as secções de atiradores desembarquem e manobrem para a linha de trincheiras, túneis, caves, ou “*bunker*”. O plano de fogos diretos deve ser bem desenvolvido e treinado para garantir uma proteção eficaz para a infantaria prevenindo o fratricídio.
- (2) O comandante de pelotão também deve considerar os riscos específicos associados ao pelotão ou secção de apoio. (Por exemplo o escape de gases das armas anticarro nas secções de atiradores apeadas).
- (3) O pelotão deve considerar o uso das medidas de fogo restritivo para proteger as forças convergentes e outras medidas de controlo de fogo direto, como sinais visuais, o pedido para o transporte de fogos, deslocar, ou cessar fogos diretos. As técnicas para controlar os fogos diretos durante a limpeza de, trincheiras, túneis, caves e “*bunkers*” podem incluir bandeirola a identificar os compartimentos limpos ao pessoal que segue atrás da equipa de limpeza; painel para marcar a limpeza dos “*bunkers*”, túneis e caves; os sinais visuais para deslocar ou transportar fogos.
- (4) A consolidação consiste em instalar e preparar posições no objetivo e defender-se contra contra-ataques inimigos. O comandante de pelotão deve planear e preparar a consolidação, garantindo que o pelotão está pronto para:
  - Eliminar a resistência inimiga no objetivo;

- Estabelecer a segurança para além do objetivo para bater as áreas das bases de fogos de fogos diretos ou observadores avançados da artilharia inimiga;
  - Estabelecer medidas adicionais de segurança, tais como postos de observação e patrulhas;
  - Preparar-se para apoiar a passagem das forças de seguimento (se necessário);
  - Continuar a melhorar a segurança através da realização de outras medidas de ações defensivas necessárias;
  - Ajustar e estabelecer a linha de proteção final (LPF) (se necessário);
  - Apoiar o esforço da redução de obstáculos;
  - Proteger os prisioneiros de guerra.
- (5) A reorganização é normalmente conduzida juntamente com a consolidação, e consiste em preparar-se para continuar as operações. Tal como acontece na consolidação, o comandante deve planejar e preparar a reorganização e conduz os procedimentos de comando. Ele garante que o pelotão está preparado para:
- Fornecer tratamento médico indispensável e evacuar baixas quando necessário;
  - Reorganizar a cadeia do comando e do pessoal com tarefa chave (se necessário);
  - Conduzir operações de reabastecimento, inclusive o rearmamento e reabastecimento;
  - Redistribuir de munições;
  - Realizar a manutenção (se necessário).

#### **0436. Suprir**

O pelotão manobra para uma posição no campo de batalha a partir do qual pode observar o inimigo e batê-lo com fogos diretos e indiretos. O objetivo da supressão é impedir o inimigo de bater efetivamente as forças amigas com fogos diretos ou observação de fogos indiretos. Durante a preparação e planeamento, o comandante de pelotão deve considerar o seguinte:

- Analisar os sectores de tiro e o terreno, para identificar a posição mais vantajosa para suprimir o inimigo;
- Planejar e integrar os fogos diretos e indiretos;
- Determinar as medidas de controlo (linhas de gatilho) para o transporte, mudança ou o cessar de fogos indiretos;
- Determinar as medidas de controlo para mudar ou cessar fogos indiretos;

- Planear e treinar ações em contacto;
- Planear os maiores gastos da classe V, (O comandante de companhia e o comandante de pelotão devem considerar uma série de fatores para avaliar os requisitos da classe V incluindo os efeitos desejados pelos fogos diretos do pelotão);
- Determinar quando e como o pelotão irá recarregar munições durante o ataque mantendo ainda a supressão para a força de assalto;
- Determinar quantas, e se, algumas das secções de atiradores irão desembarcar das VBR.

#### **0437. Apoio pelo fogo**

O pelotão manobra para uma posição do campo de batalha a partir da qual possa observar o inimigo e batê-lo com fogos diretos e indiretos. O objetivo do apoio pelo fogo é impedir que o inimigo empenha forças amigas.

- a. Para realizar esta tarefa o comandante de pelotão deve planejar e preparar-se para:
  - Conduzir uma análise dos sectores de tiro para identificar a posição mais vantajosa de apoio pelo fogo;
  - Conduzir o planeamento e integração de fogos diretos e indiretos;
  - Determinar as linhas de gatilho para o transporte ou cessar de fogos diretos e indiretos;
  - Planeamento e treino das ações ao contacto;
  - Planeamento para grandes despesas de classe V, principalmente para o elemento de apoio, visto ter de se calcular o número de disparos por minuto. O comandante de pelotão e sargento de pelotão devem ter em consideração que as necessidades de classe V, dependem dos efeitos desejados dos fogos de pelotão, do tempo necessário para suprimir o inimigo, da composição, disposição e força do inimigo.
- b. O conhecimento do campo de batalha e da disposição do inimigo e das nossas forças é um fator crucial nas operações de apoio de fogos. O comandante de pelotão usa todos os recursos de informação disponíveis para ficar a par dos acontecimentos do campo de batalha. Considerações adicionais poderão ser aplicadas, pois o pelotão pode ter que executar um ataque para garantir a posse do terreno a partir do qual vai conduzir o apoio de fogos. A posição inicial de apoio de fogos pode não garantir a segurança adequada ou pode não permitir que o pelotão atinja o seu propósito. Isto poderá forçar o pelotão a reposicionar-se a fim de manter o efeito desejado sobre o inimigo. O comandante de pelotão deve:
  - Manter as comunicações com a força que está em movimento;



- Estar preparado para apoiar a força em movimento através de fogos direto e indireto;
- Estar preparado para fazer o transporte a mudança e o cessar de fogos quando a força em movimento estiver prestes a colocar-se no nosso sector de tiro;
- Analisar a área de operações e preparar-se para adquirir e destruir qualquer elemento do inimigo que ameace a força em movimento;
- Manter um segurança de 360°;
- Usar a VBR e as armas anticarro para destruir qualquer veículo inimigo que esteja exposto;
- Empregar secções para manter uma base de fogos sustentada para fixar o inimigo ou suprimi-lo nas suas posições de combate;
- Impedir que o inimigo consiga fazer fogos diretos precisos sobre a força protegida.

#### **0438. Ataque pelo fogo**

O pelotão manobra para uma posição no campo de batalha a partir da qual consiga observar o inimigo e consiga batê-lo através de fogos diretos e indiretos, a uma distância em que seja possível destruir ou enfraquecer uma força inimiga em manobra. O pelotão destrói o inimigo ou impede-o de se reposicionar. O pelotão utiliza fogos de longo alcance a partir de um terreno dominante, usa fogos de flanco, ou pode tirar partido do alcance elevado das armas da sua esquadra ML. O comandante de companhia pode designar uma posição de ataque pelo fogo a partir da qual o pelotão irá fixar o inimigo. Uma posição de ataque pelo fogo é normalmente empregue quando a missão ou situação táctica não requer a ocupação do objetivo; normalmente foca-se na destruição ou no impedir do movimento inimigo. Na ofensiva é usualmente executada pelo elemento de apoio. Durante operações defensivas é frequentemente uma opção de contra-ataque para a força de reserva.

- a. Quando é atribuída uma posição de ataque pelo fogo ao pelotão, o comandante de pelotão obtém a mais recente informação sobre o inimigo e analisa. Durante a preparação e planeamento, o comandante de pelotão tem que ter o seguinte em consideração:
  - Conduzir uma verificação aos sectores de tiro durante a análise do terreno para identificar os locais mais favoráveis a destruir ou fixar o inimigo;
  - Fazer o planeamento e integração dos fogos diretos e indiretos;
  - Determina as linhas de gatilho para mover, transportar ou cessar fogos diretos;
  - Determina medidas de controlo para transporte ou cessar de fogos indiretos;
  - Planear e treinar ações em contacto.

- b.** Muitas outras considerações poderão afetar a execução bem sucedida do ataque pelo fogo. Pode ser necessário a um pelotão conduzir um ataque a forças de segurança do inimigo para garantir o terreno a partir do qual se vai estabelecer a posição de ataque pelo fogo. A posição inicial de ataque pelo fogo poderá não garantir a segurança adequada ou pode não permitir ao pelotão conseguir realizar a sua tarefa ou atingir o seu objetivo. Isto pode forçar o pelotão a reposicionar-se para manter o efeito desejado das armas sobre o inimigo. Para além disso, porque um ataque pelo fogo pode ser conduzido muito para além do alcance dos fogos diretos dos outros pelotões, o pelotão que o executa poderá não conseguir destruir o inimigo a partir da sua posição inicial. O pelotão pode começar a fixar o inimigo a grandes distâncias. Uma manobra adicional irá então ser necessária para nos aproximarmos do inimigo e por forma a completar a sua destruição. Durante o fogo e movimento, o pelotão deverá reposicionar-se ou manobrar para manter a flexibilidade, aumentar as suas hipóteses de sobrevivência, e manter o efeito desejado do fogo sobre o inimigo. Devera também usar secções de atiradores sempre que possível, a fim de apoiar as secções montadas. As funções de apoio de uma secção de atiradores poderão incluir o seguinte:
- Aguentar uma posição de ataque pelo fogo antes da ocupação pelas secções montadas;
  - Garantir segurança local para a posição de ataque pelo fogo;
  - Executar ações em contacto decisivas e atempadas;
  - Manobrar para se movimentar e ocupar posições de ataques pelo fogo;
  - Destruir elementos da segurança do inimigo que protejam a força IN;
  - Empregar fogos diretos e indiretos eficientes para dispersar, fixar ou destruir o inimigo.

## **CAPÍTULO 5**

### **OPERAÇÕES DEFENSIVAS**

*As Forças Militares desenvolvem operações defensivas até ganharem força suficiente para atacar. Através do aproximar do combate decisivo, derivado de ações ofensivas, os comandantes descobrem normalmente que é necessário, mesmo aconselhável defender. A partir do momento em que os comandantes tomam essa decisão, necessitam de estabelecer as condições de defesa, para as forças amigas destruírem ou fixarem o inimigo, preparando-se para tomar a iniciativa, voltando à ofensiva pois só a ofensiva garante resultados decisivos. A compreensão da intenção do comandante é crítica nas operações defensivas. Estas operações necessitam de uma integração precisa, de apoio de combate e serviços logísticos de apoio aos seus elementos, mesmo ao nível dos pelotões. O propósito imediato de todas as operações defensivas, é derrotar o ataque inimigo e ganhar a iniciativa para as operações ofensivas. O pelotão pode mesmo conduzir uma defensiva para ganhar tempo, garantir posse do terreno importante, facilitar outras operações, fixar o inimigo numa área, iludir as forças inimigas enquanto se recebem reforços, e criar condições para continuar as operações.*

#### **SECÇÃO I - CARACTERÍSTICAS DA DEFESA**

As características da defesa (preparação, segurança, rotura, concentração em massa e flexibilidade) são os pontos fundamentais para o planeamento de um pelotão de infantaria da BrigInt. Para assegurar o sucesso da defesa o CmdtPel deve compreender as características da defesa e aplicar os procedimentos de comando durante o planeamento e preparação da operação.

##### **0501. Preparação**

O defensor chega ao campo de batalha antes do atacante, permitindo-lhe conhecer e estudar o terreno. Como defensor, o pelotão deve tirar o máximo partido desta vantagem. Para isso deverá efetuar o maior número de preparações possíveis no tempo disponível. Através da análise minuciosa dos fatores de MITM-TC, o CmdtPel estuda a situação tática e identifica o potencial de combate e fraquezas do inimigo.

##### **0502. Segurança**

Os objetivos dos esforços de segurança do pelotão estão normalmente ligados aos esforços da companhia. Estes esforços incluem o garantir atempadamente um aviso, destruir as unidades de reconhecimento do inimigo e impedindo e perturbando os elementos constituintes da força principal do inimigo. O pelotão executa as missões de segurança, até receber outras ordens.

### **0503. Rotura**

Os planos defensivos variam conforme as circunstâncias, mas todos os conceitos de operação de defesa têm como principal objetivo desmembrar a sincronização do atacante. Contra-ataques, fogos indiretos, obstáculos e a retenção de terrenos-chave, previnem o inimigo de concentrar a sua força contra alvos específicos da defesa do pelotão. Destruindo as viaturas de comando e controlo do inimigo, incapacitam a sua sincronização e flexibilidade.

### **0504. Concentração em massa**

O pelotão deverá concentrar o seu potencial de combate no momento e local apropriado, para ser bem-sucedido. Deverá obter vantagem nos pontos de decisão. A ação ofensiva poderá ser um meio de ganhar vantagem. O CmdtPel deverá lembrar-se que esta concentração, refere-se ao poder de combate e aos seus efeitos, e não apenas ao número de efetivos e sistemas de armas que pode ser prejudicial por constituir alvos remuneradores.

### **0505. Flexibilidade**

A flexibilidade deriva de uma preparação adequada e de um comando e controle eficaz. O pelotão deverá ser suficientemente ágil para contra-atacar ou evitar os ataques do inimigo e depois responder eficazmente. A flexibilidade resulta de uma análise detalhada de fatores de MITM-TC, da compreensão do propósito da unidade, agressividade de reconhecimento e vigilância. As posições suplementares num eixo de aproximação secundário, podem garantir uma flexibilidade adicional ao pelotão.

## **SECÇÃO II - SEQUÊNCIA DA DEFESA**

Como parte de um escalão superior, o pelotão efetua as seguintes operações defensivas dentro da sequência de defesa:

- Reconhecimento, operações de segurança, e fogos de preparação inimigo;
- Ocupação;
- Aproximação ao ataque principal inimigo;
- Assalto inimigo;
- Contra-Ataque;
- Consolidação e reorganização.

### **0506. Reconhecimento, operações de segurança e fogos de preparação do inimigo**

As forças de segurança deverão proteger as forças amigas na área onde ocorre o combate e permitir que elas se preparem para a defesa. Os objetivos da força de segurança incluem fornecer um aviso prévio, destruir elementos de reconhecimento inimigos (dentro das suas

capacidades), e a possibilidade de reter destacamentos avançados ou elementos de guarda avançada. Durante este passo, o pelotão poderá ser integrado num escalão superior, ou permanecer com a companhia e conduzir um contra reconhecimento. Adicionalmente, o pelotão conduz operações de segurança como parte do plano de defesa da companhia, conduzindo patrulhas ou guarnecendo postos de observação para observar áreas de interesse.

- a. Durante este passo, o pelotão pode ser obrigado a fornecer guias à passagem da força de segurança, e pode ser encarregue de fechar as passagens de linha. O pelotão, como parte de uma força maior, pode também desempenhar um papel de moldagem do campo de batalha. O comandante de batalhão ou brigada pode posicionar a companhia para negar possíveis corredores de ataque do inimigo, garantindo a flexibilidade e forçando os elementos do inimigo a combater em áreas favoráveis às nossas forças.
- b. Quando não estão a montar segurança ou a executar tarefas, a companhia e o pelotão, normalmente ocupam posições escondidas aos olhos do inimigo, para evitar possível fogo de artilharia.

#### **0507.Ocupação**

O pelotão deve reconhecer e de seguida ocupar a posição defensiva. Este passo inclui o movimento de uma posição defensiva para a outra. A equipa de reconhecimento que limpa a posição defensiva, e a prepara para ocupação normalmente lidera este movimento. A companhia estabelece as forças de segurança, enquanto as restantes forças preparam a defesa. Para disponibilizar o máximo de tempo para planeamento, ocupação e preparação da defesa, os comandantes e soldados, a todos os níveis, devem atender às suas responsabilidades incluindo as prioridades de trabalho (normalmente cobertos pela ordem de operações ou pelas NEP's da unidade).

- a. Ocupação e preparação do local são conduzidas normalmente pelos procedimentos de comando. O pelotão ocupa posições defensivas de acordo com o planeamento do comandante de companhia e os resultados do reconhecimento. Para assegurar uma eficaz e eficiente ocupação, o elemento de reconhecimento marca as posições amigas e estas posições são introduzidas nos gráficos de operação (PDA). Cada VBR e respetiva secção movem-se para o seu marcador ou, em alternativa, um guia encaminha-os para esta. Uma vez em posição, cada comandante de secção e veículo verifica a sua posição. Enquanto o pelotão ocupa as posições, o Cmdt Pel orienta as posições de cada secção ou veículos de acordo com o seu planeamento e faz as suas correções. O Cmdt Pel deve pessoalmente verificar as posições, assegurando-se que cada um conhece o plano de operações e que estão corretas:
  - A Orientação das armas;

- A Posição das VBR;
- A Posição das secções de atiradores.

Cada comandante de secção deve conhecer a localização do Cmdt Pel e do sargento de pelotão.

**b.** Quando a ocupação estiver completa, os comandantes subordinados podem começar a desenvolver os esboços da secção (Apêndice H), baseando-se nos sectores de tiro fornecidos durante o reconhecimento. As posições são melhoradas quando o plano de fogo direto é finalizado. Ao estabelecer as posições principais, o Cmdt Pel e os seus subordinados, normalmente planeiam a preparação e ocupação das posições alternativas, suplementares e sucessivas, de acordo com as ordens da companhia. Devem tomar as seguintes preocupações táticas para estas posições.

(1) As Características das posições de alternativa:

- Cobrir pelo fogo o mesmo eixo de aproximação ou sector de tiro, que as posições principais;
- Encontrar-se localizada perto da frente, flanco ou retaguarda da posição principal;
- Posicionar-se à frente da posição defensiva principal, durante operações de visibilidade reduzida;
- Normalmente é utilizada para apoiar posições com armas de alcance limitado, como por exemplo as posições de infantaria apeada.

(2) Características das posições suplementares:

- Cobrir pelo fogo eixo de aproximação ou setor de tiro, diferente do defendido, pela posição defensiva principal;
- A sua ocupação é baseada em ações específicas por parte do inimigo.

(3) Características das posições sucessivas:

- Cobrir pelo fogo o mesmo eixo de aproximação ou setor de tiro, que as posições principais;
- É posicionada no interior profundo do sector defensivo;
- É ocupado, tendo em conta ações específicas por parte do inimigo ou planeadas no esquema de manobra do comando superior.

#### **0508. Aproximação do ataque principal inimigo**

Assim que esta ação se inicia, a brigada ataca o inimigo às longas distâncias, usando fogos indiretos, guerra eletrónica e apoio aéreo (CAS – *Close air support*). O objetivo é moldar o campo de batalha a seu favor, para retardar a progressão do inimigo, romper as suas formações, deixando-o mais suscetível aos efeitos das armas de apoio. Ao aproximar-se o

corpo principal da força inimiga, da área de empenhamento do batalhão, este deve iniciar os seus fogos indiretos com o objetivo de enfraquecer o ritmo através do atrito. Os pelotões terminam as patrulhas de segurança e normalmente recolhem os postos de observação (PO), para as linhas de defesa, antes que o inimigo consiga regular fogos sobre as nossas forças.

#### **0509. Assalto inimigo**

Durante esta fase, as forças inimigas tentam fixar as forças amigas e completar o seu assalto. Durante a execução da defesa, as forças amigas tentam concentrar os seus fogos para evitar o assalto inimigo. O Comandante de Pelotão verifica se o pelotão consegue destruir o inimigo a partir das posições iniciais.

- a. Se a resposta for “sim”, o pelotão continua a combater nessa posição de defesa.
  - (1) O Comandante de Pelotão continua a fazer pedidos de fogos indiretos enquanto o inimigo se aproxima. O pelotão começa por bater o inimigo às mais longas distâncias, tentando massificar os fogos, iniciando-os em simultâneo para tirar o máximo rendimento das armas. Os fogos indiretos e obstáculos, integrados com fogos diretos devem romper e desorganizar as formações inimigas, canalizá-las para áreas de empenhamento, prevenir e limitar seriamente a sua capacidade de observação sobre as nossas posições, destruindo a sua tentativa de penetrar pelos nossos obstáculos táticos.
  - (2) Os comandantes controlam os fogos, através dos procedimentos em NEP, meios pirotécnicos, ou outros sinais pré-combinados (Apêndice F). O pelotão aumenta a intensidade de fogos à medida que o inimigo se vai aproximando da posição. Os Comandantes de secção controlam os fogos da secção garantindo que quando existir uma avaria ou troca de carregador, a secção mantenha o volume de fogos adequado. No controlo e distribuição de fogos, os comandantes de pelotão e secção devem avaliar:
    - O alcance a que se encontra o inimigo;
    - Os alvos prioritários (Quem abater, quando disparar, e porquê);
    - Os alvos mais perigosos e próximos;
    - Deslocamentos necessários para concentrar fogos diretos (independentemente ou como manobra do escalão superior);
    - A capacidade do pelotão para bater inimigo apeado.
    - A capacidade das armas anticarro, para executar tiro de flanco contra veículos inimigos.
  - (3) Quando o inimigo aborda os obstáculos de arame farpado do pelotão, as ML executam fogo nas suas direções principais de tiro (DPT) e na linha de proteção

final (LPF), previamente definidas e planeadas. Estas medidas devem incluir as Metralhadoras Pesadas (MP) das VBR's. Todas as outras armas possuem os seus setores de tiro e linhas de gatilho atribuídas. Os atiradores granadeiros cobrem os espaços mortos impedindo o inimigo, de abrir brechas no arame farpado e nos obstáculos.

(4) O pelotão continua a defender até repelir o inimigo ou receber ordem para romper o contacto.

b. Se a resposta for “não”, o Cmdt Pel informa o comandante de companhia e continua a enfrentar o inimigo. Reposiciona o pelotão (ou secções do pelotão) aguardando ordens do comandante para:

- Continuar a fazer fogo no sector do pelotão;
- Ocupar posições suplementares;
- Reforçar outras forças da companhia;
- Contra-atacar, para reconquistar posições perdidas em combate;
- Retirar de uma posição através do fogo e movimento, executando uma rotura de combate.

**NOTA:** O Cmdt Pel não retira o seu pelotão da posição, se isso implicar a destruição da integridade da companhia. Todos os movimentos e ações para reposicionar as secções e o pelotão devem ser previamente treinados.

#### **0510. Contra-ataque**

Quando o ímpeto do ataque inimigo diminui ou é travado, as nossas forças poderão contra-atacar. O contra-ataque pode ser lançado, para retirar a iniciativa ao inimigo. Em alguns casos, o objetivo é apenas defensivo, por exemplo o restabelecimento da Orla Anterior da Zona de Resistência (OAZR), ou restabelecer o controlo de um sector. A companhia ou o pelotão, podem participar no contra-ataque como elemento de apoio de fogos ou como força de contra-ataque. Este contra-ataque pode ser planeado ou conduzido durante o combate, quando existir uma oportunidade para se tomar a iniciativa ou vantagem. O pelotão deve manter a sua posição, através da reposição de forças, destruindo elementos inimigos remanescentes, processando os prisioneiros de guerra (PG's) e repondo obstáculos. A companhia reabastece e prepara-se para continuar a defensiva.

#### **0511. Consolidação e reorganização**

O pelotão defende o seu sector e restabelece a sua posição defensiva, reposicionando forças, destruindo elementos inimigos, processando PG's e repondo obstáculos. O pelotão trata de todas as necessidades logísticas, enquanto se prepara para manter na defesa. Os



comandantes de secção e esquadra fazem relatórios de situação sobre munições, baixas e equipamento (SITREP) ao Cmdt Pel. O Cmdt Pel restabelece a cadeia de comando no seu pelotão. Ele consolida os SITREP`s das secções e faz o seu próprio relatório, entregando-o ao comandante de companhia. O sargento de pelotão coordena o reabastecimento e supervisiona a evacuação de baixas ou PG`s. O pelotão continua a melhorar as posições, restabelece os PO`s e lança novamente patrulhas de segurança.

- a. A consolidação inclui organizar a posição e reforçá-la para que continue a cumprir a tarefa de deter o inimigo. As consolidações dos pelotões devem:
  - Ajustar as posições para manter o apoio mútuo;
  - Reocupar e reparar as posições, preparando-se para receber novo ataque;
  - Recolocar armas principais nas posições alternativas (se o comandante acreditar que o inimigo as localizou);
  - Reparar obstáculos que tenham sido destruídos e recolocar armadilhas;
  - Restabelecer a segurança e as comunicações.
- b. A reorganização dos pelotões para aumentar o seu nível de eficácia deve:
  - Completar os militares das armas-chave do pelotão;
  - Garantir primeiros socorros e preparar os soldados feridos para evacuação;
  - Redistribuir munições e reabastecimentos;
  - Processar e evacuar PG`s.

### Secção III - SISTEMAS OPERATIVOS DO CAMPO DE BATALHA

Os sistemas operativos do campo de batalha são uma lista de atividades táticas críticas indispensáveis à preparação e execução da operação. A sincronização e coordenação dos sistemas operativos são de extrema importância para alcançar o sucesso.

#### **0512.Manobra**

Posicionar corretamente as armas, permite ao pelotão concentrar o fogo em pontos críticos do campo de batalha, garantindo a sua sobrevivência. O Cmdt Pel deve maximizar os pontos fortes das armas principais, enquanto minimiza a sua exposição à observação e fogo inimigo.

##### **a. Profundidade e dispersão**

Dispersar lateralmente as posições e conferir-lhe profundidade, ajuda a proteger a força da observação e fogo inimigo. As posições do pelotão são estabelecidas em profundidade, garantindo espaço suficiente para executar a manobra às viaturas e às secções apeadas. As posições das VBR e da infantaria são posicionadas de maneira a permitir a concentração de fogos em pontos críticos do campo de batalha. Os

fatores de MITM-TC determinam a colocação dos sistemas de armas e das unidades, devendo aplicar-se o seguinte:

- As VBR's devem ser colocadas em posições de flanco, em posições que consigam empenhar a infantaria apeada, apoio a viaturas de reabastecimento, ou fixar e limitar seriamente o movimento de reservas inimigas. Normalmente a um alcance até 1100 metros;
- As secções de infantaria devem ser posicionadas em terreno restritivo, de maneira a que consigam bater o inimigo sem se empenharem;
- As secções de infantaria devem tomar em atenção o combate anticarro com o LAW a cerca de 250m;
- As secções de atiradores conseguem reter ou negar terreno-chave, se empregues em pontos fortes ou posições defensivas bem preparadas;
- As secções de atiradores conseguem proteger obstáculos ou posições de flanco, que se encontrem em terreno muito restritivo ou impeditivo.

**b. Posições de flanco**

Uma posição de flanco eficiente garante ao defensor um alvo maior e mais vulnerável, deixando o atacante sem saber da localização do defensor. O sucesso da posição de flanco, depende da capacidade do defensor em garantir a segurança da sua posição e surpreender o atacante sem ser detetado. Um controlo de fogos eficiente (Anexo F) e medidas para evitar o fratricídio (Apêndice D) são considerações críticas quando se utilizam posições de flanco.

**c. Plano de substituição ou rotura**

A substituição ou rotura são medidas de controlo chave que confere ao pelotão flexibilidade e agilidade tática. O objetivo final é permitir ao pelotão manter o "*stand-off range*" e evitando que se empenhe decisivamente pelo inimigo.

**(1) Considerações**

A rendição ou rotura são muito importantes mas são de difícil execução face a um movimento rápido do inimigo. De facto, a rendição quando em contacto é um grande problema, em que o Cmdt Pel terá de executar este planeamento antes da operação. Mesmo assim, ele deve cuidadosamente avaliar a situação, dependendo do número de baixas e perda de material, se deve ou não executar. O Cmdt Pel deve ter em consideração fatores importantes no seu planeamento, tais como:

- A situação do inimigo (por exemplo, um ataque inimigo de escalão batalhão, deve prevenir de imediato a rotura do pelotão);
- Critérios definidos pelo escalão superior;

- Avaliação do volume de fogos diretos para facilitar a rotura suprimindo ou quebrando o ímpeto inimigo;
- Avaliar as proteções, fogos indiretos e fumos para ajudar na rotura;
- Obstáculos integrados, incluindo obstáculos expeditos;
- Posição das forças no terreno (tais como encosta ou obstáculos naturais) que garantem vantagem aos elementos na rotura;
- Identificação dos itinerários de rotura, tempo da iniciação de rotura ou situação em que esta se processa;
- O efetivo disponível das nossas forças, Elementos Deixados ao Contacto (EDC), para apoiar as unidades na rotura;
- Localização dos lanços para a retaguarda, quanto tempo esta operação tomará e considerações de manobra para conduzir uma nova rotura em contacto com o inimigo.

(2) Critérios na rotura

Os critérios de rotura ditam aos elementos subordinados em que circunstâncias, estes se devem deslocar para as posições defensivas alternativas, suplementares ou sucessivas. Os critérios a tomar dependem da ação do inimigo (tal como um pelotão motorizado avançado passar pela linha de fase BETA), estando ligados com a situação das forças amigas (por exemplo, eles podem estar dependentes de uma força de cobertura ou de unidades de artilharia para bater o inimigo não podendo a nossa força mover-se). Os critérios de rotura são desenvolvidos durante o processo de planeamento, baseados numa única condição de uma situação específica. Estes critérios não devem fazer parte das NEP's das unidades.

(3) Supressão por fogos diretos

Às forças inimigas atacantes, não deve ser permitido efetuar fogo ajustado sob as nossas forças em rotura. Fogos diretos a partir dos elementos que constituem a base de fogos, suprimindo ou desorganizando o inimigo, são a maneira mais eficaz de facilitar a mudança de posição. O pelotão pode mesmo receber apoio para constituir a base de fogos, por elementos fornecidos pela companhia, mas na maior parte dos casos eles devem organizar a sua própria base de fogos.

(4) Cobertos e abrigos

Na situação ideal, o pelotão e os seus subordinados devem usar terreno coberto e itinerários seguros ao deslocar-se para posições alternativas, suplementares e sucessivas. Dependendo do grau de proteção do itinerário, o pelotão deve treinar os movimentos. Executando os treinos, o pelotão consegue aumentar a

velocidade e a sua segurança durante os deslocamentos. O Comandante de Pelotão, dentro do tempo disponível, deverá fazer o treino de movimentos em condições de visibilidade reduzida.

(5) Fogos indiretos e fumos

Os fogos de artilharia e morteiros podem ser empregues para apoiar no processo de rotura do pelotão. Fogos de supressão, direcionados para a força inimiga, no momento em que este entra dentro do “*stand-off range*” da unidade defensiva, irá desmembrar as formações, desacelerar o seu movimento, e no caso de o inimigo ser mecanizado, obriga-o a fechar escotilhas. A força defensiva deve empregar fogos diretos de longo alcance e depois retira movendo-se para novas posições. O fumo pode ser empregue para dificultar a visão do inimigo, tornar lento o seu movimento e não permitir que este siga um movimento direto às posições defensivas ou ao longo dos itinerários de retirada.

(6) Integração de obstáculos

Os obstáculos devem estar integrados com fogos diretos e indiretos para apoiar a rotura. Desacelerando e quebrando o ímpeto do movimento inimigo, os obstáculos permitem ao defensor o tempo necessário para executar o movimento para as outras posições, permitindo às forças amigas que empenhem fogos diretos e indiretos. O uso de minas pode ser empregue para apoiar a rotura, negando ao inimigo o uso de terreno-chave no itinerário de retirada e, assim que a nossa unidade tenha passado o obstáculo tático, este deve ser fechado. A localização dos obstáculos depende dos fatores MITM-TC. Um obstáculo deve ser posicionado suficientemente longe do defensor, mas dentro dos alcances eficazes das armas individuais

### 0513. Apoio de fogos

Para que o plano de fogos indiretos seja efetivo na defesa, a unidade deve planear e executar fogos indiretos, de maneira a que consiga alcançar a tarefa e o propósito para cada alvo. Os fogos indiretos servem uma variedade de propostas na defesa, incluindo:

- Desacelerar e quebrar o ímpeto do movimento inimigo;
- Negar ao inimigo a execução de operações de brecha, contornando ou desbloqueando obstáculos;
- Destruir ou atrasar as forças inimigas nos obstáculos, através da massificação de fogos indiretos ou munições de precisão;
- Derrotar os assaltos de infantaria apeada em eixos de aproximação através do uso da linha de proteção final (LPF);

- Desagregar o inimigo permitindo às forças amigas efetuar uma rotura ou conduzir contra-ataques;
- Cegar a observação inimiga ou deteção de movimentos amigos, durante a rotura ou contra-ataque;
- Distribuir minas perto de becos ou itinerários em redor dos obstáculos, prevenindo operações de brecha inimigas, quebrando o seu movimento em pontos de estrangulamento, ou separando e isolando as suas forças.

#### **0514. Mobilidade, contra mobilidade, e sobrevivência**

A mobilidade é a capacidade de reposicionar forças, incluindo substituição de forças e o emprego de forças de reserva. As prioridades do comandante de companhia devem especificar se alguns itinerários possuem capacidade para suportar tais operações. A contra mobilidade limita a manobra das forças inimigas e aumenta a eficácia dos fogos diretos e indiretos. A sobrevivência foca-se na proteção das forças amigas aos efeitos dos sistemas de armas inimigos.

##### **a. Mobilidade**

Durante a preparação da defensiva, a mobilidade foca-se inicialmente na capacidade de reabastecer, reposicionar e permitir itinerários à nossa força tanto à frente como à retaguarda, para passagem de mantimentos e equipamento. A partir do momento que as preparações defensivas estão completas, a mobilidade foca-se na preparação de itinerários para as posições alternativas, suplementares, ou subseqüentes. O comandante de companhia terá de estabelecer a prioridade do esforço de mobilidade dentro da companhia. Normalmente, a maior parte da engenharia de apoio, está direcionada para a preparação da sobrevivência e contra mobilidade, na defensiva.

##### **b. Contra mobilidade**

Para ter sucesso na defensiva, o Cmdt Pel deve integrar os obstáculos com os fogos diretos e indiretos. O pelotão é responsável por construir obstáculos de proteção.

##### **(1) Obstáculos táticos**

Os obstáculos táticos são preparados ou empregues para desmembrar, fixar, tornear ou bloquear o movimento inimigo. Normalmente os pelotões montam obstáculos táticos em coordenação com o comandante de companhia.

- (a) Efeitos de dispersão - A combinação de fogos com obstáculos, impedem o inimigo de executar ataques como um todo, quebrando as suas formações, interrompendo o seu avanço, e causando o seu empenhamento previamente. Estes efeitos são normalmente o produto de obstáculos com minas dispersáveis, e são usadas na frente, em áreas de empenhamento ou em apoio a posições à frente do sector defensivo. Normalmente, apenas são

planeados fogos indiretos ou fogos diretos de longo alcance para apoiar os obstáculos de dispersão.

(b) Efeito de fixação

Este efeito usa a combinação de fogos com obstáculos para desacelerar ou parar, temporariamente, o atacante numa área específica, normalmente na área de empenhamento. De seguida a unidade que se encontra na defesa pode focar-se em derrotar o inimigo usando fogos indiretos para o fixar, enquanto os seus fogos diretos causam o máximo de baixas e danos. Para atingir um efeito de fixação, os fogos diretos e indiretos devem estar integrados com os obstáculos. O comandante de companhia deve fornecer instruções precisas, acerca do tamanho da unidade inimiga a ser fixada.

(c) Efeito torneante

Usa a combinação de fogos diretos e indiretos com obstáculos, para apoiar o esquema de manobra do comandante de companhia, nomeadamente:

- Guiar o inimigo para uma área de empenhamento, expondo o seu flanco, quando executa o movimento;
- Conduzir a formação inimiga de um eixo de aproximação para outro;
- Negar ao inimigo a capacidade de concentração de forças no flanco de uma unidade amiga.

(d) Efeito bloqueador

Consiste no uso de combinação de fogos diretos e indiretos com os obstáculos, para deter o atacante num eixo de aproximação específico. Os fogos de efeito bloqueador, inicialmente são orientados para prevenir que o inimigo manobre. Esta modalidade emprega muitos homens e meios na construção de obstáculos, devendo-se apenas ser planeada para pontos específicos no campo de batalha. Fogos diretos e indiretos devem cobrir os obstáculos para alcançar o máximo efeito bloqueador. O comandante de companhia deve especificar com clareza a dimensão da unidade que ele pretende bloquear.

(2) Obstáculos de proteção

Os pelotões são responsáveis pela coordenação e emprego dos seus próprios obstáculos de proteção, para protegerem as suas próprias posições defensivas. O modo mais eficiente é o de conjugar os obstáculos naturais ou já existentes e os fogos de proteção final. O pelotão pode utilizar minas ou arame farpado que tenha em sua posse, ou executar o pedido ao escalão superior. O pelotão, através da companhia, pode também ser responsável por outras coordenações, tais como a restituição de um obstáculo ou a sua destruição.

- (a) No planeamento dos obstáculos de proteção, o Comandante de Pelotão deve avaliar o potencial da ameaça e empregar as medidas apropriadas. Por exemplo as minas anticarro são melhor empregues nos eixos de aproximação de viaturas, não sendo necessário o uso de minas antipessoal. Obstáculos de arame farpado podem ser mais eficientes quando empregues em zonas de desembarque das secções.
  - (b) Obstáculos de proteção estão normalmente localizados 35 metros (distância do uso de granadas de mão) a partir das posições de combate, podendo estender-se dos 300 aos 600 metros dependendo do tipo de terreno. De seguida inicia-se o aprontamento dos obstáculos táticos. O Comandante de Pelotão deve planejar obstáculos de proteção em profundidade na tentativa de maximizar o alcance efetivo das suas armas.
  - (c) Durante o planeamento de obstáculos de proteção, o Comandante de Pelotão deve considerar a quantidade de tempo necessária para fazer a sua preparação, os recursos disponíveis depois da sua construção e necessários para os obstáculos táticos, e as prioridades de trabalho dos soldados do pelotão.
- (3) Obstáculos de arame farpado
- Existem 3 tipos de arame farpado (Figura 5-1), arame de proteção, arame tático e arame suplementar.
- (a) O arame de proteção poderá constituir-se como um obstáculo complexo garantindo proteção em todo o perímetro do pelotão, ou poder ser um simples obstáculo de arame num itinerário para uma secção inimiga apeada.
  - (b) O arame tático é posicionado para aumentar a eficiência dos fogos diretos do pelotão. É normalmente colocado ao longo da LPF ou sectores de tiro da ML. Os campos de minas táticos também podem ser integrados com estes obstáculos de arame ou serem empregues em separado.
  - (c) Arame suplementar é empregue para quebrar as linhas de arame farpado, prevenindo a situação de o inimigo localizar as armas do pelotão (particularmente as MP, ML, LAW e HK-79) pelo seguimento e observação do arame tático.

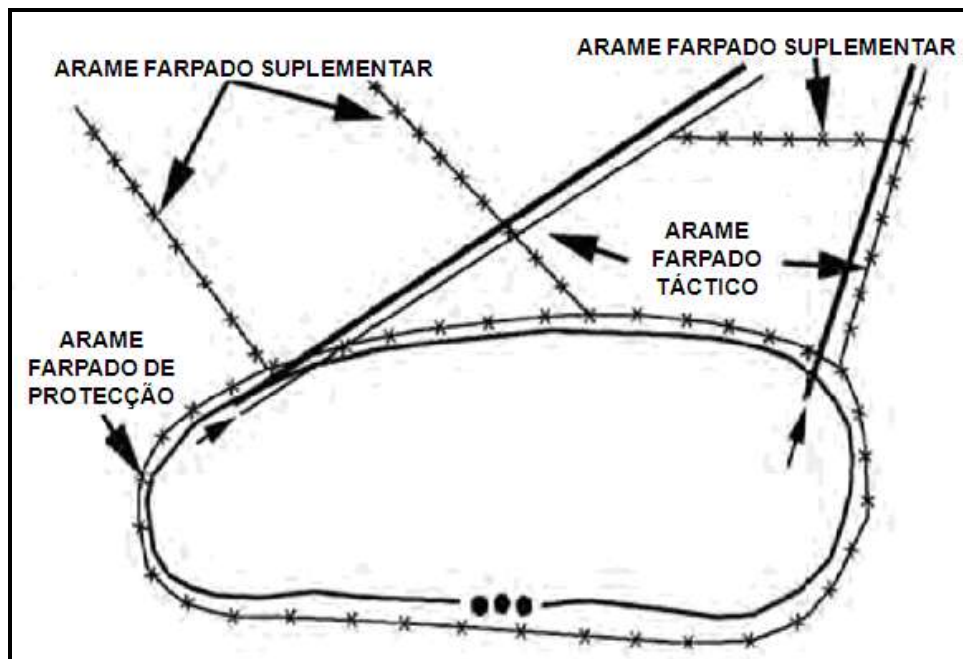


Figura 5-1 - Obstáculos de arame

#### (4) Passagens nos obstáculos

O pelotão pode vir a ser responsável pelas ações empregues nas passagens por entre os obstáculos (similar à passagem de linha). Devem incluir a passagem para se efetuar lanços por entre os obstáculos, marcando os locais de passagem, com ponto de entrada e ponto de saída, pontos de contacto e elementos guia para conduzir as forças, e fecho das passagens quando toda força recolhida.

##### (a) Sobrevivência

As posições de sobrevivência são preparadas nos pontos defensivos ou pontos fortes para proteger as viaturas, sistemas de armas, e secções de atiradores. As posições podem ser escavadas e reforçadas com cobertura superior, garantindo às secções e guarnição das armas, proteção contra estilhaços de fogos indiretos e fogos aéreos. As posições defensivas das VBR devem ser de dois tipos: a posição de fogo e posição de espera. A posição de fogo é o local para onde a viatura se desloca (uma posição minimamente protegida) e executa fogo sobre o inimigo. A posição de espera encontra-se normalmente à retaguarda da posição de fogo, sendo uma posição coberta e abrigada das vistas e fogos diretos do inimigo. A companhia pode escavar trincheiras a partir do paiol de campanha para as posições alternativas, suplementares, subsequentes, ou posições defensivas individuais das viaturas. O processo de preparação defensiva do



batalhão requer muitas horas de trabalho da engenharia e das forças em posição. Por essa razão a engenharia é sempre pouca para os baixos escalões, devendo o Cmdt Pel desenvolver um plano de preparação defensivo a executar pelo próprio pelotão. Ele deve fornecer prioridades de trabalho. Ele pode apenas ter tempo para preparar posições defensivas individuais com uma cobertura natural. A composição do solo deve ser tomada em consideração, na seleção das posições de defesa. Devem ser evitados os locais que são muito arenosos, empedrados ou molhados.

#### 0515. Defesa aérea

O plano de defesa aérea deve focar-se nos eixos de aproximação aéreos inimigos por asa fixa, helicópteros e *unmanned aerial vehicles* (UAV), que podem ou não ser idênticas aos eixos de aproximação terrestres. O Cmdt Pel não pode acionar planos de defesa aérea, visto não ter essa capacidade no pelotão. No entanto, deve estar preparado para que o escalão superior, coloque meios antiaéreos próximos da sua posição defensiva.

#### 0516. Trens de combate

Os trens de combate são necessários para todas as operações. O Cmdt Pel deve considerar estabelecer um *pré-stock* e um local de reabastecimento e recolha. Na análise da missão pelo Cmdt Pel, pode-se chegar à conclusão que as munições orgânicas para a missão não são suficientes. Isto requer que se estabeleça um ponto de recolha. Este ponto de recolha que pode ser posicionado nas posições alternativas ou suplementares deve ser escavado e com segurança montada por meios de defesa ativos ou passivos (guardado ou observado).

### SECÇÃO IV - ÁREA DE EMPENHAMENTO

A área de empenhamento (AE) é o local onde o Cmdt Pel tem a intenção de destruir uma força inimiga usando a concentração de fogos de todas as armas disponíveis. O sucesso de qualquer empenhamento depende da capacidade do Cmdt Pel integrar o plano de fogos indiretos e obstáculos com o plano de fogos diretos na AE. Ao nível do pelotão, o desenvolvimento da AE é uma tarefa complexa que requer planeamento paralelo e preparação, para se cumprir a tarefa que lhe for atribuída. Apesar da complexidade, as AE podem ser aligeiradas. O Cmdt Pel e os seus subordinados devem fazer uso de procedimentos de NEP. Começando por uma avaliação dos fatores MITM-TC, o processo deve respeitar os seguintes passos:

- Identificar prováveis eixos de aproximação inimigos;
- Identificar o esquema de manobra do inimigo;
- Determinar onde abater o inimigo;

- Colocar sistemas de armas;
- Planear e integrar obstáculos;
- Planear e integrar fogos indiretos;
- Conduzir treinos na área de empenhamento.

#### **0517. Identificar prováveis eixos de aproximação inimigos**

O Comandante de Pelotão conduz um reconhecimento inicial na perspectiva do inimigo, ao longo de todos os eixos de aproximação para o sector defensivo ou área de empenhamento. Durante este reconhecimento, ele confirma o terreno chave e pontos importantes, identificados pelo comandante de companhia, incluindo localizações que confirmam vantagem posicional sobre o inimigo, obstáculos naturais ou pontos de estrangulamento que venham a restringir os movimentos. As linhas de fase (LF) apoiadas nos obstáculos naturais e pontos de referência, podem-nos indicar a velocidade de deslocação inimiga, ao longo dos eixos de aproximação, pelo tempo demorado entre estas. Também lhe indicam rotas adjacentes aos eixos de aproximação utilizados pelo inimigo.

#### **0518. Identificar o esquema de manobra inimigo**

O Comandante de Pelotão tenta sempre visualizar e pensar um passo à frente do inimigo. Ele recebe os seguintes (quesitos concretos) do comandante de companhia:

- Por onde quer o inimigo deslocar-se?
- Por onde passará o inimigo baseando-se no terreno?
- Qual é a missão do inimigo (ou missão antecipada)?
- Quais são os objetivos do inimigo?
- Como irá o inimigo estruturar o seu ataque?
- Como irá o inimigo empregar o seu reconhecimento?
- Quais são os itinerários que o inimigo utilizará?
- Como irá o inimigo responder às ações amigas?

#### **0519. Determinar onde abater o inimigo**

Como parte dos procedimentos de comando, o Cmdt Pel deve determinar onde irá concentrar todo o seu potencial de fogo para cumprir a missão. Esta decisão está dependente de como o inimigo irá combater na AE do pelotão. Normalmente um ponto de entrada, que corresponde ao avistar de um alvo de referência (ponto de referência no objetivo - PRO), é referenciado a todos os elementos de pelotão, para poderem executar tiro direto sobre os primeiros elementos inimigos. Permite ao comandante identificar onde irá empenhar as forças inimigas ao longo da AE da companhia. Complementarmente o comandante deve:

- Identificar PRO's que coincidam com o esquema de manobra, permitindo ao pelotão (companhia) identificar onde o inimigo se irá empenhar na AE;
- Identificar e transmitir a exata localização dos PRO's;
- Determinar quantos sistemas de armas consegue empenhar nos PRO's para alcançar os objetivos propostos;
- Começar a desenvolver plano de fogos diretos, focando os PRO's.

**NOTA:** Na marcação de PRO's, devem usar-se sinais térmicos para assegurar a visibilidade à distância apropriada, sob quaisquer condições, inclusive de dia ou visibilidade reduzida.

#### **0520.Colocar sistemas de armas**

Para colocar eficientemente as armas, os comandantes devem conhecer as características, capacidades e limitações das armas, assim como os efeitos do terreno e da tática usada pelo inimigo. Os Comandantes de pelotão devem posicionar as suas armas, onde elas tenham proteção, onde se consiga evitar a sua deteção e onde consigam surpreender o inimigo com fogo preciso e letal. Para colocar as armas, o Cmdt Pel tem de saber onde deve destruir o inimigo e quais os efeitos pretendidos. Deve também considerar os seguintes aspetos:

- Selecionar possíveis posições defensivas;
- Conduzir reconhecimento de comandantes a possíveis posições;
- Deslocar na AE para confirmar que as posições selecionadas são taticamente vantajosas;
- Confirmar e marcar as posições defensivas selecionadas;
- Desenvolver o plano de fogos diretos que cumpra a missão do pelotão;
- Assegurar que as posições defensivas não entram em conflito com unidades adjacentes e estão bem colocadas em relação a essas mesmas posições adjacentes;
- Selecionar posição de defesa principal, alternativa e suplementar para alcançar os efeitos pretendidos em cada PRO;
- Assegurar-se que as posições das armas da secção e das VBR, cobrem corretamente cada PRO;
- Colocar a viatura na posição defensiva de acordo com as NEP's, de maneira a que a engenharia prepare a posição defensiva da VBR, enquanto a tripulação executa outras tarefas;
- Inspeccionar todas as posições.

**NOTA:** Quando possível, devem-se escolher as posições defensivas das secções e viaturas a partir da AE. A vista a partir da perspetiva do inimigo, garante ao Cmdt Pel uma melhor escolha com maior probabilidade de sobrevivência.

### **0521. Planeamento e integração de obstáculos**

Para se ter sucesso na defesa, o Cmdt Pel deve integrar os obstáculos táticos com o plano de fogos diretos e fogos indiretos, tendo em atenção a finalidade de cada obstáculo. Ao nível da companhia, a intenção dos obstáculos traduz-se em colocá-los de acordo com alvos específicos, o tipo de efeito no alvo e a localização relativa de um grupo de alvos. Ao pelotão devem ser dadas orientações claras para o emprego correto dos obstáculos. Essa tarefa irá influenciar em vários aspetos a operação, desde a seleção, modelo e quantidade dos obstáculos para conduzir a defesa. A partir do momento que os obstáculos táticos são colocados, o Cmdt Pel deve reportar a sua localização a as lacunas existentes nesses obstáculos ao comandante de companhia. Assegura-se que o comandante de companhia consiga integrar os obstáculos com o seu plano de fogos diretos e indiretos, refinando o seu desenvolvimento da AE.

### **0522. Planear e integrar fogos indiretos**

No planeamento e integração dos fogos indiretos, o Cmdt Pel deve tomar em atenção o seguinte:

- Determinar o objetivo dos fogos, se o comandante de companhia ainda não o fez;
- Determinar onde esse objetivo será melhor alcançado, se o comandante de companhia ainda não o fez;
- Estabelecer um plano de observação para cada alvo. Nos observadores deve-se incluir o Cmdt Pel, assim como os seus subordinados (assim como comandantes de esquadra) com responsabilidades de apoio de fogos;
- Estabelecer linhas de gatilho baseadas nos movimentos inimigos;
- Obter localização precisa dos alvos através do equipamento de vigilância e navegação;
- Estabelecer possíveis localizações de alvos, com intuito de cobrir os obstáculos;
- Ajustar os alvos de artilharia e morteiros;
- Planear LPF.

### **0523. Conduzir revisão da ação na AE**

O objetivo de uma revisão da ação é assegurar que cada comandante e todo o pessoal conhece o plano e se estão preparados para cobrir as áreas modeladas com fogos diretos e indiretos (Figura 5-2).

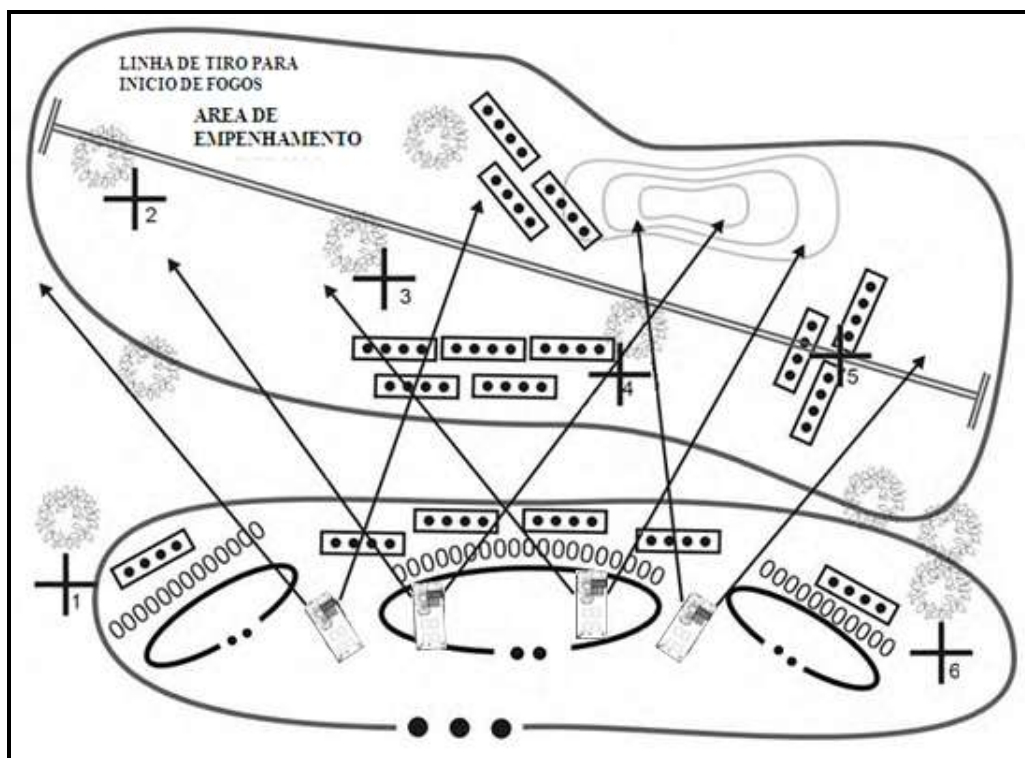


Figura 5-2 - Plano integrado da AE

O pelotão irá, provavelmente participar na revisão da ação na AE da companhia. O comandante de companhia possui várias opções para conduzir uma revisão, mas deve-se focar principalmente na compreensão detalhada do plano de fogos de armas combinadas. Uma técnica que o Cmdt Pel pode utilizar para a sua revisão é o *feedback*. Na defesa o Cmdt Pel pode ter o sargento de pelotão e elementos da secção a conduzir os movimentos montados e desmontados na AE, simulando as forças inimigas, enquanto o Cmdt Pel e comandantes de secção vão revendo a ação nas suas posições defensivas. Na revisão deve-se tomar em atenção:

- Passagem das forças de segurança (se necessário);
- Fecho de pontos de passagem (se necessário);
- Movimento dos PO's para as posições defensivas;
- Usar ordens de fogo, linhas de tiro, LPF, para iniciar fogos diretos e indiretos;
- Transporte de fogos para outra posição ou redistribuição de fogos;
- Critérios de rotura (mudança de posição);
- Identificação de itinerários entre posições e retaguarda, bem como a altura da sua execução;
- Localização dos pontos de recolha, acionar das operações de recolha, e considerações nos movimentos para conduzir recolhas sob contacto inimigo;

- Preparação e transmissão de relatórios críticos usando sistemas rádio ou digitais (quando aplicáveis);
- Acesso aos efeitos das armas inimigas;
- Rotura para posições defensivas alternativas, suplementares ou subsequentes.
- Transporte e reabastecimento de artigos classe V;
- Evacuação de baixas.

**NOTA:** Quando o Cmdt Pel conduz a sua revisão, deve coordenar com a companhia, para verificar se as unidades adjacentes não estão a planear os mesmos sectores e locais, a ser batidos pelo fogo. A coordenação e planeamento farão uma rentabilização do tempo para todas as unidades da companhia e eliminará o perigo de desentendimentos entre as unidades amigas.

## SECÇÃO V - OCUPAÇÃO E PREPARAÇÃO DE POSIÇÕES DEFENSIVAS

A ocupação e preparação das posições defensivas devem ser conduzidas, tendo em conta o desenvolvimento dos procedimentos de comando e a AE. O processo não é sequencial. O maior problema neste processo é a falta do tempo para a preparação adequada, no caso de o pelotão ter outras posições defensivas (alternativas, suplementares e subsequentes) e AE para desenvolver.

### 0524. Ocupação da defesa

O pelotão ocupa posições defensivas de acordo com o plano do Cmdt Pel e dos resultados do reconhecimento.

- a. Para assegurar uma ocupação efetiva e eficiente, cada VBR e secção deve mover-se para um lugar sinalizado por um elemento do reconhecimento. Estas posições também poderão estar indicadas nos *displays* digitais da secção. Quando em posição, cada comandante de secção ou chefe de viatura, confirma a sua localização no mapa (carta) ou *display*, verificando se está de acordo com o plano do Cmdt Pel. Se o Comandante de Pelotão verificar alguma discrepância relativamente às posições atuais e ao seu plano, ele corrige imediatamente.
- b. A partir do momento que cada secção e VBR ocuparem a sua posição, o Cmdt Pel deve-se deslocar pelas posições, verificando a orientação das armas, a posição da secção e VBR e se o plano encontra-se de acordo com o pré-estabelecido. O Cmdt Pel não deve confiar nas alterações dos seus subordinados. Ele deve sempre caminhar ao longo do seu perímetro defensivo. Por razões de comando, todos os

comandantes de secção devem saber a localização do comandante e sargento de pelotão.

- c. Equipamento de visão noturna facilita o processo de ocupação em condições de visibilidade reduzida. Por exemplo, o Comandante de Pelotão deve marcar a sua posição com uma fonte infravermelha e as secções e VBR's podem-se deslocar para posições pré-marcadas com essa mesma fonte. Adicionalmente, os comandantes de secção podem usar as *chemlights* para identificar os limites dos sectores de tiro e PRO's aos seu pessoal.
- d. O pelotão poderá ocupar uma posição defensiva em condições extremas, durante um contra-ataque ou depois de uma rotura e movimento para posições defensivas alternativas, suplementares ou subsequentes.
  - (1) O Comandante de Pelotão transmite ordens parcelares referindo:
    - Mudanças da situação inimiga ou amiga;
    - Missão e tarefas do pelotão (Que o pelotão deve cumprir e porquê);
    - Missão e tarefa para cada subordinado;
    - O esquema de fogos;
    - Instruções de coordenação.
  - (2) No mínimo as seguintes ações devem ser tomadas em conta:
    - Aproximações nos flancos e retaguarda das posições defensivas do pelotão;
    - Estabelecer medidas de controlo para os fogos diretos. Se estiver pré-planeado rever o plano;
    - O Comandante de Pelotão transmite "POSIÇÃO OCUPADA" ao comandante de companhia.
- e. O pelotão efetua uma ocupação deliberada das posições defensivas, quando existe tempo disponível, o contacto inimigo não é esperado e no caso de haver unidades amigas posicionadas na frente do nosso sector, garantindo a segurança às nossas forças. Na verdade a preparação das posições defensivas são concorrentes com o desenvolvimento da AE. O Cmdt Pel coordena o reconhecimento inicial da AE tentando colocar as secções e VBR nas suas posições.
- f. A partir do momento que a posição defensiva está ocupada, os comandantes subordinados podem começar a desenvolver os esboços e planos de fogos diretos das suas unidades, baseando-se no plano de fogos base desenvolvido durante o reconhecimento. Dependendo dos fatores MITM-TC, o pelotão pode ocupar posições escondidas após as preparações estarem completas, ocupando as posições defensivas no momento em que se inicia a operação defensiva. O Cmdt Pel em consonância com o comandante de companhia adapta o nível de preparação de

cada posição defensiva, dependendo do tempo disponível e das considerações táticas da missão. Os 3 níveis de preparação de uma posição defensiva estão listados em ordem descendente, dependendo da necessidade e tempo disponível:

(1) Ocupar

Completar a preparação da posição que o pelotão irá inicialmente defender. A posição deve ser reconhecida, preparada e ocupada nunca antes do tempo definido pela ordem de operações da companhia. O pelotão deve rever e treinar a sua ocupação e o Cmdt Pel deve estabelecer um sinal para ocupação desta;

(2) Preparar

A posição e correspondente AE devem ser completamente reconhecidas. As posições defensivas das secções e VBR`s devem ser marcadas, assim como as medidas de controlo de fogos diretos na AE. Posições de reconhecimento podem ser escavadas, paióis preposicionados e obstáculos de proteção colocados;

(3) Reconhecer

Tanto a AE como as posições defensivas deverão ser reconhecidas. O posicionamento das armas em outras posições defensivas, devem ser planeadas, e as medidas limitativas de controlo de fogos diretos devem ser estabelecidas na sua AE.

**g.** Para estabelecer as primeiras posições defensivas, o Cmdt Pel e subordinados, normalmente planeiam a preparação e ocupação de posições alternativas, suplementares e subsequentes de acordo com as ordens do comandante de companhia.

(1) Características das posições alternativas:

- Cobrir o mesmo eixo de aproximação e/ou o mesmo sector de tiro que a posição principal; localizada ligeiramente à frente, flanco, ou retaguarda das posições principais;
- Posicionada à frente da posição defensiva principal durante operações de visibilidade reduzida;
- Normalmente utilizada como posição de apoio a armas de alcance limitado, tais como uma posição de infantaria desmontada.

(2) Características das posições suplementares:

- Cobrir um eixo de aproximação e/ou sector de tiro diferente dos cobertos pelas posições defensivas principais;
- Ocupada tendo em conta ações específicas do inimigo.



## (3) Características das posições subsequentes:

- Cobrir o mesmo eixo de aproximação e/ou sector de tiro que a posição defensiva primária, localizado em profundidade no sector defensivo;
- A sua ocupação é baseada em ações inimigas específicas ou conduzida como parte de um esquema de manobra do escalão superior.

**0525. Prioridades de trabalho**

Comandantes devem-se assegurar que os soldados preparam as posições rapidamente e eficientemente. O trabalho deve ser feito com prioridades de execução para cumprir o máximo no mínimo tempo, mantendo a segurança e capacidade para responder ao inimigo. Considerações básicas a ter em conta, quanto às prioridades de trabalho:

- Estabelecer segurança local (Comandantes);
- Posicionar e atribuir sectores de tiro para cada secção e viatura (Cmdt Pel);
- Posicionar e atribuir sectores de tiro à MP das viaturas (Cmdt Pel);
- Posicionar e atribuir sectores de tiro à HK-21, LAW, HK-79 (Cmdt's Secção);
- Limpar campos de tiro e preparar cartas de tiro;
- Preparar esboços de secção;
- Preparar posições de combate (1ª fase);
- Estabelecer comunicações com a companhia e unidades adjacentes;
- Coordenar com unidades adjacentes, rever esboços e sectores;
- Colocar minas, arame farpado ou outro tipo de obstáculos;
- Melhorar as posições defensivas principais e constituir cobertura superior (2ª fase);
- Preparar posições alternativas e suplementares (mesmo procedimento que as principais);
- Distribuir e criar reservas de munições, comida e água.

Normalmente as prioridades de trabalho de uma unidade encontram-se nas NEP's da unidade; no entanto o comandante poderá ditar as prioridades de acordo com as ordens do escalão superior e fatores MITM-TC. Existem várias ações que poderão ser executadas em simultâneo. Os Comandantes devem constantemente supervisionar a preparação de posição, verificando a sua utilidade táctica das posições e construção apropriada.

**0526. Segurança na defesa**

Segurança na defesa inclui todas as medidas ativas e passivas tomadas para evitar a deteção do inimigo, enganar o inimigo e negar aos elementos de reconhecimento inimigo informação precisa das posições amigas. As duas ferramentas primárias disponíveis do Cmdt Pel são os postos de observação e patrulhas. No planeamento da segurança, na defesa, o Cmdt Pel deve estudar o terreno tendo em conta o OCOPE. Utiliza a sua carta para identificar o terreno que irá

proteger o pelotão da observação e fogos inimigos, garantindo observação e fogos sobre a AE às forças amigas. Adicionalmente, vai verificando o desenrolar do entendimento da situação, reduzindo a possibilidade do inimigo atacar num momento ou lugar, em que o pelotão não esteja preparado.

**a. Postos de observação**

Os PO`s são a primeira fase de defesa do pelotão. O PO fornece aviso antecipado de possível contacto inimigo, reportando a direção, distância e tamanho. Deteta o inimigo e envia relatórios precisos ao pelotão. O Comandante de Pelotão estabelece PO`s, ao longo dos eixos de aproximação mais prováveis, para a sua posição ou área de operações. Os Comandantes asseguram-se que PO`s têm comunicações com o pelotão.

- (1) Detecção antecipada reduz o risco de o PO ser capturado. Os PO`s devem estar equipados com binóculos ou aparelhos de amplificação, para aumentar a capacidade de deteção. Devem também receber meios de iluminação (*Flares, Very light*), ou aparelhos de visão noturna (AN-PVS 4/5/7), para fornecer capacidade de visão em condições de visibilidade reduzida. Estes PO`s não devem estar para além do alcance das armas ligeiras do pelotão.
- (2) Para reduzir o risco de fratricídio, os PO`s tem de saber ao pormenor o ponto de entrada e saída e respetivos itinerários. Os comandantes de pelotão transmitem ao comandante de companhia a localização dos PO`s, para assegurar que seja transmitida como uma área interdita ao fogo amigo. Por sua vez o comandante de companhia envia as suas localizações ao batalhão e unidades adjacentes, recebendo das várias unidades a mesma informação, para se evitar o fratricídio (Anexo D). O comandante de companhia deve certificar-se que os elementos de apoio de combate da companhia (Comandante de Reconhecimento e Comandante de Morteiros) estão informados da sua localização.

**b. Patrulhas**

Os pelotões patrulham ativamente na defesa. As patrulhas têm a função de preencher os espaços vazios entre os PO`s e unidades adjacentes. O Comandante de Pelotão transmite o percurso da patrulha ao seu comandante, para se assegurar que haja coordenação com os outros elementos. O comandante de companhia por sua vez transmite ao batalhão todos os itinerários das suas patrulhas. Permite ao S3 e S2 do batalhão, se assegurar que todos os percursos estão coordenados, evitando o fratricídio e contribuindo para o plano de reconhecimento.

**0527. Estabelecer posições defensivas**

Os pelotões estabelecem as posições defensivas de acordo com o comandante de pelotão e plano do comandante de companhia. Marcam as AE como as técnicas de marcação definidas pelas NEP's da unidade. O pelotão marca fisicamente os obstáculos, PRO's, alvos e linhas de gatilho na AE. No caso de visibilidade reduzida pode fazer-se uso de recursos infravermelhos, para marcar os PRO's para as secções. Quando possível, os pelotões devem marcar os PRO's com recursos infravermelhos e térmicos (ex. *chemlights*), para que as secções e viaturas possam fazer uso dos PRO's.

**a. Cartas de tiro**

A carta de tiro é um esboço do sector que as armas de tiro direto devem cobrir. A carta de tiro ajuda no planeamento e controlo de fogos e ajuda as guarnições a adquirir alvos em condições de visibilidade reduzida. É também uma ajuda para a substituição de pessoal, secções ou pelotões que se movam para uma posição, orientando assim o seu novo sector. Durante os períodos de boa visibilidade, o apontador não deve ter dificuldade em manter a orientação do seu sector. Durante os períodos de fraca visibilidade, ele poderá não ver os seus limites laterais. Se o apontador ficar desorientado, e não conseguir orientar ou localizar os seus pontos de referência ou marcadores de sector, ele poderá usar a carta para definir os limites. Ele deve continuamente melhorar o seu sector de tiro e manter a carta de tiro permanentemente atualizada (Anexo G).

**b. Posição de fogo da VBR**

Quando a VBR é integrada na posição defensiva e a carta de tiro estiver completa, a sua posição deve ser marcada com estacas no chão. Permitirá à VBR ou outra força que venha a ocupar essa posição, que possa fazer uso da carta de tiro.

(1) Estacas na posição. Antes de mover o veículo, deve-se colocar estacas na posição (três estacas fazem uma marcação efetiva da posição).

(a) Uma estaca é colocada à frente do veículo, centrada com a posição do condutor, tocando na sua frente. A estaca deve ser suficientemente grande, para o condutor a ver quando em posição. As outras duas estacas, são colocadas paralelamente na parte esquerda da viatura e alinhadas, uma com a roda da frente e outra com roda à retaguarda. As estacas devem ser colocadas mesmo a tocar no veículo, e suficientemente visíveis para permitir a rápida colocação da VBR.

(b) As estacas devem ser colocadas firmemente no solo e com fita luminosa ou *chemlights*, do lado das nossas forças, para que o condutor as possa ver. Uma pedra deve ser colocada de cada um dos extremos da viatura, na parte frontal, no caso de as estacas desaparecerem.

(2) Movimento para a posição. Se a situação o permitir, um guia poderá ser utilizado para assistir o condutor. Se o guia não puder ser usado, o condutor move a VBR paralelamente às duas estacas, com a estaca frontal à sua frente. Assim que a VBR se encontrar em posição, o apontador da MP deve verificar o alcance e azimute para um PRO, a partir da carta de tiro. Se estiver alinhada com a carta de tiro, então a viatura encontra-se na posição correta. Se não estiver alinhado, o apontador deve dar ordens ao condutor para movimentar a viatura, colocando-a na posição certa. Apenas pequenos ajustamentos devem ser necessários. Se as estacas se perderem e a posição não estiver identificada, o veículo move-se para uma localização próxima. O chefe de viatura ou apontador usam a bússola para descobrir os limites, movendo a viatura para o respetivo local.

**c. Esboços**

Esboços detalhados ajudam no planeamento, distribuição, e controlo dos fogos do pelotão. O Apontador ML prepara a carta de tiro, os Comandantes de secção preparam os esboços de secção e o Cmdt Pel prepara o esboço de secção (Para um estudo detalhado sobre esboços ver Anexo G).

**0528. Colocação das armas**

Para posicionar corretamente as armas, os comandantes devem conhecer as características, capacidades e limitações das armas, efeitos do terreno e táticas usadas pelo inimigo. Adicionalmente, o Comandante de Pelotão deve prever se a ameaça principal será com viaturas ou infantaria. O seu plano deve ter em conta ameaças montadas ou apeadas.

**a. Emprego da VBR**

A função primária da VBR é o transporte das secções de atiradores, garantindo proteção limitada contra fogos indiretos. No entanto, o pelotão pode integrar a VBR na defesa e aumentar o poder de fogo e proteção. Comandantes devem ter em consideração no emprego das VBR's na defesa, o seguinte:

- Usar uma posição escondida (posição de espera) quando possível e manter-se aí até o inimigo se encontrar na zona de morte do pelotão, para o destruir (um vigia ou um observador enterrado, é mais dificilmente referenciado que uma VBR);
- Ter uma cobertura a fim de evitar que o inimigo a detete;
- Posicioná-la de flanco para a aproximação do inimigo montado e à retaguarda da cobertura frontal. É mais fácil para o atacante de adquirir e destruir o alvo que esteja à sua frente, do que de flanco ou retaguarda;
- Usar itinerários cobertos para dentro e fora da posição de fogo;
- Usar uma linha guia de 75 m ou mais entre a posição principal e alternativa da VBR. Diminui a capacidade do inimigo em fixar a VBR durante o deslocamento;

- Não construir bermas. Para ficarem devidamente feitas, bermas necessitam no mínimo de 6 metros, e isso torna mais fácil ser identificada pelo inimigo. Escavar no mínimo 1 ou 2 metros de profundidade como solução.

Evitar posições que exponham as armas ao inimigo. É preferível esconder as armas da maior parte das forças inimigas. Uma arma deve estar preparada para adquirir 1 ou 2 veículos inimigos ao mesmo tempo. Deve estar preparada para fazer fogo no seu sector de tiro e poder também bater várias formações inimigas (Figura 5-3). Quando os alcances são reduzidos nos fogos de flanco, uso de obstáculos, e apoio mútuo com as secções e posições cobertas, aumenta a importância do uso das viaturas. Derivado à da falta de visibilidade no campo de batalha, as armas devem ser posicionadas para combater com visibilidade reduzida, sendo capazes de se mover rapidamente para posições alternativas.

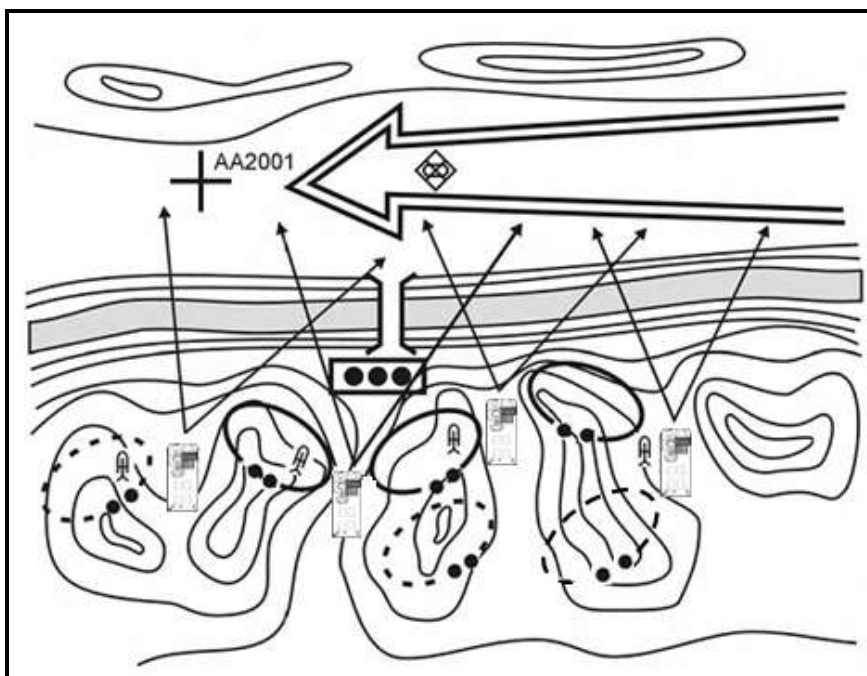


Figura 5-3 - Posições escondidas com pequenos campos de tiro

#### b. Emprego da arma anticarro

A primeira função deste tipo de arma é destruir veículos blindados inimigos. Quando não existem veículos deste tipo, a arma anticarro deve ser utilizada como arma de apoio contra alvos específicos, tais como *bunkers* ou guarnições de armas coletivas. Pode também ser usado independentemente, devido ao seu aparelho de pontaria para executar reconhecimento, operações de segurança e vigilância. Permite ao especialista anticarro, continuar a cobrir o seu sector sem ter que se aproximar do eixo de aproximação inimigo. O Cmdt Pel de acordo com os fatores MITM-TC, determina o emprego das armas anticarro (acerca do emprego de armas anticarro,

ver Anexo G). Baseando-se na missão que tenha, o Cmdt Pel pode empregar todas ou apenas alguma armas anticarro. Ele tem 2 opções:

- Controlo centralizado – O Cmdt Pel controla o fogo dos seus apontadores anticarro, e sua localização. Pode colocá-los ainda sobre a alçada do sargento de pelotão ou outro comandante modelado para o objetivo.
- Controlo descentralizado – As armas anticarro são operadas por, e controladas por, os seus comandantes de secção. Os comandantes de secção podem vir a nomear uma esquadra para o seu controlo, e o Cmdt Pel dá o comando de tiro ao comandante de secção.

**c. Emprego das ML**

Estas são as armas principais do pelotão apeado, e são posicionadas em primeiro lugar, caso o inimigo seja uma força apeada (para empregar a ML ver o Anexo B). A ML é posicionada de maneira a que bata o setor em que o seu comandante quer concentrar os fogos para destruir o inimigo.

**d. Emprego dos Lança Granadas (LG)**

O pelotão está equipado com os LG, sendo a arma de fogo indireto do comandante de secção. Posiciona a arma para cobrir espaços mortos no sector da secção, especialmente nos espaços mortos da ML. Ao granadeiro é normalmente atribuído um sector de tiro sobre os sectores dos atiradores. Pode fazer uso de 3 tipos de munições; explosivas, zagalote e fumos.

**e. Emprego dos atiradores**

O Cmdt Pel e secção atribuem localizações e sectores de tiro a cada atirador do pelotão. Normalmente, são posicionados para apoiar e proteger as ML e armas anticarro. Também são posicionados para cobrir obstáculos, conferir proteção, cobrir lacunas entre pelotões e companhia ou observar.

## **0529.Coordenação**

A coordenação é importante em todas as operações. Na defesa, a coordenação assegura às unidades apoio mútuo e sobreposição de fogos. Na maior parte das vezes, o Comandante de Pelotão conduz coordenações cara-a-cara, para facilitar a compreensão e resolver possíveis problemas. Mas quando o tempo é limitado, coordenação via digital pode ser o único meio de enviar e receber informação. O Comandante de Pelotão deve enviar e receber a seguinte informação para coordenar cara-a-cara:

- Localização dos comandantes;
- Localização das posições de combate;
- Localização dos PO's e itinerários usados;

- Localização e tipo de obstáculos;
- Localização, atividades, e plano de passagem de patrulhas ou outras unidades de reconhecimento a operar na frente da posição do pelotão;
- Esboço de pelotão;
- Localização de todos os soldados e/ou unidades operando no perímetro do pelotão e área de operações.

## SECÇÃO VI - TÉCNICAS DE DEFESA

A análise do comandante de companhia irá determinar a melhor maneira para efetuar a defesa. Informará aos pelotões, sobre as técnicas defensivas a empregar. O pelotão normalmente defende usando uma destas técnicas base:

- Defender em setor;
- Defender uma posição;
- Defender um ponto forte;
- Defender um perímetro;
- Defender na encosta ou contraencosta.

### **0530. Defender em setor**

Defender em setor permite à unidade manter contacto de flanco, segurança e esforço da unidade no esquema de manobra. Permite ao pelotão e Cmdt Pel dar responsabilidade de proteção de uma área, facilitando o emprego de fogos a um nível apropriado de responsabilidade. O comandante de companhia normalmente ordena ao pelotão para defender em setor (figura 5-4), quando a flexibilidade é prioridade, e não é necessário reter terreno específico, ou quando a unidade não consegue concentrar os fogos por causa de:

- Frentes extensas;
- Terreno compartimentado;
- Múltiplos eixos de aproximação.

Um pelotão que receba a missão de defesa em setor, evitando que as forças inimigas penetrem no seu setor, deve manter-se encostado às unidades adjacentes na zona dos flancos. O comandante de companhia pode ordenar que o pelotão conduza a defesa, de uma das duas maneiras:

- a. Especificar uma série de posições defensivas subsequentes, dentro do setor que o pelotão irá defender, para assegurar uma concentração de fogos por parte de dois pelotões;
- b. Atribuir um setor ao pelotão. O Cmdt Pel assume a responsabilidade, tomando as decisões táticas e controlando a manobra tática dos seus subordinados, atribuindo-

lhes uma série de posições defensivas subsequentes, de acordo com a intenção do comandante, tarefas específicas, e conceito de operação. O comandante de companhia normalmente atribuirá um setor ao pelotão no caso de combater isolado.

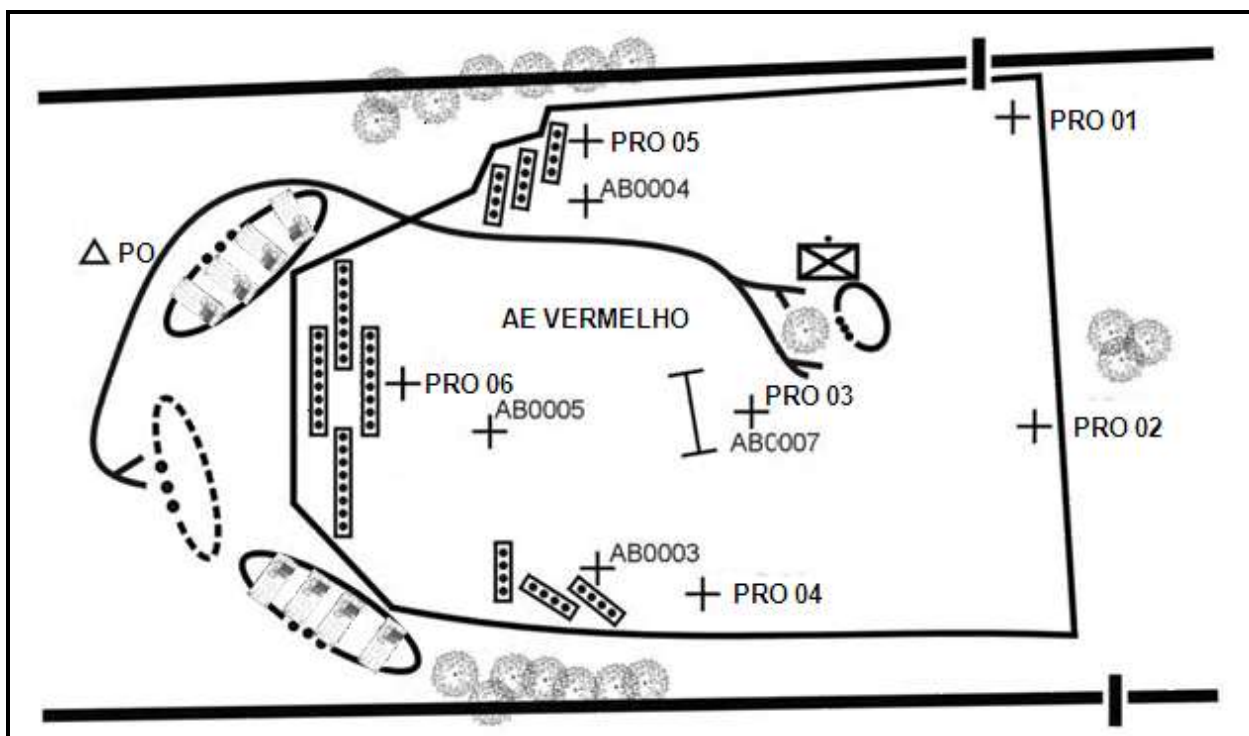


Figura 5-4 - Conceito de operação para a defesa em sector

### 0531. Defender uma posição

O comandante de companhia atribui esta técnica de defesa ao pelotão, quando ele quer massificar os fogos de um ou mais pelotões da companhia na AE ou posicionar um pelotão para efetuar um contra-ataque. A unidade defende uma posição para:

- Destruir uma força inimiga na AE;
- Bloquear um eixo de aproximação inimigo;
- Controlar terreno decisivo;
- Fixar as forças inimigas permitindo que outra força manobre.

O comandante de companhia atribui posições de combate (PComb) aos pelotões, para permitir a cada um concentrar os seus fogos ou colocar-se numa posição vantajosa para executar o contra-ataque. A dimensão da PComb do pelotão pode variar, mas deve proporcionar suficiente profundidade e espaço de manobra para os elementos subordinados manobrem para posições alternativas ou suplementares, e contra-ataque. A PComb é uma posição geral no terreno. O Cmdt Pel coloca as VBR's, no terreno mais favorável na PComb, de acordo com a intenção do escalão superior. O pelotão garante a posse do terreno, a não ser que seja ordenado o contra-ataque pelo comandante de companhia. Os seguintes métodos são a base para empregar o pelotão na PComb:



- Mesma PComb, mesmo eixo de aproximação;
- Mesma PComb, diferente eixo de aproximação;
- Diferente PComb, mesmo eixo de aproximação;
- Diferente PComb, diferente eixo de aproximação.

**a. Mesma PComb, mesmo eixo de aproximação**

As secções de atiradores e VBR's encontram-se na mesma posição do campo de batalha, cobrindo o mesmo eixo de aproximação (Figura 5-5). O pelotão consegue defender-se contra ataques montados e apeados e mover-se rapidamente para outra posição.

- (1) VBR's mantém-se na mesma PComb que as secções, quando o terreno permite uma boa observação, campos de tiro e cobertura tanto às secções como às viaturas.
- (2) Empregar ambos os elementos do pelotão VBR, na mesma PComb, cobrindo o mesmo eixo de aproximação é a modalidade mais comum, usada pelos pelotões. As vantagens principais são a facilidade de comando e controlo, devido à proximidade de ambos. A VBR e a Secção, no mesmo eixo de aproximação, facilita o embarcar nos veículos e garante uma maior segurança.

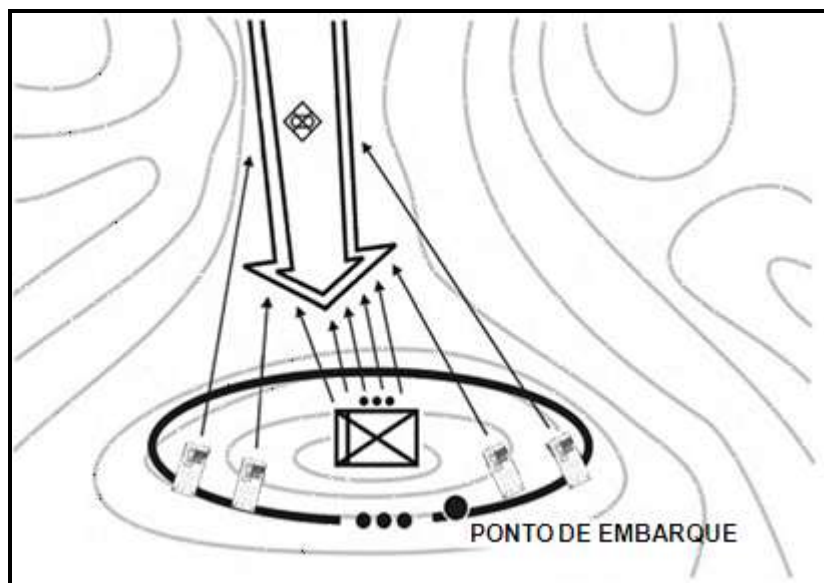


Figura 5-5 - Mesma PComb, mesmo eixo de aproximação

**b. Mesma PComb, EA diferente**

As secções de atiradores e VBR encontram-se na mesma PComb, cobrindo diferentes EA (Figura 5-6).

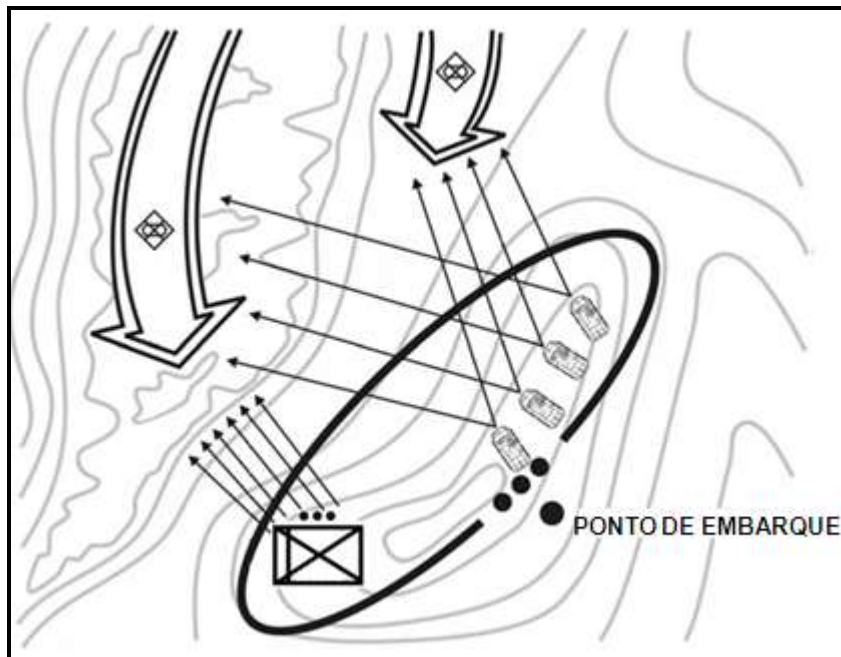


Figura 5-6 - Mesma PComb, eixos de aproximação diferentes

**c. Diferente PComb, mesmo eixo de aproximação**

As Secções de atiradores e VBR's encontram-se em PComb diferentes, cobrindo os mesmos eixos de aproximação (Figura 5-7). VBR's devem proporcionar às secções de atiradores, fogos de apoio para as posições principais, alternativas ou suplementares. Ambos os elementos estão posicionados para receber o inimigo no mesmo eixo de aproximação, mas a distâncias diferentes.

- (1) As Secções de atiradores devem ser capazes de conduzir operações, sem o apoio das VBR's. A quantidade e tipo de armas, munições, minas, equipamento e dotações para as secções de atiradores devem ter-se em consideração.
- (2) As VBR's podem ser empregues mais à frente para conduzir uma tarefa específica, tais como vigilância, segurança ou cobrir possíveis fugas do inimigo.

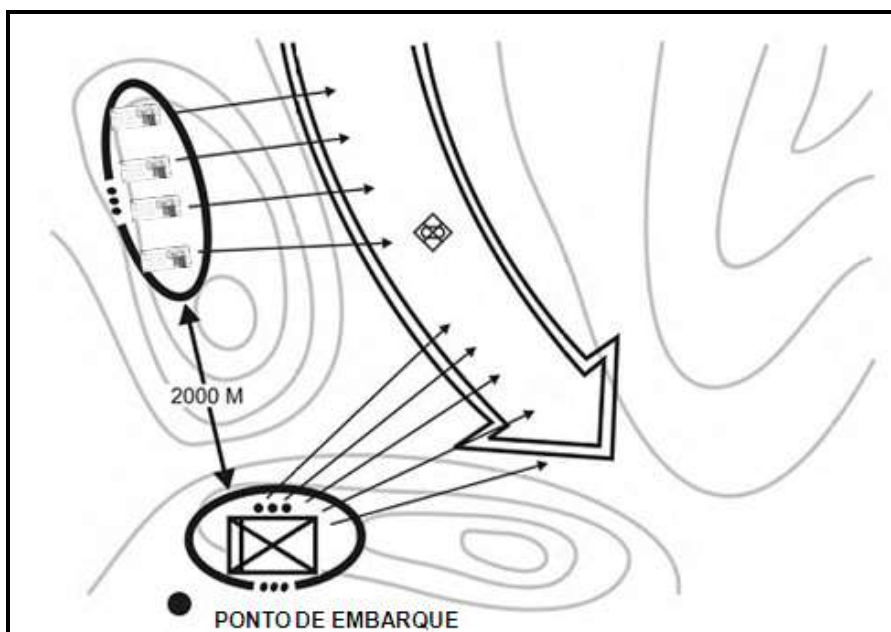


Figura 5-7 - Diferentes PComb, mesmo eixo de aproximação

**d. Diferente PComb, diferente eixo de aproximação**

As VBR's e os atiradores podem ser empregues em PComb diferentes, a bater pelo fogo diferentes eixos de aproximação.

### 0532. Defender um ponto forte

Defender um ponto forte não é uma missão comum de um pelotão VBR. Uma defesa de um ponto forte requer um grande apoio de engenharia (em termos de técnica, material e equipamento), levando longos períodos de tempo até ficar concluído. Quando a um pelotão de atiradores é atribuída a ordem de defender um ponto forte, este tem de manter a posição até ter uma ordem específica para retirar. O sucesso da defesa de um ponto forte, depende do grau de preparação da posição. Esta técnica de defesa é eficiente, quando empregue em terreno que permite cobertura e uma interação entre o ponto forte e os obstáculos de apoio. Terreno montanhoso, densamente arborizado ou urbano, pode adaptar-se facilmente a esta técnica de defesa. Os pontos fortes colocados em terreno aberto, requerem o uso exaustivo de camuflagem e meios de decepção. Este tipo de missão exige ao pelotão:

- Segurar terreno importante ou decisivo no esquema de manobra da companhia ou batalhão;
- Ser um “isco” para manobrar as forças amigas;
- Bloquear um eixo de aproximação;
- Canalizar o inimigo para uma ou mais áreas de empenhamento.

**a. Características da defesa de um ponto forte**

A primeira característica de um ponto forte eficaz é a de não ser fácil passar por ele, nem contorná-lo. Deve estar posicionado e construído de maneira a que saibamos

que vamos infligir ao inimigo, um grande número de baixas e perdas significativas de material. Deve ser forçado a utilizar massivas concentrações de fogos de artilharia e infantaria apeada para assaltar a posição. Por essa razão o ponto forte deve fazer uso dos obstáculos naturais e artificiais, estando posicionado de maneira a lhe conferir segurança e observação em 360°.

**b. Técnicas e considerações**

A variedade de técnicas para executar uma defesa de um ponto forte, inclui também a retirada do ponto forte:

- (1) O Comandante de Pelotão começa por determinar a dimensão do ponto forte, verificando o número de veículos, sistemas de armas e soldados disponíveis para conduzir a missão atribuída, assim como o terreno em que o pelotão irá lutar. Deve-se lembrar que normalmente o ponto forte está integrado na defesa da companhia, tendo outras posições de flanco, mas apesar disso, deve empregar observação e capacidade de fogo em 360°.
- (2) O Comandante de Pelotão deve assegurar que o trabalho e a organização do ponto forte, maximiza as capacidades de força e sistemas de armas, sem sacrificar a segurança da posição. Para aumentar o alcance dos fogos, deve posicionar-se todos os veículos fora do ponto forte (com a secção de atiradores ocupando posições de combate dentro deste), de maneira que todos os componentes façam fogo sobre várias AE das suas posições. Desde o planeamento até à preparação do terreno ponto forte, é a tarefa mais difícil e perigosa, visto existir o perigo de cerco por parte do inimigo (Figura 5-8).

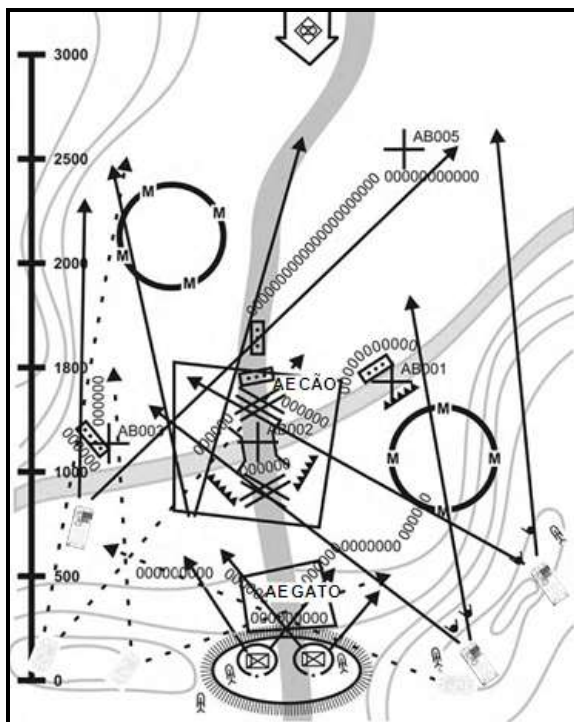


Figura 5-8 - Defender um ponto forte

- (3) No exterior do ponto forte, o Cmdt Pel ajusta as posições de armas que apoiam o plano defensivo da companhia. A partir do momento que as posições são identificadas, continua em redor do ponto forte, colocando armas em outros eixos de aproximação ou AE inimigas, até o pelotão possuir a capacidade de orientar os fogos eficientemente para qualquer direção. As posições de combate que batem a AE da companhia devem estar ao longo de uma linha defensiva ou em diferentes profundidades (se o terreno permitir posições em profundidade). As posições das VBR podem estar localizadas lado a lado com atiradores ou a conferir profundidade à retaguarda destes. O Comandante de Pelotão pode criar um ponto forte frontal, intercalando as VBR's com as secções de atiradores.
- (4) A reserva do pelotão pode cingir-se a uma esquadra montada ou desmontada. O Comandante de Pelotão tem de saber como empregar a reserva para manter o ponto forte. Tem várias opções de emprego, incluindo o reforçar de uma linha defensiva, reforçar uma zona do perímetro ou contra-atacar.
- (5) O Comandante de Pelotão deve identificar itinerários que permitirão à reserva mover-se para qualquer área do ponto forte. Deve definir posições para a reserva quando chegam aos locais para cumprir a missão. Os itinerários e as posições devem conferir cobertura de maneira que a reserva atinja o seu objetivo sem intersecção inimiga. O Cmdt Pel deve dar especial atenção ao plano de fogos diretos, em cada empenhamento da reserva. As ações de rotura,

são executadas quando se recua para uma segunda posição defensiva e inclui medidas de controlo para completar a manobra. A LPF pode ser empregue como medida para se iniciar o deslocamento para outra posição.

- c. A Engenharia melhora o ponto forte através de um reforço aos obstáculos já existentes. A prioridade de trabalho varia, dependendo dos fatores MITM-TC, especialmente da situação do inimigo e tempo disponível. Por exemplo, as primeiras 12 horas de construção de um ponto forte são críticas na colocação de meios de contra mobilidade e sobrevivência, assim como a construção de *bunkers* de comando e controlo.
- (1) O plano de obstáculos do batalhão deve garantir bases para o plano de obstáculos da companhia. O Comandante de Pelotão determina como se deve integrar os obstáculos de proteção (desenhados para destruir assaltos de infantaria apeada), em coordenação com o plano de contra mobilidade. Se houver tempo e recursos disponíveis, ele deve planear o reforço de obstáculos existentes usando demolições expeditas no campo de batalha.
  - (2) A partir do momento que o inimigo identificou o ponto forte, ele irá concentrar todos os seus fogos sobre a posição. Para salvaguardar as suas secções de atiradores, o Comandante de Pelotão deve assegurar a construção de proteção superior para as posições defensivas. Se o ponto forte estiver numa posição mais aberta, como uma encosta, ele pode planear interligar posições através de trincheiras, permitindo aos soldados moverem-se sem se exporem aos fogos diretos e indiretos. Se o tempo permitir, estas trincheiras em que se gatinha, podem passar a trincheiras de combate ou trincheiras maiores (altura do militar).

### **0533. Defender em perímetro**

A defesa em perímetro permite à força orientar a sua defesa em todas as direções. Relativamente ao emprego das armas, integração dos fogos diretos e indiretos e emprego da reserva, o Cmdt Pel que conduz uma defesa em perímetro e deve ter em consideração os mesmos fatores que num ponto forte.

- a. A defesa em perímetro é um tipo de missão pouco comum num pelotão VBR, devido à limitada manobra e profundidade. Mesmo assim, o pelotão pode ser chamado para executar uma defesa em perímetro sobre variadas condições, tais como:
- Controlar terreno crítico em áreas, onde a defesa não é estrangida com unidades adjacentes;
  - Defender um local, que foi transposto ou isolado pelo inimigo;
  - Conduzir a ocupação de uma AE independente ou posição de reserva;
  - Preparar um ponto forte;

- Concentração de fogos em dois ou mais eixos de aproximação adjacentes;
  - Defender áreas de apoio de serviços;
  - Ocupar uma base de patrulhas quando apeados.
- b.** A maior vantagem da defesa em perímetro (Figura 5-9) é a capacidade do pelotão para se defender contra o inimigo ao longo do seu eixo de aproximação. A defesa em perímetro difere das outras técnicas de defesa por:
- O traçado do pelotão ser circular ou triangular em vez de linear;
  - As áreas não ocupadas entre as secções são diminutas;
  - Os flancos das secções são curvados conforme o plano;
  - O volume do poder de combate está distribuído pelo perímetro;
  - A reserva está localizada ao centro.

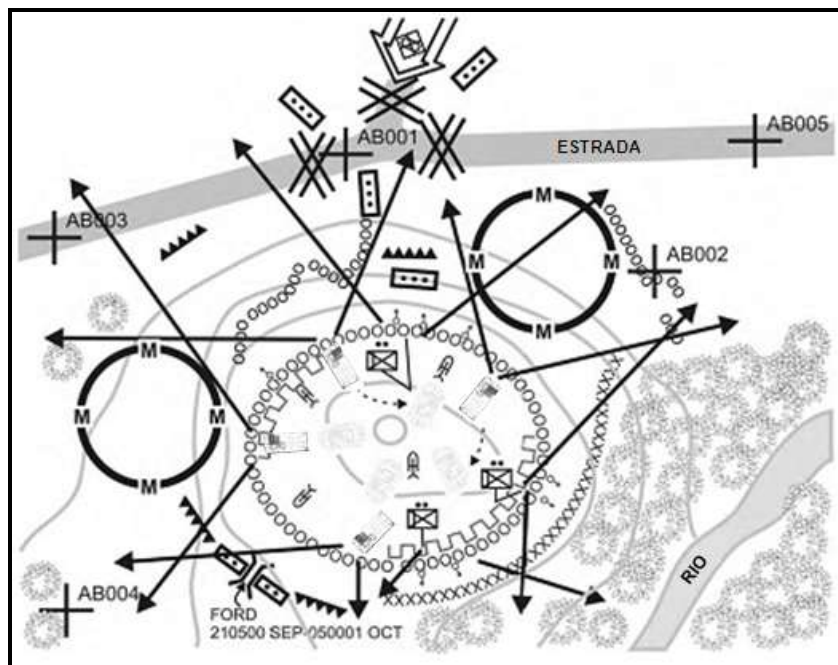


Figura 5-9 - Defesa em perímetro com o pelotão em reserva

### 0534. Defender na encosta

A análise do Comandante de Pelotão aos fatores MITM-TC, conduzem-no normalmente ao emprego das forças na encosta (Figura 5-10). Se a secção se encontrar num eixo de aproximação de viaturas inimigas, deve-se preocupar pela sua proteção quanto aos sistemas de fogos diretos. As secções devem estar protegidas dos carros de combate IN e OAV's.



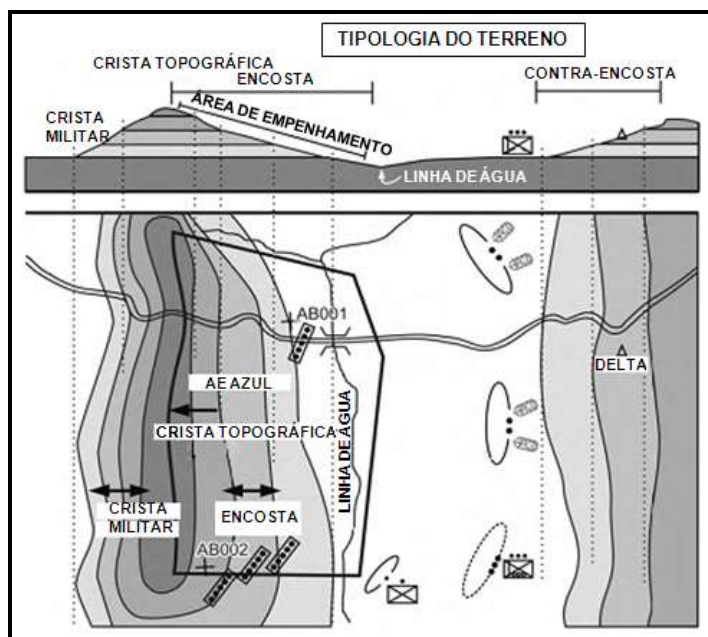


Figura 5-10 - Opções de defesa na encosta

- a. Na realidade deparamo-nos com o facto de a secção de atiradores não ser eficiente para além dos 400 metros. Para reduzir ou adiar a destruição por parte dos fogos diretos e indiretos inimigos para além do nosso alcance, uma defesa de encosta deve ser tomada em consideração. Em alguns casos pode vir a ser necessário, que os sistemas de armas sejam empregues à frente da posição enquanto as secções se mantêm na encosta. Os sistemas de armas e sua tripulação sairão das posições avançadas assim que o inimigo se vai aproximando. As suas novas posições devem ser seleccionadas para conferir vantagem das MP e ML, fazendo fogo em profundidade e flancos da encosta.
- b. A natureza do inimigo pode mudar em combate noturno e as secções de atiradores poderão ocupar uma parte frontal da encosta ou crista, para a negar a este. Nestas circunstâncias, é aconselhável que a secção tenha uma posição alternativa mais avançada. A área à frente da crista topográfica deve ser controlada por forças amigas através de um patrulhamento agressivo, medidas de reconhecimento ativas e passiva. O pelotão deve utilizar todos os aparelhos de visão noturna à sua disposição, para negar ao inimigo que este detete a entrada na área de defesa do pelotão. O aparelho de visão noturna das VBR's é um instrumento-chave para o plano de vigilância do pelotão, devendo ser posicionadas para tirar vantagens da sua utilização. Ao inimigo não deve ser permitido que aproveite a vantagem conferida pela visibilidade reduzida, para alcançar uma posição sem ser batido pelo fogo.
- c. O comandante de companhia normalmente toma a decisão de colocar os pelotões na encosta. Quando:



- Deseja surpreender ou enganar o inimigo acerca da localização da sua posição defensiva;
  - A zona avançada da encosta pode vir a tornar-se insustentável sob fogos diretos inimigos;
  - Ocupação da zona avançada da encosta não é essencial para adquirir profundidade e apoio mútuo;
  - Campos de tiro na encosta são melhores, ou pelo menos suficientes para cumprir a missão;
  - Posições avançadas da encosta são prováveis alvos para grande volume de fogos de artilharia.
- d.** Vantagens de uma defesa de encosta:
- Observação inimiga sob a posição, incluindo o uso de aparelhos de vigilância e radares;
  - O inimigo não consegue bater a posição com fogos diretos, sem se colocar sobre o alcance das armas amigas da defesa;
  - Fogos indiretos do inimigo serão menos eficientes, devido à falta de observação;
  - O inimigo pode ser enganado acerca da força e localização das posições;
  - O defensor tem maior liberdade de movimentos, fora de vistas inimigas.
- e.** Desvantagens de uma defesa de encosta incluem o seguinte:
- Observação frontal é limitada;
  - Campos de tiro na zona frontal são reduzidos;
  - O inimigo inicia o ataque a curtas distâncias.
- f.** As VBR's ou outras viaturas atribuídas, conferem ao pelotão uma oportunidade adicional na cobertura de posições. Podem ser posicionadas na frente para tirar proveito da sua proteção contra artilharia e sua capacidade para abater o inimigo às longas distâncias. Depois do contacto inicial, VBR's podem mover-se sobre ou em redor da linha da crista militar e através das secções de atiradores na encosta, para posições tanto nos flancos como pela sua profundidade até à retaguarda.
- g.** Obstáculos são necessários na defesa de encosta. Como o inimigo será batido pelos fogos às curtas distâncias, os obstáculos devem prevenir este de se aproximar rapidamente e quebrar as posições, facilitando a desorganização das nossas forças.

## SECÇÃO VII - OPOSIÇÃO E SOBREVIVÊNCIA DAS POSIÇÕES

O plano defensivo normalmente requer a construção de posições de combate. As posições de combate protegem os soldados, conferindo-lhes cobertura de fogos diretos e indiretos, bem como camuflagem apropriada.

### 0535.Princípios

Os comandantes seguem três princípios práticos para prepararem as posições de combate:

- Colocar posições para melhor receber o inimigo;
- Preparar posições por fases;
- Inspeccionar todas as posições.

**a. Escolher posições para melhor receber o inimigo**

O aspeto mais importante de uma posição de combate é que deve estar taticamente bem posicionada. Os comandantes devem olhar para o terreno e rapidamente identificar a melhor localização para as posições de combate:

- Os soldados devem estar preparados para receber o inimigo dentro dos seus setores de tiro atribuídos;
- Os soldados devem estar preparados para disparar para além do alcance prático das armas, com máxima precisão e zonas mortas mínimas;
- Os granadeiros devem estar localizados em posições para cobrir zonas mortas.

Os comandantes devem assegurar-se que as posições de combate conferem apoio mútuo. Permite-lhes cobrir o sector do pelotão de múltiplas posições. Quando possível, escolhem posições à retaguarda de cobertura natural e zonas de fácil camuflagem. O inimigo não deve ter capacidade de identificar a posição, até que seja tarde demais e já esteja sob fogo das nossas forças.

**b. Preparar posições por fases**

Os comandantes devem assegurar que os seus soldados, entendam quando e como preparar as suas posições baseando-se na situação. Inicialmente preparam posições sumárias, sempre que o pelotão faça um alto ou grande alto. Metade do pelotão escava a posição, enquanto a outra monta a segurança. Os soldados preparam as posições por fases, e o comandante inspeciona a posição em cada fase, antes de iniciarem a próxima.

(1) 1ª Fase: O Comandante de Pelotão verifica os campos de tiro de uma posição inclinada. Para a 1ª fase posicionar os soldados (Figura 5-11):

- Colocar estacas limitadoras de tiro;
- Definir o setor principal;
- Posicionar proteção de areia, troncos ou sacos de areia entre as estacas limitadoras de tiro;
- Posicionar estaca (s) de pontaria, se necessário, para permitir visibilidade em condições adversas, de um alvo específico;
- Escavar buracos para os cotovelos;
- Traçar a linha da posição defensiva no solo;

- Limpeza de campos de tiro para o sector principal e secundário.

O comandante inspeciona a posição antes de passar à 2ª fase.

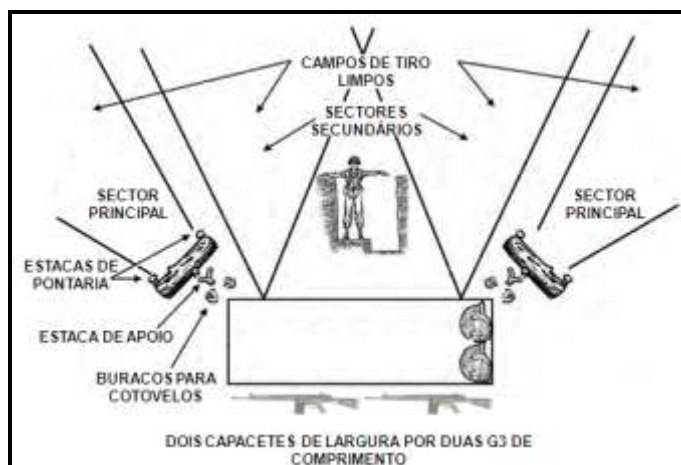


Figura 5-11 - 1ª Fase, preparação de uma posição de combate

(2) 2ª Fase: Os soldados preparam muros de proteção (Figura 5-12) para os parapeitos. Eles asseguram que:

- Existe uma distância mínima (igual à largura de um capacete ou sabre-baioneta) entre a periferia do abrigo e a proteção frontal, flanco e retaguarda;
- O parapeito consiste em terra, troncos ou sacos de areia, duas ou três fileiras de altura (2 metros), para uma posição de dois homens, com a frente de duas EspAutG3 (se possível o parapeito deve ter uma ligeira inclinação de cerca 45º);
- As proteções de flanco devem ter os mesmos procedimentos, mas apenas com a frente de uma EspAutG3 (1 metro);
- A proteção à retaguarda deve ter a altura de uma fileira de sacos de areia ou similar, e a frente de uma EspAutG3 (1 metro);
- Se forem usados troncos, devem estar colocados com firmeza usando estacas;
- O solo argiloso confere maior proteção que o arenoso.

O comandante inspeciona os muros de proteção, antes de os soldados iniciarem a 3ª fase.

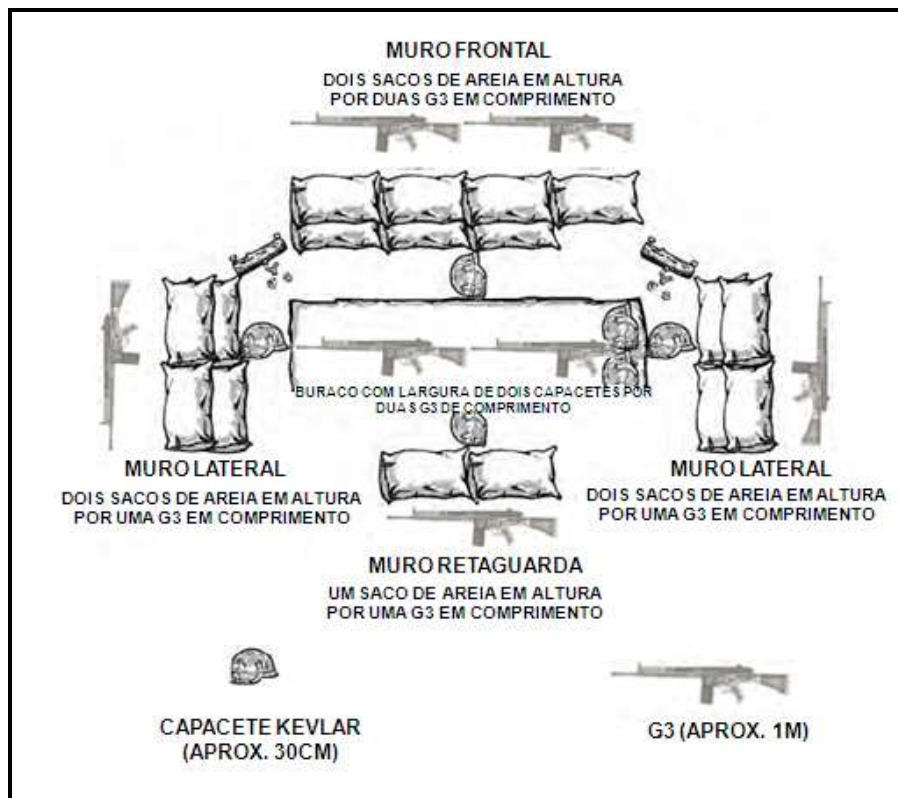


Figura 5-12 - 2ª Fase, preparação de uma posição de combate

- (3) 3ª Fase: Os soldados cavam a posição e lançam a terra para os parapeitos frontal, lateral e retaguarda e comprimem-no com força (Figura 5-13). Eles:
- Escavam a posição até às axilas do soldado mais alto;
  - Preenchem o parapeito por ordem frontal, lateral e retaguarda;
  - Camuflam o parapeito e a posição;
  - Escavam pequena vala no centro ligeiramente inclinada para a parede frontal, para escoar;
  - Cavar fossas para granadas, o mais fundo possível em 45º, na parede frontal;
  - Escavar duas áreas de armazenamento para as mochilas na parede à retaguarda, se necessário;
  - Assegurar que o comandante inspeciona o trabalho.

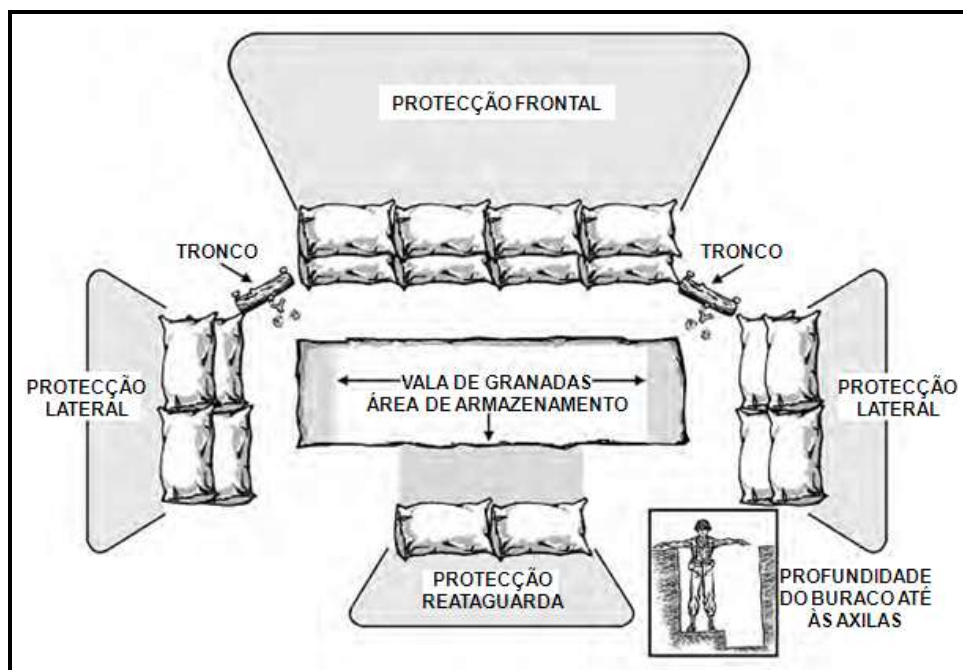


Figura 5-13 - 3ª Fase, preparação de uma posição de combate

(4) 4ª Fase: Os soldados preparam a cobertura superior (Figura 5-14). Eles:

- Providenciam apoios sólidos para a cobertura superior. Construir o suporte, com troncos entre 10 a 15 centímetros de diâmetro, colocando-os no parapeito frontal e o da retaguarda para se constituir uma boa base de apoio;
- Colocar cinco ou seis troncos de 10 a 15 centímetros de diâmetro ao centro, tentando preencher toda a parte superior, entre os suportes frontal e da retaguarda;
- Colocar material à prova de água (sacos plásticos, ponchos) no topo destes troncos;
- Colocar no mínimo 45 centímetros de terra ou sacos de areia por cima dos troncos;
- Assegurar que o comandante inspeciona a posição.

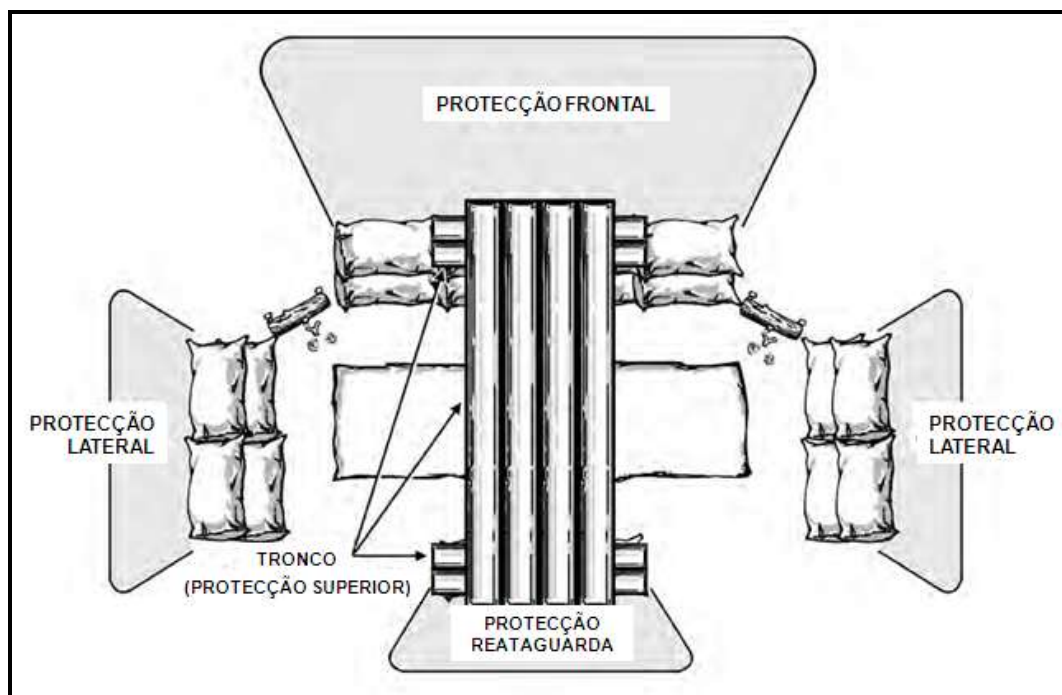


Figura 5-14 - 4ª Fase, preparação da posição de combate

**c. Inspeccionar todas as posições**

Os Comandantes asseguram-se que os seus soldados constroem posições de combate eficientes e seguras. Um local impróprio não pode ser escolhido e uma construção mal executada constitui-se como um perigo para os seus ocupantes. Os comandantes devem inspeccionar o progresso da posição de combate em cada fase de preparação.

**0536. Modelo-tipo**

Quando é esperado um ataque imediato, os soldados preparam posições sumárias. De acordo com o tempo disponível, elas são melhoradas, alargadas e reforçadas, num processo que se mantém tanto tempo quanto a sua ocupação no terreno. Não existe nenhuma posição de combate *standard* e adaptável a todas as situações táticas, variando conforme a missão.

- a. Por vezes os soldados devem construir posições de combate, usando apenas ferramentas básicas e material que transportem ou que se encontre no local, assim como material para escavar, sacos de areia, e madeira local.
- b. Com o tempo, o terreno permite a construção de uma posição com cobertura superior, que proteja os soldados dos fragmentos dos fogos indiretos, permitindo-lhes continuar a responder pelo fogo. Por vezes, especialmente em terreno aberto, isso não é possível e a posição tem de ser construída até ao “fundo”. No entanto, este tipo de posições oferece uma proteção e cobertura excelente, mas limita a capacidade de executar fogo de uma área de proteção.

- c. As posições de combate normalmente são construídas para um, dois ou três soldados. Existem posições construídas para ML ou armas anticarro. As posições das viaturas VBR (ou Carros de Combate), devem ser integradas na defesa do pelotão, não sendo necessariamente adjacentes às posições de infantaria.

**NOTA:** Além do modelo da posição, o tipo de materiais de construção, as ferramentas disponíveis ou o terreno, todas essas posições de combate devem incorporar princípios de construção de engenharia. A não ser que seja bem construída, uma posição de combate pode facilmente colapsar e enterrar os soldados dentro dela.

- d. Durante a construção da posição de combate:

- Não escavar a posição para além das axilas;
- Não encher os sacos não mais de 75%;
- Usar revestimentos para suportar escavações em terreno arenoso;
- Verificar a estabilização das paredes;
- Inspeccionar e testar a posição diariamente, depois de um dia chuvoso e depois de combate;
- Manter todos os veículos a pelo menos 5 metros das posições.

### 0537. Tipos de posições de combate

Existem muitos tipos diferentes de posições de combate. O número de ocupantes, tipos de armas, ferramentas, materiais, tempo disponível e tipo de terreno, ditam o tipo de posição de combate.

- a. Posição de combate sumária

Os soldados preparam posições sumárias, quando existe pouco ou nenhum tempo antes do contacto com o inimigo (Figura 5-15). Colocam-se atrás de qualquer cobertura existente, onde consigam enfrentar o inimigo. A posição deve conferir proteção frontal dos fogos diretos, permitindo fazer fogo para a frente e oblíquo. Ocupar uma posição defensiva significa escavar. Os soldados podem escavar posições sumárias em apenas poucos minutos. Uma posição sumária com 45 centímetros, confere uma proteção significativa contra fogos diretos e estilhaços, e pode ser o primeiro passo, para a construção de uma posição mais elaborada.



Figura 5-15 - Posição sumária

**b. Posição de combate individual**

As posições individuais são as menos desejáveis, mas em alguns casos são necessárias. Uma posição individual pode ser utilizada para cobrir frentes difíceis. Nunca devem ser posicionadas em locais que não sejam cobertos por posições adjacentes. A posição de combate individual (Figura 5-16) deve permitir ao soldado disparar para a frente ou obliquamente com cobertura frontal. Vantagens e desvantagens a ter em consideração quando se escolhe uma posição individual:

- A posição individual permite uma maior escolha no uso de cobertura;
- O abrigo apenas necessita de largura suficiente para uma pessoa e seus acessórios;
- Não tem a mesma segurança que uma posição coletiva.



Figura 5-16 - Posição de combate individual



**c. Posição de combate de parelha**

Uma posição de combate de parelha (Figura 5-17) é normalmente mais eficiente que uma posição de combate individual. Pode ser utilizada para conferir apoio mútuo às posições adjacentes em ambos os flancos, assim como cobertura de espaços mortos na frente das posições. Desta maneira, permite a ambos os soldados terem melhor observação e melhores campos de tiro para a sua frente. Também, durante o descanso ou as refeições, um dos soldados pode conferir proteção em todo o setor enquanto o outro dorme ou come. Se forem batidos pelo fogo na sua frente, eles podem recuar para ganhar proteção conferida pelo parapeito frontal. Movendo-se cerca de um metro para a retaguarda, os soldados continuam a poder observar e fazer fogo sobre os seus alvos, durante a intensidade de combate. Este tipo de posições:

- Requerem maior trabalho de escavação;
- É mais difícil de camuflar;
- Constitui-se como um melhor alvo para granadas de mão inimigas.

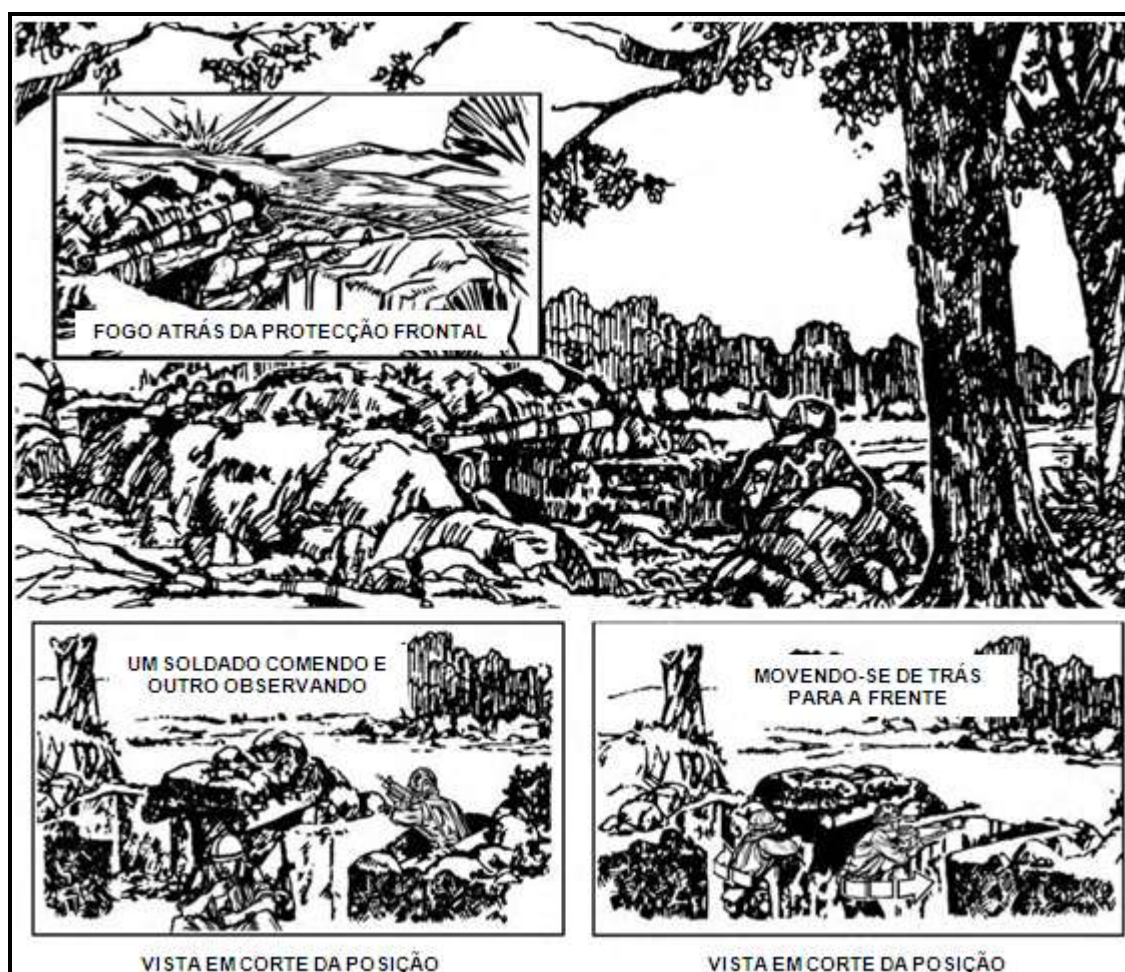


Figura 5-17 - Posição de combate de parelha

**d. Posição de combate de trielha**

Uma posição de combate de trielha tem várias vantagens. O comandante pode estar em cada posição, tornando o comando e controlo facilitado. Um soldado pode garantir segurança, um pode executar trabalhos prioritários e o outro pode descansar, comer ou executar manutenção. Permite que os trabalhos a executar estejam completos com maior rapidez do que na posição individual ou parelha. Esta posição permite ao pelotão manter o poder de fogo e segurança, sem deslocar pessoal ou abandonar posições desguarnecidas. Permite observação e fogo em 360°, sendo mais difícil para o inimigo destruí-la, pois necessita de eliminar ou suprimir três soldados.

(1) Usando uma posição de três homens, o comandante deve ter em consideração vários fatores: a distância entre posições aumenta e o tamanho do setor da equipa deve ser reduzido. A escolha depende apenas da visibilidade e dos campos de tiro. Por o comandante de secção se encontrar numa posição de combate, de onde não sai durante o combate, não consegue controlar o pessoal nas outras posições. O comandante de secção controla o combate por:

- Comunicar claramente os seus planos e intenções à secção, incluindo medidas de controlo e plano de fogos;
- Usar sinais pré-combinados com *chemlights*, apitos ou munições tracejantes;
- Colocar a sua posição de combate a cobrir terreno-chave ou decisivo;
- Colocar a sua posição de combate onde a sua equipa possa atuar como reserva.

(2) O dispositivo de colocação é uma posição em T. Este modelo pode ser alterado, aumentando ou eliminando bermas de proteção, mudando a orientação do T ou levantando a posição do terceiro soldado para formar um L em vez de um T (Figura 5-18). O centro da posição pode ser orientado para fazer fogo, sobre possíveis eixos de aproximação, de qualquer direção. As bermas não devem bloquear a observação ou fogos em sectores primários ou alternativos atribuídos. Deve-se ter cuidado na preparação da cobertura superior de proteção.

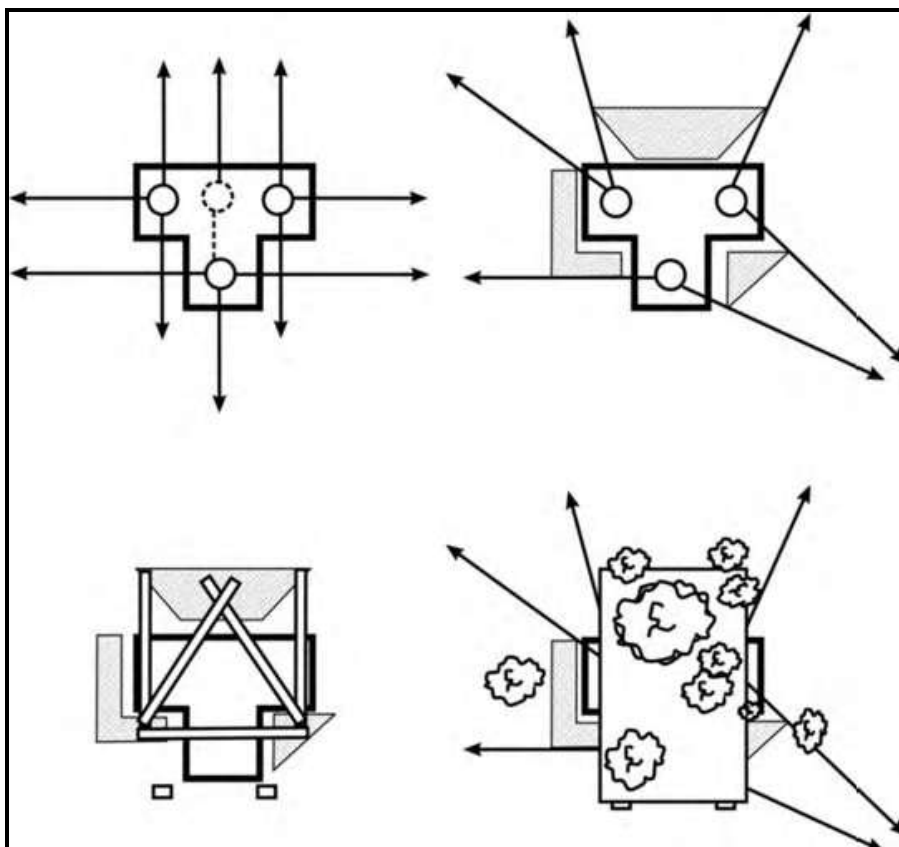


Figura 5-18 - Posição de combate de trilha

**e. Posição da ML**

O setor de tiro principal é normalmente oblíquo, para que esta faça fogo ao longo da frente da secção ou pelotão. O tripé da ML é utilizado para cobrir o seu setor principal. O bipé é usado para cobrir setores de tiro secundários. Quando se executa a troca de setor primário para o secundário, o apontador move apenas a ML. Ocasionalmente o setor de tiro, que permite fazer fogo direto frontal é preparado, mas pode reduzir a proteção frontal dos soldados quando estão a executar fogo oblíquo (Figura 5-19). (Verificar o Anexo B.)

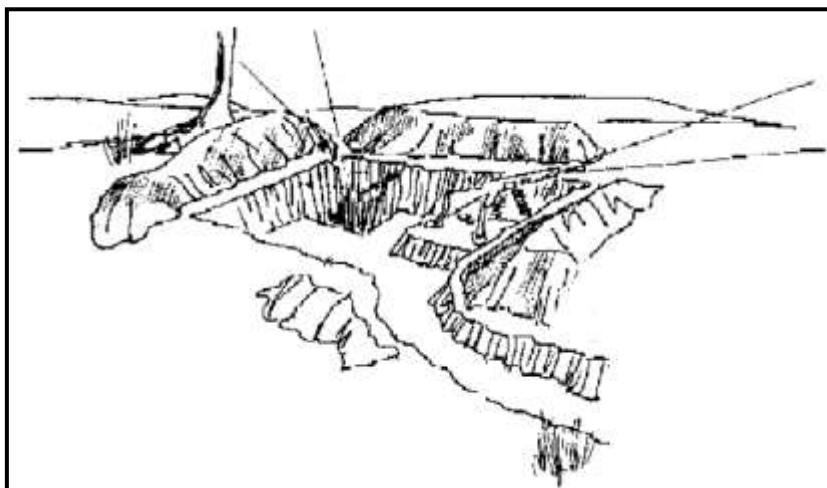


Figura 5-19 - Posição da ML

- (1) Depois do comandante de secção posicionar as ML, o apontador marca a posição do tripé e os limites dos setores de tiro. A equipa depois traça a linha que irá começar a escavar a sua cobertura frontal (se tiver de ser colocada).
- (2) A equipa escava a plataforma para colocar a ML, primeiro para negar a sua exposição em caso de necessitarem de executar fogo, antes de começarem a posição defensiva. A plataforma não deve ser muito baixa, devendo permitir que se faça fogo transversal por todo o seu setor de tiro, reduzindo a silhueta do apontador.
- (3) Depois de preparada a plataforma de tiro, a equipa inicia a escavação do seu abrigo. Primeiro colocam a terra na proteção frontal, se necessário, escavando o suficiente para os proteger e permitir ao apontador disparar com algum conforto (normalmente pelas axilas). Quando a proteção frontal estiver suficientemente alta e espessa, a equipa usa o resto da terra para construir as coberturas de flanco e retaguarda. São cavadas fossas de granadas em vários pontos, de maneira a que os soldados possam pontapear as granadas para os buracos, quando necessário. Proteção superior para a ML é construída seguindo os passos da 4ª fase, na preparação de uma posição.

**NOTA:** Em algumas posições, a ML pode não ter setor de tiro secundário. Neste caso escavar apenas metade da posição.

- (4) Quando o comandante de esquadra/ML decidir executar uma posição defensiva de ML com três elementos, o granadeiro escava uma posição no flanco, que esteja em ligação com a posição defensiva da ML, através de uma trincheira. A partir desta posição, o granadeiro consegue observar e disparar para a frente, obliquamente e zonas mortas. Normalmente, o granadeiro está no mesmo lado que DPT ou LPF. Isto permite-lhe ver e disparar a sua arma pelo setor secundário da ML, tendo em linha de vista o apontador e municizador.

**f. Posição defensiva do LAW**

O LAW pode ser disparado a partir de uma posição defensiva para infantaria. Se tiver de ser disparado de uma posição de parelha, o apontador deve assegurar que o outro soldado, não se encontra na zona de escape de gases. Assumindo uma posição de combate normal, deve-se tomar atenção à preparação da proteção à retaguarda.

**NOTA:** Comandantes devem verificar que o LAW está posicionado, de maneira a que a sua zona de escape de gases não atinja as outras posições defensivas.

**0538. Posições das VBR**

As VBR, inicialmente fazem uso de proteção natural, colocando-se em posições escondidas, para aumentarem a sua sobrevivência. As posições das VBR devem ser preparadas usando meios e equipamento de escavação de engenharia. A prioridade é dada às viaturas, contendo equipamento especial ou abastecimentos. As tripulações usam também estas posições de combate para proteção individual.

- a. Os parapeitos posicionados na frente ou em redor dos principais sistemas de armas, garantem proteção contra fogos diretos e explosões ou estilhaços de fogos indiretos, de artilharia, morteiro ou aéreos. Na sua base o parapeito deve ter pelo menos 245 cm de espessura. O parapeito funciona como uma barreira para impactos explosivos de fogos diretos provenientes, de *High Explosive Anti Tank* (HEAT) e projéteis de Carros de Combate (CC). O parapeito deve causar a sua ativação, de maneira a aumentar a capacidade de sobrevivência dos veículos. Se o inimigo usar energia cinética, fogos diretos de “*armor-piercing*”, ou projéteis de hipervelocidade é impraticável construir parapeitos com espessura suficiente para sua proteção. Para se protegerem contra estes projéteis, devem ser providenciadas posições com cortes fundos, casco desenfiado ou torre desenfiada. As posições devem ser construídas apenas com a largura estritamente necessária.
- b. O sucesso no campo de batalha requer manobra entre as posições de combate e posições das armas principais. O aproveitamento máximo do terreno é necessário para conciliar a manobra das VBR com as secções apeadas. Depois de um sistema de armas principal disparar uma vez, deve-se mover para outra posição antes de disparar novamente. Se ele voltar a aparecer na mesma posição, o inimigo saberá de onde virão esses disparos.
  - (1) As posições sumárias para as VBR, incluindo viaturas de apoio, devem tirar partido da configuração do terreno. Estas posições são preparadas com o mínimo de esforço na sua construção. O parapeito frontal, tão alto quanto prático, sem interferir com a MP, protege a posição de um ataque frontal e permite uma ocultação mínima se camuflado devidamente. A proteção é garantida se a posição for funda e o parapeito se estender para as suas laterais. Parapeitos garantem uma falsa proteção de segurança contra projéteis de energia cinética e hipervelocidade. As posições sumárias apenas conferem alguma proteção contra projéteis explosivos e alguma ocultação se bem camuflada. Se a situação táctica o permitir, deve-se ocupar as posições defensivas deliberadas.
  - (2) As posições de combate preparadas são necessárias para proteger a VBR dos projéteis de energia cinética e hipervelocidade. A posição é construída em

quatro fases: casco desenhado, acesso ou itinerário oculto, posição de espera e sistema de arma desenhado (Figura 5-21).

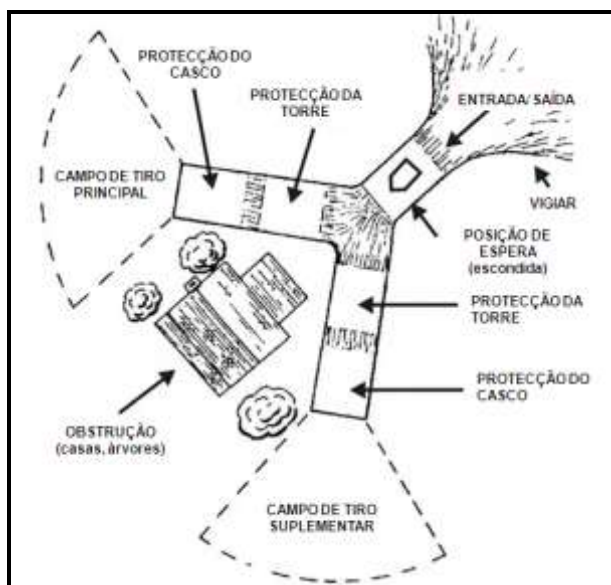


Figura 5-21 - Vista de cima da posição de combate em Y

- c. As posições formadas a partir de terreno natural são as melhores pois são facilmente modificáveis. Se for necessária preparação, envolve os apoios de engenharia. Cada posição é camuflada com vegetação natural ou rede de camuflagem. Como a falta de tempo normalmente não permite a completa construção da posição defensiva, apenas são preparadas algumas partes. Por exemplo, uma posição completa para a VBR requer a construção de local para o casco desenhado, torre desenhada, rampa de acesso, posição de espera, tudo correspondente à mesma posição.
- d. Escavar posições ocultas e itinerários cobertos entre as posições de combate, normalmente não é possível devido à falta de meios e tempo. O apoio de engenharia é usado, para escavar a posição para o casco desenhado e torre desenhada. A rampa e itinerário de acesso requer apenas uma limpeza parcial, devendo se apoiar em rotas e localizações ocultas naturalmente. Se o tempo o permitir, o comandante expande a posição de combate às quatro partes, incluindo a preparação da posição de espera. A rampa de acesso da posição de espera, para a posição de casco desenhado, normalmente garante a torre desenhada em qualquer ponto de acesso. Esta localização pode ser marcada com *chemlights*, para que o condutor saiba quando parar.

### 0539. Trincheiras

Quando existe tempo e ajuda disponível, devem ser escavadas trincheiras, para ligar as posições defensivas, de maneira a que os soldados possam mover-se por itinerários cobertos. A profundidade da trincheira depende do tipo de ajuda e equipamento disponível. Sem o apoio

da engenharia, os pelotões escavam trincheiras para rastejar (cerca de 90 centímetros de profundidade por 60 de largura). Com apoio da engenharia, preparam-se trincheiras à altura de um soldado (Figura 5-22). A trincheira deve ser em zig zag, para que o inimigo não consiga disparar num corredor ao longo da trincheira. Os pelotões normalmente escavam trincheiras para rastejar, com proteção mínima nos deslocamentos entre posições. Se as trincheiras se encontrarem numa encosta, devem ser colocados parapeitos do lado inimigo, tornando-as mais altas, para proteção. Todos os parapeitos necessitam de ser devidamente camuflados de observação inimiga.



Figura 5-22 – Trincheiras

Página intencionalmente em branco



## **CAPÍTULO 6**

### **OPERAÇÕES EM ÁREAS EDIFICADAS**

*Ao longo da história, a estratégia militar viu as cidades como centros de gravidade e do poder nacional. As cidades são centros populacionais; pontos de comunicação e transportes; pontos-chave de sistemas industriais, financeiros e informáticos; locais onde os governos estão sedeados e geram riqueza. O pelotão de atiradores e as suas secções estão equipados de forma a lidar com as mais variadas situações táticas com que se deparam na condução de operações urbanas. O principal papel do pelotão de infantaria nestas operações urbanas é aproximar-se e destruir forças inimigas, através do uso do fogo e movimento. Este capítulo descreve técnicas, procedimentos e considerações especiais que os pelotões e secções vão empregar durante o planeamento e execução de operações em ambiente urbano.*

#### **SECÇÃO I - CONSIDERAÇÕES DO PLANEAMENTO**

Esta secção aborda as considerações de planeamento básicas em operações urbanas para os comandantes de pelotão de atiradores.

##### **0601. Considerações no emprego do pelotão Pandur**

Devido à natureza descentralizada do combate urbano e da necessidade de grande número de tropas para conduzir operações em terrenos densos e complexos, os homens de infantaria constituem o maior volume da força. Ao nível tático, as forças de infantaria têm vulnerabilidades que podem ser superadas pela infantaria mecanizada ou unidades de carros de combate. No entanto, as viaturas enfrentam problemas em zonas urbanas mais pequenas, o que as coloca em desvantagem quando operam sozinhas sem o apoio da infantaria. Apenas quando operam em conjunto as forças conseguem cumprir missões com um mínimo de baixas, ao mesmo tempo que evitam danos colaterais desnecessários.

##### **a. Infantaria**

As forças de infantaria têm os seguintes pontos fortes e limitações em ambiente urbano:

##### **(1) Pontos Fortes**

- (a) O fogo de armas de baixo calibre num edifício consegue eliminar a resistência sem comprometer seriamente a integridade do edifício.
- (b) A Infantaria pode mover-se para as suas posições sem alertar o inimigo. Podem deslocar-se ao longo das áreas edificadas, independentemente da degradação dos edifícios.
- (c) A infantaria tem uma excelente visão periférica e pode atacar o inimigo com armas de baixo calibre em quase todas as condições.

(2) Limitações

- (a) Não possuem armas de grande calibre, proteção e mobilidade de longo alcance.
- (b) As forças de infantaria expostas poderão sofrer um grande número de baixas.
- (c) As forças de infantaria estão mais sujeitas a mortes relacionadas com fogo fratricida.

**b. VBR**

A VBR tem os seguintes pontos fortes e limitações:

(1) Pontos Fortes

- (a) A VBR pode conferir proteção à infantaria, ao anular os efeitos do armamento de baixo calibre do inimigo, conduzindo as forças até um edifício ou atuando como um escudo, enquanto a infantaria avança atrás desta, ao longo da rua.
- (b) As VBR podem reabastecer unidades de modo rápido e com maior quantidade de munições.
- (c) Devido a sua blindagem, as VBR's podem ser usadas para conduzir CASEVAC debaixo de fogo.

(2) Limitações

- (a) Quando protegidos dentro da viatura a têm visão reduzida através dos seus postos; são facilmente "cegados" por fumo ou poeira.
- (b) A VBR possui apenas uma arma de defesa montada (*Browning 12,7mm*). Quando o pessoal desembarca e não está a ser apoiado pela viatura, e o seu poder de fogo diminui significativamente.
- (c) A VBR é vulnerável a armamento de grande calibre e é particularmente vulnerável a armamento anticarro.

**0602. Emprego da infantaria e VBR canhão**

As viaturas blindadas que operam num pelotão, companhia e batalhão, combinam a força, mobilidade e poder de fogo para negar ao inimigo a iniciativa, contribuindo para o sucesso das nossas forças. No entanto, o combate urbano é normalmente descentralizado, sendo os eixos de progressão para veículos muito canalizados, tornando difícil o emprego eficiente do princípio da massa. A decisão de dispersar em vez de massificar as VBR deve ser feita, tendo em consideração os fatores MITM-TC, a situação e antecipação para operações futuras. O uso descentralizado de unidades blindadas, aumenta o poder de pequenas unidades de infantaria, mas essa dispersão não permite que sejam rápidas e facilmente reagrupados.

**a. Emprego**

A VBR Canhão pode apoiar a infantaria durante operações de combate urbano (Figura 6-1) para:

- Garantir o efeito de choque e poder de fogo;
- Isolar objetivos com fogos diretos evitando a fuga do inimigo, a chegada de reforços ou contra-ataques;
- Neutralizar ou suprimir posições inimigas com fumos, *High Explosive* (HE), e armas automáticas;
- Apoiar a entrada da infantaria em edifícios, (sob fogo inimigo ou quando se encontram obstáculos nas entradas);
- Destruir barricadas nas ruas através do fogo;
- Negar observação inimiga usando os potes de fumos das viaturas;
- Atacar pelo fogo um alvo designado;
- Estabelecer bloqueios em estradas ou montar (*Checkpoints*), posto de controlo
- Suprimir posições de *snipers*.



Figura 6-1 - VBR Canhão em apoio direto, apoiado pela infantaria

**b. Organização de tarefas ao nível da companhia**

Uma companhia da BrigInt tem uma Secção Canhão na sua orgânica. Existem três técnicas básicas, para atribuir uma secção canhão no combate urbano.

(1) Secção Canhão em ação de conjunto à companhia

Nesta técnica (Figura 6-2), o comandante da secção canhão é responsável pela manobra da sua secção, de acordo com a intenção do comandante de companhia.

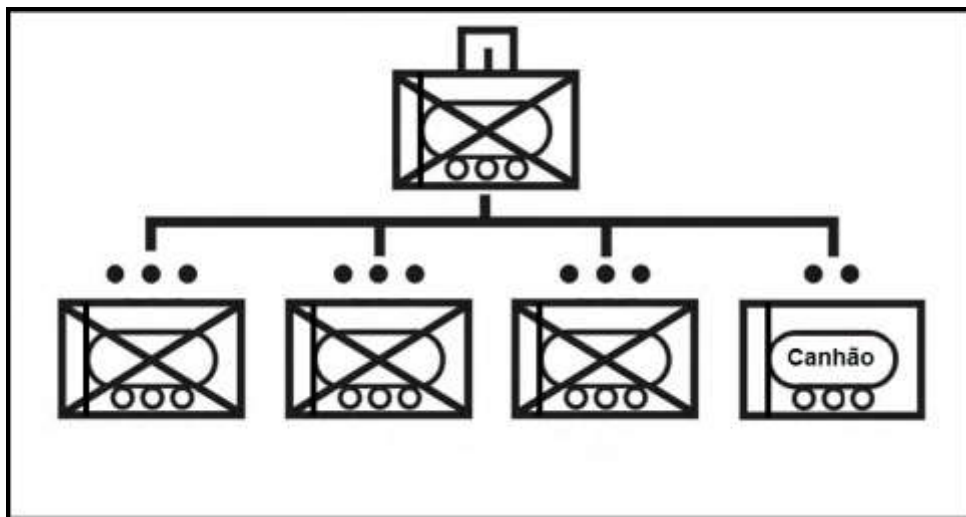


Figura 6-2 - Secção Canhão sob controlo da companhia

(2) Secção Canhão (-) em reforço e sob controlo da companhia e pelotão de atiradores

A secção canhão atribui uma viatura a um pelotão de atiradores para seu controlo. Com esta técnica (Figura 6-3), a manobra do pelotão conta com uma viatura para apoio próximo e o comandante de companhia possui outra, para ser empregue num local crítico ou quando entender necessário.

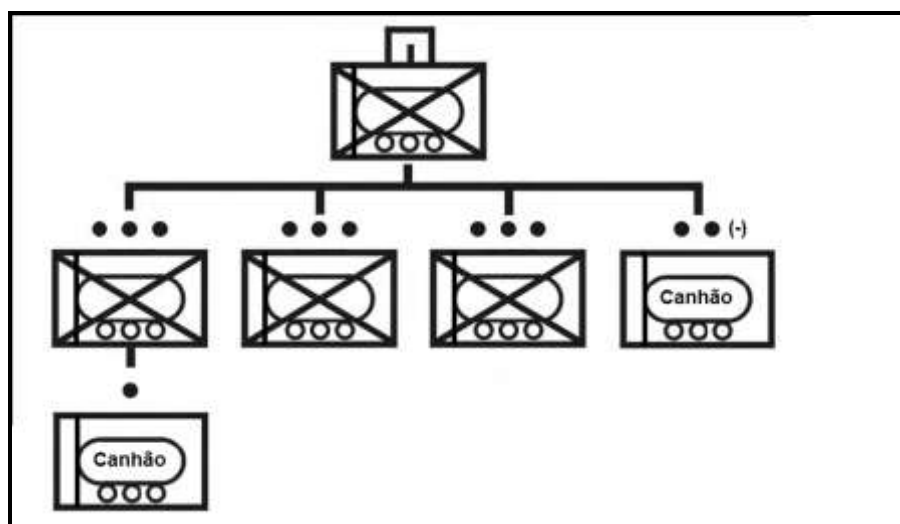


Figura 6-3 - Secção Canhão (-)

(Sob comando da companhia e esquadra canhão sob controlo de pelotão de atiradores)

## (3) VBR canhão atribuídas aos pelotões

Nesta técnica (Figura 6-4), cada uma das viaturas é atribuída a um pelotão. O objetivo deste tipo de tarefa é garantir aos pelotões de infantaria, um aumento de poder de fogo e massa, especialmente nas áreas urbanas.

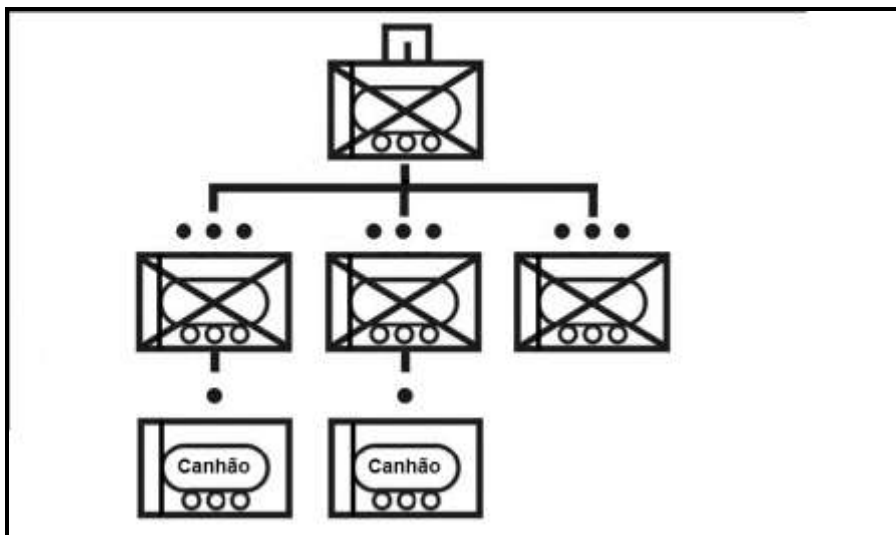


Figura 6-4 - Esquadras Canhão sob controlo de pelotões de infantaria

## (4) Escolher uma técnica

Nenhuma das técnicas descritas é melhor que as outras. A sua escolha depende da missão e seu do cumprimento. Dependendo da técnica escolhida, aplicam-se as seguintes regras:

- As viaturas canhão podem operar no apoio à infantaria. No entanto é preferível que estas se apoiem umas às outras;
- Ao utilizar VBR ou VBR canhão como escudo, para proteger as secções no deslocamento de edifício para edifício, como parte do plano de manobra, o comandante deve ir na primeira viatura que devera de ser uma VBR canhão;
- Se o comandante de companhia controlar a secção canhão, deve deslocar-se o mais à frente possível, onde consiga manobrar a secção e garantir o apoio;
- A sua organização deve ser coerente com o comando. Se o comandante de companhia controlar a secção canhão, não as poderá atribuir ao pelotão de atiradores;
- A VBR canhão necessita de apoio de infantaria, quando operam em conjunto. A esquadra canhão não está preparada para garantir segurança local durante uma operação. A viatura é extremamente vulnerável a ataques apeados, quando opera em ambiente urbano.

**c. Apoio mútuo**

A secção VBR e esquadra VBR canhão trabalham em conjunto, para garantir o maior potencial de combate face às ameaças do inimigo. A infantaria são os olhos e os ouvidos da equipa, localizando e identificando alvos para as VBR e VBR Canhão. A força apeada e VBR movem-se ao longo de itinerários cobertos e abrigados para assaltar em elementos inimigos fixos ou suprimi-los com as VBR Canhão. As secções garantem segurança às esquadras canhão contra ataques de infantaria inimiga. Em contrapartida, a esquadra canhão garante apoio de fogo pesado e contínuo contra pontos fortes inimigos.

**d. Movimento**

A infantaria apeada normalmente lidera o movimento através de áreas edificadas. As VBR Canhão e VBR`s seguem e garantem o apoio próximo. Se a infantaria detetar uma posição inimiga ou encontrar resistência, a esquadra canhão responde imediatamente com fogos de apoio, para fixar o inimigo no local, suprimindo-o e permitindo aos elementos apeados resolver a situação. Se houver tempo para esclarecer a situação ou conduzir um curto reconhecimento, o comandante de secção direciona a viatura canhão para alvos específicos que devam ser abatidos.

**e. Coordenação**

A coordenação entre a esquadra canhão e comandantes de secção deve ser muito próxima. O comandante de esquadra canhão pode necessitar de apeiar e movimentar-se acompanhado pelo comandante de secção, para uma posição em que ele possa ver o itinerário ou alvo o prioritário. Todos têm de perceber os sinais de abrir, movimentar ou transpor os fogos. Uma das grandes barreiras na coordenação e no comando e controlo em áreas urbanas é o ruído intenso. Os sinais de combate manuais devem substituir comandos verbais.

**f. Comunicações**

O comandante da VBR canhão e o sargento de pelotão devem manter uma comunicação permanente com os elementos que estão a apoiar. Eles comunicam entre si, utilizando as seguintes técnicas:

**(1) Sinais visuais**

Os sinais visuais, prescritos em NEP ou coordenados durante a elaboração da Ordem de Operação, facilitam a comunicação;

**(2) Telefone externo**

As viaturas têm uma caixa de tomadas externa, que permite adaptar um meio de comunicação ou telefone externo, e assim garantir comunicações entre a guarnição e as secções;

### (3) Rádios

Os rádios permitem a comunicação entre a força apeada e os comandantes das esquadras de viatura, permitindo usar o terreno com maior eficiência e garantindo proteção próxima das viaturas. Os soldados podem procurar elementos inimigos, limitando a exposição das viaturas ao fogo inimigo.

#### g. Fumos

Os potes de fumo das VBR e VBR Canhão, podem ser utilizados para proteger as viaturas, mas também servem para garantir cobertura à infantaria na passagem de áreas abertas ou recolha de elementos feridos. O uso de fumos deve ser cuidadosamente planeado de forma a não prejudicar o movimento da força. As granadas dos potes de fumo garantem nuvens de fumo rápidas e densas, mas estas produzem estilhaços a arder, que podem iniciar fogos nas áreas urbanas.

#### h. Apoio de fogos diretos pesados

As VBR Canhão são ferramentas importantes para auxiliar as forças de assalto a isolar a área objetivo e garantir a sua ocupação. Enquanto a infantaria, se desloca para limpar a posição e consolidar a sua ocupação, a VBR Canhão mantém-se na sua posição inicial de apoio. Quando possível, a viatura deve deslocar-se para posições subsequentes, onde os seus fogos possam evitar reforços inimigos. Nesta altura a guarnição da viatura deve estar em permanente alerta. Devido à natureza não linear do combate urbano, as forças inimigas podem deslocar-se pela retaguarda ou flancos da VBR Canhão e destruí-la. Se não for possível empenhar uma força de segurança próxima à viatura, então a viatura deve deslocar-se para posições que lhe garantam apoio e cobertura. A guarnição deve estar alerta, quanto à aproximação de elementos IN, por cima, retaguarda ou flancos.

#### i. Outras considerações

- (1) No planeamento, deve ter-se em consideração a natureza do terreno que irá suportar as VBR Canhão e VBR nos seus movimentos. Embora o ritmo possa ser lento, o movimento em terreno restritivo pode significar aumento de segurança.
- (2) Envolver o comandante da esquadra canhão e sargento de pelotão na análise da missão. A sua experiência e conhecimento das capacidades das viaturas, podem ajudar o comandante de pelotão a fazer um melhor emprego das viaturas.
- (3) As VBR Canhão e VBR podem transportar munições, água e outros víveres para apoiar o combate urbano.
- (4) O comandante de pelotão tem de especificar uma altura no seu planeamento, para inspeções de pré-combate aos veículos.

- (5) Tentar replicar as condições de execução durante os treinos, de dia, visibilidade reduzida, presença de civis no campo de batalha, apoio de nações beligerantes, e ROE. Incluir o seguinte:
  - Medidas de controlo de fogos;
  - Planos de fogos diretos;
  - Comunicações;
  - Brechas;
  - Técnicas para utilizar viaturas como escudos.
- (6) As seguintes medidas minimizam as baixas quando em movimento, fora ou entre edifícios:
  - (a) Cobrir todas as possíveis localizações inimigas, através de observação e fogos.
  - (b) Para as áreas que não seja possível cobrir com observação e fogos, usar fumos para dissimular o movimento das nossas forças da observação inimiga.
  - (c) Deslocar a esquadra canhão para apoiar o movimento da infantaria. Posicionar a viatura antes de a infantaria iniciar o seu movimento (estando a VBR a apoiar pelo fogo), mas a VBR em destacamento como escudo, ou ambas as modalidades.
  - (d) Se possível pré-planear as posições de apoio para as viaturas.
  - (e) No caso de se empregarem as viaturas como escudo para a infantaria, deslocar as viaturas para o mais perto possível da entrada no edifício de maneira a permitir proteção nos movimentos.
  - (f) Os veículos deslocam-se em apoio da infantaria.
  - (g) Quando a distância entre edifícios é curta, os veículos podem-se posicionar para proteger a infantaria das armas de curto alcance inimigas.
- (7) Usar medidas de controlo gráficas simples. Sendo particularmente importantes, em ambiente urbano as seguintes (Figura 6-5):
  - Linhas de Fase;
  - Números e letras para identificar edifícios;
  - Prováveis posições de apoio pelo fogo;
  - Áreas de tiro interdito.



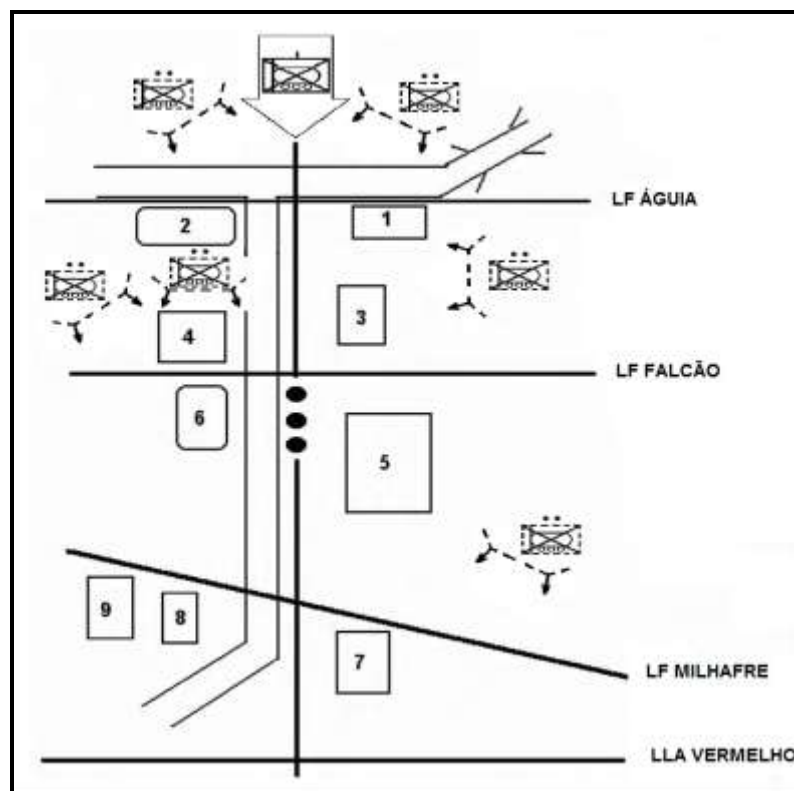


Figura 6-5 - Medidas de controle gráficas

### 0603.Fatores MITM-TC.

A análise dos fatores de decisão por parte do comandante de pelotão (missão, inimigo, terreno e condições climáticas, tropas e apoio disponível, tempo disponível e considerações civis) é bastante importante para o planejamento e execução bem-sucedida durante operações urbanas.

#### a. Missão

O comandante de pelotão tem de receber, analisar e compreender a missão antes de iniciar o planejamento. Ele e os seus homens têm de compreender as condições da operação e as regras de empenhamento.

##### (1) Missões comuns

O comandante de pelotão deverá contar com um tipo de missões ofensivas em terreno urbano, idêntico a outros terrenos. São missões comuns em terreno urbano as seguintes:

##### (a) Isolamento de um objetivo urbano

O comandante de pelotão normalmente conduz esta missão como parte da companhia. Assegura a área à volta ou nas imediações de um edifício, quarteirão ou vivenda de forma a suprimir ou capturar quaisquer forças inimigas em retirada, prevenir a chegada de reforços ou um eventual contra-ataque contra o objetivo. As unidades de engenharia e de apoio de serviços

poderão reforçar o pelotão com base nas regras de empenhamento e dos fatores MITM-TC. Sabendo que podem surgir um grande número de baixas nos deslocamentos entre edifícios ou pelas ruas, esta missão é de grande importância.

(b) Assalto a um edifício

O pelotão normalmente conduz esta missão como parte de uma operação de companhia quando o edifício é demasiado grande para uma secção e/ou o tamanho da força inimiga a defender o edifício, é grande, e requer uma força maior que uma secção. O comandante de companhia normalmente dirige outro (s) pelotão (ões) para isolar o edifício. Poderá haver unidades de engenharia e de apoio de serviços a reforçar o pelotão com base nas regras de empenhamento e dos fatores MITM-TC.

(c) Marcha para o contacto

O pelotão pode deslocar-se em terreno urbano para estabelecer ou manter contacto com o inimigo. O ambiente urbano torna a progressão difícil e os edifícios reduzem a capacidade dos sistemas de comando e controlo, redobrando o esforço para ganhar e manter o conhecimento da situação. Esta missão inclui o movimento (muitas vezes rápido) através de uma área urbana para esclarecer a situação tomando o controlo ou limpando quarteirões e edifícios.

(d) Conquistar terreno urbano importante

O pelotão poderá conquistar terreno importante para dar vantagem a forças amigas. Este terreno importante pode ser traduzido em passagens aéreas (viadutos, etc.), complexos de edifícios, terrenos adjacentes, pontes. Esta missão é normalmente conduzida de forma independente para facilitar os movimentos ou outro tipo de operações.

(e) Golpes de mão

O pelotão pode executar golpes de mão em terreno urbano, os quais são planeados de forma semelhante a outros tipos de terrenos. Os objetivos podem estar localizados em terrenos superiores e o pelotão pode ter de se deslocar pelo terreno urbano ou outro, de maneira a alcançar o objetivo. O pelotão normalmente conduz estas missões de forma independente mas também poderá estar integrado numa ação de companhia (ver capítulo 4).

(2) Análise da missão

Ao fazer a sua análise o comandante de pelotão tem de ter em consideração a intenção do seu comandante de companhia. Por exemplo, o comandante de pelotão tem de determinar “se limpeza” significa todos os compartimentos, andar

a andar (limpeza sistemática) captura de pontos-importantes ou limpar apenas ao longo do eixo de progressão (limpeza seletiva). Deve ter em consideração onde e como vai colocar o seu pelotão de forma a dar continuidade a missões que lhe possam ser atribuídas e de facilitar as missões da companhia e do batalhão. Esta análise influencia as missões que ele dá às suas secções. O combate pode ser de alta intensidade, causada por ações violentas do inimigo ou por indicações de uma mudança nas regras de empenhamento forçada pelo inimigo o que inclui:

- A necessidade de fazer brechas em múltiplos obstáculos;
- O uso de armadilhas por parte do inimigo;
- A necessidade de repetitivamente usar explosivos para fazer aberturas de brecha para entrar em edifícios;
- Compartimentos bem preparados ou barricados em que seja difícil aplicar as técnicas de limpeza normais.

**(3) Movimento**

Deslocar-se de edifício para edifício ou entre edifícios é um problema para as secções. São exemplos históricos as operações recentes na Somália e a experiência Russa em Grozny na Chechénia, onde ficou provado que ocorrem múltiplas baixas durante o movimento nas ruas, de edifício para edifício. Portanto os comandantes de pelotão devem planejar as operações de maneira que permita aos seus elementos tirar máximo partido de estradas mais cobertas ou desenhadas dentro da área urbana. Adicionalmente devem cuidadosamente analisar quais os edifícios que devem ser isolados e suprimidos tendo em conta as regras de empenhamento. Eles podem utilizar as VBR's e se forem apoiados por unidades mecanizadas ou de carros de combate, utilizá-los como escudo para as manobras do pelotão.

**(4) Coordenação de apoio de fogos**

A maior parte da coordenação do apoio de fogos ocorre a nível do batalhão que integra e coordena o apoio a todas as forças do batalhão. O observador avançado do pelotão tem de estar envolvido no processo do planeamento dos fogos. O pelotão tem de planejar os fogos consoante as regras de empenhamento, tendo em atenção prioritária os civis, igrejas, centros médicos, escolas, serviços públicos e monumentos históricos.

**b. Inimigo**

Os fatores que afetam a análise do comandante de pelotão são o tipo de força inimiga que é esperada na área urbana, as suas prováveis ações e as regras de empenhamento. O tipo de ameaça é um dos fatores usados para determinar a

organização do pelotão e o potencial de combate deve ser usado para cumprir a missão.

(1) Forças Convencionais

(a) Nos países com forças equipadas e treinadas segundo o ex-pacto de Varsóvia, têm defesas urbanas base:

- As defesas inimigas estão organizadas em dois escalões para dar maior profundidade e reservas;
- Os pontos fortes da companhia estão preparados e formam a base da posição defensiva do batalhão;
- A reserva está localizada num ponto forte separado;
- Os locais de emboscada estão entre os pontos fortes. Pontos fortes falsos são construídos para enganar o atacante;
- São estabelecidas posições para assegurar e defender entradas e saídas de estruturas subterrâneas;
- As posições de segurança são preparadas depois das posições defensivas do primeiro escalão;
- Uma companhia de infantaria mecanizada ou motorizada pode defender vários edifícios ou um só edifício maior com fogos de apoios mútuo;
- Cada pelotão defende um ou dois edifícios ou um ou dois andares de um só edifício.

(b) Em muitos países, as forças são predominantemente ligeiras com algumas viaturas blindadas desatualizadas. Alguns podem não ter mesmo forças armadas mas têm uma espécie de milícia armada. Estas forças normalmente não defendem de um modo convencional mas sim empregando uma resistência normalmente descoordenada, muitas vezes extremamente intensa como foi observado na Somália.

(2) Forças não convencionais

A análise de forças inimigas não convencionais é semelhante à de conflitos de baixa de intensidade durante operações urbanas de contra terrorismo, contra guerrilha ou contra insurgentes. No entanto as ações destas forças são muito mais difíceis de prever. Os comandantes de pelotão e de secção têm de estar atentos a padrões de atividade inimiga com base nos fatores culturais, regionais e demográficos.

**c. Terreno**

As operações ofensivas têm de ser adaptadas ao ambiente urbano com base numa análise detalhada de cada terreno, o seu tipo de áreas edificadas e as formas

estruturais existentes. Os comandantes têm de ter em especial atenção às seguintes considerações, quando executam o planeamento de uma operação ofensiva em ambiente urbano:

- Cartas militares que podem não fornecer detalhes suficientes para análise do terreno urbano ou não refiram o sistema de esgotos, metropolitanos, sistemas subterrâneos de água, estradas com muito trânsito e instalações de serviços civis. (Quando disponível o comandante deve usar planos da cidade ou de edifícios, plantas, fotografias aéreas, mapas turísticos ou outras ajudas que o possam ajudar na sua análise do terreno);
- Terreno natural adjacente à área construída;
- Terreno importante e decisivo (estádios, parques, campos desportivos, recreios de escolas, edifícios públicos, instalações dos media, e instalações industriais);
- Composição estrutural dos edifícios;
- Espaços confinados que limitem a observação, sectores de tiro e manobras e prevenir a concentração de fogos em pontos críticos;
- Caminhos escondidos e cobertos para e dentro das áreas construídas;
- Limitada possibilidade para aplicar máximo potencial de combate devido à necessidade de minimizar danos (com base nas regras de empenhamento);
- Problemas em conduzir um reconhecimento efetivo durante operações convencionais sendo o reconhecimento pela força o método mais eficaz se as regras de empenhamento o permitirem. Este método envolve a penetração na defesa IN, com unidades maiores até as posições inimigas estarem rompidas e poderem ser eficazmente atacadas. Regras de empenhamento que limitam o poder de fogo;
- Número significativo de civis que tenham de ser evacuados, podem dificultar as operações apenas pela sua presença ou propositadamente.

**d. Tropas disponíveis**

O pelotão normalmente participa no ataque como parte da companhia. Neste caso, o pelotão pode ter que isolar um objetivo ou ocupar uma posição. Se o objetivo for uma área edificada pequena, a missão pode ser entregue ao pelotão para a cumprir de modo independente, dando tarefas as suas secções ou esquadras. O pelotão de morteiros pesados normalmente apoia o assalto executando fogos indiretos. Também se estiverem disponíveis, os *Howitzers* 155mm podem ser empregue para executarem fogos diretos na destruição de *bunkers*, fortificações pesadas ou posições inimigas reforçadas por edifícios de betão (Figura 6-6). Os *Howitzers* podem ainda limpar ou criar eixos de progressão. Quando a artilharia executar fogos

diretos, deve ter o apoio da infantaria, garantindo-lhes segurança contra ataques inimigos.

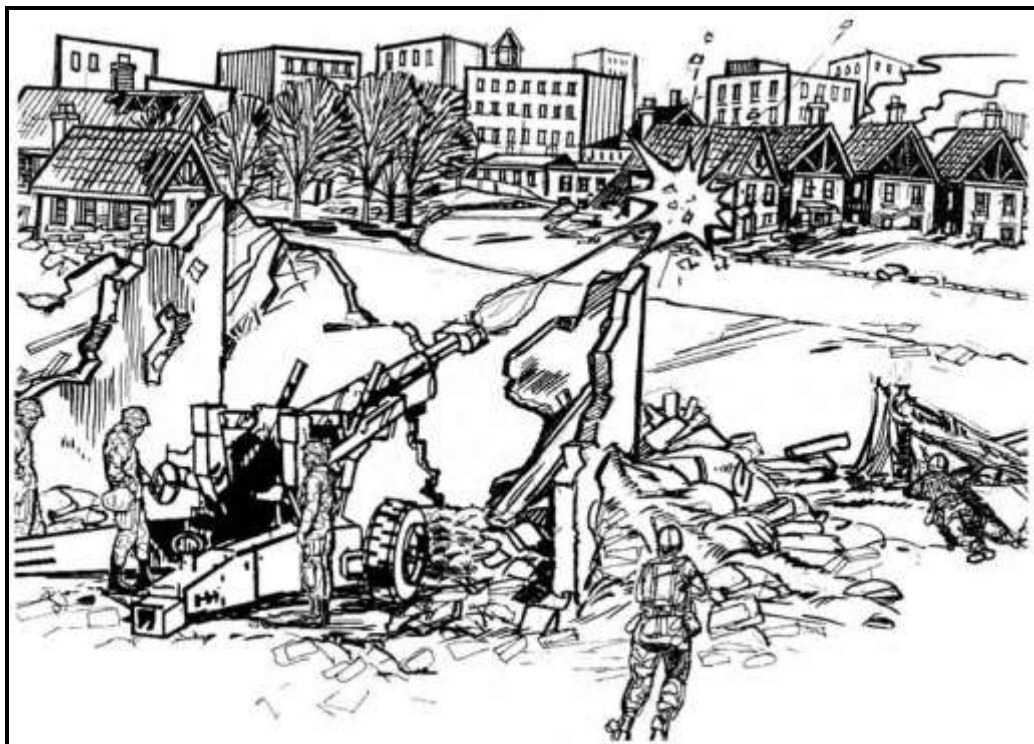


Figura 6-6 - Artilharia em fogos direto

**e. Tempo**

As operações ofensivas em áreas edificadas são lentas tanto a nível de movimentos como de planeamento. Consideramos as seguintes prerrogativas quando analisamos o tempo disponível para executar um ataque em terreno urbano:

- (1) Limpar edifícios, blocos ou eixos, num ambiente urbano denso, requer mais tempo do que em operações de terreno mais aberto.
- (2) As forças cansam-se mais rapidamente devido ao *stress* e desgaste físico na limpeza das áreas edificadas impondo um planeamento de tempo adicional para descanso.
- (3) Planear tempo adicional para reconhecimentos e treinos de forma a evitar desgaste excessivo e fratricídio.

**f. Considerações civis**

A presença de grande concentração de civis, pode impedir certas operações táticas.

**(1) Refugiados**

Civis em fuga, tentando escapar pelas estradas, podem bloquear movimentos militares; os comandantes devem planear itinerários a ser utilizados por civis e devem procurar a assistência da polícia civil no controlo de tráfego.

(2) Poder de fogo.

A presença de civis pode restringir o uso de fogos indiretos e áreas batidas por fogos. As áreas devem ser designadas de “áreas de fogo interdito” para prevenir baixas civis. Pode haver áreas que limitam o uso de armas ligeiras e granadas. A identificação positiva de todos os alvos, deve ser feita para todos os fogos diretos e indiretos nas missões atribuídas. As regras estabelecidas para o uso de poder de fogo são normalmente estabelecidas pelas ROE. Os comandantes devem assegurar que todos os soldados, recebem e compreendem o emprego de fogos definido pelas ROE.

(3) Segurança

Os civis no campo de batalha irão complicar as medidas de segurança do pelotão, pelo que deve ser dada especial atenção para evitar passagem de civis pelas posições defensivas e assegurá-las contra pilhagem de equipamentos ou sua sabotagem. O pelotão deve estar preparado para o uso por parte do inimigo, de civis como escudo para cobrir os seus movimentos ou executar ações hostis.

(4) Mobilidade

A presença de civis locais e o movimento de refugiados irá influenciar a localização e o tipo de obstáculos empregues; adicionalmente, o pelotão pode ter que assegurar uma passagem por campos minados, em itinerários usados por refugiados.

## SECÇÃO II - OFENSIVA

Enquanto operamos em áreas urbanas, a maior tarefa ofensiva ao nível de pelotão ou secção, é o ataque ou limpeza de edifícios; Isto envolve o isolar do objetivo, suprimir o inimigo, avançar como elemento de assalto, assaltar um edifício, limpar um edifício e consolidar e reorganizar a força. Dependendo do tipo da área urbana ou das suas características de construção, existem seis tarefas relacionadas para atacar um edifício defendido pelo IN:

- Organização da defesa;
- Movimento tático;
- Isolar o objetivo;
- Assaltar o edifício;
- Consolidar e reorganizar;
- Continuar o assalto.

#### **0604. Considerações no planeamento**

Os comandantes devem considerar o seguinte, quando iniciam o seu planeamento para missões ofensivas:

- a. A aplicação e integração apropriada das seis tarefas listadas acima descritas, reduzem as baixas e levam ao cumprimento da missão. O tipo de edifício a ser assaltado, as ROE e a natureza da área urbana em redor, irão determinar o método de execução. Por exemplo, cidades de tamanho médio têm inúmeros espaços abertos, e cidades grandes têm apartamentos altos, indústrias e áreas de estacionamento ou parques. O aumento do apoio de fogos é necessário para suprimir e cegar, a observação e fogos inimigos, que podem cobrir terreno aberto ou espaços entre edifícios. Em contrapartida, os centros das cidades de pequeno e médio tamanho, com avenidas tortuosas e ruas estreitas ou edifícios adjacentes, têm muitos locais, que provocam a diminuição de apoio de fogos disponível.
- b. Os comandantes de pelotão e secção devem considerar, no seu planeamento, a intenção e o método que irão utilizar para alcançar o resultado desejável. O comandante pode não necessitar de empenhar soldados numa estrutura ou entrar em contacto com o inimigo para ganhar o controlo de um edifício, um grupo de edifícios, ou uma área. Por exemplo, se o inimigo estiver com a moral em baixo ou insuficientemente treinado com, fraco equipamento ou falta de liderança, podem ser convencidos a render-se, partindo do princípio que apenas uma demonstração de força e o uso de uma equipa especializada em operações psicológicas (PSYOP) bastará. Por outro lado, um inimigo bem treinado, que esteja preparado para defender, tem de certeza o objetivo de resistir. Neste caso o comandante pode decidir concentrar os fogos diretos e indiretos das suas armas e o apoio de sistemas de armas atribuídos, na área de objetivo, para neutralizar o inimigo movimentando as suas secções no assalto.

#### **0605. Organização do pelotão no ataque a um edifício**

Os pelotões raramente executam operações independentes em áreas urbanas, mas podem vir a ser utilizados, separados ou isoladamente, em operações de combate. Este parágrafo apresenta o método que o pelotão deve empregar, na condução das operações ofensivas em combate urbano. Neste tipo de operações, o comandante de companhia normalmente organiza a companhia em dois elementos: o elemento de assalto e o elemento de apoio (Figura 6-7).

Se tiver disponível apoio de engenharia, esta deverá ser atribuída ao elemento de assalto. O elemento de apoio ou a companhia adjacente fazem parte do esforço do batalhão, isolando a área de objetivo (segurança). Dependendo da situação, o comandante de pelotão pode designar um elemento de brecha a partir do elemento de assalto, do elemento de apoio, ou ser



um elemento separado. O comandante de pelotão determina o tamanho e composição destes elementos, baseando-se na missão, efetivo disponível, tipo e tamanho do edifício objetivo, se o terreno adjacente permite eixos de progressão cobertos e abrigados e na organização e potencial das defesas inimigas.

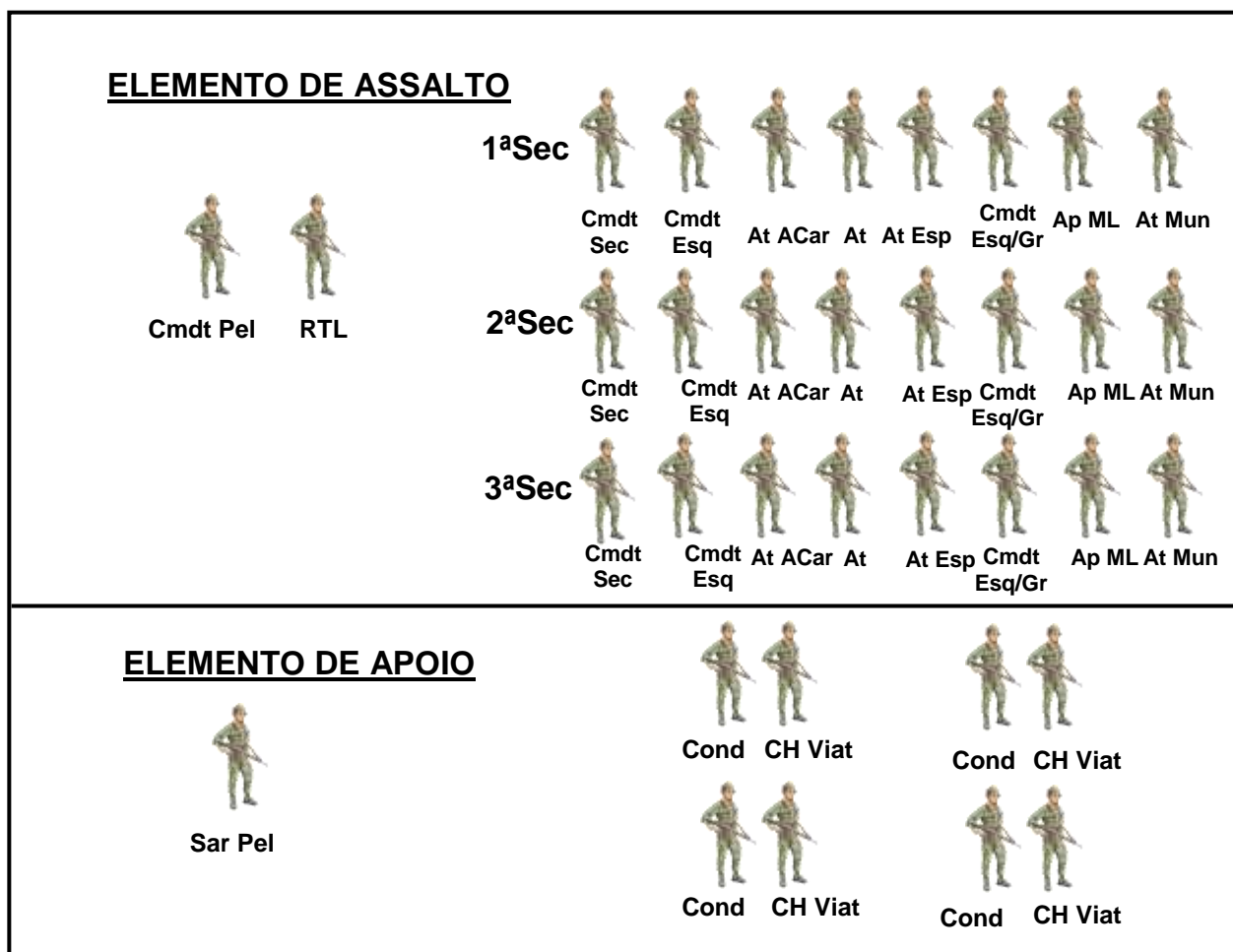


Figura 6-7 - Organização do pelotão

#### a. Elemento de assalto

A finalidade do elemento de assalto é suprimir, capturar, forçar o inimigo a retirar de um objetivo urbano ou ponto-chave. O elemento de assalto do pelotão, pode consistir-se em uma, duas ou três seções. Os comandantes de seção normalmente organizam as duas esquadras em duas equipas de limpeza ou, em circunstâncias especiais, a seção pode ser constituída como uma única seção de combate. A força de assalto pode ser dividida em duas equipas de limpeza com um elemento brecha, designado a partir de uma ou duas equipas. Quando o elemento brecha e uma equipa de limpeza, se desloca para uma posição no ponto de entrada, a equipa de limpeza sobranete garante o apoio adicional. A partir do momento que a equipa de brecha rompe o edifício, a equipa de limpeza entra e assegura a base.

**NOTA:** As técnicas de limpeza são executadas, por uma equipa de quatro elementos. Isto não significa que os quatro elementos tenham de entrar num compartimento para executar a sua limpeza. Por causa dos espaços confinados típicos dos edifícios, unidades mais numerosas que as esquadras tornam-se apertadas e pouco maneáveis. Quando o efetivo é reduzido, equipas de dois ou três homens podem conduzir operações de limpeza de compartimentos, mas quatro homens é considerado o ideal para esta tarefa. Usar menos pessoal aumenta o desgaste e os riscos para a equipa. Para a limpeza de edifícios com compartimentos amplos, como hangares ou armazéns, pode ser necessário o uso de duas secções simultaneamente, empregando lanços, para limpar com eficiência a estrutura na totalidade e garantir a sua segurança.

**b. Elemento de apoio**

O elemento de apoio garante apoio ao elemento de assalto. A sua finalidade é garantir fogos supressivos imediatos, (para evitar que o inimigo se aproxime do elemento de assalto) e garantir o isolamento do edifício. O elemento de apoio, ao nível do pelotão, pode consistir nas VBR ou em pessoal não designado como parte dos elementos de assalto. O apoio deve:

- Suprimir sistemas de armas inimigas e cegar a observação inimiga dos edifícios objetivo e estruturas adjacentes;
- Isolar o (s) edifício (s) objetivo, com fogos diretos para prevenir retiradas, reforços ou contra-ataques inimigos;
- Cegar o inimigo entre os obstáculos nos itinerários e o ponto de entrada no objetivo, durante operações de abertura de brecha;
- Destruir ou suprimir posições inimigas com fogos diretos;
- Destruir viaturas inimigas com armas anticarro;
- Assegurar zonas limpas no objetivo;
- Garantir o reabastecimento de munições e meios pirotécnicos;
- Transportar equipamento específico, que o elemento de assalto não consiga transportar para assalto inicial;
- Evacuar baixas, prisioneiros e civis.

**NOTA:** O sargento de pelotão deve estar preparado para evacuar rapidamente da área de objetivo, para o local de reunião de feridos. O uso de ambulância pode ser impedido pelos obstáculos nas ruas, barricadas, e demolições. Por isso as equipas de socorro podem ser usadas com frequência.

**c. Elemento brecha**

A finalidade do elemento de brecha é limpar e marcar passagens através de obstáculos durante o movimento e garantir ao elemento de assalto o acesso ao objetivo. O comandante de pelotão organiza a força para assegurar que o elemento de brecha está identificado. Uma técnica é escolher uma parelha do elemento de assalto como elemento de brecha. A brecha pode ser conduzida com a ajuda de um elemento de engenharia ou um membro do pelotão que teve treino adicional em técnicas de abertura de brechas.

**0606. Movimento tático**

Em áreas urbanas, as secções e pelotões usam as técnicas de progressão para controlar o seu movimento assim como formações modificadas (linha ou coluna) para se deslocar. Os comandantes devem estar conscientes do espectro tridimensional das áreas urbanas, em ruas, edifícios, esgotos e espaço aéreo (Figura 6-8). As secções e pelotões são extremamente vulneráveis ao fogo de *sniper* “atiradores especiais” pelo que devem ser utilizadas e treinadas técnicas contra sniper, para prevenir baixas. Os comandantes de secções e pelotão devem deslocar os seus elementos de maneira a prevenir que toda a força, seja empenhada decisivamente de uma só vez. Pode obrigar ao uso de corredores de mobilidade ao longo dos eixos de progressão, mas não deve negar o apoio mútuo contínuo entre secções, esquadras ou equipas.

**NOTA:** Os comandantes de secção devem designar uma equipa de apoio para apoiar os lanços dos restantes elementos, cobrir os flancos e retaguarda da secção, enquanto se move ao longo de um eixo de progressão.

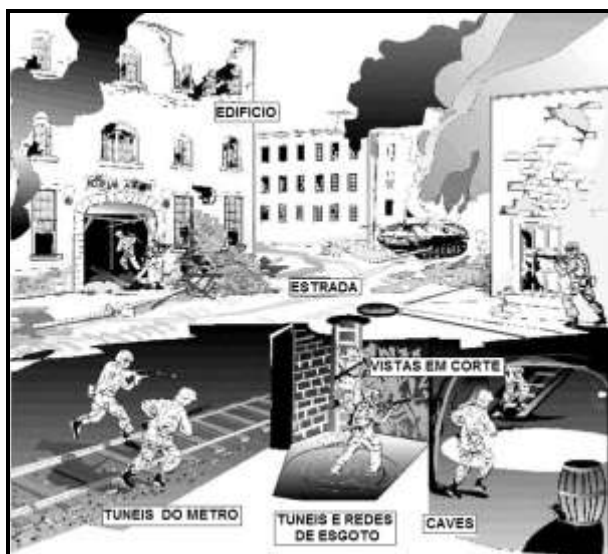


Figura 6-8 - Espectro tridimensional das áreas urbanas

- a. No combate entre ruas e casa a casa, as VBR deslocam-se ao longo das ruas protegidas pela força a pé, que limpa a área das armas anticarro inimigas. As

VBR e VBR Canhão apoiam os elementos apeados com as suas MP e com o canhão 30mm (Figura 6-9). As VBR e VBR Canhão podem também garantir cortinas de fumos, com os potes de fumos.

**b.** As forças de assalto minimizam os efeitos das defesas inimigas:

- Utilizando itinerários cobertos e abrigados;
- Deslocando-se apenas, depois de o fogo inimigo ser suprimido ou a observação ser negada;
- Movendo-se durante a noite ou em períodos de visibilidade reduzida;
- Selecionando itinerários que não impeçam o uso de fogos de supressão amigos
- Utilização de áreas abertas, atravessando-as rapidamente, sobre a proteção de fumos e fogos de supressão, garantidos pelo elemento de apoio;
- Movendo-se nos telhados não batidos por fogos inimigos.

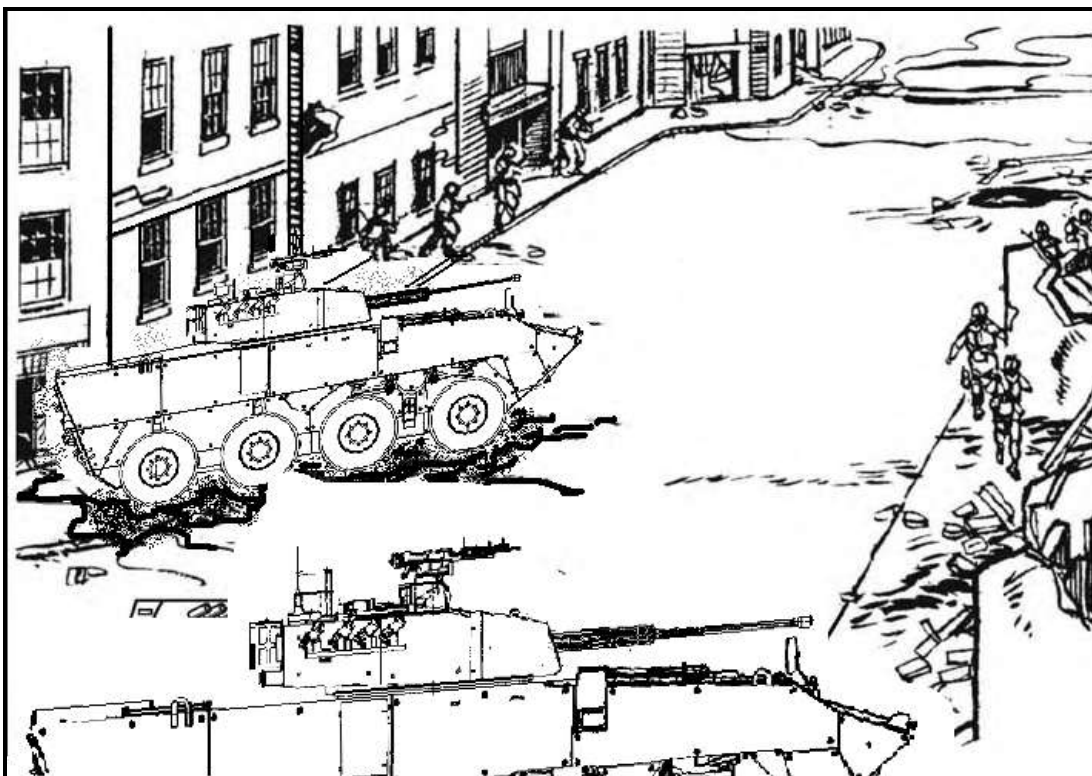


Figura 6-9 - VBR garantindo cobertura às secções de atiradores

- c.** Em áreas ligeiramente defendidas, o tipo de operações pode ditar o movimento ao longo das ruas, sem ser necessária a limpeza de todos os edifícios.
- d.** Para evitar a exposição nas ruas ou para garantir o apoio mútuo, as secções de atiradores, devem mover-se entre edifícios, sempre que possível.
- e.** O pelotão desloca-se ao longo das ruas e becos com duas secções, apoiados nos lanços por uma secção, com as VBR do outro lado da rua. As secções devem deslocar-se por lanços rápidos, para identificar e eliminar qualquer ameaça anticarro.

**NOTA:** Quando forem empregues viaturas blindadas, com forças apeadas os comandantes devem ter em atenção os efeitos das explosões e estilhaços e como isso irá afetar o pessoal apeado.

#### **0607. Isolar o objetivo ou edifício**

O pelotão deve isolar o objetivo, de maneira a evitar reforços ou contra-ataques e suprimir ou capturar forças inimigas na sua passagem. No planeamento da tarefa isolar o objetivo os comandantes devem considerar o espectro tridimensional e o isolamento do subsolo (frente, flancos, retaguarda, pisos superiores e telhados). Eles devem empregar todas as armas de fogo direto e indireto, incluindo helicópteros de ataque e CAS, de acordo com as ROE. Isolar o objetivo é o ponto-chave para facilitar o assalto e prevenir baixas. O pelotão pode efetuar esta missão como elemento de apoio numa operação de companhia ou ser-lhe atribuída a missão e ele constituir um elemento de apoio, para executar o ataque. Em certas situações, o pelotão pode isolar o objetivo ou a área para elementos de operações especiais. Quando possível, o pelotão deve isolar o objetivo, usando movimentos camuflados e rápidos para surpreender o inimigo. Dependendo da situação tática, os pelotões de infantaria podem usar uma infiltração para isolar um objetivo.

##### **a. Sniper ou atirador especial**

Algumas situações requerem fogo preciso de atiradores especiais para garantir o isolamento de área-chave. Aplicando convenientemente as equipas sniper, podem providenciar fogo letal e simultaneamente minimizar danos colaterais e baixas civis.

##### **b. Garantir o terreno**

Isolar um objetivo envolve o controlo do terreno que domina a área, de maneira a que o inimigo não possa reabastecer, reforçar, ou atacar os seus defensores. Também inclui o terreno que se usado garanta a possibilidade de colocar fogos de supressão no objetivo. Além de se isolar o objetivo também a velocidade é importante para que o defensor não tenha tempo de reagir.

#### **0608. Assaltar o edifício**

- a.** O elemento de assalto, dependendo do tamanho, deve rápida e violentamente executar o assalto e a subsequente consequente operação de limpeza. Assim que o ímpeto for ganho, deve ser mantido para negar ao inimigo, o tempo para se organizar numa resistência mais forte em outros pisos ou em outros compartimentos. Os comandantes de pequenas unidades, são responsáveis por manter o ímpeto durante o assalto, mas sem permitir que a operação se torne desorganizada. Os obstáculos

podem atrasar ou parar o movimento, mas os comandantes devem manter o ímpeto, criando rapidamente uma brecha no obstáculo ou contornando-o.

**b. Aproximações**

Todos os itinerários para o local de abertura da brecha e ponto de entrada são planeados antecipadamente. O melhor itinerário é confirmado e selecionado durante o reconhecimento de comandantes. O itinerário deve permitir ao elemento de assalto uma aproximação à brecha (ponto de entrada), no ponto cego, se possível, isto é, fora das vistas e dos fogos do IN.

**c. Ordem de marcha**

A ordem de marcha para as equipas de assalto ao ponto de entrada, é determinado pelo método de abertura de brecha e a sua intenção de ação na brecha (ponto de entrada). Esta preparação deve ser feita prioritariamente até à última localização coberta e abrigada antes de atingir a brecha (ponto de entrada). Estabelecer uma ordem de marcha, garante aos comandantes de secção o comando e controlo, e minimiza o tempo de exposição em áreas abertas e no ponto de entrada. Uma técnica de ordem de marcha é a de numerar a equipa de assalto em um, dois, três e quatro. O homem número um deve ser sempre responsável pela frente e, ou segurança da porta. Se a brecha foi conduzida antecipadamente por outra equipa, a equipa de assalto desloca-se, passando rapidamente pelo ponto de entrada. Se a brecha não foi feita prioritariamente por outros elementos, e dependendo do tipo de brecha a ser feita, o comandante de secção conduz a sua abertura ou nomeia um homem brecha que vai mais à frente para a executar. Uma opção é nomear um comandante de esquadra como o homem-brecha. Se o homem brecha fizer parte da equipa de assalto, normalmente ele será o último dos quatro homens a entrar no edifício ou compartimento. Isto permitirá transitar da sua ação de executar brechas para o papel de combatente.

**d. Conduzir uma brecha**

A força pode ter de combater para chegar ao ponto de entrada. Por isso, a utilização de fogo e movimento, será sempre necessária ao longo do percurso, até ao ponto de entrada na brecha. Para iniciar a ação violenta para entrar no edifício, devem ser feitos disparos para as janelas e portas ou atirar granadas (defensivas, ofensivas, de “ruídos” ou *“flash”*), para o compartimento a ser limpo, se a ROE o permitir (enquanto que granadas ofensivas e defensivas são eficientes a causar danos em armas, as granadas de ruídos ou *flash* podem ser usadas como atordoamento para que as equipas de limpeza ganhem um ou dois segundos extra e alcancem o domínio do compartimento, ao entrar pela brecha). O resto da secção ou pelotão garantem o apoio de segurança (esquerda, direita, cima e baixo), do elemento de assalto.

Lembrar sempre que o combate é em três dimensões e em 360°. Deve-se evitar entrar no compartimento para o limpar, através de janelas e portas, pois estas estão normalmente cobertas por fogos diretos ou estão armadilhadas (no entanto podem exigir usá-las para conquistar a entrada). Se as portas e janelas não forem usadas como entrada, o elemento de assalto deve-se manter orientado para estas áreas de perigo, assim que se aproxima do local de brecha. Pode ser necessário criar uma cobertura ou negar a visão ao inimigo com granadas de fumo, mas deve-se lembrar para não cegar o fogo do elemento de apoio ou obscurecer o ponto de entrada na brecha, de observação ou fogo amigo. Se possível, a brecha é conduzida de maneira a permitir ao elemento de assalto, continuar a movimentar-se sem ter que esperar no ponto de entrada. A decepção deve ser usada para confundir o inimigo da localização do ponto de entrada. Isto pode ser alcançado com o uso de granadas de fragmentação ou ruídos numa área que não seja a do atual ponto de entrada da brecha.

**e. Métodos de abertura de brecha**

Os três métodos discutidos são o explosivo, balístico e mecânico.

**(1) Brecha por explosão**

Este método de brecha requer, o uso de um composto explosivo pré-preparado (Cruzeta), com o TNT ou PETN, posto diretamente no alvo.

**(a) Paredes exteriores**

Uma das difíceis operações de brecha para uma equipa de assalto, é executar uma brecha em paredes de betão reforçadas. O PETN é normalmente usado como explosivo para brecha, porque é seguro, fácil de usar e facilmente disponível. Normalmente se forem necessárias operações de brecha são atribuídos os elementos de engenharia. Estes procederam à abertura da brecha e garantem apoio aos homens de infantaria envolvidos. Quando são usados explosivos para abrir uma janela ou porta, a explosão deve eliminar as armadilhas em seu redor.

**(b) Colocação da carga**

Colocar as cargas diretamente contra a superfície onde vai ser executada a brecha. Quando se prevê fogo inimigo na aproximação da parede, a técnica pode ser a de colocar o explosivo na base do local, atirando-o ou empurrando-o. As armas de fogo ligeiras não detonarão o PETN ou TNT. Deve-se procurar abrigo antes de detonar a carga.

**(c) Atacar a carga**

Quando possível os explosivos devem ser atacados ou rodeados com matéria para dirigir a carga, aumentando a sua eficiência. Podem ser usados

sacos de areia, borracha, mesas, cadeiras, etc. Em muitas paredes exteriores, pode ser impossível atacar a carga, devido ao fogo inimigo, apesar de que uma carga que não seja atacada, pode necessitar de aproximadamente o dobro do explosivo para criar o mesmo efeito.

(d) Segundas cargas

As cargas de brecha não cortam o metal a reforçar os alvos de betão. Se as ROE o permitirem, devem ser atiradas granadas de mão pela abertura, para limpar a área inimiga. A partir do momento que uma área for limpa, os reforços de metal podem ser removidos por explosivos especiais de corte para metal, ou através de meios mecânicos.

(2) Brecha balística

Este método requer o uso de armas para disparar um projétil, abrindo assim o ponto de entrada (Figura 6-10).

Para paredes exteriores, o uso de peças de artilharia a executar fogo direto é o ideal, se a estrutura o suportar e se as ROE o permitirem. Os obuses são peças eficientes em aberturas de brecha, quando usam munições HE. A arma principal dos carros de combate é eficiente quando utilizam munições HE. As munições zagalote do HK-79 são perfeitas para abrir portas e janelas, enquanto as armas ligeiras 7,62mm provaram não ser eficientes na abertura de brechas. Não devem ser usadas, excepto em último recurso devido à possibilidade de ricochete e passagem da munição para outro compartimento. As brechas balísticas em paredes, com uso de caçadeiras ou zagalote, que são normalmente meios alternativos, para abrir uma entrada.

Pode não nos conferir surpresa, velocidade e violência necessárias, para minimizar as perdas amigas no ponto de entrada. Em certas situações, pode ser necessário o uso de meios balísticos como apoio a outros métodos de entrada. Uma falha de detonação da carga ou no compromisso de um elemento de assalto na aproximação do alvo poder necessitar do uso de uma brecha balística, como meio inicial para entrar numa estrutura. As brechas balísticas necessitam que se use uma granada defensiva ou ofensiva antes de entrar.

**NOTA:** A fragmentação e os efeitos ricochete das armas ligeiras (7,62mm) em ações de brecha, são imprevisíveis e consideradas extremamente perigosas. Não tentar a sua execução em treinos.



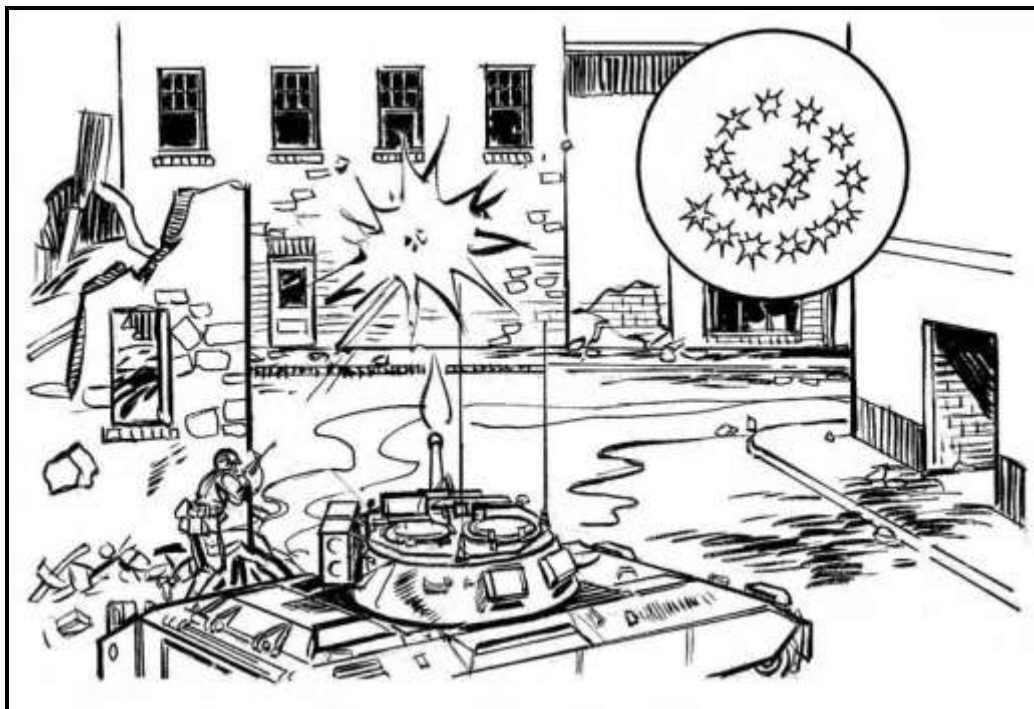


Figura 6-10 - Padrão de fogo em espiral

A partir do momento que a entrada é conseguida, a brecha balística executada pelas caçadeiras, pode tornar-se o método primário para ganhar acesso aos compartimentos subsequentes nos edifícios. A surpresa é perdida na entrada inicial. Outros métodos de entrada são geralmente lentos e tem tendência para diminuir o ritmo da equipa de assalto. Se a porta tiver de ser usada como entrada, podem ser usadas várias técnicas para abrir uma porta. As portas devem ser consideradas fatais, pois são normalmente cobertas pelo fogo e podendo estar armadilhadas.

(3) Brecha mecânica

Este método requer uma boa capacidade física de um ou mais soldados usando ferramentas manuais, tais como machados, tacos, pés de cabra ou marretas. A brecha mecânica não é o método ideal porque pode consumir muito tempo, perdendo-se o elemento surpresa. No entanto, a situação e as ROE podem exigir o uso destas ferramentas e os soldados devem ser proficientes no seu uso.

f. Localização da brecha

O sucesso do elemento de assalto depende, normalmente, da velocidade que eles ganham na entrada do edifício. É importante que o local de brecha garanta ao elemento de assalto acessos cobertos e abrigados, entradas fluidas e a possibilidade de ser batida pelos elementos de apoio.

(1) Seteiras

“As seteiras” garantem um meio seguro para se deslocar entre compartimentos e andares. Os explosivos podem ser usados para criar estes acessos, quando os meios de brecha mecânicos não funcionarem. Por causa da transportabilidade e manuseamento dos explosivos, o seu emprego é ideal, na abertura de seteiras. Se for necessário aumentar o seu tamanho, os meios mecânicos podem ser utilizados para essa função.

(2) Métodos de brecha expeditos

Devido às paredes internas da maior parte dos edifícios funcionar como meio de divisão de compartimentos e podem ser usadas cargas explosivas pequenas podem ser utilizadas nestas. Quando não existirem explosivos podem ser usadas uma ou mais granadas para abrir brechas em paredes internas. Estes dispositivos de brechas expeditos devem ser atacados, para aumentar a sua eficiência e para reduzir o efeito do explosivo para a retaguarda. Deve ser tomado cuidado adicional, quando se executa este tipo de brecha, pois os estilhaços podem penetrar pelas paredes e causar baixas amigas. Se as paredes forem feitas de estuque, as brechas mecânicas podem ser mais eficientes.

(3) Carga para abertura de portas

As cargas pequenas podem ser usadas para abrir portas interiores e exteriores. Estas cargas dão ao elemento de brecha uma significativa vantagem, pois permitem poupar tempo, são simples, compactas, leves e facilmente empregues.

(4) Janelas e entradas restritas

Dependendo da técnica usada para criar uma entrada, se a localização da brecha restringir o movimento fundamental para um compartimento ou edifício, deve ser feito apoio imediato e local, até que a equipa de assalto o possa garantir. Por exemplo, quando um atirador entra num compartimento através de uma janela, ele pode não se encontrar em posição para enfrentar o inimigo. Por isso, deve utilizar-se outra janela que tenha acesso ao mesmo compartimento usada para apoiar esse movimento. Esse elemento pode vir da equipa inicial de limpeza ou da equipa designada para entrar pela brecha.

**g. Segurança**

Devido à dimensão tridimensional associada ao terreno urbano, o elemento de assalto deve manter uma segurança em 360º durante o movimento pela brecha (ponto de entrada). Se o elemento de assalto tiver de parar no momento fulcral de entrada, para o elemento de brecha completar a sua tarefa, o elemento de apoio tem de manter o fogo de supressão para proteger o elemento de assalto.

**h. Localizações de assalto**

O assalto pode começar por baixo ou no topo de um edifício.

**(1) Entrada pelo topo**

Entrar pelo topo e fazer a limpeza a descer, é o método adequado e preferível para limpar um edifício. Este método, só é perfeito, quando o pelotão consegue ganhar acesso ao piso superior ou telhado por uma escada, por uma janela, através dos telhados de edifícios seguros ou por helicóptero, se as defesas aéreas inimigas forem eliminadas. Os telhados são áreas perigosas, quando os edifícios à sua volta são mais altos, e as forças possam ficar expostas a fogos de outros edifícios. Os helicópteros devem aterrar apenas naqueles edifícios que tem heliportos no telhado ou em parques de estacionamento, mas os soldados podem executar rapel ou corda rápida para o telhado ou saltar a partir dos patins dos helicópteros, próximo do solo. A equipa de seguida pode executar uma brecha no telhado ou paredes. Podem utilizar cordas ou outros meios para entrar nos andares de baixo através de buracos criados. O uso de escadas no assalto a pisos superiores deve ser um último recurso.

**(2) Entrada por baixo**

Entrar pelo piso inferior é comum e pode ser a única opção disponível. Quando a entrada se faz pelo piso inferior, criar uma brecha na parede é o método mais utilizado, porque as portas e janelas podem estar armadilhadas e cobertas pelo fogo a partir de dentro. Se o elemento de assalto tiver de entrar por uma porta ou janela, deve entrar por uma posição na retaguarda ou flancos.

**(3) Fogos de supressão durante o assalto**

A força de apoio garante fogos de supressão, enquanto a força de assalto sistematicamente limpa o edifício. Também garante fogos de supressão em edifícios adjacentes para prevenir os reforços inimigos ou seu envolvimento. Os fogos de supressão podem consistir em disparar contra uma localização suspeita ou conhecida ou, dependendo das ROE, pode incluir apenas disparar contra alvos identificados e responder ao fogo quando disparam sobre eles. A força de apoio elimina e captura qualquer elemento inimigo que retire do edifício. A força de apoio também tem de lidar com civis envolvidos no assalto.

**(4) Limpeza de compartimentos**










O comandante de pelotão deve assegurar que a equipa de limpeza transporta equipamento suficiente para marcação e identificação da limpeza de compartimentos de acordo com as suas NEP's ou previamente planeadas (Figura 6-11). As marcações devem ser visíveis para unidades amigas mesmo quando a operação ocorre em zonas de visibilidade reduzida. As forças de apoio

devem saber que marcas usar e assegurar que os fogos de supressão não são feitos contra compartimentos e pisos já limpos. É imperativo manter um constante conhecimento da localização da equipa de assalto e quais os compartimentos e pisos já limpos, pois é um fator fundamental para o comando e controlo do comandante de pelotão.

**NOTA:** Os militares devem considerar o uso de aparelhos e técnicas que permitam acesso aos pisos superiores sem o uso das escadas interiores.

**MARCAÇÕES DIURNAS PARA EXTERIOR (NEP) NATO**

**Quadrados de  
30 cm X 30 cm**

	VERMELHO, PONTO DE ENTRADA	<p>À medida que se avança dentro dos edifícios deve marcar com fita balizadora na parte de fora de cada janela. Isto irá ajudar na prevenção do fratricídio e irá permitir ao apoio de fogos dos elementos de manobra.</p>
	AMARELO, AJUDA MÉDICA	
	VERDE, EDIFICIO LIMPO	
	AZUL, ARMADILHA	
	PONTO DE ENTRADA	<p>Todas as marcas interiores podem ser feitas por marcadores, giz, <i>sticks</i> ou outro tipo de marcador. O único critério nas marcações é que devem ser semi permanentes e difíceis de alterar. As marcações devem ser escritas na parte superior esquerda das portas. Se não for possível, devem ser colocados em qualquer sítio visível por alguém que passe pela entrada.</p>
	COMPARTIMENTO LIMPO	
	PG	
	AJUDA MÉDICA	
	ARMADILHA	

**AS MARCAÇÕES DURANTE A NOITE SÃO FEITAS POR DUAS  
CHEMLIGHTES NO EXTERIOR DAS JANELAS OU PORTAS**

Figura 6-11 - Exemplo de marcações

i. Elemento de apoio

O elemento de apoio isola o edifício com fogos diretos e indiretos, para apoiar o movimento dos elementos de assalto para o ponto de entrada. O elemento de apoio

cobre eixos de progressão de viaturas com as armas anticarro e cobre eixos de progressão de infantaria apeada com as ML. Suprimem o fogo inimigo e neutralizam as posições inimigas no edifício objetivo e adjacentes, enquanto a equipa de assalto e brecha se movem para a sua posição. O elemento de apoio elimina qualquer tentativa de o inimigo de retirar do edifício. A localização de unidades adjacentes deve ser considerada na colocação de fogos de apoio.

- (1) O elemento de apoio usa fumos para mascarar o movimento do elemento brecha ou assalto no edifício. Se possível, o mascaramento por fumos deve ser mantido até o elemento de assalto ter entrado no edifício.
- (2) Dependendo das ROE, antes da manobra do elemento de assalto, o elemento de apoio aumenta a intensidade dos fogos de supressão no objetivo e continua até à entrada em posição, pelo elemento de assalto avançado (Figura 6-12). Quando controlado, o elemento de apoio, faz o transporte de fogos para a janela de cima ou baixo e continua até o elemento de assalto ter entrado no edifício.
- (3) Se as ROE forem muito restritivas, o uso de fogos de apoio podem se restringir apenas a locais onde o inimigo se encontre e esteja em linha de vista.
- (4) O elemento de apoio tem também de lidar com a presença de civis durante o assalto, PG`s e baixas.

**j. Técnica de controlo na direção do assalto**

Nesta técnica, são atribuídos números aos edifícios num padrão lógico relacionado com a direção do assalto. O exemplo da (figura 6-12) demonstra que os edifícios estão numerados consequentemente, no sentido contra-relógio. Além disso nos lados dos edifícios, vão sendo colocados códigos de cores ao longo da área do objetivo (BRANCO – lado da direção de assalto; VERDE – Lado direito; PRETO – Retaguarda; VERMELHO – Lado esquerdo; AZUL – telhado). É também mostrado um edifício tipo. Notar que o conceito dos “quatro lados” está colocado para não causar confusão. As designações BRANCO 1, BRANCO 2, BRANCO 3, por esta sequência da esquerda para a direita, podem ser atribuídas a paredes específicas para serem controladas. A compartimentação dos edifícios é também dividida usando linhas e colunas, para as identificar, como se pode observar no exemplo: “OBJ 4, BRANCO, janela A1” refere-se à janela da esquerda em baixo, a partir da direção de assalto, ao objetivo 4. Todas as designações estão atribuídas em relação à direção de assalto.

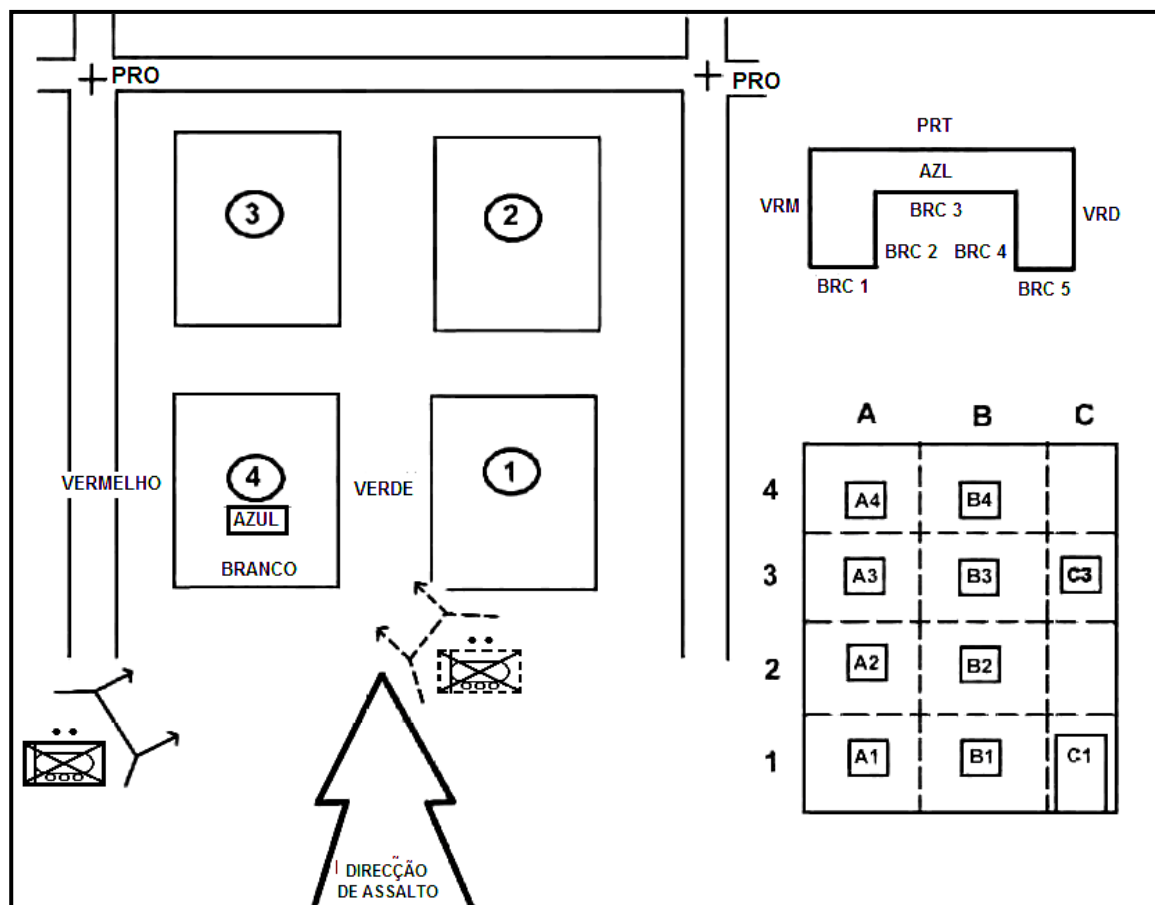


Figura 6-12 - Técnica de controlo na direcção de assalto

### 0609. Entrar e limpar um edifício

Uma grande parte do combate em áreas urbanas ocorre em combates próximos, normalmente entre grupos pequenos de combatentes, confinados a espaços pequenos. O sucesso ou derrota é normalmente determinado pelas ações tomadas instintivamente pelos soldados, individualmente e secções, quando encontram situações complexas. Um dos problemas normalmente encontrados é a mistura de combatentes com não-combatentes no mesmo edifício ou no mesmo compartimento.

#### a. Princípios

Os princípios de combate preciso são: A surpresa, velocidade e violência na ação controlada. Estes princípios não mudam quando empregues as NEP's. Os três princípios de combate preciso estão relacionados entre si. A surpresa é consequência do aumento da velocidade e da violência controlada.

##### (1) Surpresa

A surpresa é um dos elementos necessário para o sucesso no assalto a curto alcance. A equipa de assalto alcança a surpresa, atacando num momento e localização não esperado pelo defensor. As granadas de mão, de qualquer efeito são usadas para alcançar a surpresa. Estas técnicas são mais eficazes contra

um inimigo não preparado e distraído. Uma brecha explosiva ou balística, também garante o elemento de surpresa, confundindo os ocupantes num compartimento.

(2) Velocidade

A velocidade garante segurança para a unidade que efetua a limpeza. A velocidade garante aos militares o ganho de segundos iniciais, e obtendo a surpresa como vantagem. Em combate urbano a velocidade não significa aceleração inconsciente. Deve ser descrita como uma “cautelosa velocidade”.

(3) Violência na ação controlada

A violência na ação de maneira controlada elimina ou neutraliza o inimigo e diminui as suas hipóteses de causar baixas amigas. Esta violência não é limitada à aplicação do poder de fogo. Envolve também um militar altamente motivado e a sua capacidade de dominar e controlar a situação em combate.

**b. Fundamentos das operações de limpeza**

Os fundamentos das operações de limpeza são as ações dos militares, tomadas quando se movem em corredores confinados para os compartimentos a serem limpos, enquanto se preparam para entrar no compartimento durante a entrada e alvo adquirido e depois do contacto. Os membros da equipa devem:

- Mover-se taticamente, assegurando os corredores para o compartimento a ser limpo. Para prevenir a fadiga, barulho e interferências enquanto se movem, os membros da equipa de assalto, devem minimizar o equipamento a transportar;
- Se possível, aproximar-se indetetável até à entrada do compartimento, e na ordem correta de entrada, preparando-se para entrar a um único comando ou sinal;
- A garantia de segurança é mantida fora dos compartimentos, para proteger a equipa de assalto dentro destes;
- Entrar rapidamente e dominar o compartimento. Deslocar-se rapidamente para posições que garantam controlo completo do compartimento e permita fazer fogo;
- Eliminar todos os inimigos do compartimento com rapidez, controlo e fogo preciso;
- Ganhar e manter controlo imediato da situação e de todo o pessoal no compartimento;
- Confirmar se as baixas inimigas estão feridas ou mortas. Procurar todas as baixas inimigas, desarmando-as e controlando os feridos;
- Os militares podem fazer uso de braçadeiras elétricas para controlar detenções civis ou elementos inimigos capturados;
- Executar imediatamente uma revista sumária ao compartimento e determinar se a revista detalhada é necessária;

- Evacuar todos os feridos o mais rápido possível. As baixas amigas devem ser evacuadas assim que estiverem fora do alcance de fogos inimigos;
- Evacuar qualquer morte amiga;
- Marcar o compartimento como limpo de acordo com as NEP`s, usando marcações identificáveis e simples (Figura 6-12). Algumas marcações comuns podem incluir tintas de spray, fitas adesivas refletoras, *chemlights* e painéis de marcação da NATO. As marcações podem ser colocadas no exterior de pisos já limpos, em edifícios altos, para mostrar às forças amigas o progresso das operações de limpeza;
- Fazer um SITREP de acordo com as NEP`s, quando o edifício estiver limpo;
- Manter a segurança em todas as alturas e estar preparado para reagir ao contacto inimigo a qualquer momento. A prioridade deve ser dada à direção de ataque, mas a segurança da retaguarda não deve ser negligenciada;
- Fazer rotação das equipas de limpeza para manter o ímpeto do ataque.

**c. Técnicas de limpeza**

As técnicas de movimento, técnicas de tiro, posição das armas e reflexos de tiro, são fundamentais no combate urbano. Empregando estas técnicas, garante-se um meio efetivo de alcançar o sucesso, minimizar as baixas de não combatentes e poupando munições. Cada membro da unidade deve entender os princípios de combate de precisão e saber que faz parte da sua execução com sucesso.

- (1) Podem ser necessárias técnicas especiais de limpeza, no caso da existência de regras restritas ROE. A situação inimiga pode obrigar a que as unidades limpem edifícios selecionados metodicamente para cumprir a sua missão, em vez do uso de poder de fogo para suprimir e neutralizar todos os edifícios na área de objetivo. As razões para o uso restrito das ROE incluem o seguinte:
  - Usar fogos de apoio pesados e demolições podem causar danos colaterais inaceitáveis;
  - Combatentes inimigos estão tão misturados com não combatentes e que as ROE proíbem o uso de todo o poder de fogo disponível, na limpeza de compartimento para compartimento;
  - A possibilidade de fratricídio requer ROE`s restritas.
- (2) Numa situação onde as ROE favorecem o poder de fogo, as unidades devem empregar fogos diretos e indiretos, demolições e granadas necessárias para ajudar na limpeza de um objetivo defendido, por uma força em alerta e determinada, sem não combatentes.



**NOTA:** Para prevenir a possibilidade de fratricídio ou baixas amigas, os comandantes devem considerar o uso de granadas de som, *flash* ou gás, em vez das ofensivas ou defensivas.

#### **0610.Consolidação e reorganização**

As secções e pelotão conduzirão a consolidação e reorganização imediatamente, depois de cada ação, em que os militares foram empenhados e as munições gastas. A consolidação, é a ação tomada pelas secções e pelotão para garantir a sua segurança, para reagir a um contra-ataque pelo inimigo, para se preparar para continuar a missão. A Consolidação num ambiente urbano deve ser rápida, de maneira a repelir contra-ataques inimigos e para prevenir a infiltração do inimigo em edifícios e compartimentos já limpos. Depois de assegurar um piso (inferior, intermédio ou superior), membros designados do pelotão, cobrem os potenciais itinerários de contra-ataque para o edifício. A prioridade deve ser dada inicialmente à segurança da direção de ataque. Elementos de segurança alertam a unidade e garantem um volume de fogos sobre as forças inimigas, que se vão aproximando da unidade. A reorganização ocorre depois da consolidação. Estas ações preparam a unidade para continuar a missão, assegurando que a cadeia de comando está reposta e os sistemas de armas mais importantes estão colocadas e organizados. Ocorrem muitas reorganizações simultaneamente durante a consolidação do objetivo.

##### **a. Ações de consolidação**

As secções assumem posições defensivas sumárias para segurança imediata, depois do objetivo estar controlado e limpo. As secções que executam missões como elementos de assalto, devem estar preparadas para assumir uma troca de missão e passar a apoiar um outro elemento de assalto. As unidades devem cobrir todos os eixos de aproximação que tem acesso à sua área. Isto pode incluir:

- “Seteiras” entre edifícios adjacentes;
- Itinerários cobertos para o edifício;
- Itinerário no subsolo para as caves;
- Aproximações possíveis por telhados próximos.

##### **b. Ações de reorganização**

Depois da consolidação, os comandantes asseguram:

- Reabastecer e redistribuir munições;
- Identificar os edifícios, para indicar às forças amigas que já se encontra limpo;
- Tratar e evacuar pessoal ferido. Assim que o objetivo estiver seguro, começar a evacuar os não combatentes e depois os feridos inimigos;
- Tratar e processar PG`s;
- Separar e salvaguardar os não combatentes;

- Restabelecer a cadeia de comando.

#### **0611.Continuação do assalto**

Se a unidade tiver de continuar com a missão original para se encontrar preparado/à ordem para uma missão ou receber uma nova missão, devem-se verificar as seguintes condições:

- O ímpeto deve ser mantido sendo um fator crítico em operações de limpeza. Ao inimigo não pode ser permitido que se mova para a próxima posição preparada ou outras novas posições;
- Os elementos de apoio enviam reforços, munições e reabastecimentos para os elementos de assalto;
- A segurança de áreas limpas deve estar estabelecida na ordem de operações ou ordens parcelares;
- O elemento de apoio deve apoiar na frente, para assegurar que se encontra no local, e garantir ao elemento de assalto o isolamento do novo objetivo.

### **SECÇÃO III – DEFESA**

Nas áreas urbanas, os edifícios proporcionam cobertura e dissimulação mas limitam os campos de observação e de fogo, e bloqueiam o movimento das forças, especialmente forças motorizadas. Esta secção aborda as considerações do planeamento, seleção de armas, preparação e a construção da posição defensiva do pelotão num terreno urbanizado.

#### **0612.Planeamento da defesa**

O planeamento da defesa começa quando o comandante recebe uma missão de defender, tal como na consolidação e a reorganização depois do assalto. O comandante deve usar sabiamente o terreno e designar um ponto de esforço principal. Ele escolhe posições defensivas para que a força inimiga faça ataques dispendiosos ou manobras demoradas para evitá-los. Na defesa, assim como na ofensiva, a surpresa deve ser garantida. Os comandantes de pelotão nos seus procedimentos de comando devem considerar quanto aos civis, regras de empenhamento, danos colaterais limitados e a coordenação com as unidades adjacentes para eliminar a probabilidade de fratricídio. A manobra, métodos e o curso da ação no estabelecimento de posições defensivas e em torno de terrenos urbanizados deverão ser resultado de uma análise exaustiva do MITM-TC.

- a. A secção e o pelotão focam-se na defesa de uma área urbana e a posse do terreno. Como na maioria dos cenários defensivos, a secção e o pelotão irão defender como parte de uma companhia. Ao pelotão caberá um sector de defesa ou uma posição de combate para ocupar e o comandante de pelotão deve construir a sua defesa dentro do limite que lhe é atribuído. Numa área urbana, o defensor deve aproveitar a

abundante cobertura e dissimulação. Deve também considerar as restrições para o atacante e a capacidade de manobra e observação. Ao usar o terreno e combatendo numa posição bem preparada e mutuamente apoiada, a força de defesa pode canalizar, atrasar, bloquear, fixar ou infligir elevadas perdas numa força de atacante numericamente superior.

- b.** Uma das tarefas mais comum de defesa de um pelotão, que é a defesa de um ponto forte de um edifício, parte do edifício ou um conjunto de pequenos edifícios (Figura 6-13). A defesa do pelotão normalmente está integrada na missão da companhia. O comandante de pelotão organiza pontos fortes de defesa através do posicionamento do pessoal e dos seus sistemas de armas para maximizar as suas capacidades. Os apoios de fogos são incorporados no plano global de defesa para proporcionar profundidade para a área de empenhamento.
- (1) O comandante de pelotão organiza a defesa numa sucessão individual de posições de combate individuais de esquadra e secção localizadas para cobrir eixos de aproximação e obstáculos, fornecendo o apoio mútuo para repelir o avanço inimigo. Os *Sniper* devem ser posicionados para apoiar a intenção do comandante para permitir o alerta oportuno de IN e assim um eficiente comando e controlo, bem como a deteção de alvos remuneradores inimigos.



Figura 6-13 - Defesa de um ponto forte.

- (2) As VBR`s devem posicionar-se em locais cobertos e abrigados onde possam observar e fazer fogo para a zona de morte ou ocupar uma posição de espera até que o IN se revele e, de seguida, ocupar uma posição de tiro e suprimir o IN pelo fogo.
- (3) Dependendo da duração da missão, o pelotão deverá ter em atenção a dotação orgânica munições, comida e água, equipamento sanitário e armamento.

### **0613. Defesa imediata**

Apesar de operar numa área urbana, é possível que o pelotão de infantaria seja chamado para realizar uma missão de defesa imediata. Ao contrário da defesa deliberada, a defesa imediata é caracterizada pela falta de informações sobre as forças inimigas e pela falta de tempo para preparar a defesa. Todos os procedimentos de comando são os mesmos e muitas das prioridades de trabalho da defesa deliberada serão as mesmas, mas podem ser feitos simultaneamente. As unidades estão posição com VBR`s e armas chaves sendo as posições de combate preparadas de acordo com o tempo disponível da força.

#### **a. Ocupação e preparação das posições**

O tempo de preparação do pelotão irá depender do tempo disponível. Normalmente, quando na ocupação de posições de defesa imediata, o pelotão tira partido de cobertos e abrigos já existentes. Conforme os materiais, o pelotão irá continuar a fazer melhoramentos das posições.

- (1) Numa defesa imediata, o pelotão de segurança coloca as armas das secções. As prioridades dos melhoramentos podem ser dirigidas pela prioridade de trabalho contidas nas NEP`s da força. No mínimo, essas melhorias devem incluir os campos de tiro, cobertura superior, proteção contra fogos e camuflagem das posições individuais. As posições de combate nos edifícios são construídas afastadas do parapeito das janelas e de outras aberturas, nas sombras interiores do quarto usando aplicações, mobília e outros materiais existentes. Algumas das posições de combate imediatas mais comuns numa área urbana são os cantos dos edifícios, atrás das paredes, janelas, seteiras e em cima do telhado (Figura 6-14).

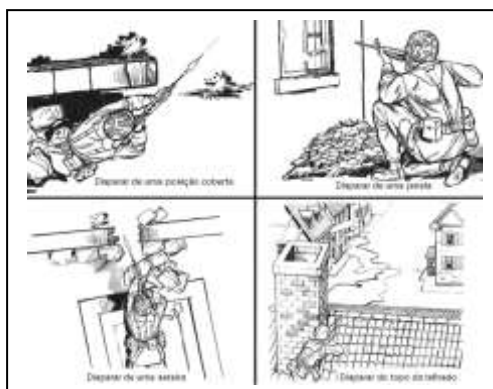


Figura 6-14 - Posições defensivas imediatas

- (2) Numa área urbana, as posições de combate imediatas para as VBRs podem-se colocar em qualquer posição desde que seja na sombra de um edifício (com uma boa cobertura ou dentro de uma estrutura sólida) (Figura 6-15). Ao posicionar as VBR's em áreas urbanas, os comandantes devem ter em conta os eixos de aproximação inimigos, montados e apeados, terreno dominante, observação e campos de tiros, fogos e explosivos improvisados, cobertos e abrigos, restrição de comunicações e itinerários de retirada.

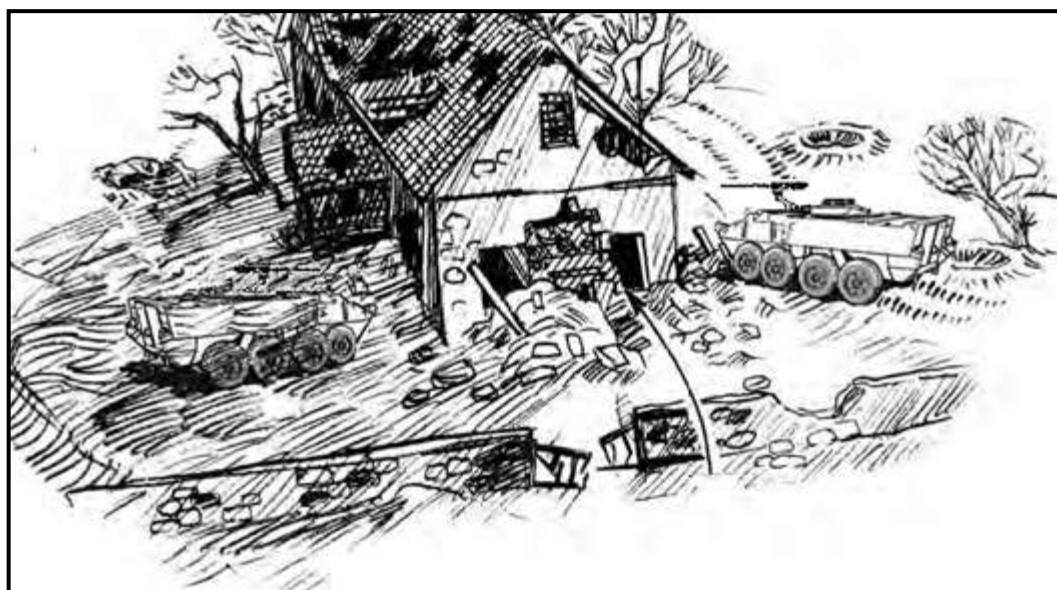


Figura 6-15 - Posições nas sombras dos edifícios e campo aberto

- (3) Durante a defesa, o pelotão continua a melhorar as posições de combate improvisadas. Ao longo do tempo, a defesa imediata pode tornar-se uma defesa deliberada. O comandante de pelotão e secções fazem ajustes contínuos na defesa para reduzir as deficiências que poderiam resultar na falha da defesa

global. A prioridade de trabalhos servirá de guia para melhorar a defesa e os comandantes irão supervisionar a realização das seguintes tarefas:

- Posicionamento as VBR`s e armas coletivas;
- Construção de barreiras e a colocação de obstáculos;
- Preparação de posições de combate individuais, alternativas e suplementares;
- Treino da força de contra-ataque, sequências de empenhamento e reposicionamento;
- Melhoramento de mobilidade.

**b. Melhoria da defesa**

Se o tempo permitir, os comandantes garantem a realização das seguintes melhorias:

- Cobertos e abrigos para as VBRs e armas importantes;
- Melhoramento de barreiras e obstáculos;
- Melhoramento das posições principais e alternativas;
- Elaboração de posições suplementares;
- Movimentos adicionais para apoio noutras ações;
- Início de patrulhas;
- Melhoria da camuflagem;
- Continuação de treinos para o contra-ataque e retirada;
- Plano de alerta repouso.

**0614. Prioridades de trabalhos**

As condições gerais da defesa em terreno urbano são semelhantes a quaisquer outras operações defensivas. As posições de combate em áreas urbanas são geralmente construídas no interior dos edifícios e são seleccionados com base numa análise da área em que o edifício está localizado, as características individuais do edifício e as características do sistema de armas.

**a. Prioridade de trabalhos**

As prioridades de trabalhos no meio urbano devem incluir uma atenção especial ao seguinte:

- (1) A seleção das posições das armas principais e VBRs de modo a cobrir os eixos de aproximação prováveis montados e apeados. Para cobrir eixos de aproximação de viaturas blindadas, colocar as armas anticarro no interior dos edifícios, devendo ter com espaço e ventilação para o escape de gases (nos pisos superiores, se possível, para tiros de longo alcance). A posição da

metralhadora ligeira HK-21 para cobrir eixos de aproximação apeados, são colocadas perto do nível do solo para o aumento dos fogos rasantes. Se os escombros do terreno impedirem o tiro rasante, as metralhadoras ligeiras devem ser colocadas nos andares superiores dos edifícios. Assegurar que as armas de apoio garantam o apoio mútuo e que o fazem com as unidades adjacentes.

- (2) Assegurar que a posição é livre de civis. Retirá-los da área de operações antes de ocupar a posição.
- (3) Limpar os campos de tiro. Preparar seteiras, visando estacas de pontaria e as marcações dos pontos de referência. Construir posições com cobertura aérea e camuflagem (interior e exterior).
- (4) Identificar e segurar os eixos de aproximação subterrâneos (esgotos, caves) bem como escadas e telhados.
- (5) Dotação de munições, alimentos, armamento e água.
- (6) Construção de barreiras e colocação de obstáculos para negar o acesso do inimigo às ruas (Figura 6-16), passagens subterrâneas e edifícios e para diminuir o seu movimento, integrar as barreiras e obstáculos com as armas-chave principais. Cobrir todas as barreiras e obstáculos pelo fogo (diretos e indiretos) e/ou observação. Dissimular os obstáculos da observação do inimigo, tanto quanto possível. Levantar os obstáculos num padrão irregular para dificultar o movimento do inimigo. Empregar os obstáculos em profundidade (se possível). Conjuguar novos obstáculos com os já existentes.

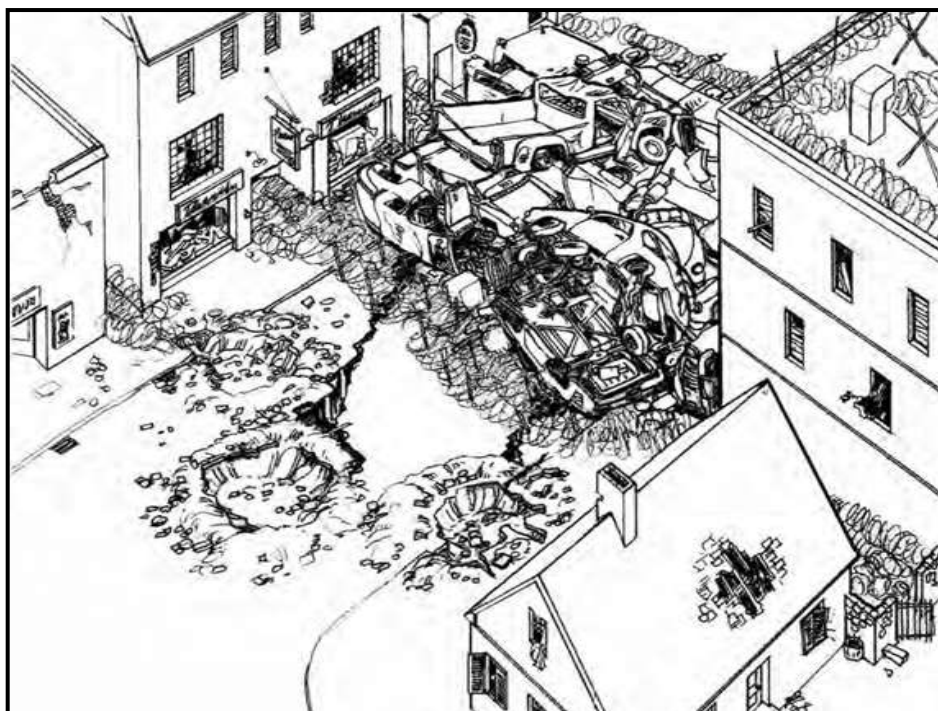


Figura 6-16 - Rua bloqueada

- (7) Melhorar e marcar os itinerários de circulação entre as posições bem como as posições alternativas e suplementares. Melhorar os itinerários cavando trincheiras, esgotos e túneis, criando “buracos de ratos” seteiras e implementar cordas de escalada, “*rape*l” e escadas para subir e descer.

**b. Considerações**

Devem ser considerados no estabelecimento de uma posição defensiva.

**(1) Segurança**

A primeira prioridade é estabelecer segurança em todas as direções. Cada posição deve ter pelo menos um militar a garantir segurança durante toda a preparação.

**(2) Proteção**

Selecionar os edifícios ou locais que ofereçam proteção contra fogos diretos e indiretos. Reforçar edifícios de betão com três ou mais andares para fornecer proteção adequada, enquanto os prédios construídos de madeira, chapas ou outro material leve deve ser reforçado para oferecer proteção suficiente. Os edifícios antigos sem bases fortes são vulneráveis contra fogos indiretos e exigem a construção de proteção superior para cada posição de combate. Se possível, utilizar materiais recolhidos em locais próximos para a construção da cobertura superior.

**(3) Dispersão**

A posição do pelotão não deve ser estabelecido num único edifício, quando é possível ocupar dois ou mais edifícios que permitam apoiar mutuamente pelo fogo. A posição num edifício sem o apoio mútuo é vulnerável ao afastamento, ao isolamento e a subsequente destruição de qualquer direção.

**(4) Dissimulação**

Não selecionar os edifícios que são óbvias posições defensivas (facilmente alvejadas pelo inimigo). Se as condições de segurança e dos campos de tiro ditar a ocupação dos edifícios expostos, o pelotão terá de adicionar materiais de reforço nos edifícios para proporcionar uma proteção adequada para as tropas no interior.

**(5) Campos de tiro**

Para evitar o isolamento, as posições das armas individuais e coletivas devem ser apoiadas mutuamente e ter campos de tiro em todas as direções. Quando se faz a limpeza dos campos de tiro, tem que se manter a aparência natural de toda a área circundante, se possível. Pode ser necessário remover objetos que interfiram com o campo de visão dos atiradores.



(6) Itinerários cobertos

As posições defensivas devem ter pelo menos uma delas com itinerários cobertos e abrigados para as forças apeadas, que permitam o reabastecimento, evacuação médica, reforço ou retirada de um edifício sem ser destetado. No mínimo deve oferecer proteção contra armas de fogo direto. O itinerário pode ser estabelecido através de sistemas subterrâneos, trincheiras de comunicação ou paredes e edifícios que permitam deslocamento coberto.

(7) Observação

As posições nos edifícios em devem permitir a observação dos eixos de aproximação do inimigo e os sectores de defesa adjacentes. Os andares superiores oferecem a melhor observação mas também podem atrair o fogo inimigo.

(8) Possibilidade de inflamação (perigo de incêndio)

Se possível, evitar a escolha de posições em edifícios que são evidentes os riscos de incêndio. Se essas estruturas inflamáveis forem ocupadas, deve-se reduzir o perigo de incêndio molhando as imediações, atirando terra para o chão e fornecer extintores de incêndio e equipamento de combate a incêndio. Assegurar que cada militar está familiarizado com os itinerários de retirada e a oportunidade de praticar a retirada utilizando esses itinerários previstos em caso de incêndio.

(9) Tempo

O tempo é um elemento dos fatores MITM-TC que o pelotão e os comandantes não controlam. O fator mais importante a considerar ao planejar o uso do tempo é garantir aos comandantes subordinados dois terços de todo o tempo disponível. A unidade fornece NEPs aos comandantes com as suas prioridades quando o tempo não permite um planeamento detalhado. O pelotão completará as preparações defensivas de acordo com as NEPs e as prioridades operacionais do comandante.

**c. Preparação**

A preparação das posições individuais de combate será conduzido dentro dos edifícios atribuídos para o pelotão defender. Como em todas as posições defensivas a primeira tarefa do comandante é estabelecer a segurança. Esta será normalmente sob a forma de um posto de observação localizado dentro da proteção dos fogos diretos das armas do pelotão. O posto de observação deve ser montado pelo menos por dois indivíduos. De seguida os comandantes atribuem posições individuais ou de parilha para cobrir adequadamente o setor. O comandante de secção irá posicionar-se para melhor controlar a sua secção. O comandante de pelotão designa o nível de

segurança a ser mantido. O remanescente da força continua o trabalho da preparação da defesa. Os comandantes continuarão a fazer melhorias na defesa se o tempo permitir.

**d. Outras tarefas típicas**

As tarefas adicionais na preparação defensiva podem ser exigidas nas caves, nos pisos térreos e nos andares superiores.

**(1) Caves e pisos térreos**

As caves requerem uma preparação semelhante à do piso térreo. Qualquer sistema subterrâneo não utilizado pelo defensor pode fornecer o acesso ao inimigo, a posição deve ser bloqueada.

- (a) Portas. As portas não utilizadas devem ser bloqueadas ou pregadas, bem como bloqueadas e reforçadas com móveis, sacos de areia ou outros meios expeditos.
- (b) Corredores. Se não for necessário para o defensor se deslocar-se, os corredores devem ser bloqueados com móveis e arame farpado.
- (c) Escadas. As escadas não utilizadas devem ser bloqueadas com móveis e arame farpado (Figura 6-17) ou removidas. Se possíveis, todas as escadas devem ser bloqueadas e as escadas colocadas devem ser usadas para se deslocar de andar em andar e de seguida removê-las.
- (d) Janelas. Remover todos os vidros. Bloquear as janelas não utilizadas com placas ou sacos de areia para impedir a observação e o acesso.
- (e) Pisos (andares). Fazer posições de combate nos pisos. Se não houver cave, as posições de combate podem fornecer proteção adicional contra fogos diretos de armas pesadas.
- (f) Tetos. Levantar escoras para os tetos para suportar o peso dos escombros dos pisos superiores.
- (g) Quartos desocupados. Bloquear os quartos não necessários para a defesa com arame farpado.

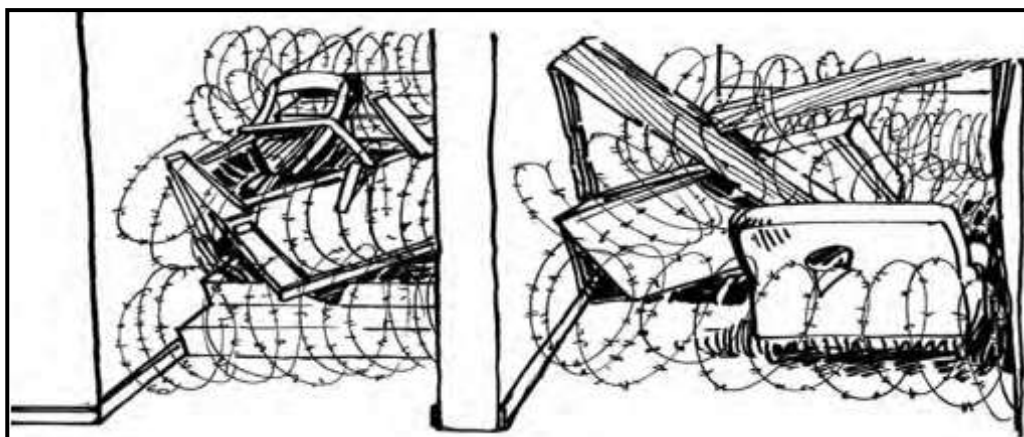


Figura 6-17 - Portas e escadas bloqueadas

(2) Pisos superiores

Os pisos superiores requerem uma preparação igual aos pisos térreos. As janelas não necessitam de ser bloqueadas, mas devem ser cobertas com arame, tela, ponchos ou outro material pesado para evitar que as granadas sejam lançadas do exterior. A cobertura deve estar solta na parte inferior para permitir ao defensor largar granadas.

(3) Itinerários no interior

Os itinerários são necessários para que as forças se desloquem dentro do edifício e poderem destruir as forças inimigas de qualquer direção. Planeamento e construção de vias de evacuação para permitirem uma rápida evacuação de um quarto ou de um edifício. Os “buracos de rato” devem ser feitos através das paredes interiores para permiti a circulação entre os quartos. Esses buracos devem ser marcados para permitir que os defensores possam localizá-los facilmente durante o dia e em condições noturnas. “Briefar” todos os elementos dos itinerários e executar treinos para que todos possam familiarizar-se com esses itinerários.

(4) Prevenção de incêndios

Os edifícios que têm o chão e vigas do teto de madeira exigem medidas de prevenção de incêndio cobrir o sótão e outros pisos de madeira com cerca de cinco centímetros de areia ou terra e uma posição com baldes de água para o uso imediato. Dispor dos materiais de combate a incêndio (terra, areia, extintores e mantas) em cada piso para uso imediato. Encher bacias com água e banheiras como reserva de combate a incêndios. Desligar toda a eletricidade e gás. Se disponível, utilizar qualquer extintores existentes encontrados no interior dos edifícios.

(5) Comunicações

As operações urbanas exigem um planeamento centralizado com execução descentralizada e a comunicação desempenha um papel importante neste processo.

- (a) As estruturas dos edifícios e uma elevada concentração de linhas de alta tensão podem degradar as comunicações em áreas edificadas e afetar a capacidade de um pelotão enviar e receber mensagens digitais e atualizações COP. Muitos dos edifícios são construídos de tal forma que as ondas de rádio não passam por eles.
- (b) Os sinais visuais podem ser usados mas, muitas vezes, não são eficazes por causa dos efeitos de interferência dos edifícios e muros. Os sinais devem ser planeados, disseminados e compreendidos por todas as unidades pertencentes.
- (c) O elevado ruído faz com que o uso efetivo dos sinais sonoros seja difícil.
- (d) Estafetas e fios podem ser usados como meios de comunicação. O fio deve ser considerado um meio alternativo de comunicação se este acessório estiver disponível.

(6) Desmoronar

Desmoronar partes do edifício pode proporcionar cobertura adicional e ocultação para o emprego das armas ou servir como um obstáculo contra o inimigo. Por causa do perigo inerente associado ao desmoronar de um edifício, deve ser executado por elementos de engenharia. As forças devem limitar o desmoronamento de modo a não impedir o seu próprio deslocamento na área urbana. Se não for designado pelo escalão superior, o pelotão deve solicitar autorização do escalão superior antes de desmoronar um edifício no seu sector.

(7) Topo dos telhados

Os pelotões devem posicionar os obstáculos nos telhados dos edifícios para evitar o aterrar de helicópteros e negar o acesso a tropas IN de alcançar o telhado do edifício. Cobrir com arame farpado os telhados que são acessíveis a partir de estruturas adjacentes ou, com outros meios expeditos, para impedir o acesso. Bloquear as entradas do telhado dos edifícios, se compatível com todo o plano global de defesa. Remover ou bloquear qualquer estrutura do lado de fora do edifício que poderia ajudar o atacante na escalada do edifício para ganhar acesso a pisos mais altos ou para o telhado.

(8) Obstáculos

Posicionar os obstáculos adjacentes aos edifícios para impedir ou atrasar os veículos e a infantaria. Para economizar tempo e recursos na preparação da

defesa, os comandantes devem permitir a utilização de todos os materiais disponíveis, tais como automóveis, carruagens e entulho, para criar obstáculos. Os comandantes devem supervisionar a construção de obstáculos para garantir que eles estão ligados a edifícios e áreas de entulho para aumentar a eficácia e para canalizar o inimigo em áreas de empenhamento selecionadas pelo comandante. Os elementos de engenharia em apoio direto podem fornecer apoio técnico e meios quanto ao emprego de minas e obstáculos.

- (a) Os princípios para o emprego de minas e obstáculos não mudam na defesa de uma área urbana; as técnicas normalmente alteram-se. Por exemplo, enterrar e esconder minas nas ruas é difícil devido ao betão e asfalto. As minas podem ser colocadas em sacos de areia como técnica de camuflagem.
- (b) Equipamentos e materiais de construção civil devem ser localizados e registados. Estes equipamentos podem ser usados com recurso à engenharia ou arranjar equipamentos danificados. Nos países hostis, as coordenações devem ser feitas entre militares e civis antes de utilizar os materiais.

#### (9) Campos de tiro

Os campos de tiro são uma área de uma arma ou de um grupo de armas que pode cobrir, de forma eficaz, com o fogo de uma determinada posição. Depois das posições defensivas estarem selecionadas e individualmente ocupadas, eles irão determinar qual o espaço necessário para tirar o máximo rendimento nos seus campos de tiro. Os comandantes e os soldados devem ver os campos de tiro a partir das posições de combate e colocando-se na situação do inimigo. Apenas se limpa o que melhorar os campos de tiro. Se necessário, a posição será transferida para atingir o campo de tiro desejado. Dentro do campo de tiro os comandantes irão designar o setor de tiro principal e secundário para cada sistema de armas. Cada sistema de armas tem requisitos específicos no seu setor de tiro, e os comandantes de pelotão e secção devem garantir que esses requisitos sejam cumpridos. Cada posição é verificada para garantir que os campos de tiro forneçam o máximo de rendimento para adquirir o alvo e bater pelo fogo qualquer espaço morto dentro do setor.

#### e. Posição das armas anticarro

Empregar as armas anticarro em áreas que maximizem as suas capacidades. Posicionar as armas anticarro em andares superiores (Figura 6-18). A necessidade de um posicionamento de proteção pode exigir que a arma seja disparada dentro de um edifício, por de trás da cobertura de um edifício ou de trás de um talude. Os

comandantes devem fazer todos os esforços para empregar as armas anticarro por pares de modo o que o mesmo alvo possa ser empenhado de diferentes posições de segurança para que a tripulação e o sistema, é uma outra consideração que é necessário permitir o apontador concentrar-se na localização e empenhamento de viaturas inimigas.



Figura 6-18. Posição das armas anticarro apoiando as VBR canhão.

f. Posições *Sniper*

Os *Snipers* dão ao pelotão uma força multiplicadora fornecendo uma capacidade para além da nossa vista e atingir alvos de comando e controlo inimigos. Os *Snipers* operam normalmente em equipas de dois homens, o que permite o atirador ter segurança enquanto o outro observa para localizar e identificar alvos. Os comandantes devem permitir que os *Snipers* escolham as suas próprias posições de apoio à defesa. Os *Snipers* colocam-se em posições onde eles não são facilmente detetados (Figura 6-19) e onde eles possam tirar o máximo rendimento da arma.

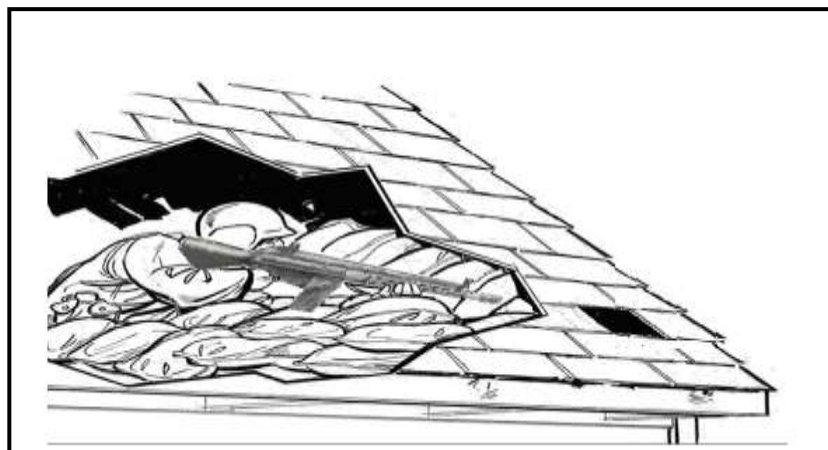


Figura 6-19 - Posição Sniper

**0615. Conduta da defesa**

A conduta da defesa numa área urbana é idêntica à conduta de uma defesa numa outra área. Os procedimentos estão listados no capítulo 5.

**0616. Consolidação e reorganização**

O processo da consolidação e reorganização numa área urbana é idêntico numa outra área. Os procedimentos estão listados no capítulo 4.

**0617. Contra-ataque**

Ao pelotão pode ser dada a missão de contra-ataque a fim de retomar uma posição chave ou ponto-chave, para destruir ou expulsar o inimigo da posição ou para impedir um ataque inimigo ao bater no seu flanco e forçando-o a parar o seu deslocamento e estabelecer uma defesa imediata.

- a. O contra-ataque de pelotão é planeado ao nível da companhia para barrar a possível penetração inimiga. Deve ser bem coordenado e executado de forma violenta. Os contra-ataques devem ser direcionados para o flanco do inimigo e apoiados com fogos diretos e indiretos.
- b. Se estiver disponível apoio de carros de combate, estes devem ser usados em conjunto com as VBRs Canhão e VBRs para serem a seta do contra-ataque. Os carros de combate têm a mobilidade, poder de fogo, efeito de choque e sobrevivência para rapidamente executar a missão de contra-ataque, ideais para destruir a blindagem inimiga, armas pesadas e fortificações com a sua arma principal e obrigar a revelar as forças inimigas com a sua metralhadora coaxial. Esta capacidade ajudará a infantaria na execução da sua parte da missão.
- c. A missão do contra-ataque é planeada e coordenada como parte da operação defensiva.
  - (1) Considerações para o planeamento do contra-ataque podem incluir:
    - Localização de forças amigas;
    - Localização de civis;
    - Locais críticos na defesa que se ameaçada poderão entrar em colapso;
    - Onde é que na defesa nós queremos que o inimigo pense que vai ter sucesso;
    - Tamanho e tipo de força necessária para derrotar e expulsar o inimigo;
    - Quem determina o início da execução do contra-ataque.
  - (2) As medidas de controlo necessárias para a condução do ataque incluem:
    - Zona de reunião ou posição de bloqueio;

- Ponto de partida, itinerário e ponto de irradiação, se necessário;
- Posição de ataque;
- Linha de partida ou linha de contacto;
- Zona de ação, direção de ataque e/ou eixo de progressão;
- Objetivo;
- Limite de avanço.

## SECÇÃO IV – MULTIPLICADOR DE COMBATE

Uma lição aprendida em recentes operações urbanas é a necessidade de uma equipa de armas está totalmente integrada e combinada (subagrupamentos). A natureza das operações urbanas torna a infantaria central. No entanto, a batalha urbana nunca deve ser exclusivamente da infantaria. Uma poderosa equipa de armas combinadas, empregadas apropriadamente numa área urbana melhorará a realização da missão. No entanto o soldado de infantaria com a tarefa de limpar e proteger uma área urbana, a integração dos veículos blindados e engenharia, aumenta a letalidade. Totalmente integrados com a aviação, artilharia, comunicações e elementos de logística devem fornecer apoio para estas equipas. Esta secção discute os multiplicadores de combate mais comuns e disponíveis para o pelotão de infantaria durante a execução das operações urbanas.

### **0618.Veículos blindados**

Com base nas considerações do MITM-TC e da análise das regras de empenhamento operacionais, pode surgir uma situação que requer a utilização de carros de combate em apoio direto da missão da infantaria mecanizada. Apresenta as táticas e técnicas usadas por unidades de infantaria quando trabalham com veículos blindados.

#### **a. Organização para tarefas de operações mecanizadas e carros de combate.**

##### **(1) Manobra**

Os comandantes devem compreender os princípios do emprego da infantaria e de forças blindadas para maximizar as suas capacidades e garantir o apoio mútuo. A manobra é reforçada pelo apoio de veículos blindados.

- (a) A infantaria auxilia as forças pesadas a evitar obstáculos e posições chaves da defesa inimiga. Garante segurança aos veículos blindados ao detetar, suprimir ou destruir armas anticarro inimigas.
- (b) As forças pesadas apoiam a infantaria a deslocar-se ao longo de e fornecendo progressão, garantindo um deslocamento rápido do sistema de armas no assalto. Eles suprimem e destroem as armas inimigas, “*bunkers*”,



e carros pelo fogo e manobra (Figura 6-20) e Também fornecem transporte quando a situação inimiga o permitir.

- (c) Os Veículos blindados nunca devem ser empregue individualmente.



Figura 6-20 - Carros de combate em apoio direto à infantaria.

## (2) Comando e controlo

O pelotão de infantaria pode ter elementos de combate em apoio direto. O comandante de pelotão é responsável por incorporar estes elementos nas suas funções de comando e controlo. Porque a maioria dos elementos de apoio têm uma relação habitual com a unidade de combate que eles apoiam, o comandante de pelotão só necessita de lhes dar uma atualização dos acontecimentos recentes garantindo o comando e controlo.

- (a) Os carros de combate e a infantaria mecanizada devem trabalhar em conjunto ao nível do pelotão. Na maioria das operações em que eles trabalham juntos, o homem de infantaria deve estabelecer uma comunicação direta com os CC para garantir uma resposta rápida e precisa às orientações dadas.
- (b) O pessoal apeado e as guarnições das viaturas devem saber comunicar por rádio, telefone e sinais visuais. Antes do início de uma operação os comandantes da infantaria e carros de combate devem coordenar os métodos de comunicação e os tipos de sinais que serão utilizados.
- (c) Durante a fase de planeamento de uma operação, os comandantes da infantaria e dos blindados devem permitir tempo suficiente para a realização

de “*backs-brief*” detalhados e treinos. O objetivo destas atividades é para verificar se as comunicações de curto e longo alcance são eficazes.

**b. Considerações do sistema de armas**

Enquanto estiverem a operar em conjunto com as forças blindadas, os comandantes de infantaria deve conhecer as capacidades, limitações e efeitos dos sistemas de armas dos veículos blindados. Ele deve compreender os perigos que estes sistemas representam para o seu pessoal quando estiverem a operar em conjunto e garantir que a força é informada.

## **0619. Engenharia**

Normalmente poderá ser atribuída uma secção de engenharia a uma companhia de infantaria. A maioria das tarefas manuais do pessoal de engenharia (por exemplo, preparar as posições de combate) tem de ser completadas pelas unidades de infantaria, reforçadas com equipamento de apoio de engenharia e supervisão técnica.

**a. Missões Ofensivas**

Durante as operações ofensivas, pode ser atribuído uma equipa de sapadores de engenharia ao pelotão de infantaria que é designado como elemento de ataque principal. Eles podem ser requisitados para realizar as seguintes tarefas em apoio do pelotão de infantaria:

- Uso de explosivos para destruir fortificações e pontos fortes que não podem ser reduzidos com os meios orgânicos da força de manobra;
- Localizar e remover minas que podem dificultar o movimento da força;
- Conduzir operações de abertura de brecha.

**b. Missões defensivas**

A engenharia pode realizar as seguintes tarefas em apoio do pelotão durante a defesa de uma área urbana:

- Construir sistemas de obstáculos complexos;
- Apoiar na preparação de posições defensivas e pontos fortes.

**Nota:** quando se executam demolições com o assalto da infantaria, os comandantes devem estar cientes dos efeitos dos explosivos e fragmentação, bem como os efeitos da pressão criada, podendo afetar os elementos no terreno.

## **0620. Morteiros**

As unidades de morteiros são as responsáveis pelos fogos indiretos à disposição dos comandantes. A sua missão é fornecer apoio de fogos próximo e imediato para as forças de manobra. Os morteiros estão bem adaptados para o combate em zonas urbanas devido à sua

elevada taxa de fogos, o seu ângulo de flecha e o mínimo alcance possível. Os comandantes de pelotão e os observadores avançados devem planejar o apoio dos morteiros com o elemento de apoio de fogos, como parte do sistema total de apoio de fogos.

**a. Papel das unidades de morteiros**

O emprego das unidades de morteiros é o fornecimento de fogos de supressão para apoiar a manobra, especialmente contra infantaria apeada. Os morteiros podem ser usados para obscurecer, suprimir ou iluminar durante o combate urbano. Os fogos de morteiro reduzem os fogos e movimentos inimigos, permitindo às forças amigas manobrar para uma posição vantajosa. Uma das suas maiores contribuições é interditar o apoio e o reforço na retaguarda do inimigo. Durante a II Guerra Mundial e os recentes conflitos no Médio Oriente, fogos ligeiros de morteiros HE têm sido amplamente utilizados durante o combate urbano para negar o uso de ruas, parques e praças aos elementos inimigos. Finalmente, os morteiros podem ser utilizados, com algumas limitações, contra blindagens ligeiras e estruturas. Integrar efetivamente os fogos de morteiro com a manobra apeada é a chave para o sucesso do combate em áreas urbanas.

**b. Seleção da posição**

A seleção das posições de morteiro depende do tamanho dos edifícios, o tamanho da área urbana e da missão. O entulho e escombros podem ser utilizados para construir um parapeito para posições de tiro.

**(1) Estruturas existentes**

Na utilização de estruturas já existentes (por exemplo, garagens, edifícios ou viadutos) para os posicionar é recomendado encontrar a melhor posição e com menor esforço de camuflagem. A camuflagem apropriada aumenta a capacidade de sobrevivência. Estes princípios são utilizados tanto no ataque como na defesa.

**(2) O uso de sacos de areia**

Não montar os morteiros diretamente no betão, mas usar sacos de areia como suporte. Os sacos de areia devem ser compostos por duas ou três camadas; encostar os sacos de areia contra paredes ou muros estando uma camada de sacos de areia entre o prato base e a estrutura (o morteiro não pode estar em contacto com nenhuma estrutura além dos sacos de areia).

**(3) Colocação**

Os morteiros normalmente não são colocados no topo dos edifícios porque falta a cobertura e mascaramento tornando-os vulneráveis. Não devem ser colocados no interior dos edifícios com telhados danificados a não ser que a estabilidade

da estrutura tenha sido verificada. A sobrepressão pode ferir o pessoal, e o choque no chão pode enfraquecer ou fazer ruir a estrutura.

**c. Comunicações**

O rádio é o um meio de comunicação muito usado durante o combate urbano, mas a utilização de fios, estafeta e sinais visuais serão necessários. Assim, o fio é geralmente o principal meio de comunicação entre os observadores avançados, a equipa de apoio de fogos, e morteiros desde que eles estejam perto uns dos outros. Além disso, as transmissões de rádio Frequência Modulada (FM) em áreas urbanas tendem a ser irregulares. As estruturas reduzem o alcance rádio, porém, montar as antenas de comunicação nos andares superiores ou telhados podem melhorar a comunicação e aumentar a capacidade de sobrevivência do operador. O uso de transmissão rádio é outra técnica que pode ser aplicada. Uma solução prática é utilizar sistemas civis para complementar a capacidade da força, compreendendo que este é um método de comunicação não segura.

**d. Interferência magnética**

Num ambiente urbano, todos os instrumentos magnéticos são afetados por estarem rodeados de estruturas de aço, cabos elétricos, e automóveis.

**e. Munições HE**

Durante o combate urbano, as munições de morteiro HE são utilizadas mais do que qualquer outro tipo de armas de fogos indiretos. Embora os fogos de morteiro sejam geralmente direcionados contra estradas e outras áreas abertas, a dispersão natural dos fogos indireto irá resultar em impactos nos edifícios. Os comandantes devem ter em atenção um rigoroso planeamento de fogos de morteiro, durante operações urbanas, para minimizar danos colaterais.

- (1) Munições HE, especialmente os projéteis de 120mm, dão bons resultados quando usado contra edifícios ligeiros dentro das cidades. No entanto, não funcionam bem contra o betão armado, das grandes áreas urbanas.
- (2) Quando se utiliza munições HE no combate urbano, apenas as espoletas de tempos devem ser usadas. O uso de espoletas de precursão normalmente deve ser evitado porque a natureza das áreas urbanas provocam o detonamento prematuro. As espoletas de precursão, no entanto, são úteis para atacar alguns alvos, tais como postos de observação no topo dos edifícios.

- f. Iluminação. Não ofensiva, as munições iluminantes devem rebentar acima do objetivo. Na defesa, a iluminação deve rebentar por trás das tropas amigas para colocá-las nas sombras e as tropas inimigas na luz. Os edifícios reduzem a eficácia da iluminação através da criação de sombras. A iluminação contínua exige uma estreita coordenação entre o observador avançado e direção de fogos central para produzir o efeito adequado, transportando a iluminação sobre as posições defensivas assim que as tropas inimigas se vão aproximando dos edifícios (Figura 6-21).

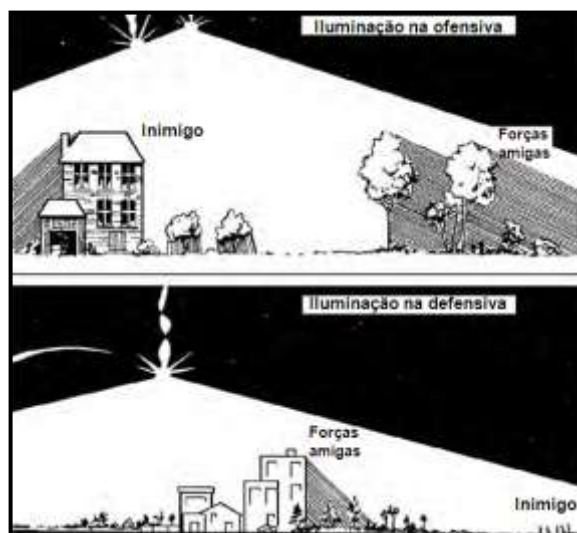


Figura 6-21 - Iluminação durante operações urbanas

**g. Considerações especiais**

Ao planear o uso de morteiros, o comandante deve considerar o seguinte:

- (1) Os observadores avançados devem estar posicionados onde podem obter o máximo de observação para a aquisição de alvos e ajuste de fogos. Isto não é necessariamente nos topos dos edifícios.
- (2) Os comandantes devem compreender os efeitos das munições para estimar corretamente o número de munições necessário para cobertura de alvos. Além disso, os efeitos do uso de fósforo branco pode criar cortinas de fumo indesejável ou condições de visibilidade reduzida, que poderá interferir com o plano tático.
- (3) Os observadores avançados devem ser capazes de determinar as zonas mortas em terreno urbano. As zonas mortas são a área em que os fogos indiretos não podem chegar ao nível da rua por causa dos edifícios. Esta área é um refúgio seguro para o inimigo. Para os morteiros, as zonas mortas são cerca de metade da altura do edifício.

## 0621. Artilharia de campanha

Durante o combate urbano, a artilharia de campanha fornece apoio direto, apoio em conjunto e reforço às unidades de infantaria. Este parágrafo refere o uso de artilharia de campanha no modo de fogo direto.

- a. Quando a artilharia de campanha apoia o combate em áreas urbanas, a coordenação do apoio de fogo e as medidas para fornecer um apoio adequado de segurança deve ser analisada com cuidado devido à proximidade das forças amigas do inimigo. Quando se planeia o apoio de fogos, os comandantes devem considerar o seguinte:
  - O aumento dos cobertos e abrigos oferecidos pelo terreno;
  - Observação do terreno é limitada em áreas urbanas;
  - O ajuste dos fogos é difícil, pois os edifícios bloqueiam a visão do ajuste do tiro. A aquisição de alvos é difícil em terreno urbano, porque o inimigo tem muitas posições cobertas e abrigadas e itinerários;
  - Os observadores avançados devem ser capazes de determinar a localização e a dimensão das zonas mortas;
  - Os raids aéreos são eficazes para limpar *snipers* do telhado.
- b. Emprego da artilharia no modo de fogo direto para destruir fortificações deve ser considerado especialmente quando se ataca posições inimigas bem preparadas. Podem ser impostas, medidas restritivas de coordenação de apoio de fogos, assim como áreas restritivas de fogos ou áreas impeditivas, podem ser impostas para proteger civis e instalações críticas.
  - (1) O obus Auto propulsado de 155mm é extremamente eficaz na neutralização de alvos de betão com fogos diretos.
  - (2) As munições perfurantes de 155mm podem penetrar 90cm de betão de betão ou alcances acima de 2200m.
  - (3) Ao empregar a artilharia no modo de fogo direto e manobrar os obuses Auto propulsados dentro de uma área urbana, é importante que a infantaria os proteja, porque eles não têm qualquer proteção significativa para as suas guarnições.

**Nota:** Quando se emprega estes sistemas de armas para apoiar o ataque de infantaria, os comandantes devem estar cientes das explosões e consequências da fragmentação, bem como a pressão da explosão e como afetarão a infantaria no terreno.

## 0622. Helicópteros de ataque

As unidades de infantaria podem receber apoio de uma variedade de helicópteros de ataque. Os helicópteros de ataque podem garantir fogos para suprimir alvos e de zona fogos de

precisão para destruir alvos específicos ou criar brechas nas estruturas. Os helicópteros de ataque podem fornecer informações em tempo real através da visualização direta da área de operações. Isto facilita a capacidade do comandante de coordenar efetivamente e integrar todos os aspetos da missão. Os helicópteros de ataque também podem ajudar no reconhecimento e integração do apoio aéreo, usando os meios de comunicação avançados sensores e rádio. O controlo operacional das unidades de helicópteros de ataque continuará ao nível de batalhão ou superior, no entanto, os helicópteros de ataque podem realizar coordenações diretas terra-ar com as companhias e pelotões durante as operações de combate.

### **0623.Armas anticarro**

O uso tático das armas anticarro não muda no ambiente urbano, mas muda o modo de emprego. Algumas limitações do emprego são: fora de alcance, deslocamento após o empenhamento, capacidade de fazer fogo num empenhamento a longas distâncias, mais obstáculos, aumento de zonas perigosas e segurança em todas as direções.

- a. Embora as armas anticarro sejam concebidas principalmente para destruir veículos blindados, também podem ser usadas para danificar ou destruir fortificações. Além disso, podem usar meios balísticos para abertura de brecha em portas e paredes de edifícios de construção ligeira para criar pontos de entrada. Elas também podem ser utilizadas para a criação de deceção pouco antes do elemento de assalto entrar no ponto inicial de brecha. Os sistemas maiores que têm alças para aumentar a imagem e sistemas de visão noturnas podem ser usados para detetar atiradores.
- b. Apenas em combate e quando não existe outra modalidade de ação, as armas anticarro podem fazer fogo de uma posição fechada. Se as armas anticarro forem empregues desta forma, a aproximação deve seguir os seguintes parâmetros:
  - As construções de madeira ou edifícios de estuque devem ser resistentes para reduzir os danos.
  - Todos os objetos e detritos devem ser removidos da parte traseira da arma, porque o escape de gases fará com que os objetos soltos voem em, havendo a possibilidade de atingir alguém.

**Nota:** Quando se emprega estes sistemas de armas para apoiar o ataque de infantaria, os comandantes devem estar cientes dos efeitos dos explosivos e fragmentação, bem como os efeitos da pressão criada, podendo afetar os elementos no terreno.

### **0624.Considerações no emprego *sniper***

O *sniper* deve considerar a configuração das estruturas dos edifícios na sua área de operação. As classes básicas das estruturas encontradas numa área urbana são de betão, alvenaria e

madeira. No entanto, qualquer edifício pode incluir a combinação desses materiais. Todos os edifícios oferecem ocultação ao *sniper*, embora o grau de proteção varia de acordo com os materiais utilizados.

**a. Seleção de posições e alvos**

Os comandantes irão atribuir uma área ao *sniper* (edifícios ou conjunto de edifícios), mas o *sniper* seleciona a melhor posição para se empenhar. As posições *sniper* devem bater:

- Obstáculos;
- Telhados;
- Itinerários das forças amigas;
- Prováveis eixos de aproximação;
- Lacunas nos fogos de proteção final;
- Zonas mortas;
- Outras áreas que podem proporcionar vantagem ao inimigo.

O *sniper* seleciona várias posições alternativas e suplementares para cobrir as suas áreas de responsabilidade. O *sniper* deve pensar em três dimensões. Porque o ambiente urbano representa um espaço de batalha tridimensional, e deverá antecipar a ameaça de qualquer direção a qualquer momento.

**b. Missões ofensivas**

As operações ofensivas levam o combate ao inimigo para destruir a sua capacidade e vontade de combater. O *sniper* pode provar ser a chave do multiplicador de combate neutralizando alvos inimigos que ameaçam o sucesso do ataque. Durante as operações ofensivas os *snipers* podem:

- Conduzir operações contra *sniper*;
- Observar o deslocamento das forças amigas e eliminar alvos inimigos que ameaçam o deslocamento das forças;
- Fazer fogo de precisão à guarnição inimiga que se encontra nas armas principais ou aberturas expostas dos “*bunkers*”;
- Fazer fogos de precisão nos comandantes inimigos, condutores de veículos blindados, observadores avançados, operadores rádio ou outro pessoal designado;
- Fazer fogos de precisão à passagem de elementos isolados;
- Fazer fogos de precisão nas forças inimigas que estão em retirada ou ameaçam contra-atacar;
- Bater flancos usando fogos suplementares;
- Dominar um terreno chave controlando o acesso com fogos.



- (1) Para aumentar a segurança e surpresa, os *snipers* devem deslocar-se cobertos dentro de uma posição, para não denunciar a sua posição. Depois de começar o ataque *sniper* podem precisar de se reposicionar devido ao mascaramento dos fogos por forças amigas. A avaliação detalhada deve ser feita para determinar onde e como os *snipers* serão mais eficazes para o cumprimento da missão.
- (2) Após a consolidação das forças na área do objetivo, os *snipers* podem ser deslocados para a frente de novas posições de segurança. Essas posições podem não ser necessariamente sobre o objetivo. Os *snipers* a partir destas posições observam e fornecem alerta oportuno para as forças amigas. Eles também vão efetuar fogos de precisão contra as posições de passagem inimigas, contra-ataques inimigos, ou outras posições inimigas que possam impedir a capacidade da força explorar o sucesso da missão.

**c. Operações defensivas**

Quando empregados corretamente, os *snipers* podem melhorar efetivamente o plano de fogos na defensiva. Depois de analisar o terreno, eles devem fornecer ao comandante recomendações para o seu emprego. Os *snipers* são capazes de executar as seguintes tarefas durante as operações defensivas:

- Cobrir os obstáculos, campos de minas, obstáculos, e demolições pré-posicionadas;
  - Realizar contra reconhecimento (suprimir os esforços de reconhecimento inimigo);
  - Empenhar postos de observação inimigos, expor os veículos blindados dos comandantes e as equipas de armas anticarro;
  - Obrigar a revelar as guarnições inimigas;
  - Quebrar as unidades de seguimento com fogos de precisão de longo alcance.
- (1) Os *snipers* devem ser posicionados para cobrir um ou mais eixos de aproximação nas posições defensivas. Eles podem ser usados para aumentar a segurança, permitindo ao comandante de pelotão concentrar o seu poder de combate contra um eixo de aproximação inimigo mais provável. Também podem ser utilizados como regra de economia de forças para cobrir um eixo de aproximação do inimigo apeado nas posições que a unidade não pode cobrir.
  - (2) Múltiplas equipas *snipers* podem ser posicionadas para vigilância e apoio mútuo. Se possível, devem estabelecer posições em profundidade para o apoio contínuo durante o combate. A cadência de tiro do *sniper* não aumenta nem diminui à medida que o inimigo se aproxima. Os alvos específicos são sistemáticos e deliberadamente suprimidos; a precisão nunca é sacrificada pela velocidade.

- (3) Quando o apoio de uma defesa de pontos fortes, as equipas *sniper* devem ser posicionadas fora da posição defensiva para permitir a liberdade de movimentos. A sua missão principal é conduzir observação ou obrigar os elementos de reconhecimento a desenvolverem.

## **CAPÍTULO 7**

### **OUTROS TIPOS DE OPERAÇÕES**

*Este capítulo aborda as tarefas que o pelotão pode realizar para complementar ou apoiar a missão principal. Operações de moldagem englobam reconhecimento, operações retrógradas (rotura de contacto, retardamento e retirada), operações especiais (operações de junção na área da retaguarda, rendição nas posições e passagem de linhas) e segurança. Os pelotões e secções realizam estas operações, de forma independente ou como parte de uma força maior. O planeamento, preparação e execução destas operações, são tão importantes e exigem o mesmo nível de detalhe, como quaisquer operações defensivas ou ofensivas. Estas operações são realizadas por forças montadas, apeadas ou numa combinação de ambas.*

#### **0701. Reconhecimento**

Qualquer missão de reconhecimento é executada por meio de observação visual ou outros métodos, para pesquisar informações sobre as atividades e forças inimigas ou as características específicas da área de operação. Um reconhecimento com sucesso depende da recolha de informações precisas e oportunas sobre o inimigo e o terreno na área de operações. Com os recursos disponíveis aos altos escalões, o reconhecimento proporciona atualizações reais e permanentes sobre o inimigo. Um esforço concentrado de recolha, pelas equipas ISTAR, pelotão de reconhecimento do Batalhão e as companhias, devem fornecer ao pelotão informação crítica necessária para executar a operação. Cada Cmdt é responsável pela execução de reconhecimentos para obter as informações necessárias, e devem garantir que o esforço é integrado no esforço do escalão superior. O pelotão poderá realizar outras operações de reconhecimento para recolher informações para o escalão superior.

##### **a. Planeamento de um reconhecimento**

Antes de uma operação, o comandante da companhia determina o que deve saber sobre o inimigo. O Cmdt deve primeiro solicitar as informações necessárias ao escalão superior. Se eles não conseguem fornecer ou recolher a informação necessária, irão autorizar o Cmdt a enviar um elemento de reconhecimento para a frente (dependendo do MITM-TC). Por exemplo, o Cmdt pode enviar um elemento para reconhecer um ponto de estrangulamento antes do ataque.

##### **b. Reconhecimento**

O pelotão pode efetuar reconhecimentos antes ou depois de uma operação, nas seguintes situações:

- Reconhecimento de uma zona de reunião e os itinerários associados para a mesma;
- Reconhecimento de Cmdts a partir da zona de reunião para a linha de partida e a sua área adjacente, antes de uma operação ofensiva;
- Reconhecimento com secções procurando os intervalos entre as posições inimigas para efetuar ataques ou infiltrações;
- Reconhecimento por secções para observar as posições da frente e para orientar outros elementos para as posições chave no campo de batalha, tais como posições de apoio ou de assalto;
- Reconhecimento por secções para localizar pontos de passagem entre os obstáculos ou para determinar os melhores locais e métodos para abrir brechas;
- Reconhecimento por secções, de pontos de estrangulamento ou outras zonas perigosas, antes do avanço da restante companhia;
- Reconhecimento de Cmdts de posições defensivas ou áreas de empenhamento do inimigo (sacos de fogo);
- Reconhecimento por secções, montadas ou apeadas como parte das operações de segurança, para proteger os obstáculos das forças amigas, para limpar possíveis PO inimigos ou para cobrir áreas não observadas por PO fixos.

**NOTA:** O Capítulo 10 – Patrulhas, descreve o reconhecimento executado por uma patrulha.

#### **0702. Operações de junção**

Uma operação de junção, implica a reunião de forças terrestres amigas (ou os seus Cmdts ou elementos designados). Ela pode ocorrer (mas não está limitado a) nas seguintes situações:

- Forças avançadas chegam a um objetivo anteriormente conquistado e seguro por forças amigas;
- Unidades efetuam coordenações para realizar uma rendição da posição;
- Elementos em reforço juntam-se à sua nova força;
- Uma unidade que efetua uma missão de seguimento e apoio, com uma força de fixação;
- Uma unidade que se desloca para apoiar uma força cercada;
- Unidades que convergem para um mesmo objetivo, durante o ataque;
- Unidades que efetuam uma passagem de linha;
- Unidades que realizam o reconhecimento à frente do grosso da força.

Os equipamentos digitais, dispositivos de visão noturna e sistema de identificação do campo de batalha, auxiliam na execução das operações de junção pois reduzem o risco de fratricídio.

**a. Fases de uma operação de junção**

O pelotão efetua operações de junção isoladamente, ou integrado numa unidade maior. O pelotão pode liderar a operação de junção, que é composta por três fases:

**(1) Fase I – Sinal de reconhecimento afastado**

As unidades ou elementos envolvidos na junção estabelecem comunicações antes de chegar ao alcance das armas de tiro direto. O Cmdt de cada uma das forças, introduz a frequência rádio da outra força amiga.

**(2) Fase II – Coordenações**

Antes de iniciar o movimento para local da junção, as forças devem coordenar as necessárias informações táticas, nomeadamente:

- A situação do inimigo;
- Tipo e número de veículos da força amiga;
- Dispositivo da força estacionada (se qualquer uma das unidade está parada);
- Itinerários para o ponto de junção e ponto de reunião (se utilizado);
- Medidas de controlo de fogo;
- Sinal de reconhecimento próximo e afastado;
- ITTM's;
- Cobertura do apoio de combate;
- Responsabilidades e procedimentos com o apoio de serviços;
- Localização final do ponto de junção e do ponto de reunião (se utilizado);
- Quaisquer coordenações especiais, tais como manobra de apoio ou apoio sanitário;
- Sinais visuais para a junção ou locais alternativos para a junção, em caso de contacto.

**(3) Fase III. Deslocamento para o ponto de junção e junção**

Todas as unidades ou elementos envolvidos na junção, devem impor medidas rigorosas de controlo do fogo para evitar fratricídio. Pontos de junção e LRF devem ser reconhecidos pelas forças. Elementos que se encontram no ponto de junção devem realizar as seguintes ações:

- Efetuar o reconhecimento afastado digitalmente ou por rádio;
- Efetuar o reconhecimento próximo, utilizando o sinal estipulado;
- Efetuar o deslocamento para o ponto de junção;
- Estabelecer segurança local ao ponto de junção;
- Efetuar coordenações e ligações adicionais, se necessário.

**b. Considerações de planeamento**

Ao planejar uma operação de junção, o CmdtPel segue os procedimentos normais de comando. Durante o processo de planeamento as unidades devem utilizar a digitalização para transferir informação e assim assegurar o uso dos mesmos sinais gráficos, entre as duas unidades que irão realizar a junção. Ambas as unidades trocam a digitalização gráfica, antes da operação de junção.

- (1) O equipamento da VBR permite uma constante atualização da posição ou localização entre os elementos que realizam a operação de junção, o que ajuda na navegação e evita o fratricídio. Por exemplo, a unidade móvel pode monitorizar a localização da unidade estacionária e o ponto de junção, usando as atualizações da posição e os elementos digitais exibidos no CTD. Da mesma forma, a unidade estacionária pode monitorar a localização da unidade móvel, à medida que esta se desloca, no itinerário previsto, para o ponto de junção. À medida que a unidade móvel se aproxima do ponto de junção, a unidade estacionária acompanha a sua localização, reduzindo a possibilidade de fratricídio. A unidade móvel faz o mesmo tipo de monitorização, para reduzir a possibilidade de fratricídio.
- (2) Uma vez que a unidade móvel chega perto do ponto de junção, a unidade estacionária deve ativar o reconhecimento afastado estipulado. Por exemplo, a unidade estacionária pode fazer uma série de *flashes*, usando uma fonte de infravermelhos durante os períodos de visibilidade reduzida. A força móvel responde com sinal pré-estabelecido.
- (3) A senha e contra-senha, pode ser efetuada digitalmente, ou com sons audíveis.
- (4) Os equipamentos de visão noturna são ideais para efetuar operações de junção em períodos de visibilidade reduzida utilizando os Infravermelhos como sinais para reconhecimento. Por exemplo, a unidade estacionária no ponto de junção, pode utilizar as placas de identificação de combate, assim como dispositivos de infravermelhos numa árvore ou numa zona de terreno que se distinga, para ajudar a orientar a unidade móvel para o ponto de junção. Isto é particularmente útil quando a unidade móvel tem dificuldade em encontrar o ponto de junção devido ao mau tempo ou terreno restritivo. Ambas as unidades devem conhecer as capacidades do inimigo, e devem ter cuidado com os aparelhos infravermelhos se o inimigo tiver capacidade de visão noturna.
- (5) Os meios aéreos são úteis nas operações de junção, reduzindo a possibilidade de fratricídio. Helicópteros de observação podem contribuir para a coordenação inicial entre as forças a juntar. Helicópteros de ataque ou de observação podem

auxiliar no reconhecimento de itinerários e fornecer aviso prévio de posições inimigas. Os meios aéreos podem também aumentar o alcance das comunicações, servindo de retransmissor.

### **0703.Passagem de linha**

Uma passagem de linha implica movimento de uma ou mais unidades através de outra unidade em posição. Esta operação torna-se necessária quando uma unidade em movimento não pode contornar uma unidade estacionária e tem que a atravessar. O principal propósito da passagem de linha é o de manter a dinâmica da unidade em movimento. A passagem de linhas pode ser efetuada para a frente ou para trás. A companhia é a responsável pelo planeamento e coordenação de uma passagem de linha envolvendo os seus pelotões. Em algumas situações, tais como, quando o pelotão usa vários itinerários de passagem (como um caminho por cada pelotão ou secção), o CmdtPel devem assumir a responsabilidade pelo planeamento e coordenação de cada fase da operação.

#### **a. Considerações de planeamento**

No planeamento de uma passagem de linha, o CmdtPel deve considerar os seguintes fatores táticos e procedimentos:

- (1) O ponto de passagem deve facilitar a travessia, através do uso de múltiplas faixas ou caminhos suficientemente largos, para permitir as formações doutrinárias das unidades que passam.
- (2) Técnicas de decepção, tais como o uso do fumo, podem ser empregues para reforçar a segurança durante a passagem.
- (3) O Cmdt que controla a operação, deve definir claramente os critérios de transferência de combate (caso seja estabelecido, durante a passagem) e os procedimentos a serem utilizados durante a passagem, incluindo as regras de empenhamento, tanto da unidade que passa como da unidade estacionária e a respetiva utilização de fogos diretos e indiretos. Se necessário, ele também define uma Battle Handover Line (BHL), como parte das medidas coordenação e controlo da unidade. Numa passagem para a frente, a BHL é normalmente a linha de partida da força que passa. Numa passagem para trás, é normalmente a linha formada pelo alcance das armas de tiro direto da unidade estacionária. Em geral, na defensiva, considera-se que a transferência do combate está concluída, quando a unidade efetuou a passagem de linha e a unidade estacionária está pronta a receber o inimigo. Na ofensiva, considera-se que a transferência do combate está concluída quando a unidade efetuou a passagem de linha, atravessou a BHL.

- (4) Ambas as unidades devem coordenar informações sobre os obstáculos, incluindo os obstáculos das forças amigas e do inimigo, pontos de passagem e guias para a passagem.
- (5) A defesa aérea é fundamental durante as operações de passagem de linha. Normalmente, a unidade estacionária será responsável pelo fornecimento de defesa aérea, permitindo assim que as unidades de defesa aérea, da unidade que passa, possam atravessar o ponto de passagem sem ter que se empenhar.
- (6) A responsabilidade em termos de serviços de apoio de combate, tais como a recuperação do veículo ou evacuação de baixas no ponto de passagem, deve ser claramente definido, entre as duas unidades.
- (7) Para reforçar o comando e controlo durante a passagem, o pelotão deverá colocar um elemento, normalmente o CmdtPel ou SargPel, junto de um elemento com funções semelhantes da outra unidade.

**b. Reconhecimento e Coordenação**

Reconhecimentos e coordenações detalhados, são aspetos importantes numa passagem da linha. Conjugando estes dois aspetos com as considerações de planeamento, descritos anteriormente, assegura-se que a passagem é feita de forma rápida e sem problemas. O CmdtPel normalmente executa todos os reconhecimentos e as coordenações necessárias para a passagem de linha. Às vezes, o CmdtPel pode designar o SargPel ou CmdtSec, para realizar contactos, para coordenações e reconhecimento, nomeadamente:

- Designação e composição da unidade, incluindo o tipo e o número de veículos e soldados que passam;
- Hora de chegada das unidades que vão passar;
- Localização de posições de ataque ou de zonas de reunião (deve ser confirmado pelo reconhecimento);
- Situação atual do inimigo;
- Obstáculos;
- A missão e planos da unidade estacionária (PO, patrulha, e locais de obstáculo);  
Localização dos itinerários, os pontos de contacto, pontos de passagem e as faixas de passagem. (**NOTA:** A utilização do GPS simplifica este processo e aumentar a velocidade da execução da passagem.);
- Requisitos do guia;
- Ordem de marcha;
- Prever ações em contacto inimigo;
- Requisitos para apoio de fogos diretos e indiretos, incluindo a sua localização;



- Condições NBQ;
- Localização dos trens de combate e dos trens de campanha disponíveis;
- ITTM's (frequências, os dados digitais, sinais de reconhecimento afastado e próximo);
- Critérios para a transferência do combate e localização da BHL.

**c. Passagem de linha para a frente**

Numa passagem para a frente, a unidade desloca-se inicialmente para uma zona de reunião ou uma posição de ataque atrás da unidade estacionária. O pessoal designado avança para estabelecer ligação com os guias e confirmar as coordenações efetuadas com a unidade estacionária. Os guias conduzem a unidade através dos pontos de passagem.

- (1) O pelotão realiza uma passagem de linha para a frente, utilizando deslocamentos táticos. Move-se rapidamente, usa a formação e dispersão adequada sempre que possível, e mantém silêncio rádio se possível.
- (2) O pelotão mantém um cessar-fogo, até passar a BHL ou outra medida de controlo de fogo, (a menos que o Cmdt tenha coordenado o controlo de fogo com a unidade estacionária). Uma vez atravessado o ponto de passagem, a unidade consolida num ponto de reunião ou posição de ataque e inicia o deslocamento tático, de acordo com as suas ordens.

**d. Passagem para a retaguarda das linhas**

Devido ao aumento do risco de fratricídio, durante uma passagem de linha para a retaguarda, tornam-se fundamentais, todas as coordenações, sinais de reconhecimento e restrições ao fogo.

- (1) A unidade que vai efetuar a passagem de linha, contacta a unidade estacionária enquanto ainda esta fora do alcance das armas de tiro direto destas, e inicia as coordenações como referido anteriormente. O sinal de reconhecimento próximo e a localização da BHL são novamente referidos. Medidas adicionais de controlo de fogos, tais como as LRF, pode ser utilizadas para minimizar ainda mais o risco de fratricídio.
- (2) Após as coordenações, a unidade continua o deslocamento tático para o ponto de passagem. As Armas das VBR são apontadas para o lado do inimigo, e a unidade que se desloca é responsável pela sua segurança até que passe a BHL. Se a unidade estacionária fornecer guias, a unidade que se desloca, executa um pequeno alto e estabelece ligação com o guia e efetuar as necessárias coordenações com eles.

- (3) A unidade desloca-se rapidamente através do ponto de passagem para um local designado atrás da unidade estacionária.

#### **0704. Rendição na posição**

A rendição na posição é executada quando uma unidade é substituída por uma outra unidade, para preservar a eficácia do combate das unidades empenhadas durante as operações ofensivas ou defensivas. Numa rendição envolvendo o pelotão, o Cmdt de companhia determina quando e como será executada a operação.

##### **a. Considerações de planeamento**

No planeamento de uma rendição em posição, o CmdtPel deve:

- Difundir uma ordem preparatória;
- Usar os Cmdts para efetuar um reconhecimento detalhado e as coordenações;
- Adota, sempre que possível, o padrão de atividade da unidade que vai ser rendida;
- Determina quando o pelotão irá assumir a responsabilidade pela posição da unidade que vai ser rendida;
- Instalar o Posto de Comando (PC) do pelotão junto do PPC da unidade a ser rendida;
- Maximiza as tarefas de segurança, para impedir que o inimigo detete a operação de rendição;
- Planos de transferência de munições em excesso; carretéis; combustíveis, óleo e lubrificantes; e outros materiais de valor tático para a unidade de entrada;
- Controlar os movimentos de reconhecimentos, designar e elaborar itinerários de reabastecimento.

**NOTA:** Sempre que possível, se não existir observação pelo inimigo, a rendição deve realizar durante o dia. Se estiver em contacto, é preferível realizá-la no período de visibilidade reduzida.

##### **b. Coordenação**

Os Cmdts das duas unidades devem reunir-se para trocar informações táticas, realizar um reconhecimento em conjunto à área, ultimar todas as coordenações necessárias para a execução da rendição na posição. Os dois Cmdts devem abordar, como será feita a passagem do comando e desenvolver conjuntamente um plano de contingência, caso seja estabelecido o contacto, a quando da execução da rendição. Este processo normalmente inclui as coordenações:

- Localização das posições individuais de combate e das VBR (incluindo posição de espera, as posições de alternativa e suplementares);
- Situação do inimigo;
- Plano de defesa da unidade de saída, incluindo os transparentes, planos de fogos diretos dos pelotões e secções, e sectores das VBR;
- A coordenação do apoio de fogo, incluindo os planos de fogo indireto e do tempo do apoio das unidades de artilharia e morteiros;
- Tipo de armas que vão ser substituídas;
- GDH, sequência, e método de rendição;
- Localização e disposição dos obstáculos e GDH da transferência de responsabilidade dos mesmos;
- Quais as provisões e equipamentos a serem transferidos;
- Controlo dos movimentos, itinerário principal e colocação de guias;
- Informações sobre comando e transmissões;
- Manutenção, apoio logístico e de evacuação, caso necessário, para os veículos com deficiências;
- Considerações sobre as condições de visibilidade.

**NOTA:** A rendição na posição será sempre conduzida na frequência rádio da unidade que vai sair (unidade rendida).

- (1) Durante estas coordenações, as unidades trocam transparentes precisos e trocam os esboços do sector. A transferência de informação digital não dispensa o Cmdt de uma coordenação efetiva entre as unidades.
- (2) Uma vez que a rendição em posição, muitas vezes, é conduzida durante o período de visibilidade reduzida, a utilização de equipamento de visão noturna, pode acelerar a operação. As unidades regem-se pelas NEP's da unidade, para marcar as posições e os itinerários através de luzes de infravermelho, a fim de facilitar a ocupação ou a retirada da posição. Por exemplo, o pelotão pode marcar os itinerários e as posições com *chemical lights*, lanternas com difusor escuro, entre outros. Estes sinais de marcação devem ser incorporados nas NEPs do pelotão. Além disso, as unidades equipadas com tecnologia digital também podem utilizar o CTD e um GPS para se deslocar, de e para a posição, como explicado anteriormente nas operações de junção.

**c. Execução de rendição**

O Cmdt cessante mantém a responsabilidade pela área de operações e pela operação. Ele exerce o controlo operacional sobre todos os elementos subordinados da unidade que o vêem render, enquanto eles não tenham uma percentagem (determinada nas coordenações, normalmente 2/3) da rendição efetuada. A responsabilidade da área de operações pode passar para o Cmdt da unidade que vai entrar na posição, quando todos os elementos dessa unidade tiverem sido rendidos e as comunicações estejam estabelecidas. A rendição individual dos militares pode ser realizada de duas maneiras:

- Por troca elemento em posição. O elemento que vem render ocupa uma posição ao lado do elemento que vai ser rendido, a fim de trocar informações;
- Por troca da VBR ou posição individual. O militar ou VBR que chega, ocupa a posição de combate do indivíduo ou viatura a ser rendido.

Existem dois métodos de rendição: sequencial (os elementos são rendidos um de cada vez) e simultânea (todos os elementos são rendidos ao mesmo tempo).

**(1) Sequencial**

Este método é o mais moroso. A unidade que vem render desloca-se para uma zona de reunião, perto da unidade a ser rendida. Os militares a serem rendidos, fazem-no um de cada vez. Este método tem a seguinte sequência:

- (a) Ambas as unidades posicionam os seus PC e os trens juntos, para facilitar o comando e controlo, a transferência de equipamento, munições, combustíveis, água e material sanitário;
- (b) A primeira força a ser rendida (como por exemplo uma secção) desloca-se para a posição de alternativa. Depois a força que vai render, desloca-se para a posição de combate principal do elemento cessante;
- (c) Ambas as forças efetuam a transferência de equipamentos e provisões;
- (d) A força rendida desloca-se para a zona de reunião designada, atrás da posição;
- (e) Cada vez que uma força rendida, chega ao ponto de irradiação, a caminho da sua zona de reunião, a próxima força que vem render, pode-se deslocar para a frente, para render outra força.

**(2) Simultâneas**

Este é o método mais rápido, mas o menos seguro. Todos os elementos são rendidos ao mesmo tempo, com a unidade que vai render, a ocupar normalmente as posições existentes, incluindo as posições de combate individuais e das VBR. Este método tem a seguinte sequência:

- (a) A unidade a ser rendida desloca-se para a sua posição de alternativa.
- (b) A unidade que vai render desloca-se pelos itinerários estipulados e ocupa a posição de combate principal da unidade a ser rendida.
- (c) Ambas as forças efetuam a transferência de equipamentos e provisões.
- (d) A unidade que foi rendida desloca-se para a zona de reunião estipulada, à retaguarda, passando por um ponto de reunião, para se reagrupar.

#### **0705. Rotura de contacto**

A rotura de contacto ocorre quando uma unidade se desempenha do inimigo para se reposicionar, a fim de executar uma outra missão. Um pelotão geralmente efetua uma retirada, como fazendo parte de uma unidade maior. Integrado numa companhia, o pelotão pode retirar com o elemento principal (retirada sob pressão) ou pode ser usado como elemento ligeiro deixado ao contacto (ELDC), numa retirada sem pressão. Esta informação aplica-se, quer o pelotão esteja ou não sob pressão do inimigo. Independentemente do emprego do pelotão, o CmdtPel executa a retirada, de acordo com as orientações do seu Cmdt direto. Ao receber a ordem para realizar uma retirada, o CmdtPel começa a preparar a sua ordem baseada na ordem parcelar do escalão superior. O CmdtPel identifica o terreno-chave e itinerários com base na sua carta e nos transparentes do escalão superior. Ele elabora e difunde a ordem preparatória aos seus Cmdt Secção e chefes de VBR. Quando a retirada é executada, os CmdtSec e VBR garantem que o deslocamento está a ser executado em conformidade com o planeamento do CmdtPel, através do controlo da sua localização com o transparente de operações.

##### **a. Rotura de contacto sem pressão**

Neste tipo de retiradas, os pelotões, normalmente são o próprio ELDC ou fazem parte do ELDC. O ELDC é usado para levar o inimigo a pensar que toda a força ainda se encontra em posição. O Pelotão como ELDC:

- Reposiciona as esquadras de VBR, as secções e armas principais, para cobrir a retirada da companhia;
- Reposiciona uma secção e uma VBR nas posições dos outros pelotões para cobrir os itinerários de aproximação do inimigo;
- Continua com os padrões normais de funcionamento da companhia e simula o tráfego de rádio da companhia;
- Se a companhia é atacada durante a retirada, apoia a retirada da companhia com os fogos diretos e indiretos;

- Assim que a companhia chegar à sua nova posição, o pelotão retira por escalões. A VBR é especialmente adequada para esta finalidade, devido à sua proteção, mobilidade e armamento orgânico.

**b. Rotura de contacto sob pressão**

Se o pelotão não consegue preparar e posicionar os ELDC, então o pelotão executa uma retirada sob pressão, desempenhando-se do inimigo por lanços para a retaguarda. As Secções ou VBR que não se encontrem em contacto, retiram-se primeiro para a retaguarda para efetuar fogo de supressão a fim de permitir que as secções e VBR em contacto retirem.

**c. Desempenhar**

Com base nas ordens do comandante do batalhão, o comandante da companhia decide por quanto tempo deve manter as posições defensivas. A companhia pode ser obrigada a permanecer na posição e combater enquanto for possível ou a desempenhar-se e a retirar para uma posição subsequente. Um pelotão, integrado numa companhia, pode desempenhar-se para defender a partir de uma outra posição de combate, para se preparar para um contra-ataque, para retardar, retirar, ou para preparar outra missão.

(1) O fogo e movimento para a retaguarda são as formas adequadas para um pelotão efetuar uma rotura de contacto. Todos os fogos disponíveis são utilizados para retardar o inimigo e permitir que os pelotões se afastem. O comandante de companhia, antes de iniciar o deslocamento para a retaguarda, pode movimentar os seus pelotões a fim de concentrar fogos para impedir ou retardar o avanço do inimigo.

- (a) É criada uma posição de apoio pelo fogo para cobrir a retirada das secções ou pelotões. Um pelotão ou secção, atuando como elemento de apoio, ocupa a posição de apoio pelo fogo, atrasando o inimigo com fogo ou mantendo a posse de terreno, bloqueando o seu avanço, enquanto os outros pelotões ou secções se desempenham.
- (b) O pelotão ou secção desloca-se para a sua próxima posição à retaguarda e garante apoio de fogos (passa a ser o elemento de apoio), para cobrir o movimento para a retaguarda do pelotão ou secção mais avançada (que anteriormente era o elemento de apoio).
- (c) O fogo e movimento é repetido até que, o contacto com o inimigo seja quebrado, os pelotões passem através de uma posição de apoio pelo fogo de uma unidade de escalão superior, ou os pelotões estejam em condições de retomar a sua defesa.

- (d) As táticas usadas pelos pelotões para efetuarem uma rotura de contacto diferem de acordo com: a forma como o pelotão está empenhado, o plano do comandante da companhia para a rotura de contacto, e outros fatores. As ações seguintes são aplicáveis em todos os casos:
- Aproveitar ao máximo o terreno para cobrir o movimento para a retaguarda. VBRs ou as secções, saem das posições e movimentam-se para a retaguarda, mantendo entre a força e o inimigo uma característica de terreno (ex: dobra de terreno, arvoredo, vegetação, etc) para cobrir o movimento;
  - Uma movimentação rápida e eficaz com apoio pelo fogo aumenta a mobilidade das VBRs e é fundamental para uma retirada bem sucedida.
- (2) Os planos para a retirada devem fazer parte de qualquer plano defensivo. Quando as secções são colocadas nas posições, deve ser elaborado um plano de embarque, para permitir uma saída rápida das secções em caso de retirada.
- (a) Quando o pelotão emprega as VBRs e as secções em posições separadas, devem ser escolhidos os pontos de embarque e itinerários de embarque do pelotão, assim como treinada a operação de embarque. O ponto de embarque pode ser perto da posição da secção, perto da posição das VBR, ou entre os dois. (Figura 7-1).

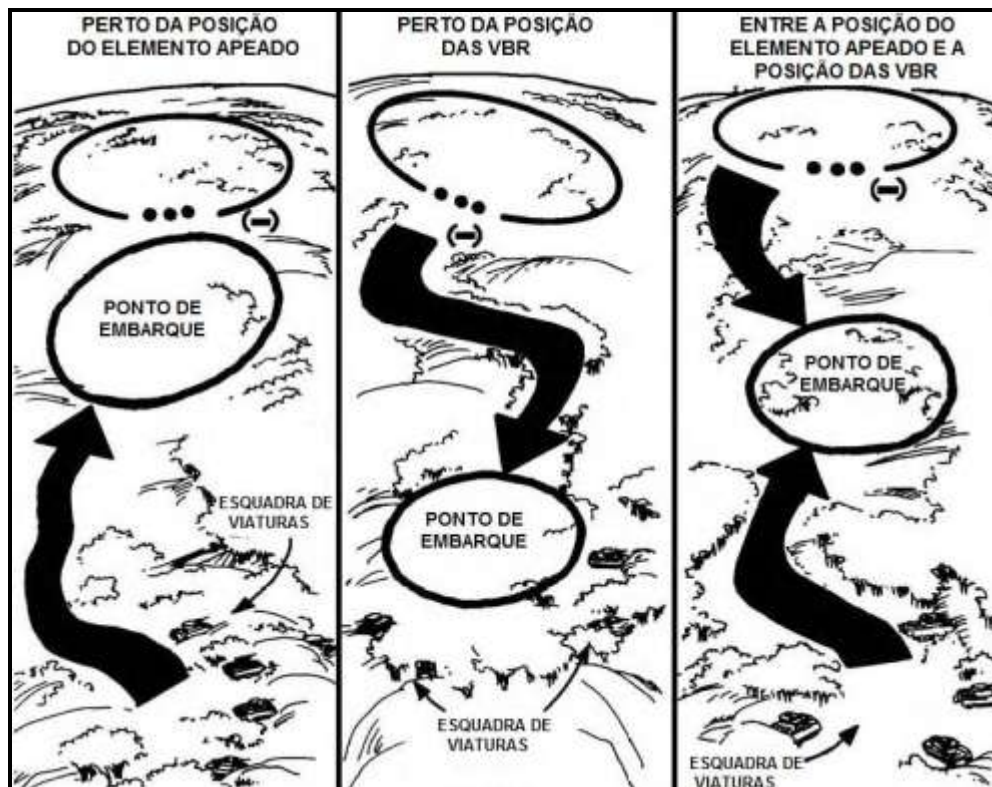


Figura 7-1 - Pontos de embarque do pelotão

- (b) As posições cobertas e abrigadas para as VBRs e secções devem ser escolhidas de maneira a permitir o fácil embarque, mesmo durante os períodos de visibilidade reduzida. Os CmdtSec devem assegurar que os seus homens sabem onde é o ponto de embarque, onde está a VBR e os seus itinerários de acesso. Os itinerários, para o ponto de embarque, devem ser cobertos e devem permitir o deslocamento rápido de ambos os elementos (VBR e Secção).
- (3) Quando as secções e as VBRs estão separadas, existem três técnicas para as secções efetuarem a rotura de contacto. Rotura de contacto em simultâneo (movimentar todas os elementos ao mesmo tempo) pode ser usada se o elemento está coberto por fogos de uma outra força. Quando as secções têm que cobrir o seu próprio movimento, elas desempenham-se por equipas ou por enfraquecimento de linhas.
- (a) Quando as secções efetuam uma rotura de contacto em simultâneo, elas reúnem-se e deslocam-se como um só elemento para o ponto de embarque, usando a técnica de deslocamento adequada.
- Este método é aconselhado quando o movimento rápido é crítico, quando o elemento a retirar está adequadamente coberto por fogos, quando o inimigo não empenhou uma das nossas secções ou não consegue efetuar fogo de forma eficaz ou quando existem obstáculos para retardar o inimigo.
  - Este método pode ser usado, ainda quando as secções se conseguem retirar antes que o inimigo se aproxime da sua posição, devido à existência de um obstáculo ou se a distância entre secções e o inimigo for grande, ou quando os outros pelotões da companhia ou batalhão estão a cobrir a retirada.
- (b) Quando o pelotão tiver que cobrir o seu próprio movimento, duas secções ficam em posição (posição de apoio pelo fogo). A terceira secção desloca-se para a retaguarda. As secções deixadas na posição de apoio pelo fogo, efetuam fogo sobre todo o setor de tiro do pelotão, a fim de cobrir o movimento da outra secção. Os setores de tiro devem ser ajustados, para uma melhor cobertura de todo o setor de tiro do pelotão. A secção em movimento pode-se deslocar por esquadras ou como um todo, visto já existirem duas secções a cobrir o seu movimento. As secções deixadas em posição desempenham-se sequencialmente. O movimento para a



retaguarda, alternando as secções, continua até que o contacto com o inimigo seja rompido. Uma vez quebrado o contacto com o inimigo, a rotura de contacto está completa e as secções deslocam-se para o ponto de embarque, usando a técnica de deslocamento adequada.

- (c) Quanto à rotura de contacto por enfraquecimento de linhas, os soldados de cada secção (muitas vezes um soldado de cada posição de combate) desempenham-se e deslocam-se para a retaguarda (Figura 7-2). Os soldados ainda em posição de combate tornam-se no elemento de apoio, para cobrir o movimento dos outros elementos.

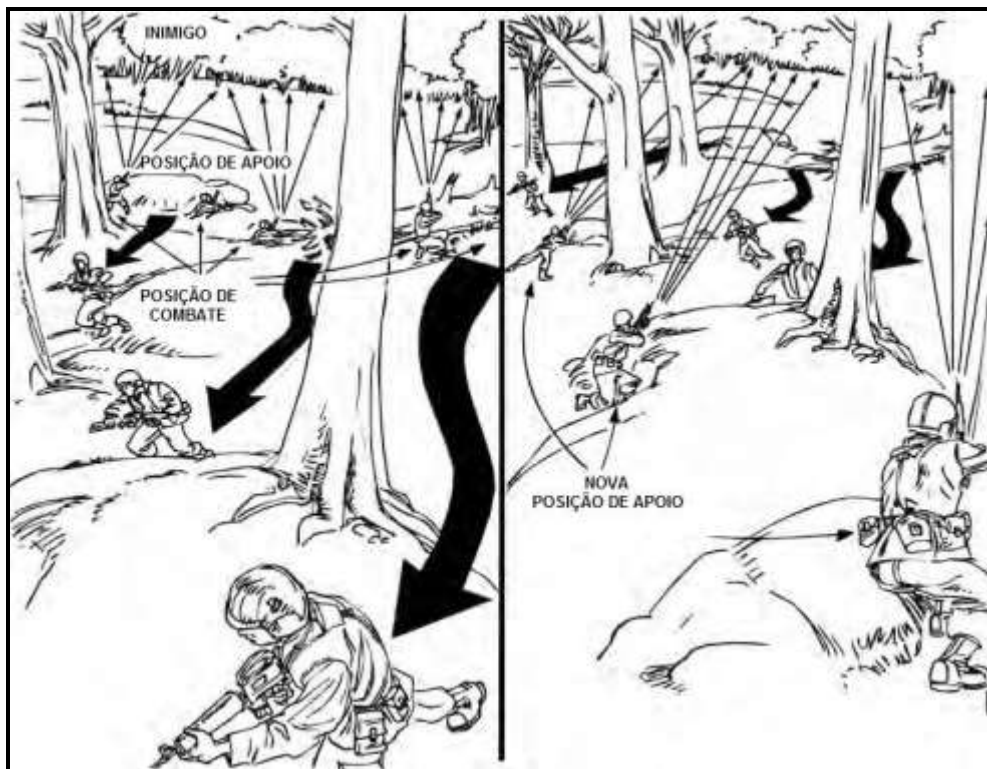


Figura 7-2 - Rotura de contacto por enfraquecimento de linhas

- (d) Quando as VBRs e as secções se encontram na mesma posição de combate, as secções normalmente deslocam-se para o ponto de embarque enquanto as VBRs fornecerem fogos de supressão. De seguida as VBRs, deslocam-se rapidamente para o ponto de embarque, juntam-se à secção; a secção embarca e desloca-se para a retaguarda. As secções utilizam as técnicas de retirada apresentada anteriormente. O método escolhido é ditado pela situação do inimigo, terreno e a capacidade da tripulação da VBR em efetuar fogos de supressão.

- (2) Devido à velocidade e proteção das VBR (contra pequenas armas de fogo e fragmentos de granadas de artilharia), são as secções (quando apeadas) que se empenham-se quando cobertas pelas VBR. Se a VBR não está em posição para apoiar a secção pelo fogo ou se a secção está fortemente empenhada, a esquadra de viatura pode desempenhar-se primeiro e deslocar-se para uma posição onde melhor possa apoiar pelo fogo a rotura de contacto da secção. Independentemente do método utilizado, há duas maneiras básicas da esquadra de viaturas se desempenhar. Se as VBRs estão a ser cobertas pelo fogo de uma outra força, pode ser usada a retirada em simultâneo. Se as VBRs tiverem que cobrir o seu próprio movimento, elas desempenham-se por esquadra de viaturas. Estes métodos são semelhantes aos utilizados pelas secções.
- (a) Rotura de contacto em simultâneo. Quando as VBRs efetuam a rotura de contacto em simultâneo deslocam-se como um pelotão (como uma só força), tão rapidamente quanto possível. Este método é normalmente utilizado quando o movimento das VBRs está coberto por fogo de outra unidade e a velocidade é o fator mais crítico. Se as secções já se encontram embarcadas, todo o pelotão se desloca, utilizando as técnicas de deslocamento, para uma nova posição designada pelo comandante. Se as secções estão apeadas, as VBRs deslocam-se para o ponto de embarque e apanham a secção, ou então de uma nova posição podem apoiar pelo fogo para permitir que as secções retirem.
- (b) Rotura de contacto por viatura ou esquadra de viaturas. Quando as VBRs tiverem que cobrir a sua rotura de contacto, no mínimo três VBRs devem ser deixadas na posição (posição de apoio pelo fogo) como elemento de apoio, enquanto as restantes viaturas se deslocam para a retaguarda. As VBRs deixadas na posição devem cobrir pelo fogo todo o sector, até que as VBRs que se estão a deslocar cheguem a sua nova posição de apoio pelo fogo a fim de suprimir o inimigo, permitindo que as outras VBR iniciem o seu deslocamento para a retaguarda.

#### **0706.Retardar**

Numa missão de retardamento, o pelotão força o inimigo a reduzir o seu movimento perdendo tempo, forçando-o a desenvolver, várias vezes para o ataque. Antes do assalto por parte do inimigo, a unidade que está a retardar, retira para uma nova posição. Os pelotões ou secções desempenham-se do inimigo, tal como descrito numa rotura de contacto sob pressão. Uma vez desempenhado, o pelotão desloca-se diretamente para a sua próxima posição e defende

novamente. Os pelotões ou secções retardam o avanço do inimigo, causando-lhe baixas e perdas de material, através de:

- Emboscadas;
- *Snipers*;
- Obstáculos;
- Campos de minas (incluir campos de minas simulados);
- Fogo de artilharia e de morteiros.

#### **0707. Operações na área da retaguarda**

As operações na área da retaguarda podem ser usadas como parte de missões defensivas ou de retardamento. Na defesa, uma vez que as unidades de combate do inimigo passaram pela nossa defesa, o seu ponto mais fraco (trens de combate e trens de campanha) pode ser atacado.

##### **a. Tipos**

Os dois tipos de operações na área da retaguarda são: não planeadas e deliberadas.

##### **(1) Não planeada**

Uma operação não planeada, na área da retaguarda, é uma operação em que uma unidade se encontra separada de uma outra unidade amiga, por um período de tempo indefinido, sem planeamento.

##### **(2) Deliberada**

Uma operação deliberada na área da retaguarda é uma operação em que uma unidade planeia executar, numa área controlada pelo inimigo, como elemento separado e coeso, por um determinado período de tempo ou até uma determinada ação ocorrer. Uma operação deliberada na área da retaguarda exige um planeamento detalhado. Os pelotões e secções executam este tipo de operações, como parte de uma unidade de escalão mais elevado (Companhia ou Batalhão).

##### **b. Planeamento**

O Processo de Tomada de Decisão Militar (PTDM) aplica-se às operações na área da retaguarda. Durante o planeamento deve-se ter em atenção o seguinte:

##### **(1) Organização das tarefas**

A unidade que executa este tipo de operações, inclui para a execução da missão, apenas o equipamento e os militares necessários. Ela precisa do mínimo apoio logístico e consegue garantir a sua própria segurança. Ela deve ser capaz de se esconder e de se mover facilmente através de terreno restritivo. As VBRs podem ou não fazer parte de uma operação na área da retaguarda.

(2) Reconhecimento

Esta é a tarefa mais importante numa operação na área da retaguarda. O objetivo dos relatórios e requisitos de informação devem incluir locais possíveis para bases de patrulha, posições para se esconderem, PO's, "fontes de água", itinerários de aproximação para pessoal apeado e viaturas, zonas de morte, áreas para emboscadas e itinerários cobertos e abrigados para aproximação.

(3) Trens de combate

Devido ao facto desta unidade não se encontrar em contacto físico com a sua unidade de apoio, o fornecimento de rações, munições, baterias para os rádios, água e equipamento sanitário estão em reserva (à ordem). As provisões para as baixas e PG evacuados dependem do planeamento da companhia ou batalhão. Embora as VBRs neste tipo de operação tragam algumas vantagens, elas também causam alguns problemas de planeamento no que ao apoio de serviços diz respeito.

#### **0708. Operações de assalto aéreo**

**NOTA:** Separar a infantaria das suas VBRs durante as operações de assalto aéreo, pode limitar a sua rede de comunicações e o seu conhecimento da evolução da situação.

Os pelotões de infantaria da BrigInt podem ser obrigados a participar numa operação de assalto aéreo como parte do plano tático. O pelotão tem a capacidade de ser aerotransportado, como parte de uma grande operação. O batalhão é o mais baixo escalão com pessoal suficiente para planear, coordenar e controlar uma operação de assalto aéreo. Quando a companhia executa este tipo de operações, o planeamento ocorre no Posto de Comando (PC) do batalhão ou acima deste. A execução de um assalto aéreo bem sucedido, é baseada numa análise cuidadosa e detalhada dos fatores MITM-TC, e de um planeamento inverso preciso. Os planos que compõem a sequência de planeamento inverso são desenvolvidos para cada operação de assalto aéreo e incluem planos táticos terrestres, planos de aterragem, o plano do movimento aéreo, plano de carregamento e um plano de estacionamento. Esses planos, normalmente, são coordenados e desenvolvidos pelo estado-maior do batalhão para fazer o melhor uso do tempo disponível. Se o tempo é limitado, os passos do planeamento podem ser abreviados ou realizados simultaneamente e com planos detalhados e as ordens podem ser NEPs ou lições aprendidas no treino. Apesar de não ser uma tarefa crítica a treinar com maior prioridade, num batalhão de infantaria, as operações de assalto aéreo e tarefas críticas, devem ser incluídas no treino do pelotão.

**a. Plano tático terrestre**

A fundação de uma operação de assalto aéreo bem sucedida é o plano tático terrestre do Cmdt da força, em torno de qual o planeamento subsequente é baseado. O plano tático terrestre especifica as ações na área do objetivo a fim de cumprir a missão e a localização das operações subseqüentes. O plano tático terrestre contém essencialmente os mesmos elementos que qualquer outro plano de ataque, sendo a velocidade e a mobilidade fatores fundamentais para conseguir surpresa.

**b. Plano de aterragem**

O plano de aterragem deve apoiar o plano tático terrestre. Este plano coloca elementos na área de operações, para assegurar que os pelotões chegam ao local no horário estabelecido, preparados para executar o plano tático terrestre.

**c. Plano do movimento aéreo**

O plano do movimento aéreo é baseado no plano tático terrestre e no plano de aterragem. Ele especifica o horário e fornece as instruções para o movimento aéreo dos militares, equipamentos e apoio logístico a partir das zonas de levantamento e zonas de aterragem.

**d. Plano de carregamento**

O plano de carregamento é baseado no plano de movimento aéreo. Ele garante que soldados, equipamentos e provisões são carregados na aeronave correta. A integridade do pelotão é mantida quando as cargas das aeronaves são planeadas. É imperativo um carregamento cruzado de pessoal e equipamentos essenciais, para garantir a sobrevivência do comando e controlo e garantir que o pessoal e o respetivo armamento chega à zona de aterragem (ZA) pronto para ação. O Comandante de Pelotão ou Comandante de Secção deve garantir sempre que a aeronave está carregada de modo a que os soldados ao desembarcarem estejam prontos a reagir e contribuir para a execução da missão.

**e. Plano de estacionamento**

O plano de estacionamento é baseado no plano de carregamento e prescreve a hora de chegada das unidades (soldados, equipamentos e suprimentos) à zona de aterragem (ZA) no fim do movimento. O plano inclui o dispositivo das VBRs deixadas na área do estacionamento, e o plano de junção do pelotão após o regresso da operação de assalto aéreo.

**(1) Dispositivo das VBRs**

O pelotão deve elaborar um plano de segurança para as VBRs que irão permanecer na área do estacionamento até que o pelotão regresse à ZA, após a conclusão da missão de assalto aéreo. Este plano de segurança pode ser tão

simples como um círculo ou formação em espinha ou o pelotão pode fazer parte de uma defesa em perímetro. As instruções para a junção do pelotão com as VBRs também deverão ser incluídas.

(2) Plano de junção com as VBRs

O plano de junção do Comandante de Pelotão deve ser tão pormenorizado como os planos de estacionamento e de carregamento. Para simplificar a junção, o Comandante de Pelotão deve garantir que a integridade do pelotão é mantida. O Comandante de Pelotão e o Comandante de Companhia devem designar um ponto de junção para cada elemento a fim de se juntarem as suas VBRs. Assim que a aeronave aterra, as unidades deslocam-se imediatamente para seu ponto de junção para assim continuarem a missão.

### **0709. Operações de segurança da área da retaguarda**

A Segurança da área da retaguarda protege reabastecimentos ou terrenos específicos, críticos e vulneráveis aos fogos diretos e observação inimiga. Estes tipos de operações podem ser: escolta a colunas amigas; proteger pontos críticos tal como pontes, instalações de comando e controlo ou outros locais chave e vulneráveis ou participando na proteção de grandes áreas, como os aeroportos. Durante as operações de estabilização ou de apoio, o pelotão pode ser obrigado a estabilizar PO, barricadas na estrada ou postos de controlo. O pelotão normalmente executa uma operação de segurança da área quando a operações de segurança ou de combate convencional não funcionar. O pelotão poderá realizar operações de segurança da área como parte de uma força maior ou como um pelotão independente. Pelotões de infantaria da BrigInt, normalmente, conduzem missões de segurança da área para proteger pontos de elevado valor, áreas ou bens. A proteção de um ponto, área ou bens (e a técnica defensiva escolhida) depende dos fatores do MITM-TC. O Comandante de Pelotão deve integrar os seus elementos no plano global de segurança para a área que ele deve proteger. As operações de segurança da área da retaguarda contam com várias técnicas, que podem incluir o reconhecimento, a segurança, as tarefas defensivas e as tarefas ofensivas.

- a. Ao implantar a segurança da área da retaguarda, o pelotão geralmente adota uma formação circular à volta do ponto, área ou recurso que deve proteger e apeia as secções, adotando um dispositivo defensivo em perímetro. Com base na situação, o Comandante de Pelotão integra as VBRs no plano de defesa e coloca as armas anticarro a bater os itinerários de aproximação mais prováveis para as viaturas blindadas.
- b. Para melhorar ainda mais a posição, o pelotão implementa campos de minas de proteção, arames e outros obstáculos, se necessário e disponíveis. Ele implementa

obstáculos de arame fora do alcance das granadas de mão (lançadas a partir das posições amigas). Uma vez criados as posições e os obstáculos para as viaturas, o pelotão elabora um plano de fogos e remete esse plano ao seu escalão superior. Este plano deve contemplar os fogos diretos e indiretos.

- c. Além de definir a posição do pelotão em torno do local a ser protegido, o pelotão executa também patrulhas e PO para reforçar a segurança (Figura 7-3). Patrulhas de reconhecimento e patrulhas de combate definem a área de operações em redor do local, obtêm informações sobre as forças inimigas e destroem pequenos elementos de reconhecimento inimigos apeados. O pelotão implanta PO para observar itinerários possíveis de aproximação, para fornecer alerta prévio da atividade inimiga, e para ajudar na observação e controlo de fogos indiretos.

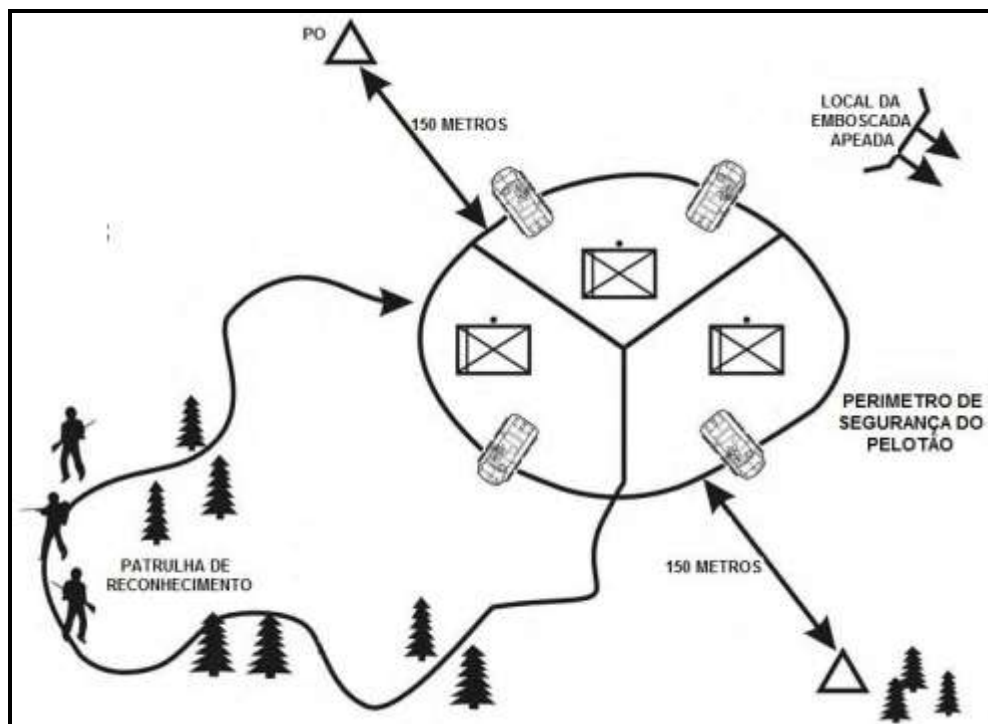


Figura 7-3 - Dispositivo de uma zona de reunião de pelotão

#### 0710. Segurança a colunas e itinerários

São geralmente unidades de escalão companhia ou superior que executam missões de escolta ou segurança a itinerários. A segurança a uma coluna providencia proteção a uma coluna específica. A segurança no itinerário visa garantir uma segurança a um determinado itinerário, por um determinado período de tempo, durante a qual várias colunas militares podem utilizar esse itinerário. Estas missões incluem inúmeras tarefas (tais como escolta, reconhecimento e forças de reação) que se tornam em missões para as subunidades. O tamanho da unidade

para executar a escolta a uma coluna ou segurança do itinerário, depende de muitos fatores, incluindo o tamanho da coluna, o terreno, bem como a duração do percurso.

**a. Reconhecimento de itinerário**

Nesta missão, o CmdtPel incide o seu reconhecimento sobre a traficabilidade do itinerário e sobre as forças inimigas que possam influenciar o itinerário. O pelotão deve planear a atuação da engenharia para auxiliar na abertura de brechas nos obstáculos. Os explosivos de controlo *Improved Explosive Device* (IED) remoto representam uma grande ameaça durante o reconhecimento de itinerário.

**b. Escolta de uma coluna**

O pelotão pode realizar uma missão de escolta de uma coluna de forma independente ou fazendo parte de uma unidade maior. A missão de escolta de uma coluna exige que o pelotão forneça proteção próxima contra as armas de tiro direto de curto alcance. As VBRs do pelotão integram as viaturas de apoio, de comando e controlo, camiões civis e autocarros. Os Cmdts devem avaliar cuidadosamente o inimigo antes de atribuir a missão de escolta de uma coluna ao pelotão.

**c. Comando e Controlo**

Por causa da organização das tarefas de uma missão de escolta de uma coluna, o comando e controlo é especialmente crítico. O CmdtPel e o Cmdt da coluna devem interligar-se entre si, para que se providencie um comando e controlo, caso seja necessária uma missão de combate durante a escolta. Na maioria dos casos, o pelotão irá executar a missão de escolta sob o controlo do comandante da força de segurança, que estará geralmente sob controlo operacional ou atribuído ao comandante da coluna. É vital que o Cmdt da Coluna difunda a todos os seus chefes de viatura da coluna uma Ordem de Operações (OOp) completa antes de executar a missão, porque a coluna pode ser organizada em várias subunidades e alguns veículos podem não ter rádios. A OOp deve seguir o formato padrão de uma ordem, mas a ênfase deve ser colocada em:

- Itinerário de deslocamento (distribuir um mapa do itinerário a cada chefe de viatura);
- Ordem de marcha;
- Ações a tomar num alto;
- Ações a tomar em caso de avaria de uma viatura;
- Ações a tomar ao estabelecer o contacto com o inimigo;
- Cadeia de comando;
- Instruções Temporárias de Transmissões (ITTMs).



**d. Dispositivo tático**

Durante todas as missões de escolta, o Cmdt coluna e o CmdtPel devem estabelecer e manter a segurança em todas as direções. Como se pode notar o tamanho da coluna, afeta este fator. A questão fundamental é saber se o pelotão está a operar como parte de uma força de escolta maior ou se está a executar a missão de forma independente. As considerações MITM-TC incluem o emprego das VBRs por secções, ou se estas vão montadas noutro tipo de viaturas.

**(1) Pelotão integrado numa escolta de companhia.**

Quando estão disponíveis os meios suficientes para uma escolta, os Cmdt da coluna geralmente organizam a coluna em três elementos distintos: guarda avançada, grupo de proteção próxima, e guarda da retaguarda. A figura 7-4 mostra uma coluna, em que o pelotão esta integrado numa companhia.

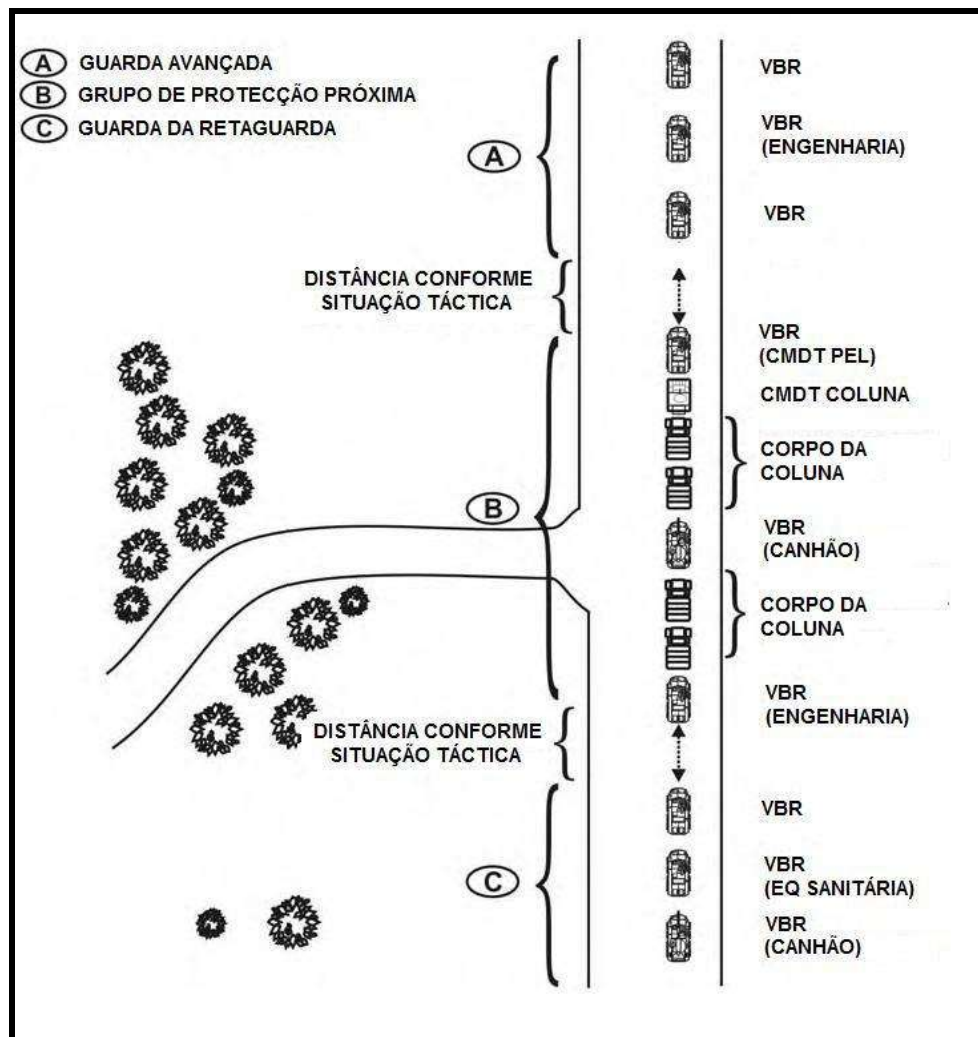


Figura 7-4 - Pelotão integrado numa escolta de companhia

- (a) A guarda avançada reconhece e testa o itinerário da coluna. Ela procura sinais de atividade inimiga, tais como emboscadas e obstáculos. Dentro das suas capacidades, ela tenta limpar o itinerário e fornecer ao Cmdt da coluna um aviso prévio antes da chegada da coluna. Em alguns casos, uma das VBR do pelotão, uma secção ou o pelotão inteiro pode ser designado como parte da guarda avançada e pode receber um carro de combate com um arado ou rolo limpa minas.
- (b) Ao pelotão é normalmente atribuída a tarefa de efetuar a proteção próxima da coluna. Este grupo fornece uma proteção imediata às viaturas da coluna, posicionando-se quer nos flancos da coluna ou integrado na própria coluna. O Cmdt da coluna de viaturas vai integrado neste grupo.
- (c) A guarda da retaguarda segue a coluna. Ela fornece a segurança da área da retaguarda do corpo principal da coluna. Muitas vezes é onde vai integrado o apoio sanitário e manutenção. Mais uma vez, uma VBR (uma secção) ou o pelotão inteiro, podem fazer parte da guarda da retaguarda.

**NOTA:** O comandante da coluna também pode designar um pelotão de atiradores ou uma secção-canhão, como reserva (força de reação rápida), para reforçar a coluna com poder de fogo no caso de contacto com o inimigo. A reserva pode-se deslocar juntamente com a coluna ou ficar localizada numa zona de reunião, suficientemente perto para conseguir intervir em tempo. Esta zona de reunião vai-se posicionando à medida que a coluna se desloca, de modo a ter sempre um tempo de reação oportuno.

(2) Pelotão isolado a executar uma escolta.

Quando o pelotão executa de forma independente uma missão de escolta de uma coluna, o Comandante da Coluna e o Comandante de Pelotão distribuem as VBRs por toda a coluna para garantir segurança para a frente, para os flancos e para a retaguarda. Sempre que possível, os chefes de viatura VBR devem manter contacto visual com seu Comandante. Engenharia, caso exista, deve ser localizada na frente da coluna, para limpar os obstáculos. Às vezes, a engenharia pode ir na testa da coluna, juntamente com uma secção de Atiradores para verificar o itinerário da coluna. A figura 7-5 ilustra este tipo de escolta. Em certas missões, as variações de terreno ao longo do percurso podem exigir que o pelotão efetue uma proteção e observação à coluna em 360°. A figura 7-6 ilustra essa situação, mostrando uma secção a liderar a coluna, enquanto as outras a seguem. A dispersão entre os veículos será a

suficiente para garantir a segurança de flanco. Por vezes dependendo do terreno, o grupo da retaguarda pode não conseguir ver o movimento do grupo da frente.



Figura 7-5 - Pelotão isolado a executar uma escolta

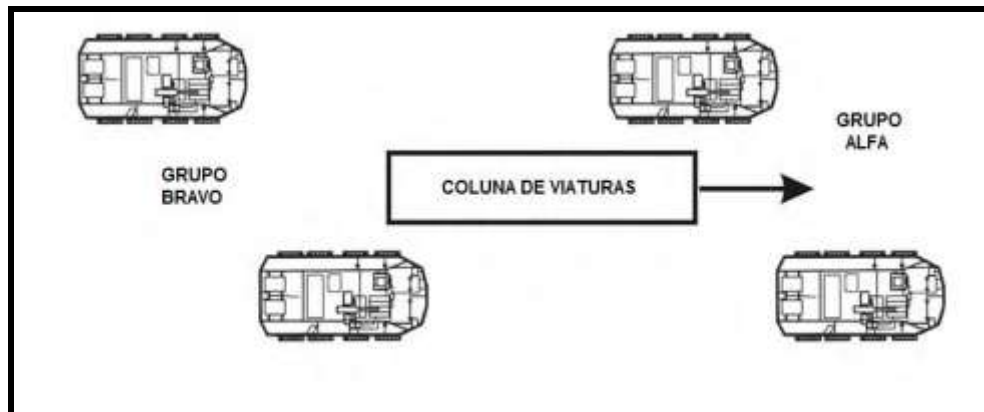


Figura 7-6. Pelotão efetua proteção e observação em 360°

**e. Ações a tomar no contacto**

Por diversas razões uma coluna em deslocamento é um objetivo remunerador e o inimigo pode tentar destruí-la. Esse contacto, geralmente sob a forma de emboscada, ocorre muitas vezes com a utilização de um obstáculo preparado de uma forma expedita para tirar partido e explorar a situação. A segurança da coluna depende da rapidez e da eficácia com que os elementos de escolta conseguem executar ações de reação ao contacto. Com base nos fatores de MITM-TC, partes da força de segurança de uma coluna, tais como o pelotão ou uma secção VBR, podem ser designadas para força de reação.

**f. Ações a tomar numa emboscada**

Uma emboscada é uma das formas mais eficazes para atacar uma coluna. A reação a uma emboscada deve ser imediata, esmagadora, e decisiva. As ações a tomar em caso de contacto com o inimigo devem ser planeadas e treinadas, para que elas possam ser executadas rapidamente de uma forma coordenada.

- (1) Em quase todas as situações, o pelotão terá que executar instantaneamente várias ações específicas, ilustradas na (figura 7-7) e (figura 7-8):
- Assim que estabelecem contacto com o inimigo, as VBRs reagem ao inimigo (Figura 7-8). Elas procuram uma posição coberta e abrigada entre a coluna e o inimigo e executam o máximo volume de fogos de supressão, permitido pelas ROE, contra o inimigo. Após esclarecer a situação, é elaborado, rapidamente o RELIM para o escalão superior;
  - O Comandante da coluna mantém o controlo das viaturas da coluna e continua o deslocamento pelo itinerário, com a maior velocidade possível (Figura 7-7);
  - As viaturas da coluna, se armadas, podem responder ao fogo se o pelotão da escolta ainda não se tiver posicionado entre a coluna e o inimigo.
  - O Comandante de Pelotão da escolta ou Comandante da coluna pode solicitar que todos os veículos danificados ou com algum tipo de avaria sejam abandonados ou desviados para fora do itinerário (Figura 7-8).
  - O Comandante de Pelotão da escolta nos exemplos apresentados é o Comandante de Pelotão, que usa os SITREPs para manter o Comandante da coluna informado. Se necessário, o Comandante da escolta ou o Comandante da coluna podem solicitar o apoio da força de reação e / ou pedir apoio de fogos indiretos, para as regiões onde o inimigo foi detetado.

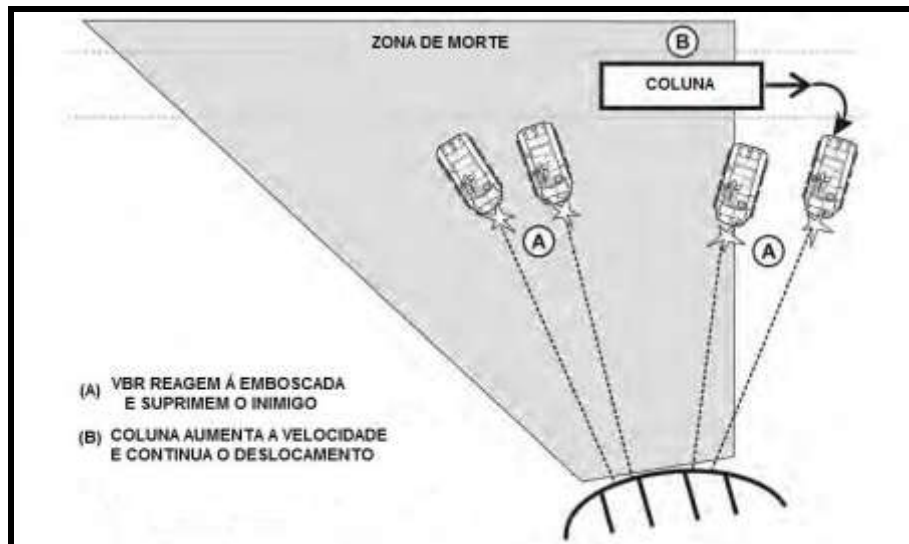


Figura 7-7 - Ações da escolta de uma coluna numa emboscada

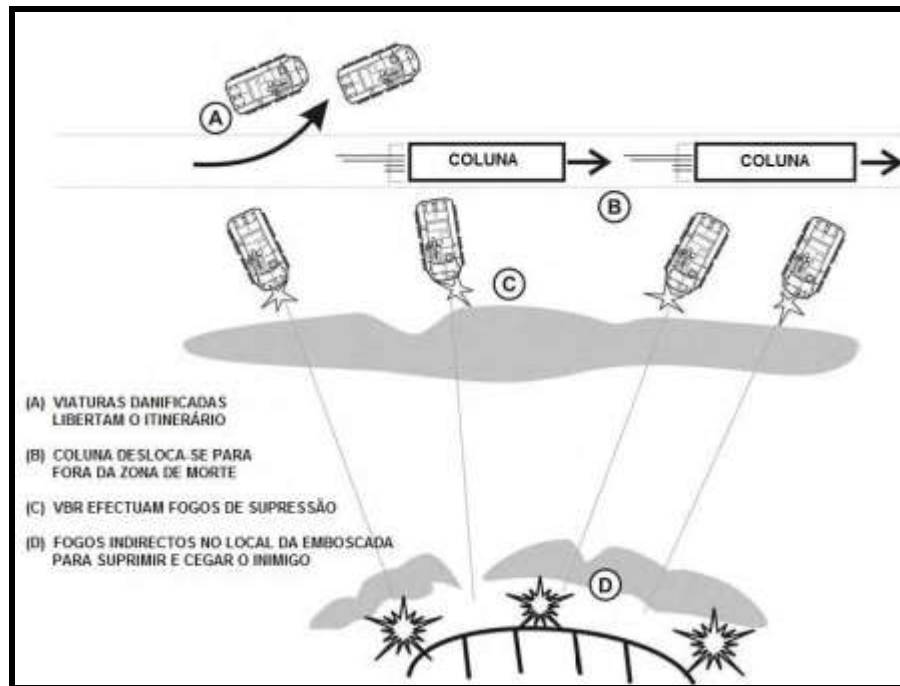


Figura 7-8 - A Coluna continua o movimento

- (2) Uma vez que a coluna se encontre fora da zona de morte, o elemento da escolta executa uma das seguintes ações:
  - Continua a suprimir o inimigo, enquanto a força de reação se desloca para apoiar (figura 7-9);
  - As secções assaltam a posição inimiga (figura 7-10);
  - Rompe o contacto e saem da zona de morte.
- (3) Na maioria das situações, as VBRs e as secções continuarão a suprimir o inimigo ou executarão um assalto à posição. O contacto deve ser quebrado apenas com autorização do Comandante de Pelotão (o Comandante de Pelotão pode estar atribuído a uma outra força ou entidade).

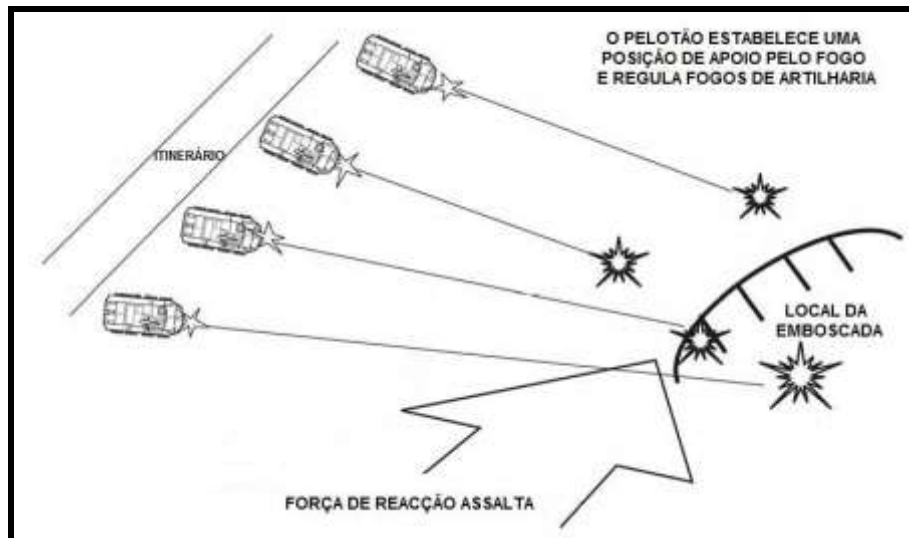


Figura 7-9 - O pelotão suprime o inimigo para a força de reação atacar

- (4) Na intenção de reagir rapidamente ao inimigo, nem toda a força da VBR pode reagir para evitar que a coluna fique desprotegida. Se no primeiro contacto com o inimigo, este estiver a fazer só fogos de supressão, pode levar a que a coluna caia numa emboscada maior, um pouco mais à frente e já sem a maior parte da sua proteção.

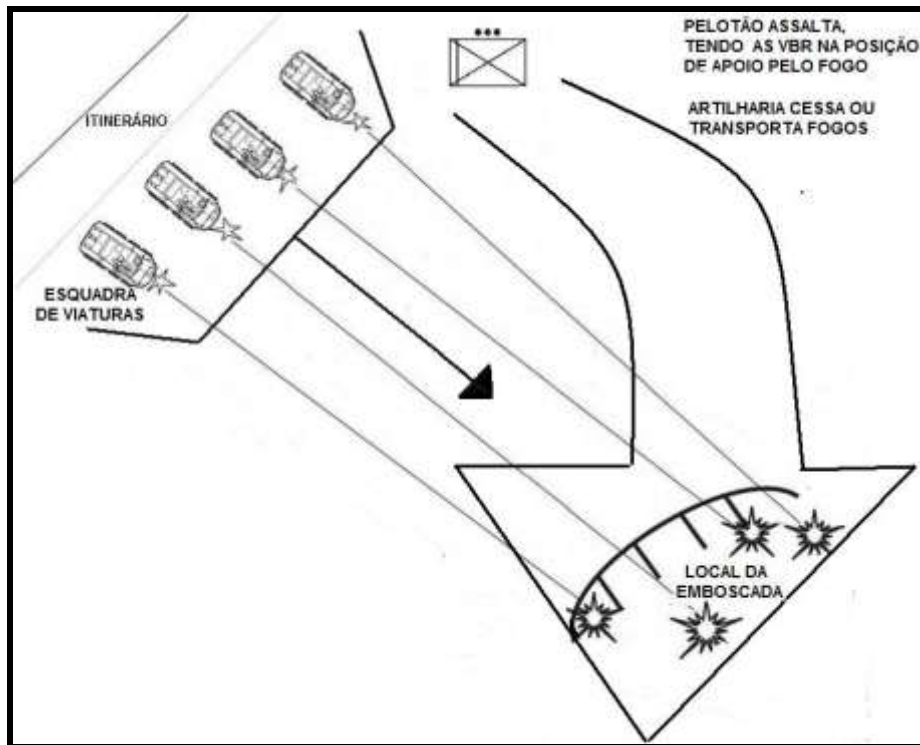


Figura 7-10 - Pelotão assalta o local da emboscada

**g. Ações a tomar perante um obstáculo**

Os obstáculos são um grande constrangimento para colunas. A finalidade do reconhecimento à frente de uma coluna é identificar os obstáculos, abrir uma brecha ou encontrar um desvio para o contornar. Em alguns casos os seus obstáculos estão de tal forma camuflados que podem não ser detetados pelo elemento de reconhecimento.

- (1) Os obstáculos podem ser usados para retardar a coluna, se o terreno for adequado, o obstáculo pode ser capaz de canalizar ou parar completamente toda a coluna. Este facto, facilitará a montagem duma emboscada por parte do inimigo. Quando aparece um obstáculo, a escolta enfrenta dois problemas: reduzir a velocidade ou contornar o obstáculo (mantendo sempre a proteção da coluna). A segurança torna-se crítica e por isso as ações a tomar contra o obstáculo devem ser feitas rapidamente. O Comandante da coluna deve assumir que o inimigo tem o obstáculo batido por fogos diretos e indiretos.
- (2) Para reduzir o tempo, em que a coluna está parada e reduzir a sua vulnerabilidade, devem ser tomadas as seguintes ações quando a escolta encontra um obstáculo:
  - A secção mais avançada identifica os obstáculos e alerta a restante força da coluna. Esta faz um pequeno alto e estabelece segurança próxima

- 11). Mantém o obstáculo sobre observação e solicita o apoio do elemento de brecha junto ao obstáculo;
- A escolta da coluna mantém segurança em 360° e fornece cobertura ao elemento de brecha à medida que este procura uma passagem através do obstáculo.
- (3) Uma vez terminado todo o reconhecimento, o Cmdt da coluna determina qual das seguintes ações irá executar:
- Remover o obstáculo;
  - Abrir uma brecha no obstáculo manualmente;
  - Abrir uma brecha no obstáculo com recurso a outros meios.
- (4) O Cmdt da escolta elabora um SITREP e um pedido de apoio da força de reação, engenharia (se eles não fizeram já parte da coluna) e de reconhecimento aéreo. As unidades de artilharia são alertadas para se prepararem para efetuar apoio de fogos.

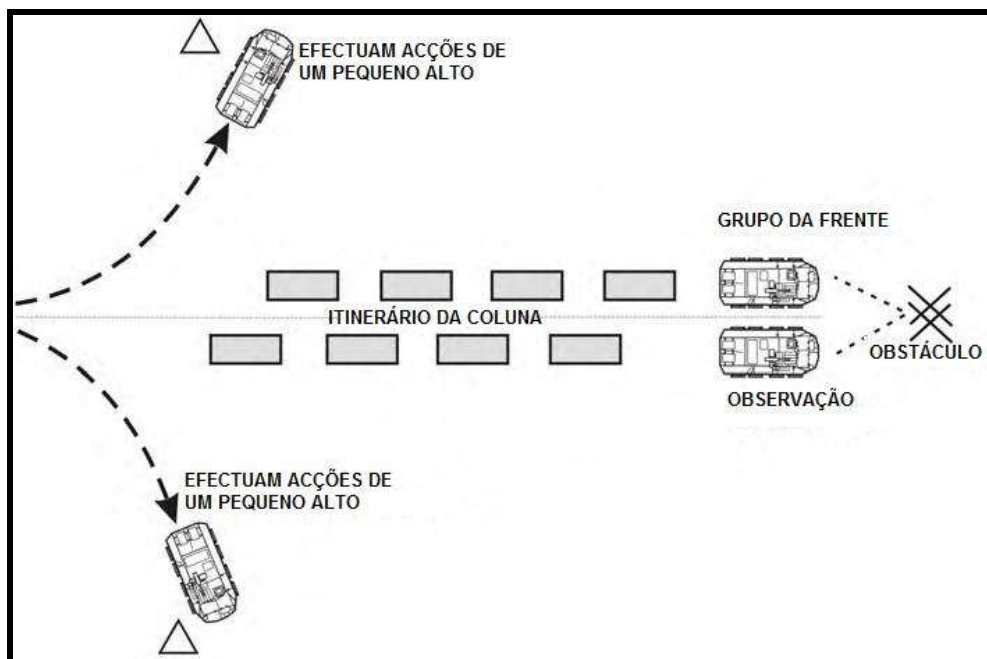


Figura 7-11 - Pelotão mantém observação sobre o obstáculo

**h. Ações a tomar durante um alto**

Durante um alto, a escolta permanece em alerta para qualquer atividade inimigo. Se o alto é, por qualquer razão, que não seja por um obstáculo, deve-se adotar os seguintes passos:

- O Cmdt da coluna sinaliza o local do alto e transmite a ordem via rádio. Todas as viaturas da coluna assumem a formação em espinha;



- Se possível, as VBR devem afastar-se cerca de 100 metros da coluna e a coluna deve desimpedir o itinerário (Figura 7-12). As VBRs permanecem prontas a sair, as secções apeiam e estabelecem segurança local;
- Quando é dada a ordem de saída, a coluna restabelece a formação inicial, deixando espaço para as VBRs da escolta (Figura 7-13). Uma vez que a coluna se encontra formada, os elementos da segurança local (se utilizado) embarcam nas VBRs, e estas regressam à coluna (Figura 7-14);
- A coluna retoma o movimento;

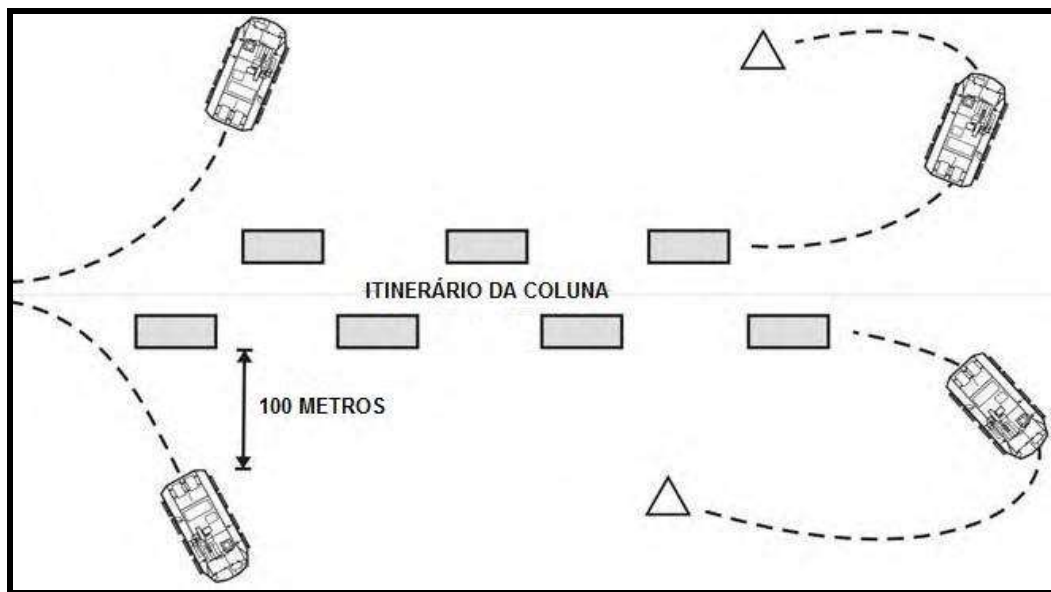


Figura 7-12 - A coluna adota a formação em espinha

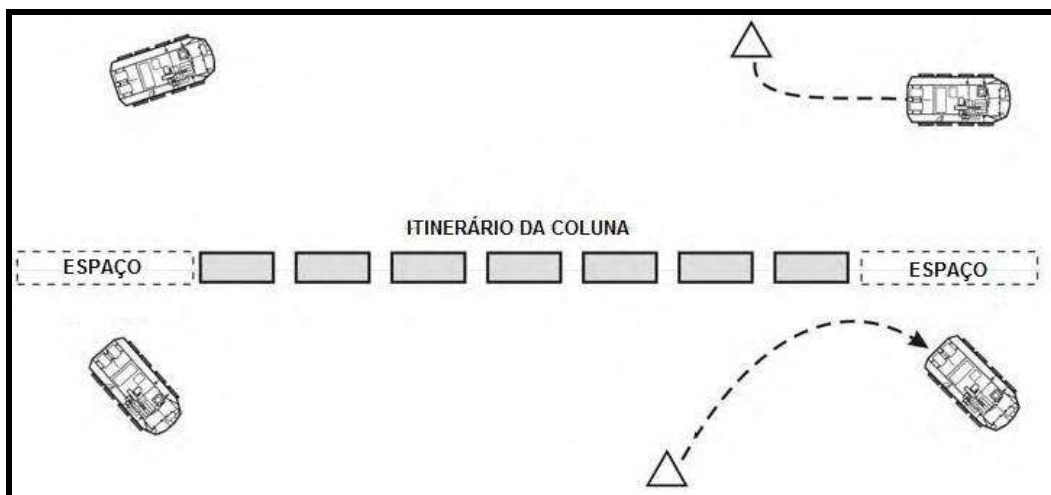


Figura 7-13 - A coluna forma novamente o dispositivo de marcha

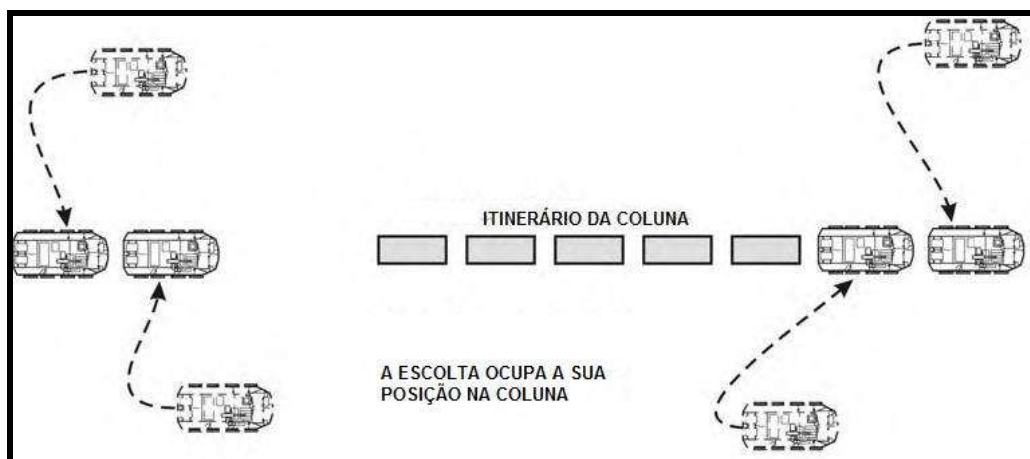


Figura 7-14 - O pelotão integra-se novamente na coluna de marcha

#### 0711. **Checkpoints (postos de controlo), barricadas e postos de observação**

As tarefas de construir e operar um posto de controlo, barricadas e pontos de observação são frequentes para uma companhia e subunidades de infantaria, quando têm que estabelecer uma área de segurança, durante as operações de estabilização:

- Postos de controlo. São usados como um meio de controlar os movimentos (circulação pedestre e de veículos), a fim de executar as medidas de controlo de circulação, ordens e regulamentos. Exemplo de um posto de controlo deliberado (Figura 7-15) ;
- Barricadas. São usadas para limitar a circulação de veículos ao longo de um itinerário ou para impedir o acesso a determinadas zonas ou itinerários. Os postos de controlo e barricadas de estradas podem ser deliberados ou imediatos, diferindo no grau de planeamento e preparação conduzido pela força que os implementa;
- Postos de observação. São posições a partir das quais são feitas observações militares, como sejam, a observação de tiro direto ou indireto e que deverão ter comunicação adequada. Os PO são visíveis, ao contrário dos seus PO táticos e são deliberadamente construídos. À semelhança dos *bunkers*, contemplam posições de combate, as barricadas e têm patrulhas.

##### a. Finalidade

O pelotão pode ser incumbido para estabelecer uma barricada, um posto de controlo ou um posto de observação, pelas seguintes razões:

- Para mostrar presença militar a todos, incluindo a população da área;
- Para vigiar toda a atividade na área, ao longo das estradas e em áreas habitadas;
- Para verificar e / ou inspecionar e registar todo o pessoal e veículos dentro e fora da área controlada;
- Para vigiar o espaço aéreo, as zonas costeiras, aeroportos, linhas de cessar-fogo e fronteiras;

- Para impedir movimentos ilegais;
- Para criar uma barricada imediata;
- Para controlar o movimento na área de operações ou num itinerário específico;
- Para evitar o contrabando;
- Para fazer cumprir os termos dos acordos de paz;
- Para assegurar a correta utilização das vias pelos veículos, tanto civis como militares.

**b. Planeamento e construção**

O esboço, a construção e a operação dos postos de controlo, barricadas e POs, devem refletir os fatores de MITM-TC, especialmente o tempo disponível. Devem ser tidos em conta, os seguintes procedimentos:

- Posicionar o posto de controlo ou bloqueio num local visível, onde o tráfego não possa voltar para trás, sair da estrada ou desviar-se sem ser observado;
- Colocar uma VBR fora da estrada, mas em linha de vista, para proteger os militares que operam o posto de controlo. A VBR deve estar numa posição de casco desenfiado e protegido para segurança do posto de controlo, deve também ser capaz de reagir a qualquer veículo que tente romper ou contornar o posto de controlo;
- Colocar obstáculos na estrada para retardar ou canalizar o tráfego para a área de revista;
- Estabelecer uma reserva.
- Estabelecer comunicações por fio, no posto de controlo, para ligar o *bunker* (PC), as VBRs, a área de revista, as forças de segurança, a área de descanso e outros elementos envolvidos na operação;
- Estabelecer uma área de revista. Se possível, deve ser abaixo do nível do solo para fornecer proteção contra incidentes tais como a explosão de um veículo armadilhado. Estabelecer uma zona para estacionamento adjacente à área de revista;
- Se for caso disso, a força, no posto de controlo deve possuir um tradutor;
- Estabelecer um sistema de alerta em todo o perímetro do posto de controlo (arames de tropeçar com sinalizadores luminosos, latas vazias, galhos secos, entre outros métodos);
- Preparar abrigos e posições defensivas.

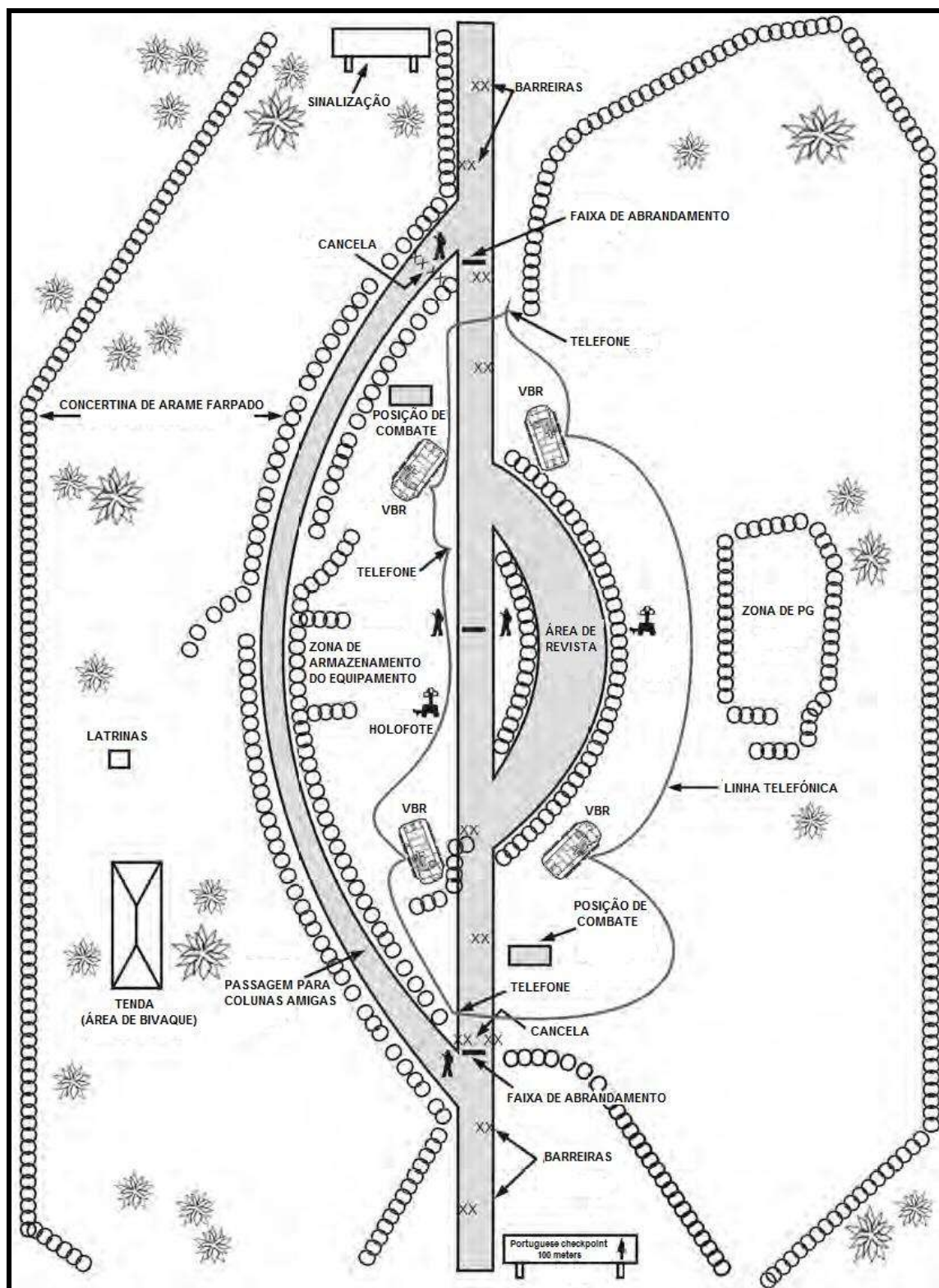


Figura 7-15 - Exemplo de um Posto de Controlo deliberado

**c. Manter um posto de controlo e um posto de observação**

Há a necessidade de uma ordem de operações próprias quando se está a operar um PO ou um posto de controlo. O pessoal atua de modo a que não ocorram dúvidas na identificação do local, devendo ter total controlo do terreno circundante.

- (1) Embora o PO seja geralmente operado por 24 horas, pode ser operado apenas durante o dia ou só durante a noite. Durante a noite deve ter, pelo menos, duas pessoas – um observa, enquanto a outra descansa. Em áreas remotas, ou se a situação na região é tensa, deve haver um maior efetivo no PO, para a segurança e observação.
- (2) Um mínimo de dois, pode operar o posto de controlo, dependendo do tráfego e da situação geral. Um militar revista as pessoas e veículos e o outro monta segurança à área onde as pessoas e os veículos são revistados. O militar que monta a segurança está armado e tem fácil acesso ao rádio e telefone. Se o posto de controlo está a ser operado por mais do que 2 militares, um deles deve estar pronto para lançar obstáculos, evitando que numa viatura qualquer tente penetrar no dispositivo.

**d. Comunicações**

Todos os POs e postos de controlo estão ligados à sua unidade ou diretamente para o centro de operações do batalhão (por rádio e telefone). Os rádios devem ter baterias de reserva e devem ser enviadas para o PO e posto de controlo (especialmente POs mais afastados e localizados em áreas perigosas), fazendo verificações rádio pelo menos duas vezes por dia (três vezes é recomendado). O CODOPER deve ser preparado para uso em determinadas situações. As frequências de reserva devem estar disponíveis. POs e postos de controlo de grande valor operacional, podem estar ligados diretamente por telefone fixo, para assegurar uma coordenação rápida em situações de urgência.

**e. Equipamento**

- (1) Equipamentos recomendados para execução da Barricada, PO ou Ponto de Controlo:
  - Barreiras com bidões cheios de areia ou água; blocos de cimento (colocados para abrandar e canalizar as viaturas);
  - Concertinas (colocadas para evitar envolvimento em torno do posto de controlo);
  - Instalações seguras para os meios rádio e filares, para comunicações com o escalão superior;
  - *Kit* de primeiros socorros ou apoio sanitário, se disponível;

- Sacos de areia para as posições defensivas;
- Material para construir uma casamata;
- Binóculos, dispositivos de visão noturna e / ou lanternas;
- Espelhos com extensor (usado para inspecionar parte inferior dos chassis dos veículos);
- Placas sinalizadoras para indicar o limite de velocidade dentro e fora do posto de controlo. (O texto destes sinais deve ser escrito em Inglês e na língua local).

(2) Os militares que operam um posto de controlo, podem ainda necessitar de equipamentos especializados, tais como:

- Holofotes;
- Placas identificativas do posto de controlo;
- Bandeira e símbolo da unidade;
- Cancela que pode ser levantada e baixada;
- Geradores elétricos.

**f. Controlo**

Durante os períodos em que a administração civil não está a funcionar, os refugiados movimentam-se por todos os lados. Todos os militares que participam nestas operações devem executar adequadamente os procedimentos para identificação de pessoal e controlo de pessoas e veículos em movimento, através da sua área de operações.

**(1) Identificação pessoal**

As pessoas que têm autorização para entrar num sector são orientadas por instruções especiais da patrulha que conduz a operação. Muitas vezes, aos funcionários civis locais (presidentes, chefes de aldeia, etc) da área de operações é dada uma identificação especial (*IDCards*) e estão autorizados a passar sem serem revistados. Estes cartões de identificação especiais devem ser registados. As principais razões para revistar as pessoas são para as identificar e para impedir que artigos ilegais sejam levados para a área de operações através do posto de controlo. O pessoal deve identificar-se com o *IDCard*, passaporte, entre outros.

**(2) Controlo de pessoal**

O Controlo de pessoal é realizado de diferentes maneiras. Os militares que operam o posto de controlo devem prestar atenção às pessoas que agem de forma estranha ou com vestuário deformado e que não assenta bem. Se existe ameaça real de carros-bomba, deve ter-se especial atenção aos automóveis só

com um passageiro. Ao executar a revista à pessoa, os militares devem palpar ao longo da roupa e não apenas tocar. Deve-se ter especial atenção à parte inferior das costas, e desde o calçado até os joelhos. As axilas também devem ser revistadas. As calças largas utilizadas em algumas culturas, devem ser cuidadosamente examinadas. Também se deve verificar as botas e os chapéus.

(3) Revistar uma mulher e pessoal do clero

O ato de efetuar uma revista a mulheres e pessoal do clero, em países muçulmanos, é uma atividade sensível e pode levar a fortes reações. O Comandante deve tratar este procedimento com os presidentes e outros líderes locais, devendo o processo utilizado ser conforme os acordos e tratados em vigor. Normalmente, as mulheres só são revistadas com um detetor de metais ou em locais próprios por outras mulheres.

Página intencionalmente em branco



## **CAPÍTULO 8**

### **APOIO DE COMBATE**

*O comandante de batalhão é o responsável pela coordenação do apoio de combate, que inclui os morteiros, artilharia de campanha e antiaérea, apoio da engenharia e apoio aéreo próximo. O Cmdt Bat decide como empregar estes meios de acordo com a sua intenção. Os comandantes de companhia e os comandantes de pelotão, podem beneficiar do apoio de fogos destes importantes meios, e portanto devem saber a forma de os empregar.*

#### **SECÇÃO I - APOIO DE FOGOS**

O Apoio de fogos deve ser coordenado (com as respetivas armas atribuídas ou eventualmente com apoio aéreo), para apoiar as operações militares. O apoio de fogos compreende: morteiros, artilharia de campanha, armas anticarro, aviação do exército, apoio aéreo próximo e até apoio de fogos de meios navais. O apoio pode ser proveniente de armas letais ou não letais (por Ex: fumos ou iluminação no campo de batalha). Contudo os morteiros médios e pesados são os primeiros meios e os mais eficazes para o apoio à companhia.

##### **0801. Planeamento de fogos**

Os meios digitais conferem às companhias e aos pelotões um melhor controlo das operações. O Cmdt Pel, juntamente com o OAV, recebe o plano de apoio de fogos da companhia, através de meios eletrónicos. Estas informações terão que ser sempre apresentadas antes da ordem de operações estar concluída.

- a. O Cmdt Pel ou o OAV pede ao escalão superior a última situação do inimigo, para poder realizar o plano de apoio de fogos para o seu pelotão. O Oficial de Apoio de Fogos (OAF) recebe os planos do pelotão para discutir com o comandante companhia. O Cmdt Comp aceita ou rejeita, tendo em vista melhorar o plano.
  - (1) Se o Cmdt Comp aceitar ou ajustar os alvos, este irá colocá-los no seu plano de apoio de fogos e, por sua vez, o plano de apoio de fogos da companhia é enviado para o escalão superior.
  - (2) Caso a situação dos alvos se altere, o OAF terá de o atualizar o seu plano apoio de fogos, de acordo com os alvos que se forem tornando prioritários.
- b. Depois dos alvos serem batidos, a carta de situação de apoio de fogos tem que ser atualizada (ou outros meios de apoio eletrónico).
- c. O apoio de fogos é executado simultaneamente com a manobra e a todos os níveis. Os batalhões e as companhias normalmente utilizam um plano de apoio de fogos, em que o Cmdt Comp coordena o apoio de fogos ao nível de tarefas e finalidades.

Nestes planos define-se o método ao nível do apoio para o cumprimento da missão, assim como se determina o estado-final que quantifica o cumprimento da tarefa.

- d. As armas individuais cumprem tarefas individuais, contribuindo para as tarefas coletivas, garantindo que a finalidade destes fogos seja atingida.

## **0802.Coordenar o apoio de fogos com a manobra**

Uma operação bem definida e com finalidades claras, permite uma articulação clara e precisa entre a manobra e o apoio de fogos, atingindo o inimigo eficazmente. No entanto exige planos bem desenvolvidos que apoiem as forças, para atingirem as finalidades definidas. Um plano de fogos bem planeados é decisivo no combate, e compreende não só a colocação das bocas-de-fogo mas também a colocação dos OAV's, no terreno. Descrevem-se seguidamente vários tipos de aquisição de alvos, integrados no plano de apoio de fogos.

### **a. Planeamento de Fogos de Proteção Final**

A LPF (Linha de Proteção Final) é utilizada como uma barreira para evitar o ataque de forças inimigas apeadas. Estes de fogos são de último recurso e têm prioridade sobre qualquer outro tipo de pedidos. Tem algumas vulnerabilidades, uma vez que este tipo de fogos é linear e convergente podendo deixar penetrar as forças inimigas aproximarem-se das nossas forças.

### **b. Definição de Alvos**

O Cmdt Pel é responsável pelo emprego dos fogos indiretos na sua zona de ação ou setor. O aspeto mais crítico na sua aérea de responsabilidade é a definição dos alvos que pode alterar o plano de fogos, garantido o cumprimento da missão. A criação do plano de fogos deve ser levantado através do estudo de situação do inimigo, para poder definir alvos ou novas forças que possam aparecer.

### **c. Preparação de Apoio de Fogos**

Os Cmdts Pel devem conhecer quais as áreas que vão ser batidas pelos fogos, a fim de comunicar para o escalão superior, caso não estejam integradas no seu planeamento.

#### **(1) Plano de Fogos**

No desenvolvimento do plano deve garantir-se que os OAv's selecionam todos os alvos necessários, devendo ser claros e precisos. A sua seleção é fulcral, porque é a partir dela que se determinará a posição dos OAv's no terreno para regular esses fogos.

- (a) O posicionamento dos OAv's deve permitir ver o regular das armas quando iniciam o tiro e a área de impactos. O equipamento de comunicações e equipas de segurança deve estar contemplado.

- (b) O Cmdt Pel garante que os OAV sabem quais são as tarefas e finalidades a atingir. Caso as primeiras granadas não atinjam o alvo, estes devem fazer as respetivas correções para apontar o tiro.

(2) Treinos

O CmdtPel deve incluir os seus OAV nos treinos ao nível de pelotão ou companhia, devendo estes estar preparados e treinados ao nível de comunicações e material.

(3) Regulações de tiro

Na defensiva, o comandante deve confirmar a localização dos alvos assim como a sua regulação.

## SECÇÃO II - APOIO DE FOGOS INDIRECTOS

O apoio de fogos indirectos normalmente disponíveis para o pelotão são os morteiros e a artilharia de campanha. Esta secção apresenta as responsabilidades e procedimentos a observar no emprego destes meios de apoio de fogos (Tabela 8-1).

Calibre	81-mm	107-mm	120-mm	105-mm	155-mm	155-mm
Modelo	M29A1	M30	BIGORN	M119	M114A1	M109A5
Alcance Máximo	4600mts	5650mts	9000mts	14200mts	14600	24 a 30 Km
Alcance Mínimo	70mts	770mts	500mts	Tiro Direto	Tiro Direto	Tiro Direto
Tipos de Projeteis	HE, WP, ILLUM	HE, WP, ILLUM	HE, WP, ILLUM	HE, HERA, HETA, IMC, HESH, HEBB, HC, WP, ILLUM	HE, HERA, HETA, IMC, HESH, HEBB, HC, WP, ILLUM	HE, HERA, HETA, HESH, HEBB, HC, IMC, WP, ILLUM
C M T	25	18	4 em 20seg	12	3	8
C N T	8	9	8	6	1	3
Tipo de Espoleta	PD, Delay, VT	PD, Delay, VT	PD, Delay, VT	PD; MT; MTSQ; VT;	PD; MT; MTSQ; VT;	PD; MT; MTSQ; VT;
HE – High explosive (Explosiva) WP – White Phosphorus (Fumos) ILLUM - Iluminante C M T – Cadencia Máxima de Tiro C N T – Cadencia Normal de Tiro PD – Espoleta de percussão Delay – Espoleta de percussão retardada VT – Variable Time (Espoleta de aproximação) IMC – Improved Conventional Munition				MT – Mechanical Time (Espoleta de Tempos) MTSQ – Mechanical Time and Super Quick (espoleta de Efeito Duplo) HERA – High Explosive Rocket Assisted HEAT – Projétil Anti-Carro HESH – Projétil Anti-Carro de Efeito Plástico HEBB – Projétil Explosivo de Sangramento pela Base HC – Projétil Químico		

Tabela 8-1 - Capacidades das armas de tiro indirecto

### 0803. Processo de planeamento de fogos

O processo de planeamento de fogos inicia-se no escalão superior e vai até ao escalão de companhia ao nível do OAV. O plano de fogos deve apoiar a manobra e não deve ser planeado separadamente. O sucesso deste plano depende da interação e da contínua atualização da informação entre os escalões mais baixos até aos mais altos. Isto inclui informação específica,

confirmação dos alvos e atualização do desenrolar da ação. As responsabilidades de cada arma são especificadas numa matriz de execução no apoio de fogos. Esta matriz mostra ao comandante que armas se encontram atribuídas a cada alvo. A Tabela 8-2 mostra um exemplo de uma matriz de apoio de fogos para uma companhia, em que na coluna esquerda temos os elementos de manobra e na linha superior as diferentes fases da missão.

	Passagem do Rio SORRAIA	Assalto aos OBJ. 2 e 3	Combate nos OBJ. 2 e 3	Consolidação e Reorganização OBJ. 2 e 3
<b>Comando da Brigada</b>	COLT C A S (4 saídas)	Série GATO		Série ÀGUIA
<b>Agr ALFA</b>	PF2000(P)(Fumos) ObjPri CPHD PF1000(P)(A) P1A (P) PF	PF4000(P) PF4500(P)	PF5500(A) P2A (A)	PF8000(A)(FASCAM)
<b>Agr BRAVO</b>	PF2000(A)(Fumos) P1A (A) a/o PF	ObjPri CPHD PF3000(P)(A) PF4500(A)	PF5000(P) PF5500(P) PF	PF6000(A) PF9000 BarrAC (P)(A); PF7000(A)
<b>Agr CHARLIE</b>		PF 4000(A)	PF5000(A) P2A (P) a/o PF	PF6000(P); PF9500 BarrAC(P)(A) PF7000(P); PF8000(P)(FASCAM)
<b>MCAF :</b>	LSA 1 LSA 2	LSA 3	LSA 4	LSA 5

Tabela 8-2 - Exemplo de uma matriz de apoio de fogos de companhia

#### 0804. Pedidos de tiro

A matriz de execução de apoio de fogos indirectos pode ser cedida ao Cmdt Pel, com a finalidade de ajustar o seu próprio plano de fogos. Devido ao facto de a artilharia de campanha definir alvos à frente da sua posição, o Cmdt Pel pode fazer um aproveitamento dos seus pedidos no decorrer da ação, permitindo mesmo ao OAV, que altere posteriormente o planeamento. Caso exista a necessidade de se realizar um pedido de tiro, este terá que ser feito pelos procedimentos corretos, podendo usar-se o GPS, ou um dispositivo laser de medição de distâncias, se disponíveis.

##### a. Elemento necessários

O pedido de tiro deverá incluir:

##### (1) Identificação do OAv's e ordem de advertência

Através da identificação do OAv é indicada a posição central de onde é executado o pedido de fogo, bem como a entidade a efetuar o pedido. A ordem de advertência indica o tipo de missão e o método de referência usado para definir o alvo. Os tipos de missões que os fogos indirectos podem realizar são os seguintes:

- Regular fogos – usa-se este comando, quando queremos bater o alvo com eficácia;
- Eficácia – usa-se este comando, para executar fogo sobre o alvo sem ser ajustado;
- Supressão – usa-se este comando, para obter fogo rapidamente;
- Supressão imediata – usa-se este comando, para indicar que o pelotão já se encontra empenhado no combate com o inimigo. Deve ser fornecida a identificação do alvo.

(2) Método de referência do alvo

O OAv envia a localização através de seis dígitos (duas letra e quatro números).

O apoio de fogos deve saber o exato local do OAV, sendo este responsável por enviar uma direção entre o OAv e alvo. É referenciada da seguinte forma:

- Coordenadas (Tabela 8-3);
- Distância/Direção (Tabela 8-4);
- Referenciar a partir de um ponto já conhecido (Tabela 8-5), (Figura 8-1).

PEDIDO INICIAL DE TIRO	
OAv	PCT
Y45 Aqui A32, Missão de Tiro, escuto	Aqui Y45 Missão de Tiro, escuto
Coordenadas 29SND1250006900, escuto	Coordenadas 29SND1250006900, escuto
Pelotão de infantaria em campo aberto, Munições convencionais no efeito (HE), escuto	Pelotão de infantaria em campo aberto, Munições convencionais no efeito (HE), escuto
MENSAGEM PARA O OAv	
PCT	OAv
Z, 2 granadas, alvo, AF1027, escuto	Z, 2 granadas, o alvo é o PR AF1027, escuto
Direção 1680 mil, escuto	Direção 1680 mil, escuto
NOTA: Enviar a direção antes ou com a primeira correção	

Tabela 8-3 - Exemplo de uma missão de tiro (coordenadas)

PEDIDO INICIAL DE TIRO	
OAv	PCT
Y45 Aqui A32, eficácia, escuto	Aqui A32, eficácia, escuto
Direção 4520, distância 2300, diminui 50, escuto	Direção 4520, distância 2300, diminui 50, escuto
Pelotão de infantaria em campo aberto, HE, escuto	Pelotão de infantaria em campo aberto, HE, escuto
MENSAGEM PARA O OAv	
PCT	OAv
Y, 3 granadas, alvo, AF1027, escuto	Y, 3 granadas, o alvo é o PR AF1027, escuto

Tabela 8-4 - Exemplo de uma missão de tiro (distância/direção)

PEDIDO INICIAL DE TIRO	
OAv r	PCT
Y45 Aqui A32, regular fogo, PR AA7733, escuto	Aqui A32, regular fogo, PR AA7733, escuto
Direção 4520, direita 200, aumenta 400, escuto	Direção 4520, direita 200, aumenta 400, escuto
Pelotão de infantaria em campo aberto, HE, escuto	Pelotão de infantaria em campo aberto, HE, escuto
MENSAGEM PARA O OAv	
PCT	OAv
Z, 1 granada, alvo, AA7742, escuto	Z, 1 granada, alvo, AA7742, escuto
NOTA: Referenciar a partir de um ponto já conhecido é aplicável quando o OAv e PCT têm ambos conhecimento deste. O OAv envia o azimuth da sua linha de observação, e determina o ajuste em alcance e direção.	

Tabela 8-5 - Exemplo de uma missão de tiro (distância/direção)

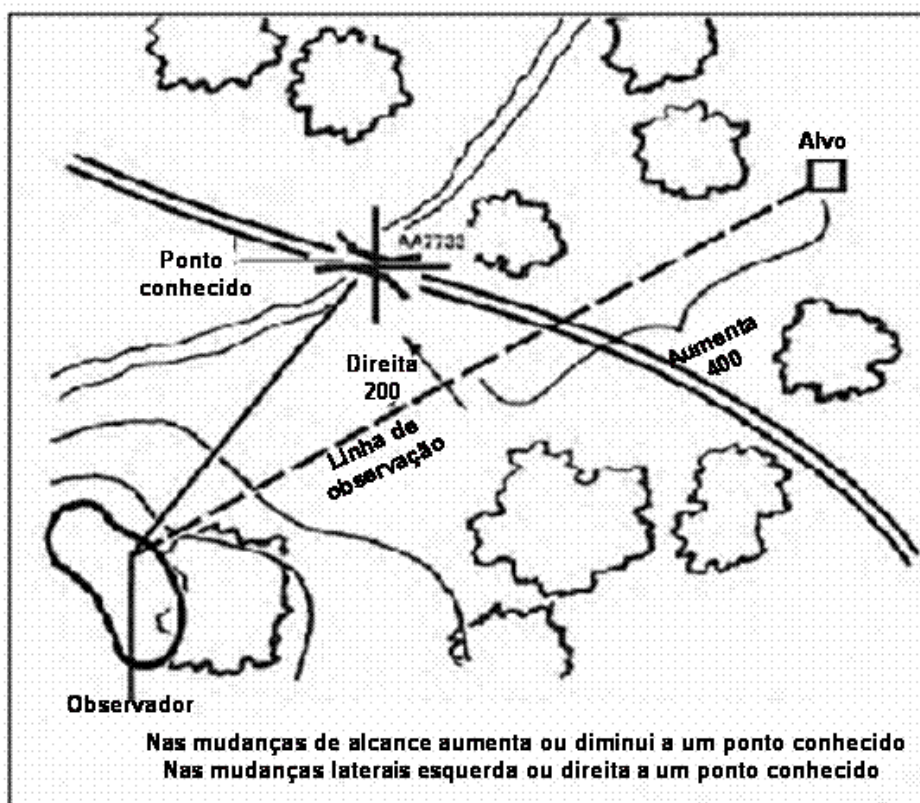


Figura 8-1- Exemplo de uma missão de tiro (distância/direção)

## (3) Descrição do alvo

A descrição do alvo deve ser breve e precisa, devendo incluir os seguintes pontos:

- Tamanho ou forma;

- Natureza e/ou nomenclatura;
- Atividade;
- Proteção e/ou postura.

**b. Elementos opcionais**

Os pedidos de fogo poderão incluir as seguintes informações:

**(1) Método de empenhamento**

Consiste em deixar aproximar o inimigo às mais curtas distâncias, definindo de seguida a trajetória e munição a ser disparada.

**(2) Método de controlo de fogo**

Este método fornece ao OAv a hipótese de controlar quando e como os alvos são atacados, assim este anuncia o método de controlo de fogo:

- À minha voz – o OAv comanda o fogo;
- Quando pronto – método normal de controlo fogo;
- Não Observado – o fogo não foi observado;
- Tempo no alvo – disparos num determinado grupo data/hora;
- Iluminação contínua – em que OAv decide quando se deve realizar;
- Iluminação coordenada – o OAv define quando deve ser disparado;
- Cessar-fogo – usado quando dois ou mais disparos foram eficazes no alvo;
- Verificar o fogo – Pequeno alto ao fogo;
- Fogo contínuo – Fogo contínuo até ser dado a ordem para parar;
- Repetir – repete-se o fogo com o mesmo comando de fogo que o do anterior disparo, executado pela mesma unidade;

**(3) Refinar planos e fim de missão**

O OAv deve observar os resultados da missão de tiro e os seus efeitos e toma as ações necessárias para cumprir a missão:

- Correções mais precisas possíveis;
- Informar os efeitos do fogo.

**(4) Distância de segurança**

Quando os OAv's utilizam este meio de aquisição de alvos, não devem usar a menos de:

- Morteiros e Artilharia de Campanha – 600 metros de tropas amigas;
- Tiro de artilharia naval – 750 metros (canhões até 107mm polegadas) e 1000 metros (canhões de maior calibre);
- Método de correção – durante fogos a curta distância das nossas tropas o OAv não deve efetuar regulações superiores a 100mts (no máximo várias correções sucessivas).

**0805. Correções de tiro**

Quando for feito o pedido de tiro, o OAv efetua a regulação desse mesmo tiro até ao objetivo. Se atingiu o alvo, ele pede eficácia. Se o OAv não consegue localizar o alvo (devido ao terreno, à fraca visibilidade, à fraca cartografia do terreno, etc.), ele ajusta o tiro desde o ponto de impacto das granadas até ao alvo. O OAv escolhe um ponto de referência: para uma missão de destruição (fogo de precisão) o alvo é o ponto de referência; para um alvo de área (fogo de área) o OAv escolhe um ponto de referência bem definido no terreno perto do centro do setor de tiro do PelMort. O OAv observa o primeiro disparo e os disparos seguintes, e efetua as correções em direção e alcance para o PCT, até que as missões de tiro atinjam o alvo. O OAv efetua correções através do relacionamento entre o ponto de impacto e o ponto de referência, por uma atividade crítica, o trabalho do OAV exige muito treino.

**a. Desvio ao Alvo/Ponto de Referência**

O desvio (esquerda ou direita) em relação ao alvo envolve medidas de ângulo horizontal (em milésimos) entre o local de impacto e o alvo (ou ponto de referência) (figura 8-2). O OAv observa quantos milésimos à direita ou à esquerda do local de impacto, medidas desde o ponto de impacto até ao alvo, utilizando a escala dos binóculos (figura 8-3) ou a técnica dos dedos e mão (figura 8-4)

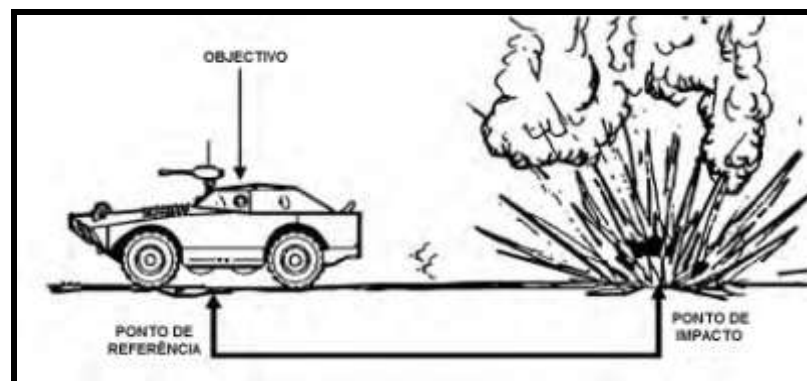


Figura 8-2 - Desvio a um ponto de referência/alvo



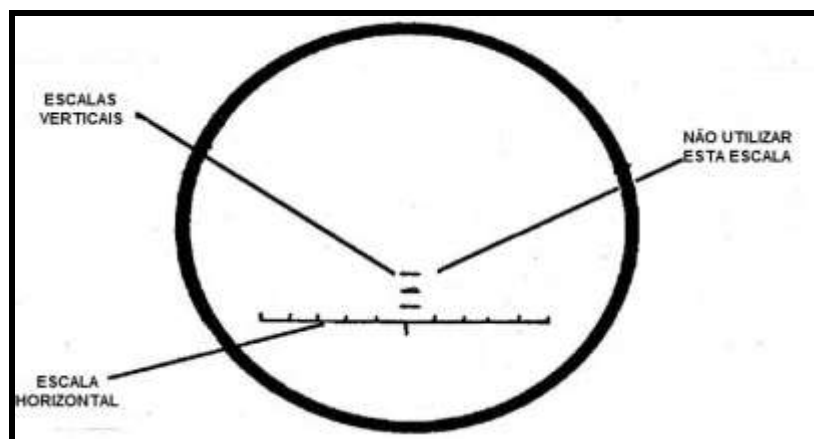


Figura 8-3 - Escala dos milésimos nos binóculos *Glory M/963*

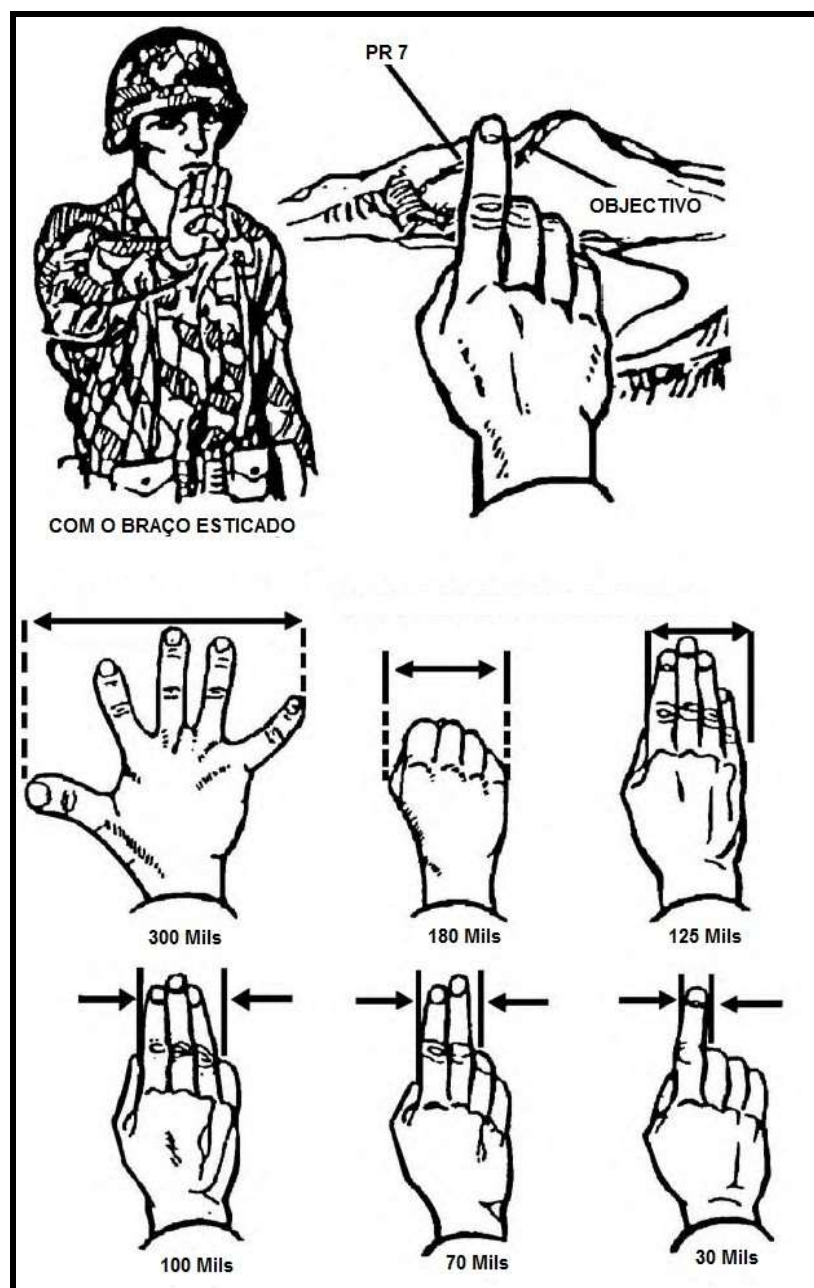


Figura 8-4 - Método dos dedos e da mão

- (1) Nos binóculos, a escala horizontal é dividida 10 mils e é usada para medir ângulos horizontais, a escala vertical ao centro e do lado esquerdo do retículo é dividido em 5 Mils e é usada para medir ângulos verticais. A escala à direita já não é usada.
- (2) O ponto de impacto na linha OA é descrito como “linha”. A correção (esquerda/direita) num alvo de área deve ser medida para os 5 Mils mais próximos a partir do ponto de impacto. A correção para uma missão de destruição (fogo de precisão) é estimada para o Mils mais próximo. A figura 8-5 mostra o alvo no centro da escala horizontal dos binóculos.

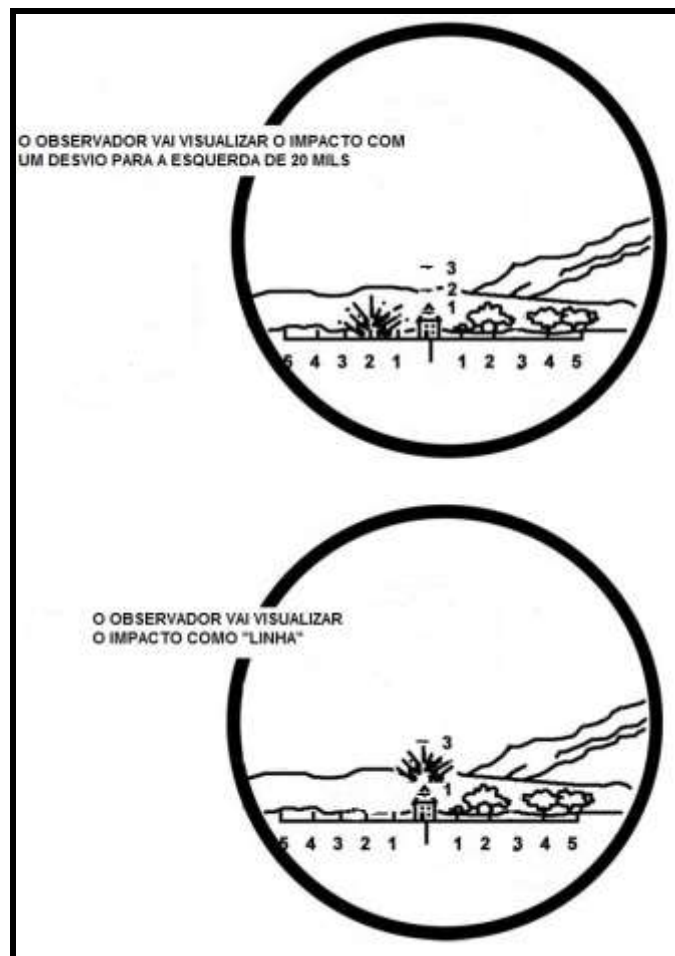


Figura 8-5 - Desvios em relação ao Alvo

**b. Correções em direção**

Uma correção é a distância (em metros) que o ponto de impacto deve ser deslocado para a esquerda ou direita para ficar na linha entre o OAv e o alvo. Uma vez medidos os milésimos, o OAv converte-os em correção em direção (em metros) e manda para o PCT, até atingir eficácia.

- (1) A correção em direção é determinada através da multiplicação entre milésimos adquiridos nos binóculos e a distância do OAv ao alvo em milhares de metros (fator Observador-Alvo (OA)). Os arredondamentos devem ser feitos aos 10 metros (exemplo 1). As correções inferiores a 10/20 metros só devem ser utilizadas para missões de destruição ou precisão.
- (2) Na regulação de missões de área, as pequenas correções (a baixo de 50 metros) devem ser ignoradas, exceto quando existem ordens específicas no ataque aos alvos, obrigando o OAV a adquirir um ponto de observação mas perto do objetivo.
- (3) Se a distância do OAV ao alvo é superior a 1000 metros, arredonda-se para a casa dos milhares (1000) mais próxima (exemplo 2). Se a distância entre o OAV e o alvo for menos de 1000 metros arredonda-se para a casa das centenas (100) mais próxima e expressa-se como decimal em mil metros (exemplo 3).

Exemplo 1:

Desvio observado: 20 mils

Distância do OA: 2000 metros

Fator OA: 2

Desvio Observado X Fator OT = Correção

$20 \times 2 = 40$  metros

Exemplo 2:

Distância OA: 4200 metros – Fator OT = 4.0

Distância OA: 2700 metros – Fator OT = 3.0

Exemplo 3:

Distância OA: 800 metros – Fator OT = 0.8

**NOTA:** Fator OA: distância expressa em milhares de metros entre o OAV e o Alvo

Ângulo T. O ângulo T (figura 8-6) é o ângulo formado pela intersecção de linha do cano da arma e a linha AO com o vértice no alvo. Se o ângulo T for maior ou igual a 500 mils, o PCT deve avisar o OAv. Se isto acontecer, o OAv continua a usar o seu fator AO para fazer as suas correções.

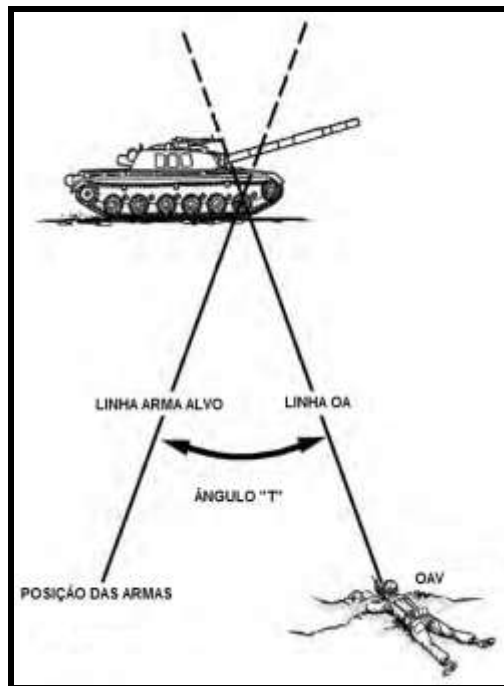


Figura 8-6 - Ângulo "T"

**c. Visualizar o impacto**

Visualizar o alcance (curto ou longo) requer um ajuste em alcance para obter eficácia no alvo. Se uma granada cair na linha OA ou perto dela, dá um intervalo de visualização. Se não se visualizar o ponto de impacto da granada diz-se "perdida" ou "não observado".

Nas seguintes situações o OAv dá as correções para o PCT:

- (1) "LONGO". A granada atinge uma área além do alvo pretendido;
- (2) "CURTO". A granada atinge uma área aquém do alvo ou seja entre o alvo e OAV;
- (3) "ALVO". O OAv vê a granada atingir o alvo. Utiliza este comando de voz para missões de fogo de precisão (missões de destruição);
- (4) "ALCANCE BOM". O OAv acredita que o alcance está bom;
- (5) "NÃO OBSERVADO". O OAv não conseguiu observar o ponto de impacto da granada;
- (6) "PERDIDA, LONGO" ou "PERDIDA, CURTO" O OAv não conseguiu ver onde caiu mas sabe se caiu além ou aquém do alvo.

**d. Correções em alcance**

Em cada correção a granada de regulação deve cair além ou aquém do alvo, mas perto deste. Isto deve estar coordenado entre o OAv e o PCT.

(1) Enforquilhamento.

Enforquilhamento encaminha o fogo até ao alvo. O fator tempo é importante, especialmente quando o alvo está em movimento ou procura cobertura. Rapidez nas correções, nos cálculos e no disparo, determina o sucesso da missão. Para reduzir este tempo, o observador avançado tenta enforquilhar o alvo com as primeiras duas ou três granadas.

(2) Enforquilhamento sucessivo

O OAV pede fogo de eficácia quando a granada está a 50 metros do alvo. Ele também pede fogo de eficácia quando o intervalo entre forquilhas é de 100 metros; por exemplo, “para eficácia aumentar 50”. Esta técnica é designada por enforquilhamento sucessivo (figura 8-7). No enforquilhamento, o observador para determinar a sua primeira correção, usa o seguinte:

- (a) Linha OA entre os 1000 e 2000 metros – aumentar ou diminuir pelo menos 200 metros.
- (b) Linha OA acima dos 2000 metros – aumentar ou diminuir pelo menos 400 metros.

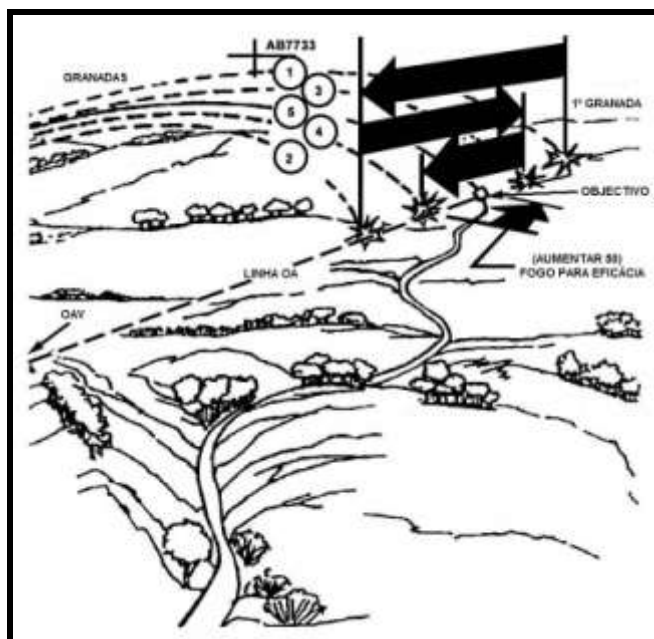


Figura 8-7 - Enforquilhamento sucessivo

(3) Enforquilhamento em Força

O efeito no alvo diminui à medida que o número de granadas usadas para regulação aumenta. Enforquilhamento sucessivo assegura que a eficácia seja num raio de 50 metros. Enforquilhamento em força oferece uma opção mais rápida ao enforquilhamento sucessivo. O sucesso do enforquilhamento em força depende de uma verdadeira análise do terreno, que fornece ao OAV uma

localização inicial do primeiro impacto. Para esta primeira correção, o OAv visualiza um ponto de impacto semelhante ao usado no enforquilhamento sucessivo. Uma vez que o OAv visualiza o impacto da primeira granada, ele usa-a (granada) como medida para determinar as correções subsequentes, enviando para o PCT a correção necessária para deslocar as granadas desde os pontos de impacto até ao alvo, a fim de atingir eficácia (figura 8-8). O enforquilhamento em força melhora com a experiência do OAv.

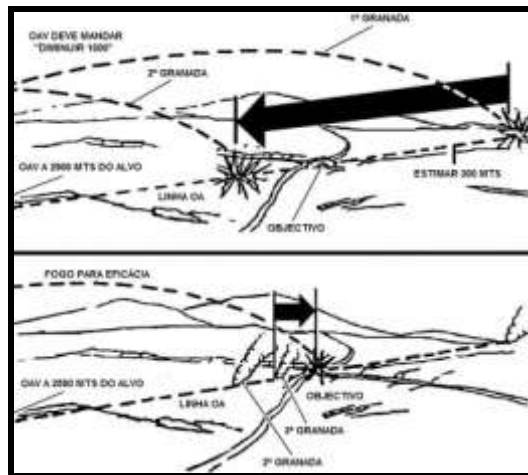


Figura 8-8 - Enforquilhamento em força

#### (4) Método de aproximação

A técnica de aproximação é utilizada em situação de pedido de apoio de fogos para o próximo da posição do OAv. Este método é crítico, pois é usado quando as nossas forças estão muito próximas do IN. O OAv, pede fogos para as mais longas distâncias do objetivo, fazendo depois regulações de 100 metros, trazendo granadas para o objetivo até atingir a eficácia, garantindo assim seguranças às forças que estão próximas do inimigo (figura 8-9). Este método requer mais tempo e munições do que os anteriores, devendo por isso ser muito criteriosa a sua escolha.

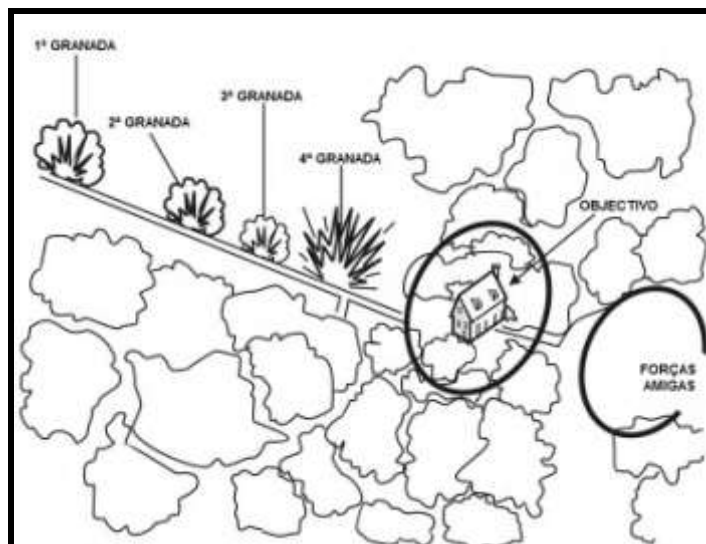


Figura 8-9 - Enforquilhamento em força

#### 0806. Apoio de morteiros

O Batalhão de Infantaria da BrigInt tem uma companhia de apoio de combate cujo PelMortPes equipado com morteiro 120mm, fornece apoio de fogos indirectos ao batalhão. Ao pedir fogos de morteiros, o pelotão de atiradores pode rapidamente empregar um grande volume de fogos com precisão sobre o inimigo. As granadas de morteiros podem atingir alvos que armas de tiro direto não conseguem. Isto inclui alvos em contra-encosta, ravinas, trincheiras, florestas, cidades entre outras.

##### a. Tipo de fogos dos morteiros

Os morteiros garantem os seguintes tipos de fogos:

##### (1) Supressão

Os morteiros podem disparar granadas HE, para obrigar o inimigo a abrigar-se ou a deslocar-se para uma posição menos vantajosa. No entanto, só um impacto direto poderá destruir um veículo blindado.

##### (2) Fumos

O pelotão usa as granadas de fumos (WP) para mascarar ou cegar. Uma granada de fumos de morteiro desenvolve-se mais rapidamente que uma granada de fumos de artilharia. Para cegar o inimigo, o pelotão deve colocar fumos em cima ou mesmo à frente da posição do inimigo. Colocar fumos entre a posição inimiga e os pelotões, permite que estes se desloquem fora das vistas do IN. Os fumos podem servir para marcar posições inimigas a fim de facilitar a manobra às forças amigas e pode servir também para orientar o fogo direto.

##### (3) Iluminação

As granadas iluminantes são usadas, durante os períodos de visibilidade reduzida, para iluminar uma área sobre as posições inimigas. Estas granadas

aumentam a visibilidade dos aparelhos intensificadores de imagem, o que permite recolher informação, ajustar as armas de tiro indireto e adquirir alvos. As granadas iluminantes também se utilizam para referenciar uma posição inimiga, um ponto ou uma área de terreno devendo sempre ser utilizada para favorecer as nossas tropas, sem denunciar as nossas posições.

**b. Capacidade e limitações**

As vantagens dos morteiros são dadas pela possibilidade de trabalhar próximo dos pelotões e garantirem uma resposta rápida aos Pedidos Iniciais de Tiro (PIT). Contudo as suas limitações são:

- Curto alcance;
- Uma pequena variedade de munições;
- Pequena capacidade de carga de munições;
- Vulnerável à deteção de radares, devido ao seu grande ângulo de tiro (flecha).

**0807. Apoio de artilharia de campanha**

O pelotão de atiradores deverá saber tirar o máximo proveito dos fogos de artilharia. A artilharia de campanha garante a melhor maneira de desorganizar as formações inimigas e de suprimir fogo das posições inimigas. Ela consegue fornecer fogos imediatos e precisos com uma larga variedade de munições. O pelotão poderá receber prioridade de fogos da artilharia de campanha, o que lhe confere grande flexibilidade e eficácia.

**a. Capacidades**

Em apoio ao pelotão, a artilharia de campanha consegue:

- Apoiar pelo fogo sob quaisquer condições meteorológicas e em qualquer tipo de terreno;
- Mudar rapidamente de alvo e efetuar um fogo maciço;
- Apoiar o combate em profundidade e as longas distâncias;
- Apoiar o combate com uma grande variedade de granadas e espoletas;
- Apoiar continuamente pelo fogo com um posicionamento cuidado e uma deslocação atempada.

**b. Limitações**

A artilharia de campanha tem as seguintes limitações:

- Atingir alvos que se deslocam;
- Necessita uma grande quantidade de munições para destruir um alvo pontual;
- Fácil deteção devido ao seu grande ângulo de tiro (flecha).



### c. Munições

A artilharia de campanha tem uma variedade de munições para fazer face a um grande variedade de alvos:

- Explosiva - Esta munição é utilizada contra pessoal, fortificações e viaturas blindadas ligeiras;
- Fumos - Normalmente estas granadas são utilizadas para mascarar e cegar as forças no campo de batalha;
- Iluminação - Ideal para iluminar as posições inimigas sem revelar a posição das forças amigas;
- Fósforo branco - Serve para ocultar e mascarar as forças ou ações, marcar locais, e incendiar obstáculos ou equipamentos;
- Granadas guiadas por laser - Este tipo de munições guiadas por laser contra alvos específicos, são de fácil utilização;
- *HEAT* - Munição anticarro;
- *HC* - Munição química;
- *IMC* - Munição antipessoal;
- *FASCAM* - Projétil com minas dispersáveis antipessoal.

### 0808.Diretrizes sobre o apoio de fogos

A BrigInt possui um Grupo de Artilharia de Campanha. O OAF é o coordenador do apoio de fogos dos batalhões, integrando os fogos de morteiro, artilharia e aviação. Ele trabalha com o CmdtBat durante as operações de combate para coordenar todo o apoio de fogos do batalhão, integrando-o na manobra do batalhão. O plano de apoio de fogos, deve ser apresentado pelo OAF ao CmdtBat para ter a sua aprovação. As responsabilidades do OAF são:

- Coordenar e executar o plano apoio de fogos;
- Aconselhar o CmdtBat nos assuntos relacionados com o apoio de fogos, incluindo, capacidades, limitações e emprego de todo o apoio de fogos disponível para a operação;
- Assegurar-se que o apoio de fogos do batalhão é desenvolvido como uma parte integrante da OOp ou do plano, e que as tarefas essenciais do apoio de fogos, devem também ser praticadas;
- Fazer recomendações para integrar todo o apoio de fogos (AC, Morteiros, etc.) no plano de manobra do Batalhão e superiores;
- Manter o pessoal-chave informado através de relatórios pontuais ou de SITREP;
- Treinar os elementos de apoio de fogos e os outros OAv;
- Pedir, ajustar e dirigir todos os tipos de apoio de fogos;

- Assegurar que o plano de apoio de fogos e/ou a matriz de execução do apoio de fogos é preparada e disseminada pelo pessoal-chave da cadeia de comando;
- Aconselhar o CmdtBat no posicionamento e uso do PelMortPes;
- Colocar os OAV e outros observadores de forma a manter em vigilância o objetivo e as Área Designada de Interesse (ADI);
- Planear e gerir o emprego dos OAV e do equipamento *laser* onde melhor possam cumprir o conceito de operação do CmdtBat;
- Providenciar o controlo de emergência do CAS e da artilharia naval na ausência de pessoal qualificado.

#### 0809. Obrigações e deveres do observador avançado

Como elemento integrante do apoio de fogos, a missão primária do OAV é localizar objetivos e batê-los, ajustando o tiro. É responsável por:

- Selecionar os alvos e atualizar a informação no plano de fogos da Companhia;
- Preparar e atualizar as cartas de situação;
- Estabelecer e manter comunicações com os elementos de apoio de fogos;
- Aconselhar o CmdtPel das capacidades e limitações do apoio de fogos disponível;
- Informar o S2 acerca de atividade no campo de batalha;
- Usar o designador *laser* quando solicitado.

#### 0810. Rede de tiro

A rede de tiro é estabelecida para efetuar uma ligação direta entre o OAV e o sistema de armas (figura 8-10). A rede rádio do tiro pode funcionar através de voz ou por dados. A rede de tiro ao nível da brigada é estabelecida na rede de AC ou de Morteiros e é utilizada só para PIT ou pedidos subsequentes.

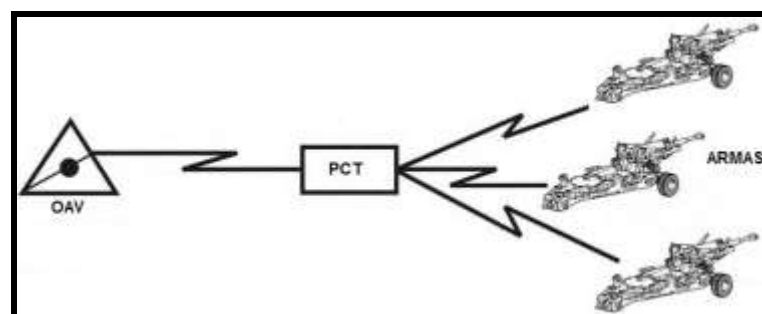


Figura 8-10 - Rede de tiro

**0811. Apoio aéreo próximo**

O Apoio aéreo próximo materializa-se no emprego de aeronaves que batem com os seus fogos, as forças IN em contacto com as nossas forças. O controlador aéreo *Forward Air Controller* (FAC) é o conselheiro do CmdtBat no planeamento, pedido e execução de missões de apoio aéreo próximo. Este controlador é o elemento de ligação entre o elemento de manobra e a aviação de ataque. O pelotão pode fornecer informação que o FAC pode utilizar para localizar forças inimigas. Qualquer militar pode fornecer controlo de emergência, se o FAC, o OAF ou o OAv não estiverem disponíveis, mas só é possível com aviões/helicópteros equipados com meios rádio FM. O pelotão também pode fornecer informação sobre resultados dos fogos aéreos do Apoio Aéreo Principal (AAP) (CAS). A tabela 8-6 mostra o formato para avaliar e reportar os danos desse empenhamento.

<b>AVALIAR OS DANOS DA BATALHA</b>
Sucesso ou insucesso
Coordenadas do alvo
GDH no Objetivo
Número e tipo de objetivo destruído
Número e tipo de objetivo danificado
Mortos devido ao ataque aéreo
Feridos devido ao ataque aéreo
Bombas não denotadas

Tabela 8-6 - Formato de avaliação de danos provocados pelo empenhamento dos meios aéreos

**a. Marcação de posições amigas**

Sempre que possíveis, as posições amigas devem ser marcadas como medida de segurança e fornecer referência a objetivos de área. Métodos de marcação de forças amigas estão descritos na tabela 8-7

Método	Dia/Noite	Ativos	Marcação forças amigas	Marcação do Objetivo	Observações
Fumos	D/N	Todos	Boa	Boa	Fácil identificar, pode comprometer as posições amigas, oculta o obj. difícil de implementar devido às estruturas
Fumos (IV)	D/N	Todos os aparelhos de visão noturna	Boa	Boa	Fácil de identificar, pode comprometer posições amigas, oculta o obj. Difícil de implementar devido às estruturas. IV reflete no fumo.
Illum, explosão no solo	D/N	Todos	NTR	Boa	Fácil de identificar
Sinal por espelho	D	Todos	Boa	NTR	Evita a deteção da posição das forças amigas. Depende da meteorologia e pode ser difícil visualizar devido a outros dispositivos refletores existentes no local
Ponto luminoso	N	Todos	Boa	Fraca	Altamente visível por todos. Compromete as posições amigas, depende da luminosidade envolvente.
Ponto luminoso (IV)	N	Todos os aparelhos de visão noturna	Boa	Fraca	Visível por todos com aparelhos IV. Menos comprometedora que a anterior. Depende da luminosidade envolvente.
Laser (IV) abaixo dos 4watts	N	Todos os aparelhos de visão noturna	Boa	Fraca	Depende da luminosidade envolvente
Laser (IV) acima dos 4watts	N	Todos os aparelhos de visão noturna	Boa	Boa	Menos afetada pela luminosidade envolvente e meteorologia.
Laser visual	N	Todos	Boa	Fraca	Visível por todos, risco de compromisso é alto. Sucesso depende da baixa luminosidade envolvente.
Designador laser	D/N	Equipamento laser	NTR	Boa	Cone de aquisição de laser muito restrito e requer linha de vista para o alvo.

Tabela 8-7 - Método de marcação das posições amigas como referência para as forças dos meios aéreos

Método	Dia/Noite	Ativos	Marcação forças amigas	Marcação do Objetivo	Observações
Marcador	D/N	Todos	NTR	Fraca	Pode comprometer as posições amigas. Pode ser difícil de distinguir de outros.
Farol eletrônico	D/N	Ver observações	Excelente	Boa	Ideal para identificar as forças amigas. Menos afetado pela luminosidade envolvente. Pode ser usado para identificar um alvo. Coordenação com tripulação essencial para assegurar compatibilidade do equipamento
Strobe	N	Todos	Fraca	NTR	Visível por todos. Afetada pela luminosidade envolvente
Strobe (IV)	N	Todos os aparelhos de visão noturna	Boa	NTR	Visível por todos os aparelhos de visão noturna. Afetada pela luminosidade envolvente.
Flare	D/N	Todos	Boa	NTR	Visível por todos. Fácil de identificação pelos meios aéreos.
Flare (IV)	N	Todos os aparelhos de visão noturna	Boa	NTR	Visível por todos os aparelhos de visão noturna. Fácil de identificação pelos meios aéreos.
Glint	N	Todos os aparelhos de visão noturna	Boa	NTR	Muito eficiente exceto em muito iluminadas
Painel de identif de combate	D/N	Todos radares de localização de IV	Boa	NTR	Origina um contraste de temperaturas em viaturas e edifícios. Pode ser ocultado pelo terreno urbano.
Fonte de calor química	D/N	Todos radares de localização de IV	Fraca	NTR	Difícil de destetar, pode eficiente quando usado como contraste em terreno frio.
Chem-light	N	Todos	Fraca	NTR	Fornecer uma assinatura única. Pode ser ocultado pelos edifícios. Fornece uma assinatura distinta facilmente reconhecida. Eficiência depende da luminosidade envolvente.
Chem-light (IV)	N	Todos os aparelhos de visão noturna	Fraca	NTR	Fornecer uma assinatura única. Pode ser ocultado pelos edifícios. Eficiência depende da luminosidade envolvente

Tabela 8-7 - Método de marcação das posições amigas (continuação)

### SECÇÃO III - APOIO DE ENGENHARIA

As duas qualidades fundamentais do pelotão de atiradores da BrigInt são a sua mobilidade e a capacidade de emprego da infantaria apeada. Ao nível tático, é fundamental garantir a mobilidade da força das operações para o sucesso da força. Para garantir a mobilidade tática da BrigInt, é muito importante um intensivo emprego da sua engenharia.

#### **0812. Companhia de engenharia**

A companhia de engenharia (CompEng) fornece apoio montado e apeado às forças de manobra, (batalhões e companhias de atiradores da BrigInt). A CompEng tem três pelotões de engenharia, um pelotão de equipamentos e uma secção de comando. A CompEng normalmente organiza os seus pelotões para os batalhões e companhias de atiradores num nível de comando específico, de acordo com a missão. Deve ser facilmente integrado na manobra, todos os níveis, de acordo com as relações de comando adequadas.

##### **a. Pelotão de Engenharia**

É normalmente a unidade de engenharia de mais baixo escalão que pode realizar missões e tarefas de engenharia montada. É o elemento básico a partir do qual se organiza uma unidade de engenharia para realizar uma tarefa. O pelotão de engenharia pode ser reforçado em equipamento especial, vindo do pelotão de equipamento. O pelotão de engenharia possui várias plataformas de equipamentos, incluindo viaturas para as secções de engenharia com rolos ou lâminas, MICLICs (para abrir campos de minas) e vários sistemas de lançamento de minas (figura 8-18). As secções do pelotão de engenharia transportam uma variedade de explosivos e material de demolição. A secção é o efeito mínimo necessário para garantir o apoio apeado à infantaria. A secção de engenharia é o escalão adaptado para apoiar uma companhia de atiradores, particularmente durante as operações ofensivas.

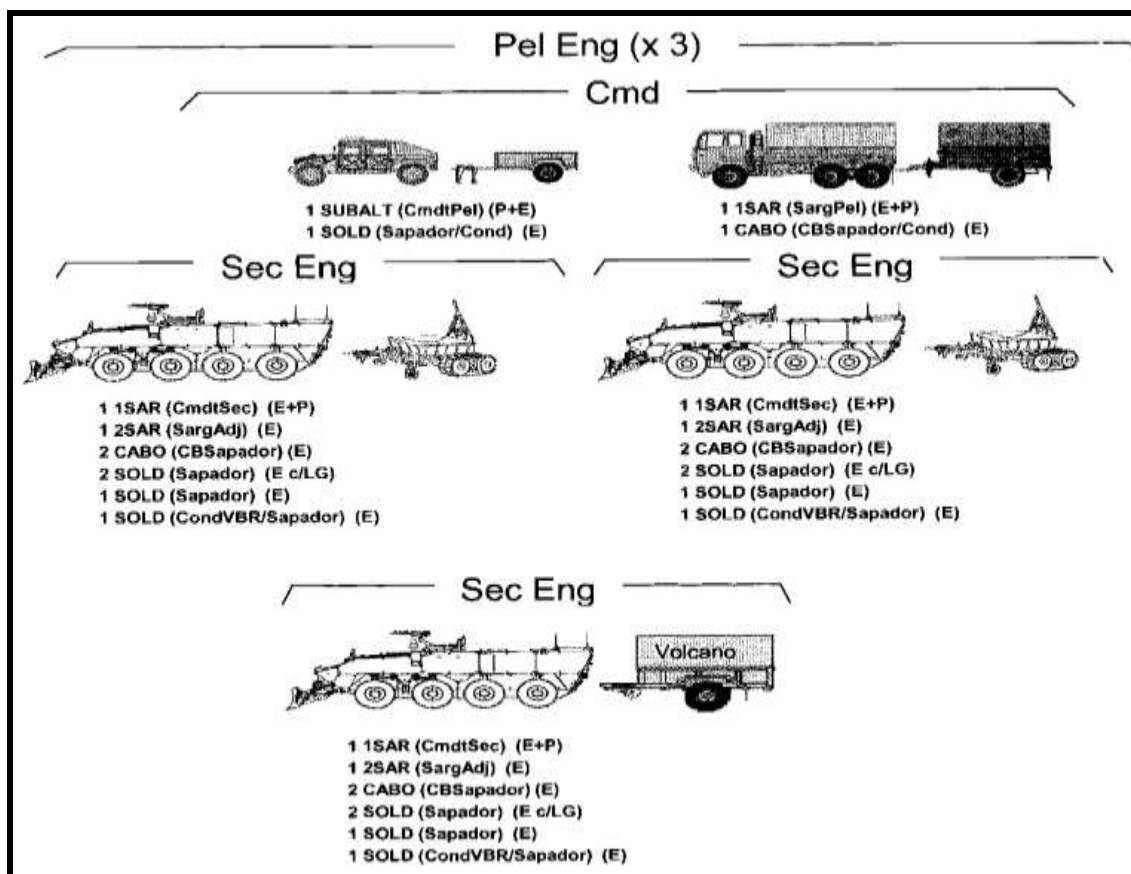


Figura 8-18 - Organização do pelotão de engenharia

#### b. Pelotão Equipamento

O pelotão de equipamento tem numa secção de comando e 3 secções equipamentos (Figura 8-19), equipadas com lança-pontes e máquinas escavadoras. Ao contrário do pelotão de engenharia, não é organizado para funcionar de forma independente durante as operações ofensivas. O pelotão de equipamento oferece ao comandante uma série de equipamento especial para o auxiliar no esforço principal e para executar tarefas específicas de mobilidade. Cada secção é estruturada de forma a assegurar o reforço de equipamentos, nomeadamente iluminação de obstáculos e fortificações do inimigo, a cada um dos três pelotões de engenharia. Cada secção tem capacidade para abrir uma passagem expedita, abrir brecha num obstáculo e possui ferramentas especiais e máquinas de lâminas. O pelotão de equipamento tem uma capacidade limitada para operações de contra mobilidade, sobrevivência e de apoio geral.

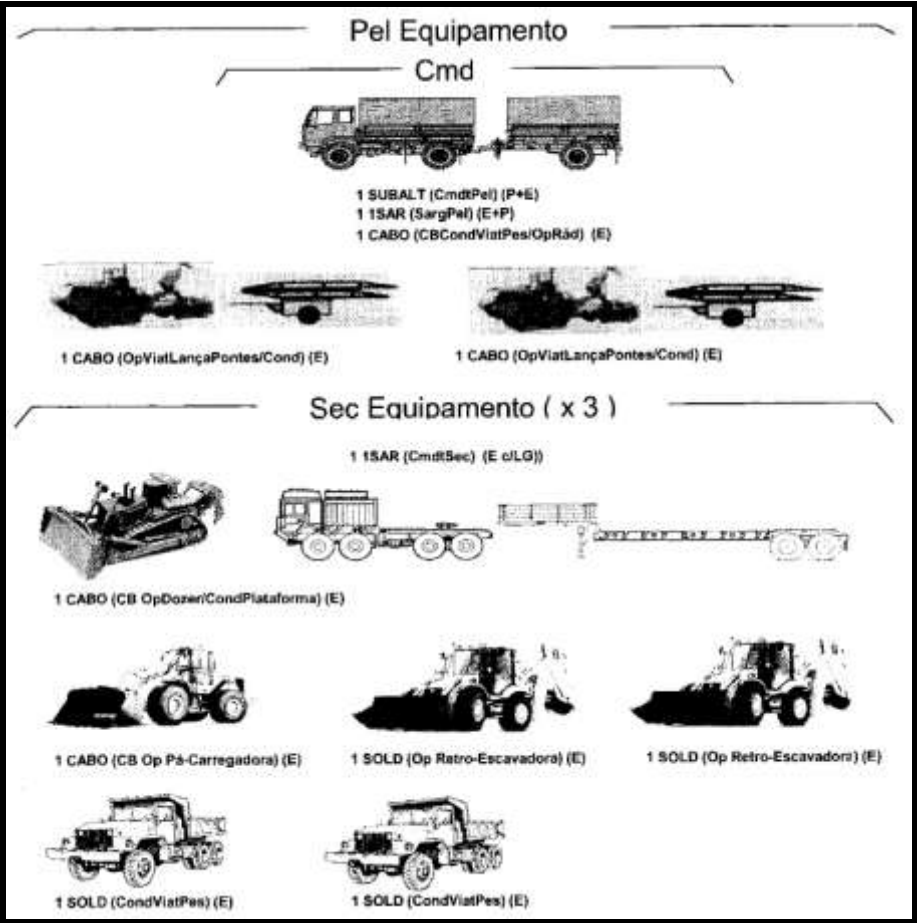


Figura 8-19 - Organização do pelotão de equipamento

**0813.Missões da engenharia**

A missão da engenharia tem quatro categorias: mobilidade, contra mobilidade, sobrevivência e apoio geral de engenharia. (A tabela 8-8 mostra as tarefas incluídas em cada uma dessas categorias). Um pelotão de engenharia pode ser cedido a uma companhia. A engenharia efetua reconhecimento, avalia os obstáculos e usa explosivos no campo de batalhas de campo.

MOBILIDADE	CONTRAMOBILIDADE	SOBREVIVÊNCIA
Remoção obstáculos. Limpar campos de minas. Limpar itinerários. Abertura de passagens expeditas. Construção estradas e caminhos.	Construção de obstáculos para contornar, fixar, bloquear ou desorganizar as forças inimigas	Construção posições de combate para pessoal e viaturas

Tabela 8-8 - Missões da engenharia



**0814. Mobilidade**

A nível tático garantir a mobilidade é fundamental para o sucesso da operação. A engenharia apoia a infantaria através da remoção de obstáculos e construção ou melhoria de itinerários.

**a. Remoção de obstáculos**

A remoção é a criação de corredores através de um obstáculo ou sobre o mesmo, para permitir que uma força possa progredir. O número e a largura das vias a criar, varia de acordo com os fatores de MITM-TC. Os corredores devem permitir que a força de assalto passe rapidamente pelo obstáculo. A força de brecha vai diminuir o obstáculo e marcar os corredores, usando os métodos estipulados em NEP.

**b. Construção ou melhoramento de itinerários**

A engenharia tem uma capacidade limitada para construir, melhorar e fazer a manutenção de estradas e pontes. Além de fornecer apoio à mobilidade durante as operações ofensivas, a engenharia pode aumentar a mobilidade durante as operações defensivas, centrando-se sobre a capacidade de deslocar forças. A mobilidade nas operações defensivas inclui:

- Mobilidade entre as posições de combate principal, alternativa e suplementares;
- Mobilidade da reserva para reforçar as posições;
- Mobilidade da reserva no contra-ataque. (No entanto, na defesa, o papel fundamental da engenharia é no apoio à contra mobilidade, dificultando os movimentos do IN e obrigando-o a parar as viaturas tornando-se alvos mais fáceis).

**0815. Contra mobilidade**

A engenharia constrói obstáculos que impeçam o inimigo de executar com êxito a sua manobra. Normalmente usam obstáculos tais como, campos de minas, obstáculos de arame, fossos anticarro, crateras na estrada e abatisses. A engenharia também pode reforçar o terreno restritivo e os obstáculos existentes para desorganizar, fixar, contornar ou bloquear o inimigo. Os pelotões de engenharia executarão o plano de contra mobilidade do Cmdt Comp. No âmbito deste plano, as secções de atiradores irão ajudar a engenharia na colocação de obstáculos. Independentemente do tipo de defesa a implementar, o CmdtPel deve-se recordar dos cinco princípios básicos para a implementação de obstáculos:

- Os obstáculos devem apoiar a manobra;
- Os obstáculos devem estar integrados no plano de fogos (direto e indirectos) e batidos por fogos;
- Os obstáculos devem aproveitar o terreno e os obstáculos existentes, reforçando o seu valor defensivo;
- Os obstáculos são mais complexos e eficazes quando implementados em profundidade;

- Os obstáculos devem ser implementados garantindo surpresa.

#### **0816. Sobrevivência**

O plano de sobrevivência será sincronizado com o plano contra mobilidade da companhia. Os pelotões deverão preparar-se, marcando as posições de combate das VBR, nomear graduados para supervisionar a construção da posição de combate e designar guias para acompanhar o movimento entre as posições, da viatura lâmina. Os pelotões irão executar o plano do comandante da companhia, sendo a prioridade da função de sobrevivência. Este plano deve especificar o seguinte:

- Nível da sobrevivência de cada subunidade;
- Prioridade de apoio de sobrevivência por unidade, sistema de armas ou conjugação das duas;
- Tipo de posição a ser escavada por unidade ou sistema de armas.
- Sequência e hora prevista para os pelotões para receberem o apoio da viatura-lâmina.

### **SECÇÃO IV - DEFESA AÉREA**

A análise feita pela célula de defesa aérea e aviação, e defesa antimísseis *Air and Missile Defense* (AMD), determinam se a BrigInt será reforçada com recursos de defesa aérea de curto alcance *Short Range Air Defense* (SHORAD). Mesmo se a BrigInt e, subsequentemente, o batalhão de infantaria receberem forças de defesa aérea, é improvável que o pelotão de infantaria seja reforçado com qualquer um destes meios de defesa aérea. No entanto, os sistemas míssil *Stinger* e *Chaparral* podem operar em torno da área de operações da companhia, em apoio ao batalhão ou da brigada. Portanto, o pelotão deve conduzir a sua própria defesa aérea, baseando-se nas medidas passivas de defesa aérea e na capacidade de conseguir bater meios aéreos com o seu armamento orgânico.

#### **0817. Sistemas, organização e capacidades**

Os sistemas que podem operar em reforço da área de operações de uma companhia são o sistema míssil portátil *Stinger* e o sistema míssil ligeiro *Chaparral* (Tabela 8-9). O batalhão pode ser apoiado por um pelotão de defesa aérea equipado com *Chaparral* e *Stinger*. Às Unidades de Artilharia Antiaérea podem ser atribuídas missões táticas com vista a assegurar proteção antiaérea a uma força ou a um elemento determinado, sendo elas: Ação de Conjunto (A/C); Ação de Conjunto-Reforço de fogos (A/C-R/F); Reforço de Fogos (R/F) e Apoio Direto (A/D).

<p>Sistema Portátil <i>Stinger</i></p> 	<p>Pessoal: 2 homens  Nº munições arma: 6 mísseis  Aquisição de alvo: visual  Alcance: 5km  Altitude: 3km  Apoio mútuo: 2km</p>
<p><i>Chaparral</i></p> 	<p>Pessoal: 4  Míssil: 12 mísseis (4 na rampa +8 na viatura)  Aquisição: visual/fonte de calor  Alcance 5km  Altitude: 3km  Apoio mútuo: 2,5km</p>

Tabela 8-9 - Sistemas de defesa aérea

#### a. *Stinger*

Na defesa antiaérea, o mais provável é o pelotão de infantaria ser apoiado pelo *Stinger* (Figura 8-20). O Míssil *Stinger* é um sistema de defesa antiaérea portátil (MANPADS) compacto, disparado ao ombro, para defesa aérea próxima. É uma arma do tipo “*fire and forget*”, de guiamento e pesquisa por infravermelhos (IV) ou infravermelhos/ultravioletas negativos, possibilitando assim ao operador o empenhamento sobre outro alvo ou tomar ações evasivas logo após o disparo. O sistema é compacto porque inclui a sua própria fonte de energia elétrica, arrefecimento e subsistema *Identification Friend or Foe* (IFF). É concebido para obter uma grande eficácia contra aeronaves que efetuem voo a baixa e muito baixa altitude, aviões de ataque ao solo, helicópteros e aviões de observação e de transporte.

- (1) A missão do Sistema míssil portátil *Stinger* é conferir proteção antiaérea às unidades de manobra, de apoio de combate e outros elementos críticos. O Sistema míssil portátil *Stinger* foi projetado para destruir veículos aéreos não tripulados e aeronaves de asa fixa e helicópteros de ataque, em baixo voo. Ele fornece aos pelotões elevado poder de fogo de defesa aérea. O Sistema míssil portátil *Stinger* transporta consigo 6 mísseis.



Figura 8-20 - *Stinger*

- (2) O Sistema míssil portátil *Stinger* tem uma guarnição de 2 homens (Apontador e municiador). Uma esquadra *Stinger* normalmente tem uma viatura. Os comandantes de esquadra devem ter em atenção as consequências de se separarem da sua viatura, será difícil terem mais do que dois mísseis disponíveis para recarregar, estando longe da viatura.

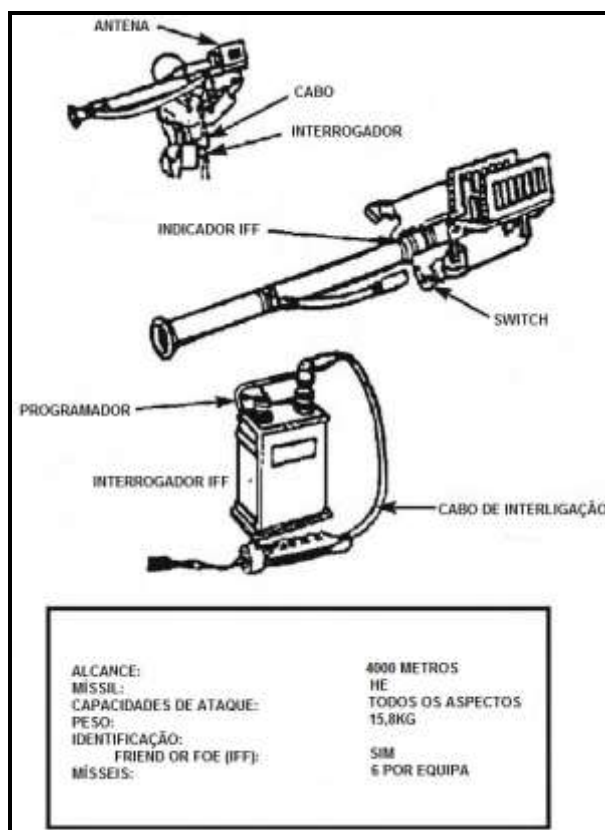


Figura 8-21 - Sistema de defesa aérea *Stinger*

**b. Rede de Aviso e Alerta**

Se a brigada tem organicamente uma bateria de Artilharia Antiaérea, o pelotão recebe um meio de aviso e alerta para aproximação aeronaves. O pelotão radar pode transmitir um aviso e alerta da atividade inimiga às unidades de tiro (bateria,

pelotão ou secção), às unidades de artilharia e oficiais de ligação da defesa aérea. A bateria antiaérea irá fornecer um aviso e alerta de voz na rede de comando da brigada. Se os fatores MITM-TC o permitiram, o pelotão SHORAD proporciona um alerta de voz antecipado aos batalhões. O radar (figura 8-22) fornece uma capacidade de detecção em 360° para diferentes faixas aéreas (aeronaves de asa rotativa e de asa fixa, UAVs e mísseis de cruzeiro) a uma distância de 40 km. O radar está normalmente em comando operacional da respetiva bateria antiaérea.



Figura 8-22 - Sistema de radar *P-STAR*

#### **0818. Emprego da defesa aérea**

Em situações ofensivas, os elementos de defesa aérea acompanham o ataque principal. Eles podem apoiar as companhias da frente, focando-se sobre os eixos de aproximação aéreos de baixa altitude. Quando a unidade estiver em movimento ou numa situação de pequeno alto, os elementos de defesa aérea deverão permanecer junto das armas principais de maior alcance do pelotão, para garantir apoio mútuo. O apontador *Stinger* pode apelar para fornecer defesa aérea, quando a unidade chegar ao objetivo ou durante possíveis pausas na condução do ataque. Na defesa, os elementos de defesa aérea podem estabelecer posições de combate com base nas informações disponíveis do IPB e esquema de manobra do comandante da companhia.

#### **0819. Grau de controlo das armas**

O grau de controlo das armas descreve o nível relativo de controlo exercido pelo comando sobre os fogos Artilharia Anti Aérea (AAA), ou seja, a autoridade delegada nos comandantes das Unidades de tiro quanto à decisão de abertura de fogo. O grau de controlo das armas é ditado na OOp do batalhão e pode ser atualizado com base na situação. Os três níveis de controlo são:

**a. Tiro Livre**

As armas podem abrir fogo sobre qualquer alvo aéreo não positivamente identificado como amigo. Assim, aeronaves de identificação desconhecida ou duvidosa devem ser consideradas hostis. Este é o menos restritivo dos níveis.

**b. Tiro condicionado**

As armas podem abrir fogo apenas contra alvos aéreos identificados como hostis.

**c. Tiro interdito**

Armas estão proibidas de disparar, exceto em autodefesa ou em resposta a uma ordem formal. Este é o nível de qualificação mais restritiva.

**0820.Procedimentos de aviso e estados de alerta**

**a. Avisos de Defesa Aérea *Air Defense Warning* (ADW)**

Os Avisos de Defesa Aérea (ADW) traduzem a avaliação da probabilidade de ataque aéreo feita por um Comandante para a sua área de operações.

Os Avisos de Defesa Aérea são três:

- VERMELHO – ataque aéreo ou com mísseis - iminente ou em curso;
- AMARELO – ataque aéreo ou com mísseis – provável;
- BRANCO – ataque aéreo ou com mísseis - não provável.

Um ADW pode traduzir mais do que as informações acima descritas; com efeito, pode ser usado para impor automaticamente um estado de alerta às unidades de tiro AAA subordinadas, conjugando os diversos avisos de defesa aérea com os designadores de estados de alerta. Este procedimento de comando e controlo fornece aos comandos de AAA um processo simples e expedito de especificar quais os estados de alerta mínimos a serem impostos às unidades de tiro, de uma forma progressiva.

**b. Estados de prontidão *State of Response* (SOR)**

Significam o grau de prontidão exigido às unidades de tiro de AAA, expresso em minutos, desde o instante da notificação do alerta até ao momento de abertura de fogo. Os SOR são baseados nos ADW.

Existem três estados de prontidão:

- POSTOS DE COMBATE – Existem aeronaves nas imediações ou a atacar;
- ALERTA 3 – Existem aeronaves na área de interesse, mas não estão a ameaçar e existe tempo para reagir;
- ALERTA 60 – Não existe ameaça aérea nesse momento.

Nota: O Cmdt da defesa aérea da área testa os avisos e alertas rotineiramente, pelo teatro de guerra ou de operações. Estes avisos descreverem o estado geral da ameaça aérea provável e aplicam-se a toda a área.

## **0821.Procedimentos de reação**

Procedimentos de reação incluem medidas de defesa aéreas passivas e ativa.

### **a. Medidas passivas de defesa aérea**

É o método principal do pelotão para evitar um ataque aéreo inimigo. Estas medidas passivas consistem nas medidas tomadas pelo pelotão para impedir que o inimigo detete ou localize a unidade.

#### **(1) Orientações**

Os pelotões de atiradores devem seguir as seguintes orientações para evitar a detecção ou limitar os danos, se forem detetados:

- Quando parado, ocupar posições cobertas e abrigadas e efetuar a camuflagem de viaturas expostas;
- Num deslocamento, utilizar itinerários cobertos e abrigados;
- Dispersar as viaturas tanto quanto possível para que a detecção e ataque seja mais difícil;
- Apagar os trilhos das viaturas que possam conduzir as posições e eliminar ou cobrir as posições de combate;
- Se forem atacados por uma aeronave, devem dispersar e procurar posições cobertas e abrigadas;
- Não disparar contra uma aeronave hostil, a menos que seja claro que a esta identificou as forças amigas. O empenhamento precoce compromete as posições das forças amigas;
- Designar vigias do ar para cada viatura e posições; estabelecer e manter segurança e observação em 360°.
- Estabelecer um sistema de alerta nas NEPs da unidade, incluindo sinais visuais e de som.

#### **(2) Procedimentos**

Quando o pelotão observa aeronaves, helicópteros ou UAVs que possam influenciar a sua missão, são tomadas medidas passivas de defesa aérea a menos que a situação exija medidas ativas imediatas.

**NOTA:** As medidas passivas de defesa aérea também incluem a preparação da companhia para a realização de medidas ativas de defesa aérea.

Medidas passivas de defesa aérea contemplam 3 passos:

- Passo 1 – Alertar a companhia com um RELIM.
- Passo 2 – Implantar as ações apropriadas de dispersar ou continuar o movimento. Se a companhia não estiver na direção do ataque da aeronave, o CmdtComp e os CmdtPel ordenam às VBR que procurem uma posição coberta e abrigada e dispersem entre elas 100 metros ou então, que continuem o movimento.
- Passo 3 – Preparar-se para o empenhamento. Os apontadores das VBR preparam-se para fazer fogo contra a aeronave com a metralhadora pesada ou com as armas principais á ordem do CmdtComp ou do CmdtPel.

**b. Medidas ativas de defesa aérea**

O pelotão deve evitar empenhar-se com aeronaves inimigas. Se o contacto for inevitável, o pelotão utiliza uma técnica conhecida como volume de fogo (Figura 8-23). Esta técnica é baseada na premissa de que quantos mais projéteis uma unidade consegue colocar no ar, maior a hipótese de o inimigo voar contra eles. Mesmo que estes projéteis não acertem no inimigo, uma "parede de chumbo", no céu, pode intimidar os pilotos inimigos, levando-os a cancelar o ataque ou, pelo menos, dificulta-lhes a aquisição do alvo. Um dos pontos mais importantes sobre o volume de fogo é que uma vez estimada a distância deve manter-se sempre o mesmo ponto de pontarias, até que o avião voe nessa direção, sem alterar a direção da pontaria. O CmdtPel estabelece o ponto de pontarias com base no tipo de aeronave que está a atacar (Figura 8-24).

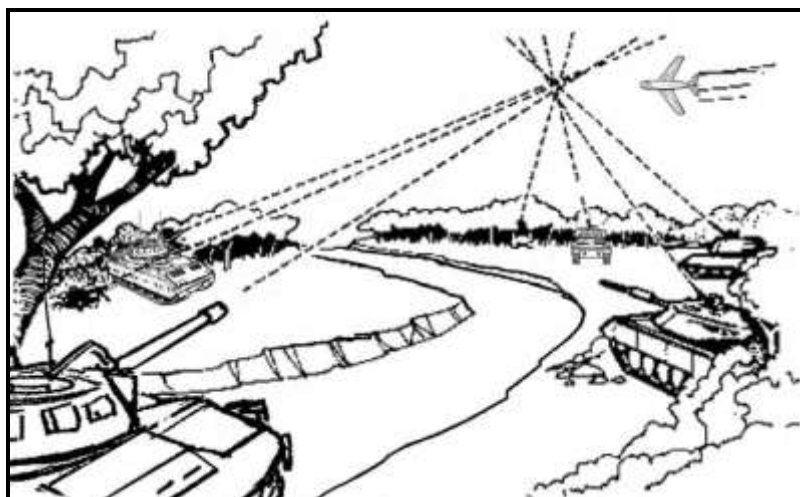


Figura 8-23 - Volume de fogo



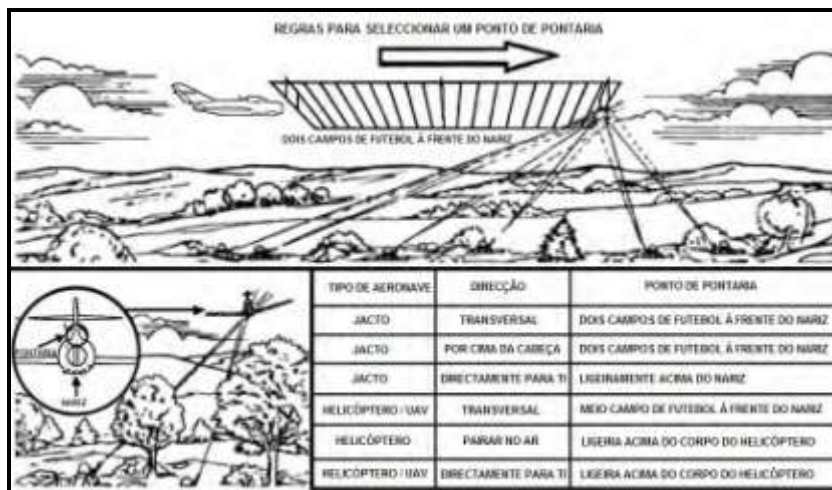


Figura 8-24 - Ponto de pontarias

## SECÇÃO V - APOIO NUCLEAR BIOLÓGICO E QUÍMICO

Os meios NBQ da BrigInt são limitados e, portanto, os pelotões devem aplicar os fundamentos da defesa NBQ (prevenção, proteção e descontaminação), para sobreviverem num campo de batalha contaminado.

### 0822. Apoio ao reconhecimento

O pelotão de defesa NBQ orgânico da CompEng é o único pelotão NBQ da BrigInt. O pelotão de defesa NBQ pode localizar, identificar e marcar as áreas contaminadas. Visto que os meios de reconhecimento NBQ são limitados, o CmdtComp de atiradores deve planejar meios alternativos para efetuar um reconhecimento NBQ (Ex: patrulhas).

### 0823. Apoio à descontaminação

O apoio externo de descontaminação não está disponível ao nível da companhia. Para a descontaminação operacional, o pelotão deve solicitar o apoio à companhia, (esta solicita o apoio da equipa da descontaminação ao batalhão, que por sua vez pede apoio á BrigInt). Uma completa operação de descontaminação exige o apoio de um pelotão de descontaminação externo. O elemento contaminado será encarregado de auxiliar o pelotão de descontaminação durante a realização da operação de descontaminação.

Página intencionalmente em branco

## **CAPÍTULO 9**

### **APOIO DE SERVIÇOS**

*Em qualquer unidade militar, o apoio de serviços mantém o potencial de combate no decorrer das operações. Nos Pelotões equipados com VBR, o Comandante de Pelotão é responsável por planejar o apoio de serviços e o Sargento de Pelotão é o responsável pela execução desse mesmo plano. O Sargento de Pelotão trabalha em coordenação com o 2º Comandante da Companhia e com o Sargento-Ajudante da companhia para garantir que o Pelotão tem o apoio adequado para o cumprimento das missões que lhe forem atribuídas. A Companhia normalmente prevê as necessidades e funciona num sistema “push and pull” com os pelotões.*

#### **0901. Responsabilidades individuais**

Este parágrafo refere as responsabilidades do apoio de serviços na cadeia de comando de um pelotão.

##### **a. Sargento de Pelotão**

Como responsável pelo apoio de serviços do pelotão, executa o plano logístico do pelotão e companhia, com base em NEP`s. Os seus deveres incluem:

- Receber, consolidar e elaborar todos os relatórios administrativos do pelotão relativos a pessoal e sanitário, em coordenação com o adjunto do Comandante de Companhia;
- Requisita os abastecimentos necessários (excepto Classe VIII) e equipamentos ao sargento-ajudante e assegura a sua distribuição no pelotão;
- Supervisiona a evacuação de baixas, PG`s ou material/equipamento danificado;
- Garante a manutenção adequada do armamento/equipamento do pelotão.

##### **b. Comandante de Secção/Esquadra**

Cada comandante de esquadra e secção tem como deveres os seguintes:

- Assegurar que a guarnição executa a manutenção adequada a todos os equipamentos e armamento distribuídos;
- Elaborar as listas de pessoal e necessidades de apoio logístico e submetê-las ao Sargento de Pelotão de acordo com as NEP;
- Obter os abastecimentos necessários e assegura a sua distribuição na secção/esquadra.

#### **0902. Considerações de planeamento**

O planeamento do apoio de serviços é na sua essência uma tarefa ao nível da companhia/batalhão. Enquanto o Comandante de Companhia e o 2º comandante planeiam a

operação e apoio, o Comandante de Pelotão é responsável pela sua execução ao nível do pelotão, e o Sargento de Pelotão executa o plano ao nível da secção/esquadra.

**a. Planeamento do apoio de serviços**

O Comandante de Pelotão elabora o seu próprio planeamento, determinando exactamente o que necessita ou que prevê necessitar, de acordo com a manobra que vai executar. Este processo é importante não só na sua integração com o plano de apoio de serviços da companhia, mas também na certeza de que os pedidos/requisições são submetidos o mais cedo possível.

**b. Questões Operacionais**

O plano de apoio de serviços deve responder aos seguintes requisitos operacionais:

**(1) Tipo de Apoio**

Baseado na natureza da operação e aspetos táticos, que tipo de apoio o pelotão vai necessitar?

**(2) Quantidades**

Em que número/quantidade este apoio vai ser necessário?

(a) Serão necessários os abastecimentos de emergência durante o combate?

(b) Esta operação requer uma mudança nos níveis estabelecidos para os trens?

**(3) Ameaça**

Qual a orgânica, dispositivo e capacidades do inimigo? Como é que estes aspetos podem influenciar o apoio logístico durante o decorrer das operações?

(a) Onde e quando é expectável que o contacto ocorra?

(b) Qual o número de baixas e perda de viaturas prevista de acordo com a localização e natureza do contacto?

(c) Qual o impacto do uso de armas com capacidades especiais (Ex: NBQ) no combate e as necessidades de apoio logístico que daí decorrem?

(d) Quantos prisioneiros de guerra esperamos fazer e onde?

**(4) Terreno e Condições Meteorológicas**

De que forma o terreno e as condições meteorológicas afetam o apoio de serviços durante o desencadear das operações?

(a) Que tipo de solo garantirá mais segurança para manutenção e evacuação sanitária?

(b) Qual o itinerário de evacuação sanitária e manutenção?

**(5) Tempo e Localização**

Quando e onde o Pelotão vai necessitar do apoio?

(a) Avaliando a natureza e localização do contacto, quais são os melhores locais para a reunião de feridos e em tratamento/evacuação?

(b) Onde serão designados os locais de reunião de PG?

(6) Necessidades

Quais são as necessidades de apoio, por classe, subgrupo e tipo de apoio?

(a) Que secção terá de ser reabastecida em primeiro lugar no que se refere a classe III?

(b) Que secção necessitará primeiro de ser reabastecida em classe V?

(7) Risco

A intensidade do combate permitirá a condução das tarefas de reabastecimento em segurança? Se não, que períodos menos intensos estão previstos, e como pode o pelotão minimizar o risco de exposição das viaturas de apoio (reabastecimento/manutenção)?

(8) Técnica de Reabastecimento

De acordo com a informação disponibilizada durante o processo de planeamento do apoio de serviços, que técnica de reabastecimento deve o pelotão usar?

c. Classes de Abastecimento (Considerações)

O Sargento de Pelotão obtém os abastecimentos e entrega-os ao Pelotão. O Comandante de Pelotão estabelece as prioridades, mas o combate dita que os abastecimentos de Classe I, III, V, e IX são a prioridade, por serem os mais críticos para o sucesso das operações.

(1) Classe I

Esta classe inclui comida, água e gelo. Também inclui os itens relacionados com a saúde, moral e bem-estar. O Mapa Diário da Força (MDF) leva a um pedido automático das necessidades de classe I. O pessoal nos trens de campanha prepara a alimentação e entrega-os com o pacote de logístico (LOGPAC) ao Sargento-ajudante que procede com a sua distribuição aos pelotões. Durante o empenhamento inicial comem-se "refeições prontas para comer" (Ração de Combate) transportados nos trens e com o próprio combatente. Devido à probabilidade das linhas comunicação e reabastecimento serem longas, o pelotão deve ter na sua posse a dotação para 3 dias de abastecimento.

(2) Classe II

Esta classe inclui a roupa, o equipamento individual, fatos de proteção BQ (PPOM), tendas individuais, utensílios e artigos de higiene e costura. O Sargento de Pelotão distribui itens consumíveis como sabão, papel higiénico e inseticidas/repelentes durante as operações de reabastecimento.

(3) Classe III

Esta classe é relativa aos combustíveis e lubrificantes. Pedidos não habituais de classe III são remetidos para o Sargento-ajudante que depois reencaminha o pedido para os trens de combate do batalhão.

- (a) A classe III pode ser em volume/quantidade ou a granel (empacotados). O exemplo de produtos em volume inclui gasóleo (combustível mais comum no exército) e gasolina.
- (b) O pelotão requisita/solicita e levanta/recebe os artigos de classe III, em recipientes de 20L, massas lubrificantes, vaselina, óleos e solventes.
- (4) Classe IV  
Esta classe inclui materiais de construção, estacas, sacos de areia e arame farpado/concertinas.
- (5) Classe V  
Esta classe inclui todos os tipos de munição e minas inclusive explosivos.
- (6) Classe VI  
Artigos para uso individual privado que não são especificamente militares, para venda aos militares. A disponibilização dos artigos desta classe constitui-se como um multiplicador do moral da força.
- (7) Classe VII  
Esta classe inclui os artigos completos como "ICV, MGS", armas e outros. Os relatórios logísticos (ALTLOGSITREP) são os que dão origem ao reabastecimento dos artigos de classe VII. Os sistemas de armas avançam pelo canal de reabastecimento (LOGPAC).
- (8) Classe VIII  
Esta classe inclui o material sanitário. O Posto de Socorros do batalhão substitui os *kits* do socorrista e *kits* de primeiros socorros.
- (9) Classe IX  
Esta classe inclui os documentos e materiais para manutenção/reparação de viaturas e equipamento. Os artigos são fornecidos em resposta a um pedido específico ou obtidos pela troca direta de partes reparáveis. O último pode incluir baterias de aparelhos de visão noturna e rádios versão *man-pack*. Em situações de combate, a troca e canibalização controlada são métodos normais de obter os artigos de Classe IX.
- (10) Classe X  
Esta classe inclui os artigos para apoiar programas não militares como sejam o desenvolvimento agrícola e económico.

### **0903. Tarefas de reabastecimento**

As tarefas de reabastecimento podem ser classificadas em 3 tipos: rotina/ordinária, emergência/extraordinária ou pré-posicionamento. Durante a fase de treino e exercícios, os pelotões praticam as tarefas de reabastecimento. O método de reabastecimento em combate depende sempre dos fatores de decisão (MIMT+TC).

**a. Reabastecimentos de Rotina**

As operações de reabastecimento de rotina incluem os artigos das Classes I, III, V e IX, correio, e outros artigos que tenham sido solicitados pelo pelotão. Quando possível, e diariamente, o pelotão deve conduzir o reabastecimento de rotina. A altura ideal é durante os períodos da visibilidade reduzida. Embora as viaturas tenham grande autonomia, o Comandante de Pelotão deve planejar reabastecer em cada oportunidade disponível, baseada sobre os fatores de decisão.

- (1) O LOGPAC é uma via simples e eficiente para cumprir reabastecimentos de rotina. O fator chave do LOGPAC é a centralização dos reabastecimentos organizados pelo batalhão. Este planeia o reabastecimento de todos os pelotões por um período específico (normalmente 24 horas) até ao próximo LOGPAC. As NEPs do batalhão devem especificar a sua composição e período efetivo.
- (2) Como indicado pelo Comandante de Companhia ou 2º Comandante, o Sargento-ajudante estabelece o ponto de reabastecimento de companhia, podendo usar um método de distribuição centralizado ou descentralizado, informando os Sargento de Pelotão da sua localização. Quando o Sargento-ajudante tem o ponto de reabastecimento pronto, informa o Sargento de Pelotão de cada pelotão para se dirigir ao local de reabastecimento, tendo em conta a situação tática e os aspetos operacionais estabelecidos pelo Comandante de Companhia/Pelotão.
  - (a) O método centralizado deve ser usado em operações com viaturas (Figura 9-1) e permite que as viaturas/secções se movimentem isoladamente para um ponto central de reabastecimento. Dependendo da situação tática, uma viatura/secção ou pelotão move-se para fora da sua posição e executa as operações de reabastecimento à retaguarda da sua posição. Este processo continua até que o pelotão inteiro tenha concluído o reabastecimento. Neste método as viaturas seguem um percurso pré-estabelecido com um sentido único de circulação. Só as viaturas que necessitem de manutenção imediata param no local designado para manutenção, circulando normalmente de ponto em ponto até concluírem o reabastecimento. As secções movimentam-se de forma independente para comer, levantar o correio e artigos diversos e reabastecer-se de água. Quando todas as viaturas/secções do pelotão concluírem o reabastecimento por ordem do Cmdt/SargPel, deslocam-se para um local de espera a fim de realizarem uma inspeção pré-combate.

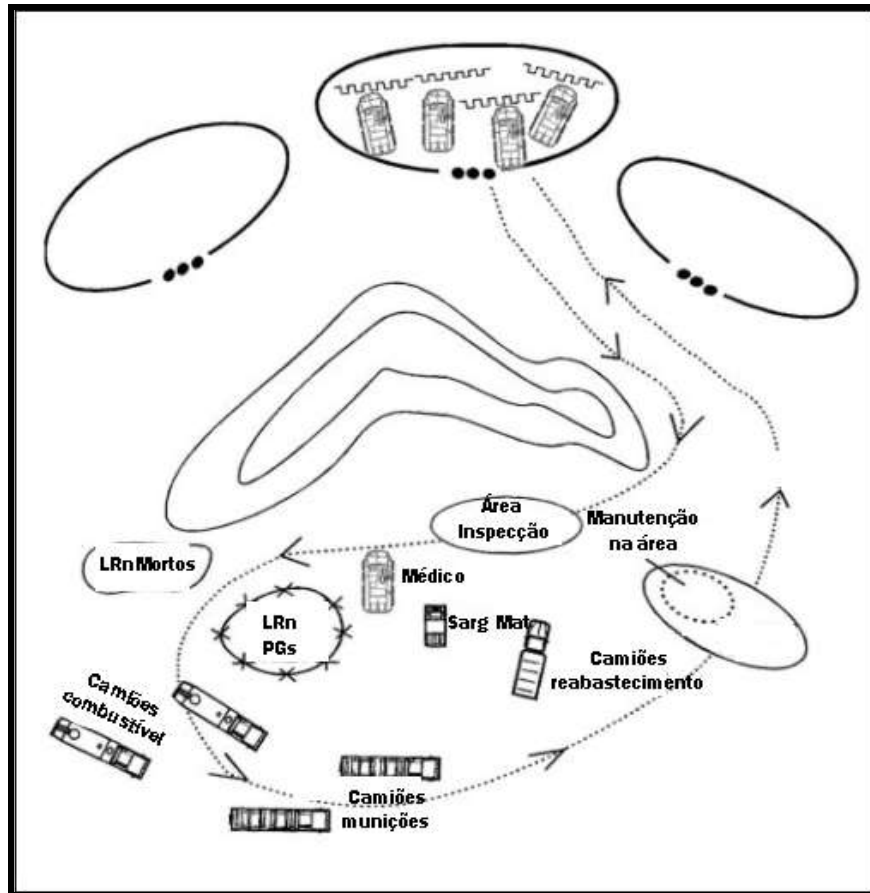


Figura 9-1 - Método de reabastecimento centralizado (com viaturas)

- (b) O método de reabastecimento centralizado sem viaturas (Figura 9-2) leva a que os combatentes abandonem as suas posições. Os elementos indicados deslocam-se para um ponto de reabastecimento do pelotão à retaguarda da posição, reabastecem e regressam para a posição quando prontos. Esta técnica é usada quando o contacto é improvável e é necessário reabastecer muitos artigos.

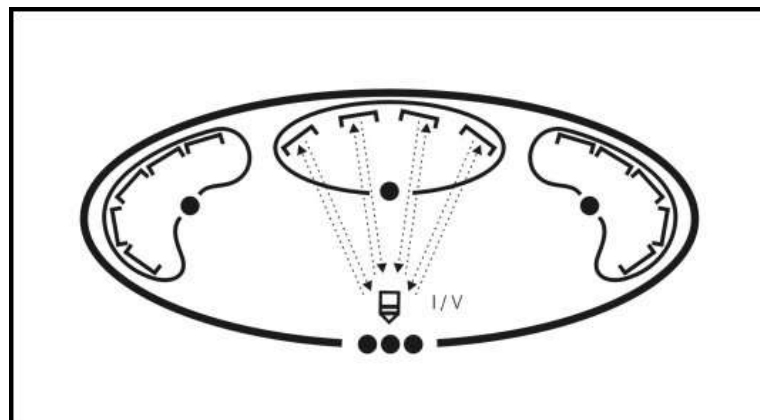


Figura 9-2 - Método de reabastecimento centralizado (sem viaturas)



- (c) Em zonas de reunião o Sargento-ajudante adota normalmente o método descentralizado (Figura 9-3). As viaturas permanecem na sua posição ou ligeiramente à retaguarda desta, para que as viaturas de reabastecimento possam fornecer os artigos de Classe III e V. Os combatentes de forma individual passam pela linha de reabastecimento alimentando-se, reabastecendo-se de água, etc.

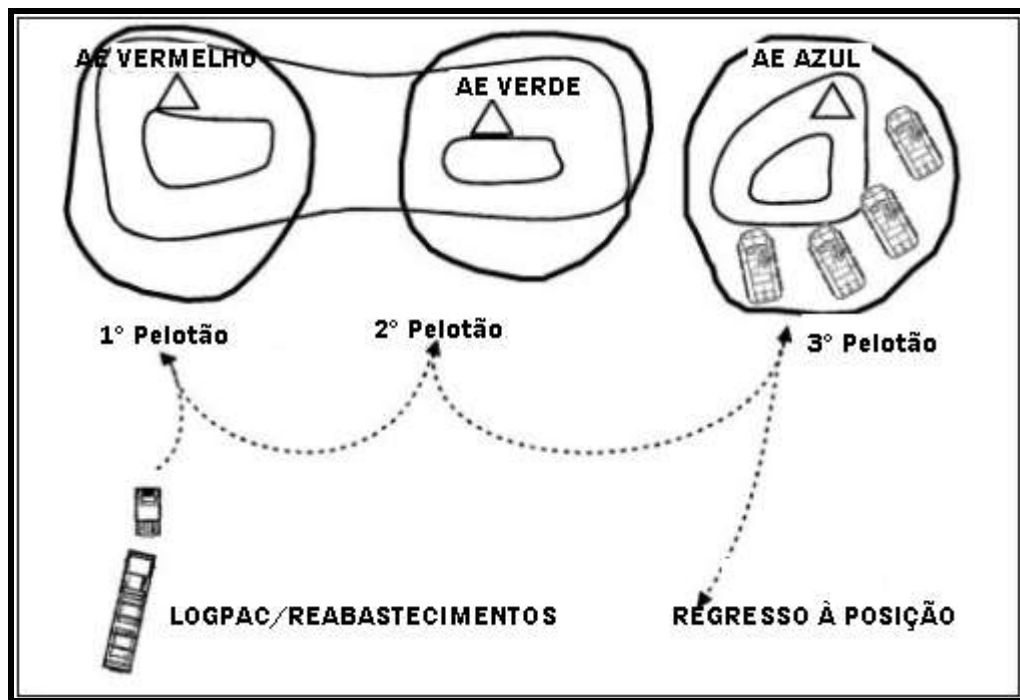


Figura 9-3 - Método de reabastecimento descentralizado para operações com viaturas

- (d) Durante o combate, quando o pelotão é separado das suas viaturas em contacto ou quando o contacto é iminente, o método de reabastecimento descentralizado deve assegurar que os reabastecimentos necessários às esquadras são igualmente disponibilizados. Este método necessita que a companhia (Sargento-ajudante) se desloque para um ponto o mais próximo possível transportando todos os abastecimentos necessários (Figura 9-4). O pelotão fornece um guia para assegurar que as provisões (Classe V) e são distribuídas à posição mais crítica em primeiro lugar.

Este método:

- É usado quando há uma necessidade imediata;
- É usado para reabastecer uma única classe de abastecimento;
- Permite aos comandantes de secção manter os comandantes de esquadra nas suas posições.

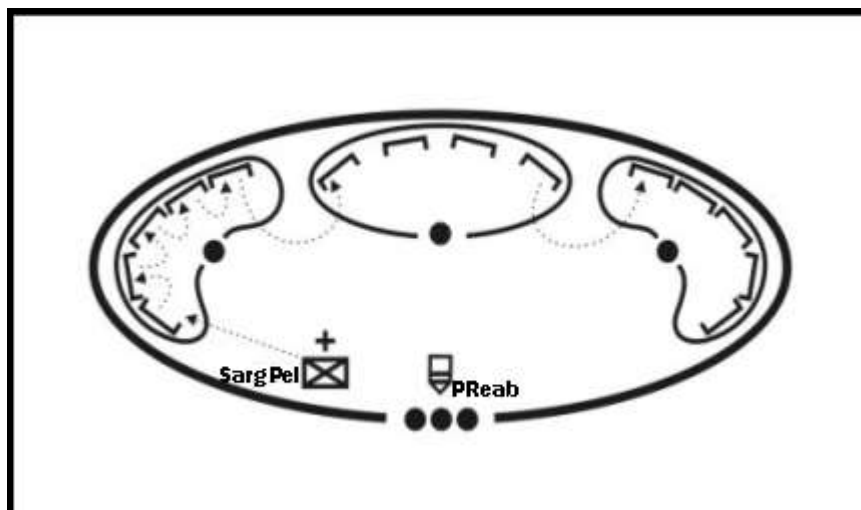


Figura 9-4 - Método de reabastecimento descentralizado para operações sem viaturas

**NOTA:** Se as viaturas de reabastecimento não puderem deslocar-se até perto das posições de pelotão, os membros do pelotão podem ajudar o pessoal do reabastecimento a transportar os materiais.

**b. Reabastecimento Extraordinário**

Ocasionalmente (durante as ações de combate), o pelotão pode ter uma necessidade urgente de reabastecimento que não pode esperar por um reabastecimento de rotina, LOGPAC. O reabastecimento de emergência pode implicar equipamento NBQ bem como Classes III, V, VIII, e I (W).

**c. Reabastecimento com Posicionamento (*Pré-Stock*)**

Em operações defensivas e em outras ocasiões tidas convenientes, o pelotão precisa de armazenar reabastecimentos, também designados por pré-posicionamento ou "*Stock*". Normalmente o pelotão só o faz no que respeita a Classe IV e V, mas também o pode fazer com a Classe III. Contudo, deve reabastecer as viaturas do pelotão antes de ocupar as posições de combate ou durante o deslocamento das mesmas.

**(1) Cada escalão deve planear cuidadosamente todas as situações de *Pré-stock*.**

Todos os Comandante de Secção/Esquadrão devem saber a localização exata dos locais de *pré-stock*, e devem reconhecê-los durante os períodos de reconhecimento. O Comandante de Pelotão assegura que são tomadas as medidas necessárias para garantir a segurança dos reabastecimentos pré-posicionados. Essas medidas devem incluir a seleção de posições cobertas e abrigadas e um plano de recolha e de destruição para evitar que o inimigo capture esses reabastecimentos.

- (2) Durante as operações ofensivas, o pelotão pode pré-posicionar os reabastecimentos em viaturas bem à frente no terreno. Isto funciona no caso de o pelotão esperar usar um grande volume do fogo, com necessidade de reabastecimento de munições, durante uma operação rápida.

#### **0904. Material a transportar pelo combatente**

O material a transportar pelo combatente é uma preocupação do comandante. O que transportar, que distância e em que condições, são considerações importantes a ter no planeamento de uma missão. Os comandantes devem preparar-se para as contingências mais prováveis, baseadas na informação disponível durante a fase de planeamento, sabendo a montante que não podem estar preparados para todas as missões possíveis.

#### **0905. Reabastecimento de combate básico**

O reabastecimento do pelotão varia com a missão e inclui o transporte físico para a zona de combate. O Comandante de Companhia direciona o mínimo de requisitos para o reabastecimento em combate. As NEPs da unidade ou o Comandante de Companhia especificam os itens. O reabastecimento básico inclui géneros que mantenham o pelotão em combate. A quantidade dos géneros básicos depende do número de dias do pelotão em combate, tendo que cumprir a missão sem ser reabastecido.

#### **0906. Manutenção**

Uma manutenção adequada é a chave para manter viaturas, equipamentos e outros materiais em condições de serviço. É um processo contínuo que começa com as medidas de manutenção preventiva feita pela guarnição da viatura e mantida pelas várias unidades de manutenção nos respetivos escalões. As tarefas de manutenção compreendem a inspeção, teste, reparação, recuperação e evacuação de viaturas e equipamento.

#### **0907. Procedimentos de evacuação**

Quando o combate começa e as primeiras baixas aparecem, o pelotão deve socorrer os feridos em combate. Os Comandante de Secção orientam a evacuação das baixas da sua secção para o LRnFeridos do pelotão, onde o Sargento de Pelotão com auxílio ou não de pessoal especializado, faz uma avaliação e solicita a Evacuação Médica (MEDEVAC).

**NOTA:** Antes do Sargento Pelotão evacuar as baixas do LRnFeridos para o escalão superior este deve remover todo o equipamento/armamento e material chave (ITTm, cartografia, etc.). Todas as unidades devem ter NEPs referentes à retenção/guarda do armamento e munições do pessoal ferido.

#### **0908.Mortos em combate**

O Sargento Pelotão designa um local de reunião de mortos. Todos os pertences são para manter com o corpo, mas o comandante de esquadra/secção salvaguarda que seja retirado o armamento/material crítico até este ser entregue ao Sargento Pelotão, que entrega o morto ao Sargento-ajudante. Por regra os mortos e feridos são transportados em viaturas separadas.

#### **0909.Prisioneiros de guerra**

O Pessoal e equipamento inimigo capturados são muitas vezes fontes de informação preciosas, mas só terá valor tático, se o pelotão executar os procedimentos relativos a material e pessoal capturado o mais rapidamente possível.

Em qualquer situação tática o Pelotão tem NEPs específicas para normalizar os procedimentos com pessoal e material capturado, que normalmente inclui os seguintes 5 passos:

- Revistar;
  - Separar;
  - Silenciar;
  - Acelerar;
  - Guardar;
- a. Na sequência dos procedimentos seguintes à captura e à revista primária, a secção que capturou os PGs garante a sua escolta até ao LRnPG do pelotão. O elemento de captura deve assegurar o tratamento médico dos PGs e é responsável pela sua segurança até ao LRnPG de pelotão.
  - b. Uma vez transportados até ao LRnPG do pelotão, o Sargento de Pelotão assume a responsabilidade dos PGs e providencia a montagem da segurança aos mesmos, pelas equipas anteriormente estabelecidas no pelotão e encaminha-os para o LRnPG da companhia.

#### **0910.Reabastecimento aéreo**

O reabastecimento aéreo é uma missão da aviação que consiste em deslocar pessoal, equipamento, material, suplementos, carga, usando meios de asa fixa ou de rotor, para uso em operações. O reabastecimento por terra pode não resultar, devido ao terreno ou à ameaça inimiga. O pelotão deve executar o pedido através da companhia para o batalhão e deve-se preparar para receber os abastecimentos numa janela de tempo específica e num determinado local.

#### **0911.Evacuação de baixas**

A evacuação de baixas *Casualty Evacuation* (CASEVAC) é o relatório usado para se executar o movimento de baixas pelo ar ou solo em veículos ou aviões não especializados para essa

função. Estas operações, normalmente envolvem um movimento inicial de soldados feridos para uma instalação médica próxima. A evacuação médica inclui um itinerário de evacuação com o respetivo apoio médico, enquanto o CASEVAC não providencia esse mesmo apoio durante o movimento.

Página intencionalmente em branco

## **CAPÍTULO 10**

### **PATRULHAS**

As patrulhas são missões para recolher informações, realizar operações de combate, ou para estabelecer uma presença numa área de operação como parte de uma operação de estabilidade. O pelotão de atiradores geralmente realiza essas operações como parte de um esforço maior. Os Pelotões e Secções de infantaria efetuam três tipos de patrulhas: reconhecimento, combate e de presença. Este capítulo descreve os aspetos a ter em conta no planeamento das patrulhas, a sua conduta, assim como a montagem e ações a serem tomadas numa base de patrulha. Uma vez que os pelotões de atiradores desmontam das viaturas, estes funcionam como um pelotão de infantaria ligeiro. O Comandante de Pelotão (CmdtPel) tem a flexibilidade para utilizar estes recursos para melhorar a eficácia da missão de patrulhamento.

#### **SECÇÃO I - GENERALIDADES**

O pelotão de atiradores da BrigInt tem a capacidade de deslocar as suas secções para posições dominantes que confirmem alguma vantagem para a realização do patrulhamento e para ajudar nas operações de sustentação. A esquadra de viaturas fornece um apoio adicional para a patrulha de combate. O Comandante de Pelotão deve, se possível, integrar os fogos da esquadra de viaturas como apoio ou como posição de segurança. As esquadras de viaturas podem também realizar comunicações de relé. A maioria das patrulhas são realizadas apeadas, mas os veículos podem apoiar a operação ou serem deixados numa posição oculta, na zona de reunião da companhia.

##### **1001. Organização**

Para cumprir a missão de patrulhamento, um pelotão ou secção, deve executar tarefas específicas. Tal como acontece com outras missões, o comandante determina as tarefas de acordo com a situação. Ele identifica aquelas tarefas que o pelotão deve executar e decide quais os elementos que as irão executar. Sempre que possível, o comandante deve manter a integridade da secção. Os termos "elemento" e "equipa" referem-se às secções ou equipas que executam uma tarefa específica. O comandante deve planejar cuidadosamente para garantir que identifica e atribui todas as tarefas necessárias da forma mais eficiente. Os pelotões que efetuam patrulhas incluem na sua organização elementos ou equipas específicas para cada tipo de missão.

**a. Grupo de Comando**

É constituído pelo CmdtPel, sargento do pelotão (SargPel) e Radiotelefonista (RTL). Podem ser integrados outros elementos que sejam atribuídos ou que o CmdtPel decida que ele ou o SargPel devam controlar diretamente.

**b. Equipa de 1º Socorros**

São responsáveis pelo tratamento e evacuação de feridos.

**c. Equipa de PG**

Equipas de Prisioneiros de Guerra (EPG) são responsáveis pelo controle de prisioneiros inimigos e detidos do campo de batalha.

**d. Equipa de Vigilância**

Vigia o objetivo, desde que o reconhecimento de comandantes termina, até que as unidades que irão efetuar a ação cheguem ao local. Em seguida, junta-se à sua unidade.

**e. Navegador**

Auxilia na navegação, assegurando que o comandante segue o itinerário planeado. As suas instruções devem incluir um azimuth inicial assim como azimuths subsequentes, conforme necessário. O pelotão ou a Secção deverá também designar um navegador alternativo.

**f. Homem Conta-Passos (HCP)**

Mantém um ritmo preciso em todos os momentos. O CmdtPel ou de Secção deve designar a forma como quer que o HCP estabeleça o ritmo. O HCP deve igualmente comunicar o ritmo no final de cada troço de percurso definido. O CmdtPel ou de Secção deverá também designar um HCP alternativo.

## **1002. Planeamento inicial**

Os Comandantes identificam as ações necessárias sobre o objetivo, e depois, ao efetuarem o plano provisório, efetuam a fita-do-tempo inversa, para a saída das linhas amigas, e a fita do tempo normal, para a entrada nas linhas amigas. Eles recebem normalmente a OOp no PC da Companhia onde o pessoal-chave estará disponível. Como as patrulhas atuam de forma independente, vão além do alcance do apoio de fogos direto da unidade que os destaca e operam à frente de unidades amigas. A coordenação deve ser aprofundada e detalhada.

**a. Itens a serem considerados pelo CmdtComp e CmdtPel são:**

- (1) Alterações ou atualizações da situação do inimigo;
- (2) Melhor utilização do terreno para as rotas, pontos de referência e bases de patrulha;
- (3) Dados meteorológicos e de luz;
- (4) Alterações ou atualizações da situação das forças amigas;



- (5) O reforço de militares com competências especiais ou equipamentos, por exemplo, engenheiros ou intérpretes;
  - (6) Uso e localização das zonas aterragem;
  - (7) Pontos de saída e entrada nas linhas amigas;
  - (8) Apoio de fogos sobre o objetivo e ao longo do itinerário previsto, incluindo os itinerários alternativos;
  - (9) Áreas de Treinos e horários. O terreno dos treinos deve ser semelhante ao do objetivo, deve incluir os edifícios e fortificações, se possível;
  - (10) ITTM devem incluir sinais de chamada, frequências, palavras em código, instruções de comunicação digital, bem como a senha e contrassenha.
- b.** A companhia ou CmdtPel coordenada com a unidade através da qual seu pelotão ou secção irá realizar a sua passagem de linha, para a frente ou para a retaguarda das nossas linhas.
  - c.** O Comandante de Companhia e o S3 do batalhão coordenam as atividades das patrulhas com os comandantes de outras unidades, que irão efetuar patrulhamentos, ao mesmo tempo, nas áreas adjacentes.

### 1003. Completar o plano

Ao completar o plano o CmdtPel deve considerar o seguinte:

- a.** Tarefas essenciais e de apoio  
O comandante garante que atribuiu todas as tarefas essenciais a realizar no objetivo, nos pontos intermédios, nas zonas perigosas, nos locais seguros e de vigilância, ao longo do itinerário (s) e nos pontos de passagem.
- b.** Plano de Movimentos e fita do tempo  
O Cmdt faz uma estimativa de tempo para o movimento até ao objetivo, do reconhecimento de comandantes ao objetivo, da montagem da segurança e vigilância, do tempo para a conclusão de todas as tarefas atribuídas para o objetivo, do movimento para o ponto de reunião para *debriefing* do pelotão e de regresso às linhas amigas.
- c.** Itinerário principal e de alternativa  
O Cmdt determina um itinerário principal e alternativo, de e para o objetivo (Figura 10-1). Os itinerários de regresso devem ser diferentes dos itinerários para o objetivo.

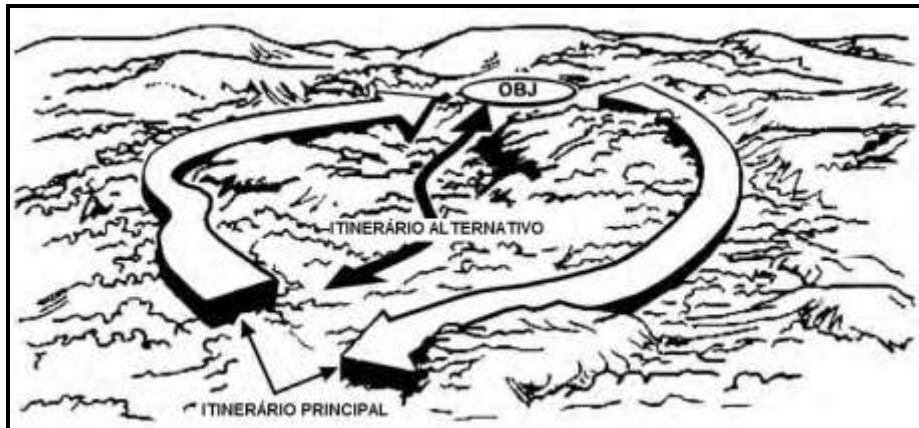


Figura 10-1 - Itinerário principal e alternativo

**d. Sinais**

O Cmdt deve considerar o uso de sinais especiais. Estes devem incluir sinais de mão, luminosos, voz, apito, rádio e equipamentos de infravermelho. Todos os sinais devem ser treinados para que todos os soldados saibam o que eles significam.

**e. Senha e contrassenha para travessia das linhas amigas**

- (1) O pelotão pode usar sinais de infravermelhos para informar as unidades podendo estas acompanhar o seu progresso e, em redundância, pode servir de senha e contrassenha.
- (2) O Cmdt de pelotão também pode designar uma senha de emergência. Esta palavra de código alerta que uma unidade amiga se está a aproximar, de uma forma menos organizada e, eventualmente, sob pressão. Esta pode ser usada para reunir os soldados rapidamente em volta de um ponto de passagem definido. A senha de emergência é seguida pelo número de soldados que se aproximar ("Guerreiro seis"). Isso impede que o inimigo se junte a um grupo na tentativa de penetrar nas linhas amigas.

**f. Localização dos comandantes**

O Cmdt deve definir o local onde ele, o SargPel e os outros Cmdts, se devem localizar para cada fase da missão. O SargPel, normalmente, está com os seguintes elementos para cada tipo de patrulha:

- (1) Num ataque ou emboscada, normalmente controla o elemento de apoio;
- (2) Num reconhecimento de área, normalmente fica no Ponto de Reunião no Objetivo (PRNO);
- (3) Num reconhecimento de zona, normalmente move-se com o elemento de reconhecimento que se coloca no ponto de ligação.

**g. Ações sob contacto inimigo**

A menos que exigido pela missão, o pelotão deve evitar o contacto com o inimigo. O plano do Cmdt deve prever ações a tomar em caso de contacto e em cada fase da

missão da patrulha. A capacidade do pelotão para continuar a missão dependerá do pelotão ser capaz de romper o contacto com sucesso (de modo que a sua nova direção de movimento não seja detetada) e se o pelotão teve baixas devido ao contacto.

- (1) O plano deve abordar o transporte de soldados gravemente feridos e mortos.
- (2) O plano deve abordar o tratamento de prisioneiros que sejam capturados, como resultado do contacto e que não fazem parte da missão planeada.

**h. Planos de contingência**

Se o Cmdt se ausenta, por várias razões, sem levar rádio ou comunicações sem fio, deixando todo o planeamento, coordenação, elaboração e execução da sua missão de patrulha por finalizar, deve emitir um plano de contingência contendo cinco pontos:

- (1) Onde o Cmdt vai;
- (2) Quem vai com ele;
- (3) Quanto tempo vai demorar;
- (4) Ações a serem tomadas caso o Cmdt não regresse no tempo estabelecido;
- (5) Ações a tomar caso a unidade estabeleça contacto com o inimigo, enquanto o Cmdt esta ausente.

**1004. Passagem de linhas amigas**

Aquando da passagem de linhas amigas, o CmdtPel e o Cmdt Comp devem coordenar com o comandante da unidade da frente e comandantes de outras unidades, que irão efetuar patrulhamento, nas mesmas áreas ou adjacentes. Esta coordenação inclui palavras código, planos de fogos, senha de emergência, procedimentos na passagem de linha para a frente e para a retaguarda, ponto inicial, ponto de saída e de entrada e informações sobre o inimigo.

- a.** O CmdtPel fornece ao Cmdt da unidade na frente a identificação da unidade, o tamanho da patrulha, horários de partida e de regresso, e a área de operações.
- b.** O Cmdt da unidade na frente fornece ao CmdtPel o seguinte:
  - (1) Informações adicionais sobre o terreno;
  - (2) Posições confirmadas ou suspeita inimigas;
  - (3) Prováveis locais de emboscadas inimigas;
  - (4) Recente atividade inimiga;
  - (5) Informações detalhadas sobre as posições amigas e dos obstáculos e localização dos PO;
  - (6) Plano de fogos das unidades amigas;
  - (7) Apoio que a unidade pode oferecer, por exemplo, apoio de fogo, guias, comunicações e força de reação.

- c. No seu plano para a saída das linhas amigas, o Cmdt deve considerar a seguinte sequência de ações:
  - (1) Estabelecer contacto com os guias no ponto de contacto;
  - (2) Deslocar-se para o ponto inicial;
  - (3) Efetuar as coordenações finais;
  - (4) Deslocar-se para e através do ponto de passagem;
  - (5) Estabelecer silêncio, para além dos fogos de proteção final da força amiga ultrapassada.
- d. Se o pelotão é apeado, deverá permanecer em linha. O SargPel segue diretamente atrás do guia da força, de forma que ele possa contar cada soldado que passa pelo ponto de passagem. Ele dá a contagem ao guia, diz-lhe o tempo de espera no ponto de passagem (ou quando regressar) e confirma a senha de emergência.

#### **1005.Base de patrulhas**

Uma base de patrulha é uma posição utilizada, quando uma secção ou pelotão que efetua uma patrulha, pára por um período prolongado. A base de patrulha ocupada não pode exceder as 24 horas, salvo em caso de emergência. O pelotão ou secção nunca usa a mesma base de patrulha duas vezes.

- a. Os pelotões ou secções usam a base de patrulha para:
  - (1) Todos os movimentos a fim de evitar a deteção;
  - (2) Se esconder, durante um longo e detalhado reconhecimento à área do objetivo;
  - (3) Comer, limpeza de armamento e equipamento ou descanso;
  - (4) Planear e dar ordens;
  - (5) Reorganizar após uma infiltração em área inimiga;
  - (6) Para ter uma base, a partir da qual realiza diversas operações simultâneas ou consecutivas tais como, emboscada, ataque, reconhecimento ou de segurança.
- b. O Cmdt escolhe um potencial local, para a base de patrulhas, a partir de uma carta. Os planos para estabelecer uma base de patrulha devem incluir um local alternativo para a base de patrulha. O local alternativo é utilizado se o primeiro é inadequado ou se a patrulha tiver, inesperadamente, que evacuar a primeira base de patrulhas.
- c. Os Cmdts, ao efetuarem o planeamento para uma base de patrulha, devem considerar a missão e as medidas de segurança passiva e ativa.  
O Cmdt planeia:
  - (1) Postos de observação;
  - (2) Comunicações com os postos de observação;
  - (3) Defesa da base de patrulha;

- (4) Retirada da base de patrulha com os itinerários de retirada, ponto de reunião e base de patrulha alternativa;
- (5) Um plano de segurança e repouso para se certificar que os soldados específicos, (Ex: armas principais) estão despertos em todo o momento;
- (6) Execução de camuflagem, disciplina de ruído e luzes;
- (7) A realização das atividades necessárias, com o mínimo de ruído e movimento.

**d. O Cmdt deve evitar:**

- (1) Posições inimigas conhecidas ou suspeitas;
- (2) Áreas urbanizadas;
- (3) Cumes e colinas, exceto se necessário para manter as comunicações;
- (4) Estradas e trilhos;
- (5) Vales poucos profundos.

### **1006. Pontos de reunião**

Um ponto de reunião é um local designado pelo Cmdt, para onde o pelotão se desloca (se tiver que dispersar) para se reunir e reorganizar. O Cmdt, sempre que possível, reconhece fisicamente os itinerários para selecionar os pontos de reunião. Se o Cmdt só consegue proceder a um reconhecimento pela carta, este escolhe os potenciais pontos de reunião e depois confirma-os à medida que o pelotão se desloca por esses pontos de reunião. Os tipos de pontos de reunião mais comuns são: iniciais, no itinerário, no objetivo, de entrada e pontos de reunião próximos e afastados. Todos os militares da patrulha devem saber qual o ponto de reunião para o qual se devem deslocar, em cada fase da missão. Eles devem saber quais os procedimentos a adotar no ponto de reunião, e quanto tempo devem esperar em cada ponto, antes de se deslocarem para outro.

**a. Ponto de reunião inicial**

Um ponto de reunião inicial é um lugar aquém das linhas amigas, onde uma unidade pode-se reunir e reorganizar caso estabeleça contacto com inimigo, durante a travessia das linhas amigas ou antes de chegar ao primeiro ponto de reunião no itinerário, além das linhas amigas. O Cmdt normalmente seleciona o ponto de reunião inicial.

**b. Ponto de reunião no itinerário**

O Cmdt designa, no itinerário, pontos de cada 100 a 400 metros (com base no terreno, vegetação e visibilidade). Quando o Cmdt designa um novo ponto de reunião no itinerário, aquele que foi anteriormente designado fica ativo. Isso impede a incerteza sobre qual dos pontos de reunião no itinerário os militares se deverão deslocar, caso estabeleçam o contacto imediatamente após o Cmdt designar um

ponto de reunião novo. Há três maneiras de designar um ponto de reunião no itinerário:

- (1) Ocupá-lo fisicamente por um curto período de tempo. Este é o método preferencial;
- (2) Através de designação de uma distância e direção através de sinais de braço e mão;
- (3) Passar pelo ponto de reunião e designa-lo através de sinais de braço e mão.

**c. Ponto de reunião no objetivo**

O PRnO é um ponto fora da linha de vista e fora do alcance das pequenas armas da zona do objetivo. É normalmente localizado na direção na qual o pelotão se tenciona deslocar após completar a sua ação no objetivo. Define-se por potencial PRnO até que o objetivo seja identificado.

- (1) As ações no PRnO incluem:
  - (a) Reconhecimento do objetivo;
  - (b) Emissão de uma ordem parcelar;
  - (c) Disseminar a informação do reconhecimento, se o contacto não foi estabelecido;
  - (d) Ultime preparativos antes de efetuar a operação, por exemplo, retocar a camuflagem; preparar material para demolições; alinhar mochilas para uma saída rápida do PRnO; preparar material de PG, preparar material de primeiros socorros e macas e efetuar inspeção às armas;
  - (e) Efetuar a contagem dos militares e verificar equipamentos, após a ação no objetivo;
  - (f) Restabelecer a cadeia de comando, após a ação no objetivo.

**(2) Ocupação de um PRnO por uma secção**

No planeamento da ocupação de um PRnO, o Cmdt do pelotão deve ter em consideração a seguinte sequência:

- (a) Parar aquém do potencial PRnO, fora da linha de vista, do som e do alcance das armas de pequeno alcance (200 a 400 metros em condições de boa visibilidade, 100 a 200 metros de visibilidade reduzida);
- (b) Posições de segurança;
- (c) Avançar com o navegador e um membro de cada esquadra para confirmar a localização do PRnO e determinar a sua sustentabilidade. Emitir um plano de contingências antes da partida;
- (d) Posicionar no PRnO, um soldado da 1ª esquadra às 12 horas e da 2ª esquadra às 6 horas. Emitir-lhes um plano de contingência e regressar com o navegador;

- (e) Deslocar a secção para o PRnO e posicionar a 1ª esquadra das 9 às 3 horas e a 2ª esquadra das 3 às 9 horas.

**NOTA:** A secção pode também ocupar o PRnO em força. Isso requer uma navegação mais precisa, mas elimina a separação da secção.

(3) Ocupação de um PRnO por um pelotão

O CmdtPel deve considerar a mesma sequência no planeamento da ocupação de um potencial PRnO que a secção. Um soldado de cada secção participa no reconhecimento do PRnO e posiciona-os às 10, 2 e 6 horas. A 1ª Secção, na ordem de marcha, ocupa das 10 às 2 horas. As outras secções, que se seguem, ocupam das 2 às 6 e das 6 às 10 horas, prospectivamente.

**d. Ponto de reunião final**

O ponto de reunião final (PRF) está localizado fora do alcance das vistas, do som e das armas da unidade amiga, através da qual o pelotão vai entrar. Isto significa, que o PRF deverá estar fora da linha de proteção final da unidade amiga. O pelotão ocupa o PRF em perímetro de segurança.

**e. Pontos de reunião próximos e afastados**

Estes pontos de reunião estão localizados no lado afastado e próximo de uma zona perigosa. Se o pelotão estabelece o contacto durante a travessia da zona perigosa e o controlo da força é perdido, os militares, de ambos os lados, deslocam-se para o ponto de reunião mais próximo deles. Estes estabelecem segurança local, restabelecem a cadeia de comando, avaliam o seu estado do pessoal e equipamento, continuam a missão da patrulha e juntam-se depois no PRnO ou executam as suas últimas instruções.

## **1007. Reconhecimento de comandantes**

O plano deve incluir o reconhecimento de Cmdts ao objetivo, uma vez ocupado o PRnO, pelo pelotão ou secção. Durante o seu reconhecimento, o Cmdt identifica o objetivo, as posições para a segurança, apoio e as posições de assalto das suas secções. No fim deve completar o seu plano baseado no reconhecimento efetuado. Cada tipo de patrulha exige diferentes tarefas durante o reconhecimento de Cmdts. O CmdtPel leva consigo diferentes elementos do pelotão para o reconhecimento. O Cmdt deve ter tempo para planear, voltar ao PRnO, completar o seu plano, disseminar informações, emitir ordens e instruções e permitir que as suas secções façam qualquer preparação adicional necessária.

### **1008. Entrada nas linhas amigas**

O pelotão poderá estar montado ou desmontado no ponto de reunião de entrada (final) PRF. As mesmas considerações são usadas para as coordenações. O CmdtPel deve considerar a seguinte sequência:

- a. O pelotão faz alto no PRF e estabelece segurança;
- b. O CmdtPel diz a palavra código ao rádio, avisando depois, a unidade amiga da sua localização e que está pronto para entrar. A unidade amiga deve confirmar a receção da mensagem e confirmar que os guias estão em posição, antes de o pelotão sair do PRF;
- c. Se as comunicações rádio não forem possíveis, o CmdtPel, RTL e uma parelha de segurança avançam e tentam entrar em contacto com um PO, usando a senha e contrassenha. O PO notifica a unidade amigável que o pelotão está pronto para entrar e pede os guias;
- d. Se o CmdtPel não consegue encontrar um PO, desloca-se com o RTL e uma parelha de segurança, para localizar o ponto de entrada, através das suas coordenadas. O CmdtPel deve-se deslocar em linha reta em direcção as linhas amigas, nunca paralelamente a elas. Todo o deslocamento lateral deve ser feito de modo a ficar sempre fora do alcance das armas ligeiras;

**NOTA:** O CmdtPel deve tentar executar este procedimento somente durante o dia. À noite, ele deve usar outros sinais alternativos para estabelecer o contacto com as unidades amigas. Se o contacto com a unidade amiga não pode ser efetuado como planeado, o método preferencial será esperar pela luz do dia, mas isto depende do MITM-TC.

- e. O CmdtPel utiliza sinais de reconhecimento próximo e afastado para estabelecer contacto com o guia.
- f. O CmdtPel avisa o pelotão, via rádio, para avançar e leva-os ao ponto de entrada. Ele pode colocar os elementos de segurança junto ao guia, do lado do inimigo e do ponto de entrada.
- g. O SargPel conta e identifica cada militar, à medida que estes passam através do ponto de entrada.
- h. O guia conduz o pelotão até à zona de reunião.
- i. O CmdtPel dirige-se ao posto de comando da unidade amiga. Ele informa o Cmdt da unidade amiga sobre todos os aspetos de valor tático, em relação à área de responsabilidade da unidade amiga.
- j. O CmdtPel junta-se novamente ao pelotão na zona de reunião e leva-o para uma área segura para o *debriefing*.



**1009. Debriefing**

Imediatamente após o pelotão ou a secção regressarem, o pessoal do posto de comando realiza um *debrief* completo que pode incluir todos os membros do pelotão ou só os Cmdts, RTL e qualquer pessoal adicional. Normalmente, o *debriefing* é oral. Às vezes, é obrigatório um relatório escrito. O relatório escrito deve incluir as seguintes informações:

- a. Composição e articulação do pelotão que efetuou a patrulha;
- b. Missão do pelotão (tipo de patrulha, localização do objetivo e finalidade);
- c. Hora de partida e de regresso;
- d. Itinerários, coordenadas de cada troço do percurso ou incluir um transparente;
- e. Descrição detalhada do terreno e posições inimigas identificadas;
- f. Resultados de qualquer contacto com o inimigo;
- g. Estado do Pessoal no final da patrulha.

**SECÇÃO II - TIPOS DE PATRULHAS**

Esta secção aborda os tipos de patrulhas que um pelotão de atiradores da BrigInt pode executar.

**1010. Patrulhas de reconhecimento**

As patrulhas de reconhecimento fornecem informações oportunas e precisas sobre o inimigo e o terreno. Elas confirmam o plano do Cmdt antes de ser executado. O CmdtComp deverá explicar ao CmdtPel os requisitos de informação específicos para cada missão. Os três tipos de patrulhas de reconhecimento são: de área, de zona e de itinerário.

**a. Reconhecimento de área**

O reconhecimento de área é realizado para obter informações sobre uma localização específica e da área envolvente. A localização pode ser indicada através de coordenadas, um objetivo ou transparentes. Num reconhecimento de área, o pelotão ou secção utiliza Pontos de Vigilância Dominantes (PVD) em redor do objetivo, que dê para observá-lo bem como a área circundante. No planeamento de um reconhecimento de área, o Cmdt deve considerar a seguinte sequência:

- (1) O Cmdt pode incluir uma equipa de vigilância no reconhecimento do objetivo, para ficar no PRnO. Ele posiciona a equipa de vigilância, enquanto efetua o reconhecimento. O Cmdt de secção responsável pela segurança, estabelece a segurança no PRnO e posiciona outras equipas de segurança, para bater os possíveis itinerários de aproximação ao PRnO.
- (2) Se necessário, o Cmdt posiciona outros elementos de vigilância sobre o objetivo. Ele pode movimentá-los num itinerário, indicando-lhes o itinerário à medida que

se deslocam ou pode dizer-lhes para seguirem itinerários diferentes, para as suas posições.

- (3) Depois de observar o objetivo, por um determinado período de tempo, todos os elementos regressam para o PRnO e reportam o que observaram ao Cmdt. Posteriormente toda a informação recolhida é disseminada por todos os militares.

**b. Reconhecimento de Zona**

O reconhecimento de zona é realizado para obter informações sobre o inimigo, terreno e itinerários numa zona específica. As técnicas de reconhecimento da zona incluem o uso de equipas móveis e fixas ou a execução de vários reconhecimentos de área.

**(1) Equipas móveis**

O Cmdt planeia a utilização de secções que se deslocam ao longo de vários itinerários para cobrir toda a zona. Existem vários métodos para o planeamento do movimento de vários elementos através de uma zona, entre eles: método da ventoinha, da caixa, itinerários convergentes e sectores sucessivos.

- (a) Método da ventoinha (Figura 10-2). O Cmdt inicialmente seleciona uma série PRnO em toda a zona. O pelotão ocupa o 1º PRnO e estabelece segurança ao mesmo. Cada Equipa de reconhecimento e vigilância (R & V) desloca-se do PRnO ao longo de itinerário diferentes, fazendo estes a forma de ventoinha, que se sobrepõe uns aos outros, para assegurar o reconhecimento de toda a área. O Cmdt mantém uma reserva no PRnO. Quando todas as equipas de R & V voltaram para o PRnO, o pelotão reúne e divulga todas as informações existentes entre os militares, antes de passar para a próxima PRnO.

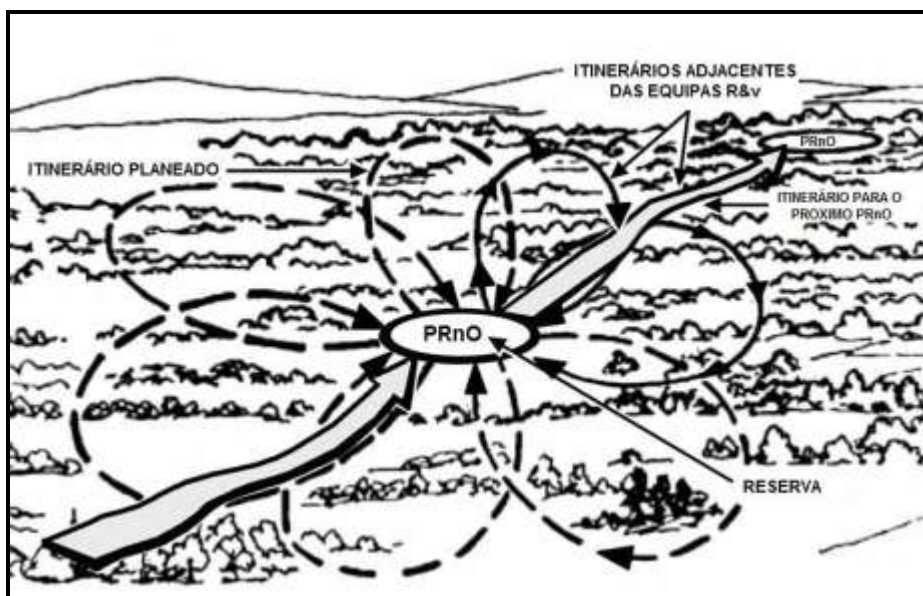


Figura 10-2 – Método da ventoinha

- (b) Método das caixas (Figura 10-3). O Cmdt envia as suas equipas R&V, a partir do PRnO, ao longo dos itinerários que formam uma espécie de caixa na área a reconhecer. Ele envia as outras equipas ao longo dos itinerários existentes no espaço dentro da caixa. Todas as equipas se encontram num ponto de junção, no lado afastado da caixa a reconhecer e depois deslocam-se para um novo PRnO.

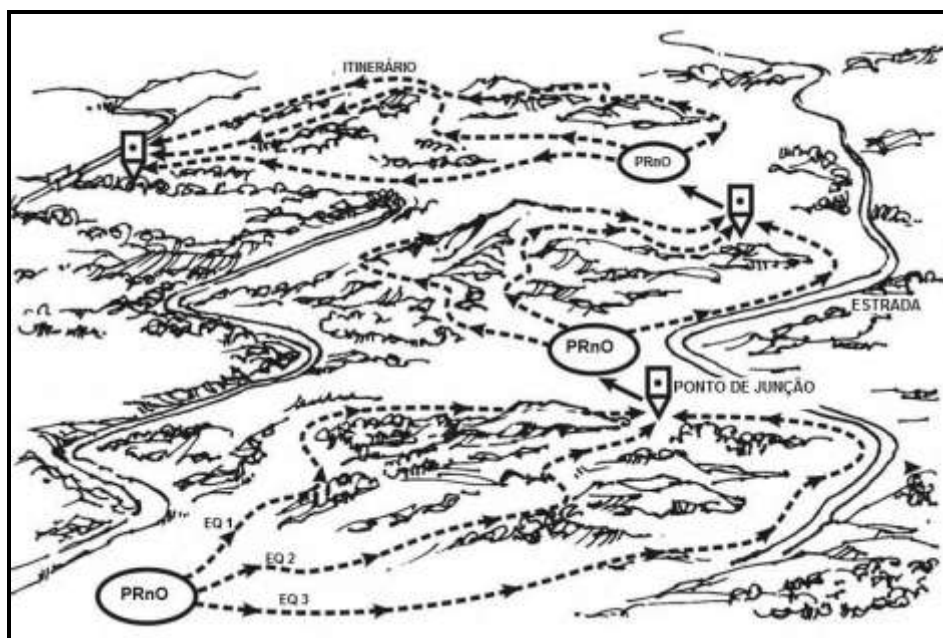


Figura 10-3 – Método das caixas

- (c) Método dos itinerários convergentes (Figure 10-4). O Cmdt seleciona itinerários, a partir do PRnO, através da zona a reconhecer, até um ponto de junção do lado afastado. Desloca cada equipa R&V ao longo de um itinerário específico e usa o método da ventoinha para reconhecer a área entre os

itinerários. O Cmdt estipula um tempo para todas as equipas estarem no ponto de junção.

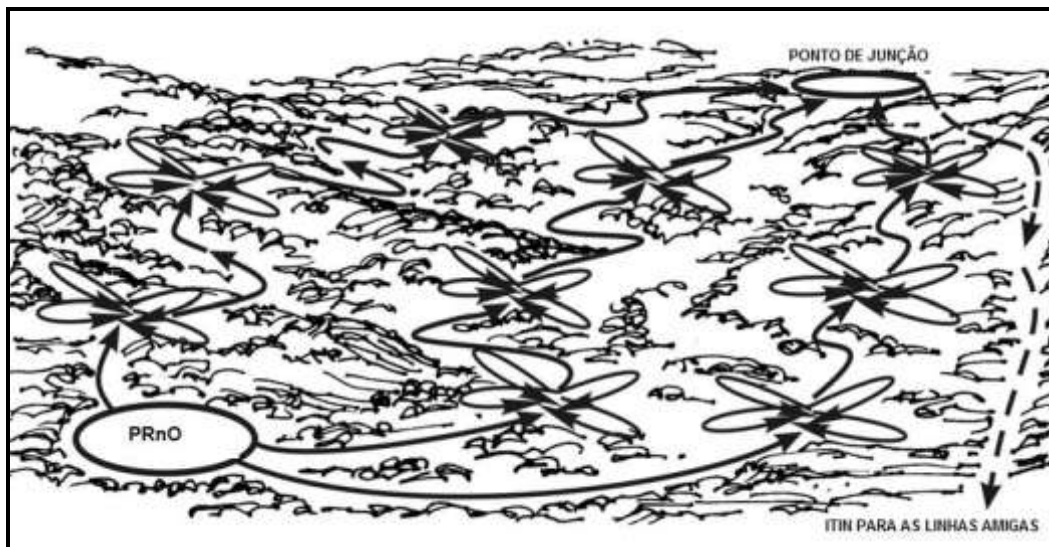


Figura 10-4 – Método dos itinerários convergentes

- (d) Método dos setores sucessivos (Figura 10-5). O Cmdt pode dividir a zona em vários setores. Dentro de cada setor, o pelotão utiliza o método dos itinerários convergentes, para reconhecer a zona até um ponto de junção intermédio, onde se reúne e divulga toda informação recolhida até esse local, posteriormente reconhece o próximo setor.

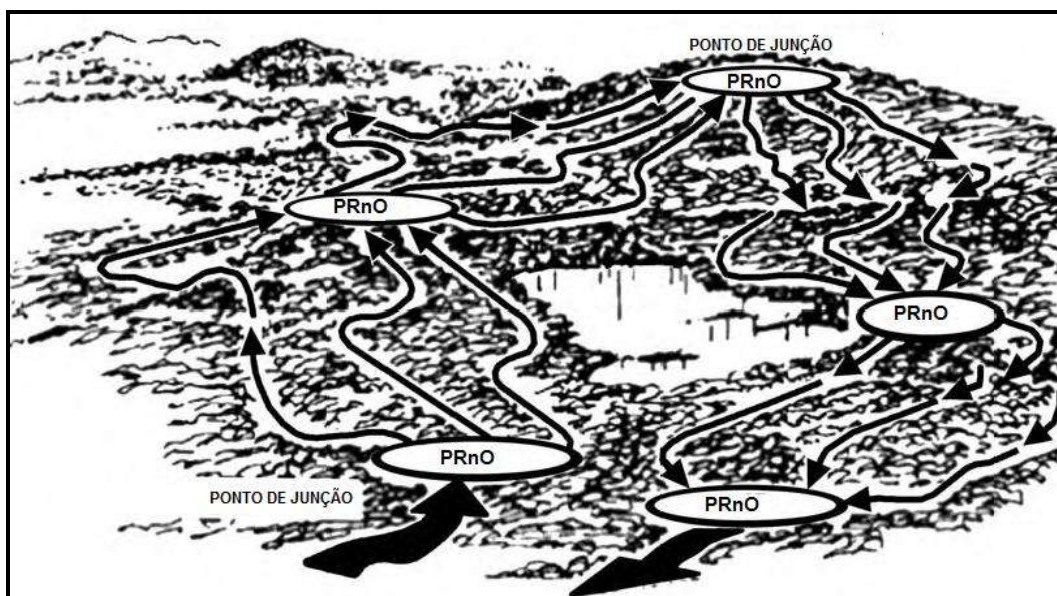


Figura 10-5 – Método dos sectores sucessivos

(2) Equipa estacionária

Usando esta técnica, o Cmdt posiciona as suas equipas de R&V em locais onde se possa observar, em conjunto, toda a zona, por longos períodos de tempo, permitindo a recolha contínua de informação. O Cmdt deve ter em consideração os requisitos de sustentação ao elaborar o plano de carregamento do pelotão.

(3) Múltiplos reconhecimentos de área

O Cmdt atribui tarefas a cada uma das suas secções, a fim de realizem uma série de ações de reconhecimento de área ao longo de um itinerário específico.

**c. Reconhecimento de Itinerário**

O reconhecimento de itinerário é realizado para obter informações detalhadas sobre um determinado itinerário e todo o seu terreno adjacente, ou para localizar possíveis locais para implementação de obstáculos. O reconhecimento de itinerário é apoiado numa estrada, num itinerário estreito, como por exemplo um itinerário de infiltração, ou numa direção geral de ataque. A engenharia é normalmente atribuída a unidades de infantaria, para que o reconhecimento de itinerário seja mais técnico. No entanto, a infantaria poder realizar um reconhecimento de área mais rápido, sem o apoio da engenharia. Os resultados de um reconhecimento de itinerário detalhado contemplam, a sua traficabilidade, atividade do inimigo, a contaminação da NBQ e aspetos do terreno adjacente, tanto do ponto de vista do inimigo como do ponto de vista das forças amigas. No planeamento de um reconhecimento de itinerário, o Cmdt deve considerar o seguinte:

- (1) O método preferido para a realização de um reconhecimento de itinerário é o método da ventoinha descrito anteriormente. O Cmdt deve assegurar que as ventoinhas são suficientemente extensas para reconhecer além do alcance do fogo direto das armas, que possam bater o itinerário (Figura 10-6).
- (2) O pelotão deve usar um itinerário de regresso diferente.
- (3) Caso a totalidade ou parte do itinerário a reconhecer seja uma estrada, o Cmdt deve assumir a estrada como uma área perigosa. O pelotão desloca-se paralelamente à estrada por um itinerário coberto e abrigado. Quando necessário, as equipas de reconhecimento e de segurança deslocam-se perto da estrada, para reconhecerem áreas-chave da mesma.

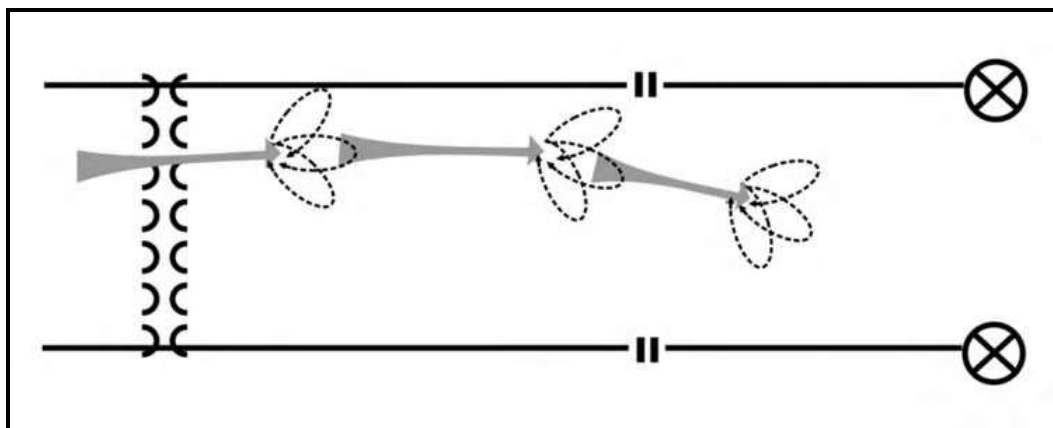


Figura 10-6 – Reconhecimento de itinerário usando o método da ventoinha

### 1011. Patrulhas de combate

As patrulhas de combate são conduzidas para destruir ou capturar elementos ou equipamento, para destruir instalações, equipamento, pontos-chave do inimigo ou para perseguir as forças inimigas. As Patrulhas de combate também garantem segurança a unidades maiores. Existe 2 tipos de missões de patrulhas de combate: emboscada e golpes de mão.

#### a. Organização

O CmdtPel organiza o pelotão com todos os meios disponíveis, podendo incluir armamento orgânico, VBR e pessoal que considere necessário para o comprimento da missão. As patrulhas de combate têm os seguintes elementos e equipas.

##### (1) Elemento de assalto

O elemento de assalto conquista e segura o objetivo e protege as equipas que realizem tarefas no objetivo.

##### (2) Elemento de segurança

O elemento de segurança é responsável por estabelecer a segurança nas áreas perigosas, segurança no PRnO, isolar o objetivo e apoiar a retirada dos restantes elementos do pelotão, uma vez que estes terminem as suas tarefas no objetivo. O elemento de segurança pode ter várias equipas de segurança, cada uma com a sua tarefa ou sequência de tarefas.

##### (3) Elemento de Apoio

O elemento de apoio fornece apoio de fogo direto e pode controlar o apoio de fogos indireto para o pelotão.

##### (4) Elemento de brecha

O elemento de brecha abre as brechas nos obstáculos inimigos, quando necessário.

(5) Equipa de demolição

Equipas de demolição são responsáveis pela preparação e detonação das cargas para destruir equipamentos, veículos ou instalações no objetivo.

(6) Equipa de busca

O elemento de assalto pode incluir uma parelha ou esquadra como equipa de busca, para efetuar a busca em *bunkers*, edifícios ou túneis, no objetivo. Estas equipas podem efetuar buscas no objetivo ou em zonas de morte, a procura de baixas, documentos ou equipamentos.

**b. Reconhecimento de comandantes**

Numa patrulha de combate, o Cmdt tem preocupações adicionais para a realização de seu reconhecimento ao objetivo, a partir do PRnO. Ele é normalmente o Cmdt do elemento de assalto. Ele deve também levar consigo, ao reconhecimento, o cmdt do elemento de apoio, o cmdt do elemento de segurança e uma equipa de vigilância (dois homens do elemento de assalto).

- (1) O Cmdt deve designar um ponto de junção a meio caminho entre o PRnO e o objetivo. As secções e equipas separam-se no ponto de junção e deslocam-se para as suas posições. O ponto de junção deverá ter comunicação por fio com o PRnO e ser configurado de modo que outros elementos possam fazer derivações a partir deste.
- (2) O CmdtPel deve confirmar a localização do objetivo e determinar se é adequado para o assalto ou emboscada. Ele observa o terreno e identifica onde pode colocar minas ou *Claymores* para cobrir as zonas mortas, além de analisar outras características do objetivo, que possam levá-lo a alterar o seu plano.
- (3) Se o objetivo é a zona de morte de uma emboscada, quem efetua o reconhecimento não deve atravessar o objetivo, porque, ao fazê-lo, irá deixar pistas que podem comprometer o sucesso da missão.
- (4) O CmdtPel deve confirmar se a posição de assalto é adequada, às posições de apoio e o itinerário de regresso ao PRnO.
- (5) O CmdtPel deve colocar a equipa de vigilância e difundir um plano de contingências a essa equipa, antes de regressar ao PRnO.

**c. Emboscada**

A emboscada é um ataque surpresa a partir de uma posição coberta e abrigada, contra um alvo em movimento ou temporariamente parado. As emboscadas são classificadas:

- Segundo a sua categoria: imediata ou deliberada;
- Quanto ao tipo: num ponto, área ou anticarro;
- Quanto à formação: linear ou em forma de L.



O Cmdt usa uma combinação de categorias, tipo e formação no desenvolvimento de seu plano para a emboscada.

(1) Planeamento

Na elaboração do seu plano o Cmdt incluir os seguintes pontos-chave:

- (a) Cobrir pelo fogo toda a zona de morte;
- (b) Usar os obstáculos existentes ou de reforço (*Claymores* e outras minas) para manter o inimigo na zona de morte;
- (c) Proteger o elemento de assalto e de apoio com as minas ou explosivos;
- (d) Utilizar os elementos de segurança para isolar a zona de morte;
- (e) Assaltar a zona de morte para procurar mortos e feridos, capturar prisioneiros e recolher o equipamento inimigo. (O elemento de assalto deve ser capaz de se movimentar rapidamente através dos seus próprios obstáculos de proteção);
- (f) Cronometrar as ações de todos os elementos do pelotão para evitar perdas de surpresa;
- (g) Utilizar apenas uma secção para realizar toda a emboscada rodando as secções ao longo do tempo, a partir do PRnO. Essa técnica é útil quando a emboscada tem que ser mantida ativa por um longo período de tempo.

(2) Formações

O Cmdt deve ter em conta, no planeamento de uma emboscada, tanto a formação linear como a formação em forma de L.

- (a) Formação linear. Numa emboscada utilizando a formação linear, o elemento de assalto e de apoio, colocam-se numa posição paralela ao sentido de deslocamento do inimigo. Isto posiciona ambos os elementos no eixo maior da zona de morte, o que sujeita o inimigo a fogo de flanco. Esta formação pode ser usada em terrenos mais fechados, visto que restringe a capacidade do inimigo em manobra contra o pelotão ou em terreno aberto, desde que exista um meio de manter o inimigo na zona de morte.
- (b) Formação em L. Numa emboscada em forma de L, o elemento de assalto posiciona-se na perna longa do L, em frente à zona de morte e paralelamente ao sentido de deslocamento do inimigo. O elemento de apoio posiciona-se na perna curta do L, perpendicularmente ao elemento de assalto. Isso proporciona fogo de flanco (perna longa) e fogo de supressão (perna curta) contra o inimigo. A emboscada em forma de L pode ser usada numa curva acentuada de um trilho, estrada ou em contra-encosta. Esta formação em L não deve ser usada onde a perna curta, do L, tiver que atravessar uma estrada ou caminho.



**d. Emboscada imediata**

Um pelotão ou secção executa uma emboscada imediata, quando estabelece contacto visual com uma força inimiga e tem tempo para montar uma emboscada sem ser detetado. As ações a tomar para montar uma emboscada imediata devem ser bem treinadas, para que os militares do pelotão saibam o que fazer ao sinal do Cmdt. Também devem saber o que fazer, se forem detetados antes de estarem prontos a iniciar a emboscada. No planeamento e treinos de uma emboscada imediata o CmdtPel deve ter em atenção a seguinte sequência de ações:

- (1) Usar sinais visuais, qualquer soldado alerta o pelotão que uma força inimiga está à vista. O soldado continua a monitorar o local e a atividade da força inimiga até que sua equipa ou Cmdt Secção o substitua.
- (2) O pelotão ou secção faz alto e permanece imóvel.
- (3) O Cmdt determina a melhor localização nas proximidades para realizar a emboscada imediata. Ele usa os sinais de braço e mão, para direcionar o pelotão para posições cobertas e abrigadas. O Cmdt designa a localização e a extensão da zona de morte.
- (4) Os elementos da segurança deslocam-se para cobrir cada flanco e a retaguarda. O Cmdt designa aos elementos de segurança a posição, através de uma distância e direção e regressa para junto do pelotão, à ordem ou depois de terminada a emboscada (quando as armas cessam fogo) ao nível da secção. As duas pares normalmente fornecem segurança de flanco, assim como fogo para a zona de morte.
- (5) Os militares deslocam-se rapidamente para as posições cobertas e abrigadas, normalmente entre 5 a 10 metros de distância. Os militares devem garantir que têm boa observação e campos de tiro para a zona de morte.
- (6) O Cmdt inicia a emboscada, quando o grosso da força inimiga se encontra na zona de morte. (Se o tempo e o terreno assim o permitir, a secção ou pelotão pode colocar *Claymores* e usá-las para iniciar a emboscada).

**NOTA:** Se o inimigo detetar um militar, este inicia a emboscada ao disparar, alertando o resto do pelotão dizendo/ INIMIGO À DIREITA, ESQUERDA OU FRENTE).

- (7) Os Cmdt efetuam o controlo e distribuição dos fogos. O Cmdt dá ordem de cessar-fogo quando a força do inimigo for destruída ou deixar de resistir e manda o elemento de assalto entrar na zona de morte, para realizar uma busca rápida ao inimigo. Todos os outros elementos do pelotão permanecem no local para garantir a segurança.

- (8) Os elementos de segurança juntam-se ao pelotão depois do elemento assalto terminar a busca na zona de morte. O pelotão retira do local da emboscada usando um itinerário coberto e abrigado. O pelotão regressa ao PRnO ativo, compila e difunde todas as informações, reorganiza, se necessário e continua a missão.

**e. Emboscada deliberada**

A emboscada deliberada é realizada contra um alvo específico e numa localização exata. Os tipos de emboscadas deliberadas são: ponto, área ou anticarro. O Cmdt necessita de informações mais detalhadas no planeamento de uma emboscada deliberada, tais como:

- Tamanho e composição da unidade inimiga;
- Armamento e equipamento do inimigo;
- Itinerário e direção do movimento do inimigo;
- GDH na qual a unidade inimiga vai chegar ou passar, em determinados pontos específicos ao longo do itinerário.

**(1) Emboscada pontual**

Numa emboscada pontual, os militares posicionam-se de maneira a atacar o inimigo numa única zona de morte. O CmdtPel deve assegurar-se que todos os elementos e armas principais estão posicionados. Em conjunto com o SargPel, o CmdtPel deve ter bom comando e controlo com os elementos de segurança, apoio e de assalto. Se usar VBR, o CmdtPel pode ou não integrar os seus fogos, mas deve planear e coordenar a ocultação das posições dos veículos, se utilizados.

**(2) Emboscada de área**

A emboscada de área é uma emboscada dinâmica. O pelotão desdobrar-se em dois ou mais pontos de emboscada com base em informações em tempo real. Existem três técnicas utilizadas em efetuar emboscadas de área:

- Sequencial (linear);
- Concentrado (centralizado);
- Distribuída (descentralizada).

O CmdtPel deve considerar a seguinte sequência de ações no planeamento de uma emboscada área deliberada:

- (a) Um pelotão é a menor unidade para realizar uma emboscada de área. Os pelotões efetuam emboscadas de área deliberadas onde o movimento inimigo é muito restrito, por caminhos e declives acentuados.

- (b) O CmdtPel deverá escolher um local principal para a emboscada, em torno da qual ele organiza emboscadas periféricas. Estes locais secundários estão localizados ao longo dos itinerários mais prováveis de aproximação ou de retirada do inimigo, a partir, do local principal da emboscada. A secção é normalmente a responsável por um local de emboscada.
- (c) O CmdtPel deve determinar qual o melhor emprego de todos os sistemas de armas e plataformas dos veículos.
- (d) As secções são responsáveis pelas emboscadas periféricas e não iniciam as suas emboscadas até que a emboscada principal seja iniciada. Só então empenham as forças inimigas para impedir a sua fuga ou reforço.

### (3) Emboscada anticarro

Os pelotões e secções efetuam emboscadas anticarro para destruir um ou dois veículos blindados. O Cmdt deve ter em conta armas adicionais disponíveis para complementar os seus fogos, normalmente AACar atribuídas pelo batalhão. O Cmdt deve posicionar com atenção todas as armas anticarro para garantir o poder de fogo (retaguarda, de flanco ou terreno superior). O resto do pelotão deve-se organizar como elemento de apoio e segurança, da mesma maneira que fazem para combater outras patrulhas.

- (a) Numa emboscada anticarro, o CmdtPel define uma posição geral para a emboscada, o que vai restringir a circulação de veículos blindados para fora da zona de morte. O Cmdt deve colocar os seus homens de modo que exista um obstáculo entre eles e a zona de morte.
- (b) O Cmdt deve ter em conta o método para iniciar a emboscada anticarro. O método preferido é usar uma mina anticarro colocada na zona de morte detonada com comando à distância. As equipas ACar tentam atingir a primeira e a última viatura da coluna. Todas as outras armas abrem fogo assim que a emboscada tiver início.
- (c) O Cmdt deve ter em conta, como é que a presença de inimigo apeado afetará o sucesso de emboscada. Devido à velocidade com que outras forças blindadas poderão reforçar o inimigo, no local da emboscada, o Cmdt deve planejar manter o inimigo empenhado por um curto período de tempo e retirar rapidamente. O pelotão não irá efetuar buscas à zona de morte, como efetuaria noutro tipo de emboscadas.

### f. Patrulhas para golpes de mão

A patrulha de golpe de mão, é uma patrulha de combate, cuja missão é atacar uma posição ou instalação, tendo em vista uma ou mais das seguintes finalidades:

- Destruir a posição ou a instalação do inimigo;

- Destruir ou capturar pessoal ou equipamento;
  - Libertar pessoal.
- (1) Surpresa, poder de fogo e ação violenta são os pontos-chave para o golpe de mão.
- (a) Efetuar o ataque surpresa:
- Quando o inimigo menos esperar o ataque;
  - Quando a visibilidade é reduzida;
  - A partir de uma direção inesperada, como a da retaguarda ou a partir de um pântano e outros terrenos aparentemente intransponíveis.
- (b) O fogo deve ser concentrado em pontos críticos para suprimir o inimigo.
- (c) A violência é alcançada através de surpresa, usando fogo massivo e um ataque agressivo.
- (2) A patrulha desloca-se para o PRnO, como descrito na patrulha de reconhecimento. O PRnO está seguro, efetua-se o reconhecimento de Cmdts e o plano é confirmado. As Equipas e elementos deslocam-se para as suas posições. Se possível, os deslocamentos são coordenados de maneira a que todos os elementos entrem em posição ao mesmo tempo. Isto aumenta a capacidade da patrulha, para ações decisivas, se o inimigo a detetar.
- (3) As equipas do elemento de segurança deslocam-se para as posições em que eles podem garantir segurança ao PRnO, dar o alerta da aproximação do inimigo, barrar os itinerários de acesso à área do objetivo, impedindo a fuga do inimigo da zona do objetivo ou executando qualquer combinação destas tarefas dentro das suas possibilidades.
- (a) Assim que os elementos de assalto e apoio se deslocarem para as suas posições, o elemento de segurança mantém o Cmdt da patrulha informado de toda a atividade do inimigo. Dispara apenas se for detetado ou à ordem do Cmdt.
- (b) Uma vez que o ataque é iniciado, o elemento de segurança impede a entrada ou saída do inimigo, para o objetivo.
- (c) Quando o ataque terminar, o elemento de segurança cobre a retirada dos elementos de assalto e apoio, até ao PRnO. Retira-se à ordem ou ao sinal combinado.
- (4) O elemento de apoio desloca-se para a sua posição de modo que possa suprimir o objetivo e transporta fogos, quando o ataque é iniciado. O Apoio cobre a retirada do elemento de assalto do objetivo. Retira-se à ordem ou ao sinal combinado.

- (5) O elemento de assalto coloca-se suficientemente perto do objetivo, para permitir um assalto imediato, caso seja detetado pelo inimigo. Assim que o fogo de apoio cessar ou for transportado, o elemento de assalto, assalta o objetivo. O elemento de assalto protege as equipas de demolição, as equipas de busca e outras equipas enquanto elas executam as suas tarefas no objetivo. À ordem ou ao sinal, o elemento de assalto retira para o PRnO.
- (6) No PRnO, a patrulha reorganiza-se e desloca-se cerca de 1000 metros para fora do PRnO e difunde possíveis informações. Durante a reorganização, são redistribuídas munições, os feridos são tratados e são elaborados e enviados os relatórios.

### **1012. Patrulha de presença**

As forças portuguesas cada vez mais são empregues em missões de estabilização e de apoio à paz, em todo o mundo. O pelotão de atiradores equipado com VBR efetua patrulhas de presença assim como patrulhas de combate e as considerações a ter no planeamento são praticamente as mesmas. A principal diferença é que a patrulha de presença pretende ser vista como demonstração de força e para dar confiança e estabilidade à população local (do país anfitrião). Como o próprio nome indica, esta patrulha é constituída a fim de mostrar presença. Uma patrulha de presença só pode ser usada, se existir um acordo de paz negociado entre os beligerantes. A patrulha de presença é armada e efetua-se o planeamento e a preparação necessária para as operações de combate, em todos os momentos. A patrulha poderá ser como um membro de uma força maior que conduz uma operação de estabilização e / ou de apoio à paz. O pelotão poderá ser incumbido de realizar patrulhas, a pé ou montadas, planeadas pelo escalão superior, para realizar uma ou mais das seguintes tarefas:

- a.** Confirmar ou supervisionar um cessar-fogo acordado;
- b.** Recolher Informações;
- c.** Monitorizar os intervalos entre os PO ou postos de controlo;
- d.** Mostrar presença da força de estabilização;
- e.** Restabelecer comunicações;
- f.** Inspeccionar posições existentes ou desativadas dos beligerantes;
- g.** Escoltar ex-beligerantes ou populações locais, através de pontos de conflito.

Página intencionalmente em branco

## **ANEXO A**

### **ORGANIZAÇÃO DA COMPANHIA E DO PELOTÃO DA BRIGINT**

*Este anexo descreve a organização e exercícios necessários para a realização de operações de combate. O pelotão de atiradores da BrigInt pode combater como parte de uma companhia de atiradores montada ou apeada. Pode lutar como parte de uma companhia de infantaria mecanizada ou pelotão de carros de combate. O pelotão de infantaria da BrigInt é equipado tal como um pelotão convencional. Tem quatro viaturas PANDUR 8x8 sendo três delas das secções de atiradores e uma do comando do pelotão.*

#### **A-1. Organização**

Uma vez que as secções apeiam, a esquadra de viaturas irá integrar o esquema de manobra da companhia / pelotão baseado no MITM-TC. A esquadra de manobra é equipada com quatro PANDUR 8x8 organizado em três secções de atiradores, com uma PANDUR cada uma. Quando as secções e o CmdtPel apeiam, o CmdtPel deve garantir que tem um graduado para controlar a esquadra de viaturas (SargPel). (Consultar a Figura A-1 para a companhia e pelotão de atiradores).

**NOTA:** Os Cmdts devem considerar o seu plano de carregamento na condução das operações. O PelAt tem capacidade de transportar 40 militares. No entanto, organicamente, são 35 militares e um de reforço (socorrista) para um total de 36 militares.

#### **A-2. Desembarque da viatura**

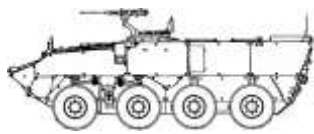
As Secções PANDUR são o elemento-base para os treinos apeados (consultar o Apêndice E para o treino da guarnição). A capacidade de transportar uma secção intacta, numa única PANDUR, justifica a necessidade de uma secção efetuar treinos.

- a. Quando a secção se prepara para desembarcar, o Cmdt de secção coordena com o Cmdt de esquadra de viatura, para este se orientar no terreno. O Cmdt secção deve fornecer dados sobre a área envolvente, a localização de outras PANDUR do pelotão, posições cobertas e abrigadas próximas da viatura.
- b. O CmdtPel coordena via rádio com os seus Cmdt de secção, enquanto os visualiza no visor da sua viatura. Fornece instruções específicas para as secções, que pode ir desde uma missão específica a realizar ou a atribuição de setores após desembarcar. Após esta coordenação, o CmdtPel está pronto para dar a ordem de desembarcar a todo o pelotão.

- c. Antes de dar a ordem para desembarcar, o Cmdt determina qual o lado da PANDUR que oferece o melhor terreno para estabelecer uma posição inicial (esquerda, direita ou frente). Quando o Cmdt dá a ordem de desembarcar, a secção rapidamente desembarca para a esquerda, direita ou frente da PANDUR. O Cmdt de secção posiciona-se inicialmente na traseira da PANDUR para se assegurar que toda a secção ocupa as posições estipuladas por ele na viatura. O Cmdt de secção tenta de imediato localizar visualmente as outras PANDUR, as outras secções e o CmdtPel. Em seguida, uma de três coisas pode acontecer:
- A secção ocupa uma posição nas proximidades da PANDUR;
  - A PANDUR afasta-se do pelotão/secção ou assume uma posição de sobre apoio (comandadas pelo SargPel);
  - A secção desloca-se para realizar um assalto, uma junção com o pelotão ou continua a missão separadamente.



## COMANDO E SECÇÃO DE COMANDO



Cmdt  
Comp  
Cond  
VBR  
ApMp



2ºCmdt  
Rodas Op Rád  
Cond Viat Lig



Adj Cmdt  
Sarg Adj  
Cond Viat Lig  
Rodas Op Rád

## SECÇÃO DE TRANSMISSÕES



Cmdt sec/Cmdt  
Eq comutação



Op Tele  
Cond



Cmdt Eq  
Tm



Op Tele  
Cond

## SECÇÃO DE MANUTENÇÃO



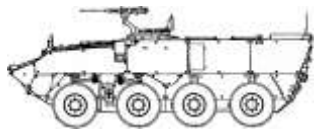
Cmdt Sec  
Lig  
Mec Arm  
Lig  
Mec Viat  
Rodas Cond



Electr  
Auto  
Mec Viat  
Rodas Cond

## PELOTÃO DE ATIRADORES

### Comando do Pelotão

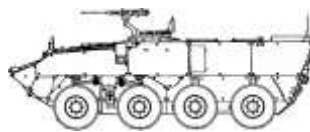


Cond  
VBR  
ApMp



Cmdt  
Pel  
Sar  
Pel  
Op  
Tele

### Secção X 3



Cond  
VBR  
ApMp



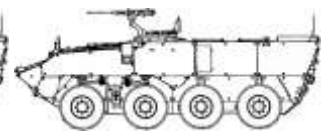
Cmdt  
Sec  
Cmdt  
Esq  
At  
Esp



Cond  
VBR  
ApMp



Cmdt  
Esq/ML Mun  
At  
Gr  
At  
Gr



Cond  
VBR  
ApMp



Cmdt  
Esq/ML Mun  
At  
Gr  
At  
Gr

## SECÇÃO CANHÃO



Cmd Sec/Esq  
ApCnh  
At  
Cond VBR



Cmdt Esq  
ApCnh  
At  
Cond VBR

Figura A-1 - Organização da companhia e do Pelotão de Atiradores da BrigInt

Página intencionalmente em branco

## ANEXO B

### METRALHADORA HK-21 E SEU EMPREGO

*A metralhadora ligeira HK-21 pode fornecer um grande e contínuo volume de fogos próximos determinante para cumprir a missão. Podem bater alvos para além da capacidade das armas individuais com fogo controlado e preciso. O longo alcance, defesa próxima e os fogos de proteção final empregues pela HK-21 constituem-se como parte integral do plano de fogos diretos da unidade. Este anexo aborda as técnicas fundamentais de fogo da HK-21.*

#### **B-1. Metralhadora ligeira HK-21**

A metralhadora é a arma principal do pelotão de infantaria contra um inimigo apeado. (A tabela B-1 fornece as especificações da HK-21). Fornece um elevado volume de fogos letal e preciso para quebrar um ataque inimigo, tem efeitos limitados contra veículos blindados ligeiros e pode obrigar a tripulação dos veículos a fechar as escotilhas e operar com pouca eficácia. O comandante de pelotão emprega a HK-21 com o elemento apeado ou com a secção de atiradores para fornecer fogos de longo alcance, precisos e sustentados, em todas as condições de visibilidade contra infantaria apeada, aberturas em fortificações, edifícios, veículos blindados ligeiros e camiões. A HK-21 também fornece grande volume de fogos de curto alcance, em autodefesa, contra aeronaves inimigas. Os apontadores ML usam fogos num ponto e fogos rasantes. Os comandantes posicionam as metralhadoras para:

- Concentrar fogos no local onde quer eliminar o inimigo;
- Fogos em toda a frente do pelotão;
- Cobrir os obstáculos pelos fogos diretos;
- Fazer ligação com unidades adjacentes.

ESPECIFICAÇÕES	ML HK-21
Calibre	7,62 mm
Peso	7,900 kg
Comprimento	1020 mm
Cadência de tiro	850 tpm
Alcance prático	600 m
Alcance útil	1200 m

Tabela B-1- Especificações da HK-21

- a. Na ofensiva o comandante de pelotão tem a opção, com base na análise dos fatores de decisão MITM-TC, de estabelecer o seu elemento de apoio de fogos com as HK-21 ou deixá-las nas secções das quais fazem parte. A metralhadora, quando

colocada em tripé, possui maior estabilidade e precisão em distâncias maiores do que com o bipé. Os apontadores das ML fazem fogo sobre armas inimigas principais até que o elemento de assalto elimine os fogos inimigos. Também podem suprimir a capacidade do inimigo efetuar fogos precisos ou dificultar a manobra do elemento de assalto. Pode fixar o inimigo na posição e isolá-lo cortando os seus itinerários de reforço. Eles mudam o seu fogo para o flanco que estão a ser atacados e continuam a fixar alvos como armas automáticas, o que fornece apoio à sua posição ou pode dissuadir qualquer contra-ataque inimigo. Os fogos da HK-21 também são utilizados para cobrir o vazio criado entre os elementos da frente da força de assalto e o terreno abrangido pelos fogos indiretos quando estes são levantados e transportados. Ao sinal, os apontadores das ML e os elementos do elemento de apoio deslocam-se para junto do elemento de assalto no objetivo.

- b. Na defensiva, as ML fornecem sustentação de fogos diretos que cobrem os eixos de aproximação mais prováveis e perigosos inimigos, e protegem a força contra elementos apeados no assalto próximo. O comandante de pelotão posiciona as suas metralhadoras para concentrar fogos em locais onde ele quer efetuar maior dano ao inimigo apeado. Para tirar maior proveito do apoio mútuo, tenta bater às mais longas distâncias e com melhor observação da área do alvo. Fornecem fogos sobrepostos e interligados com as unidades adjacentes e cobrem os obstáculos táticos e de proteção com fogos rasantes. Quando os fogos de proteção final são pedidos, as metralhadoras efetuam barreira de fogos eficazes, dirigidos para a frente do pelotão-LPF (linhas de proteção final).

## **B-2. Técnicas fundamentais de tiro automático**

### **a. Técnicas de fogo**

As técnicas de fogo incluem colocação direta, fogos de assalto, fogos sobre a cabeça e fogos de uma posição desafiada. Apenas as armas automáticas usam fogos de assalto. Só as metralhadoras podem empregar fogos por cima da força.

#### **(1) Fogo ajustado**

Os apontadores ML usam a técnica de fogo ajustado, alinhando a mira da arma no alvo. Esta é a maneira mais fácil e mais rápido de utilizar o fogo.

#### **(2) Fogos de assalto**

Os apontadores ML usam o fogo de assalto em combate próximo. Os fogos de assalto envolvem fogos sem auxílio da mira, usando a posição deitado no solo.

Considerações para o uso de fogos de assalto:

- Manter o alinhamento com o resto do elemento de assalto;
- Municiar rapidamente;

- Executar pontaria sumária e ajustar à posteriori em direção ao alvo;
- Distribuição de fogos em todo o objetivo, quando não se empenham as armas automáticas inimigas.

(3) Fogos sobre as nossas forças

Os apontadores podem usar fogo sobre as nossas forças quando existe uma área de terreno suficientemente baixa entre a arma e a área do alvo, para a manobra de forças amigas. Normalmente este tipo de fogo é efetuado com a arma apoiada em tripés, pois estes garantem uma maior estabilidade e precisão, os ângulos verticais podem ser medidos usando o mecanismo de elevação. Os apontadores têm que estabelecer, com precisão, uma estimativa da distância para o alvo e estabelecer um limite de segurança. Este limite será uma linha imaginária paralela ao alvo, onde o fogo poderá causar baixas entre as forças amigas. As esquadras de atiradores e respetivos comandantes devem estar conscientes deste limite de segurança. Os comandantes devem designar sinais de levantamento ou deslocamento de fogo. Os apontadores não devem realizar fogos sobre a cabeça se o terreno for nivelado ou com declives uniformes, ou ainda se o campo de visão não é suficiente.

(4) Fogo de uma posição desenfiada

As posições desenfiadas protegem os apontadores de fogos frontais. A cobertura e a camuflagem ou dissimulação, podem impedir o apontador de observar uma parte ou a totalidade da área do alvo. Nesta situação um outro membro do pelotão deve observar a área do impacto das munições e comunicar os ajustamentos ao apontador. Apontadores e comandantes têm de considerar a complexidade da pontaria no alvo, a inabilidade ou impossibilidade do apontador efetuar ajustamentos rápidos para atingir alvos em movimento, a facilidade com que os alvos estão camuflados e a dificuldade de alcançar, pelo fogo, uma linha de proteção final.

**b. Características do fogo**

Para ajudar o apontador a compreender as características de fogo das suas armas, as definições seguintes são úteis:

(1) Trajetória

Trajetória é o percurso da munição no ar. Para a esquadra ML, a trajetória da munição é praticamente plana a uma distância de 1200 metros ou menos. Para distâncias superiores a 1200 metros, a trajetória é cada vez mais curva, consoante aumenta a distância.

(2) Flecha máxima

Este é o ponto mais alto na trajetória da munição, entre a boca da arma e a base do alvo. Ocorre sempre no ponto que se encontra, a cerca de dois terços de distância, entre a arma e o alvo aumentando com a distância.

(3) Cone de fogo

Este é o padrão formado pelas diferentes trajetórias em cada disparo rasante. A vibração da arma, variações nas munições e as condições atmosféricas, contribuem para as trajetórias que formam o cone de fogo

(4) Zona batida

Este padrão é formado pela munição dentro o cone de fogo atingindo o chão ou o alvo. O tamanho e a forma da zona batida mudam em função da distância e da inclinação do alvo. Apontadores e atiradores devem apontar aos alvos de forma a tirar o máximo proveito da zona batida. O modo mais simples de o fazer é apontar ao centro do alvo. A maioria das munições não vão atingir o alvo e as que caírem perto vão criar ricochete no mesmo.

(5) Espaço de perigo

Este é o espaço entre a arma e o alvo, em que a trajetória não se eleva a uma altura acima de 1,80m (altura média de um soldado em pé) e inclui a zona batida. Os apontadores devem ter em consideração o espaço de perigo (zona perigosa) das suas armas aquando do planeamento de fogos sobre as nossas forças.

**c. Classificações de armas de fogo automáticas**

O exército classifica as armas de fogo automáticas de acordo com o terreno, o alvo e a arma.

(1) Fogo de acordo com o terreno inclui:

- Fogo rasante. As armas automáticas alcançam fogo em declive quando o centro do cone de fogo não sobe mais que um metro acima do solo. Quando faz fogo acima do nível ou em terreno uniformemente inclinado, a esquadra ML consegue atingir um máximo de 600 metros de fogo em declive.
- Fogo mergulhante. O fogo mergulhante ocorre quando as armas fazem fogo a longa distância, quando se faz fogo em terreno elevado para terreno baixo, quando se faz fogo para subidas abruptas ou quando o terreno é desigual, resultando numa perda de fogo em declive em qualquer ponto ao longo da trajetória.

(2) Fogo em relação aos alvos inclui:

- Fogo em fileira. Fogo em fileira ocorre quando o eixo, ao longo da zona batida, coincide ou quase coincide com o eixo ao longo do alvo. Pode ser

frontal ou pelos flancos. É a classe de fogo mais desejável em relação ao alvo pois faz um uso máximo da zona batida.

- Fogo frontal. Fogo frontal ocorre quando o eixo ao longo da zona batida está no ângulo direito para a frente do alvo.
- Fogo pelos flancos. Fogo pelos flancos é conduzido diretamente contra os flancos do alvo.
- Fogo oblíquo. Apontadores e atiradores fazem fogo oblíquo quando o eixo ao longo da zona batida está num ângulo que não o ângulo direito para a frente do alvo.

(3) Fogo em relação à arma inclui:

- Fogo fixo. Fogo fixo é feito contra um alvo estacionário quando a profundidade e a largura da zona batida derem cobertura ao alvo.
- Fogo transversal. Fogo transversal distribui fogos em largura com mudanças sucessivas de direção.
- Fogo em profundidade. Este tipo de fogo distribui fogos em profundidade através de sucessivas mudanças de elevação.
- Fogo transversal e profundidade. Esta classe de fogo é a combinação em que as sucessivas mudanças de direção e elevação resultam na distribuição de fogos em profundidade e largura.

**d. Tipos de alvos**

Os alvos possuem largura e profundidade. O tamanho do alvo é determinado em termos de número de pontos de pontaria, necessários para abater (atingir) o mesmo completamente, determinando assim o seu tipo.

(1) Alvo num ponto específico

Alvos que requerem um único ponto de pontaria. Alguns exemplos deste tipo de alvos são: *bunkers*, posições de armas, veículos e tropas

(2) Alvos de área

Este tipo de alvos requer mais que um ponto de pontaria. Os apontadores efetuam fogo transversal rasante (ou uma combinação dos mesmos) para atingir o alvo. As áreas do alvo distinguem-se em lineares, profundidade ou lineares com profundidade. Os apontadores atingem os alvos em profundidade usando fogo rasante. Para atingir alvos lineares usam fogo transversal. Finalmente, atingem alvos lineares com profundidade usando os dois tipos de fogo.

**e. Velocidade de fogo**

As armas automáticas fazem fogo em qualquer uma das modalidades de tiro: rápido, sustentado e cíclico. Normalmente os apontadores fazem fogo sobre os alvos na

modalidade rápido para suprimir o inimigo rapidamente e, posteriormente, fazem fogo sustentado para poupar munições. Os atiradores usam as três modalidades, recarregando as armas o mais rapidamente possível. Para abater (atingir) alvos aéreos, os apontadores e atiradores usam a modalidade de cíclico.

- (1) Fogo rápido. O fogo rápido consiste em 200 tiros por minuto em rajadas de seis a nove munições, de quatro a cinco segundos de intervalo.
- (2) Modo sustentado. Modo sustentado consiste em 100 tiros por minuto em rajadas de seis a nove munições, com quatro a cinco segundos de intervalo.
- (3) Modo cíclico. O modo cíclico normal é de 650 a 850 tiros por minuto. Para o modo de fogo cíclico (rajada) o apontador prime o gatilho enquanto o municionador municia a arma.

**f. Técnicas de defesa com armas automáticas**

Os apontadores e atiradores possuem um número de técnicas para assegurar fogos eficazes em operações defensivas. Algumas técnicas adaptam as características da arma à natureza do terreno. Outras asseguram a distribuição de fogos através da frente da secção ou pelotão. Ainda há as que facilitam a concentração de fogos contra prováveis eixos de aproximação inimiga ou em adquirir áreas delimitadas por obstáculos táticos, finalmente, outros ajudam a manter fogos precisos durante visibilidade limitada.

**g. Métodos expeditos usando o terreno**

Dois dos métodos expeditos mais comuns usando o terreno com a arma no bipé e para alvos pré-determinados são a estaca de pontaria ou forquilha de madeira e a técnica do tronco ou prancha horizontal.

**(1) Estaca de pontaria ou forquilha de madeira**

Esta técnica é eficaz em todas as condições de visibilidade. Consiste em colocar a arma a apontar a cada alvo e marcar a posição e a elevação da coronha com uma estaca de pontaria ou forquilha de madeira. O atirador escava um buraco raso de modo a proporcionar o movimento das pernas do bipé e manter a frente e a retaguarda da arma alinhadas.

**(2) Técnica do tronco ou prancha horizontal**

O atirador usa esta técnica para marcar os limites do setor e apontar para os alvos lineares. É mais adequado para terreno plano e nivelado, envolve colocar um tronco ou uma prancha de modo a que a arma deslize facilmente sobre os mesmos. A prancha pode ser entalhada ao longo do seu comprimento para colocar a arma direcionada a um alvo específico. Também se podem colocar estacas de pontaria para definir o limite esquerdo e direito da arma.



**h. Controlo de fogo**

Os comandantes controlam a pontaria das suas armas através do uso de medidas de controlo, coordenação e instruções e comandos de fogo.

- (1) Na ofensiva, as instruções de coordenação para os apontadores incluem instruções para iniciar fogos, a decisão de como o comandante de pelotão vê a sequência das armas em relação aos alvos e a localização de forças amigas na área.
- (2) Na defensiva, o comandante descreve a presença e ação subsequente de forças amigas na frente da posição do pelotão (batedores e unidades de passagem), a sequência das armas, alvos prioritários, o deslocamento planeado ou provável de forças a esse fim destinadas ou contra-ataque.
- (3) O sinal para iniciar fogos ou linhas de proteção final, em qualquer ocasião, que não planeada, pode ser dado por comandos de fogo. Os comandos de fogo têm de ser claros e concisos. Apontadores e atiradores repetem todos os comandos de fogo. Os comandos de fogo contêm os seguintes elementos:
  - Alerta. O comandante tem de especificar qual é o alvo;
  - Direção. O comandante tem que indicar claramente a direção geral do alvo. Deve fazê-lo oralmente (dando uma orientação geral ou designar um ponto de referência) apontando ou direcionando fogos com tiros direcionais da sua própria arma. Se usar traçador, esta indicação torna-se a última parte do comando e diz “observem o meu traçador”;
  - Descrição do alvo. Enquanto segue o alvo, resumidamente descreve-o geralmente por tipo de objeto: tropa apeada, veículo, aeronave;
  - Método de Fogo. Este elemento inclui duas partes: o manuseio (tipos de fogo) relativamente à arma fixa, transversal; de busca (esquadrinhamento); transversal e busca (esquadrinhamento) e grau de fogo. Quando o comandante omite o grau de fogo, o apontador assume o modo rápido;
  - Comando para abrir fogo. O *timing* (cronometragem) para iniciar o fogo é importante para adquirir o elemento surpresa. Os comandantes podem fazer preceder o comando para abrir fogo com expressões como “à minha ordem” ou “ao meu sinal” ao que os apontadores e os atiradores respondem com “pronto” quando os alvos estiverem devidamente identificados e prontos a abrir fogo. Então os comandantes dão o comando ou sinal especificado.
- (4) Os comandantes ajustam os fogos (direção, elevação, distância) identificam novos alvos, ordenam cessar-fogo ou terminam o alerta com os comandos de fogo subsequentes.

(5) Esquadras e pelotões estabelecem NEPs, administrando as atividades e iniciação automática, controlo e cessação de fogo para apontadores e atiradores. Estes itens das NEPs podem incluir alvos padrão retificados com frequência pelos comandantes.

i. Considerações sobre zonas mortas

Uma zona morta é a área em que a cintura de um soldado fica abaixo do ponto de mira do apontador ou atirador. O método mais preciso para determinar espaço morto é o de um soldado a caminhar na linha de visão da arma (linha de proteção final ou principal direção de fogo) e fazer uma contagem de passos das áreas onde encontra espaço morto. A zona morta também pode ser determinada observando a trajetória de voo de uma munição tracejante a partir de uma posição à retaguarda e para o flanco da arma.

## ANEXO C

### GESTÃO DO RISCO

*O risco é a possibilidade de ocorrência de ferimento ou de morte em pessoal, danos ou perdas em veículos e equipamentos. O risco está sempre presente em cada situação de combate ou de treino do pelotão. A gestão do risco deve ocorrer a todos os níveis da cadeia de comando, durante cada fase das operações, sendo uma parte integrante do planeamento tático. O comando do pelotão, os Cmdts de secção e as praças devem gerir o risco usando medidas para evitar o fratricídio e assegurar que a missão é executada da forma mais segura possível, dentro das restrições da missão. O objetivo da gestão do risco é ajudar as unidades a preservar o seu potencial de combate, através da prevenção de acidentes, que lhes permitam ganhar os combates, rápida e decisivamente, com o menor número de perdas possível. Este anexo descreve os procedimentos que os Cmdts devem usar para identificar os riscos e implementar um plano para minimizar cada risco identificado, identificando as responsabilidades de cada escalão na implementação dum programa de gestão de risco.*

#### SECÇÃO I - PROCEDIMENTOS DE GESTÃO DE RISCO

Esta secção descreve os cinco passos da gestão do risco. O CmdtPel deve ter sempre presente que a eficácia deste processo depende do envolvimento da cadeia de comando. A gestão de risco não é uma solução sempre igual "serve a um, serve a todos" mas, pelo contrário, ao efetuar estes passos, devem ter-se em mente os fatores táticos e operacionais que fazem com que cada situação seja única e portanto com solução diferente.

##### **C-1. 1º Passo. Identificação dos perigos**

O risco é uma fonte de perigo, ou seja, é qualquer condição existente ou potencial que possa acarretar lesão, doença ou morte do pessoal, avarias, perdas de equipamento e bens, ou algum outro tipo de degradação do potencial. As operações táticas e os treinos apresentam vários tipos de perigos. O CmdtPel deve identificar os riscos associados a todas as fases da missão, com especial atenção aos fatores de MITM-TC. A gestão do risco nunca deve ser uma reflexão depois das coisas acontecerem, ou seja, os Cmdts devem iniciar o processo durante o PTDM e mantê-lo durante toda a operação. A tabela C-1 apresenta possíveis fontes de risco que o pelotão pode enfrentar durante uma operação tática. A lista está organizada de acordo com os fatores de MITM-TC.

<b>MISSÃO</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Duração da operação.</li> <li>• Complexidade / clareza do plano (plano bem desenvolvido e de fácil compreensão.</li> <li>• Número de unidades de manobra na proximidade.</li> </ul>
<b>INIMIGO</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecimento da situação do inimigo.</li> <li>• Capacidade do inimigo.</li> <li>• Disponibilidade de tempo e recursos para efetuar o reconhecimento.</li> </ul>
<b>TERRENO</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Condição de visibilidade, incluindo luz, pó, nevoeiro e fumo.</li> <li>• Precipitação e a sua influência na mobilidade.</li> <li>• Calor ou frio extremo.</li> <li>• Perigos naturais adicionais (buracos no itinerário, terreno inclinado, obstáculos de água (ravinas, poços).</li> <li>• Possibilidade de existência de engenhos explosivos na região dos treinos.</li> </ul>
<b>EQUIPAMENTO</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Estado do equipamento.</li> <li>• Experiência da unidade a conduzir a operação (se têm experiência nos treinos e no combate).</li> <li>• Áreas perigosas associadas ao sistema de armas do pelotão.</li> <li>• Proficiência dos Cmdts e do pessoal.</li> <li>• Nível de cansaço dos Cmdts e do pessoal (tempo de descanso).</li> <li>• Grau de adaptação ao ambiente.</li> <li>• Impacto de novos Cmdts ou pessoal (recém-chegado).</li> <li>• Situação das unidades amigas.</li> <li>• Ações combinadas de forças OTAN com forças portuguesas.</li> </ul>
<b>TEMPO DISPONIVEL</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Tempo disponível para o PTDM e treinos das subunidades.</li> <li>• Tempo disponível para as inspeções pré-combate.</li> </ul>
<b>CONSIDERAÇÕES CIVIS</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Aplicação das regras de empenhamento ou regras de interação.</li> <li>• Potenciais operações de apoio ou de estabilização envolvendo contacto com civis.</li> <li>• Potenciais contactos com os média.</li> <li>• Interação com o país de acolhimento ou outra nação participante.</li> </ul>

Tabela C-1 - Exemplos de potenciais perigos

## C-2. 2º Passo. Avaliação dos perigos, para determinar os riscos

A avaliação do perigo é o processo para determinar o impacto direto, de cada risco, numa operação (sob forma de incidentes perigosos). Deve-se usar as seguintes etapas:

- a. Determinar os perigos que podem ser eliminados ou evitados;
- b. Avaliar cada perigo que não pode ser eliminado ou evitado, para assim se determinar a probabilidade do perigo ocorrer;

- c. Avaliar a gravidade dos perigos que não podem ser eliminados ou evitados. A gravidade é definida através do possível resultado negativo de um incidente perigoso e é expressa pelo grau de lesão ou doença (incluindo morte), perda ou dano de equipamentos ou bens, dano ambiental ou outra missão geradora de fatores negativos e desfavoráveis à força e/ou à Nação que a projeta.
- d. Levando em consideração, a probabilidade e a gravidade de um perigo, é determinando o nível de risco associado (extremamente alto, alto, moderado ou baixo). A tabela C-2 resume os quatro níveis de risco.
- e. Com base nos fatores de avaliação do perigo (probabilidade, gravidade e nível de risco, bem como os fatores operacionais exclusivos da situação), preenche-se a tabela de gestão de risco. A figura C-3 mostra um exemplo de uma tabela concluída de gestão do risco.

NÍVEIS DE RISCO	DESCRIÇÃO
<b>E</b> <b>RISCO ELEVADO</b>	Perda de capacidade para realizar a missão. Isto implica que o risco associado a essa missão, atividade ou acontecimento pode ter graves consequências, além das associadas a essa operação ou acontecimento. A decisão para continuar deve ser cuidadosamente ponderada face ao potencial ganho a ser alcançado, caso se prossiga com essa m/a. Deve ser aprovado pelo escalão de comando apropriado.
<b>H</b> <b>RISCO ALTO</b>	Degradação significativa das capacidades para o cumprimento da missão, incapacidade para realizar todas as tarefas da missão ou incapacidade para a concluir, caso os perigos ocorram durante a mesma. Isto sugere que caso os perigos ocorram, deles advirão consequências sérias. A decisão para continuar deve ser cuidadosamente ponderada face ao potencial ganho a ser alcançado, caso se prossiga com essa m/a. Deve ser aprovado pelo escalão apropriado.
<b>M</b> <b>RISCO MODERADO</b>	A expectativa de degradação das capacidades para o cumprimento da missão, têm um efeito reduzido. Se o perigo ocorrer, apenas afetará ligeiramente as capacidades para o cumprimento da missão, resultando poucos danos ou perdas e não afetará a prontidão global.
<b>L</b> <b>RISCO BAIXO</b>	As perdas esperadas têm pouco ou nenhum impacto no cumprimento da missão. Não são esperados danos ou doenças, os riscos podem ser insignificantes e não ter um efeito ou impacto a longo termo.

Tabela C-2 - Níveis de risco e impacto na execução da missão

MATRIZ DE AVALIAÇÃO DE RISCO						
		PROBABILIDADE				
		FREQUENTE	PROVÁVEL	OCASIONAL	RARO	IMPROVÁVEL
SEVERIDADE	Catastrófico	E	E	H	H	M
	Crítico	E	H	H	M	L
	Marginal	H	M	M	L	L
	Negligenciável	M	L	L	L	L
E (Extremely High) - Risco Elevado-----Perda da capacidade para cumprir a missão						
H (High) - Risco Alto-----Degradação significativa das capacidades						
M (Moderate) - Risco Moderado-----Degradação esperada das capacidades						
L (Low) - Risco Baixo-----Pouco um sem impacto para o cumprimento da missão						

Tabela C-2 - Matriz de avaliação de risco (Continuação)

A. Missão ou Tarefa		B. Grupo Data Hora		C. Data de Elaboração	
Condução de um ataque deliberado		Início: 010035ZJAN10 Fim: 010600ZJAN10		30DEC09	
D. Elaborado por: (Posto, NIM, Nome, Função) Capitão NIM 12345678 Silva, Cmdt					
E. Tarefa	F. Identificação do perigo	G. Nível de risco	H. Método de controlo	I. Determinar o risco residual	J. Implementar o controlo
Abertura de brecha	Obstáculos	Alto	Utilizar o plano de redução de obstáculos	Baixo	NEP's da unidade e OOp
	Inexperiência dos militares	Alto	Treino adicional e supervisão	Moderado	treinos
	Execução em visibilidade reduzida	Moderado	Utilização de aparelhos de visão noturna e de infravermelhos	Baixo	NEP's da unidade e OOp
	Declives	Alto	Treinos usando cordas	Moderado	Nep's
	Tempo de planeamento insuficiente	Alto	Planear e preparar-se convenientemente	Moderado	OOp e utilização do PTDM

Tabela C-3 - Folha de trabalho de gestão do risco

**C-3. 3º Passo. Desenvolvimento do controlo e tomada de decisão do risco**

Este passo é realizado em duas etapas: desenvolver mecanismo de controlo e tomar decisões de risco. Estas etapas são realizadas durante a fase da elaboração do plano provisório do PTDM.

**a. Desenvolver controlos**

Depois de avaliar todos os riscos, desenvolver um ou mais mecanismos de controlo para eliminar ou reduzir o risco (probabilidade, gravidade, ou ambos) de possíveis incidentes. Neste aspeto deve considerar-se a razão do perigo, e não apenas o perigo por si só.

**b. Tomada de decisões do risco**

Um elemento-chave no processo de tomada de decisão do risco é determinar se o risco se justifica ou, pelo contrário, se é desnecessário. Quem decide (CmdtPel, ou superiores), deve comparar o risco com as expectativas da missão. Se os controlos forem suficientes e aceitáveis pode aceitar-se o risco residual resultante. Se o risco é desnecessário, devem desenvolver-se controlos adicionais ou controlos alternativos, ou então, modificar, alterar ou rejeitar a modalidade de ação para a operação.

**C-4. 4º Passo. Implementação dos controlos**

Os métodos de controlo são os procedimentos que a unidade utiliza para eliminar os perigos ou reduzir o seu risco. Implementar esses controlos, é a parte mais importante do processo de gestão de risco e é a contribuição, da cadeia de comando, para a segurança da unidade. A implementação de controlos inclui a coordenação e comunicação com as unidades superiores, adjacentes e subordinadas, assim como, com os indivíduos que executam a missão. O CmdtPel deve assegurar que os controlos específicos são integrados nos planos de operações (OPrep, OOp) e nos treinos. A verificação desta etapa, é garantir que os métodos de controlo são claros e que as ordens de execução são simples e entendidas por todos os níveis. Se os comandantes realizaram uma avaliação de risco ponderada, os controlos serão fáceis de aplicar, executar e supervisionar. Exemplos de controlos de gestão de risco:

- Efetuar cuidadosamente o *briefing* da missão com todos os aspetos, incluindo os métodos de controlo;
- Realizar verificações minuciosas de pré-combate;
- Garantir e permitir tempo suficiente para os treinos a todos os níveis;
- Beber muita água, comer adequadamente, e descansar (no mínimo 4 horas de sono por cada período de 24 horas);
- Usar sempre efetivo mínimo de parelha (2 homens);
- Impor limites de velocidade, uso do cinto de segurança e segurança dos condutores;

- Estabelecer sinais de reconhecimento visuais e marcadores para distinguir as unidades de manobra;
- Implementar a utilização de guias nas zonas de reunião e em terreno perigoso;
- Estabelecer zonas de descanso nas zonas de reunião;
- Limitar a circulação de veículos pessoais;
- Estabelecer NEP's para a integração de pessoal novo (recém-chegado).

#### **C-5. 5º Passo. Supervisão e avaliação dos controlos**

Durante a execução da missão, os comandantes devem assegurar que os controlos de gestão do risco são devidamente compreendidos e executados. Os comandantes devem avaliar continuamente a eficácia da unidade na gestão dos riscos e ir melhorando as áreas que precisam ser atualizadas.

##### **a. Supervisão**

Liderança e disciplina da unidade são as chaves para assegurar que os controlos de gestão do risco são aplicados.

- (1) Todos os comandantes são responsáveis por supervisionar os treinos e execução da missão e garantir que os padrões e os controlos são aplicados. Em particular, os sargentos devem aplicar as medidas de segurança estabelecidas, bem como os controlos desenvolvidos, para uma operação ou tarefa específica. As técnicas incluem controlos no local da ação, inspeções, SITREPs, *debriefs*, e uma supervisão permanente.
- (2) Durante a execução da missão, os comandantes devem monitorizar continuamente os métodos de controlo da gestão dos riscos, para determinar se eles são eficazes e modificá-los, quando necessário. Os comandantes também devem antecipar, identificar e avaliar novos riscos, de modo que as questões de perigo iminente sejam avaliadas no local e que o planeamento e execução reflitam as mudanças nas condições de risco.

##### **b. Avaliação**

Sempre que possível, o processo de gestão de risco também deve incluir uma revisão pós-ação para avaliar o desempenho da unidade na identificação de riscos e prevenção de situações potencialmente perigosas. Durante esta revisão, os comandantes devem avaliar se os controlos implementados foram eficazes. Na sequência da revisão pós-ação, os comandantes devem incorporar as lições aprendidas do processo nas NEP's e planos da unidade, para futuras missões.



## SECÇÃO II - APLICAÇÃO DE RESPONSABILIDADES

Os comandantes a todos os níveis são responsáveis e pela gestão de risco. Eles devem assegurar que os perigos e riscos associados são identificados e controlados durante a fase de planeamento, preparação e execução de operações. O CmdtPel e seus sargentos devem olhar quer para os riscos tático quer para os acidentes, usando o mesmo processo de gestão de risco. O CmdtPel avalia e acautela pessoalmente os riscos táticos. Os riscos de acidentes são geridos em coordenação com o Sargento de Pelotão, Cmdts de Secção e esquadra.

### **C-6. Falha do processo de gestão de riscos**

O processo de gestão de risco pode falhar, devido a vários fatores, nomeadamente:

- O síndrome da negação do risco, levando a que indevidamente os responsáveis ignorem o risco;
- Um militar que acreditando que a decisão do risco faz parte de seu trabalho e não apresenta o problema aos CmdtPel e ao CmdtSec;
- Falha em reconhecer o risco ou o nível de risco envolvido na tarefa;
- Excesso de confiança por parte de um indivíduo;
- Os subordinados que não receberam formação e não receberam orientações do comandante em relação a decisões do risco.

### **C-7. Gestão do risco de confiança no comando**

O CmdtPel dá as ordens ao pelotão, define prioridades e cria confiança no comando (valores, atitudes e crenças). A manutenção do poder de combate bem-sucedido exige que o CmdtPel envolva a gestão dos riscos nos comportamentos individuais. Assim, o CmdtPel deve exercer uma liderança criativa, um planeamento inovador e uma gestão cuidadosa, devendo demonstrar apoio ao processo de gestão de risco.

- a. O CmdtPel e todos os elementos na cadeia de comando do pelotão devem criar um clima de confiança favorável à integração da gestão do risco, tomando as seguintes ações:
  - Demonstrar um comportamento de gestão de risco consistente e sustentado através da liderança pelo exemplo e ênfase numa participação ativa em todo o processo de gestão de risco;
  - Disponibilizar os recursos adequados para a gestão de risco. Cada comandante é responsável por obter os bens necessários para minimizar o risco e por fornecê-los aos seus comandantes subordinados;
  - Compreender as suas próprias limitações e a dos seus soldados, assim como as capacidades da sua unidade;

- Permitir que os subordinados cometam erros controladamente e aprendam com eles;
  - Evitar uma mentalidade "zero defeitos" como cultura do pelotão;
  - Demonstrar uma confiança plena nos seus subordinados, nas suas capacidades e competência para executar uma tarefa;
  - Manter os subordinados informados;
  - Ouvir os subordinados.
- b.** A gestão de risco inclui o seguinte:
- Tomar decisões de risco. Estabelecer e comunicar claramente os critérios de risco na decisão e orientações;
  - Estabelecer, claramente, as medidas viáveis de gestão de risco;
  - Conhecer o processo de gestão de risco. Assegurar-se que os subordinados compreendem quem, o quê, quando, onde e porquê da gestão de risco e como estes fatores se aplicam à sua situação e às responsabilidades atribuídas;
  - Avaliar, com precisão, a eficácia do pelotão, bem como a execução por parte dos subordinados, durante a missão, do controlo de risco;
  - Informar o escalão superior quando os níveis de risco excederem os limites estabelecidos.

## ANEXO D

### EVITAR FRATRICÍDIO

*Fratricídio é, inadvertidamente, empregar armas e meios amigos contra forças amigas, resultando em mortes imprevistas e não intencionais ou lesão de pessoal amigo ou danos no equipamento amigo. A prevenção do fratricídio é responsabilidade do CmdtPel. Todos os Cmdts em todos os sistemas operacionais ajudam os CmdtPel no cumprimento desta missão. Este anexo incide sobre as ações que o CmdtPel e seus Cmdts subordinados devem ter para reduzir o risco de fratricídio. Em qualquer situação tática, é fundamental que cada membro do pelotão saiba onde ele está e onde estão as outras forças amigas que estão a operar em conjunto. Para antecipar as condições perigosas e tomar medidas para evitar o fratricídio. O CmdtPel deve estar sempre atento às mudanças e à evolução da situação que pode colocar os seus homens em perigo. Ele deve garantir que todas as posições das secções estão constantemente atualizadas no posto de comando do escalão superior, para se saber onde estão e o que estão a fazer. Quando o CmdtPel se apercebe duma situação potencialmente fratricida, deve, urgentemente, informar o escalão superior para coordenar com as forças amigas envolvidas.*

#### **D-1. Efeitos**

O Fratricídio resultada em perdas inaceitáveis e aumenta o risco de fracasso da missão, afetando a capacidade da unidade sobreviver e funcionar. Consequências nas Unidades que sofreram fratricídio:

- Perda de confiança na liderança e no comando da unidade;
- Aumentar a auto-dúvida entre os Cmdts;
- Hesitação no emprego dos elementos de apoio de combate;
- O excesso de supervisão de unidades;
- Hesitação na condução das operações noturnas;
- Perda de agressividade na manobra;
- Perda de iniciativa;
- Operações interrompidas;
- Degradação geral da coesão da unidade, moral e poder de combate.

#### **D-2. Causas**

Os Cmdts devem identificar os fatores que podem afetar as suas unidades e conciliar esforços para os eliminar ou corrigir.

- a. Falhas no plano de controlo do fogo direto

Isto ocorre quando as unidades não desenvolvem planos eficazes de controlo de fogo, especialmente no ataque. As unidades podem falhar na designação de áreas de empenhamento, e podem posicionar incorretamente as suas armas. Em tais condições, a disciplina de fogo, muitas vezes, colapsa em contacto. Uma área de preocupação especial é o planeamento adicional que deve constar em operações que requerem uma estreita coordenação entre os elementos montados e os elementos apeados.

**b. Falhas na navegação**

As unidades muitas vezes deslocam-se para fora dos seus setores designados e efetuam relatos errados das suas localizações, utilizam o apoio de fogos no local errado. Nestas situações as unidades que inopinadamente encontram outra unidade amiga, podem abrir fogo contra a força amigas provocando um fratricídio.

**c. Falhas de identificação no combate**

Chefes de viatura e apontadores de MP não conseguem identificar, com precisão, o inimigo perto do alcance máximo de seus sistemas. Em visibilidade reduzida, unidades amigas, dentro desse alcance, podem confundir-se como sendo forças inimigas.

**d. Inadequadas medidas de controlo**

As unidades podem falhar na divulgação das medidas de controlo para a manobra e nas medidas de controlo de fogo direto, levando a falhas de sincronização dos combates.

**e. Falhas nos relatórios e comunicações**

As Unidades podem falhar ao desenvolver relatórios pontuais, precisos e completos à medida que a localização e situação tática se alteram. Isso distorce a Common Operation Picture (COP) a nível de batalhão e brigada (disponível na FICB) e pode levar a autorizações de fogo erradas.

**f. Falhas com as armas**

Uma falha na disciplina individual pode resultar em fratricídio. Estes incidentes incluem falhas no carregamento das armas, despoletamentos acidentais, erros com manuseamento de explosivos e granadas de mão e utilização incorreta da arma. Deve implementar-se, constantemente, as “Operações de Segurança” do armamento individual.

**g. Perigos no campo de batalha**

Uma variedade de dispositivos explosivos e material pode criar perigo no campo de batalha - munições não deflagradas, armadilhas, campos de minas não sinalizados ou não registados, incluindo de minas de dispersão. As falhas na marcação, registo, remoção pode levar a baixas.

**h. A dependência na tecnologia**

Uma unidade que dependa muito de sistemas, automáticos como dispositivos de GPS ou FICB entre outros, terá as suas capacidades severamente degradadas, se estes sistemas falharem. A unidade será incapaz de manter um esclarecimento da situação sem a COP. Para evitar potenciais perigos quando ocorrer uma falha do sistema, o CmdtPel deve garantir que ele e seu pelotão, para além de saber usar a tecnologia, possui, pessoal com as competências básicas na observação, navegação e outras tarefas críticas.

**D-3. Prevenção**

As medidas descritas neste parágrafo fornecem ao pelotão, um guia para reduzir ou evitar o risco de fratricídio. Estas orientações não devem restringir a iniciativa. Os Cmdts devem aprender a aplicá-las, com base na situação específica e nos fatores de MITM-TC.

**a. Princípios**

A prevenção do fratricídio tem cinco princípios fundamentais:

- (1) Identificar e avaliar os potenciais riscos de fratricídio durante o PTDM  
Incorporar as medidas de controlo de redução do risco nas OPrep, OOp e Ordens Parcelares.
- (2) Manter a situação operacional atualizada  
Concentrar-se em áreas como as informações, localização e dispositivos das unidades, obstáculos, contaminação NBQ, SITREPs e nos fatores de MITM-TC. O pelotão de atiradores da BrigInt terá grande rendimento no esclarecimento da situação se dispuser de uma FICB e uma atualização automática do COP.
- (3) Assegurar uma identificação positiva do alvo  
Verificar os sinais de identificação da viatura e do sistema de armas. Familiarizar-se com as características do potencial amigo e veículos do inimigo, incluindo as suas silhuetas e as assinaturas térmicas. Forçar o uso da senha e contra-senha, especialmente durante operações apeadas.
- (4) Manter um eficaz controlo de fogo  
Certificar-se que ordens de fogo são claras precisas e concisas. É obrigatório, que as ordens de fogo sejam completamente entendidas. Relembrar a importância da cadeia de comando no processo de controlo de fogo. Assegurar-se que os soldados adquirem o hábito de obter a confirmação positiva do alvo e a autorização para abrir fogo dos seus Cmdts, (antes de atacar o alvo devem ter a certeza que são elementos inimigos).
- (5) Estabelecer um comando que enfatize a prevenção do fratricídio

Aplicar medidas de prevenção do fratricídio, colocando especial ênfase na utilização de técnicas e procedimentos doutrinários. Garantir uma constante supervisão na execução de ordens e na execução de todas as tarefas e missões.

**b. Orientações e considerações**

Orientações e considerações adicionais:

- (1) Reconhecer os sinais de *stress*. Manter a coesão da unidade tendo rápidas e eficazes medidas para aliviar o *stress*;
- (2) Conduzir, a nível individual e coletiva, a formação que sensibilize sobre o fratricídio, reconhecimento e identificação de alvos, bem como a disciplina de fogo;
- (3) Desenvolver um plano simples e exequível;
- (4) Dar OOps completas e concisas. Incluir todos os sinais de reconhecimento apropriados no parágrafo nº 5 da OOp;
- (5) Para simplificar as OOp, use NEPs que sejam consistentes com a doutrina. Periodicamente rever e atualizar as NEPs, conforme necessário;
- (6) Dar o máximo de tempo disponível de planeamento aos Cmdts subordinados. (1/3 do tempo disponível para si – 2/3 do tempo disponível para os Cmdts subordinados);
- (7) Usar uma linguagem comum (vocabulário) e uma terminologia doutrinariamente correta e medidas de controlo;
- (8) Assegurar que uma coordenação minuciosa é realizada a todos os níveis;
- (9) Planear e estabelecer comunicações eficazes;
- (10) Planear a colocação do Posto de Comando, sempre que seja adequado para a missão, como por exemplo, durante uma passagem de linhas;
- (11) Certificar-se que as ROE são claras;
- (12) Efetuar treino sempre que a situação o permita;
- (13) Estar no lugar certo à hora certa. Usar dispositivos de navegação (GPS), saber a sua localização e a localização das unidades adjacentes (esquerda, direita, frente e retaguarda) e sincronizar o movimento tático. Se o pelotão ou qualquer elemento se perder, o seu Cmdt deve saber como entrar em contacto imediatamente com o seu escalão superior para receber instruções e assistência.
- (14) Estabelecer, executar e fazer cumprir estritamente os planos de descanso.

## **ANEXO E**

### **TAREFAS CRÍTICAS NO CAMPO DE BATALHA**

*As tarefas críticas das unidades, no campo de batalha, descrevem o emprego que os pelotões e secções aplicam na ação imediata, no fogo e na manobra. Requerem comandantes para tomar decisões e transmitir ordens verbais rapidamente. A capacidade de cumprir as missões, com rapidez, depende normalmente da execução de ações críticas pelos soldados e Cmdts Sec. Todos os soldados e seus comandantes devem saber a reação imediata a tomar no contacto inimigo e com os danos de equipamento, assim como nas ações subsequentes. As tarefas são limitadas a situações que requerem respostas imediatas. Por isso, soldados devem executá-las instintivamente, o que resulta de um treino contínuo. As tarefas críticas devem ser entendidas, por cada indivíduo e comandante e devem ser continuamente praticadas pelo pelotão.*

#### **SECÇÃO I - TAREFAS CRÍTICAS NO CAMPO DE BATALHA**

As tarefas críticas, no campo de batalha, são ações coletivas, que são rapidamente executadas, sem implicar uma decisão deliberada ou processo de decisão:

- Requerem o mínimo de ordens do comandante;
- São ações sequenciais, vitais para o sucesso em combate e críticas para preservar a sobrevivência;
- Aplicáveis ao pelotão ou unidades subordinadas;
- São treinadas respostas às ações inimigas ou ordens dos comandantes;
- Representarem passos mentais, seguidos por ações ofensivas e defensivas, no treino e combate.

#### **E-1. A - Reação ao contacto**

Situação: A secção ou pelotão está sobre fogo inimigo individual ou armas coletivas.

Ações pretendidas (Figura E-1)

- a. Os soldados rapidamente procuram uma posição defensiva, o mais próximo possível e respondem pelo fogo, na direção do contacto.
- b. Os Cmdts Sec/Esq localizam posições inimigas suspeitas, com fogos tracejantes e passam a informação a todos os Cmdts Esq/Sec/Pel.
- c. Os Cmdts Sec utilizam ordens de comando estabelecidas (iniciais e suplementares) contendo os seguintes elementos:
  - Alerta;
  - Direção;

- Descrição do alvo;
  - Alcance;
  - Método de fogo (cadência e controlo de fogos);
  - Ordem para iniciar fogos.
- d. Soldados mantêm contacto com os militares à sua esquerda e direita.
- e. Soldados mantêm contacto com os seus Cmdts Esq/Sec e reportam a localização das posições inimigas (RELIM).
- f. Comandantes verificam o estado dos seus militares.
- g. Cmdts Esq/Sec mantém contacto com os Cmdts Sec/Pel respetivamente.
- h. Cmdts Sec/Pel:
- (1) Deslocam-se até ao Cmdt Sec/Esq que se encontra em contacto (o Cmdt Pel trás consigo o RTL, OAV e Cmdt Sec mais próxima) para esclarecer a situação.
  - (2) Determina se a sua secção ou pelotão se desloca para fora da área de empenhamento.
  - (3) Determina se consegue aumentar ou manter fogos de supressão com os seus elementos que se encontram em contacto (baseando-se no volume e precisão dos fogos inimigos contra os elementos em contacto).
  - (4) Executa uma avaliação da situação. Identifica:
    - A localização da posição inimiga e obstáculos;
    - A dimensão das forças inimigas em contacto (o número de armas inimigas, presença de viaturas, e o emprego de fogos indiretos são indicadores da força inimiga);
    - Flancos vulneráveis;
    - Itinerários cobertos e abrigados para a posição inimiga.
  - (5) Determina o próximo passo na ação (por exemplo fogo e movimento, abertura de brecha no assalto, destruir casamata, entrar e limpar um edifícios ou trincheira).
  - (6) Reporta a situação ao Cmdt Pel/Comp e inicia a manobra da sua unidade.
  - (7) Pede e regula os fogos indiretos (morteiros ou artilharia). Os Cmdts Sec executam o pedido através do Cmdt Pel.
  - (8) Cmdts Esq lideram as esquadras pelo exemplo (por exemplo, “sigam-me, e façam como eu”).
  - (9) Transmitem todas as ordens e sinais através da cadeia de comando do pelotão.
  - (10) A ML faz o apoio próximo das secções que executam o assalto através de um envolvimento.



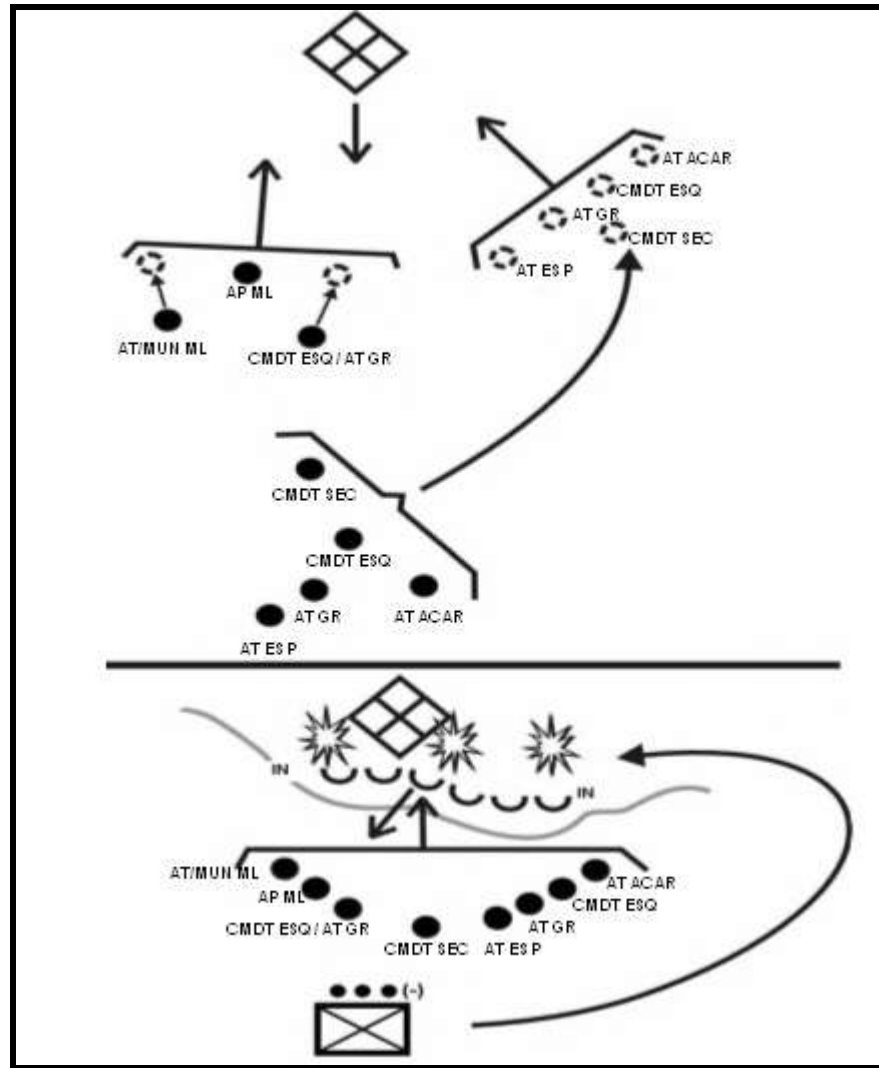


Figura E-1 - Reagir ao contacto (apeados)

**NOTA:** Conforme a situação tática e com base nos fatores de decisão (MITM-TC), o Cmdt Pel pode adotar a formação em “V” ou em “Cunha”. Com as secções em cunha, é a formação mais adequada para a reação ao contacto.

#### E-1. B - Reação ao contacto (secção ou pelotão montado)

Situação: Quando montados, o pelotão está sob fogo inimigo individual ou armas coletivas (inclusive armas anticarro).

Ações pretendidas (Figura E-2)

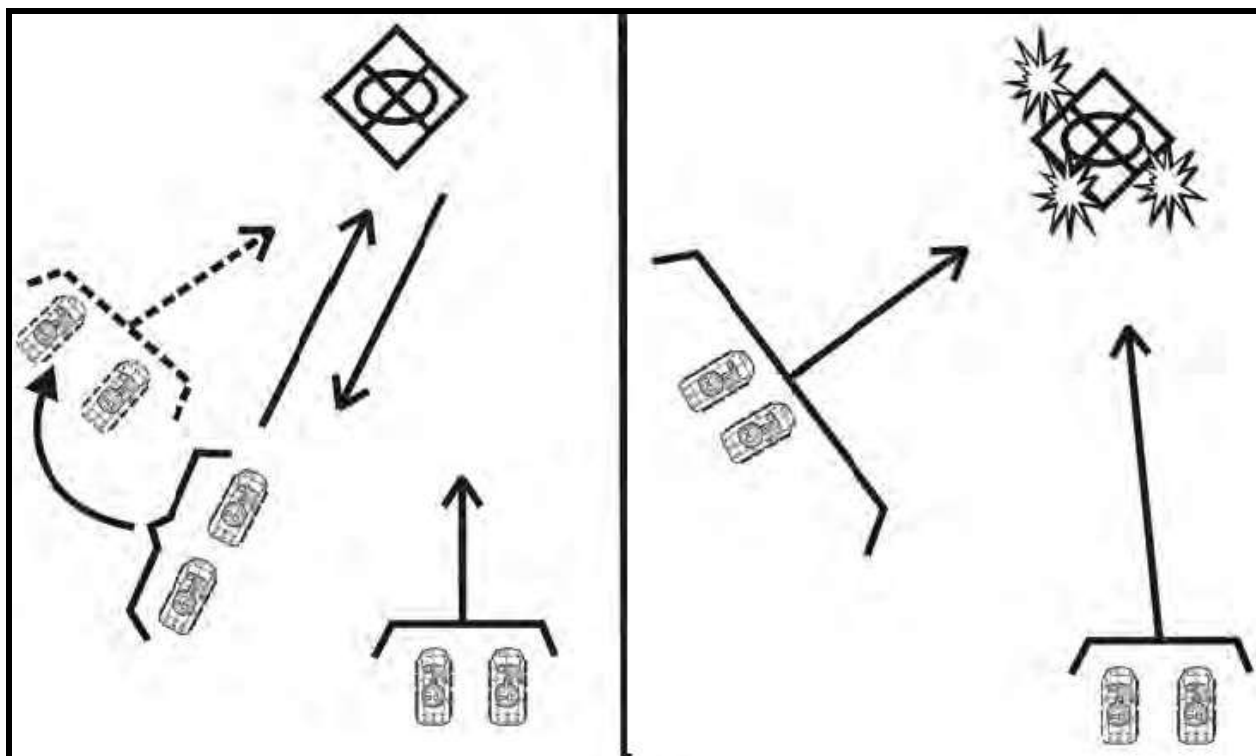


Figura E-2 - Reagir ao contacto (montados)

- a. Os veículos das secções em contacto com o inimigo (exemplo fig. E2-1), respondem ao fogo rapidamente, na direção do contacto, enquanto se retiram da zona de morte. A secção em contacto, se não for a do Cmdt Pel, reporta a situação.
- b. Todos os veículos movem-se para a posição coberta e abrigada mais próxima.
- c. Depois de alcançada uma posição coberta e abrigada, a secção em contacto executa fogos ajustados sobre o inimigo. A secção desmonta para garantir segurança local e ou executar fogos de supressão às posições inimigas.
- d. Os veículos de secções (fig. E2-2) que não se encontram em contacto físico orientam as suas armas em direção ao inimigo.
- e. O comandante ou SargPel reporta o contacto ao Cmdt Comp.

**NOTA:** Assim que o pelotão executa a reação ao contacto, o Cmdt Pel faz uma rápida avaliação da situação (por exemplo, a dimensão do inimigo e a sua localização). Ele decide o que fazer assaltando a posição ou ultrapassando o inimigo e reporta a situação ao Cmdt Comp.

- f. Os Chefes de viatura mantêm contacto visual uns com os outros (conceito de secção asa).
- g. Os Chefes de viatura mantêm as comunicações com o Cmdt Pel.
- h. Os Cmdts Sec transmitem todas as ordens aos Cmdts Esq.

## **E-2. A - Rotura de contacto**

Situação: A secção e pelotão esta sob fogo inimigo e tem de romper o contacto.

Ações pretendidas (Figura E-3)

- a. O Cmdt Sec/Pel coordena uma esquadra ou secção em contacto (ELDC – Elementos Ligeiros Deixados ao Contacto), para apoiar a rotura da restante unidade.
- b. O Cmdt Sec/Pel informa a distância e a direção, ponto de terreno ou o último ponto de reunião e o método de rotura de combate.
- c. Dependendo da situação tática e dos fatores de decisão, efetuar o enfraquecimento de linhas homem a homem, por parelha, por esquadra ou por secção.
- d. Na base de fogos a esquadra ou secção continua a suprimir o inimigo.
- e. Os elementos em deslocamento para a retirada usam granadas de fumo, fragmentação ou efeito de sopro para mascarar o seu movimento.
- f. Os elementos em deslocamento para a posição estabelecida rompem o contacto com o inimigo.
- g. O comandante da unidade coordena o movimento dos elementos na base de fogos, para uma próxima posição. Baseando-se no terreno, no volume e precisão do fogo inimigo, no movimento dos elementos para a retaguarda deve ser feito fogo e movimento.
- h. A secção ou pelotão continua a afastar-se do inimigo (a secção ou pelotão deve continuar a suprimir o inimigo até que seja rompido o contacto), até que:
  - Se rompe o contacto;
  - Se passe para uma posição superior com apoio pelo fogo;
  - Que as esquadras ou secções de manobra se encontrem prontas, para conduzir a próxima missão.
- i. O comandante deve considerar mudar a direção de movimento das suas unidades, assim que o contacto seja quebrado. Para reduzir a possibilidade do inimigo ajustar fogos indiretos na unidade amiga.
- j. Se a unidade se desorganizar, o pessoal desloca-se para o último ponto de reunião designado.
- k. Os Cmdts Sec/Pel contam os soldados, reportam e reorganizam. Se necessário, continuam a missão.

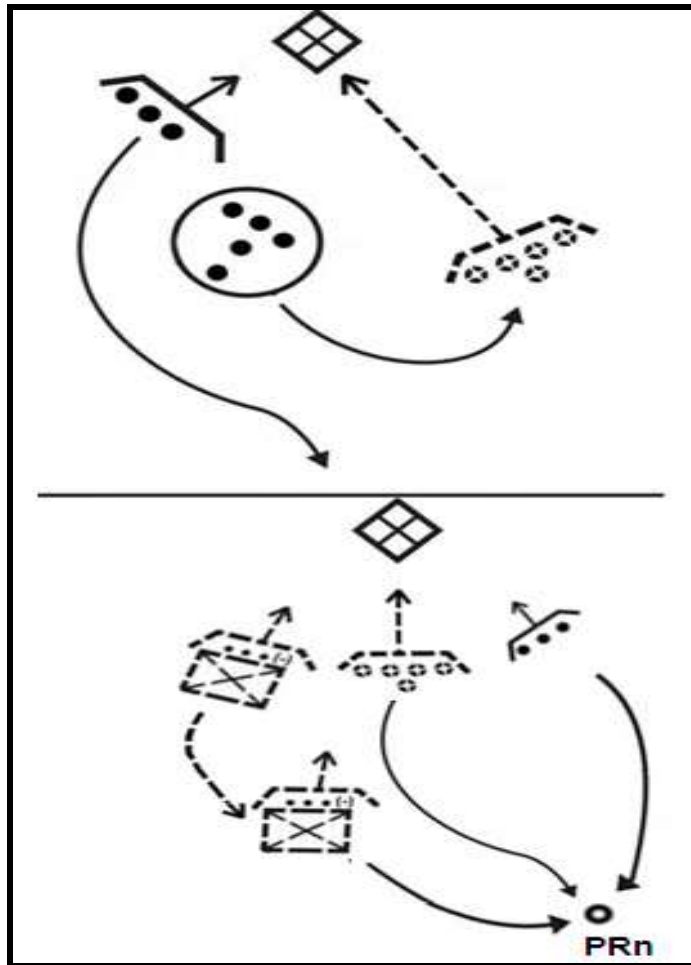


Figura E-3 - Rotura de contacto apeado

## E-2. B - Rotura de contacto (secção ou pelotão montado)

Situação: O pelotão encontra-se montado (exceto os elementos de segurança). Encontra-se sob fogo inimigo intenso e tem de romper contacto.

### Ações pretendidas (Figura E-4)

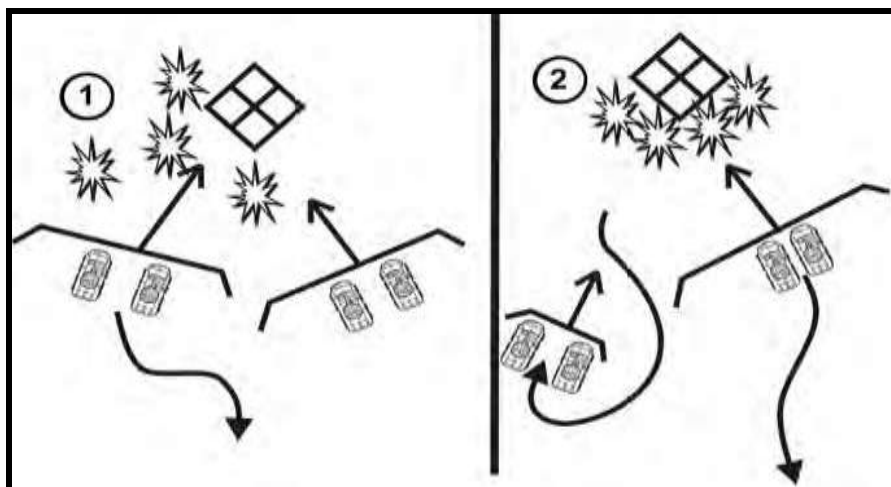


Figura E-4 - Rotura de contacto (montado)

- a. O Cmdt Pel dá a ordem para romper o contacto.
- b. O Cmdt Pel nomeia (2 secções) para constituir uma base de fogos e para apoiar a retirada das outras secções. (2 VBR).
- c. O Cmdt Pel indica uma distância e direção, uma referência no terreno ou o último ponto de reunião, para onde a 2 VBR deve retirar.
- d. As VBR da base de fogos continuam em contacto com o inimigo. Efetuam fogos de supressão o tempo suficiente para apoiar o lanço das VBR em rotura de combate (o pelotão usa todos os fogos diretos e indiretos, inclusive fumos para apoiar a rotura). O comandante da parelha de apoio, controla os fogos usando os procedimentos normais da direção, descrição do alvo, alcance e método de fogo.
- e. A parelha de viaturas em rotura manda desembarcar os seus elementos assim que atingir a posição determinada e executa fogos de supressão para apoio das VBR que estavam em base de fogos.
- f. A parelha de viaturas em movimento executa fogos quando em posição e providência fogos de supressão para o apoio.
- g. O Cmdt Pel ordena as VBR, que estavam no apoio, para se moverem, rompendo o combate.
- h. O pelotão continua a executar lanços de rotura até:
  - Que se romper o contacto;
  - Que passe para uma posição superior de apoio pelo fogo;
  - Que as esquadras ou secções de manobra se encontrem na posição, para conduzir a próxima missão.
- i. Na falta de instruções do comandante, o pelotão move-se para o último ponto de reunião estabelecido.
- j. Os Cmdts Esq/Sec contam os soldados, reportam, reorganizam se necessário, continuando a missão.
- k. O Cmdt Pel reporta a situação ao Cmdt Comp.

### **E-3. Reagir a uma emboscada**

Situação: Se a secção ou o pelotão entrar numa zona de morte e o inimigo iniciar uma emboscada com armamento capaz de provocar danos na nossa força e grande volume de fogos, a unidade toma as seguintes medidas.

Ações pretendidas (Figura E-5)

- a. Numa emboscada próxima (alcance da projeção de uma granada), responder rapidamente pelo fogo, tomar uma posição coberta e abrigada e lançar granadas ofensivas, defensivas ou de fumos.

- (1) Imediatamente à detonação das granadas, os soldados na zona de morte efetuam o assalto, usando fogo e movimento.
  - (2) O pessoal na zona de morte deve imediatamente:
    - Identificar as posições inimigas;
    - Iniciar de imediato fogos de supressão contra o inimigo;
    - Deslocar para posições cobertas e abrigadas;
    - Transportar os fogos, assim que os soldados, na zona de morte, assaltam a força inimiga.
- b.** Na emboscada afastada (para além do alcance de projeção de uma granada), os soldados batidos pelo fogo, rapidamente respondem ao fogo, tomam uma posição coberta e abrigada e suprimem o inimigo:
- Destruindo ou suprimindo armas coletivas ou de viatura, em primeiro lugar;
  - Cegando o inimigo com fumos;
  - Contínuo apoio de fogos de supressão.
- (1) As secções ou esquadras, que não se encontram sob fogo, movem-se por itinerários cobertos e abrigados, para um flanco da posição inimiga e assaltam usando fogo e movimento.
  - (2) Os soldados, na zona de morte, continuam a executar fogos de supressão e fazem transporte de fogos, assim que a esquadra ou secção de assalto entre em contacto com a posição inimiga.
- c.** O OAV atribuído ao pelotão faz um pedido de fogos e regula, a pedido do Cmdt Pel. Podem ser utilizados por ordem, sobre a posição inimiga para a suprimir, isolá-la ou abatê-los quando se encontram em retirada.
- d.** O Cmdt Sec/Pel reporta, reorganiza se necessário e continua a missão.

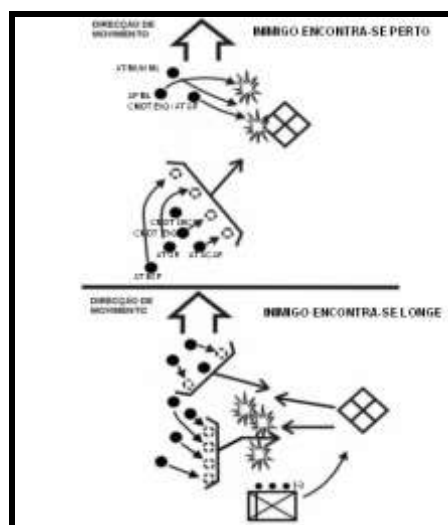


Figura E-5 - Reagir a uma emboscada

#### **E-4. Assalto a casamatas**

Situação: O pelotão identifica o inimigo numa casamata, quando se move como parte integrante de uma força maior.

Ações pretendidas (Figura E-6/7)

- a.** O pelotão inicia contacto:
  - (1) A secção em contacto estabelece uma base de fogos.
  - (2) O Cmdt Pel, o seu RTL e OAV, chegam próximo do Cmdt Sec em contacto para esclarecer a situação.
  - (3) O SargPel chega à frente e assume posição na base de fogos, controlando-a.
  - (4) Os elementos da base de fogos:
    - Suprimem ou eliminam primeiro as armas coletivas ou de viaturas;
    - Cegam o inimigo através de fumos;
    - Sustentam fogos de supressão com o baixo efetivo;
    - O OAV do pelotão pede e regula fogos indiretos coordenados pelo Cmdt/SargPel.
- b.** O Cmdt Pel determina se consegue manobrar, identificando os seguintes aspetos:
  - Casamatas inimigas, outras posições de apoio e obstáculos;
  - Dimensão das forças inimigas em contacto com o inimigo. O número de armas coletivas, a presença de veículos e o emprego de fogos indiretos são indicadores da sua força;
  - Um flanco vulnerável de pelo menos uma casamata;
  - Um itinerário coberto e abrigado a flanquear a casamata.
- c.** O Cmdt Pel determina qual a casamata que deve ser assaltada em primeiro lugar e que elementos executam o assalto.
- d.** Se necessário, o SargPel reposiciona os elementos na base de apoio para isolar a casamata e continuar com os fogos de supressão.
- e.** A secção de assalto, com o Cmdt Pel e o RTL, move-se por um itinerário coberto e abrigado e executa o assalto da casamata.
  - (1) O Cmdt Sec acompanha a esquadra de assalto por um itinerário coberto e abrigado até ao flanco da casamata.
    - (a) A esquadra de assalto aproxima-se da casamata pelo seu lado cego não entrando no campo de tiro dos elementos da base de fogos.
    - (b) Os soldados devem estar atentos ao apoio de outras casamatas ou às posições de apoio inimigas.
  - (2) Quando alcançam a última posição coberta e abrigada:

- (a) A esquadra de apoio, constituída pela ML, mantém-se no local para executar fogos de supressão sobre a casamata.
  - (b) O Cmdt Sec posiciona-se onde melhor possa controlar a secção. Ao sinal deste, os elementos de apoio fazem transporte de fogos para o setor de tiro oposto ao que o elemento de assalto utiliza, no assalto à casamata.
  - (c) O atirador granadeiro bate o espaço morto da casamata, enquanto o seu Cmdt Esq se coloca numa posição abrigada perto da saída, atirando uma granada pela abertura, para o interior da casamata.
  - (d) Depois de a granada detonar, o Cmdt Esq entra na casamata, executando dois disparos seguidos destruindo o inimigo.
- (3) O Cmdt Sec inspeciona a casamata para assegurar que foi destruída. Reporta e reorganiza, se necessário, continuando a missão. O pelotão segue o sucesso do ataque contra a casamata e continua o ataque a outras casamatas.
- (a) O Cmdt Pel reposiciona as secções nas bases de fogos para se moverem e adquirirem outras casamatas, mantendo os fogos de supressão.
  - (b) O Cmdt Pel ou redefine uma base de fogos para se direccionar o ataque à próxima casamata ou direccionam apenas a secção de assalto, mantendo a mesma base de fogos.

**NOTA:** O Cmdt Pel deve ter em conta as condições em que se encontram as secções de assalto (munições e exaustão), e fazer rodar as secções se necessário.

- (4) Ao sinal do Cmdt Pel, os elementos da base de fogos, executam o transporte de fogos, para o setor oposto ao da secção que vai ao assalto.
  - (5) Ao mesmo tempo o OAV do pelotão direciona os fogos indiretos para isolar as posições inimigas.
- f. A secção de assalto executa os procedimentos para conquistar a próxima casamata.
- g. O Cmdt Pel reporta, reorganiza, se necessário e continua a missão. A companhia segue o sucesso do ataque do pelotão e continua o assalto às posições inimigas.



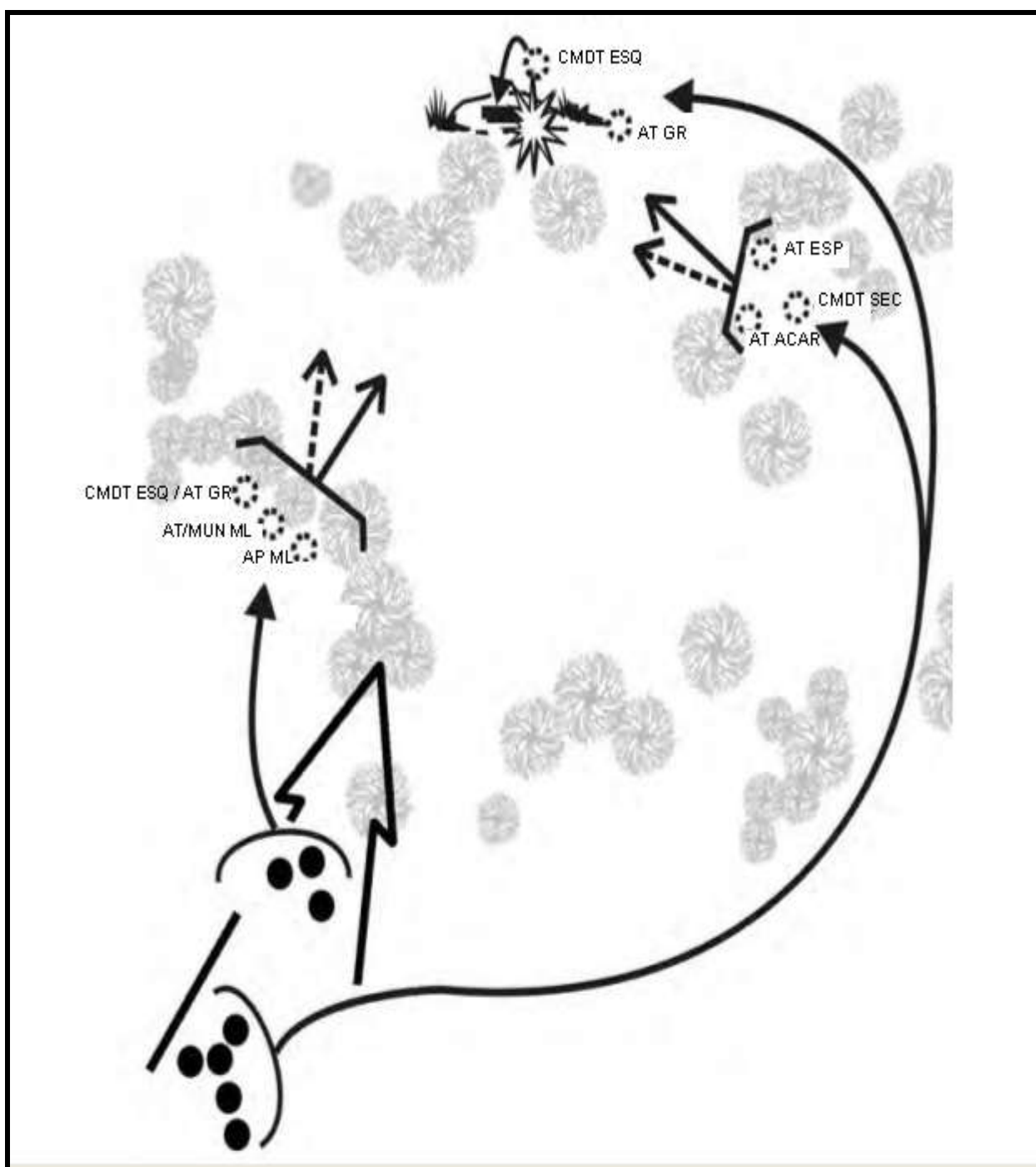


Figura E-6 - Assalto de uma casamata (secção de atiradores)

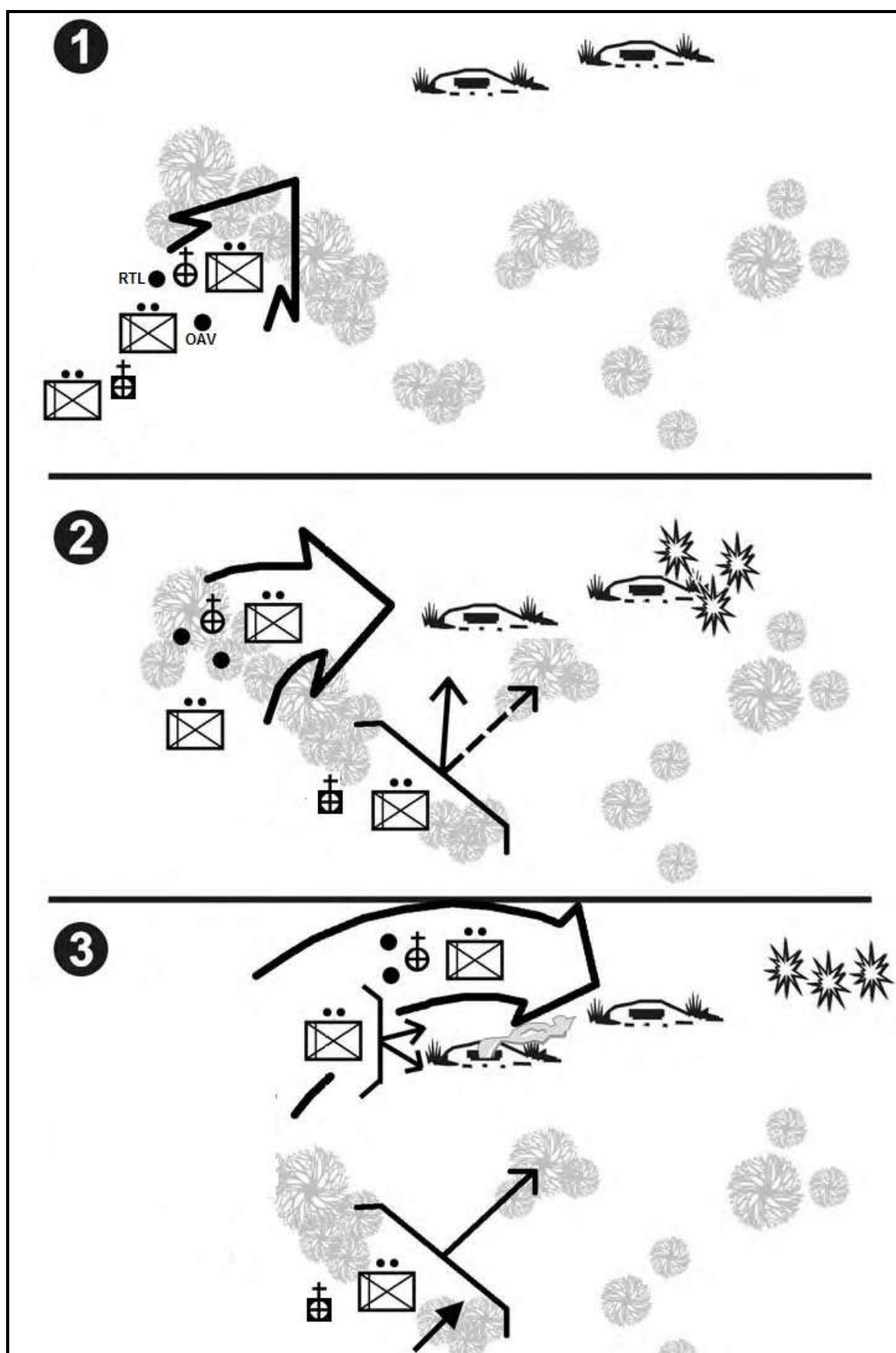


Figura E-7 - Assalto de uma casamata (pelotão de atiradores)

## **E-5. Entrar num edifício / limpeza de compartimento**

Situação: Operando como parte de uma força, a secção em movimento identifica uma força inimiga num edifício.

Ações pretendidas (Figura E-8/9)

**NOTA:** A discussão que se segue, refere-se ao emprego do pelotão de atiradores com as suas armas orgânicas, não lhe sendo atribuído qualquer reforço. O método preferencial para entrar num edifício, é o uso de um canhão de CC, fogo direto de artilharia, *TOW* ou outra arma anticarro para limpar o primeiro compartimento. Em algumas situações urbanas pode ser necessário o uso de poder de fogo adicional. No ambiente urbano é frequente que misturem os combatentes com não combatentes. A presença de civis pode restringir o uso de fogo e reduzir o poder de combate do pelotão, que poderá ter de atuar em áreas restritas de fogo. As ROE podem proibir o uso de certas armas até que a situação se degrade e sejam alteradas as ROE. O uso de granadas-de-mão e fogos de supressão, ao entrar nos compartimentos, podem ser interditos para não causar baixas em não combatentes e ocorrerem danos colaterais. Todos os comandantes devem conhecer permanentemente ROE e o uso preciso do armamento no planeamento das missões urbanas. Os comandantes devem ainda coordenar a utilização de sistemas de identificação para prevenir baixas causadas por fogo amigo.

- a. A esquadra de apoio inicia o contacto, estabelece uma base de fogos e suprime o inimigo no edifício e no seu perímetro.
- b. O Cmdt Sec executa o movimento e identifica:
  - O edifício e quaisquer obstáculos;
  - A dimensão da força inimiga em contacto com a secção;
  - Um ponto de entrada (esquadra de assalto deve entrar no edifício no ponto mais alto possível), de preferência através do telhado;
  - Um itinerário coberto e abrigado para o ponto de entrada.
- c. A esquadra de apoio em contacto:
  - Destrói ou suprime as armas principais do inimigo;
  - Cega o inimigo com fumos;
  - Garante fogos de supressão.
- d. O Cmdt Sec direciona a esquadra de apoio para o apoio da esquadra de assalto.
- e. Se necessário, a esquadra de apoio reposiciona-se para isolar o edifício, assim como para manter os fogos de supressão (normalmente esta tarefa é dada ao pelotão (-)).

- f. O Cmdt Sec designa o ponto de entrada no edifício. O pelotão e secção transportam os fogos e continuam a suprimir o inimigo em posições adjacentes para isolar o edifício. O OAV do pelotão transporta os fogos indiretos para além do edifício.
- g. O Cmdt Sec e a esquadra de assalto aproximam-se do edifício e posicionam-se de ambos os lados da entrada (os soldados devem evitar entrar em edifícios através de portas e janelas, pois as armas inimigas, no seu interior, normalmente estão a cobri-las pelo fogo).
- h. Manter na mão a granada (2 segundos no máximo) e arremessá-la para o interior do compartimento, preparando-se de seguida para entrar.

**PERIGO:** Se as paredes e os pisos forem fracos e finos, não garantem proteção dos fragmentos de granadas.

- i. Depois da explosão, o primeiro soldado entra no edifício e posiciona-se à direita (esquerda) da entrada, contra a parede, identifica e abate as posições inimigas com fogo rápido de dois disparos seguidos, reconhecendo-se todo o compartimento. O resto da esquadra garante segurança imediata fora do edifício.
- (1) A dimensão e forma do compartimento, pode direcionar a entrada do soldado para a esquerda ou direita. O primeiro soldado a entrar decide para onde o próximo se vai direcionar e posicionar, dando a resposta a VOU ENTRAR, a direção PARA A ESQUERDA/DIREITA. Este homem entra no compartimento, posiciona-se na sua posição contra a parede e reconhece o local rapidamente. Quando em posição grita PRÓXIMO HOMEM, seguindo-se os mesmos procedimentos.
- (2) Dependendo da situação do inimigo, dimensão da entrada e treino da secção, os dois primeiros soldados podem entrar no compartimento em simultâneo, depois da detonação da granada. O soldado do lado direito da entrada, entra e dispara da esquerda para a direita, e move-se encostado a parede para a direita. Ao mesmo tempo, o soldado no lado esquerdo da entrada entra e dispara da direita para a esquerda, e move-se para a esquerda encostado à parede. O primeiro dispara para o setor de baixo e o segundo para o setor de cima, não abatendo os dois o mesmo alvo. Este método coloca um maior poder de fogo no compartimento da maneira mais rápida, mas requer uma boa coordenação e, por isso, muito treino. Quando ambos os soldados estão em posição, o soldado mais antigo dá a ordem PRÓXIMO HOMEM.
- j. O comandante da esquadra de assalto grita VOU ENTRAR, movendo-se para a direita ou esquerda conforme indicação, encostado à direita, posicionando-se no

melhor local para controlar a sua esquadra, mas não bloqueia a entrada. Faz uma rápida avaliação de tamanho e forma do compartimento e inicia a sua limpeza. Determina se os restantes elementos da equipa são necessários na limpeza do compartimento.

- (1) Se o comandante de esquadra decidir a entrada desse homem, ele grita PRÓXIMO HOMEM, este responde VOU ENTRAR, vindo a ordem PARA A DIREITA/ESQUERDA, entrando assim no edifício e iniciando também a limpeza do compartimento.
- (2) Se o comandante de esquadra decidir que não deve entrar, ele grita PRÓXIMO HOMEM AGUARDA. Este mantém-se no exterior do edifício e garante a segurança daquela posição. O comandante de esquadra dá a ordem para o homem da direita iniciar a limpeza. Este reporta ao Cmdt Sec a situação e assume a posição do homem da direita para lhe garantir o apoio.

**PERIGO:** Na limpeza de compartimentos, os soldados devem estar alertas a arames de tropeçar e armadilhas. Não se devem expor nas janelas e portas.

- k. Assim que o compartimento estiver limpo, o comandante de esquadra informa o Cmdt Sec que o compartimento está limpo.
- l. O Cmdt Sec entra no edifício e marca o ponto de entrada de acordo com as NEP's da unidade. O Cmdt Sec determina se a sua secção pode continuar a limpar os compartimentos e manter o apoio de fogos de supressão no exterior do edifício. Normalmente é necessário um pelotão para limpar um edifício.
- m. O Cmdt Sec e esquadra de assalto movem-se para a entrada do próximo compartimento a ser limpo e posicionam-se de ambos os lados da entrada. A secção entra e limpa todos os compartimentos subsequentes repetindo as ações discutidas nos parágrafos h até l.
- n. O Cmdt Sec direciona as esquadras para limpar o próximo compartimento. Executa a rotação das equipas, se necessário, para manter os soldados frescos, distribuindo equitativamente as tarefas perigosas, e continuando o momento do ataque.
- o. O Cmdt Sec segue a esquadra de assalto assegurando-se que os compartimentos se encontram bem limpos e identificados de acordo com as NEP's.
- p. O Cmdt Sec verifica a situação e a sua capacidade para continuar a limpeza. Reporta a situação ao Cmdt Pel.
- q. A secção consolida a sua posição no edifício e reorganiza se necessário. Comandantes redistribuem as munições.

**NOTA:** Normalmente as secções e pelotões suprimem o inimigo nos edifícios através do uso de armas de elevado calibre (MP, *Howitzer*, CC se disponíveis).

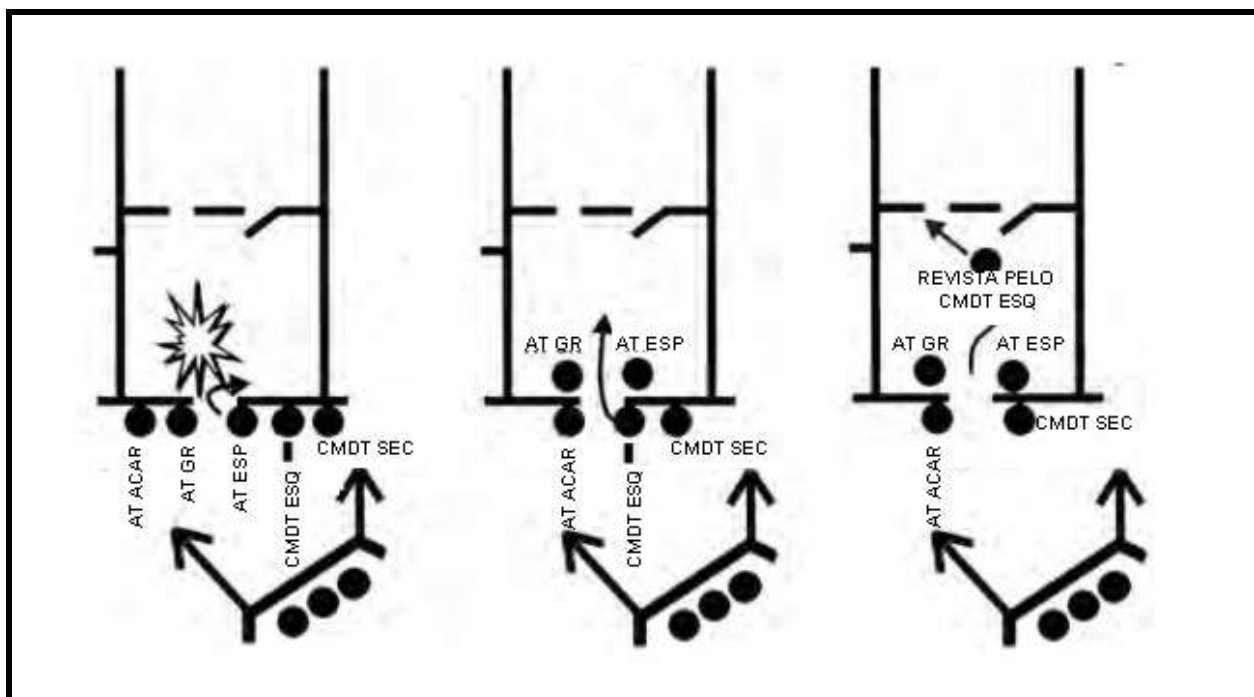


Figura E-8 - Entrar num edifício (secção)

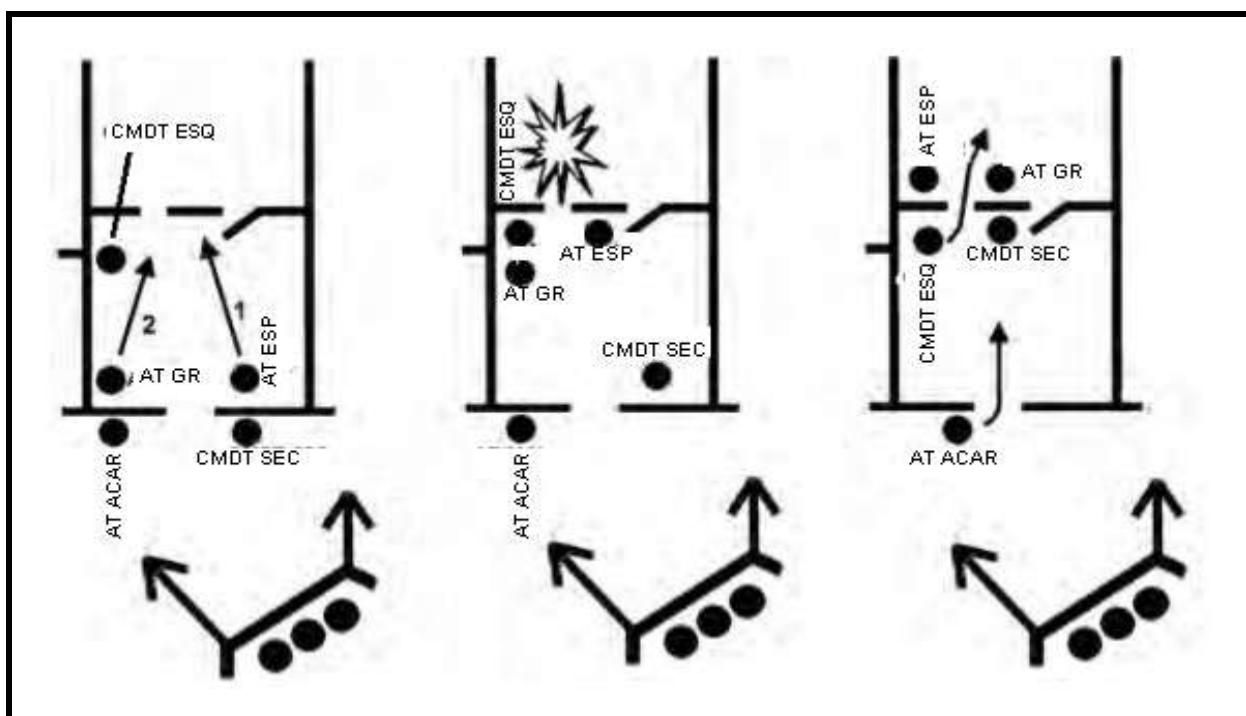


Figura E-9 - Limpeza de um compartimento (secção)

## E-6. Entrar e limpar trincheiras

Situação: O pelotão ataca integrado numa companhia e identifica o inimigo numa linha de trincheiras. O pelotão estabelece uma base de apoio pelo fogo. O CmdtPel determina que tem poder de combate suficiente para manobrar e assaltar a linha de trincheiras.

Ações necessárias: (Figura E-10, Figura E-11).

- a. O CmdtPel designa uma secção para entrar na trincheira e garantir uma base firme.
- b. O CmdtPel designa o ponto de entrada na trincheira e a direção da limpeza.
- c. O SargPel posiciona as secções de apoio para suprimir a trincheira e isolar o ponto de entrada.
- d. A secção no assalto executa as ações necessárias para entrar na trincheira e estabelece uma base firme. O CmdtSec designa uma esquadra para o assalto e uma esquadra para efetuar o apoio próximo, que de seguida acompanha e apoia a esquadra de assalto. Ele difunde o ponto de entrada na trincheira.
  - (1) O CmdtSec e a esquadra de assalto deslocam-se para a última posição coberta e abrigada antes do ponto de entrada.
    - (a) O CmdtSec diz onde é o ponto de entrada.
    - (b) Os elementos na base de apoio pelo fogo efetuam transporte de fogos para fora do ponto de entrada e continuam a suprimir as posições inimigas adjacentes ou a isolar a trincheira, conforme necessário.
    - (c) A esquadra em apoio próximo permanece numa posição próxima da trincheira para suprimir o ponto de entrada.
    - (d) O atirador especial e atirador granadeiro continuam na esquadra de assalto em direção ao ponto de entrada. Eles deslocam-se em silhueta reduzida ou a rastejar.
    - (e) O CmdtPel posiciona-se onde melhor controlar as suas secções.
  - (2) Os dois primeiros soldados aproximam-se da entrada da trincheira, paralelamente à vala, deitados de costas e, à ordem do CmdtSec, mantém as granadas na mão (máximo de dois segundos), gritam GRANADA e atiram-nas para dentro da trincheira.
    - (a) Depois de garantir que as granadas detonaram, os soldados rolam para dentro da trincheira, aterrando de pé, costas com costas. Efetuam dois disparos para o seu setor. Imediatamente, os dois soldados deslocam-se em sentido oposto, continuando a disparar dois tiros consecutivos. Cada soldado continua até que atinja a primeira esquina ou cruzamento. Ambos os soldados param e adotam uma posição defensiva para bloquear qualquer movimento do inimigo em direção ao ponto de entrada.

- (b) Após a detonação das granadas, o CmdtSec de assalto desloca-se imediatamente, com os restantes elementos da secção para o ponto de entrada e entram na trincheira. O Cmdt Secção direciona-os para um dos cantos ou cruzamentos seguros, regressando o elemento de segurança à sua esquadra.
- (3) O CmdtSec permanece no ponto de entrada e sinaliza-o.
- (4) O CmdtSec reporta ao CmdtPel que entrou na trincheira e conquistou uma base firme. O restante pelotão segue pelo mesmo itinerário que a secção de assalto utilizou para o ponto de entrada e continua a limpeza da trincheira a partir da base firme, segundo uma direcção designada pelo CmdtPel.
- (5) A secção reorganiza-se, e procede a redistribuição de munições.
- e. O CmdtPel direciona uma das secções que se encontra na base de apoio pelo fogo, para entrar na trincheira e começar a limpá-la a partir da base firme, segundo uma direcção designada pelo CmdtPel.
- f. O elemento de apoio, muda de posição, se necessário, para continuar a suprimir o inimigo.
- g. O CmdtPel desloca-se para a trincheira com a secção de apoio, agora no assalto.
- h. A secção no assalto passa pela secção que conquistou a base firme e executa as coordenações necessária passa assumir o controlo do assalto e limpeza da trincheira.
  - (1) O CmdtSec, designa a esquadra testa e a esquadra cauda.
  - (2) A esquadra testa e o CmdtSec deslocam-se até a próxima esquina ou cruzamento que se encontra seguro pelos elementos que conquistaram a base firme (parágrafo d.2.a). O CmdtSec informa esse elemento que a sua secção está pronta para continuar a limpeza da trincheira. A esquadra cauda desloca-se atrás mantendo sempre o contacto visual com o último soldado da esquadra testa.

**NOTA:** Nesta técnica, a posição do CmdtEsq será na retaguarda da sua esquadra para ter um controlo direto (fisicamente, se necessário) dos seus soldados. Os outros soldados da esquadra rodam entre si, a função de homem testa, na esquadra. Os soldados efetuam esta rotação para trocarem de carregador ou preparar granadas. Efetuando-se esta rotação do homem testa, garante-se uma supressão constante da trincheira e mantém-se o ímpeto do ataque na limpeza da trincheira.

- (3) A secção passa o elemento que está a montar segurança no canto ou cruzamento.



- (a) O elemento testa da esquadra testa desloca-se através do soldado que está na esquina ou cruzamento, toca-lhe e anuncia que vai assumir a liderança na limpeza da trincheira (grita VOU PASSAR).
- (b) O soldado que está na esquina ou cruzamento, reconhece a passagem do novo elemento testa, gritando OK. Ele permite que a secção passe por ele.
- (4) A esquadra testa começa a limpeza no sentido do deslocamento. Eles chegam a um canto ou cruzamento.
  - (a) O segundo soldado segura a granada na mão (máximo de dois segundos), grita GRANADA e lança a granada para o outro lado da esquina.
  - (b) Após a detonação da granada, o soldado dobra a esquina, efetua 2 disparos e avança. Toda a esquadra e secção testa, avançam para a próxima esquina ou cruzamento.
- (5) O CmdtSec:
  - Segue imediatamente atrás do CmdtEsq;
  - Assegura que a esquadra cauda acompanha o deslocamento e está pronta a liderar a limpeza da trincheira;
  - Certifica-se da troca do elemento testa, se necessário, por soldados frescos mantendo o ímpeto do ataque;
  - Pede fogos indiretos, se necessário, através do CmdtPel.

**PERIGO**

**AS ESQUADRAS DEVEM MANTER DISTÂNCIA SUFICIENTE ENTRE ELAS, PARA EVITAR QUE SEJAM EMPENHADAS PELO MESMO FOGO INIMIGO.**

- (6) Em cada canto ou cruzamento, a esquadra testa executa as ações acima descritas (paragrafo 5).
- (7) Se o soldado que vai a frente se aperceber, antes de chegar a uma esquina ou cruzamento, que está quase sem munições grita VAZIO.
  - (a) Imediatamente, o soldado pára e encosta-se a um dos lados da trincheira, para deixar o resto da esquadra passar. Ele continua a efetuar pontaria para a trincheira, no sentido do deslocamento.
  - (b) O soldado mais próximo assume a liderança na limpeza da trincheira.
  - (c) O soldado que ficou sem munições grita OK, trocam de posição e continuam a limpeza.
- (8) A esquadra cauda monta segurança às intersecções e sinaliza o percurso dentro da trincheira à medida que a secção avança. O CmdtEsq cauda garante que as

secções que o seguem passam a garantir a segurança às intersecções, para assim libertar os seus soldados para a limpeza da trincheira.

(9) O CmdtSec relata o progresso da operação de limpeza. (A secção que está na base firme deve ser capaz de identificar a localização da secção no assalto em todos os momentos.)

- i. O CmdtPel procede a rotação das suas secções para manter os soldados frescos e para manter o ímpeto do assalto.
- j. O SargPel chama a frente o reabastecimento de munições e organiza equipas para levá-lo até a secção da frente.
- k. A secção que está na base firme garante que todo o movimento das forças amigas para a trincheira, se realiza apenas pelo ponto de entrada designado. (Todos os movimentos devem ser feitos por dentro da trincheira para evitar acidentes por fogo amigo). O CmdtPel relata para o CmdtComp que a linha de trincheiras está segura ou que ele esgotou a sua capacidade de limpeza.

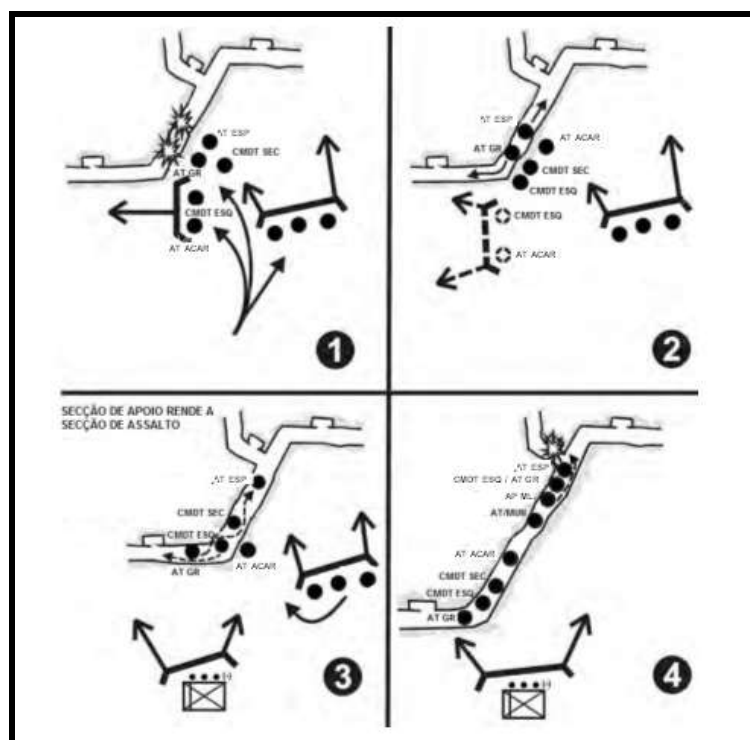


Figura E-10 - Entrar numa trincheira (secção)

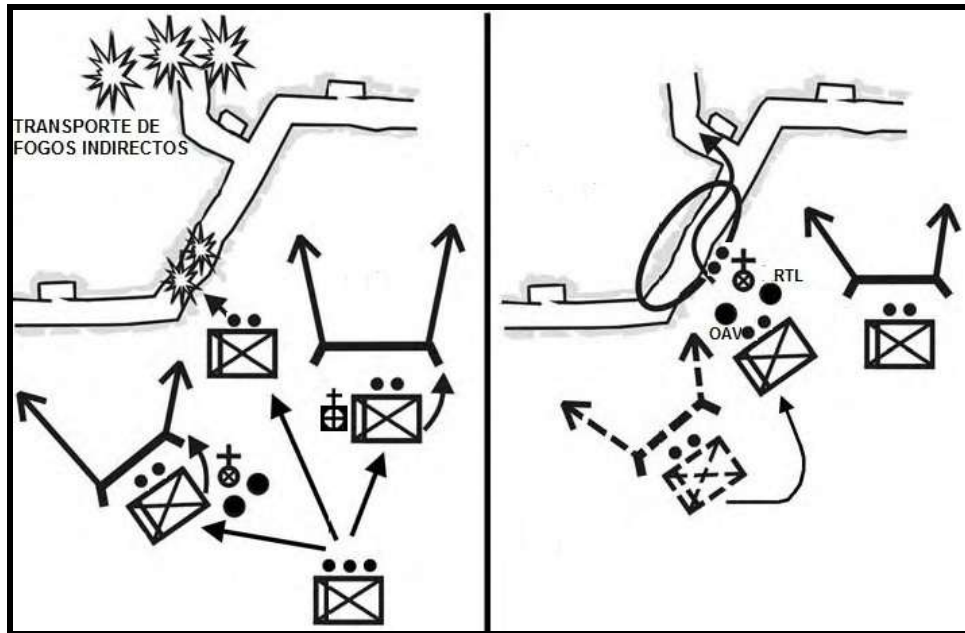


Figura E-11 - Limpeza de uma trincheira (pelotão)

#### E-7. Conduzir uma brecha num obstáculo artificial (pelotão)

Situação: O pelotão opera integrado num escalão superior. A secção testa identifica um obstáculo de arame farpado, reforçado com minas que não pode ser transposto, havendo uma posição inimiga no lado afastado ao obstáculo.

Ação pretendida (Figura E-12/13)

- a. O Cmdt Pel, RTL e OAV, chegam à frente para esclarecer a situação com o comandante da secção testa.
- b. O Cmdt Pel determina como irá manobrar identificando:
  - Obstáculos e posições inimigas cobertas pelo fogo;
  - A dimensão da força inimiga em contacto com a secção (número de armas coletivas, presença de viaturas, e emprego de fogos indirectos são indicadores da força do inimigo);
  - O ponto de brecha;
  - Um itinerário coberto e abrigado de acesso ao ponto de brecha;
  - Uma posição para apoio pelo fogo, suficientemente larga para uma secção reforçada.
- c. O Cmdt Pel direciona uma secção para apoiar o movimento de outra (s) até ao ponto de brecha. Indica a posição de apoio pelo fogo, o itinerário de acesso, a posição inimiga a ser suprimida, ponto de entrada e itinerário a ser utilizado pelo resto do pelotão. Também fornece instruções para o transporte e o cessar fogos.
- d. A partir do momento que a brecha é feita, o Cmdt Pel nomeia uma secção, como secção brecha e outra secção como secção de assalto (a secção de assalto pode

juntar os seus fogos ao elemento na base de fogos. Normalmente, segue pelo itinerário coberto e abrigado da secção brecha e assalta imediatamente a brecha ser feita).

- e. Uma secção nomeada move-se e estabelece uma base de fogos.
- f. O SargPel move-se com a secção da base de fogos e assume o seu controlo.
- g. Ao sinal do Cmdt Pel, o elemento da base de fogo:
  - Destrói ou suprime as armas coletivas do inimigo;
  - Cega a posição inimiga com fumos;
  - Mantém fogos de supressão ao nível mais baixo.
- h. O Cmdt Pel designa um ponto de brecha e lidera a secção de brecha e assalto através de um itinerário coberto e abrigado.
- i. O OAV do pelotão executa pedidos e regula os fogos indiretos, coordenados com o Cmdt Pel.
- j. A secção brecha executa a abertura de brecha no obstáculo.
  - (1) O Cmdt Sec coordena uma esquadra para executar a brecha e outra para apoiar o seu movimento.
  - (2) O Cmdt Sec identifica o ponto de brecha.
  - (3) O elemento da base de fogos continua a garantir fogos de supressão e a isolar o ponto de brecha.
  - (4) A esquadra brecha com o Cmdt Sec move-se até ao ponto de brecha usando um itinerário coberto e abrigado.
    - (a) O Cmdt Sec e comandante da esquadra brecha, empregam fumos para cegar o ponto brecha. O elemento na base de fogos do pelotão transporta os fogos para além do ponto de brecha e continuam a suprimir posições chave inimigas. O OAV levanta os fogos indiretos para além do obstáculo.
    - (b) O comandante da esquadra brecha posiciona-se com um atirador num flanco do ponto de brecha e garante segurança próxima.
    - (c) O granadeiro e outro atirador da esquadra brecha procura por minas e corta o arame farpado (o torpedo bengalório é preferível, se disponível).
    - (d) Assim que o obstáculo tenha sido aberto, o comandante da esquadra brecha e a sua parelha, movem-se para o lado afastado do obstáculo e tomam posições cobertas e abrigadas com o granadeiro e a sua parelha. O comandante de esquadra faz sinal ao Cmdt Sec quando estiverem em posição e prontos para o apoio.
  - (5) O Cmdt Sec faz sinal ao comandante de esquadra de apoio para mover a sua esquadra através da brecha. Ele manda a equipa ML mover-se através da

brecha e juntar-se à esquadra brecha, aguardando na sua posição para guiar o resto do pelotão a passar pelo obstáculo.

- (6) Usando o mesmo itinerário coberto e abrigado que a esquadra brecha, a secção de apoio move-se através da brecha e toma uma posição coberta e abrigada do lado afastado.

- (7) O Cmdt Sec reporta ao Cmdt Pel e consolida, se necessário.

- k. O Cmdt Pel lidera a secção de assalto através da brecha na passagem do obstáculo e posiciona-os para lá da brecha para apoiar o movimento do pelotão ou assaltar a posição inimiga que cobria o obstáculo.
- l. O Cmdt Pel reporta a situação ao Cmdt Comp e ordena ao elemento na base de fogos a mover-se e passar o obstáculo. O Cmdt Pel deixa guias para guiar a companhia através do ponto brecha.
- m. A companhia segue o movimento do pelotão que executa a brecha e continua o assalto às posições inimigas.

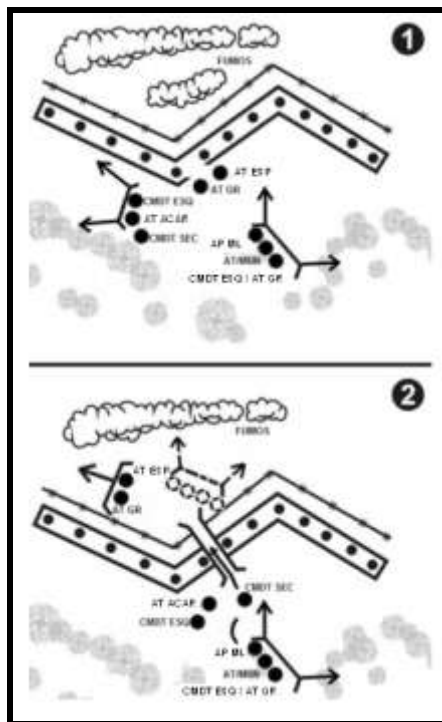


Figura E-12 - Conduzir uma brecha num obstáculo artificial (secção)

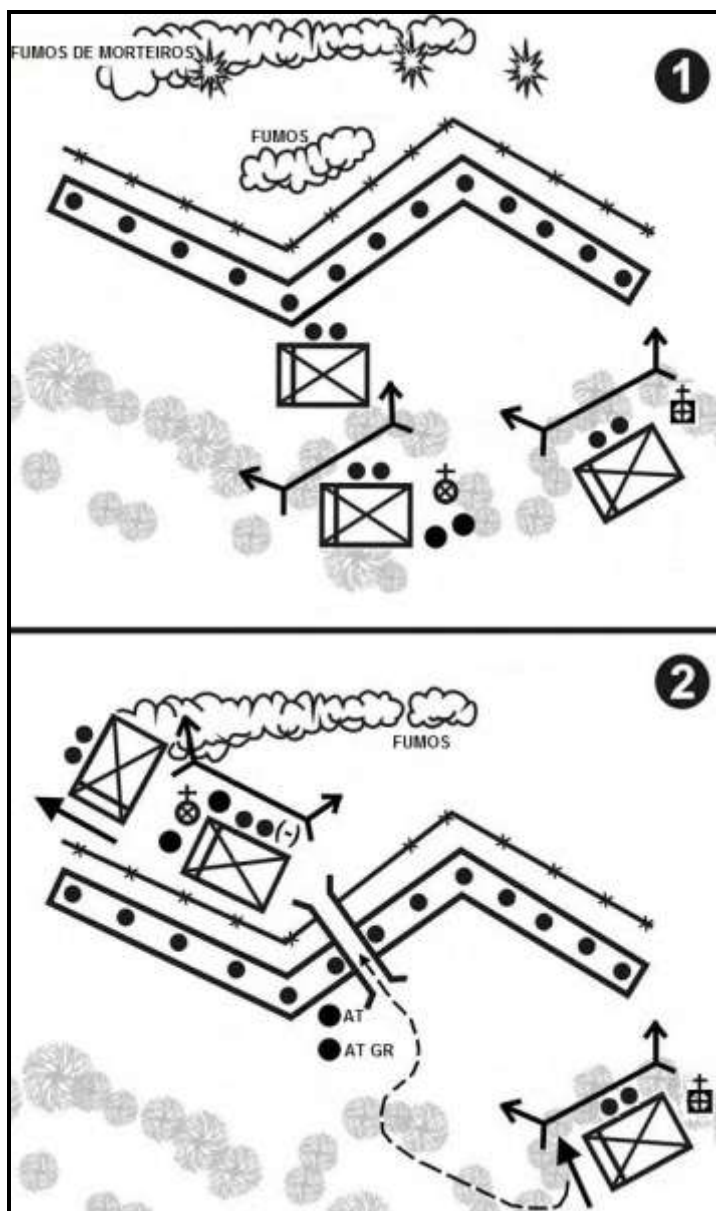


Figura E-13 - Conduzir uma brecha num obstáculo artificial (pelotão)

## SECÇÃO II - TAREFAS CRÍTICAS DE GUARNIÇÃO

As tarefas críticas de guarnição são ações coletivas, que a guarnição de armas ou equipamento devem respeitar, de modo a ser usado com sucesso, bem como preservar a vida da guarnição. Esta ação é uma resposta treinada para responder facilmente às ordens dos comandantes, requerendo um mínimo de ordens para se cumprir.

### E-8. Tarefas críticas de guarnição 1. Retirada (guarnição/secção)

Situação: A VBR, com a secção montada, encontra-se sob fogo hostil obrigando a guarnição e secção a retirarem do veículo.

Ações requeridas

- a. Procedimentos de retirada da tripulação da VBR.

(1) Apontador de Metralhadora Pesada:

- (a) Alerta os soldados pelo sistema de intercomunicação ou ao comando de voz se o comunicador não funcionar. Ordena “DESEMBARCAR”.
- (b) Desligar o interruptor das comunicações todas da VBR carregando no interruptor *on/off*.
- (c) Desconectar o capacete e guarnecer a arma principal.
- (d) Evacuar do veículo pela porta ou rampa de saída ou escotilhas.
- (e) Verificar o condutor.
- (f) Guarnecer segurança da VBR.

**NOTA:** Os soldados ao apearem devem usar a VBR como cobertura de fogos diretos inimigos.

(2) Condutor:

- (a) Parar o veículo.
- (b) Baixar a rampa.
- (c) Desligar a VBR colocando o *master* eletrónico em *off*, e cortar o combustível.
- (d) Desconectar o capacete e desapertar o cinto de segurança.
- (e) Guarnecer a sua arma.
- (f) Evacuar da VBR pela escotilha do condutor se possível. Se o condutor não o conseguir, deve sair pelo compartimento da tripulação.

**b. Procedimentos de retirada da guarnição do compartimento e membros da secção.**

(1) Cmdt Sec ou de esquadra

- (a) Gritar “DESEMBARCAR”.
- (b) Retira e desconectar o capacete ou “*headset*”.
- (c) Retirar o cinto de segurança.
- (d) Guarnecer a sua arma e rádio da secção.
- (e) Evacuar da VBR pela rampa ou porta de acesso.
- (f) Contar os soldados e equipamento.

(2) Membros de Secção/Esquadra

- (a) Retirar os cintos de segurança.
- (b) Retirar e desconectar o capacete quem o possuir.
- (c) Guarnecer as armas (individual e coletiva).
- (d) Evacuar da VBR pela rampa, porta de acesso ou escotilhas.

## **E-9. Tarefas críticas de guarnição 2. Evacuar pessoal ferido da VBR**

Situação: Um membro da guarnição ou secção encontra-se ferido.

Ações requeridas

**a. Evacuar pela escotilha do comandante.**

**(1) Evacuar o apontador de MP pela sua escotilha**

**(a) Cmdt Sec ordena “EVACUAR O APONTADOR DE MP”.**

**(b) Condutor:**

- Move-se para a posição coberta mais próxima e para a VBR.
- Baixa o corta arames (se existir).

**(c) Cmdt Sec:**

- Desligar os meios rádio da viatura colocando os controlos em “off”;
- Efetuar rapidamente os primeiros socorros;
- Colocar a VBR em posição para remoção do apontador do veículo;
- Ajustar o acento a uma posição elevada, tendo atenção a não causar mais ferimentos;
- Retirar o cinto de segurança e desligar a ligação ao capacete;
- Designar uma equipa para evacuar o apontador de MP.

**(d) Uma esquadra sai da VBR pela rampa, porta de acesso ou se necessário pelas escotilhas:**

- Mover-se para a frente do veículo para ajudar na remoção do ferido;
- Dois membros sobem a VBR pela frente e movem-se até à escotilha do apontador de MP.

**(e) Membros da esquadra:**

- Abrir e guarnecer a escotilha do apontador de MP;
- Colocar um cinto (ou similar) à volta do peito do apontador e lentamente puxá-lo para o exterior. Se o apontador se encontrar com colete balístico tomar atenção ao seu tamanho e peso (este passo pode necessitar de dois elementos para acomodar o material albergado pelo apontador a passar pela escotilha);
- Dois membros da esquadra desmontam pela frente esquerda da VBR, para assistir na transposição do apontador do veículo para o solo;
- Baixar o apontador da VBR para os membros da esquadra no solo;
- Os membros da esquadra colocam o apontador no solo e administram os primeiros socorros.



- b.** Evacuar o apontador de ML pelo compartimento da secção.
  - (1) Cmdt Sec ordena “EVACUAR O APONTADOR DE MP”.
    - (a) Desligar as comunicações carregando no “*off*” dos dispositivos.
    - (b) Conduzir rapidamente os primeiros socorros.
    - (c) Colocar o apontador em posição para o remover da VBR.
    - (d) Ajustar o acento à posição mais baixa possível, sendo cauteloso para não causar mais ferimentos.
    - (e) Desapertar o cinto de segurança do apontador.
    - (f) Designar uma esquadra para evacuar o apontador.
  - (2) Condutor move-se para a posição coberta mais próxima, para a viatura e baixa a rampa.
  - (3) Membros da esquadra. Os dois membros retiram o apontador da VBR, colocam-no no solo e garantem primeiros socorros se necessário.
- c.** Evacuar condutor pelo compartimento da secção.
  - (1) Chefe de viatura ordena “EVACUAR O CONDUTOR”.

**NOTA:** Se o condutor não puder parar a VBR, um membro da secção deve-se mover para a frente, baixar o acento do condutor e desligar o “*master*” para parar o motor. A VBR irá lentamente parar.

- (2) Cmdt Sec.
  - (a) O Cmdt Sec retira todas as munições transportáveis que estejam a impedir a remoção do condutor e coloca-as no centro da viatura.
  - (b) O Cmdt Sec roda o *display* e restantes dispositivos do meio de acesso ao condutor.
  - (c) O Cmdt Sec nomeia uma esquadra para evacuar o condutor.
- (3) O Comandante de esquadra nomeia um membro para evacuar o condutor.
- (4) O membro da esquadra.
  - (a) Retira tudo do condutor deixando a sua proteção (colete balístico).
  - (b) Gatinha através do compartimento do condutor e retira o cinto de segurança.
  - (c) Liberta a alavanca do acento e baixa-o.
  - (d) Administra rapidamente os primeiros socorros.
  - (e) Puxa o condutor do seu assento para a retaguarda através do compartimento da tripulação.
  - (f) Os restantes membros da tripulação ajudam no retirar do condutor até ao solo e administram os primeiros socorros, se possível.

**d. Evacuar o condutor pela escotilha do condutor.**

- (1) Chefe de viatura ordena “EVACUAR O CONDUTOR”.
  - (a) Baixar o corta arame.
  - (b) Abrir a escotilha do condutor. Se a escotilha estiver danificada e não abrir, um membro da secção evacua o condutor para a retaguarda até ao compartimento da tripulação.
  - (c) Os deveres do chefe de viatura podem ser tomados pelos Cmdts Esq.
- (2) Cmdt Sec.
  - (a) Remover as munições do seu local e colocá-las no centro do compartimento de tripulação.
  - (b) Designar uma esquadra para evacuar o condutor.
  - (c) Designar uma esquadra para garantir a reposição de um condutor, verificar estado da VBR, efetuar reparações se necessário, e continuar a missão.
- (3) Comandante de esquadra.
  - (a) Designar um soldado para evacuar o condutor.
  - (b) Garantir a retirada do condutor para o exterior e executar a sua evacuação.
- (4) Membro da esquadra.
  - (a) Retirar todo o material do condutor deixando a sua proteção.
  - (b) Mover-se à retaguarda do condutor, retirar o cinto de segurança depois de baixar o banco.
  - (c) Administrar imediatamente os primeiros socorros.
  - (d) Desconectar o capacete e “*headset*” do condutor.
  - (e) Manter-se na VBR e assistir na remoção do condutor pegando, nas suas pernas.
  - (f) A esquadra desmonta e executa a evacuação.
  - (g) Subir pela frente da VBR e assistir o chefe de viatura na evacuação do condutor, verificando se algo do seu equipamento está preso.
  - (h) Dois membros da esquadra desmontam pela esquerda da VBR para assistir na passagem do condutor para o solo.
- (5) Chefe de viatura e membros da esquadra nomeada.
  - (a) O chefe de viatura cruza os seus braços pelo peito do condutor (se não for possível, coloca um cinto à volta do peito do condutor e puxa-o).
  - (b) O chefe de viatura e o membro da esquadra puxam o condutor para fora da VBR e entregam-no aos dois elementos no solo.
  - (c) Os elementos no solo agarram o condutor e deitam-no no solo aplicando os primeiros socorros.

**e. Evacuar um membro da secção.**

- (1) Comandante de esquadra, informa o chefe de viatura que um membro da secção está ferido.
- (2) Chefe de viatura ordena “EVACUAR MEMBRO DA SECÇÃO”.
- (3) Condutor move a viatura para uma posição coberta o mais próxima possível, para a VBR e baixa a rampa.

**NOTA:** Dependendo do soldado que está ferido, o Cmdt Sec nomeia a esquadra que o irá assistir na evacuação. Se o comandante de esquadra estiver ferido, o mais antigo toma o comando.

- (4) Os dois membros da esquadra nomeada removem o elemento ferido, colocam no solo e executam os primeiros socorros se possível.

**E-10. Tarefas críticas de guarnição 3. Extinguir um fogo (tripulação)**

Situação: A secção está montada. O chefe de viatura alerta a tripulação de fogo.

Ações requeridas

**a. Extinguir um fogo no compartimento do motor.**

**PERIGO**

**O EXTINTOR CONTÉM HFC-125 QUE É UM AGENTE TÓXICO. EM CONTACTO COM A PELE PROVOCA UM GRAVE ARREFECIMENTO. INALAR, EM CONCENTRAÇÕES ELEVADAS PODE CAUSAR EFEITOS RESPIRATÓRIOS COMO RESPIRAÇÃO OFEGANTE E PRODUIR ARRITMIAS DO CORAÇÃO.**

- (1) Chefe de viatura ordena FOGO, COMPARTIMENTO DO CONDUTOR.
  - (a) Alerta os soldados de um fogo no compartimento do motor pelo intercomunicador ou à voz, se este não se encontrar a funcionar.
  - (b) Prime o “off” do sistema de comunicações desligando-o.
  - (c) Agarra o extintor portátil.
  - (d) Evacua os homens da VBR.
- (2) Condutor.
  - (a) Parar a VBR.
  - (b) Se o sistema de extinção de fogo automático não extinguir o fogo no compartimento do motor, o condutor descarrega o extintor manualmente carregando na patilha da “DESCARGA MANUAL DO MOTOR, localizada no PAINEL ELECTRÓNICO DE CONTROLO”.
  - (c) Baixa a rampa.
  - (d) Desliga o motor e corta o combustível de acesso ao motor.

- (e) Desconecta o capacete e retira o cinto de segurança.
  - (f) Guarnece a sua arma.
  - (g) Guarnece os extintores portáteis existentes.
  - (h) Evacua da VBR pela escotilha do condutor, se possível. Se o condutor não puder evacuar pela sua escotilha, retira-se pela rampa.
- (3) Membros da secção.
- (a) Retirar os cintos de segurança.
  - (b) Cmdts Esq e secção desconectam rapidamente o capacete e *headsets*.
  - (c) Guarnecer as suas armas.
  - (d) Evacuar da VBR pela rampa ou porta da rampa.

**NOTA:** Se o fogo não for extinto, usar os extintores portáteis. Os extintores do compartimento da tripulação contêm FN-200. Quando disperso a sua concentração dentro da VBR não é tóxica.

**b. Extinguir o fogo no compartimento da tripulação.**

- (1) Cmdts Esq. Alertam o chefe de viatura de um fogo no compartimento da tripulação, pelo sistema de intercomunicação ou voz quando não esteja a funcionar. Ordenam “FOGO, COMPARTIMENTO DE TRIPULAÇÃO”.
  - (2) Chefe de viatura. Alerta os soldados de um fogo no seu compartimento pelo intercomunicador ou pela voz se este não se encontrar a funcionar. Ordena “FOGO, COMPARTIMENTO DE TRIPULAÇÃO”.
    - (a) Desliga o sistema de comunicações carregando no “off”.
    - (b) Guarnece o extintor portátil.
    - (c) Evacua da VBR.
- (3) Condutor.
- (a) Parar a VBR numa posição que confira cobertura e abrigo, se possível.
  - (b) Se o sistema automático de extinção falhar, efetuar manualmente a descarga do extintor no compartimento, puxando a interruptor localizado no painel eletrónico.
  - (c) Baixar a rampa.
  - (d) Desligar o motor colocando o “*master*” auxiliar e elétrico em *off* e cortar o combustível.
  - (e) Desconectar rapidamente o capacete.
  - (f) Retirar o cinto de segurança.
  - (g) Guarnecer a sua arma.
  - (h) Abrir a escotilha do condutor e travá-la na posição.

- (i) Guardar o extintor portátil.
- (j) Evacuar da VBR pela escotilha do condutor.
- (4) Membros da esquadra.
  - (a) Retirar os cintos de segurança.
  - (b) Guardar as armas.
  - (c) Evacuar da VBR pela rampa.

**NOTA:** Se o fogo não estiver extinto, usar os extintores portáteis.

#### E-11. Tarefas críticas de guarnição 4. Desembarcar da VBR (pelotão/secção)

Situação: O pelotão/secção encontra-se embarcado e deve desembarcar. O comandante de pelotão ordena a secção/pelotão para preparar para desembarcar.

Ações necessárias (Figura E-14)

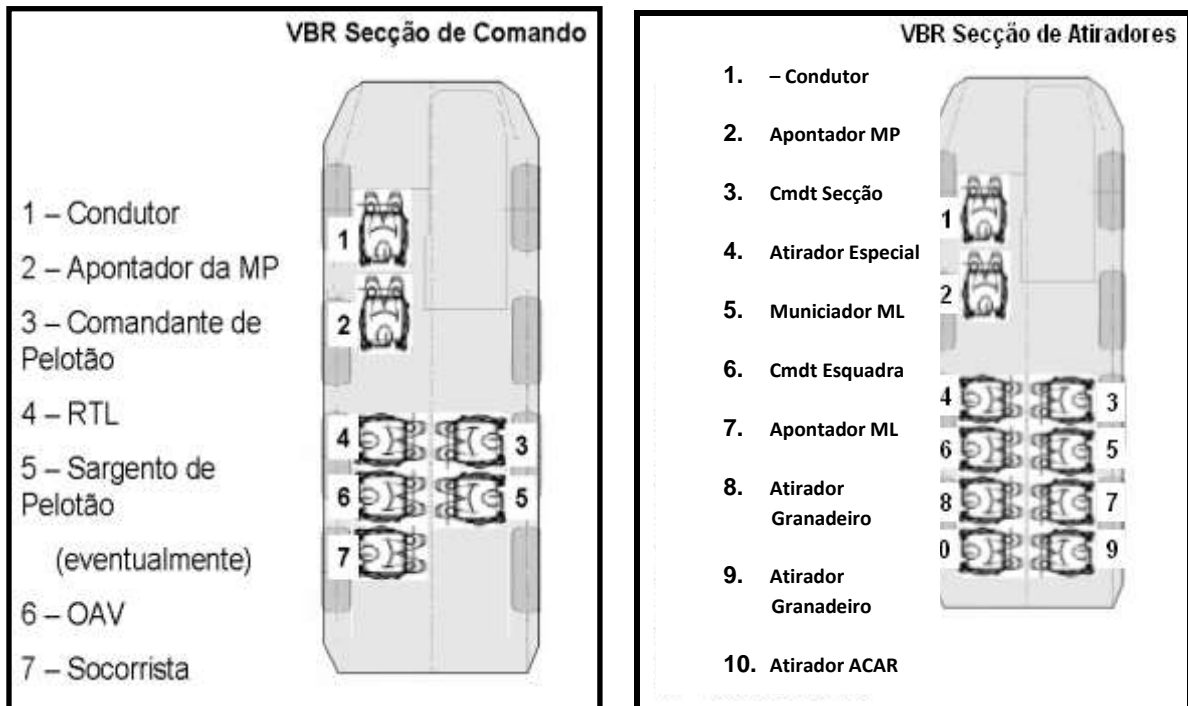


Figura E-14 - Tripulação das VBR

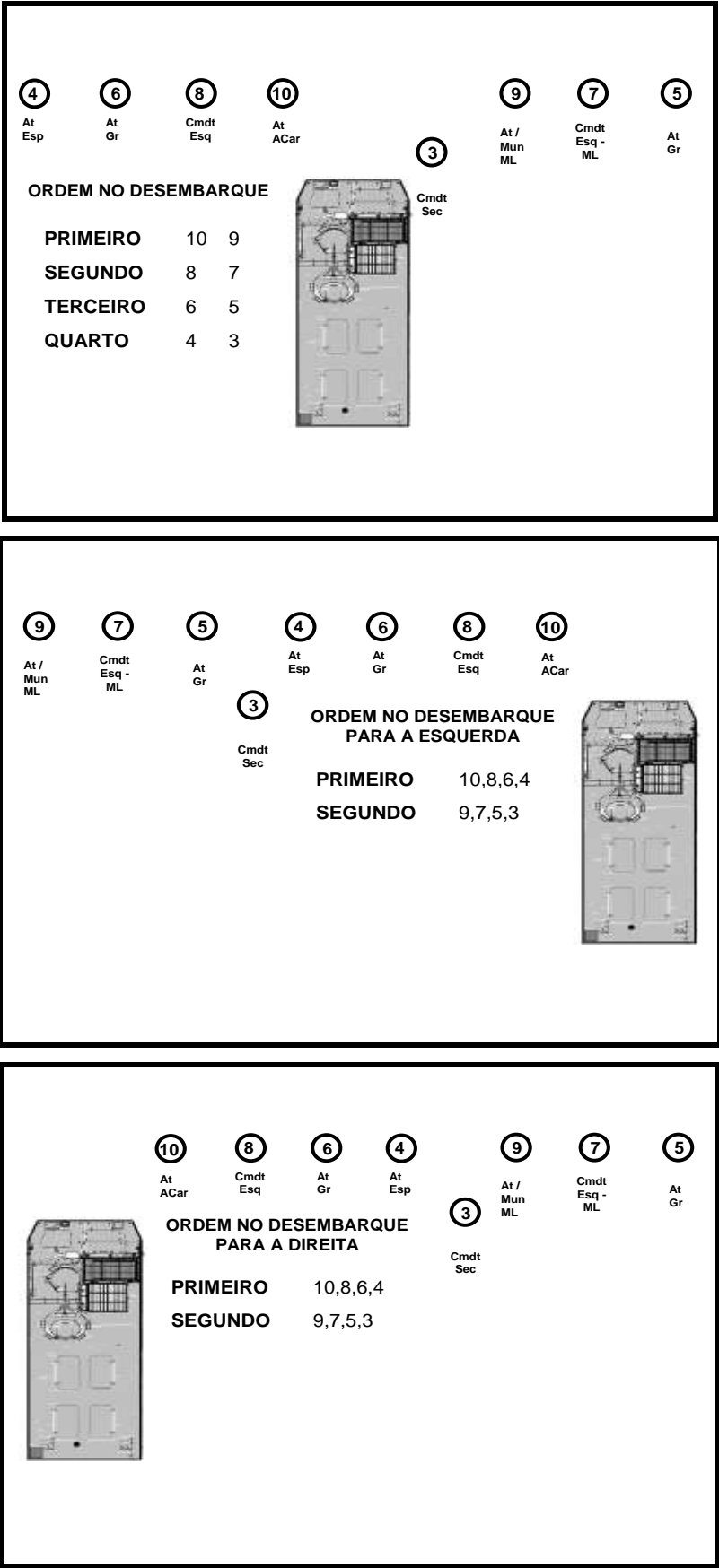


Figura E-14 - Diferentes formações após desembarque das VBR

a. O comandante de pelotão seleciona o local para desembarcar.

- b. O comandante de pelotão ordena ao pelotão para desembarcar.
  - (1) Dá a ordem “PREPARAR PARA DESEMBARCAR”.
  - (2) Designa a composição do pelotão a apear ou não; por exemplo, “Não LAW”, “LEVAR TRIPE”, “SÓ ATIRADORES”, etc.
  - (3) Fornece instruções individuais para desembarcar às VBR; por exemplo “PARA A DIREITA” (esquerda), distância “50 metros” e algum ponto de referência no terreno “ATRÁS DA COLINA”. A orientação da ordem (esquerda ou direita) é considerada em relação ao sentido de deslocamento da viatura.
- c. O comandante de secção fornece as instruções à secção no interior da VBR.
- d. Todos repetem.
- e. O condutor conduz a VBR para o ponto de desembarque designado e orienta a frente da viatura para o inimigo.
- f. O apontador MP orienta a MP de modo a garantir apoio de fogos se necessário.
- g. O comandante de pelotão ordena DESEMBARCAR.
- h. O comandante de secção ordena DESEMBARCAR.
- i. Todos repetem
- j. O condutor da VBR baixa a rampa.
- k. Os membros da secção apeiam numa ordem específica e movem-se para uma posição coberta e abrigada. O comandante de secção estabelece contacto com o comandante de pelotão.
- l. A esquadra de viatura ocupa uma posição coberta e abrigada e apoia os elementos apeados com a MP, ou mantém-se numa posição escondida até ser chamada à frente para estabelecer ligação com os elementos apeados (comando do Sargento de Pelotão).
- m. Comandantes de secção e pelotão reportam para o seu escalão superior.
- n. Todos os membros da secção localizam posições inimigas e respondem a ordens.
- o. Comandante de secção e esquadra posiciona ou reposiciona os seus soldados (se necessário).
- p. O Sargento de Pelotão reposiciona as VBR, se necessário.

**NOTA:** Nos desembarques para a esquerda e para a direita, a saída é feita pelos lados ou seja, saem sempre primeiro, os números pares e depois os números ímpares.

#### **E-12. Tarefas críticas de guarnição 5. Embarcar na VBR (pelotão/secção)**

Situação: As secções estão apeadas e devem embarcar na viatura. O comandante de pelotão ordena ao pelotão para embarcar nas suas VBR.

Ações requeridas (Figura E-15)

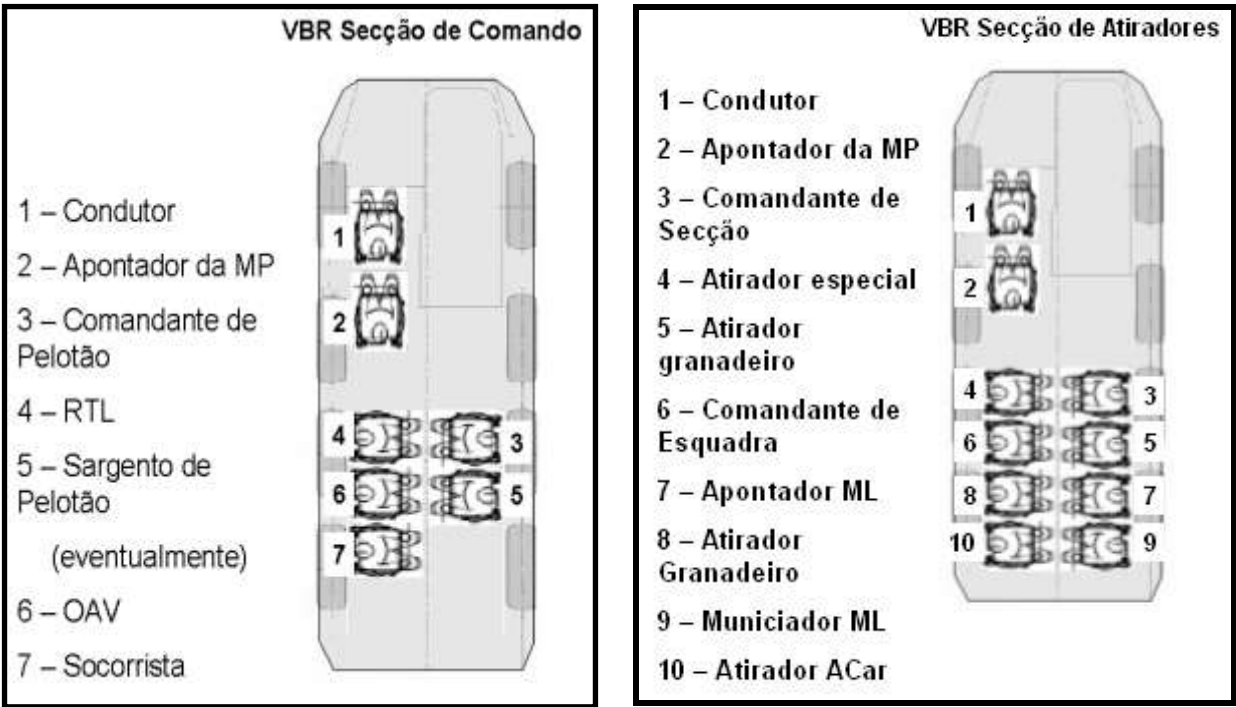
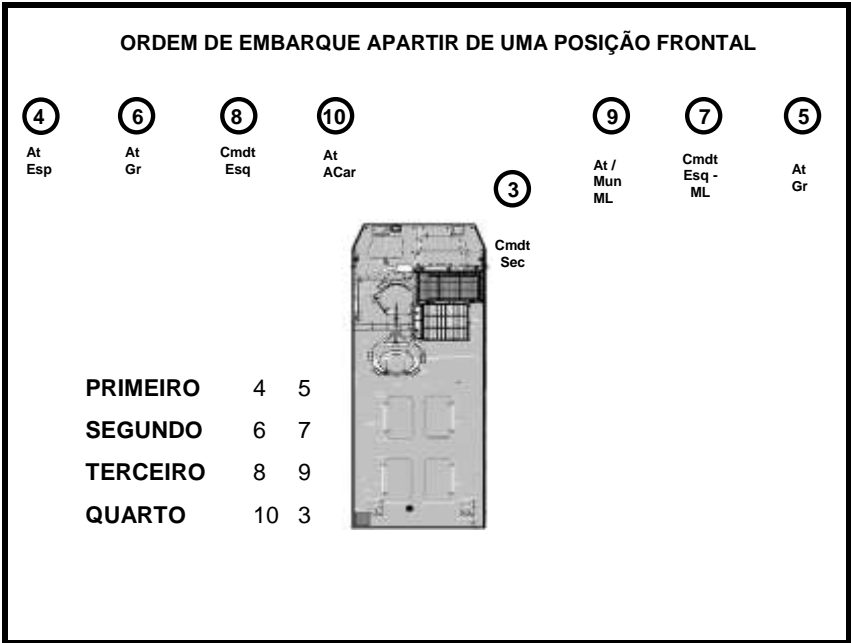


Figura E-15 - Localização dos elementos das secções após embarque nas VBR





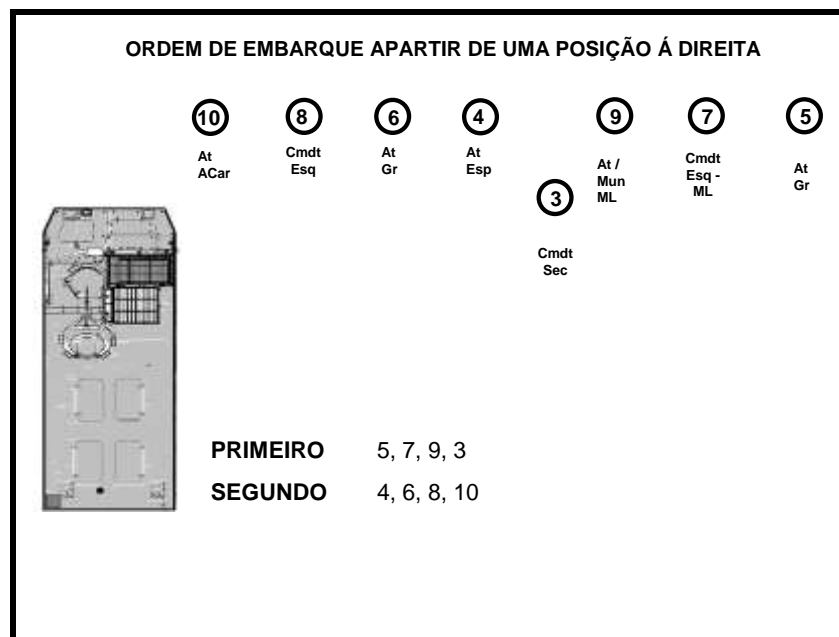
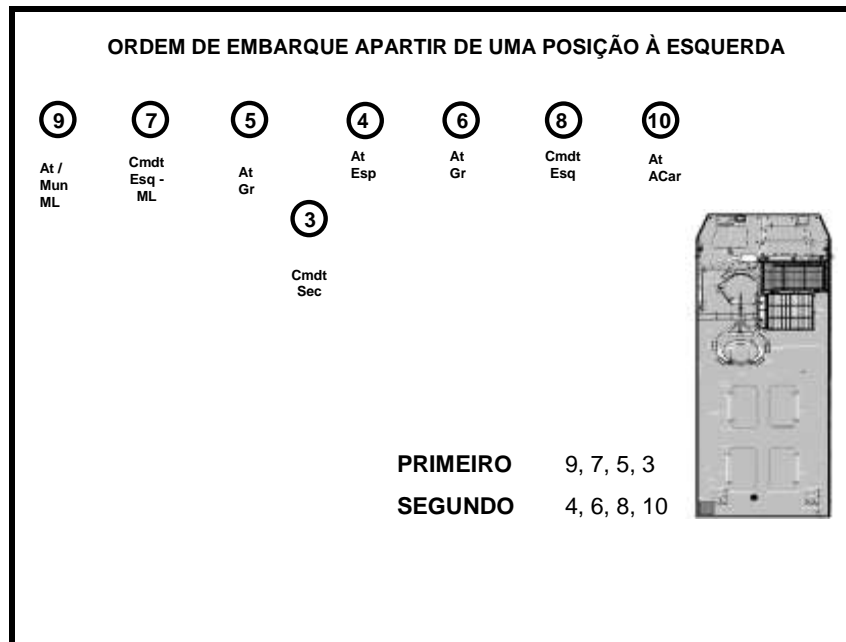


Figura E-15 - Ordem de entrada na viatura a partir das diferentes posições

- a. O comandante de pelotão/secção ordena para “PREPARAR PARA EMBARCAR” ou o sinal apropriado para as secções embarcarem na viatura e designa um ponto de embarcar/desembarcar.
- b. Ambos os elementos (montados e apeados) se movem para o ponto de embarque usando itinerários cobertos e abrigados.
- c. A guarnição da viatura, usa a MP para vigiar os eixos de aproximação principais e garantir apoio de fogos e fumos, se necessário. O chefe de viatura (neste momento é o apontador

da MP) ordena ao condutor para baixar a rampa, à ordem do comandante de secção ou do Sargento de Pelotão.

- d. O comandante de pelotão/secção ordena “EMBARCAR”. A ordem para embarcar pode ser dada com instruções específicas; por exemplo, (“1ª secção e 3ª secção garantem uma base de fogos até a 2ª secção se encontrar embarcada”).
- e. Cada secção embarca por uma ordem específica. O comandante de secção designa que esquadra que entra primeiro; por exemplo, 1ª esquadra embarca primeiro, 2ª esquadra garante o apoio pelo fogo.
- f. Os soldados embarcam na VBR na ordem inversa do desembarcar.
- g. O comandante de pelotão/chefes de viatura preparam-se para operações montadas.
  - (1) Os comandantes de secção conferem o pessoal e o equipamento na VBR e reportam ao comandante de pelotão. Avisa “TODOS EMBARCADOS”.
  - (2) O comandante de pelotão estabelece contacto visual ou rádio com os outros chefes de viatura.
  - (3) O comandante de pelotão designa a direção de movimento, formação e técnica de movimento, a partir do ponto de embarque.
  - (4) Os comandantes de esquadra verificam se as armas dos elementos se encontram em segurança, assim que estejam montados.
  - (5) O chefe de viatura ordena ao condutor para levantar a rampa ou ao comandante de esquadra para fechar a porta da rampa.
- h. O comandante de pelotão reporta ao comandante de companhia.

### **E-13. Tarefas críticas de guarnição 6. Mudar formação (montado) (pelotão)**

Situação: O pelotão encontra-se esta em deslocamento e tem de mudar de formação. O comandante de pelotão dá indicação rádio para se alterar a formação, caso tenha ser efetuado o sinal com bandeiras ou braço-e-mão, dando indicação ao seu apontador da MP para o executar.

Ações requeridas (Figura E-16 até E-31)

- a. O comandante de pelotão dá indicação ao rádio para os seus comandantes de secção alterarem a formação. Caso não se possa utilizar rádio dará indicação ao apontador de MP para fazer os sinais *standard* com as bandeiras ou braço-e-mão.
- b. Os apontadores das MP repetem os sinais de bandeiras ou de braço-e-mão.
- c. Os apontadores de MP informam o comandante de secção e o condutor da nova formação. O condutor mantém a formação tendo como base o comandante de pelotão e o homem asa.
- d. O apontador de MP roda a MP conforme a probabilidade de localização do inimigo ou por sectores atribuídos procurando por alvos no seu sector.

**NOTA:** Os sinais de bandeiras e braço-e-mão poderão, em algumas situações, ser efetuados pelos comandantes de secção e de pelotão, conforme os fatores de decisão.

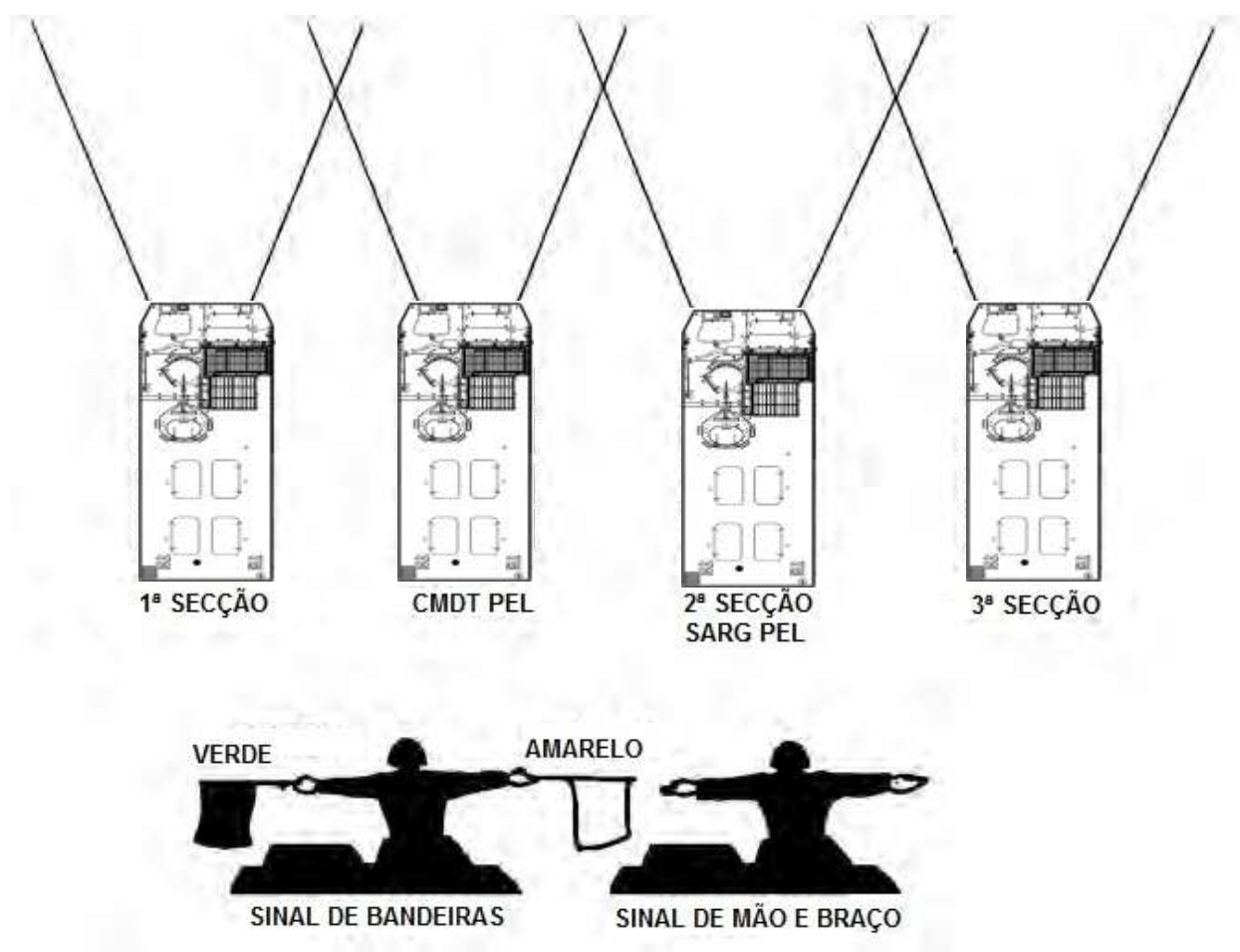


Figura E-16 - Formação em linha

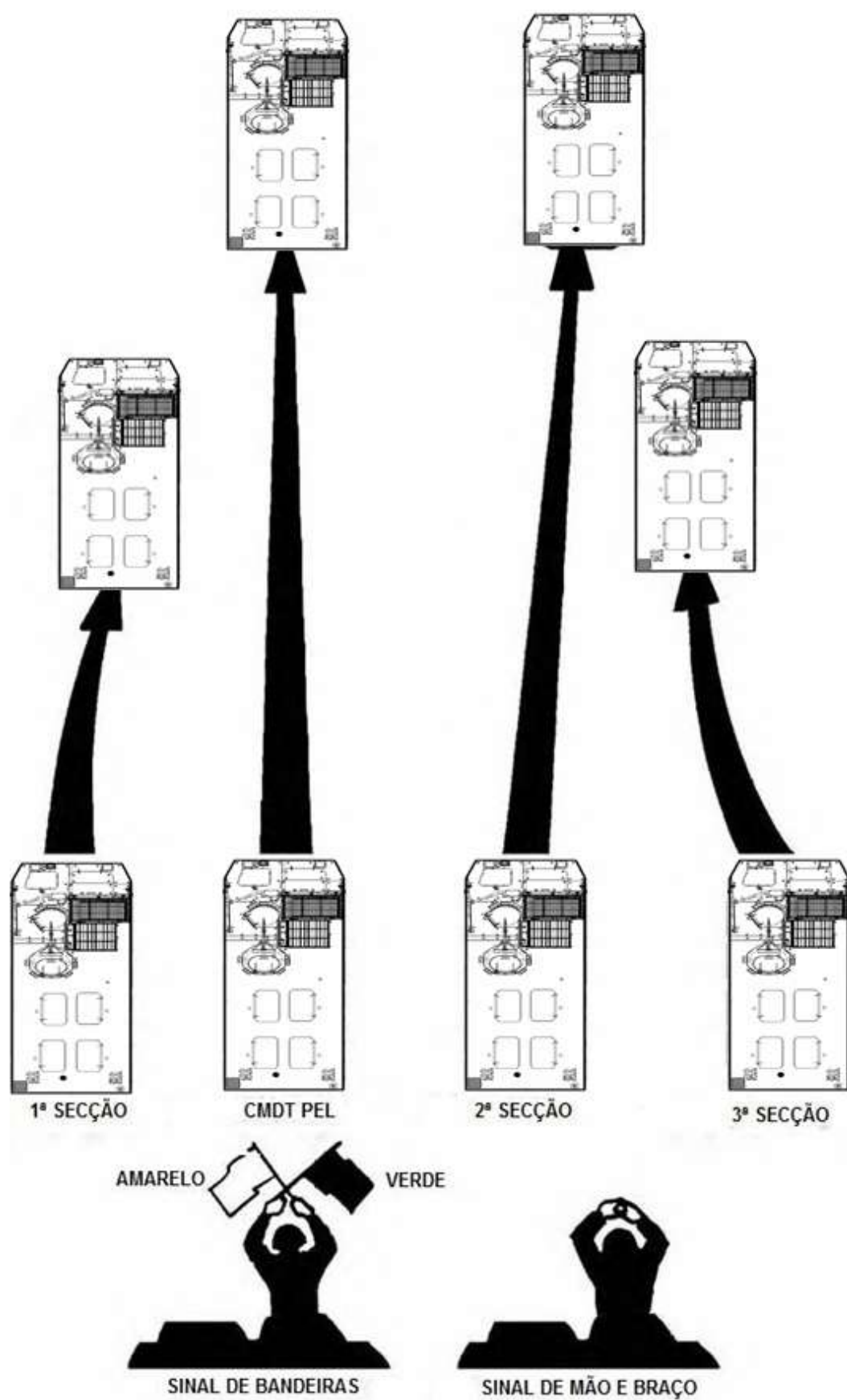


Figura E-17 - Formação de linha para cunha

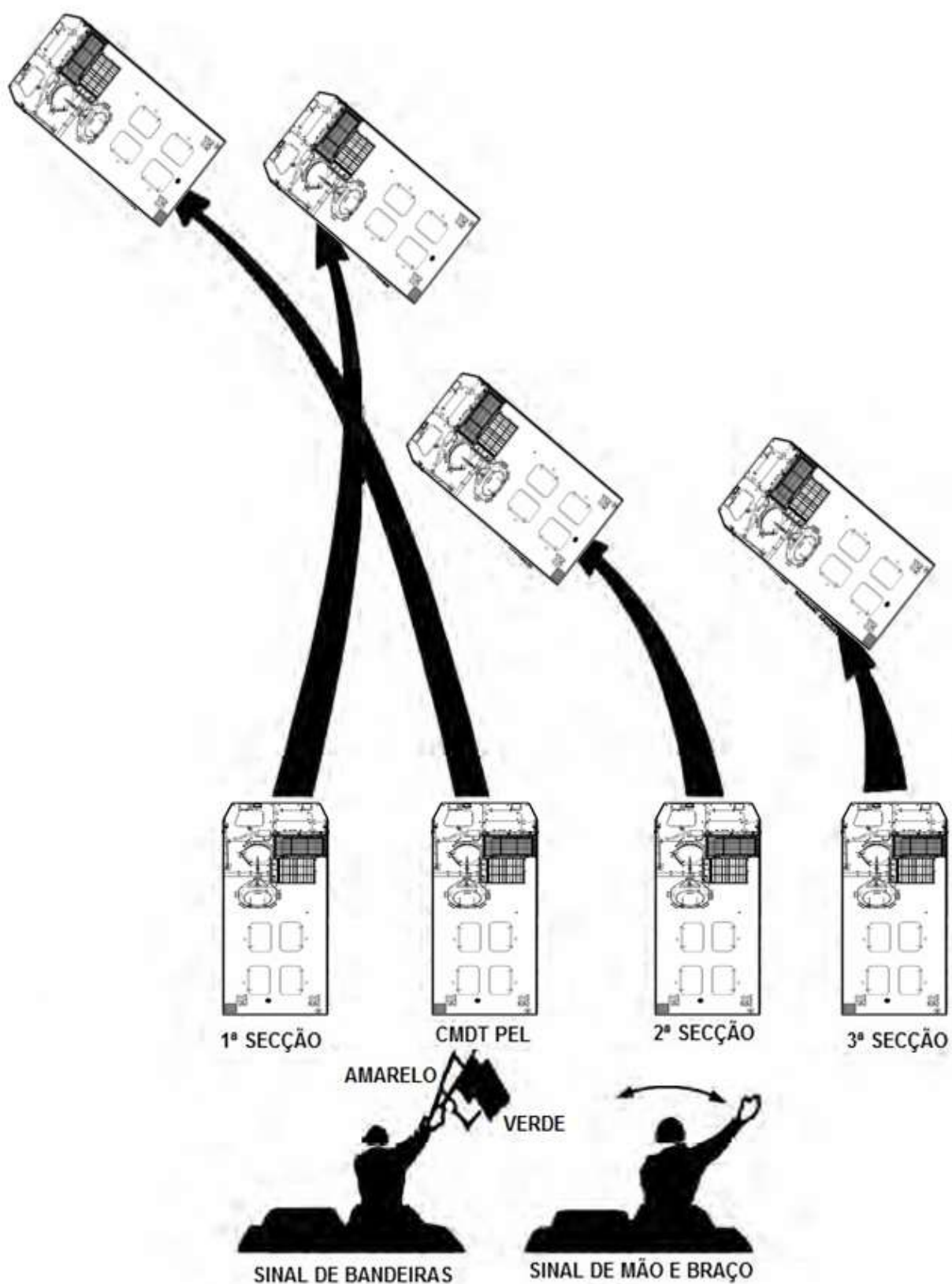


Figura E-18 - Formação de linha para coluna

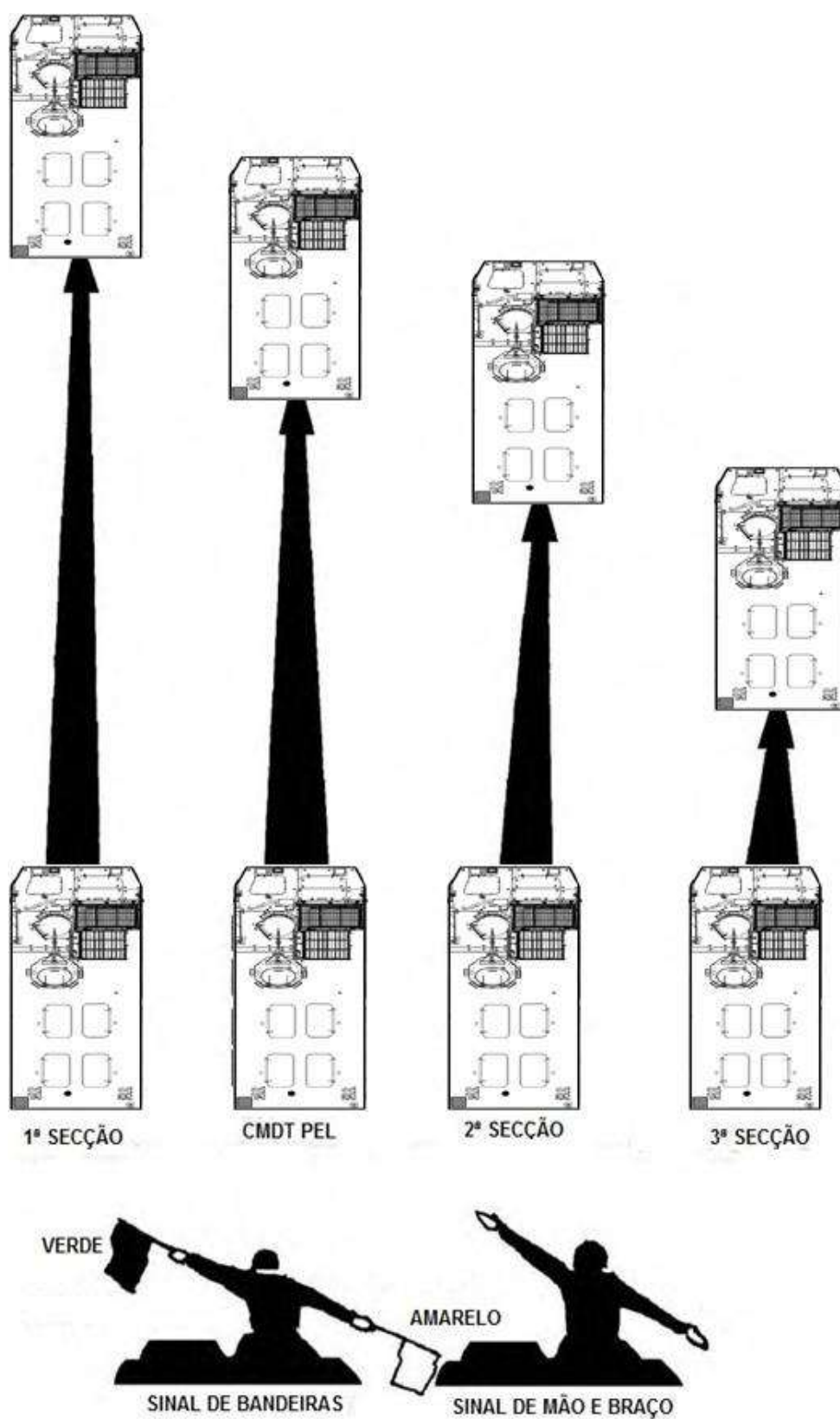


Figura E-19 - Formação de linha para escalão direita/esquerda

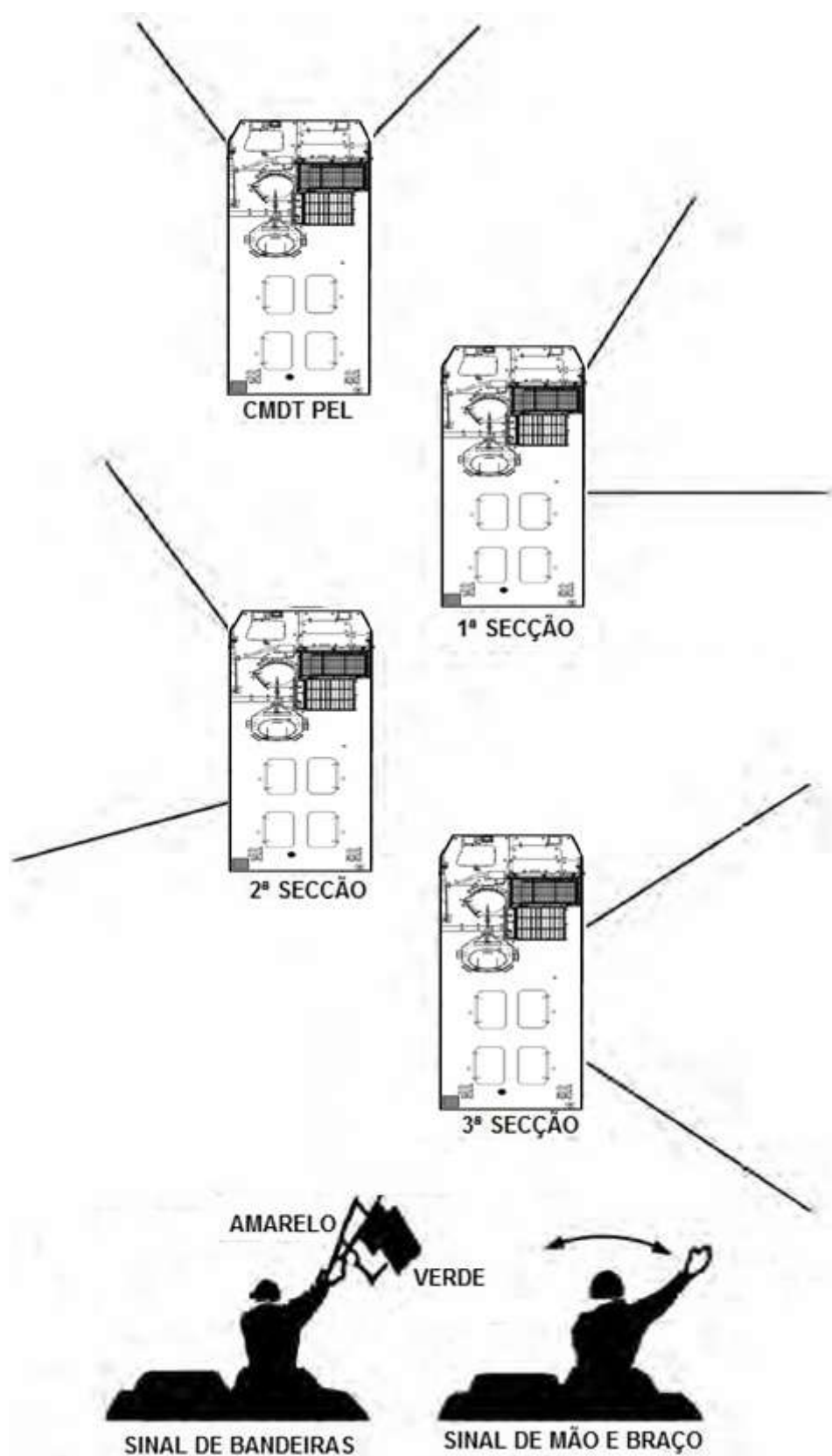


Figura E-20 - Formação em coluna



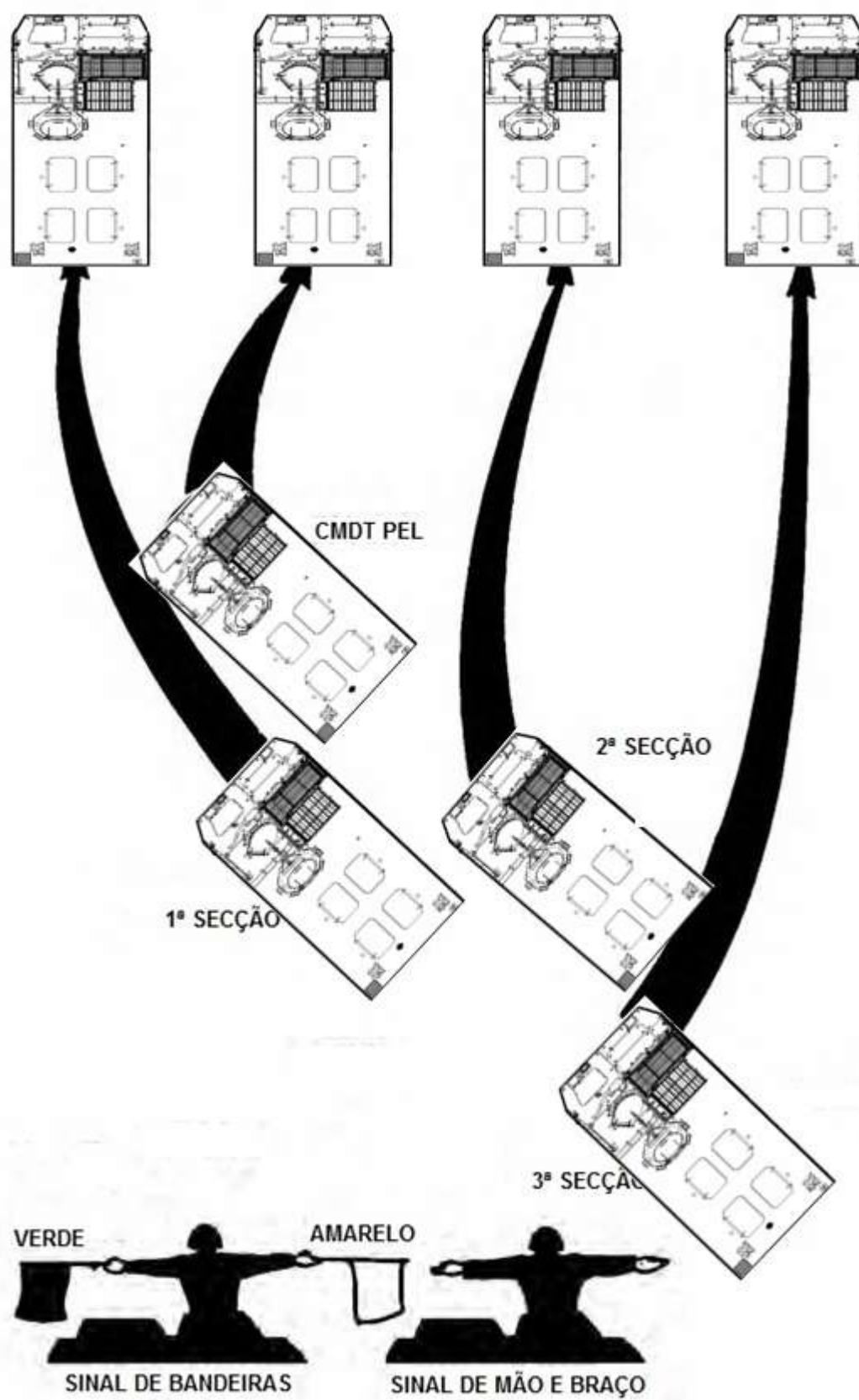


Figura E-21 - Formação de coluna para linha



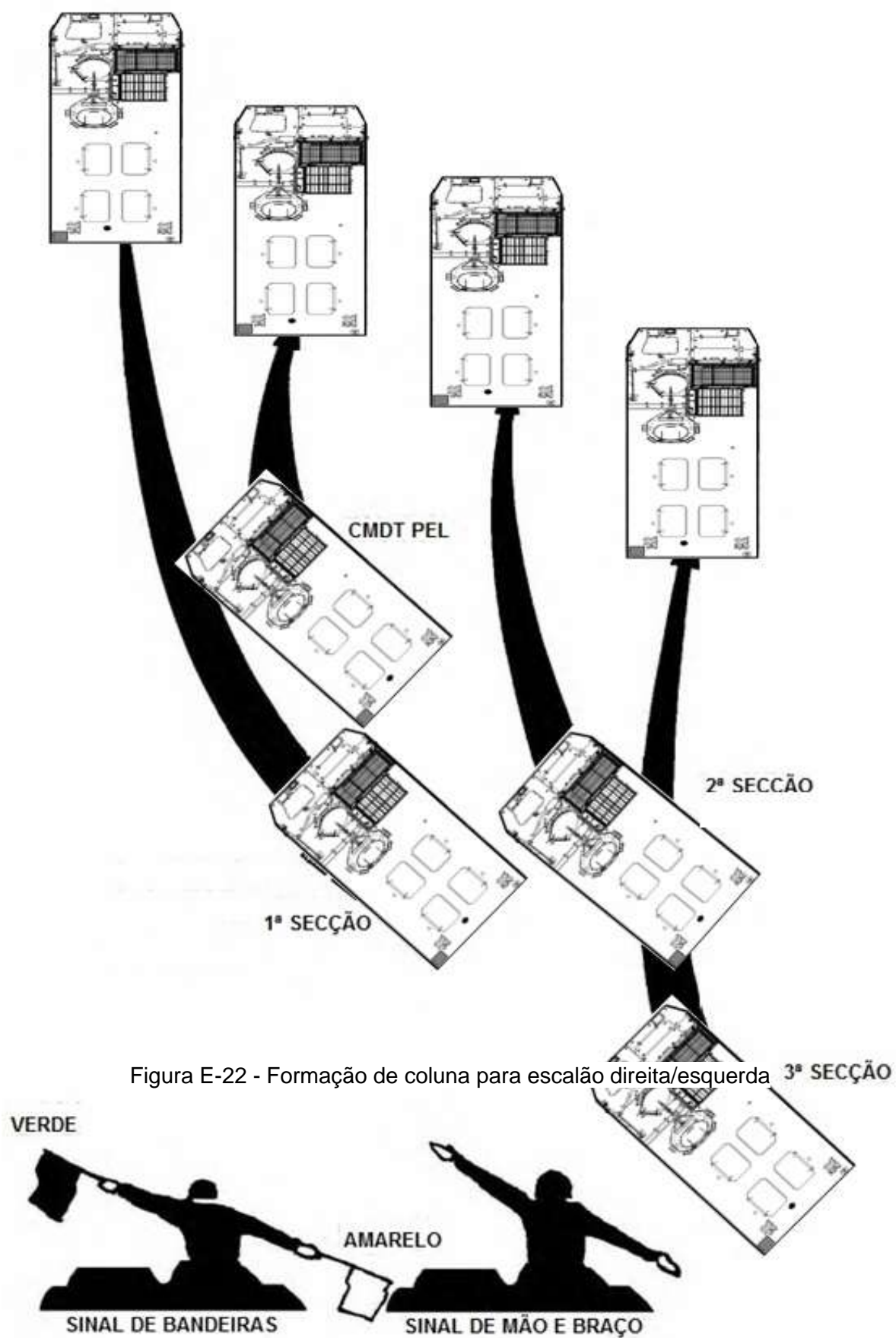


Figura E-22 - Formação de coluna para escalão direita/esquerda

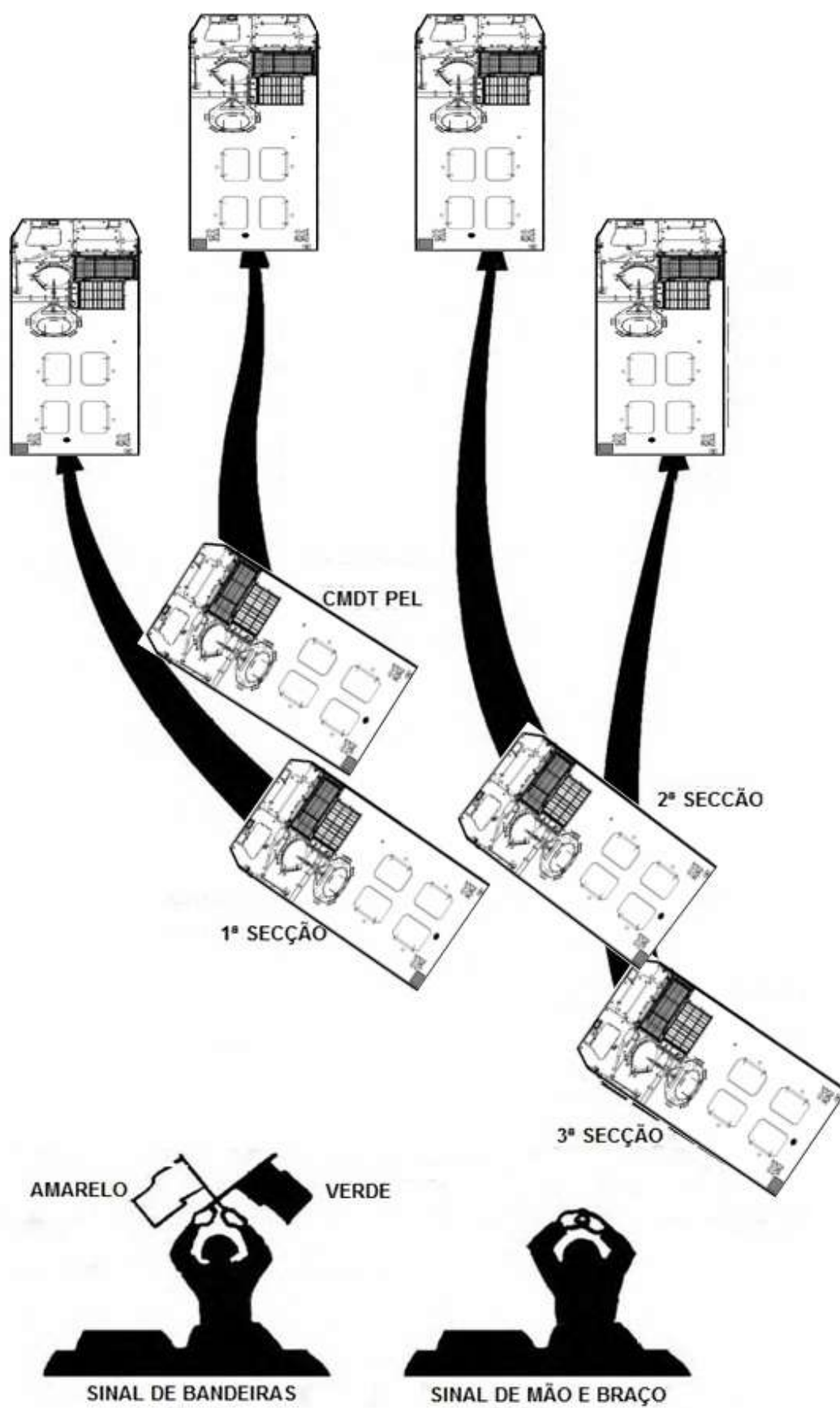


Figura E-23 - Formação de coluna para cunha

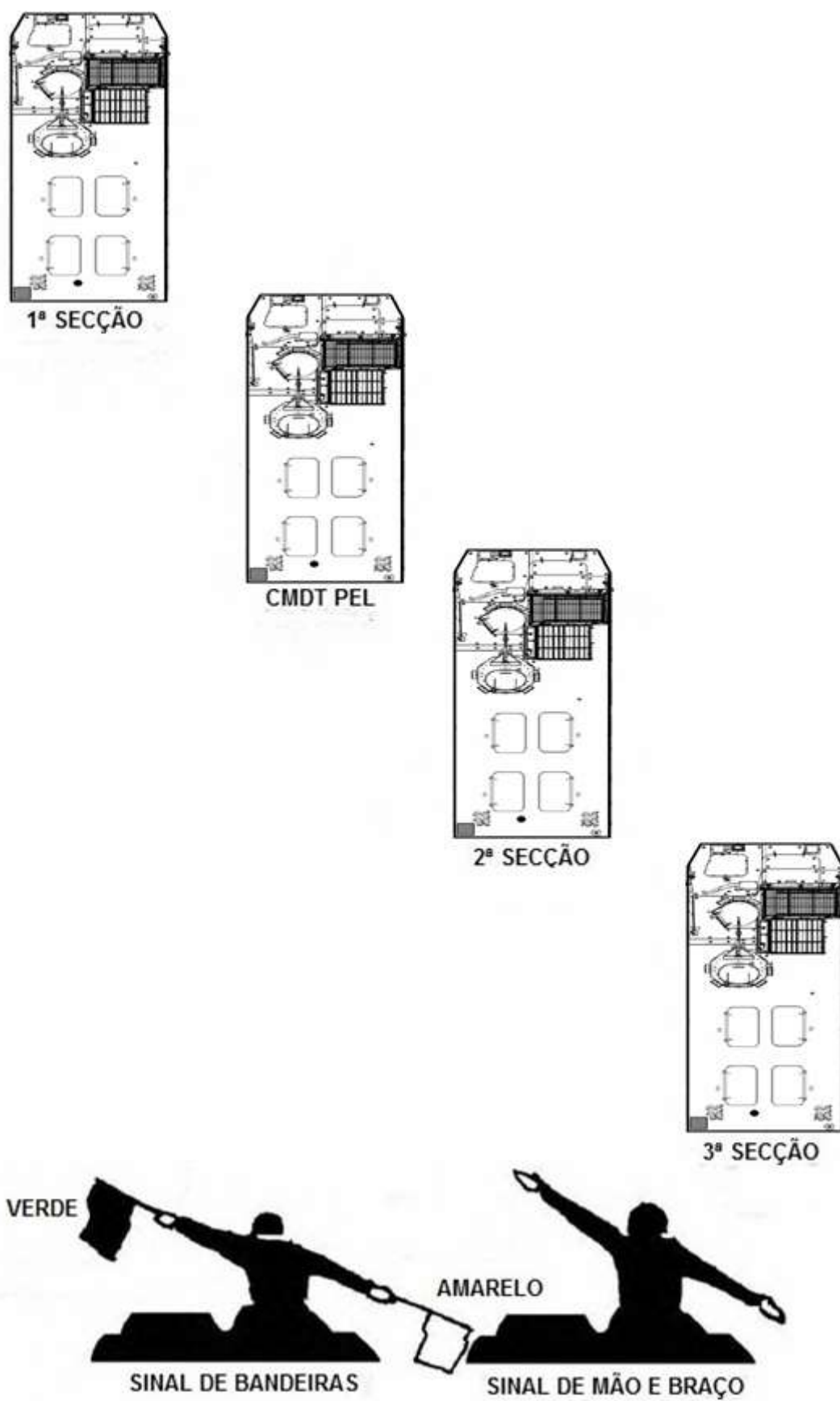


Figura E-24 - Formação de escalão pela direita

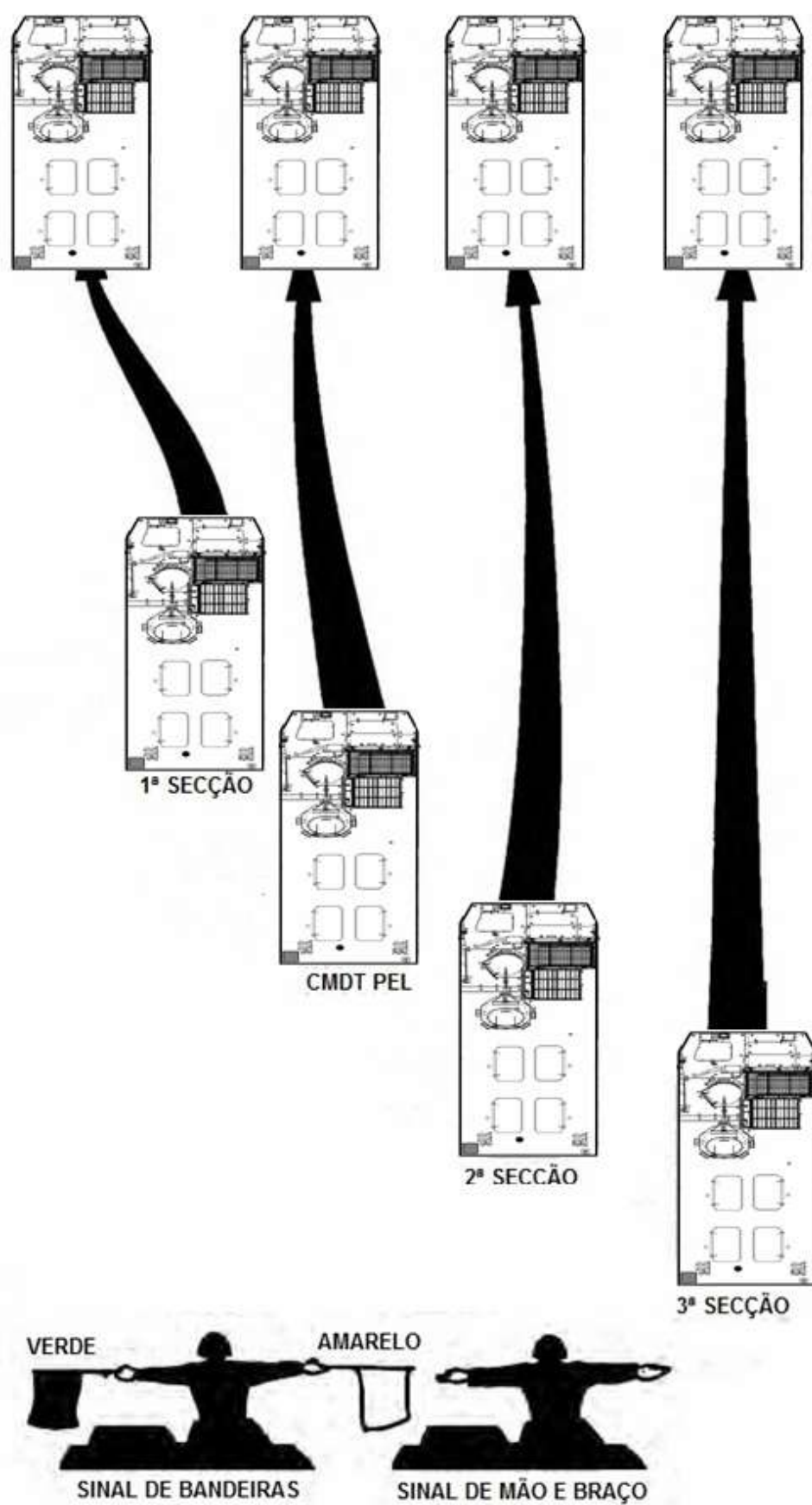


Figura E-25 - Formação em cunha para linha

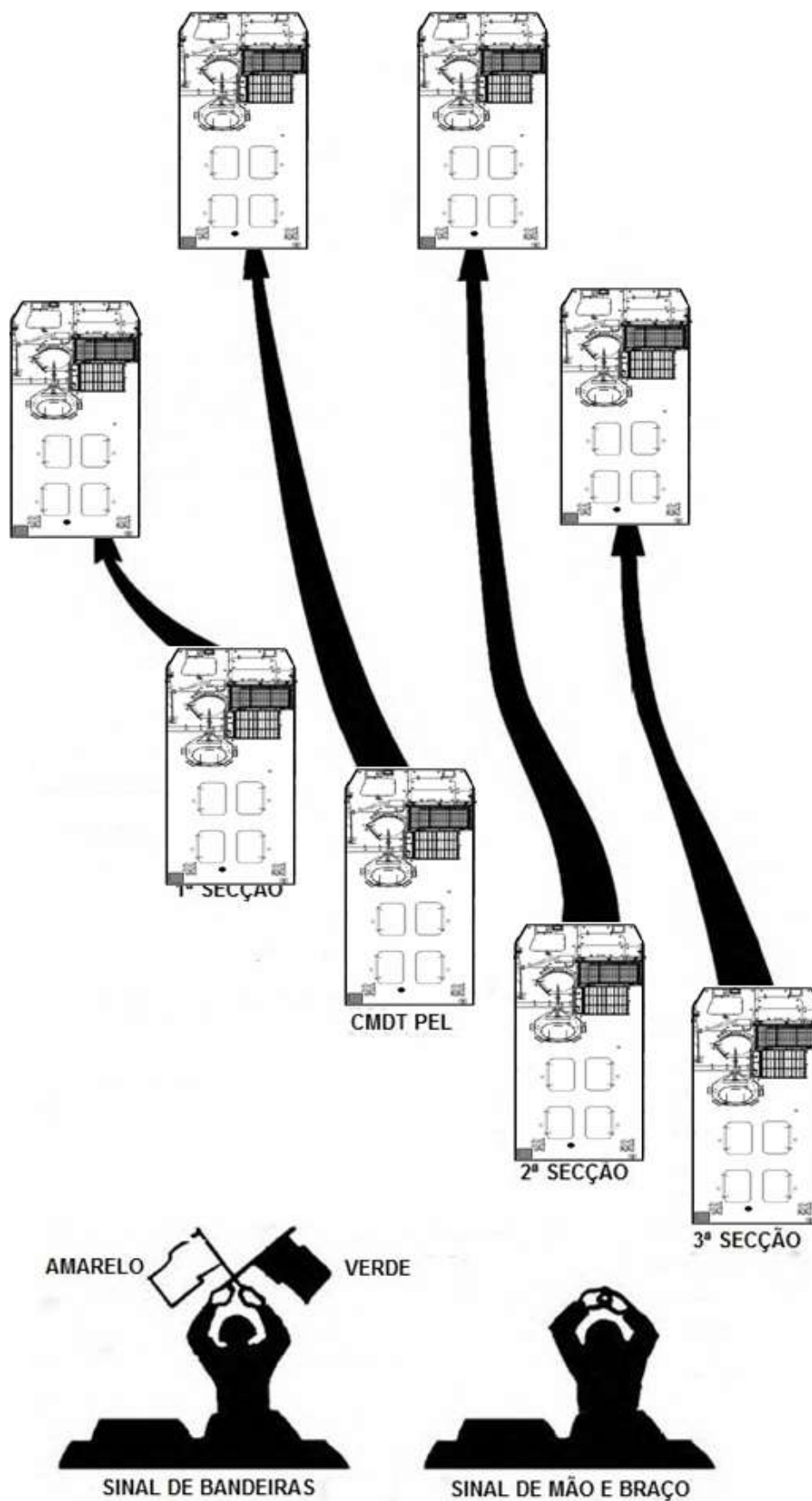


Figura E-26 - Formação de escalão para cunha



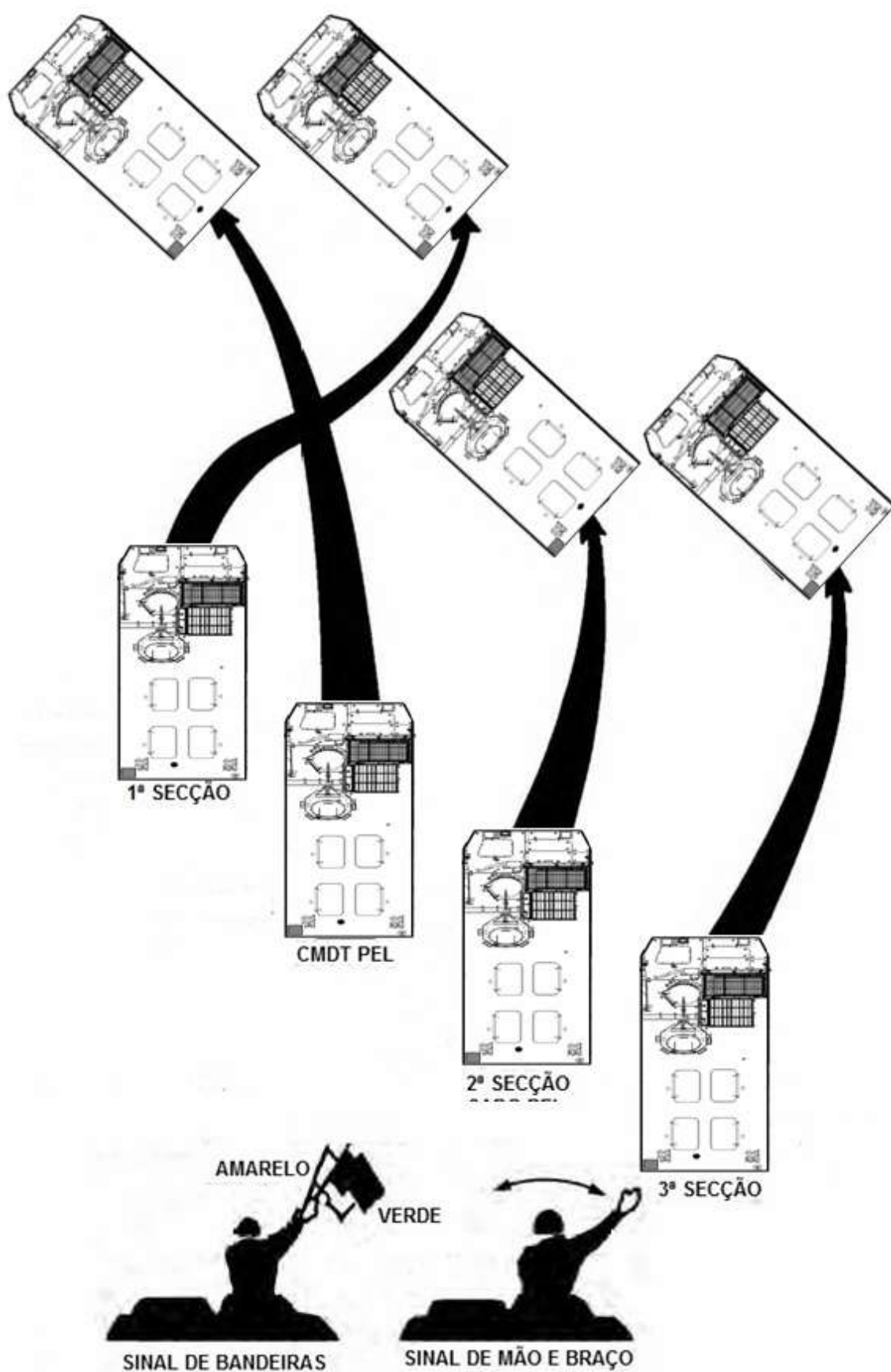


Figura E-27 - Formação de escalão para coluna

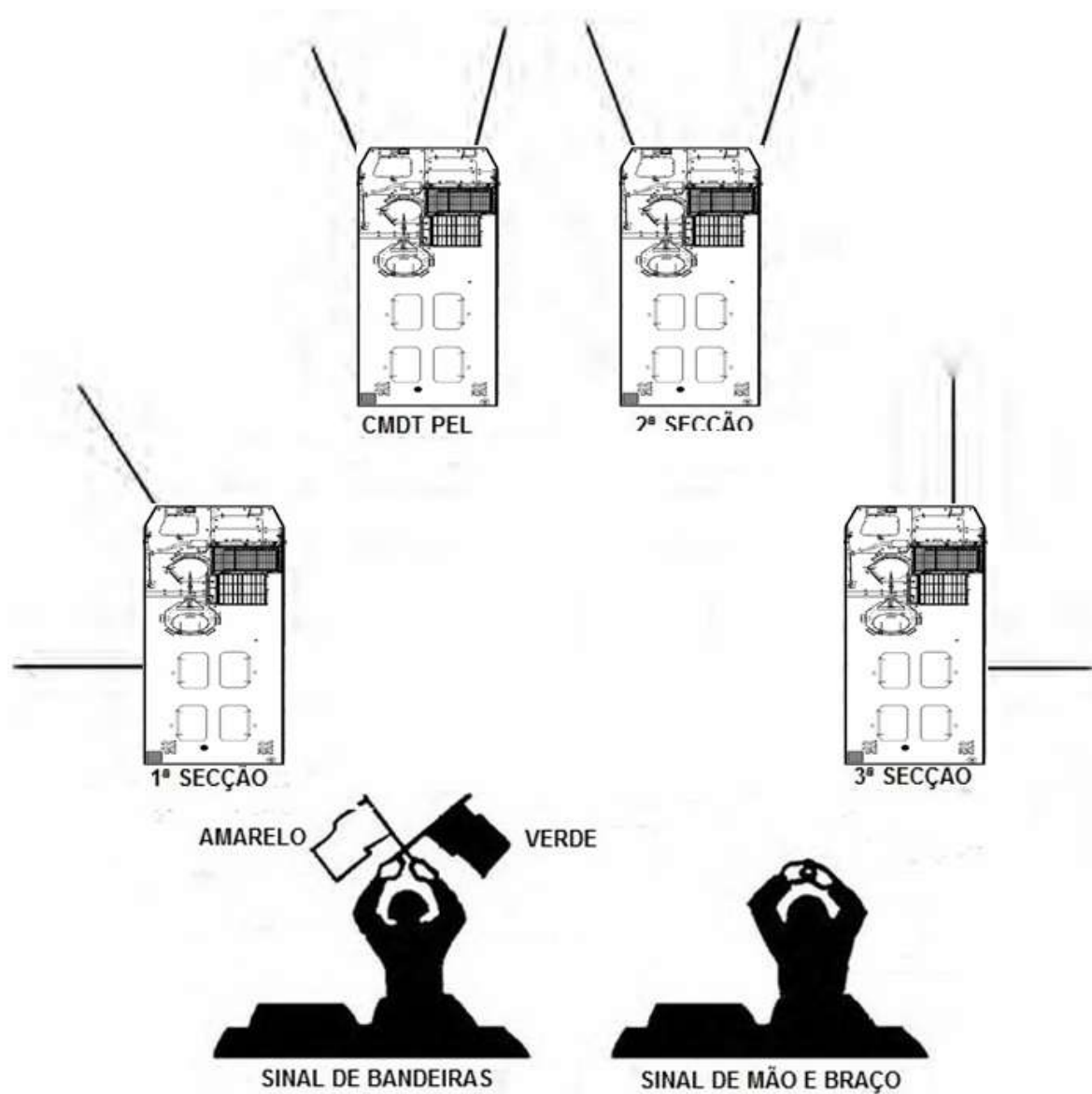


Figura E-28 - Formação em cunha

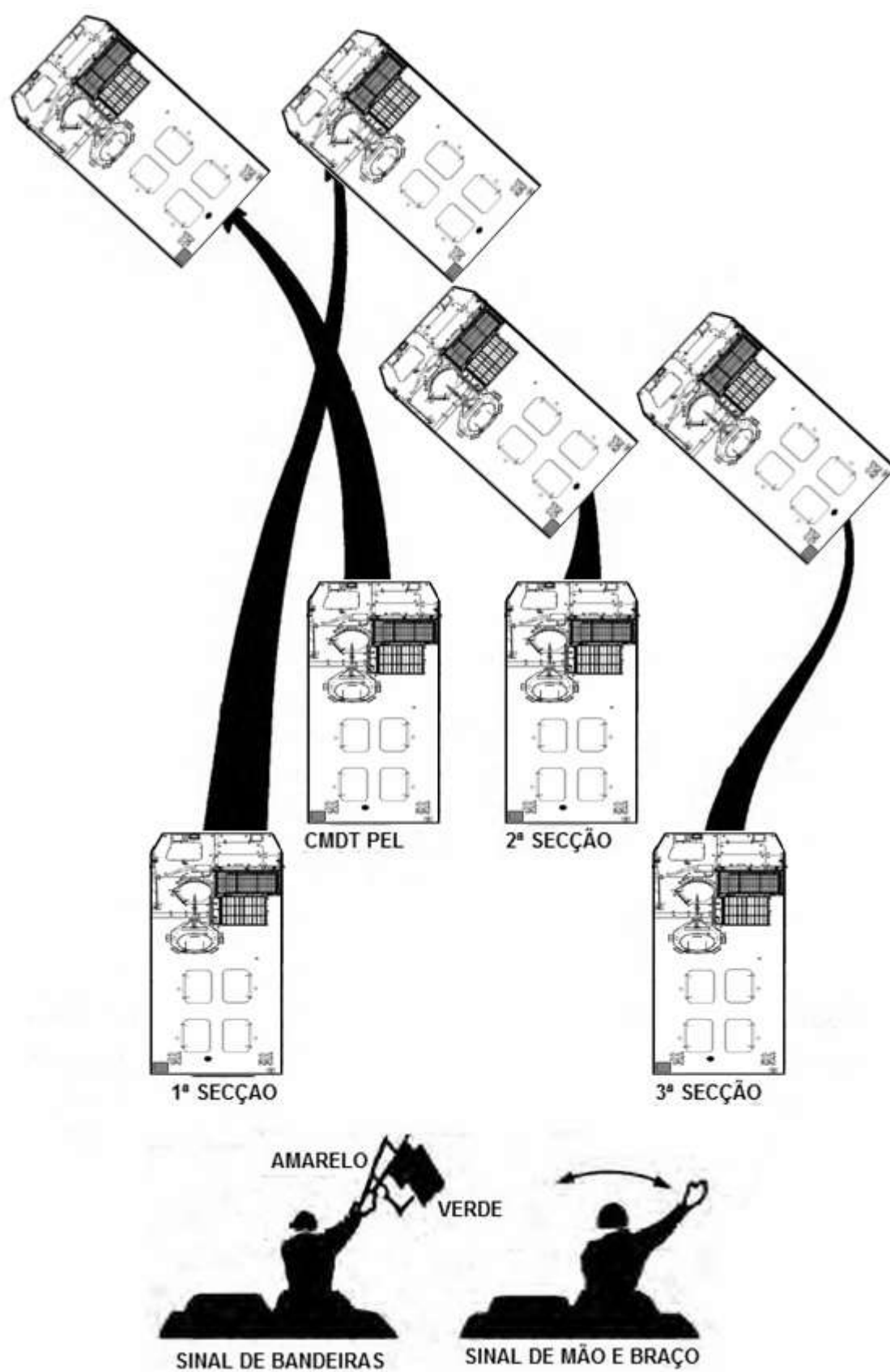


Figura E-29 - Formação de cunha para coluna



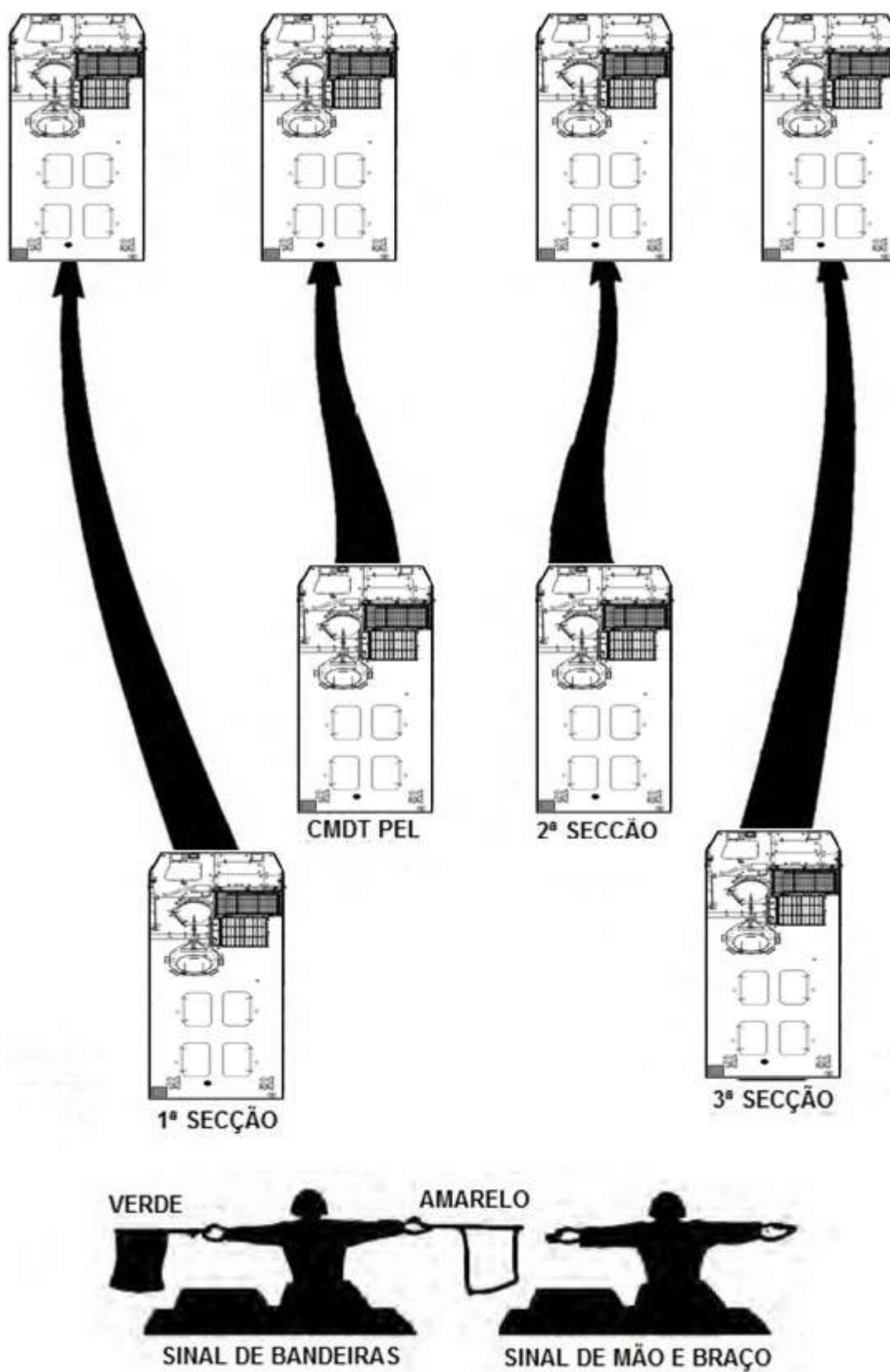


Figura E-30 - Formação de cunha para linha

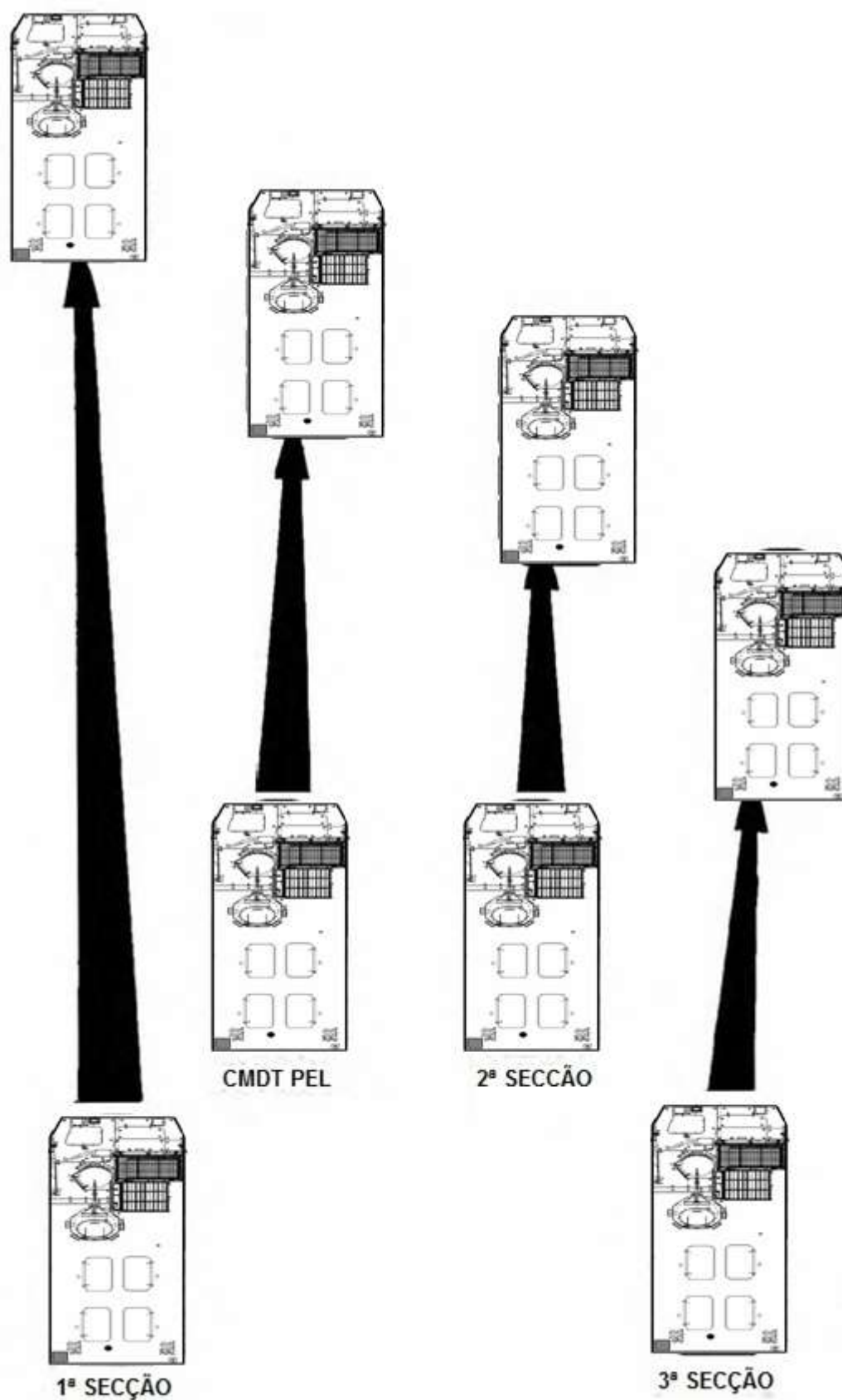


Figura E-31 - Formação de cunha para escalo

**E-14. Tarefas críticas de guarnição 7. Segurança num alto (pelotão)**

Situação: O pelotão está em movimento e necessita de fazer um alto.

Ações requeridas (figura E-32 até E-35)

- a. O comandante de pelotão dá a ordem para formação em espinha ou de reabastecimento (independentemente do método para transmissão sem ser utilizado).
- b. O pelotão pára em formação em espinha ou de reabastecimento.
- c. Cada chefe de viatura assegura que a sua viatura está corretamente colocada, numa posição coberta e abrigada.
- d. O comandante de pelotão ordena às secções para desembarcar e garantir segurança local.
- e. As secções ocupam posições defensivas sumárias, designadas pelo comandante de secção, enquadradas com a sua respetiva viatura. O comandante de secção contacta os comandantes de esquadra e ajustam as posições de segurança, se necessário.
- f. Os soldados continuam a observar os seus setores.

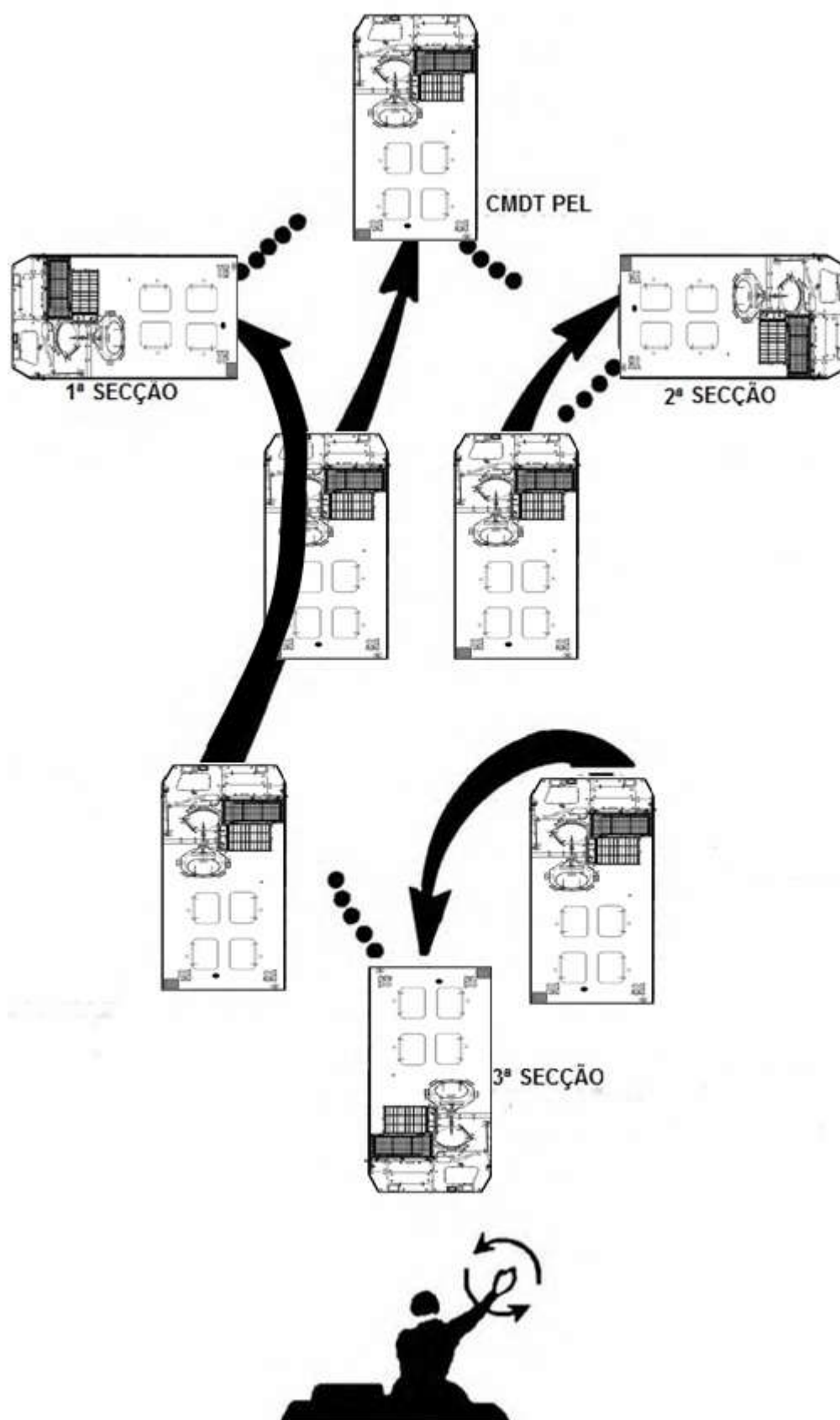


Figura E-32 - Formação de cunha para posição de reabastecimentos

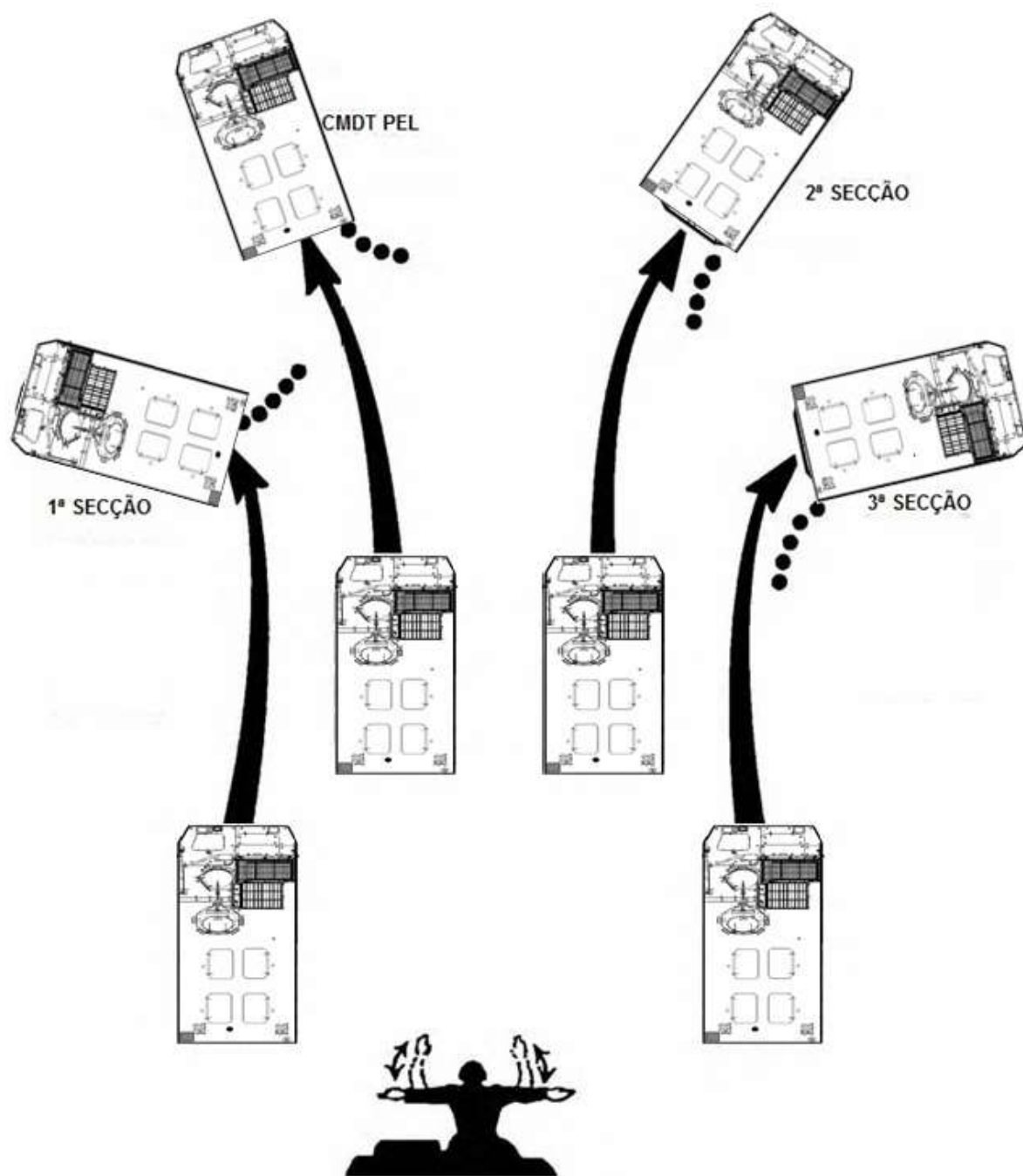


Figura E-33 - Formação de cunha para espinha

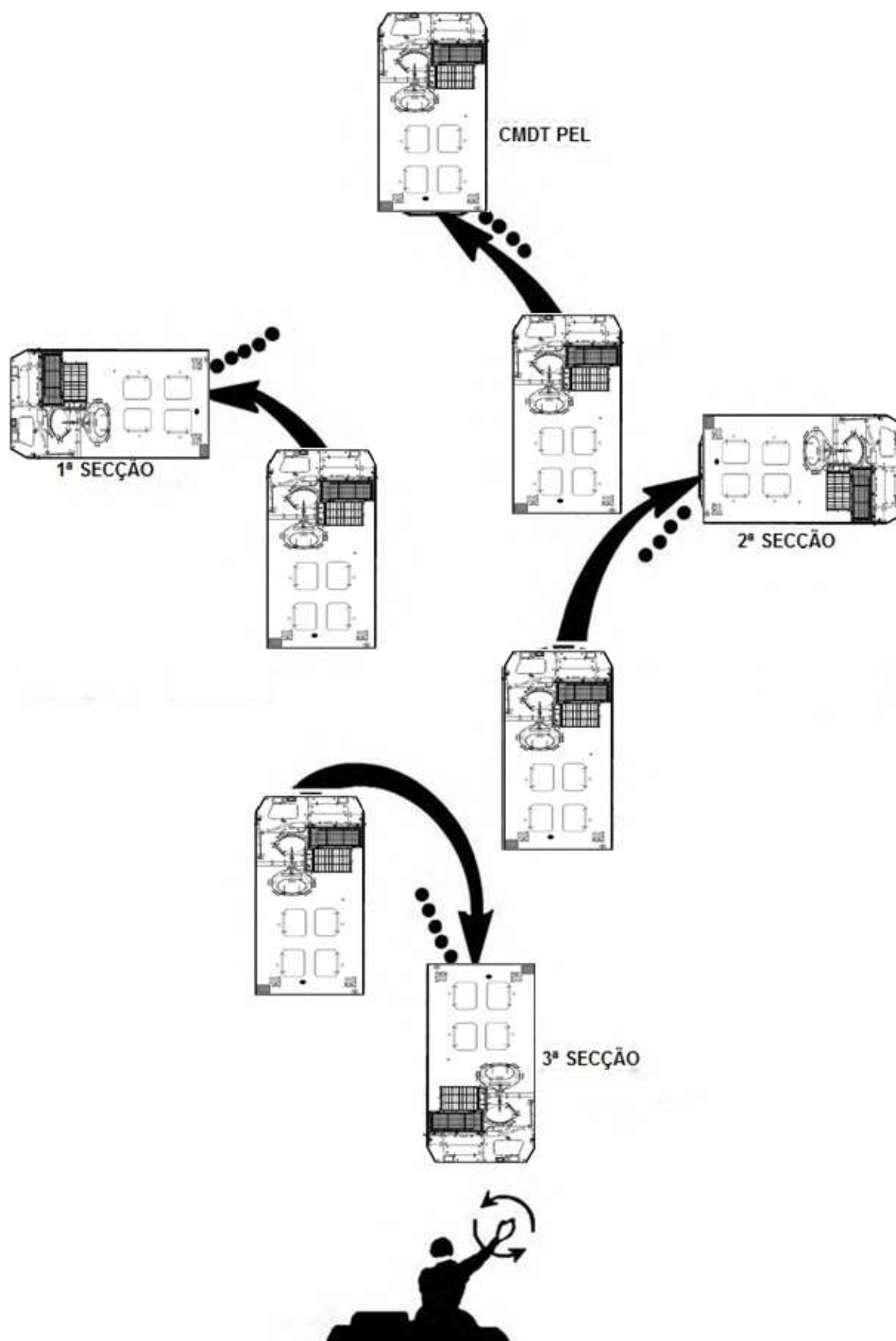


Figura E-34 - Formação de coluna para a de reabastecimento

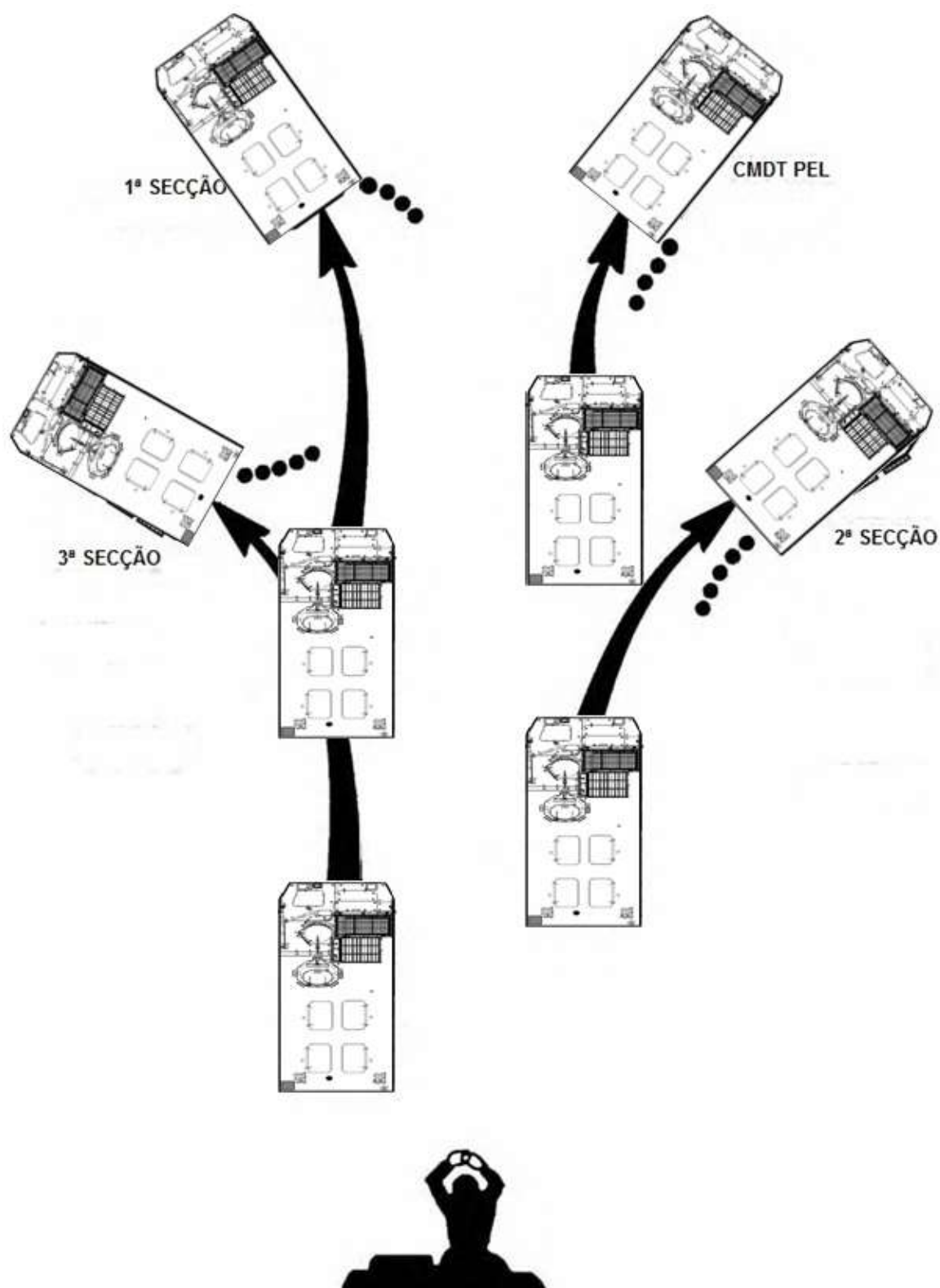


Figura E-35 - Formação de coluna para a de espinha

**E-15. Tarefas críticas de guarnição 8. Executar uma ação para a direita ou esquerda (pelotão)**

Situação: O pelotão encontra-se em movimento e tem de executar uma ação à direita ou esquerda.

Ações requeridas (Figura E-36 até E-43)

- a.** O comandante de pelotão dá a ordem de ação para a direita ou esquerda (independentemente do método de transmissão que é utilizado).
- b.** Os condutores imediatamente executam uma viragem na direção indicada enquanto se movem para uma formação em linha.
  - (1) O sargento de pelotão orienta a sua viatura de acordo com a do comandante de pelotão.
  - (2) Os asas orientam as suas viaturas de acordo com as VBR do comandante e sargento de pelotão.
- c.** O comandante de pelotão ordena aos chefes de viatura para procurar posições cobertas para as suas viaturas ou que continuem na direção indicada.
- d.** Os apontadores de MP orientam as MP para o inimigo e procuram alvos a bater.
- e.** O comandante de pelotão determina se é necessário que as secções desembarquem.
- f.** O comandante de pelotão reporta a situação ao comandante de companhia, se necessário.



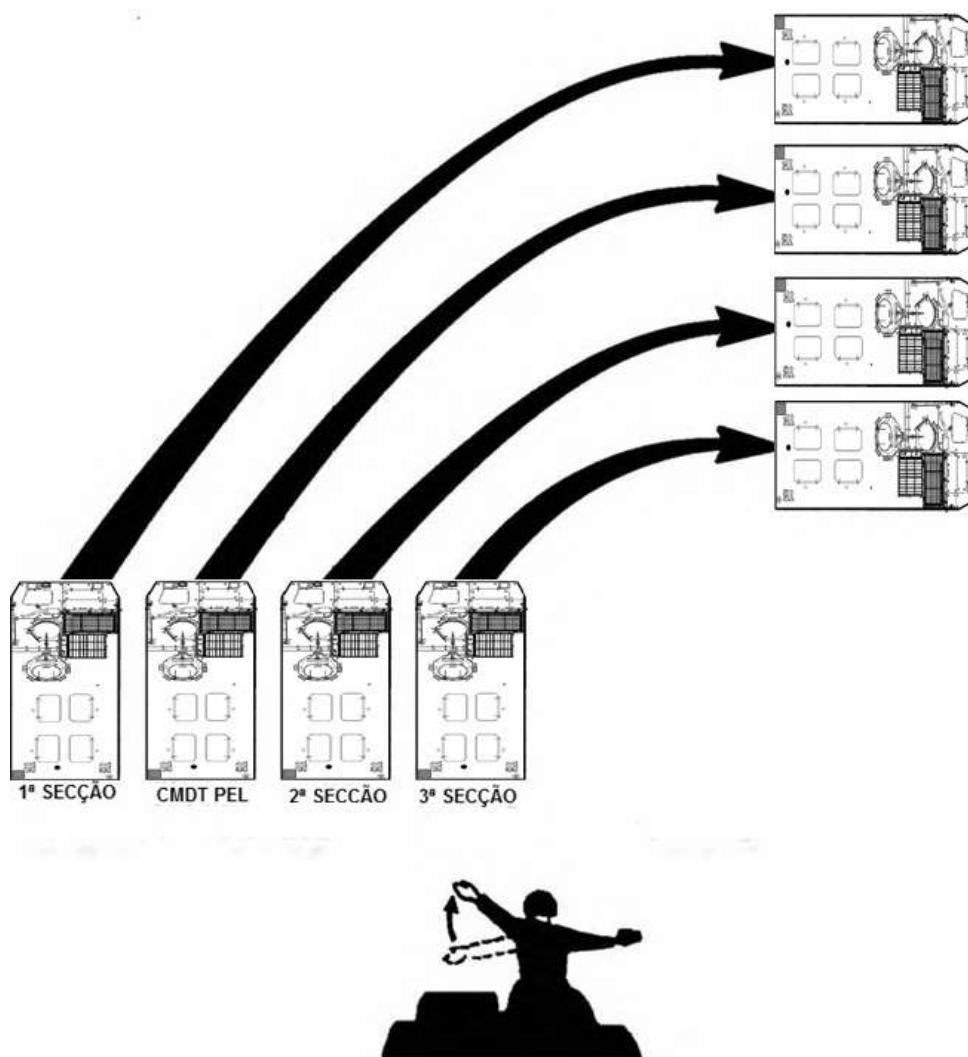


Figura E-36 - Ação para a direita a partir da formação de linha

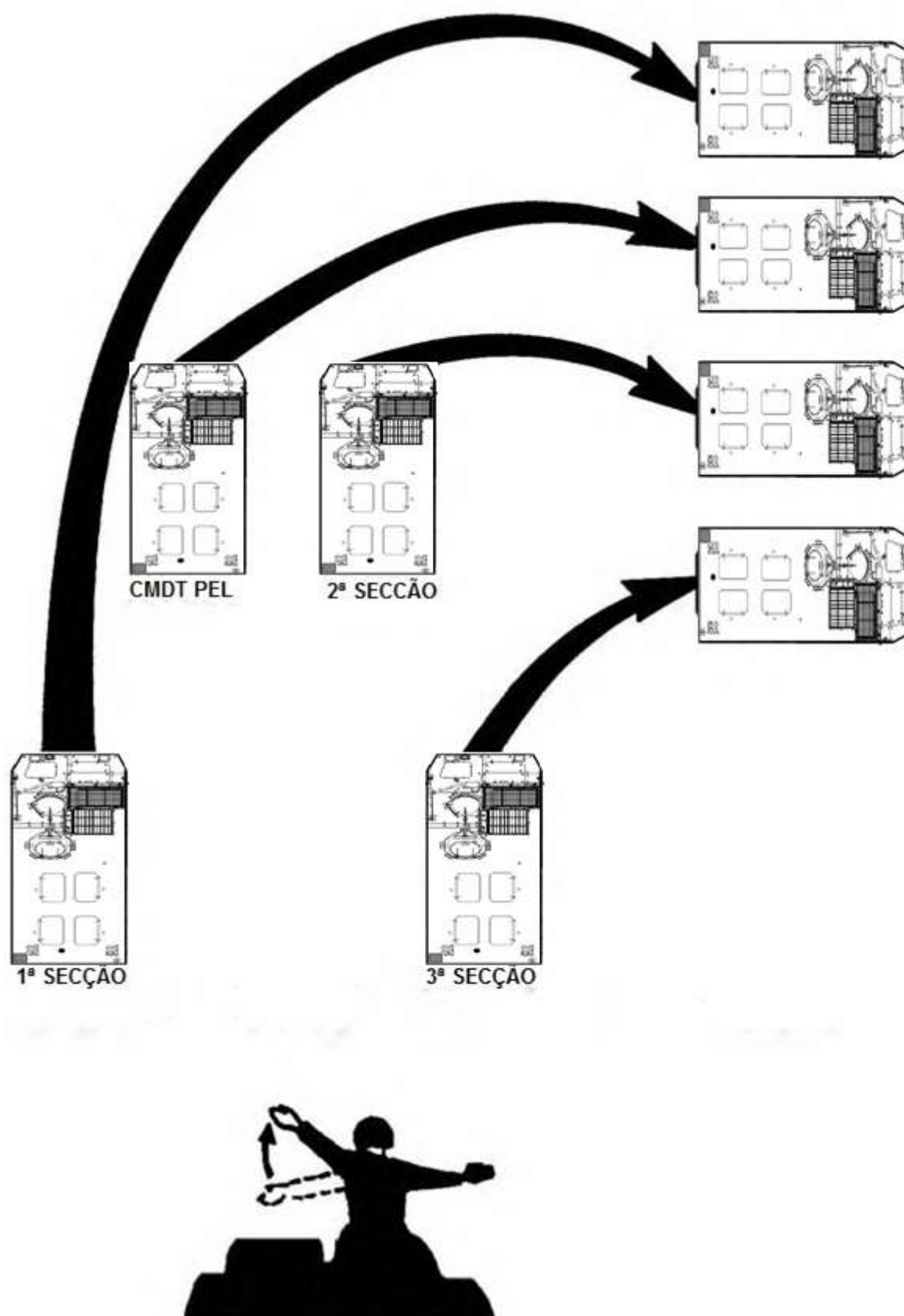


Figura E-37 - Ação para a direita a partir da formação de coluna

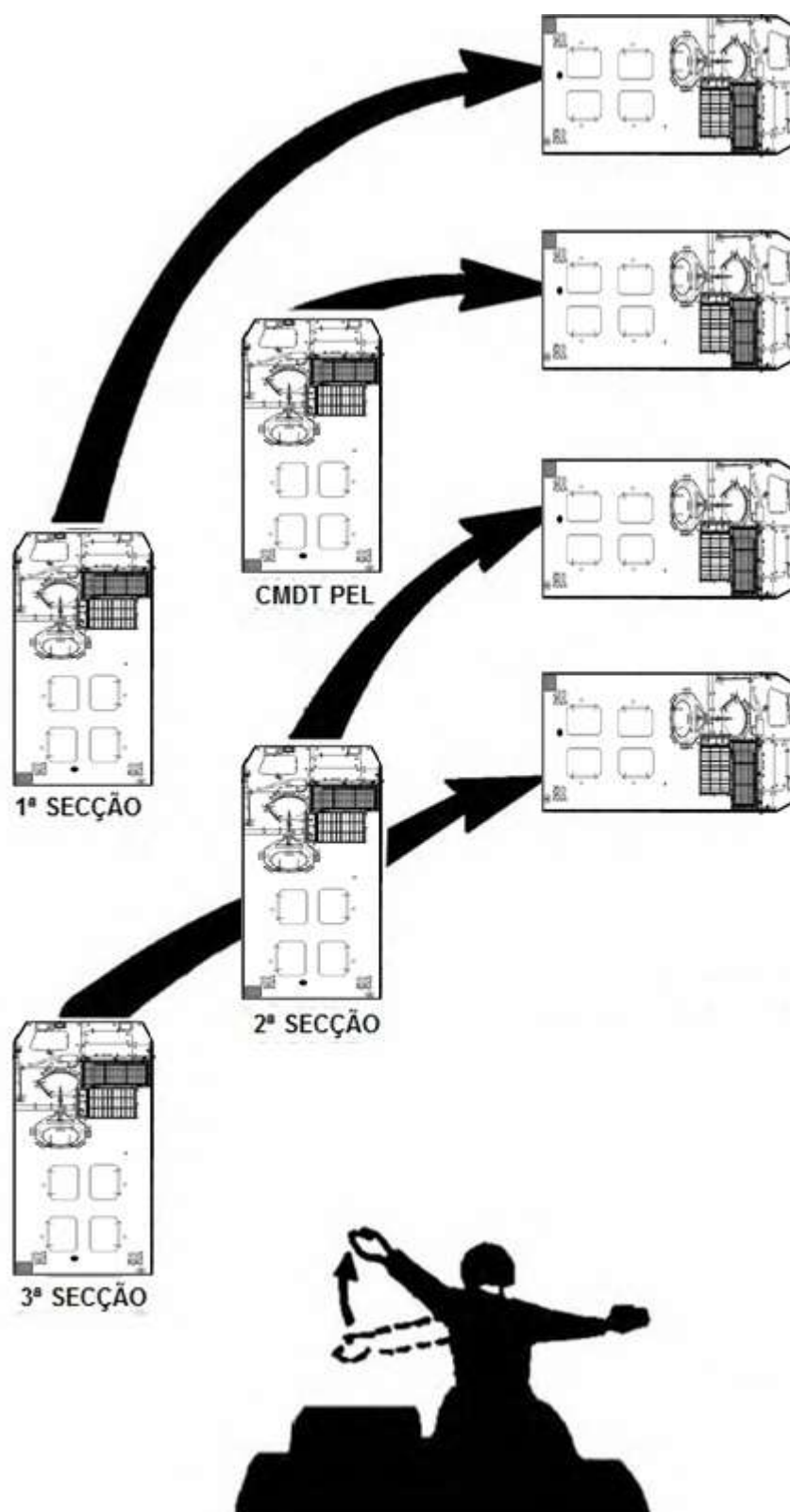


Figura E-38 - Ação para a direita a partir da formação de coluna, com asa à esquerda

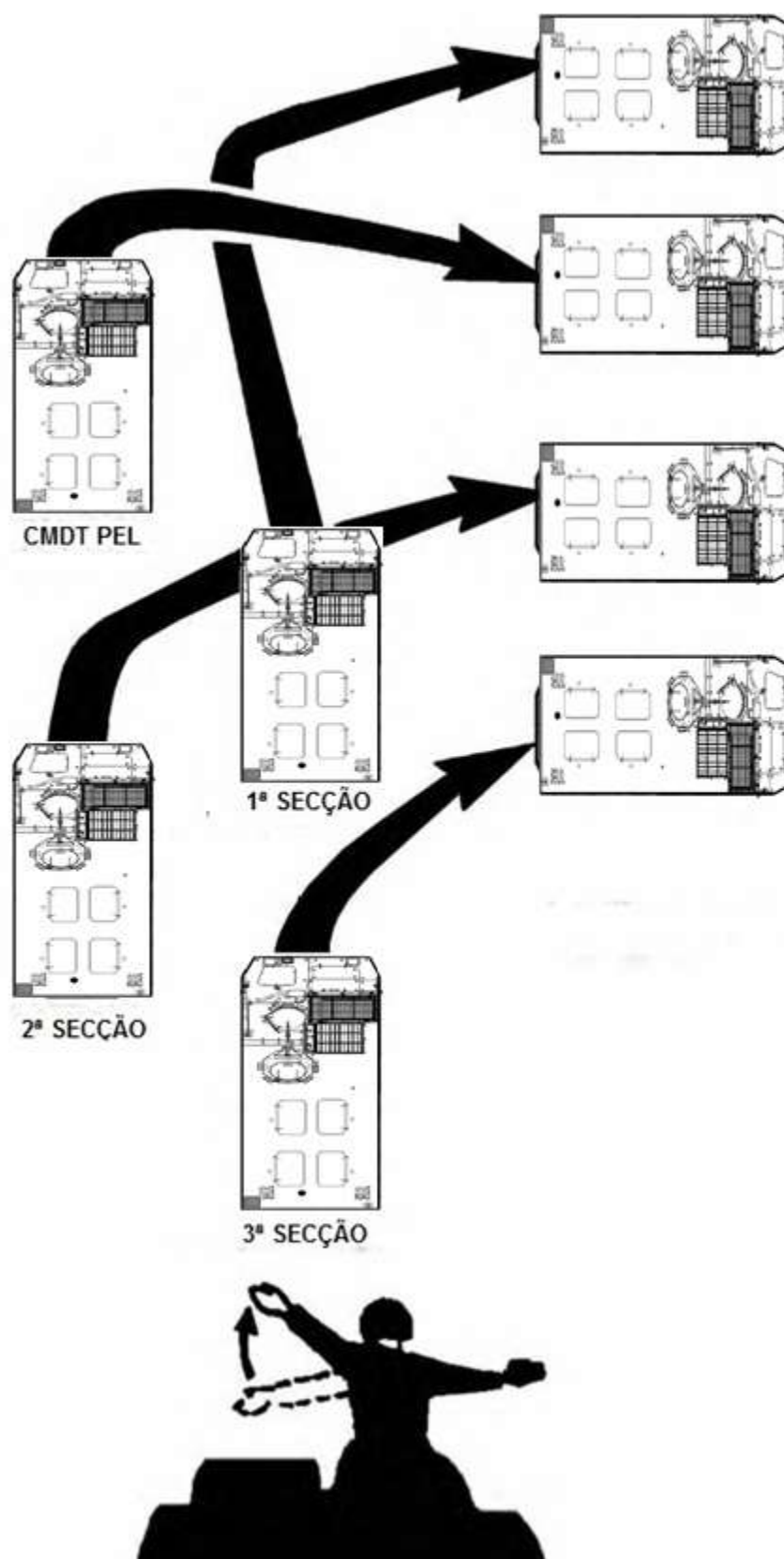


Figura E-39 - Ação para a direita a partir da formação de coluna, com asa à direita

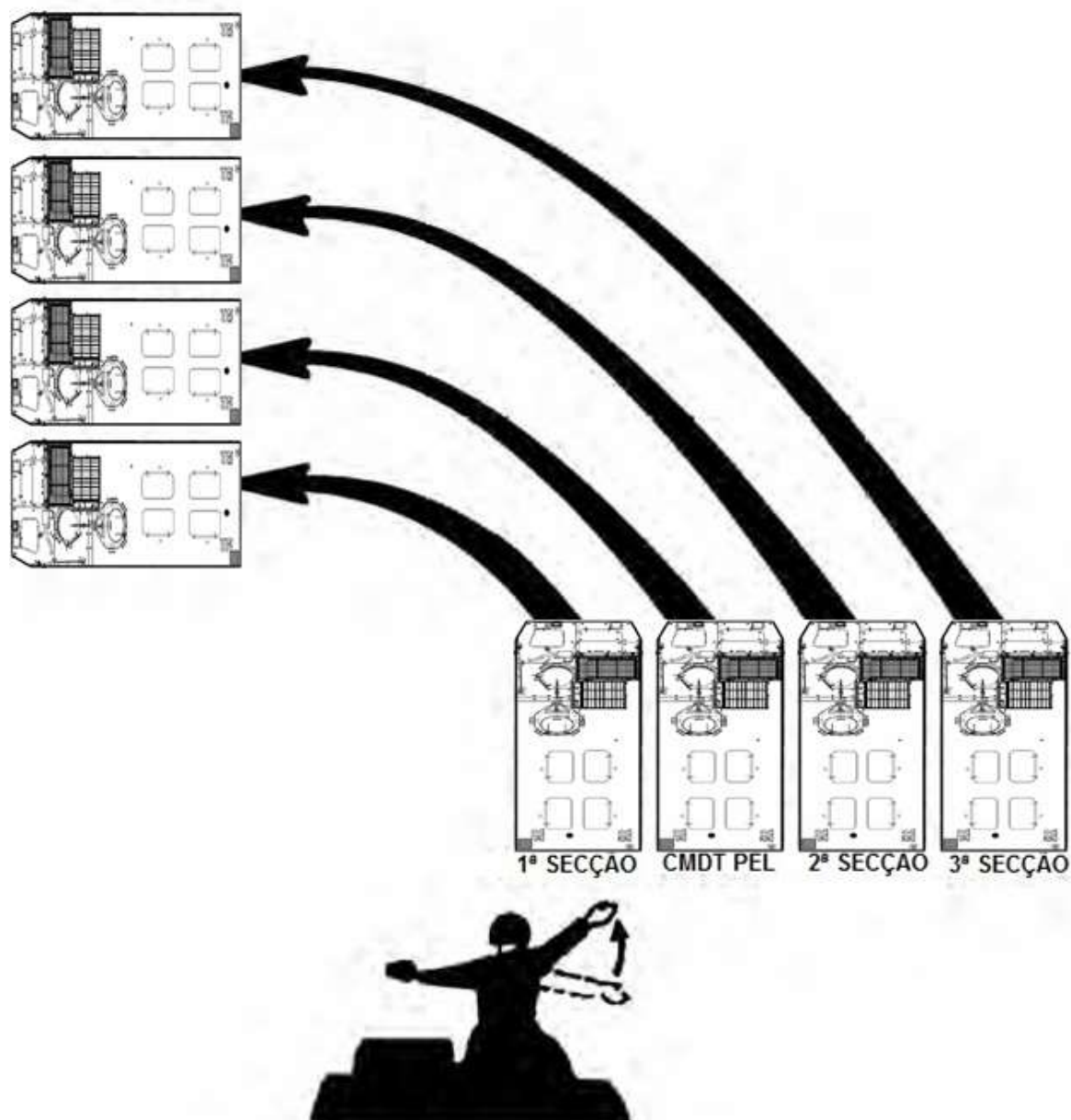


Figura E-40 - Ação à esquerda a partir da formação em linha

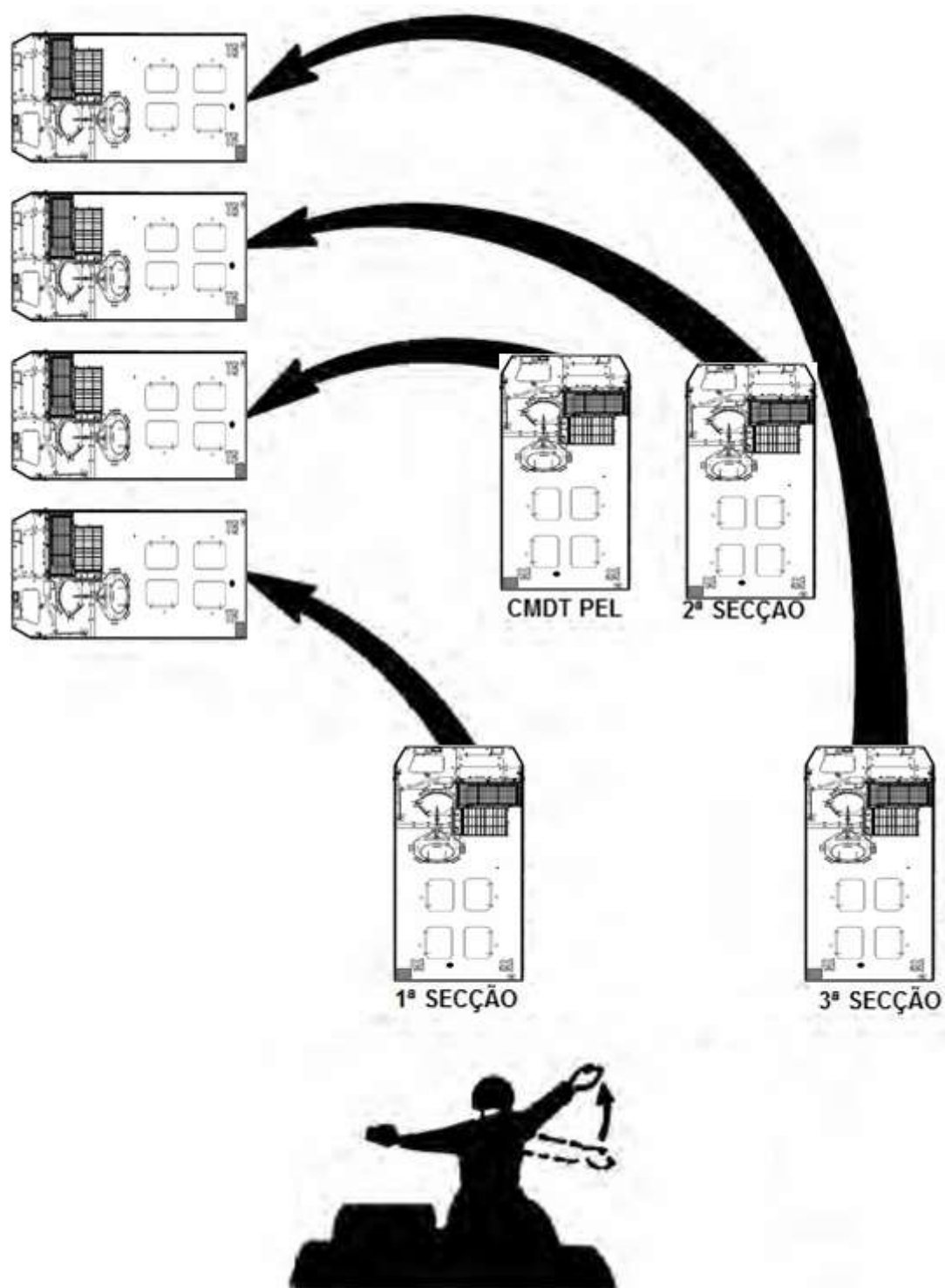


Figura E-41 - Ação à esquerda a partir da formação em cunha

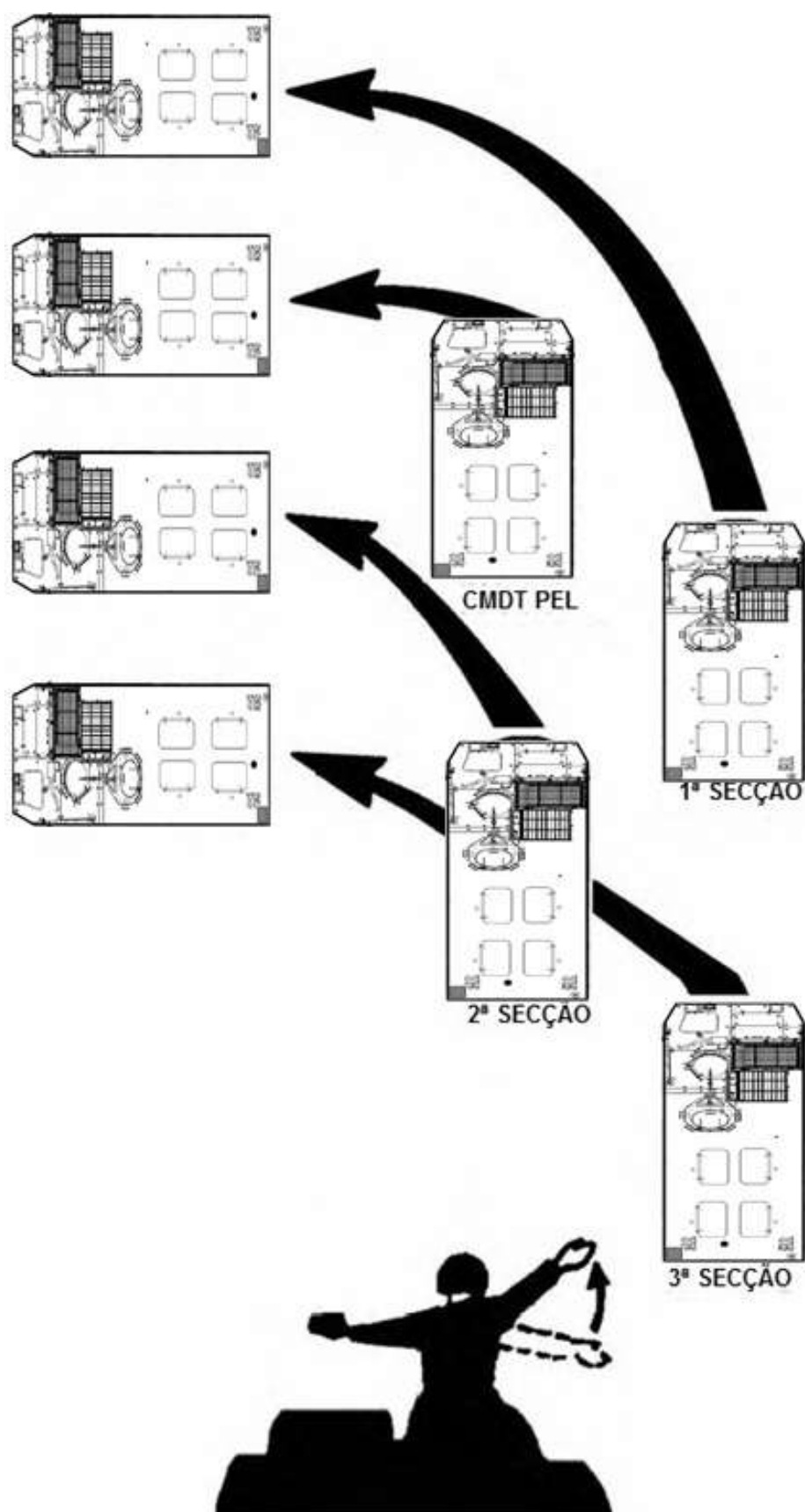


Figura E-42 - Ação à esquerda a partir da formação em coluna, com asa à direita



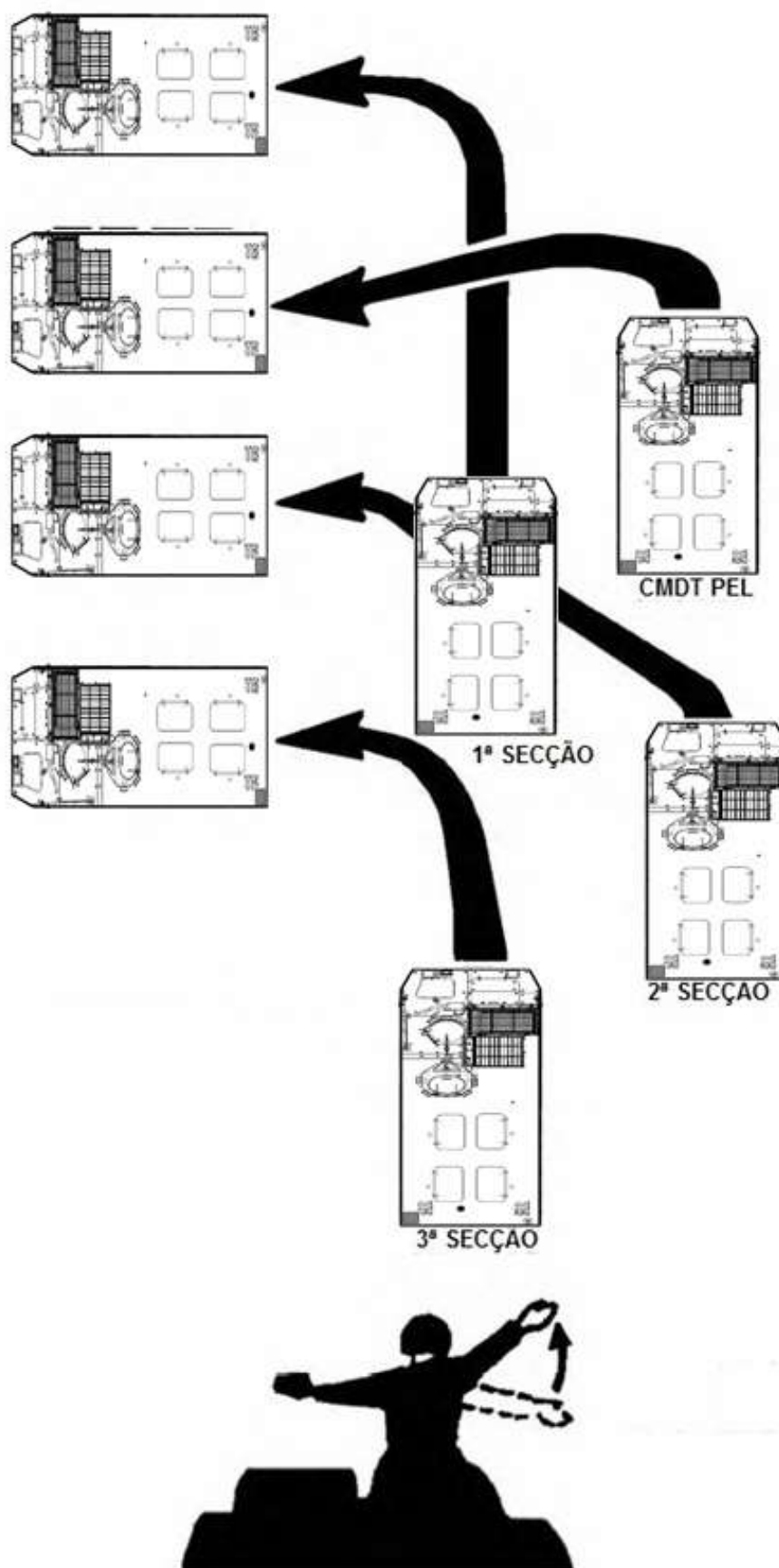


Figura E-43 - Ação à esquerda a partir da formação de coluna, com asa à esquerda



### **E-16. Tarefas críticas da tripulação 9. Destruir ou abandonar uma VBR**

Situação: Dada uma ordem para abandonar e destruir a VBR, arma anticarro, Trinitrotolueno (TNT ou equivalente), equipamento para completar um circuito de fogo elétrico ou pirotécnico ou duas granadas incendiárias e um veículo de tripulação e uma secção de atiradores.

Ações requeridas

**a. Destruição através da remoção ou destruição dos componentes principais.**

(1) Veículo de comando

- (a) Remover a MP e destruí-la.
- (b) Destruir os rádios.
- (c) Executar a autodestruição dos “monitores”
- (d) Retirar as máscaras de proteção e armamento individual, equipamento e aparelhos de visão noturna.

(2) Condutor

- (a) Corta as linhas de refrigeração.
- (b) Corta a mangueira do óleo do motor.
- (c) Destrói o aparelho de visão noturna *Theon* NX-199.
- (d) Retira a sua máscara de proteção, armamento individual e material atribuído.

(3) Membros da secção

- (a) Destruir o “monitor” dos comandantes de secção.
- (b) Assegurar todos os dispositivos de visão noturna
- (c) Assegurar a desmontagem do rádio.
- (d) Proteger as armas anticarro.
- (e) Retirar as suas máscaras de proteção e equipamento individual e material atribuído da viatura.

**b. Destruição pelo fogo**

(1) Veículo de comando

Assegurar a sua máscara de proteção e arma individual.

(2) Condutor:

- (a) Descarregar manualmente todos os extintores da viatura.
- (b) Baixar a rampa.
- (c) Desligar o motor colocando do interruptor em *off* e cortar o combustível do motor
- (d) Abrir a porta de acesso ao compartimento do motor.
- (e) Abrir manualmente a válvula de combustível, retirá-la ou cortar as linhas de combustível.
- (f) Retirar a sua arma e máscara de proteção e evacuar o veículo.

(3) Membros da secção

- (a) Abrir as escotilhas do compartimento de carga

- (b) Assegurar a arma e mascara de proteção e evacuar o veículo.
- (4) Chefe de viatura
  - (a) Assegurar duas granadas incendiárias.
  - (b) Colocar uma granada no compartimento do motor e uma no compartimento de tripulação e evacuar a viatura.

**NOTA:** Desativação do sistema de supressão automática de incêndios antes de destruir a viatura pelo fogo. Isso irá impedir a ativação acidental do sistema automático de supressão de incêndios e que o fogo seja inadvertidamente extinto.

**c. Destruição por armas anticarro.**

- (1) Chefe de viatura e condutor evacuam a viatura.
- (2) Comandante de secção:
  - (a) Tem de apear os membros da secção com as máscaras de proteção, armas individuais e as armas anticarro.
  - (b) Garantir segurança ao especialista anticarro.
  - (c) Deslocar a secção até aos 200 metros não passando o alcance da arma anticarro.
  - (d) Rajada de fogos diretos, visando o armamento, motor e as componentes de condução

**d. Destruição por demolição.**

- (1) Comandante de secção. Fogo para destruir veículos por meios de demolição.
- (2) Esquadra e forças constituintes:
  - (a) Preparar três cargas de 0,45kg de TNT ou o equivalente.
  - (b) Colocar as cargas da seguinte forma:
    - Na MP;
    - Nos monitores;
    - Nas transmissões.
  - (c) Preparar seis cargas de 0.90Kg de TNT ou o equivalente.
  - (d) Colocar as cargas da seguinte forma:
    - Uma carga na parte frontal do motor.
    - A segunda e a terceira carga no motor – uma no lado direito e outra no lado esquerdo.
    - A quarta carga entre o motor e as transmissões.
    - A quinta e a sexta carga no lado direito das rodas direcionais.

(3) Comandante de secção:

- (a) Proporcionar dupla iniciação para minimizar a possibilidade de falha de ignição.
- (b) Ligar todas as cargas (as cargas para as transmissões e compartimento do motor) para detonação simultânea.
- (c) Deslocar os membros da secção e tripulação (com máscaras de proteção e armas individuais) para uma área coberta.
- (d) Detonar as cargas.

**NOTA:** Munições e equipamento que não foram destruídos pela detonação devem ser retirados do veículo e destruído por outros métodos.

**e.** Destruição por utilização de meios naturais em redor. Membros da secção:

- Remover as componentes principais (caixa de mecanismos da *Browning*, monitores, e transmissões) e submergi-los em água (lagos, lagoas, rios, etc.). Se possível, submergir o veículo.
- Se não existir nenhuma massa de água perto, destruir os componentes, preferencialmente em áreas de vegetação muito densas ou de difícil acesso.

**E-17. Tarefas críticas da tripulação 10. Verificações das operações antes, durante e após o combate**

Situação: Verificações das operações na zona de operações, depois do empenhamento, ou durante a consolidação e reorganização.

Ações requeridas

**a.** Verificações antes das operações de combate.

**NOTA:** Seguir todos os procedimentos de segurança de acordo com a lista de verificação, e assegurar que as armas não são carregadas com munições antes da operação de combate.

(1) Comandante de secção (pessoalmente ou através de coordenação com os comandantes de esquadra):

- (a) Verificar que todo o pessoal utiliza corretamente os equipamentos de proteção, as NEPs da unidade e as orientações do comandante (por exemplo, máscara de proteção, coletes de proteção, capacete, antídotos neurotóxicos).
- (b) Assegurar que todos os elementos têm proteção auditiva.

- (c) Assegurar que todos os elementos têm as suas armas atribuídas e as munições de carga prescrita.
  - (d) Verificação de que todas as armas estão carregadas e colocadas em segurança.
  - (e) Assegurar que as munições e pirotecnias estão devidamente arrecadadas (por exemplo, granadas, foguetes, potes de fumos, *Claymores*, granadas de mão).
  - (f) Assegurar que todos os dispositivos de aquisição de alvos estão devidamente arrumados (por exemplo, aparelhos de visão noturna, binóculos).
  - (g) Assegurar que todas as granadas-de-mão são usadas adequadamente.
  - (h) Assegurar que todos os equipamentos desmontados estão funcionais.
  - (i) Para operações noturnas, garantir que todos os equipamentos de visão noturna e aquisição de alvos são montados, estão disponíveis e operacionais para operações noturnas.
  - (j) Assegurar que todo o pessoal tem o equipamento adicional necessário para cumprir a missão de acordo com o MITM-TC (por exemplo, marcações para campos de minas, alicates, *kit* de abertura de obstáculo).
  - (k) Reportar o estado da secção ao sargento de pelotão.
  - (l) Garantir que todo o pessoal e os veículos estão camuflados.
- (2) Chefe de viatura. Assegura que as verificações antes do combate são executadas.
- (a) Assegurar que as transmissões estão em segurança (elétrica).
  - (b) Assegurar que as armas de e os sistemas do veículo estão devidamente instalados e as munições determinadas são carregadas e arrumadas, de acordo com o plano de carregamento e as NEPs do pelotão.
  - (c) Garantir que as transmissões estão operacionais e dentro do alcance.
  - (d) Assegurar que os sistemas de comunicação estão operacionais.
  - (e) Verificar o equipamento individual e armamento do condutor e apontador.
  - (f) Informar o estado do veículo.
- (3) Condutor:
- (a) Executar operações de verificação antes de se iniciar a ação.
  - (b) Informar o estado da viatura ao chefe de viatura.
- (4) Sargento de pelotão:
- (a) Consolidar a informação dos comandantes de secção (e chefes de viatura) e informar o estado do pelotão ao comandante de pelotão.
  - (b) Verificar se o socorrista tem tudo no seu saco de pronto de socorro.
  - (c) Verificar as armas principais de apoio de fogos, as armas individuais e o equipamento, (por exemplo, rádios), e quaisquer outros equipamentos essenciais para a missão.
  - (d) Verificar outros acessórios conforme determinado.

(5) Comandante de pelotão:

- (a) Verificar o equipamento especial para executar a missão e designar onde será carregado.
- (b) Informar o estado do pelotão ao comandante de companhia antes do início da missão.

**b.** Verificações durante operações de combate.

(1) Comandante de secção ou esquadra:

- (a) Assegurar a contagem de todos os soldados e equipamento.
- (b) Supervisionar o auxílio a soldados feridos.
- (c) Garantir que as armas estão em segurança (*SAFE*).
- (d) Verificar o estado das munições, executar pedidos de reabastecimentos quando necessário, e reportar de imediato quando o “stock” esgotar, ao sargento de pelotão.
- (e) Informar o estado do pessoal, equipamentos e munições ao sargento de pelotão.
- (f) Verificar que a segurança é garantida pelos elementos apeados.

(2) Chefe de viatura.

- (a) Assegurar que as transmissões estão no modo de segurança.
- (b) Verificar o estado das munições, realizar exercícios de recarga quando necessário e reportar o estado do “stock” ao comandante de secção ou sargento de pelotão.
- (c) Verificar o alcance de todos os sistemas de armas.
- (d) Verificar os equipamentos danificados.
- (e) Assegurar as comunicações (rádios e intercomunicações) estão operacionais.
- (f) Conduzir uma inspeção visual às transmissões.
- (g) Executar operações de verificação durante a operação.
- (h) Informar o estado do veículo ao comandante de secção.
- (i) Supervisionar a reparação da viatura por meios expeditos, se necessário.

(3) Conductor:

- (a) Conduzir operações de verificação durante a ação.
- (b) Conduzir uma inspeção visual do exterior do veículo.
- (c) Verificar todos os parafusos e porcas das rodas.
- (d) Verificar o estado do combustível e os níveis dos óleos.
- (e) Verificar o compartimento do motor em busca de qualquer dano visível.
- (f) Informar o estado ao chefe de viatura.

(4) Sargento de pelotão.

- (a) Reportar o estado do pelotão ao comandante de pelotão.
- (b) Supervisionar a evacuação de feridos.

(c) Informar a localização e o estado dos veículos inoperacionais e a localização de feridos ou mortos em combate, ao comandante de pelotão.

(d) Coordenar os reabastecimentos, se necessário (por exemplo, gasóleo, óleos, lubrificantes e munições).

(5) Comandante de pelotão:

Informa o estado do pelotão ao comandante de companhia (se são necessários reabastecimentos, reparações para o cumprimento da missão, se o pelotão sofreu perdas em combate ou o estado de manutenção da viatura).

**c. Verificações após operações de combate**

As verificações após operações de combate devem ser realizadas em conjunto com a consolidação e reorganização. Normalmente, a infantaria apeada fornece segurança local, enquanto a esquadra de viatura executa as verificações necessárias.

(1) Comandante de secção ou esquadra:

(a) Garantir que a segurança é montada pelos elementos apeados.

(b) Verificar os soldados feridos.

(c) Efetuar a contagem de todo o pessoal e equipamento.

(d) Verificar e assegurar que todas as armas estão em segurança.

(e) Restabelecer a cadeia de comando.

(f) Verificar o estado das munições e mantimentos.

(g) Assegurar que as posições imediatas estão preparadas, garantir que as armas principais estão guarnecidas e substituir a tripulação do veículo, se necessário.

(h) Assegurar que os soldados e os veículos estão camuflados, se necessário.

(i) Informar o estado dos soldados, equipamento e munições ao sargento de pelotão.

(2) Chefe de viatura:

(a) Verificar que as comunicações estão com modo de segurança.

(b) Assegurar que é realizado o reabastecimento de munições de todas as armas da viatura.

(c) Verificar todos os danos das comunicações (rádio e intercomunicações).

(d) Conduzir operações de verificação pós-ação.

(e) Informar o estado da viatura ao comandante de secção ou sargento de pelotão.

(3) Conductor:

(a) Executar uma inspeção visual ao exterior da viatura.

(b) Conduzir operações de verificação pós-ação.

(c) Verificar todos os parafusos e porcas das rodas.

(d) Verificar o estado do combustível e os níveis de óleo.

(e) Verificar o compartimento do motor em busca de qualquer dano visível.

(f) Reportar o estado da viatura ao chefe de viatura.

(4) Sargento de pelotão:

(a) Informar o estado do veículo, dos soldados, dos equipamentos e das munições ao comandante de pelotão.

(b) Supervisionar a evacuação dos soldados feridos, do equipamento e das viaturas inoperacionais.

(c) Reposicionar os reabastecimentos (pessoal, equipamentos, baterias, gásóleo, óleos, lubrificantes e munições) através do sargento de reabastecimentos da companhia.

(d) Supervisionar a reparação de equipamentos e veículos dentro da capacidade.

(5) Comandante de pelotão.

(a) Determinar e disseminar as lições aprendidas como o sargento de pelotão e comandantes de secção.

(b) Informar o estado do pelotão ao comandante de companhia.

Página intencionalmente em branco



## ANEXO F

### TÉCNICAS DE CONTROLO DE DISTRIBUIÇÃO DE FOGOS

*Suprimir ou destruir o inimigo com fogos diretos eficazes, é fundamental para o sucesso do combate próximo. O fogo e o movimento são componentes complementares da manobra e, portanto, o CmdtPel deve ser capaz de concentrar os fogos de todos os meios disponíveis nos pontos críticos, para ser bem sucedido no campo de batalha. Um controlo de fogo direto eficiente e eficaz significa que o pelotão empenha o inimigo rapidamente e garante que o efeito dos fogos alcança resultados decisivos no combate próximo.*

#### SECÇÃO I - PRINCÍPIOS DO CONTROLO DE FOGO DIRETO

O controlo do fogo direto de forma eficaz, requer que uma unidade concentre rapidamente sobre o inimigo, os efeitos do fogo em massa e que atinja resultados decisivos no combate próximo. Quando planeiam ou executam fogos diretos, o CmdtPel e os Cmdts subordinados devem saber como aplicar os vários princípios fundamentais. A intenção dos princípios de fogo direto não é restringir as acções dos subordinados, mas sim, ajustar o pelotão a cumprir o seu objetivo primário em qualquer ação de fogo direto (para adquirir e abrir fogo primeiro) enquanto dá aos subordinados a liberdade de agir rapidamente sobre o inimigo. Os princípios de controlo de fogo direto são:

- Efeitos de fogo massivos;
- Destruir a maior ameaça em primeiro lugar;
- Evitar o mesmo alvo ser batido por várias armas;
- Empenhar as melhores armas para bater o alvo;
- Minimizar a exposição de forças amigas;
- Evitar fratricídio;
- Fazer planeamento para condições extremas de visibilidade reduzida;
- Desenvolver um plano de contingências para capacidades diminuídas.

#### **F-1. Massificar os efeitos conjuntos do fogo**

O pelotão deve efectuar fogos de vários tipos para alcançar resultados decisivos. A distribuição dos fogos deve ser feita pelos pontos críticos e distribuindo depois efeitos, deslocando-os para novos pontos críticos conforme se forem revelando. Os fogos aleatórios e inopinados terão menores efeitos. Por exemplo, concentrar os fogos do pelotão num só alvo pode assegurar a destruição ou supressão do mesmo, no entanto, este fogo, provavelmente não alcançará um efeito decisivo na formação do inimigo, pessoal ou posição.

## **F-2. Destruir a maior ameaça primeiro**

O pelotão empenha-se prioritariamente nos alvos de acordo com o perigo que os mesmos representam. Se dois ou mais alvos se apresentam com o mesmo nível de ameaça, o pelotão empenha-se primeiro no alvo mais próximo. O pelotão define uma área de empenhamento, para poder determinar, quando adquirir os vários alvos e planejar as distâncias nos seus esboços e cartas de tiro. Por exemplo, o pelotão deve definir uma área de empenhamento para a arma anticarro para garantir que os seus apontadores não desperdiçam mísseis. O pelotão deve também marcar a área de empenhamento para a VBR Pandur de 1000 metros, para determinar quando estas se empenham com uma ameaça.

## **F-3. Evitar bater o mesmo alvo por várias armas**

Para evitar que o alvo seja batido por mais de um sistema de armas ao mesmo tempo, o pelotão pode dividir as áreas de empenhamento em setores ou quadrantes de tiro para melhor distribuir o fogo dentro do pelotão.

- a. O pelotão pode usar várias técnicas para definir a área de empenhamento. O pelotão e a companhia devem desenvolver uma NEP para dividir a área de empenhamento com infravermelhos e pontos de referência térmicos no alvo, para que todos os elementos possam distribuir fogos dentro da área de empenhamento.
- b. As secções e pelotões devem marcar as áreas de empenhamento com aparelhos de infravermelhos para empenhamentos durante os períodos de visibilidade reduzida. As miras térmicas das VBR não detetam fontes de infravermelhos, portanto toda a área de empenhamento deve estar marcada com aparelhos térmicos. Por exemplo, o pelotão pode queimar uma mistura de pedras, areia e gasóleo dentro de um bidão de combustível, lata de munições ou balde antes de anoitecer para obter uma fonte de calor durante grande parte da noite.
- c. O CmdtPel pode também designar cadências de tiro, por sistemas de armas, para evitar que o alvo seja batido por várias armas. Predefinindo as cadências de tiro, permite ao CmdtPel planejar e economizar as munições, para obter um efeito desejado no inimigo. As cadências de tiro são: cíclica, rápida e sustentada.

## **F-4. Utilizar a melhor arma para cada alvo**

O emprego de uma arma apropriada ao alvo aumenta a probabilidade de uma rápida destruição ou supressão do inimigo e também poupa munições.

- a. O tipo de alvo, distância e exposição, são fatores-chave para determinar qual a arma a usar e quais os efeitos desejados sobre o alvo. O CmdtPel organiza as tarefas e matrizes das suas forças, baseando-se no terreno, inimigo e efeitos desejados.

- b. Os CmdtPel, secções e chefes de viatura devem assegurar-se que direccionam os fogos dos seus sistemas de armas nos alvos ou áreas de empenhamento atribuídas. Por exemplo, a arma anticarro é usada contra alvos blindados há distâncias de 3750 metros para tirar partido do seu “*stand-off range*” e a metralhadora ligeira HK-21 é usada para destruir veículos não blindados e infantaria apeada a distâncias dentro dos 600 metros.

#### **F-5. Minimizar a exposição de forças amigas**

As unidades aumentam a sua sobrevivência expondo-se aos inimigos, apenas na medida do necessário, para os empenharem eficazmente. Proteções naturais ou feitas pelo homem, fornecem a melhor proteção. A tripulação e as secções devem minimizar a sua exposição procurando constantemente proteção, atacando o inimigo pelo flanco, permanecendo dispersos, fazendo fogo a partir de múltiplas posições e limitando os tempos de empenhamento e exposição.

#### **F-6. Prevenir fratricídio**

O CmdtPel deve ser pró-activo para reduzir o risco de fratricídio, especialmente quando diz respeito a secções de atiradores apeadas num campo de batalha multi-dimensional. Ele possui numerosas ferramentas para o ajudar a prevenir o fratricídio (para mais informação consulte o Anexo D).

- a. O pelotão pode usar técnicas térmicas e de infravermelhos para garantir que as unidades adjacentes não são atingidas por engano, por forças amigas, durante períodos de visibilidade reduzida. Os elementos de assalto podem usar luzes químicas de infravermelhos, *chemlight* e muitos outros métodos, para marcar o avanço dos elementos de assalto. O CmdtPel tem de assegurar que o inimigo não tem capacidade de visão noturna antes de marcar o avanço dos seus soldados com aparelhos de infravermelhos.
- b. Ao monitorizar a localização das unidades, os Cmdts devem assegurar-se, a todos os níveis, que sabem a localização exacta dos seus homens assim como o de outros elementos e que conseguem controlar os seus fogos. O Cmdt e o SargPel devem saber a localização de cada uma das suas secções.

#### **F-7. Plano para limitações extremas de visibilidade**

O pelotão está equipado com sistemas de visão noturna e térmicos que permitem, às secções e VBR, adquirir o inimigo durante períodos de visibilidade reduzida, a distâncias aproximadas às aplicadas durante o dia. Nevoeiro denso, fumos e tempestades de areia, podem reduzir

significativamente a capacidade do CmdtPel de controlar os fogos diretos do pelotão se não tiver tomado estas condições em consideração.

**F-8. Desenvolver um plano de contingências para capacidades diminuídas**

O CmdtPel, usualmente, desenvolve um plano baseado nos meios disponíveis e um plano alternativo para fazer face à perda de equipamento ou pessoal. O CmdtPel deve desenvolver um plano que maximize as capacidades da sua unidade, dentro da possibilidade mais provável. Ele deve ser o elemento de redundância dentro do pelotão. Por exemplo, deve designar setores de fogo alternativos para as secções, fornecendo-lhe capacidade de transportar fogos para o setor de uma secção que tenha ficado fora de combate. Estas contingências podem constituir uma NEP da unidade.

## SECÇÃO II - CONTROLO DE FOGOS DIRETOS

Para adquirir e destruir o inimigo é necessário o empenhamento de fogos diretos da viatura, com arma anticarro, metralhadora ou arma individual. Os Cmdts não devem presumir que a unidade vai ser capaz de avistar o inimigo; devem supor que o inimigo se camufle, utilize efetivamente caminhos ocultos quando atacar, tire melhor partido de um ataque de flanco e, na defesa, utilize posições ocultas. Portanto, o pelotão deve praticar técnicas inovadoras de controlo de fogos diretos e a sua distribuição em operações ofensivas e defensivas, especialmente quando o inimigo tenha uma ordem de batalha pouco definida ou irregular, que ocorre muitas vezes quando se conduzem operações de estabilização.

**F-9. Processo de controlo de fogo**

Para efetuar fogos diretos contra uma força inimiga com sucesso, os Cmdts devem aplicar continuamente os quatro passos do processo de controlo de fogo direto. Este processo tem duas ações críticas: aquisição precisa e rápida do alvo e volume de fogos para obter efeitos decisivos sobre o inimigo. A aquisição do alvo é a sua deteção, identificação, e localização com detalhes suficientes, de modo a permitir um empenhamento eficaz de todas as armas do pelotão. Efetuar um volume de fogos diretos nos pontos críticos e depois distribuir os fogos para otimizar o efeito. Os quatro passos do processo de controlo de fogo são:

- a. Identificar as prováveis localizações do inimigo e determinar o seu esquema de manobra;
- b. Determinar quando e como executar de um volume de fogo direto maciço (focar e distribuir);
- c. Orientar as forças para uma rápida aquisição do alvo;
- d. Transportar os fogos diretos para reorientar ou redistribuir os seus efeitos.

**F-10. Medidas de controlo de fogo**

As medidas de controlo de fogo são meios pelos quais o CmdtPel ou os Cmdt subordinados controlam os fogos. A aplicação destes conceitos, procedimentos e técnicas ajudam as unidades a adquirir o inimigo, orientar os fogos, distribuir os efeitos do fogo, transporte efectivo dos fogos e prevenir o fratricídio. Ao mesmo tempo, nenhuma medida isolada é suficiente para um controlo de fogo eficaz. A nível de pelotão, as medidas de controlo de fogo apenas serão eficazes se a unidade inteira tiver um entendimento correto das medidas de controlo de fogo e como as utilizar. A tabela seguinte foca as várias medidas de controlo de fogo empregues pelo pelotão. A tabela F-1 lista as medidas de controlo de fogo quer sejam baseadas no terreno ou na ameaça.

<b>Medidas de controlo fogo baseado no terreno</b>	<b>Medidas de controlo fogo baseado na ameaça</b>
Ponto de referência no objetivo (PRO)	Padrões de fogo
Área de empenhamento (AE)	Dispositivo do objetivo
Setor de tiro	Prioridade de empenhamento
Direção de tiro	Linhas de gatilho
Quadrantes baseados no terreno	Condições de controlo de armas
Quadrantes baseados nas forças amigas	Regras de empenhamento
Linha de Máximo Empenhamento (LME)	Postura de armas-prontas
Linha de tiro restritiva (LTR)	Técnicas de empenhamento
Linha de protecção final (LPF)	

Tabela F-1 - Medidas comuns de controlo de fogo.

**a. Ponto de Referência no Objetivo (PRO)**

Um ponto de referência no objetivo (figura F-1), é um ponto reconhecível no terreno, que os Cmdts usam para orientar forças amigas e orientar e controlar os fogos diretos. Os pontos de referência no objetivo podem ser marcados e designados por fogos indiretos. Estes podem ser usados através de pedidos ou através do ajuste de fogos indiretos. Os Cmdt designam pontos de referência no objetivo em possíveis localizações do inimigo e ao longo de eixos prováveis de aproximação. Estes pontos podem ser naturais ou artificiais. Um ponto de referência no objetivo pode ser um local estabelecido, como uma colina, um edifício ou um algo improvisado designado como ponto de referência no objetivo, como seja um veículo inimigo destruído ou fumos gerados por um ataque de artilharia. As unidades amigas também podem construir marcadores para servir de pontos de referência no objetivo. Idealmente os pontos de referência no objetivo devem ser visíveis em três modos de observação (a olho nu, infravermelho passivo, por meios térmicos) para que todas as forças os

possam ver. Os pontos de referência no objetivo incluem as seguintes estruturas e objetos:

- (1) Colinas proeminentes;
- (2) Edifício que se distinga;
- (3) Posição inimiga observável;
- (4) Veículo destruído;
- (5) Iluminação de uma explosão no solo;
- (6) Fumos de fogos indiretos;
- (7) Ponto *laser*.

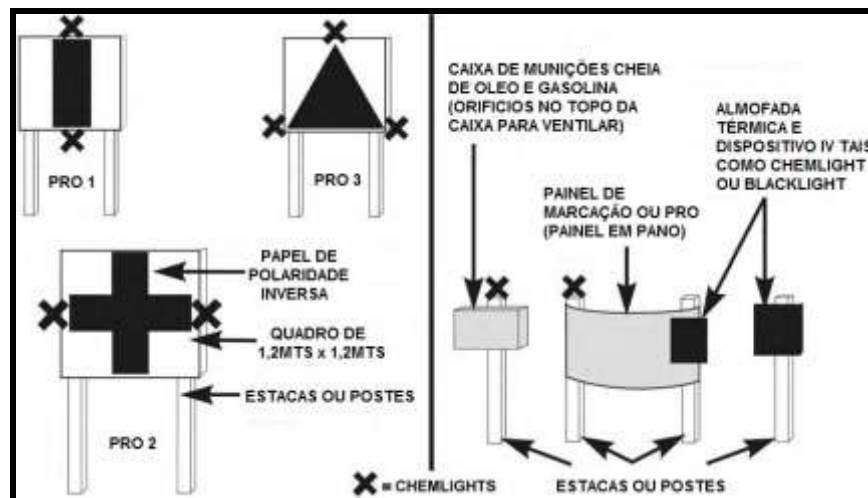


Figura F-1 - Exemplo de um PRO construído

**b. Área de Empenhamento (AE)**

Esta medida de controlo de fogo é uma área ao longo de um eixo de aproximação do inimigo, onde o CmdtPel tenciona concentrar os fogos das armas disponíveis para destruir uma força inimiga. O tamanho e a forma da área de empenhamento é determinada pelo grau de visibilidade, pelo sistema de armas disponíveis e suas posições de tiro e pelo alcance máximo das mesmas. Tipicamente, os Cmdts definem a responsabilidade dentro da área de empenhamento, atribuindo, a cada pelotão, um setor de tiro ou direção de tiro.

**c. Setor de Tiro**

O setor de tiro é uma área bem definida que deve ser coberta por fogo direto. Os Cmdts designam setores de tiro aos elementos subordinados, às armas coletivas e aos soldados, para assegurar a cobertura de uma área de responsabilidade. Também podem limitar o setor de tiro a um elemento ou arma coletiva para prevenir o empenhamento accidental de uma unidade adjacente. Ao atribuírem setores de tiro, os CmdtPel e Cmdt subordinados, consideram o número e tipo de armas disponíveis.

Além disso, eles devem considerar o tipo de sistema de aquisição de alvos e o seu campo de visão para determinar a largura de um setor de tiro. Por exemplo, enquanto a vista desarmada tem um amplo campo de visão, a sua capacidade de detetar e identificar alvos a grande distância e em condições de visibilidade reduzida é limitada. Inversamente, a maioria dos sistemas de aquisição de controlo de fogo tem um maior alcance de deteção e identificação do que a olho nu, mas o seu campo de vista é limitado. Os meios para designar setores de tiro são os seguintes:

- (1) PRO;
- (2) Método do relógio;
- (3) Quadrantes baseados no terreno;
- (4) Quadrantes baseados nas forças amigas.

**d. Direção de Tiro**

Direção de tiro é uma linha ou azimuth usado para atribuir a responsabilidade de uma área específica no campo de batalha, que deve ser coberta por fogo direto. Os Cmdts designam direções de tiro para a aquisição ou o empenhamento por parte dos elementos subordinados, armas coletivas ou soldados. Os Cmdts devem empregar a direção de tiro quando atribuem setores de tiro, devido ao tempo limitado ou pontos de referência insuficientes. Os meios para designar direções de tiro são os seguintes:

- (1) PRO mais próximo;
- (2) Método do relógio;
- (3) Direção de pontos cardinais;
- (4) Marcador no alvo;
- (5) Ponto de *laser* Infravermelho.

**e. Linha Máxima de Empenhamento (LME)**

Linha máxima de empenhamento é a representação linear do limite mais distante de fogo eficaz de uma arma ou unidade. O alcance máximo da arma, a descrição do alvo, e o terreno determinam esta linha. Por exemplo, inclinações, vegetação, determinadas estruturas e outros recursos fornecem cobertura e camuflagem que podem impedir a arma de realizar o alcance máximo eficaz. A linha de empenhamento máximo serve vários propósitos para o CmdtPel:

- (1) Para impedir que as Secções e as VBR de se empenharem em alvos para além do alcance eficaz do seu sistema de armas.
- (2) Estabelecer critérios para de disparo para as armas.
- (3) Para retratar a extensão máxima de espaço da unidade no campo de batalha.

**f. Linha de Tiro Restritivo (LTR)**

Uma linha de tiro restritivo é uma medida linear de controlo de fogo para além da qual o empenhamento é proibido sem coordenação. Na ofensiva, o CmdtPel pode

designar uma linha de tiro restritivo, para impedir que o elemento da base de apoio faça fogo para dentro da área onde o elemento de assalto manobra. Esta técnica é muito importante quando as VBR apoiam diretamente a manobra das secções de infantaria. Na defensiva, o CmdtPel estabelece uma linha de tiro restritivo, para impedir que a unidade se empenhe contra uma secção amiga posicionada em terreno restritivo no flanco de um eixo de aproximação.

**g. Linha de Protecção Final (LPF)**

Uma LPF é uma linha de fogo estabelecida, pela intersecção de todos os setores das armas disponíveis, onde se prevê o assalto inimigo. A unidade reforça esta linha, sempre que possível, com obstáculos e com fogos de proteção final. O início dos fogos de proteção final é o sinal para que as secções e as armas principais transportem fogos para a sua área designada, na linha de proteção final.

**F-11. Medidas de controlo de fogo baseadas na ameaça**

O CmdtPel usa as medidas de controlo de fogo baseado na ameaça para focar e controlar os fogos, direccionando a unidade para empenhar um inimigo específico em vez de abrir fogo sobre uma área. As medidas de controlo de fogo baseadas na ameaça podem ser difíceis de aplicar contra uma ameaça assimétrica. Os parágrafos que se seguem descrevem as táticas, técnicas e procedimentos associados com este tipo de medidas de controlo.

**a. Padrões de Fogo**

Os padrões de fogo são medidas de controlo de fogo para distribuir os fogos de uma unidade, em simultâneo, entre alvos múltiplos e semelhantes (F2- Padrões de fogo). Os pelotões, muitas das vezes, usam-nos para distribuir fogos ao longo de uma formação inimiga. Os Cmdt designam e ajustam os padrões de fogo baseando-se no terreno e antecipando a formação inimiga. Os padrões básicos de fogo são: fogo frontal, fogo cruzado e fogo em profundidade.



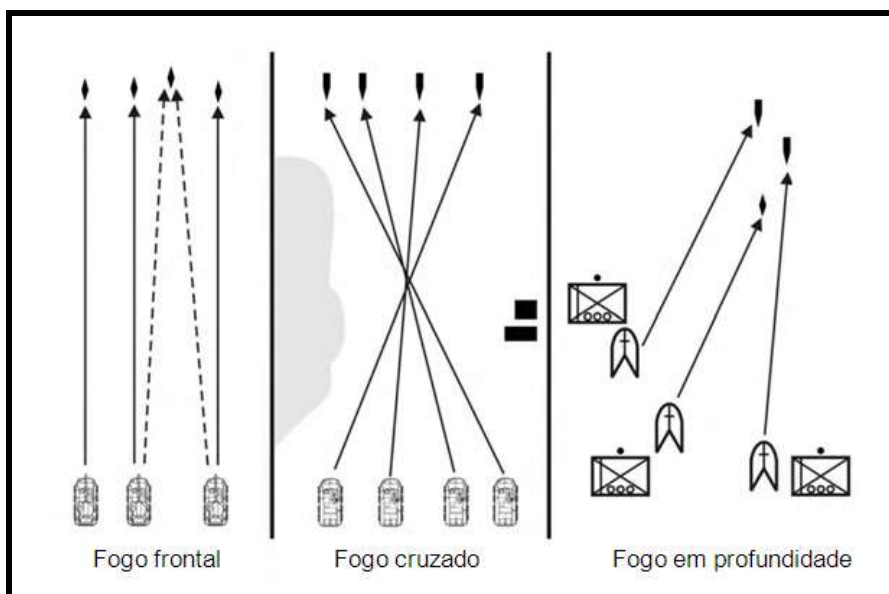


Figura F-2 - Padrões de Fogo

(1) Fogo Frontal

Os Cmdts podem iniciar fogo frontal quando os alvos estão ordenados em frente a unidade numa configuração lateral. Os sistemas de armas empenham os alvos nas suas respectivas frentes. Por exemplo, a arma do flanco esquerdo empenha o alvo mais a esquerda, a arma do flanco direito empenha o alvo mais a direita. À medida que destroem os alvos inimigos, as armas deslocam os fogos em direção ao centro da formação inimiga e das curtas para as longas distâncias.

(2) Fogo Cruzado

Os Cmdts iniciam o fogo cruzado quando os alvos estão ordenados lateralmente ao longo da frente da unidade de modo a permitir fogos diagonais ao flanco inimigo ou quando obstruções impedem as armas da unidade de efetuar fogos frontais. As armas do flanco direito empenham-se nos alvos mais a esquerda. As armas do flanco esquerdo empenham-se nos alvos mais a direita. Disparar diagonalmente ao longo de uma área de empenhamento fornece mais disparos de flanco, o que aumenta a possibilidade de fazer baixas. Também reduz a possibilidade que os elementos amigos sejam detetados se o inimigo continuar o avanço. À medida que destroem os alvos inimigos as armas deslocam os fogos em direção ao centro da formação inimiga.

(3) Fogo em Profundidade

Os Cmdts iniciam o fogo em profundidade quando os alvos estão dispersos em profundidade, perpendicularmente à unidade. As armas ao centro empenham-se nos alvos mais próximos. As armas dos flancos empenham-se nos alvos em

profundidade. À medida que destroem os alvos, as armas deslocam o fogo para o centro da formação inimiga.

**b. Prioridades de Empenhamento**

Em concordância com o conceito da operação, o CmdtComp determina qual o tipo de alvo remunerador que representa a maior ameaça para a sua força. Ele então estabelece esses alvos como prioridade de empenhamento da unidade. O CmdtPel redefine essas prioridades dentro do seu pelotão.

**(1) Utilizar a melhor arma para cada alvo**

Estabelecer prioridades de empenhamento para cada sistema de armas aumenta a eficácia com que a unidade emprega as armas. Por exemplo, a prioridade de empenhamento para as VBR podem ser colunas de transporte de pessoal inimigo ou tropas apeadas.

**(2) Distribuição de fogos da unidade**

Estabelecer prioridades diferentes para cada sistema de armas similar, ajuda a prevenir uma concentração de fogos num só alvo e favorece uma distribuição de fogos eficaz. Por exemplo, se o Cmdt estabelecer que as armas anticarro devem empenhar todos os veículos blindados, o CmdtPel pode designar um só par de armas anticarro, que têm como prioridade inicial os veículos blindados.

**c. Postura de armas-prontas**

A postura de armas-prontas é o meio pelo qual os Cmdt usam atualizações de situação via COP ou as suas estimativas da situação para especificar as munições e o alcance para o empenhamento. O terreno, a visibilidade, o clima e as condições de luminosidade, afetam a seleção do alcance.

**(1) Entre o pelotão, a postura de armas-prontas afeta o tipo e quantidade de munições transportadas pelas secções e VBR.**

**(2) Para as secções, a postura de armas-prontas é a seleção de munições e alcances indexados para cada elemento e armas coletivas. Por exemplo um granadeiro cujo empenhamento mais provável é cobrir um espaço morto a 200 metros da sua posição, pode carregar granadas HE e marcar 350 metros no seu quadrante de visibilidade.**

**d. Linhas de Gatilho**

Uma linha de gatilho é um conjunto específico de condições que dita o início dos fogos. Muitas vezes referido como um critério de empenhamento, uma linha de gatilho específica as circunstâncias em que as secções se devem empenhar. As circunstâncias podem basear-se num acontecimento amigo ou inimigo específico. Por exemplo, a linha de gatilho para um pelotão iniciar um determinado empenhamento, pode ser a passagem ou travessia de três ou mais veículos inimigos

numa linha ou ponto. Esta linha pode ser um recurso natural ou feito pelo homem, como estradas, cordilheiras ou cursos de água. Também pode ser uma linha perpendicular à orientação da unidade, delineada por um ou mais pontos de referência.

**e. Condição de controlo de armas**

Os três níveis de “condição de controlo de armas” definem os critérios de identificação dos alvos sobre os quais os elementos amigos se podem empenhar. O CmdtPel define a “condição de controlo de armas” baseado nas disposições de forças amigas e inimigas e no nível de esclarecimento da situação. Na generalidade quanto mais elevada é a probabilidade de fratricídio, maior a restrição da “condição do controlo de armas”. Os três níveis, por ordem decrescente de restrição, são:

- (1) Armas Seguras: empenhar-se apenas se for empenhado pelo inimigo ou à ordem;
- (2) Armas Firmes: empenhar-se apenas alvos identificados positivamente como inimigos;
- (3) Armas Livres: empenhar-se qualquer alvo que não positivamente identificado como amigo.

Como por exemplo, o CmdtPel pode estabelecer a condição de controlo de armas como “ARMAS SEGURAS” quando as forças amigas estão a conduzir uma passagem de linhas. Assim, o CmdtPel deve ser capaz de colocar a condição de “ARMAS LIVRES” quando sabe que não existem elementos amigos na área de empenhamento. Isto permite aos elementos do pelotão empenhar-se contra alvos a longas distâncias mesmo existindo dificuldade de distinguir alvos com precisão (alcances para além de 2000 metros). O CmdtPel também pode estabelecer uma condição de controlo de sistema de armas diferente para os seus elementos baseado nas atualizações do COP. A condição de controlo de armas é extremamente importante para as forças que usam sistemas de identificação em combate. Estabelecendo a condição de controlo de armas como “ARMAS LIVRES” permite ao Cmdt empenhar-se em alvos desconhecidos quando não obtêm uma resposta amiga positiva.

**f. Regras de Empenhamento (ROE)**

As ROE especificam as circunstâncias e as limitações nas quais as forças se podem empenhar. Estas incluem definições de elementos combatentes e não combatentes e prescrevem o tratamento de não combatentes. Os fatores que influenciam as ROE são a política nacional, a missão de força e a intenção do Cmdt, a intenção do CmdtPel, o ambiente operacional e as leis da guerra. As ROE reconhecem sempre o direito á auto-defesa, ao mesmo tempo, definem claramente em que circunstância se pode abrir fogo.

**g. Técnicas de Empenhamento**

Técnicas de empenhamento são medidas de distribuição de efeitos do fogo. As técnicas de empenhamento mais comuns nas operações do pelotão são:

- Fogo num ponto;
- Fogo numa área;
- Fogo simultâneo;
- Fogo alternado;
- Fogo observado;
- Fogo sequencial;
- Tempo de supressão;
- Reconhecimento pelo fogo.

**(1) Fogo num ponto**

O fogo num ponto, implica concentrar os efeitos do fogo da unidade contra um alvo específico, por exemplo, um veículo, um ninho de metralhadoras ou uma posição de míssil anticarro. Quando os Cmdt direcionam os fogos para um ponto, todas as armas da unidade se empenham nesse alvo (ponto), abrindo fogo até à sua destruição ou durante o tempo determinado. Empregar fogos convergentes de posições dispersas faz o fogo num ponto mais eficaz porque o alvo é batido de múltiplas direções. A unidade pode iniciar um empenhamento usando esta técnica contra a ameaça mais perigosa e depois transportar o fogo para uma área ou para outros alvos.

**(2) Fogo numa área**

O fogo numa área implica distribuir os efeitos dos fogos da unidade sobre uma área em que as posições inimigas são numerosas ou não estão perfeitamente identificados. Se a área for ampla e larga, os Cmdts designam setores de tiro aos seus elementos subordinados usando o método de distribuição baseado no terreno como a técnica do quadrante. Normalmente, esta técnica destina-se à supressão e requer um controlo judicioso.

**(3) Fogo simultâneo**

As unidades empregam esta técnica para suprir rapidamente os efeitos dos fogos inimigos ou ganhar superioridade. Por exemplo, uma unidade pode iniciar uma operação de apoio pelo fogo com fogo simultâneo e depois reverter para fogo alternado ou sequencial para manter a supressão. O fogo simultâneo também pode ser empregue para baixar a probabilidade de êxito pelas armas anticarro inimigas. Assim, uma secção pode empregar fogo simultâneo com a

sua arma anticarro para destruir uma viatura inimiga que está a empenhar uma força amiga.

(4) Fogo alternado

No fogo alternado, os elementos aos pares empenham-se continuamente no mesmo ponto ou área, mas um de cada vez. Por exemplo, um pelotão de infantaria pode alternar os fogos com um par de metralhadoras ou com as viaturas das Secções. Fogo alternado permite à unidade manter supressão por uma duração superior ao fogo simultâneo. Também força o inimigo a adquirir e empenhar alvos alternados.

(5) Fogo observado

Fogo observado permite observação e assistência mútua enquanto protege a localização do elemento de observação e poupa munições. O CmdtComp pode empregar este método entre elementos da companhia. Ele pode direccionar um pelotão para observar enquanto outro pelotão empenha o inimigo. O pelotão pode usar fogo observado quando se encontra numa posição defensiva protegida, com distâncias de empenhamento superiores a 800 metros. Por exemplo, o CmdtPel pode direccionar o elemento montado para empenhar o inimigo, enquanto as secções apeadas observam os efeitos do fogo. Os elementos de observação preparam-se para à ordem (no caso do elemento montado falhar, tenha falhas de disparo ou fique sem munições) baterem o inimigo.

(6) Fogo sequencial

No fogo sequencial, os elementos subordinados de uma unidade empenham o mesmo ponto ou área, uns a seguir aos outros numa sequência organizada. O fogo sequencial também pode ajudar a prevenir o desperdício de munições. Adicionalmente, o fogo sequencial permite que os elementos que já abriram fogo passem a informação do alvo. Por exemplo, atirador especialista Armas Anticarro (AACar) que falhou o disparo contra uma viatura inimiga pode passar a distância e outras informações ao próximo apontador a empenhar a viatura com a arma anticarro.

(7) Tempo de supressão

Tempo de supressão é o período, especificado pelo CmdtPel, durante o qual uma posição inimiga deve ser suprimida. O tempo de supressão está dependente do tempo de manobra que um elemento de assalto precisa. Normalmente, uma unidade suprime uma posição inimiga usando a cadência de tiro normal das suas armas automáticas. Ao planear fogos de supressão, os Cmdt devem considerar os seguintes fatores:

- Tempo estimado de supressão;
- O tamanho da área a ser suprimida;
- O tipo de força inimiga a suprimir;
- A distância do alvo;
- Cadências de tiro;
- A quantidade de munições disponível.

(8) Reconhecimento pelo fogo

O reconhecimento pelo fogo é o processo de empenhamento nas localizações prováveis do inimigo, de modo a visualizar a sua resposta tática obrigando o inimigo a revelar-se (exemplo: resposta ao fogo ou o início de um movimento). Esta resposta permite ao CmdtPel e Cmdts subordinados fazer uma correta aquisição do alvo e então concentrar os fogos contra o inimigo. Usualmente o CmdtPel dirige um elemento subordinado para conduzir reconhecimento pelo fogo. Ele pode, por exemplo, conduzir uma secção de apoio de modo a conduzir o reconhecimento pelo fogo contra uma posição inimiga provável, antes de iniciar o movimento com as outras secções.

## ANEXO G

### CARTAS DE TIRO E ESBOÇOS DE SECÇÃO

*O sucesso de uma defesa depende do posicionamento eficiente dos soldados e das armas. Para posicionar eficazmente as suas armas, o CmdtPel deverá saber quais as suas características, capacidades e limitações das suas armas, os efeitos do terreno e o inimigo. Contudo o CmdtPel não coloca simplesmente uma arma em posição. Deve também assegurar-se que cada arma atinge o inimigo eficazmente e a soma das armas atinge o inimigo com fogos diretos, coordenados e em massa. O CmdtPel deve dizer aos seus comandantes para fazerem as cartas de tiro detalhadas e elaboram esboços de secção detalhados e coordenados. Para o cumprir, o CmdtPel ordena a realização de cartas de tiro detalhadas e esboços de posição às suas secções e, conseqüentemente, às suas esquadras, inspecionando pessoalmente a posição de cada soldado. Revê os esboços das secções e coordena com as unidades adjacentes.*

#### SECÇÃO I - CARTAS DE TIRO

A carta de tiro é um esboço de um setor a ser batido por um sistema de armas de fogo direto. A carta de tiro ajuda no planeamento e controlo de fogos e permite á guarnição a adquirir alvos, durante períodos de visibilidade reduzida. O soldado ou apontador deve fazer carta de tiro para de tornar familiarizado com o terreno do seu setor. Ele deve verificar continuamente o seu setor e fazer alterações à sua carta de tiro. Para a realização da carta de tiro o apontador deve saber o seguinte:

- Setor de tiro;
- Pontos de referência no objetivo;
- Zona de morte;
- Linha de proteção final;
- Ponto de referência para a arma e para o apontador;
- Sinal tático da arma, limite esquerdo e direito, e símbolo do Norte geográfico.

#### **G-1. Setores de tiro**

O setor de tiro é um elemento fundamental e do qual o apontador é responsável por definir um setor de tiro principal e um secundário. O comandante, na sua área de responsabilidade, define um setor de tiro para o pelotão.

- a. O setor de tiro tem como principal tarefa cobrir todos os eixos de aproximação IN. Os comandantes devem sobrepor os setores para garantir que todas as áreas são abrangidas e cobertas por fogos.

- b. O comandante define um limite esquerdo e direito em cada setor tendo como referência aspetos notáveis do terreno, como rochas que se destacam do terreno, postes de alta tensão, poste de telefone, cercas, árvores e estacas. As zonas mortas de um setor devem ser batidas por outros setores laterais e ser completadas com dispositivos de alarme e fogos diretos.

## **G-2. Pontos de referência e pontos de referência no objetivo**

Os comandantes definem pontos de referências através de pontos naturais do terreno pontos artificiais. Os soldados usam estes pontos para referenciar alvos e determinar alcances. Alguns pontos de referências podem ser denominados como pontos de referência no objetivo. Os PROs facilmente reconhecidos no solo são usados para iniciar, distribuir ou controlar os fogos. O batalhão ou a companhia define os PROs, mas também poderão ser definidos pelo pelotão. Os PROs devem estar sempre visíveis. Também pode ser utilizados para bater alvos pelos fogos indiretos.

- a. O CmdtComp ou CmdtPel define os PROs usados como alvos de fogos indiretos de maneira que os alvos numerados sejam batidos.
- b. Os PROs devem ser visíveis através de todo o espectro disponível para toda a sua unidade. Deve ser fácil de referenciar durante o período diurno caso seja necessário defender. Os PROs deverão ser fáceis de referenciar por todos os meios auxiliares de visão.

## **G-3. Zonas mortas**

Uma zona morta consiste numa zona que não se consegue observar nem ser batida por fogos diretos. Todas as zonas mortas dentro do setor devem ser identificadas para permitir ao CmdtPel a utilização de fogos indiretos para bater essa área. O CmdtSec deve caminhar na área de empenhamento para identificar zonas mortas das suas armas. Quando são usadas viaturas na defesa, os CmdtSec devem caminhar na área de empenhamento para que os apontadores detetem os espaços mortos através dos sistemas de pontarias

## **G-4. Linha de proteção final**

A linha de proteção final é a profundidade do setor e normalmente é o limite máximo eficaz do alcance do sistema de armas. No entanto pode ser menos se os objetos naturais ou artificiais impedem o soldado de adquirir os alvos no alcance máximo das armas. Para ajudar a determinar a distância de cada LPF, o soldado deve saber usar o mapa para assegurar que as LPFs estão de acordo com as cartas de tiro. Identificando a LPF irá providenciar a redução de munições durante o empenhamento.



#### **G-5. Pontos de referências das armas (PRA)**

Este ponto de referência é facilmente reconhecido no terreno ou na carta e serve para ajudar os comandantes na colocação das viaturas, secções ou armas. A PRA é usada para ajudar os comandantes na troca e colocação e rendição de pessoal na posição.

#### **G-6. Sinal tático da arma, limite esquerdo e direito e indicação do norte geográfico.**

**a. Sinal tático da arma**

Indica o tipo da arma para que a carta foi realizada.

**b. Norte magnético**

Pegar na carta de tiro e orientá-la com os setores de tiro. Usar uma bússola magnética para determinar o norte. Manter a carta de tiro orientada com o setor de tiro e desenhar o símbolo do norte magnético com a direção apropriada na caixa do norte magnético.

**c. Limite esquerdo e direito**

Limite esquerdo e direito são linhas imaginárias a partir da posição de tiro do apontador para um ponto designado no solo. Usar alterações do terreno quando possível para designar o limite esquerdo e direito. Outros objetos reconhecidos como edifícios ou outras estruturas feitas pelo homem podem ser usados. A área entre o limite esquerdo e direito é o setor de tiro do apontador, ou seja, a sua área de responsabilidade.

#### **G-7. Procedimentos de preparação**

O apontador de cada arma prepara três cópias da carta de tiro. Caso exista uma posição alternativa e outra suplementar, este também terá que realizar três cópias dessa carta de tiro. Destas três cartas, uma fica com o apontador, outra vai para o CmdtSec e a última fica na posse do CmdtPel.

- a. Desenhar o símbolo da arma no centro do círculo mais pequeno. Desenhar duas linhas a partir da posição do sistema de armas expandindo-se para a esquerda e direita mostrando os limites do setor (Figura G-1). A área entre o limite esquerdo e direito define o setor de tiro e a área de responsabilidade do apontador. A numeração nas cartas é realizada sempre da esquerda para a direita. Deve igualmente registrar-se o azimute e a distância a cada a secção.**

[illegible]

Figura G-1 - Colocação do símbolo da arma, limite esquerdo e direito

- b.** Determinar o valor de cada círculo através dos acidentes de terreno o mais longe possível, dentro do alcance do sistema de armas. Determinar a distância dos acidentes de terreno. Colocar a distância entre os acidentes mesmo que entre eles não seja mais que 100 metros. Determinar o número máximo de círculos que será dividido tendo em conta a distância. O resultado é o valor de cada círculo. Desenhar os acidentes do terreno no círculo apropriado na carta de tiro. Marcar com clareza os incrementos em cada círculo ao longo do setor. Por exemplo, na Figura G-2 o topo da colina está a 2345 metros. A distância é arredondada para os 2400 metros e dividida por 8 círculos é igual a 300. Assim, cada círculo tem um valor de 300 metros.

CARTA DE TIRO					
SEC _____	Pode ser usado para todo o tipo de armas de tiro directo				NORTE MAGNÉTICO
BLOCO DE NOTAS					
IDENTIFICAÇÃO DA POSIÇÃO			GDH _____		
ARMA _____			DISTÂNCIA ENTRE CADA CÍRCULO EM METROS 300		
Nº	DIRECÇÃO	ELEVAÇÃO	ALCANCE	MUN.	DESCRIÇÃO
OBS. _____					

Figura G-2 - Valores entre cada círculo

- (1) Na Figura G-3 está desenhado uma casa de campo a 1500 metros, no limite esquerdo. No limite direito uma orla bosque, aos 2000 metros. Determinar a distância entre estes acidentes usando uma carta topográfica ou um apontador *laser*, ou uma medida de distância por infravermelhos. De notar que a marcação dos círculos é um apoio à verificação dos pontos de referência na carta de tiro

<b>CARTA DE TIRO</b>						
SEC _____ PEL _____ COMP _____	<b>Pode ser usado para todo o tipo de armas de tiro directo</b>				<b>NORTE MAGNETICO</b>	
BLOCO DE NOTAS						
IDENTIFICAÇÃO DA POSIÇÃO					GDH	
ARMA					DISTÂNCIA ENTRE CADA CÍRCULO EM METROS <b>300</b>	
Nº	DIRECÇÃO	ELEVAÇÃO	ALCANÇE	MUN.	DESCRIÇÃO	
OBS.						

MAPA Nº 100 - 1960-1970  
 MAPA Nº 100

Figura G-3 - Acidentes do terreno entre os limites esquerdo e direito

- (2) Desenhar todos os pontos de referência no objetivo e no setor. Devem ser assinalados com um círculo e numerados começando pelo número 1. A figura G-4 mostra o topo de uma colina que foi marcado como um ponto de referência nº1, um cruzamento de caminho como ponto de referência nº2 e cruzamento de caminhos com ponto de referência nº 3. Por vezes os pontos de referência no objetivo são os mesmos pontos (por exemplo, PR 2 está sobre PR 3). Os PROs são marcados com uma cruz simétrica em que o número se situa no quadrante superior direito enquanto para o ponto de referência, este é marcado no quadrante inferior esquerdo. Estas situações também podem ocorrer quando o PRO é usado para a aquisição de um alvo ou para determinar distância. Os cruzamentos de caminhos são desenhados determinando a distância do cruzamento, desenhando o cruzamento e desenhando estradas de ligação a partir do cruzamento de caminhos.

[illegible]

Figura G- 4 - Pontos de referência e pontos de referência no objetivo

- (3) Zonas mortas (figura G-5) são representadas na carta de tiro como zonas com linha diagonais. Qualquer objeto que não permite a observação ou cobertura com fogos diretos terá um círculo com linhas diagonais que se estende para lá do alcance máximo. Se a área à retaguarda da zona morta pode ser batida, o círculo é fechado.

[illegible]

Figura G-5 - Zonas mortas

- (4) As linhas de proteção final estão presentes na Figura G-6. Eles são desenhados até ao máximo de alcance efetivo da arma se não houver nenhuma zona morta ou limites para as suas capacidades de alcance. As LPFs não são desenhadas através das zonas mortas.

**CARTA DE TIRO**

SEC \_\_\_\_\_  
 PEL \_\_\_\_\_  
 COMP \_\_\_\_\_

Pode ser usado para todo o tipo de armas de tiro directo

NORTE  
MAGNETICO

**BLOCO DE NOTAS**

**IDENTIFICAÇÃO DA POSIÇÃO**  
 ARMA \_\_\_\_\_

**GDH**  
 DISTÂNCIA ENTRE CADA CÍRCULO EM METROS 300

Nº	DIRECÇÃO	ELEVAÇÃO	ALCANCE	MUN.	DESCRIÇÃO

OBS. \_\_\_\_\_

LBRARIA 91.00

Figura G-6 - Linha de proteção final

- (5) O ponto de referência da arma (figura G-7) é representado por uma linha com setas que apontam desde um ponto conhecido do terreno até ao símbolo que materializa o sistema de armas e o numerado em último lugar. A localização da PRA é dada uma grelha de seis dígitos. Quando o terreno não permita fornecer um local de fácil referência, o local de referência da arma é dado através de coordenadas. Onde não exista dobras do terreno para ser designada a PRA, a localização do sistema de arma deve ser colocada numa grelha de oito dígitos coordenada com as marcações na carta de tiro. (Figura G-7)



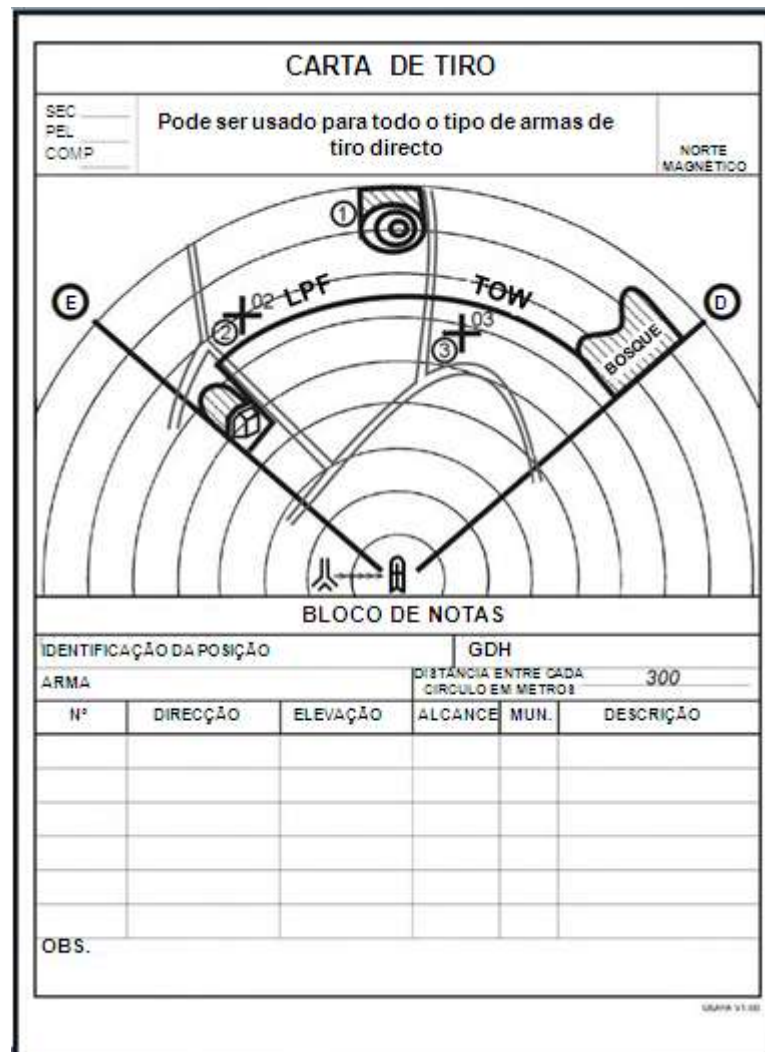


Figura G-7 - Ponto de referência da arma

**c. Preenchimento do bloco de dados (Figura G-8).**

- (1) Identificação da posição

Listar as posições primárias, alternativas e suplementares. As posições alternativas e suplementares devem estar claramente identificadas.

- (2) GDH

Tanto nas cartas de tiro como nas posições defensivas, o GDH deve estar constantemente atualizado.

- (3) Arma

A representação gráfica da arma indica o tipo de arma.

- (4) Cada círculo equivale \_\_\_\_ metros

Escrita a distância, em metros, entre círculos.

- (5) Limites (numeração)

Começando da esquerda para a direita, numerando por ordem os PRs e PROs.



(6) Direção

As direções são colocadas em graus ou em milésimos.

(7) Elevação

A elevação é fornecida em milésimos.

(8) Alcance

É a distância, em metros, do sistema de armas para o seu limite esquerdo e direito, bem como para os PROs e PRs.

(9) Munições

Lista do tipo de munições usadas.

(10) Descrição

Lista de nome dos objetos (por exemplo: casa de campo, orlas de matas ou elevações).

(11) Observações

Nas observações são introduzidas considerações acerca dos PROs e PRs ou possíveis alterações na carta, não se encontrando no padrão estipulado.

**d.** Na carta de tiro, além da informação acima referenciada, existe informação na parte superior que tem de ser preenchida (Figura G-8).

(1) Descrição da unidade

Descrição da unidade como esquadra, pelotão ou companhia. Nunca indicar uma unidade superior a companhia.

(2) Norte magnético

É graficado com uma seta, com a orientação para o norte magnético, na carta de tiro.

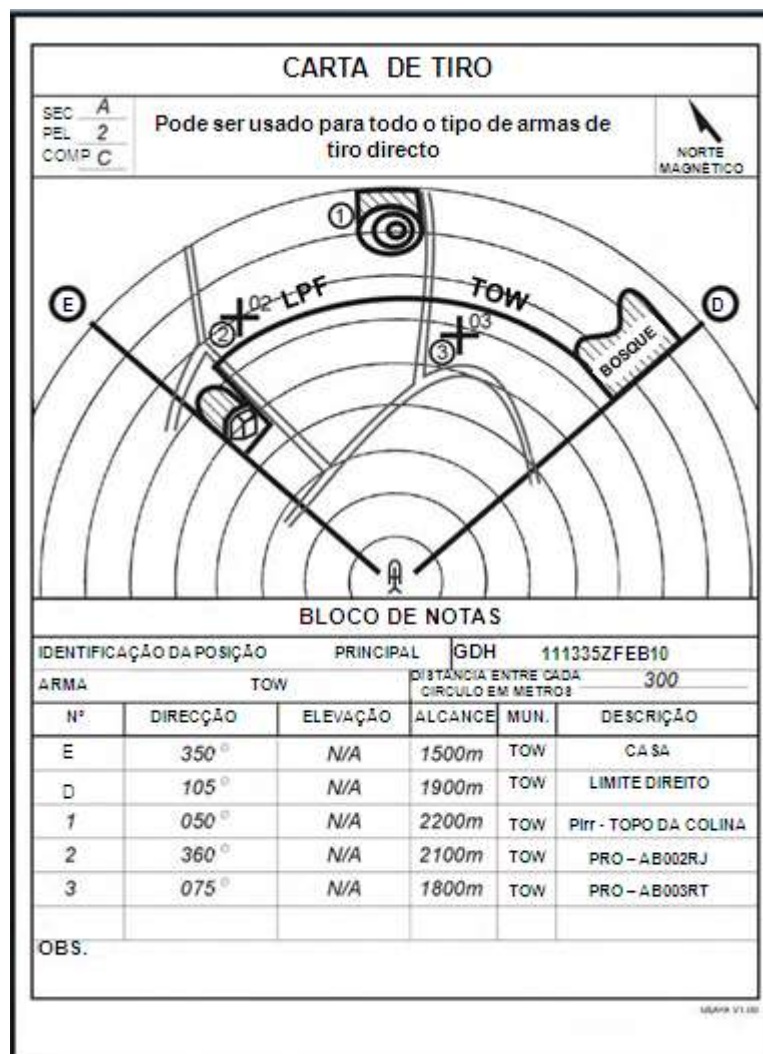


Figura G-8 - Exemplo de uma carta de tiro completa

## SECÇÃO II - ESBOÇOS DE SETORES

Os apontadores de sistemas de armas nas secções e esquadras preparam as cartas de tiro. Os CmdtEsq/Secção elaboram os esboços dos respetivos setores. O CmdtPel revê os esboços para confirmar se estão de acordo com a sua intenção. Caso os setores não estejam sobrepostos ou estejam mal posicionados estes devem ser ajustados ou recolocados noutra sítio. Assim que os esboços estiverem prontos o comandante de pelotão informa o escalão superior e realiza um esboço do setor de tiro de pelotão. O esboço pode ser feito à mão numa folha ou então desenhado num transparente sobre a carta.

Devem ser definidos com exatidão e com detalhes, todos os esboços das armas de tiro direto, com a distribuição de fogos e prioridades.

### G-8. Esboços de esquadras e de secções

Os CmdtEsq/Sec realizam duas cópias dos seus setores, uma cópia para o comandante de pelotão e outra para a posição (Figura G-9). O comandante de esquadra desenha o esboço na máxima escala e o mais exato possível, mostrando sempre:

- Os acidentes de terreno no setor que foi atribuído e dentro do seu respetivo alcance;
- Cada posição primária;
- Área de empenhamento ou setores primários e secundários, cobrindo cada posição;
- Direção principal de tiro;
- Linha de proteção final;
- O tipo de armas em cada posição;
- Zonas mortas;
- Obstáculos;
- Linha limite de emprego;
- PR e PRO no setor;
- Alvos de fogos indiretos.

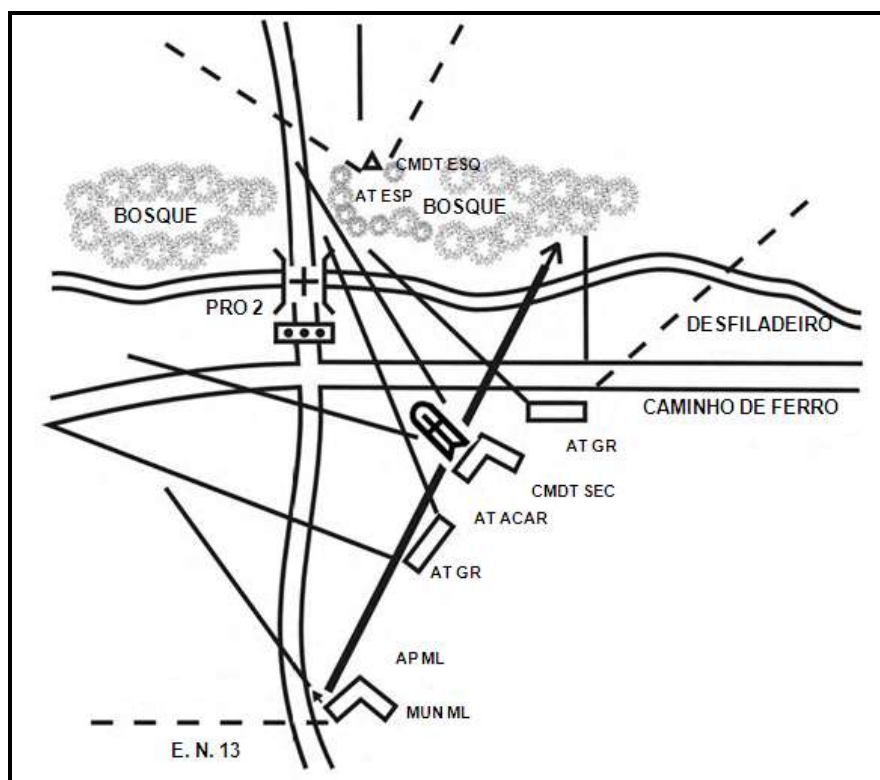


Figura G-9 - O Esboço da Secção

### G-9. Esboço de pelotão

Os Comandantes de esquadra e de secção preparam os seus esboços e entregam-nos ao comandante de pelotão. O comandante de pelotão junta todos os esboços dando origem ao esboço de pelotão. Um esboço de pelotão (figura G-10) é realizado com a escala o mais exata possível, incluindo uma lista de alvos para fogos diretos e indiretos. Uma cópia deste esboço é entregue ao comandante de companhia, outra ao sargento de pelotão (a fim de controlar os elementos montados) e outra cópia para o comandante das forças apeadas, que por norma é o comandante de pelotão. Assim o esboço deverá ter:

- Setor de tiro primário e secundário ou área de empenhamento.
- Posições primárias, alternativas e suplementares para as viaturas e posições de esquadras.
- Local de embarque;
- Armas anticarro;
- Linha limite de emprego;
- PO e patrulhas de segurança;
- PRO;
- Minas e outros obstáculos;
- Posições e setores de unidades de veículos de flanco;
- Prioridade de empenhamento das armas e do pessoal.

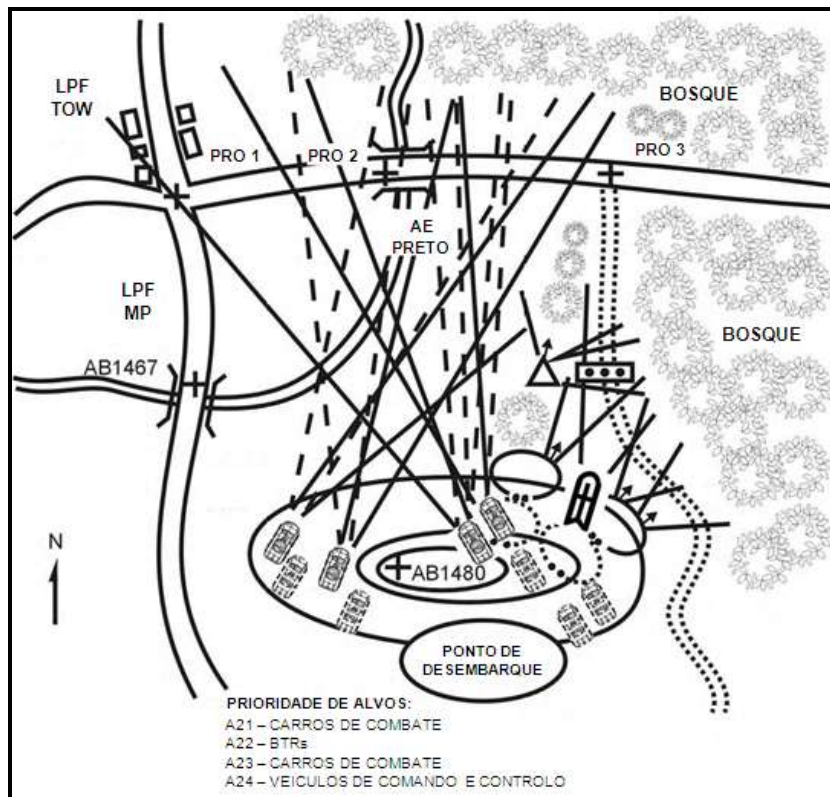


Figura G-10 - Esboço de Pelotão

#### **G-10. Coordenação com unidades adjacentes**

Os CmdtPels coordenam com as unidades adjacentes e os CmdtSecs coordenam com os CmdtSecs das unidades adjacentes, para que haja um apoio mútuo entre as unidades adjacentes. O comandante assegura que esta coordenação é feita. A coordenação normalmente acontece da esquerda para a direita. Garantindo, no mínimo que as falhas e zonas de morte são batidas pelo fogo. São estabelecidos pontos para estabelecer contacto entre as forças de modo a diminuir a distância entre elas. Em muitos casos, a troca de esboços irá ajudar na coordenação para a proteção dos flancos. Normalmente a troca de informação inclui:

- Posições primárias, alternativas e suplementares;
- Setores para viaturas de combate de infantaria, armas anticarro;
- Localização de zonas mortas entre os pelotões e como vão ser batidas;
- PO`S;
- Localização do tipo de obstáculos e como cobrir este tipo de obstáculos;
- Patrulhas (tamanho, tipo, tempo de partida e de regresso, rotas).

Página intencionalmente em branco

## ANEXO H

### PLANO DE CARREGAMENTO

*O sucesso de uma missão deriva dos meios que a força dispõe para o seu cumprimento. Conforme o tipo de missão as unidades poderão ter necessidade de transportar grandes quantidades de equipamentos, tornando-se assim necessário que estes estejam organizados de forma a otimizar o espaço no interior das viaturas. Este anexo descreve a organização das viaturas nas operações de combate, sendo um auxiliar para a execução do plano de carregamento das unidades.*

#### H-1. Munições

As munições são uma das peças fundamentais para o cumprimento da missão, devendo estar num local de fácil acesso. A viatura dispõe de compartimentos específicos para a colocação dos diferentes tipos de munições (Figura H-1).



Figura H-1 - Compartimento para a colocação de munições conforme o seu tipo

## **H-2. Palamenta da viatura**

Existe um conjunto de equipamentos que constituem a palamenta da viatura e a sua colocação deverá ser de acordo com o preconizado no Manual da Viatura Pandur II.

As secções deverão evitar utilizar os espaços destinados à palamenta, para a colocação de outros equipamentos e materiais.

## **H-3. Equipamento coletivo da secção**

O equipamento coletivo a ser transportado pela secção deve ser definido pelo comandante de secção/pelotão, conforme o conceito de operação e missão a executar. Referimos neste anexo a colocação de material coletivo que, independentemente da missão, deverá ser transportado, reservando-se o restante espaço para equipamento adicional.

### **a. Equipamento de transmissões**

Material de transmissões extra ao constituinte da viatura:

- 1 P/BLC-101;
- 1 P/PRC-425;
- 1 P/PRC-501;
- 1 DR-8.

A colocação destes meios rádios será feita nos diversos espaços existentes de pequenas dimensões. Se for necessária uma rápida utilização destes meios a localização mais adequada será por baixo da cadeira do RTL.

### **b. Rede de camuflagem**

A rede de camuflagem é constituída por seis elementos mais pequenos. Estes elementos deverão estar, por defeito, unidos numa rede única, de forma a poder ser usada para camuflar a viatura rapidamente (finalidade principal). A sua localização deverá ser equacionada conforme a missão. A localização preferencial é no topo da viatura à retaguarda, acautelando o local para o apontador da ML, quando este ocupa a posição na escotilha do compartimento de combate da viatura. Esta posição da rede permite uma rápida camuflagem da viatura, criando ainda uma pequena zona morta à MP (Figura H-2).





Figura H-2. Colocação da rede de camuflagem

**c. Tripé da ML**

O tripé da ML, como anteriormente referido, deverá estar sempre junto da ML. O tripé deverá por um lado estar em local de fácil e rápida remoção para o caso de ter de ser usado, por outro lado não deverá restringir os movimentos no interior da viatura. Um local adequado poderá ser por baixo dos compartimentos das munições, conforme se demonstra na Figura H-1.

**H-4. Equipamento individual da secção**

O equipamento individual de cada um dos elementos da secção depende do tipo de missão, da duração da mesma, do clima e é colocado no interior da mochila individual. Torna-se, portanto, fundamental escolher um local para serem armazenadas 10 mochilas com o material para a missão, de forma que esteja acessível mas que fundamentalmente não interfira com os movimentos no interior da viatura.

Os espaços a ser ocupados pelas mochilas por ordem (Figura H-3):

- À retaguarda dos bancos do lado direito – capacidade para 6 mochilas;
- À retaguarda do banco do lado esquerdo – capacidade para 1 mochila;
- À retaguarda do banco do condutor – capacidade para 2 mochilas;
- À retaguarda do lugar do apontador – capacidade para 1 mochila.



Figura H-3 - Colocação das mochilas da secção

## ABREVIATURAS

<b>A</b>	
<b>AAA</b>	Artilharia AntiAérea
<b>AACar</b>	Arma AntiCarro
<b>AAP</b>	Apoio Aéreo Próximo
<b>AC</b>	Artilharia de Campanha
<b>ADI</b>	Área Designada de Interesse
<b>ADW</b>	<i>Air Defense Warnings (Aviso de Defesa Aérea)</i>
<b>AE</b>	Área de Empenhamento
<b>AFADT</b>	Advanced Field Artillery Data System
<b>AO</b>	Área de Operações
<b>AMD</b>	Air and Missile Defense
<b>B</b>	
<b>BHL</b>	<i>Battle Handover Line</i> (linha de transferência do combate)
<b>BrigInt</b>	Brigada de Intervenção
<b>C</b>	
<b>C2</b>	Comando e controlo
<b>C3</b>	Comando, Controlo e Comunicações
<b>CAC</b>	Companhia de Apoio de Combate
<b>CAS</b>	<i>Close Air Support</i> (Apoio Aéreo Próximo)
<b>CASEVAC</b>	<i>Casualty Evacuation</i>
<b>CC</b>	Carros de Combate
<b>CCS</b>	Companhia de Comando e Serviços
<b>CODOPER</b>	<i>Cod Operation</i> (palavras código para as operações)
<b>COP</b>	<i>Common Operational Picture</i> (Relato Digital Operacional)
<b>CEng</b>	Companhia de Engenharia
<b>Cmdt</b>	Comandante
<b>CmdtBat</b>	Comandante de Batalhão
<b>CmdtComp</b>	Comandante de Companhia
<b>CmdtEsq</b>	Comandante de Esquadra
<b>CmdtPel</b>	Comandante de Pelotão
<b>CmdtSec</b>	Comandante de Secção
<b>CRC</b>	<i>Crowd and Riot Control</i> (Controlo de Tumultos)
<b>CRO</b>	<i>Crises Response Operations</i> (Operações de Resposta a Crises)
<b>CSSCS</b>	<i>Combat Service Support Control System</i>
<b>CTD</b>	<i>Commander's Tactical Display</i>
<b>D</b>	
<b>DPT</b>	Direção Principal de Tiro
<b>E</b>	
<b>EDC</b>	Elementos Deixados ao Contacto
<b>ELDC</b>	Elementos Ligeiros Deixados ao Contacto
<b>EPG</b>	Equipa de Prisioneiros de Guerra
<b>Ex</b>	Exemplo
<b>F</b>	
<b>FAC</b>	<i>Forward Air Controller</i> (Controlador Aéreo)
<b>FBCB2</b>	<i>Force XXI Battle Command Brigade and Below</i>

<b>FICB</b>	Força de Informação do Campo de Batalha
<b>FM</b>	Frequência Modulada
<b>G</b>	
<b>GDH</b>	Grupo Data Hora
<b>GPS</b>	<i>Global Position System</i> (Sistema de Posicionamento Global)
<b>H</b>	
<b>HCP</b>	Homem Conta Passos
<b>HE</b>	High Explosive
<b>HEAT</b>	High Explosive Anti-Tank
<b>I</b>	
<b>IDCards</b>	<i>IDentification Cards</i> (Cartão de Identificação)
<b>IED</b>	<i>Improved Explosive Device</i>
<b>IFF</b>	<i>IDentification Friend or Foe</i> (Identificação Amigo ou Inimigo)
<b>In</b>	Inimigo
<b>IPB</b>	<i>Intelligence Preparation of the Battlefield</i> (Preparação do Campo de Batalha pelas Informações)
<b>ISTAR</b>	<i>Intelligence, Surveillance, Target Acquisition, and Reconnaissance</i> (informações, vigilância, aquisição de alvos e reconhecimento)
<b>ITTM</b>	Instruções Temporárias de Transmissões
<b>IV</b>	Infra-Vermelhos
<b>L</b>	
<b>LFT</b>	Linha Final de Tiro
<b>LF</b>	Linha de Fase
<b>LG</b>	Lança Granadas
<b>LME</b>	Linha Máxima de Empenhamento
<b>LCom</b>	<i>Lines of Communication</i> (linhas de comunicações)
<b>LogPac</b>	Pacote Logística
<b>LP</b>	Linha de Partida
<b>LPF</b>	Linha de Protecção Final
<b>LRF</b>	Linha de Restrição de Fogos
<b>LTR</b>	Linha de Tiro Restritivo
<b>M</b>	
<b>m/a</b>	Modalidade de acção
<b>ManPad</b>	Míssil portátil
<b>MCS</b>	<i>Maneuver Control System</i>
<b>MDF</b>	Mapa Diário da Força
<b>MEDEVAC</b>	<i>Medical Evacuation</i>
<b>Mils</b>	Milésimos
<b>MITM-TC</b>	Missão, Inimigo, Terreno, Meios, Tempo Disponível, Considerações Cíveis
<b>ML</b>	Metralhadora Ligeira
<b>MP</b>	Metralhadora Pesada
<b>Mun</b>	Munições
<b>N</b>	
<b>NEPs</b>	Normas de Execução Permanentes

<b>NBQ</b>	Nuclear, Biológico, Químico
<b>O</b>	
<b>OA</b>	Observador - Alvo
<b>OAF</b>	Oficial de Apoio de Fogos
<b>OAv</b>	Observador Avançado
<b>OAZR</b>	Orla Anterior da Zona de Resistência
<b>OCOPE</b>	Observação e campos de tiro, Cobertos e abrigos, Obstáculos, Pontos importantes, Eixos de aproximação.
<b>OOp</b>	Ordem de Operações
<b>OPrep</b>	Ordem Preparatória
<b>OTAN</b>	Organização do Tratado do Atlântico Norte
<b>P</b>	
<b>PC</b>	Posto de Comando
<b>PCT</b>	Posto Comando de Tiro
<b>PDA</b>	Ponto de Defesa Avançado
<b>PE</b>	Posto de Escuta
<b>Pel</b>	Pelotão
<b>PelMortPes</b>	Pelotão de Morteiros Pesados
<b>PG</b>	Prisioneiro de Guerra
<b>PIrr</b>	Ponto de Irradiação
<b>PIR</b>	<i>Priority Intelligence Requirement</i>
<b>PIT</b>	Pedido Inicial de Tiro
<b>PO</b>	Posto de Observação
<b>PPOM</b>	Postura de Proteção Orientada para a Missão
<b>PRA</b>	Ponto de Referência das Armas
<b>PRF</b>	Ponto de Reunião Final
<b>PRO</b>	Ponto de Referência no Objectivo
<b>PRn</b>	Ponto de Reunião
<b>PRnIt</b>	Ponto de Reunião no Itinerário
<b>PRnO</b>	Ponto de Reunião no Objectivo
<b>PsyOps</b>	Operações Psicológicas
<b>PTDM</b>	Processo Tomada de Decisão Militar
<b>PVD</b>	Ponto de Vigilância Dominante
<b>Q</b>	
<b>QG</b>	Quartel-general
<b>R</b>	
<b>RELIM</b>	Relatório Imediato
<b>ROE</b>	<i>Rules Of Engagement</i> (Regras de Empenhamento)
<b>RTL</b>	Radiotelefonista
<b>R&amp;V</b>	Reconhecimento e Vigilância
<b>S</b>	
<b>SargPel</b>	Sargento de Pelotão
<b>SAS</b>	<i>Source Analysis System</i>
<b>SIIV</b>	Sistema de Informação Intra-Veicular
<b>SITREP</b>	<i>Situation Reports</i> (Relatórios de Situação)
<b>SITEMP</b>	<i>Situational template</i> (modelo de situação)
<b>SHORAD</b>	<i>Short Range Air Defense</i> (Defesa Aérea de Curto Alcance)

<b>SOR</b>	<i>State Of Response</i> (Estados de Prontidão)
<b>T</b>	
<b>TDS</b>	
<b>TOC-M</b>	Transparente de Obstáculos Combinados Modificado
<b>TNT</b>	Trinitrotolueno
<b>U</b>	
<b>UAV</b>	<i>Unmanned Aerial Vehicles</i>
<b>V</b>	
<b>VBR</b>	Viatura Blindada de Rodas
<b>W</b>	
<b>WP</b>	<i>White Phosphorus</i> (Fósforo branco)
<b>Z</b>	
<b>ZA/ZL</b>	Zona de Aterragem/Zona de Lançamento
<b>ZComb</b>	Zona de Combate
<b>ZR</b>	Zona de Resistência
<b>ZRn</b>	Zona de Reunião